

“Ken Follett retoma os elementos de espionagem, luxúria e nazismo que trabalhou tão bem em *O buraco da agulha*. Prepare-se para horas e horas de uma ótima história.” — *Kirkus Reviews*

KEN FOLLETT



NOITE SOBRE AS ÁGUAS



DADOS DE COPYRIGHT

SOBRE A OBRA PRESENTE:

A PRESENTE OBRA É DISPONIBILIZADA PELA EQUIPE LE LIVROS E SEUS DIVERSOS PARCEIROS, COM O OBJETIVO DE OFERECER CONTEÚDO PARA USO PARCIAL EM PESQUISAS E ESTUDOS ACADÊMICOS, BEM COMO O SIMPLES TESTE DA QUALIDADE DA OBRA, COM O FIM EXCLUSIVO DE COMPRA FUTURA. É EXPRESSAMENTE PROIBIDA E TOTALMENTE REPUDIÁVEL A VENDA, ALUGUEL, OU QUAISQUER USO COMERCIAL DO PRESENTE CONTEÚDO

SOBRE A EQUIPE LE LIVROS:

O LE LIVROS E SEUS PARCEIROS DISPONIBILIZAM CONTEÚDO DE DOMÍNIO PÚBLICO E PROPRIEDADE INTELECTUAL DE FORMA TOTALMENTE GRATUITA, POR ACREDITAR QUE O CONHECIMENTO E A EDUCAÇÃO DEVEM SER ACESSÍVEIS E LIVRES A TODA E QUALQUER PESSOA. VOCÊ PODE ENCONTRAR MAIS OBRAS EM NOSSO SITE: LELIVROS.LOVE OU EM QUALQUER UM DOS SITES PARCEIROS APRESENTADOS NESTE LINK.

**"QUANDO O MUNDO ESTIVER
UNIDO NA BUSCA DO
CONHECIMENTO, E NÃO MAIS
LUTANDO POR DINHEIRO E
PODER, ENTÃO NOSSA
SOCIEDADE PODERÁ ENFIM
EVOLUIR A UM NOVO NÍVEL."**



NOITE SOBRE
AS ÁGUAS



O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas

verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

KEN FOLLETT



NOITE SOBRE AS ÁGUAS



Título original: *Night Over Water*

Copyright © 1991 by Ken Follett
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro
pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes
sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Pinheiro de Lemos

preparo de originais: Gabriel Machado

revisão: Flávia Midori e Nina Lua

projeto gráfico e diagramação: Valéria Teixeira

capa: Design@www.blacksheep-uk.com

imagens de capa: Homem: Flirt/ Superstock/ Glow Images

Mulher: Tetra Images/ Superstock/ Glow Images

Mapa: Historic Map Works LLC and Osher Map Library/ Getty Images

Avião: Rue des Archives/ PVDE/ Getty images

adaptação das ilustrações de miolo: Arion Lian Wu

adaptação de capa: Miriam Lerner

adaptação para e-book: Marcelo Moraes

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F724n

Follett, Ken, 1949-

Noite sobre as águas [recurso eletrônico]/ Ken Follett; tradução de
Pinheiro de Lemos. São Paulo: Arqueiro, 2016.
recurso digital

Tradução de: Night over water

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-8041-564-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Lemos, Pinheiro de. II.
Título.

16-32740

CDD: 823
CDU: 821.111-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia

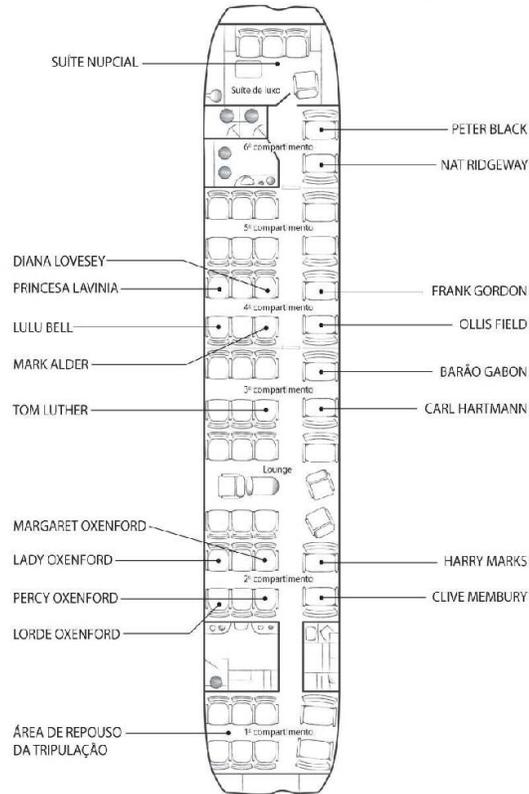
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Para minha irmã Hannah, com amor.



PLANTA DO CONVÉS DE PASSAGEIROS PAN AMERICAN AIRWAYS

Avião: BOEING 314 CLIPPER – Passageiros: 74 no voo diurno e 40 no voo noturno
Envergadura: 46,33m – Fuselagem: 33,31m – Potência: 4 motores Wright Cyclone de 1.500 HP



NOTA DO AUTOR

O PRIMEIRO SERVIÇO DE transporte aéreo de passageiros entre os Estados Unidos e a Europa foi iniciado pela companhia Pan American no verão de 1939. Durou apenas algumas semanas, pois foi suspenso quando Hitler invadiu a Polônia.

Este romance é a história de um último voo fictício, poucos dias depois de ser declarada a guerra. Os passageiros e os tripulantes também são fictícios. O avião, no entanto, é real.



PARTE I

Inghilterra

CAPÍTULO UM

AQUELE ERA O AVIÃO MAIS romântico de todos os tempos. Parado no cais de Southampton, ao meio-dia e meia do dia em que a guerra fora declarada, Tom Luther esquadrinhava o céu, esperando pela aeronave, com o coração tomado de ansiedade e temor. Cantarolava baixinho, sem parar, algumas passagens de Beethoven – o primeiro movimento do *Concerto do Imperador*, uma melodia estimulante, apropriadamente bélica.

Havia uma multidão de espectadores ao seu redor: entusiastas da aviação com binóculos, crianças e curiosos. Luther calculou ser a nona vez que o Clipper da Pan American pousava em Southampton Water, mas a novidade ainda não se esgotara. O avião era tão fascinante, tão encantador, que as pessoas ainda se reuniam para contemplá-lo até mesmo no dia em que seu país entrava em guerra. Ali perto, dois magníficos transatlânticos se elevavam bem acima da aglomeração, mas os hotéis flutuantes já não ofereciam a mesma magia: todos olhavam para o céu.

Enquanto esperavam, no entanto, falavam sobre a guerra com seus sotaques ingleses. As crianças estavam empolgadas, os homens discorriam em voz baixa sobre tanques e artilharia e as mulheres apenas exibiam expressões sombrias. Luther era americano e esperava que os Estados Unidos não se envolvessem: aquilo não era da conta do seu país. Além do mais, os nazistas tinham algo de bom: eram implacáveis com o comunismo.

Luther era um industrial, produtor de tecido de lã, e já tivera muitos problemas com os vermelhos em suas fábricas. Ficara à mercê deles, quase o arruinaram. Ainda se sentia amargurado

por isso. Os concorrentes judeus tinham liquidado a loja de roupas masculinas do pai e, depois, a Luther Woolens se vira ameaçada pelos comunistas – e em sua maioria eles eram judeus! Foi nessa ocasião que conheceu Ray Patriarca e sua vida mudou. O pessoal do novo amigo sabia o que fazer com os comunistas. Ocorreram alguns acidentes. Um agitador ficara com a mão presa num tear. Um recrutador sindical morrera atropelado por um homem que fugira da cena do crime. Dois homens que tinham se queixado de violações no regulamento de segurança se meteram numa briga de bar e acabaram no hospital. Uma mulher que vivia criando problemas desistira da ação judicial contra a empresa depois do incêndio de sua casa. Tudo isso em poucas semanas. Desde então, não acontecera a menor agitação. Patriarca sabia o que Hitler também sabia: a única maneira de lidar com os comunistas era esmagá-los como se fossem baratas.

Luther continuava a cantarolar Beethoven, batendo o pé no ritmo da música. Uma lancha saiu do cais da Imperial Airways, atravessou o estuário de Hythe e circulou pela área de pouso à procura de detritos flutuantes. Um murmúrio ansioso se elevou da multidão: o avião devia estar se aproximando.

O primeiro a avistá-lo foi um menino com enormes botinas novas. Não tinha binóculo, mas sua visão de 11 anos era melhor do que lentes.

– Lá vem ele! – gritou com a voz estridente. – Lá vem o Clipper!

Ele apontou para sudoeste. Todos olharam nessa direção. A princípio, Luther enxergou apenas uma forma vaga que poderia ser uma ave, mas logo os contornos se definiram e um rumor de empolgação se espalhou pela multidão enquanto as pessoas diziam umas às outras que o menino estava certo.

Todos o chamavam de Clipper, mas, tecnicamente, era um Boeing B-314. A Pan American encomendara a construção de

um avião capaz de transportar passageiros através do oceano Atlântico com todo o luxo, e aquele era o resultado: um modelo imponente com uma potência incrível, um palácio voador. A companhia recebera seis e pedira mais seis. Em termos de conforto e elegância, as aeronaves se comparavam aos fabulosos transatlânticos atracados em Southampton, mas os navios levavam quatro ou cinco dias para efetuar a travessia; já o Clipper podia completá-la num prazo de 25 a 30 horas.

Parecia uma baleia alada, pensou Luther enquanto o avião se aproximava. Tinha um nariz rombudo e um corpo maciço que se estreitava em direção à cauda, culminando em dois estabilizadores elevados que poderiam ser as nadadeiras. Os imensos motores estavam instalados nas asas. Abaixo delas havia um par de planadores reforçados que serviam para estabilizar a aeronave quando se encontrasse na água. O fundo do avião era afilado, como o casco de uma lancha veloz.

Não demorou muito para que Luther conseguisse divisar as enormes janelas retangulares, em duas fileiras irregulares, indicando os andares superior e inferior do avião. O industrial chegara à Inglaterra no Clipper exatamente uma semana antes, por isso conhecia seu layout. O andar superior compreendia a cabine de comando e os compartimentos de bagagem; o inferior era reservado aos passageiros. Em vez de poltronas enfileiradas, o andar de baixo tinha uma série de saletas com sofás. Na hora das refeições, o lounge se transformava na sala de jantar, e à noite os sofás eram convertidos em camas.

Fazia-se de tudo para isolar os passageiros do mundo e do tempo além das janelas. Havia tapetes grossos, iluminação suave, estofamentos de veludo, cores claras, sofás macios e confortáveis. O revestimento à prova de som reduzia o rugido dos potentes motores a um zumbido distante e tranquilizador. O comandante exibia uma autoridade serena, os tripulantes ficavam impecáveis nos uniformes da Pan American, os comissários de

bordo eram sempre atenciosos. Nenhuma necessidade deixava de ser satisfeita: havia sempre comida e bebida à disposição. Tudo o que se desejava aparecia, como num passe de mágica, no momento em que era pedido – cortinas para dar privacidade na hora de dormir, morangos frescos ao desjejum. O mundo exterior começava a parecer irreal, como um filme projetado nas janelas, e o interior do avião passava a ser um universo à parte.

Esse conforto não saía barato. A viagem de ida e volta custava 675 dólares, a metade do preço de uma casa pequena. Os passageiros eram membros da realeza, artistas de cinema, executivos de grandes empresas e presidentes.

Tom Luther não se encaixava em nenhuma dessas categorias. Era rico, mas trabalhara com afinco para ganhar dinheiro e não costumava esbanjá-lo. Contudo, precisava conhecer o avião. Um homem poderoso, mas muito poderoso mesmo, pedira-lhe que realizasse uma perigosa missão. Não seria pago pelo trabalho, mas ter crédito com uma pessoa assim valia mais que dinheiro.

A missão, porém, ainda poderia ser cancelada: Luther aguardava uma mensagem com a decisão final. Por um lado, sentia-se ansioso para realizá-la; por outro, torcia para que não fosse necessária.

O avião começou a descer, a cauda mais baixa do que o nariz. Estava bem próximo agora e Luther mais uma vez se impressionou com o tamanho da aeronave. Sabia que tinha quase 35 metros de comprimento e mais de 45 metros de envergadura, mas as medidas não passavam de meros números até que se via a enormidade espetacular plainando.

Por um momento, pareceu que o avião não estava voando, mas caindo, que despencaria no mar e afundaria. Depois, a impressão foi de que pairava no ar, logo acima do estuário, como se suspenso por um cordão. Por fim, encostou na água, deslizou pela superfície, roçando-a feito uma pedra lançada para

ricochetear, espirrando espuma. Mas havia pouca ondulação ali e, após um momento, lançando jatos d'água como a fumaça de uma bomba, a fuselagem mergulhou.

O avião abriu um sulco branco no verde-azulado e Luther pensou num pato-real pousando num lago, com as asas estendidas e as patas encolhidas. A fuselagem afundou mais um pouco, ampliando as cortinas d'água que se erguiam dos dois lados, depois começou a se inclinar para a frente. Os jatos aumentaram enquanto o avião se nivelava, submergindo mais e mais a barriga de baleia. Enfim, o nariz baixou. A velocidade diminuiu de repente, os jorros se reduziram a simples respingos e a aeronave singrou pelo mar como a embarcação que era, tão serena como se nunca tivesse se atrevido a alcançar o céu.

Luther percebeu que prendera a respiração e deixou o ar escapar num longo suspiro de alívio. Recomeçou a cantarolar.

O avião taxiou para o ancoradouro onde Luther havia desembarcado. A doca era projetada especialmente para o Clipper, com dois molhes. Em poucos minutos cabos seriam atados a espeques na frente e na traseira do avião, que seria puxado de popa e estacionado entre os molhes. Os privilegiados passageiros saíam em seguida, atravessando a superfície larga do flutuador, depois o cais flutuante, subindo por uma escada para terra firme.

Luther começou a se afastar, mas estacou abruptamente. Ao seu lado estava alguém em quem não reparara antes: um homem mais ou menos da sua altura, com um terno cinza-escuro e chapéu-coco, como um escriturário a caminho do escritório. Luther já ia seguir adiante, mas tornou a olhar. O rosto não era o de um trabalhador qualquer. O desconhecido tinha testa larga, olhos azuis brilhantes, queixo saliente e boca fina e cruel. Devia ser mais velho do que ele, em torno dos 40 anos, mas exibia ombros largos e uma excelente forma física. Parecia alguém perigoso. Ele fitou Luther nos olhos.

O industrial parou de cantarolar.

– Sou Henry Faber – apresentou-se o homem.

– Tom Luther.

– Tenho um recado para você.

O coração de Luther parou por uma fração de segundo. Ele tentou disfarçar a agitação e falou no mesmo tom incisivo do estranho:

– Ótimo. Pode falar.

– O homem em quem você está interessado embarcará neste avião na quarta-feira com destino a Nova York.

– Tem certeza?

O homem olhou firme para Luther, sem responder. Luther assentiu solenemente. Então a missão seria realizada. Pelo menos acabara o suspense.

– Obrigado.

– Tem mais.

– Estou escutando.

– A segunda parte da mensagem é a seguinte: “Não nos decepcione.”

Luther respirou fundo.

– Diga-lhes para não se preocuparem – declarou, com mais confiança do que na verdade sentia. – O homem pode deixar Southampton, mas nunca chegará a Nova York.



A Imperial Airways mantinha instalações para hidroaviões no outro lado do estuário, de frente para as docas de Southampton. Os mecânicos da empresa cuidavam da manutenção do Clipper, supervisionados pelo engenheiro de voo da Pan American. Naquela viagem, o responsável era Eddie Deakin.

Tratava-se de um trabalho complexo, mas eles dispunham de três dias. Depois de desembarcar os passageiros no

Ancoradouro 108, o Clipper taxiou através do Hythe. Manobrou até uma plataforma móvel e, depois, foi içado por uma rampa e rebocado até o imenso hangar verde, mais parecendo uma enorme baleia encaçada num carrinho de bebê.

O voo transatlântico era uma tarefa penosa para os motores. Na etapa mais longa, da Terra Nova à Irlanda, o avião permanecia no ar por nove horas; a viagem de volta, com ventos contrários, levava dezesseis horas e meia. Hora após hora, o combustível fluía, as velas entravam em ignição, os catorze cilindros em cada enorme motor subiam e desciam incessantemente e as hélices de 5 metros desafiavam as nuvens, a chuva e os vendavais.

Para Eddie, esse era o fascínio da engenharia mecânica. Era maravilhoso, espantoso que homens pudessem fabricar motores que funcionavam à perfeição. Muitas coisas poderiam dar errado, centenas de peças móveis deveriam ter precisão absoluta e ajuste meticuloso a fim de que não se partissem, não saíssem do lugar, não travassem ou não se desgastassem em um avião de 41 toneladas que percorria milhares de quilômetros.

Na manhã de quarta-feira, o Clipper estaria pronto para repetir a viagem.

CAPÍTULO DOIS

A GUERRA IRROMPEU NUM domingo agradável, ameno e ensolarado, no fim do verão.

Poucos minutos antes de a notícia ser transmitida pelo telégrafo, Margaret Oxenford se encontrava diante da mansão de tijolos da sua família, transpirando um pouco sob o casaco e o chapéu, furiosa por ser obrigada a ir à igreja. Do outro lado da aldeia, o sino do campanário repicava de forma monótona.

Margaret detestava a Igreja, mas o pai não permitia que faltasse ao serviço religioso, embora ela já tivesse 19 anos, idade suficiente para tomar as próprias decisões. Havia mais ou menos um ano, tomara coragem para dizer ao pai que não queria mais ir, mas ele se recusara a escutar.

– Não acha que é uma hipocrisia se não acredito mais em Deus?

– Não seja ridícula.

Derrotada e enfurecida, Margaret declarou que abandonaria a religião depois que alcançasse a maioridade, porém a mãe comentara:

– Isso vai depender de seu marido, querida.

Para os pais, a discussão estava encerrada, mas Margaret fervia de raiva todo domingo de manhã.

Os irmãos de Margaret surgiram do interior da casa. Elizabeth tinha 21 anos, era alta, desajeitada e não muito bonita. Quando meninas, as duas irmãs viviam juntas, pois não frequentavam a escola – eram educadas apenas por governantas e preceptores. Houvera um tempo em que sabiam tudo uma sobre a outra, trocando segredos, mas vinham se afastando ultimamente. Na adolescência, Elizabeth adotara os rígidos valores tradicionais

paternos: era ultraconservadora, monarquista fervorosa, cega a novas ideias e hostil a mudanças. Margaret enveredara pelo caminho oposto – feminista e socialista, interessava-se por jazz, pintura cubista e poesia de versos livres. Elizabeth considerava as ideias radicais da irmã uma deslealdade à família. Margaret se irritava com a insensatez da outra, mas também ficava triste e perturbada por não serem mais amigas íntimas. Ela não tinha muitas amigas íntimas.

Percy estava com 14 anos. Não defendia nem se opunha a ideias radicais, mas era irrequieto e simpatizava com a rebeldia da irmã do meio. Companheiros de sofrimento sob a tirania paterna, apoiavam-se sempre, e Margaret o amava profundamente.

O pai saiu da casa pouco depois, usando uma gravata laranja e verde horrorosa. Ele tinha sérios problemas em combinar tons, mas Margaret podia apostar que a culpa era da mãe, que agora o acompanhava. Ruiva, com olhos verde-mar e a pele muito clara e macia, ficava estonteante em cores como aquelas. O marido, por outro lado, tinha cabelos pretos, um pouco grisalhos, e uma compleição ruborizada. Nele, a gravata parecia um alerta contra algo perigoso.

Elizabeth puxara os cabelos escuros e as feições irregulares do pai. Margaret saíra à mãe e, inclusive, gostaria de ter uma echarpe com as cores da gravata do pai. Percy mudava tão depressa que ninguém podia determinar com quem acabaria parecendo.

Desceram pelo longo caminho até a aldeia, para além dos portões. O pai possuía a maioria das casas e toda a terra arável por quilômetros ao redor. Nada fizera para obter tanta riqueza: uma série de casamentos, no início do século XIX, unira as três mais importantes famílias proprietárias de terras no condado, e a vasta propriedade resultante passara intacta de geração a geração.

Percorreram a rua e atravessaram o gramado até a cinzenta igreja de pedra. Entraram em procissão: o pai e a mãe primeiro, Margaret e Elizabeth logo atrás, e Percy por último. Os aldeões na congregação assumiram uma atitude deferente enquanto os Oxenfords avançavam pela nave até o banco reservado para a família. Os fazendeiros mais ricos, que arrendavam as terras do pai, fizeram uma reverência polida, e os representantes da classe média – o Dr. Rowan, o coronel Smythe e sir Alfred – menearam a cabeça respeitosamente. Aquele ridículo ritual feudal fazia Margaret se retrair, constrangida, cada vez que ocorria. Afinal, todos os homens não eram iguais perante Deus? Sentia vontade de gritar: “Meu pai não é melhor do que nenhum de vocês e é muito pior do que a maioria!” Um dia, talvez, tomasse coragem. Se fizesse uma cena na igreja, quem sabe nunca mais precisasse voltar. Mas tinha muito medo do que o pai faria.

No instante em que a família tomava seus lugares, observada por todos, Percy deu um sussurro audível:

– Linda gravata, papai.

Margaret conteve uma gargalhada, mas acabou dominada por um acesso de risinhos. Ela e Percy se apressaram em sentar, escondendo o rosto, fingindo rezar, até que o surto passasse. Depois disso, Margaret sentiu-se melhor.

O vigário fez um sermão sobre o filho pródigo. Margaret refletiu que o velho tolo deveria ter escolhido um tema mais pertinente ao assunto que dominava a mente de todos: a possibilidade de guerra. O primeiro-ministro enviara um ultimato a Hitler, que o ignorara, e uma declaração era esperada a qualquer momento.

Margaret temia o confronto. Um rapaz por quem se apaixonara havia morrido na Guerra Civil Espanhola. Já se passara mais de um ano, mas às vezes ela ainda chorava à noite. Em sua opinião, a guerra significava que milhares de moças como ela também experimentariam essa dor. Pensar

nisso era quase insuportável.

No entanto, outra parte de Margaret desejava a guerra. Por anos, envergonhara-se da covardia britânica durante os conflitos na Espanha. Seu país cruzara os braços e se limitara a observar enquanto o governo socialista eleito era derrubado por um bando de malfeitores municiados por Hitler e Mussolini. Centenas de jovens idealistas de toda a Europa seguiram para a Espanha a fim de lutar pela democracia. Contudo, careciam de armas, que as democracias do restante do mundo se recusaram a fornecer. Por isso, os jovens perderam suas vidas e Margaret, assim como várias pessoas, ficou furiosa, impotente e constrangida. Se os britânicos assumissem agora uma posição firme contra os fascistas, ela poderia se orgulhar novamente do país.

A perspectiva de uma guerra fazia seu coração disparar também por outro motivo: com toda a certeza seria o fim da vida mesquinha e sufocante que levava com os pais. Sentia-se entediada, tolhida e frustrada pelos rituais imutáveis e pela vida social sem sentido. Ansiava por escapar, ser independente, mas isso parecia impossível: era menor de idade, não tinha dinheiro e não estava capacitada para nenhum tipo de trabalho. Mas, pensava ela na maior ansiedade, sem dúvida tudo seria diferente em tempos bélicos.

Margaret lera, fascinada, sobre como as mulheres vestiram calças compridas e foram trabalhar nas fábricas durante a Grande Guerra. Agora já havia seções femininas no Exército, na Marinha e na Aeronáutica. Ela sonhava em se voluntariar ao Serviço Territorial Auxiliar, o exército das mulheres. Uma de suas poucas habilidades práticas era dirigir. O motorista do pai, Digby, lhe ensinara no Rolls-Royce, e Ian, o rapaz que morrera, deixava-a andar em sua moto. Ela sabia até pilotar uma lancha, pois o pai possuía um pequeno iate em Nice. O STA precisava de motoristas de ambulância e mensageiras. Margaret se imaginava de uniforme, usando um capacete, montada numa moto, levando

documentos urgentes de um campo de batalha a outro, em alta velocidade, com uma fotografia de Ian no bolso da túnica cáqui. Tinha certeza de que poderia ser corajosa se tivesse oportunidade.

A guerra tinha sido declarada durante a cerimônia, souberam mais tarde. Houve até um alerta de ataque aéreo às 11h28 no meio do sermão, mas a notícia não chegou à aldeia; de qualquer modo, era alarme falso. Assim, os Oxenforths voltaram a pé para casa sem saber que haviam entrado em conflito contra a Alemanha.

Percy queria pegar uma arma para caçar coelhos. Todos sabiam atirar: era um passatempo entre eles, quase uma obsessão. É claro que o pai recusou o pedido, pois não era apropriado atirar aos domingos. O garoto ficou desapontado, mas obedeceu. Apesar de rebelde, ainda não era homem de verdade para desafiar o pai abertamente.

Margaret adorava as diabruras do irmão. Ele era o único raio de sol em sua vida sombria. Muitas vezes desejava escarnecer do pai como Percy fazia e rir dele pelas costas, mas ficava irritada demais para gracejar.

Quando chegaram em casa, ficaram espantados ao deparar com uma criada descalça regando as flores no vestíbulo. O pai não a reconheceu e perguntou, ríspido:

– Quem é você?

A mãe interveio, com seu suave sotaque americano:

– O nome dela é Jenkins. Começou esta semana.

A moça fez uma mesura.

– E onde diabo estão seus sapatos? – indagou o pai.

Uma expressão de suspeita perpassou o rosto da moça e ela lançou um olhar acusador para Percy.

– Desculpe, senhor, foi o jovem lorde Isley. – O título de Percy era conde de Isley. – Ele disse que as criadas devem andar descalças no domingo por respeito.

A mãe suspirou e o pai soltou um grunhido exasperado. Margaret não pôde reprimir as risadinhas. Aquela era uma das brincadeiras prediletas do irmão: dar regras imaginárias às novas criadas. Ele conseguia dizer as coisas mais absurdas com um rosto impassível e, como a família era tida como excêntrica, as pessoas acreditavam em qualquer coisa.

Muitas vezes, Percy fazia Margaret rir, mas agora ela ficou com pena da pobre criada, descalça no vestíbulo, sentindo-se uma tola.

– Vá colocar os seus sapatos – falou a mãe.

– E nunca acredite em lorde Isley – acrescentou Margaret.

Todos tiraram os chapéus e foram para a sala de estar. Margaret puxou os cabelos do irmão e sussurrou:

– Foi muita maldade sua.

Percy se limitou a sorrir – ele era incorrigível. Certa vez, dissera ao vigário que o pai tinha morrido de ataque cardíaco durante a noite; toda a aldeia se pôs de luto até descobrir a verdade.

O pai ligou o rádio e foi então que souberam da notícia: o Reino Unido declarara guerra à Alemanha.

Margaret sentiu uma espécie de júbilo selvagem aflorar em seu peito, como a sensação de dirigir em alta velocidade ou escalar uma árvore. Não fazia mais sentido se angustiar. Haveria tragédia e desolação, dor e sofrimento, era inevitável; a sorte fora lançada e o único caminho era a luta. Tudo iria mudar. As convenções sociais seriam abandonadas, as mulheres participariam do combate, as barreiras de classe desmoronariam, todos trabalhariam juntos. Ela já conseguia saborear o ar da liberdade. E estariam em guerra contra os fascistas que mataram o pobre Ian e milhares de outros jovens extraordinários. Margaret não se julgava uma pessoa vingativa, mas era assim que se sentia quando pensava em enfrentar os nazistas. O sentimento lhe era desconhecido e assustador, mas arrepiante.

O pai ficou furioso. Já corpulento e avermelhado, quando se irritava dava a impressão de que iria explodir.

– Maldito Chamberlain! Maldito seja aquele desgraçado!

– Algernon, por favor – disse a mãe, reprovando-o por sua linguagem destemperada.

O pai fora um dos fundadores da União Britânica de Fascistas. Era uma pessoa diferente naquele tempo: não apenas mais jovem, como também mais magro, mais bonito e menos irritadiço. Encantava as pessoas e conquistava a lealdade delas. Escrevera um controvertido livro intitulado *Os mestiços: a ameaça da poluição racial*, descrevendo como a civilização entrara em decadência desde que os brancos começaram a se miscigenar com judeus, orientais e até negros. Correspondera-se com Hitler, a quem considerava o maior estadista do mundo desde Napoleão. Promovera grandes festas ali na casa, todos os fins de semana, com políticos, às vezes estrangeiros, e até mesmo – numa ocasião inesquecível – o próprio rei. As discussões se estendiam noite adentro, com o mordomo trazendo mais conhaque da adega, enquanto os lacaios bocejavam no vestíbulo. Durante a Depressão, o pai esperara que o Reino Unido o convocasse para salvar o país naquele momento de necessidade, convidando-o a ser primeiro-ministro num governo de restauração nacional. Mas isso nunca ocorrera. As festas começaram a acontecer com menos regularidade, ficaram menores, os convidados mais eminentes encontravam meios de se dissociar publicamente da UBF e o pai se tornara um homem amargurado, frustrado. Seu charme desaparecera com a autoconfiança. O ressentimento, o tédio e a bebida arruinaram sua boa aparência. Nunca fora inteligente de fato: Margaret lera seu livro e ficara chocada ao descobrir que não apenas era politicamente incorreto, mas também tolo.

Nos últimos anos, a plataforma do pai se reduzira à ideia obsessiva de que o Reino Unido e a Alemanha deveriam se unir

contra a União Soviética. Defendera isso em artigos de revistas, em cartas aos jornais e nas ocasiões cada vez mais raras em que era convidado a discursar em reuniões políticas e em debates nas universidades. Apegava-se ao pensamento com uma atitude de desafio enquanto os acontecimentos na Europa tornavam sua opinião mais e mais irrealista. Com a declaração de guerra, suas esperanças por fim foram destruídas e Margaret encontrou em seu coração um pouco de compaixão pelo pai, em meio a todas as outras emoções tumultuadas.

– O Reino Unido e a Alemanha vão se exterminar, deixando a Europa à mercê do comunismo ateu! – exclamou o pai.

Com a referência ao ateísmo, Margaret se lembrou da obrigação de ir à igreja e comentou:

– Não me importo. Sou atea.

– Não pode ser, querida – interveio a mãe. – Você é da Igreja Anglicana.

Margaret não conseguiu segurar o riso. Elizabeth, que estava à beira das lágrimas, murmurou:

– Como você pode rir? É uma tragédia!

Elizabeth era uma grande admiradora dos nazistas. Falava alemão – assim como Margaret, graças a uma governanta germânica que permanecera no emprego por mais tempo do que a maioria – e visitara Berlim várias vezes. Em duas ocasiões, jantara com o próprio Führer. Margaret achava que os nazistas eram esnobes que gostavam de se deleitar com a aprovação de uma aristocrata inglesa.

Ela se virou para Elizabeth e declarou:

– Já estava na hora de enfrentarmos esses arrogantes.

– Eles não são arrogantes! – protestou a irmã, indignada. – São orgulhosos, fortes, arianos de raça pura, e é uma tragédia que nosso país esteja em guerra contra eles. Papai tem razão: os brancos vão se exterminar e o mundo será deixado à mercê dos mestiços e dos judeus.

Margaret não tinha paciência para esse tipo de baboseira.

– Não há nada de errado com os judeus!

O pai ergueu um dedo.

– Não há nada de errado com os judeus... em seu lugar.

– Que é sob o tacão da bota, em seu... seu sistema fascista.

Ela quase dissera “seu sistema nojento”, mas subitamente ficara com medo e reprimira o insulto: era perigoso deixar o pai zangado demais.

– E, no seu sistema bolchevique, os judeus mandam em todo mundo! – retrucou Elizabeth.

– Não sou bolchevique, sou socialista.

Percy interveio, imitando a voz da mãe:

– Não pode ser, querida. Você é da Igreja Anglicana.

Margaret riu contra a vontade, mais uma vez enfurecendo a irmã. Elizabeth afirmou, amargurada:

– Você só quer destruir tudo o que é bom e puro, para rir depois.

O comentário não valia uma resposta, mas Margaret ainda queria insistir em seu argumento. Virou-se para o pai e falou:

– Concordo com o senhor pelo menos em relação a Neville Chamberlain. Ele piorou muito nossa posição militar ao permitir que os fascistas assumissem o controle na Espanha. Agora o inimigo está a oeste e a leste.

– Chamberlain não permitiu que os fascistas tomassem conta da Espanha – protestou o pai. – O Reino Unido assinou um acordo de não intervenção com a Alemanha, a Itália e a França. Apenas cumprimos nossa palavra.

Era uma posição absolutamente hipócrita e ele sabia disso. Margaret sentiu que ruborizava de indignação.

– Cumprimos a nossa palavra, mas os italianos e os alemães não fizeram o mesmo! Por isso os fascistas obtiveram armas, enquanto os democratas não conseguiram nada... a não ser mártires!

Houve um momento de silêncio constrangido, quebrado pela mãe:

– Lamento sinceramente que Ian tenha morrido, querida, mas ele era uma péssima influência sobre você.

De repente, Margaret teve vontade de chorar.

Ian Rochdale fora a melhor coisa que já lhe acontecera e a dor pela morte dele ainda a deixava angustiada.

Durante anos, ela dançara em bailes organizados por clubes de caçadas. Os jovens membros da aristocracia rural eram vazios, só pensavam em bebida e caça. Margaret já tinha perdido a esperança de conhecer um rapaz da mesma idade que lhe interessasse. Ian surgira em sua vida como a luz da razão e, desde a morte dele, a jovem vivia nas trevas.

Ele cursava o último ano em Oxford. Margaret adoraria ir para uma universidade, mas não havia a menor possibilidade: nunca estudara numa escola. Contudo, lera muito – o que mais poderia fazer? – e ficara empolgada ao encontrar alguém como ela, que gostava de conversar sobre ideias. Ian era o único homem que lhe dava explicações sem condescendência, a pessoa mais lúcida que Margaret já conhecera. Tinha uma paciência inesgotável e era desprovido de qualquer vaidade intelectual – nunca fingia compreender. Ela gostou dele desde o início.

Por muito tempo, não pensara se tratar de amor. Mas um dia Ian começou a balbuciar, envergonhado, esforçando-se para encontrar as palavras certas – algo nada típico dele –, até que enfim murmurou:

– Acho que me apaixonei por você... Será que isso vai estragar tudo?

E foi então que ela compreendeu, com uma intensa alegria, que também estava apaixonada.

Ian transformara a vida dela. Era como se Margaret tivesse se mudado para outro país, onde tudo era diferente: a paisagem, o tempo, as pessoas, a comida. Ela gostava de todas as

novidades. E as restrições e irritações que vivia com os pais pareciam ter diminuído.

Mesmo depois de ingressar na Brigada Internacional e ir para a Espanha, a fim de lutar pelo governo socialista eleito contra os rebeldes fascistas, Ian continuou a iluminar a vida dela. Margaret se orgulhava do namorado porque suas convicções lhe davam coragem e ele se mostrava disposto a morrer pela causa em que acreditava. Às vezes recebia uma carta de Ian. Certa vez, ele mandou um poema. Então veio a notícia de que morrera, despedaçado pelo impacto direto de uma granada. Margaret sentiu que a vida chegara ao fim.

– Uma péssima influência... – repetiu ela, amargurada. – Isso mesmo. Ele me ensinou a questionar dogmas, a não acreditar em mentiras, a detestar a ignorância e a desprezar a hipocrisia. Por causa disso não consigo me ajustar a uma sociedade civilizada.

Os pais e a irmã começaram a falar ao mesmo tempo, mas logo pararam, pois nenhum deles conseguia se fazer entender. Então Percy disse, aproveitando o súbito silêncio:

– Por falar em judeus, encontrei uma foto curiosa no porão, numa daquelas velhas malas de Stamford.

Stamford, em Connecticut, era a cidade natal da família da mãe. Percy tirou do bolso da camisa um retrato cheio de vincos, numa sépia desbotada.

– Minha bisavó se chamava Ruth Glencarry, certo?

– Sim... era a mãe da minha mãe. Mas o que você encontrou, querido?

Percy entregou a fotografia ao pai e os outros se espremeram ao redor dele para olhar. Mostrava uma cena de rua numa cidade americana, provavelmente Nova York, cerca de setenta anos antes. Em primeiro plano, havia um judeu, em torno dos 30 anos, de barba preta, usando as roupas rústicas de um trabalhador e um chapéu. Estava com uma pedra de amolar, ao lado de um

carrinho de mão onde se lia a inscrição “Reuben Fishbein – Amolador”. Junto do homem se via uma menina de 10 anos num vestido de algodão surrado e botinas enormes.

– O que é isto, Percy? – indagou o pai. – Quem são essas pessoas deploráveis?

– Dê uma olhada no verso.

O pai virou o retrato: “Ruthie Glencarry, nascida Fishbein, aos 10 anos.”

Margaret o encarou. Ele estava horrorizado.

– É interessante que o avô da mamãe tenha se casado com a filha de um judeu amolador de facas ambulante – acrescentou Percy –, mas dizem que a América é assim.

– Impossível! – exclamou o pai, mas com a voz trêmula.

O irmão continuou, animado:

– Enfim, no judaísmo, a descendência é através da mulher. Portanto, como a mãe da minha mãe era judia, isso faz de mim um judeu.

O pai empalideceu. A mãe parecia atordoada, a testa um pouco franzida.

– Espero que os alemães não vençam esta guerra – comentou Percy. – Eu não teria mais permissão para ir ao cinema e mamãe teria que costurar estrelas amarelas em todos os vestidos de baile.

Parecia bom demais para ser verdade. Margaret examinou atentamente as palavras escritas no verso da imagem, até que a verdade aflorou.

– Percy! – exclamou ela, deliciada. – Esta letra é *sua*!

– Não, não é!

Mas todos constataram que era. Margaret desatou a rir. Percy encontrara a fotografia antiga de uma menina judia em algum lugar e falsificara a inscrição no verso para zombar. E não era de admirar que o pai caísse na armadilha: devia ser o pesadelo supremo de todo racista descobrir que tinha ancestrais

miscigenados. Uma lição bem merecida.

O pai praguejou e jogou a fotografia numa mesa. A mãe disse “Você passou dos limites, Percy!”, num tom magoado. Só não fizeram mais nada porque, nesse momento, a porta foi aberta e Bates, o mordomo mal-humorado, anunciou:

– O almoço está servido, milady.

Eles atravessaram o vestíbulo até a sala de jantar. Haveria rosbife bem-passado, como todo domingo. A mãe comeria uma salada, pois não admitia comida cozida, achando que o fogo acabava com os nutrientes dos alimentos.

O pai murmurou a prece de agradecimento e sentou-se. Bates ofereceu salmão defumado à mãe. Alimentos defumados, em conserva ou preservados por outros meios eram aceitáveis, segundo a teoria materna.

– É claro que só podemos tomar uma atitude – disse a mãe, enquanto se servia da travessa estendida. Ela falava no tom casual de alguém que apenas chama a atenção para o óbvio. – Deveríamos viver na América até que esta guerra boba acabe.

Houve um momento de silêncio constrangido.

Margaret, horrorizada, explodiu:

– Não!

– Acho que já tivemos discussões suficientes por um dia – retrucou a mãe. – Por favor, vamos almoçar em paz e harmonia.

– Não! – repetiu Margaret, quase não conseguindo falar de tanta indignação. – Vocês não... não podem fazer isso! É... é...

Queria censurá-los, acusá-los de traição e covardia, proclamar seu desdém e desafiá-los, mas as palavras não saíam e ela conseguiu apenas balbuciar:

– Não é justo!

Até isso foi demais para o pai, que declarou:

– Se não pode controlar a língua, é melhor se retirar.

Margaret levou o guardanapo à boca para conter um soluço, empurrou a cadeira para trás, levantou-se e saiu correndo.



Havia meses que os pais vinham planejando aquilo, é claro.

Percy foi ao quarto de Margaret depois do almoço e revelou os detalhes. Fechariam a casa, cobririam os móveis com lençóis, dispensariam os criados. As propriedades ficariam aos cuidados do agente do pai, que cobraria os aluguéis. O dinheiro se acumularia no banco, pois não poderia ser transferido para os Estados Unidos por causa das regras de controle de câmbio em tempo de guerra. Os cavalos seriam vendidos, colocariam naftalina nos cobertores e a prataria permaneceria trancada.

Elizabeth, Margaret e Percy deveriam arrumar só uma mala cada; despachariam o resto dos pertences por uma companhia de mudanças. O pai comprara passagens para todos no Clipper da Pan American e os cinco partiriam na quarta-feira.

Percy estava bastante empolgado. Já voara algumas vezes, mas o Clipper era diferente: enorme e muito luxuoso. Os jornais não paravam de falar dele desde a inauguração do voo para Nova York, apenas algumas semanas antes. O percurso demorava 29 horas e todos se deitavam à noite, durante a travessia do oceano Atlântico.

Era repulsivamente cômodo partir com tanto luxo, pensou Margaret, enquanto deixavam os compatriotas entregues às dificuldades, às privações, à guerra.

Percy saiu para arrumar a mala e Margaret ficou estendida na cama, fitando o teto com um desapontamento amargo. Fervia de raiva e chorava de frustração, impotente para fazer qualquer coisa em relação a seu destino.

Ficou o dia inteiro no quarto.

Na manhã de segunda-feira, como a garota ainda se encontrava na cama, a mãe entrou no cômodo. Margaret sentou e lhe lançou um olhar hostil. A mãe se acomodou à penteadeira e encarou a jovem pelo espelho.

– Por favor, não crie problemas com seu pai por causa disso – murmurou ela.

Margaret percebeu que a mãe estava nervosa. Em outras circunstâncias, isso faria a garota se abrandar, mas agora ela sentia-se transtornada demais para nutrir qualquer compaixão.

– É uma covardia!

A mãe empalideceu.

– Isso não é verdade.

– E o que significa fugir quando o país entra em guerra?

– Não temos opção. Precisamos partir.

Margaret ficou aturdida.

– Por quê?

A mãe se virou e a encarou.

– Se não formos embora, vão prender seu pai.

Margaret foi pega de surpresa.

– Como assim? Não é crime ser fascista.

– O governo agora tem Poderes Emergenciais. Um amigo no Ministério do Interior nos avisou. Seu pai será preso se ainda estiver no Reino Unido no final da semana.

Margaret não conseguia acreditar que queriam meter o pai na prisão, como se ele fosse um ladrão. Sentia-se uma tola: ainda não pensara nas transformações que a guerra faria no cotidiano.

– Mas não nos permitirão levar dinheiro – acrescentou a mãe, amargurada. – É assim a conceituada justiça britânica.

O dinheiro era a última preocupação de Margaret naquele momento. Toda a sua vida estava em jogo. Teve um súbito acesso de bravura e decidiu dizer a verdade à mãe. Antes que perdesse a coragem, respirou fundo e declarou:

– Mamãe, não quero ir com vocês.

A mãe não demonstrou surpresa. Talvez já esperasse por algo assim. No tom vago e suave que usava para evitar uma discussão, ela replicou:

– Você tem que ir, querida.

– Não vão me pôr na cadeia. Posso ficar com a tia Martha ou mesmo com Catherine. Não quer falar com o papai?

A mãe exibiu de repente uma firmeza inesperada.

– Dei à luz você em meio a dor e sofrimento. Enquanto puder, não vou deixar que arrisque sua vida.

Por um momento, Margaret ficou atordoada com a intensidade da mãe, mas logo protestou:

– Tenho o direito de opinar... É a minha vida!

A mãe suspirou e retornou a seu comportamento lânguido habitual.

– Não faz diferença o que você e eu pensamos. Seu pai não deixará você ficar na Inglaterra, não importa o que digamos.

A passividade da mãe irritou Margaret, que decidiu tomar uma atitude.

– Vou falar com ele diretamente.

– É melhor não. – Havia agora um tom suplicante na voz da mãe. – A situação já é horrível para o seu pai. Ele ama a Inglaterra, como você bem sabe. Em quaisquer outras circunstâncias, telefonaria para o Ministério da Guerra querendo se alistar. Está de coração partido.

– E eu, não?

– Não é a mesma coisa. Você é jovem, tem uma vida inteira pela frente. Para ele, é o fim de toda a esperança.

– Não posso fazer nada se ele é fascista – retrucou Margaret.

A mãe se levantou.

– Eu esperava que você fosse mais compreensiva – murmurou antes de sair.

Margaret sentiu culpa e indignação ao mesmo tempo. Era tão injusto! O pai sempre desdenhara das opiniões da filha e, agora que os acontecimentos provavam que ele estava errado, pediam a ela que fosse compreensiva.

A jovem suspirou fundo. A mãe nascera rica e determinada. Era uma mulher bonita e excêntrica, que usava frases vagas.

Suas excentricidades decorriam de uma vontade sólida sem qualquer orientação para discriminar entre o que fazia sentido e o que não fazia. As frases vagas eram a maneira de uma mulher forte enfrentar o domínio masculino: como não tinha permissão para confrontar o marido, só conseguia escapar ao controle dele fingindo que não o compreendia. Margaret amava a mãe e encarava suas peculiaridades com tolerância e afeição, mas também estava decidida a não ser como ela. Se os outros se recusavam a lhe proporcionar instrução, aprenderia sozinha. Preferia ser uma velha solteirona a se casar com algum porco chauvinista que pensaria ter o direito de mandar nela.

Às vezes Margaret ansiava por um relacionamento diferente com a mãe. Queria tê-la como confidente, conquistar sua simpatia, pedir conselhos. Poderiam ser aliadas, lutar juntas pela liberdade, contra um mundo que desejava tratá-las como meros ornamentos. Mas a mãe já desistira de se esforçar havia muito tempo e instava a filha a fazer o mesmo. Só que isso não ia acontecer. Margaret seria ela própria: estava decidida. Mas como?

Não conseguiu comer durante toda a segunda-feira. Bebeu intermináveis xícaras de chá enquanto os criados tomavam as providências necessárias para fechar a casa. Na terça-feira, ao perceber que Margaret não arrumaria as malas, a mãe ordenou que a nova criada, Jenkins, cuidasse dessa tarefa. Naturalmente, a jovem não sabia o que colocar na bagagem e Margaret teve que ajudá-la. Assim, no fim das contas, a mãe acabou vencendo, como ocorria com tanta frequência.

– É muito azar seu que tenhamos resolvido fechar a casa uma semana depois de ter começado a trabalhar aqui.

– Não faltará trabalho agora, milady – afirmou Jenkins. – Papai disse que não há desemprego em tempos de guerra.

– O que pretende fazer? Trabalhar numa fábrica?

– Vou me alistar. Ouvei no rádio que 17 mil mulheres já se

alistaram no STA. Há filas diante de todos os prédios municipais do país... Vi uma foto no jornal.

– Sorte sua – murmurou Margaret, desolada. – A única fila em que vou entrar é a de um avião para os Estados Unidos.

– A senhorita precisa fazer o que o marquês quer.

– O que seu pai acha dessa sua ideia de se alistar?

– Não contarei a ele... Ou melhor, só depois de me alistar.

– E se ele obrigá-la a voltar atrás?

– Não pode fazer isso. Tenho 18 anos. Após o alistamento, não há o que fazer. Desde que você tenha a idade necessária, os pais não podem se opor.

Margaret ficou surpresa.

– Tem certeza?

– Claro. Todo mundo sabe disso.

– Eu não sabia – sussurrou Margaret, pensativa.

Jenkins levou a mala para o vestíbulo. Partiriam bem cedo, na manhã de quarta-feira. Ao ver a bagagem ali, Margaret se deu conta de que passaria a guerra em Connecticut se não fizesse algo além de fechar a cara. Apesar da súplica da mãe, ela precisava enfrentar o pai.

Estremeceu só de pensar nisso. Voltou ao quarto para criar coragem e refletir sobre o que dizer. Precisaria manter a calma. As lágrimas não o comoveriam e a ira só provocaria seu desdém. Deveria parecer sensata, responsável, madura. Não poderia discutir, pois o enfureceria e ela mesma se assustaria, sentindo-se incapaz de continuar.

Como introduziria o assunto? “Acho que tenho o direito de opinar sobre o meu futuro.”

Não, isso não era bom. Ele responderia: “Sou responsável por você, portanto eu devo decidir.”

Talvez ela devesse dizer: “Podemos conversar a respeito da viagem para a América?”

O pai provavelmente replicaria: “Não há nada a discutir.”

O começo tinha que ser tão inofensivo que o pai não poderia repeli-la. Margaret decidiu falar: “Posso lhe perguntar uma coisa?” Ele responderia “sim”.

E depois? Como abordar o tema sem provocar um dos temíveis acessos de raiva do pai? “Você esteve no Exército na última guerra, não é, papai?” Sabia que ele participara da ação na França. Então ela indagaria: “Mamãe se envolveu?” Também já conhecia a resposta: a mãe fora enfermeira voluntária em Londres, cuidando de oficiais americanos feridos. Ao final, declararia: “Os dois serviram a seus países, por isso tenho certeza de que compreenderão o motivo de eu querer fazer o mesmo.” Não havia a menor dúvida de que esse argumento seria irresistível.

Se ao menos o pai admitisse o início, Margaret achava que poderia lidar com as outras objeções. Ficaria com parentes até se alistar, uma questão de poucos dias. Tinha 19 anos: muitas moças com essa idade já trabalhavam em tempo integral havia seis anos. Era permitido até que se casasse e dirigisse. Podia também ser presa. Não via motivo para que a proibissem de ficar na Inglaterra.

Tudo fazia sentido. Agora, precisava tomar coragem.

O pai devia estar no escritório conversando com o agente. Margaret saiu do quarto. No patamar, diante de sua porta, sentiu-se de repente fraca de medo. O pai se enfurecia com qualquer oposição. Seus surtos eram terríveis; as punições, cruéis. Aos 11 anos, Margaret fora obrigada a ficar de pé num canto do escritório, virada para a parede, durante um dia inteiro, por ter sido grosseira com um hóspede. Aos 7 anos, o pai tirara seu ursinho de pelúcia como punição por ter feito xixi na cama. Numa ocasião, num acesso de fúria, jogara o gato pela janela do segundo andar. O que faria quando ela dissesse que queria permanecer na Inglaterra e lutar contra os nazistas?

Margaret forçou-se a descer, mas o medo aumentou ao se

aproximar do escritório. Visualizou o pai se enraivecendo, o rosto avermelhado, os olhos esbugalhados, e ficou apavorada. Tentou acalmar o coração disparado, perguntando a si mesma se havia de fato algo a temer. O pai não podia mais partir seu coração tirando-lhe o ursinho de pelúcia. No fundo, porém, Margaret sabia que ele ainda encontraria meios de fazê-la sentir vontade de morrer.

Quando ela alcançou a porta do escritório, tremendo, a governanta passou apressada pelo vestíbulo, em seu vestido preto de seda. A Sra. Allen comandava as criadas com rigor, mas sempre fora indulgente com Margaret e os irmãos. Gostava da família e tinha ficado consternada porque iam embora: para ela, era o fim de um estilo de vida. Deu um sorriso triste a Margaret.

Fitando-a, a jovem teve uma ideia fabulosa.

Um plano de fuga aflorou em sua mente. Tomaria dinheiro emprestado da Sra. Allen, deixaria a casa naquele exato momento, pegaria o trem das 16h55 para Londres, passaria a noite no apartamento da prima, Catherine, se alistaria no STA pela manhã. Quando o pai descobrisse, já seria tarde demais.

Era tão simples e audacioso que mal podia acreditar que fosse possível. Antes que pudesse pensar duas vezes, perguntou:

– Ah, Sra. Allen, poderia me emprestar algum dinheiro? Preciso fazer umas compras de última hora e não quero incomodar papai, que está muito ocupado.

A governanta não hesitou.

– Claro, milady. De quanto precisa?

Margaret não sabia quanto custava a passagem de trem para Londres: nunca comprara nenhuma. Num cálculo rápido, respondeu “Uma libra deve bastar” ao mesmo tempo que pensava: “Estou mesmo fazendo isso?”

A Sra. Allen tirou duas notas de 10 xelins da bolsa. Provavelmente entregaria as economias da vida toda se lhe

fosse pedido.

Margaret pegou o dinheiro com a mão trêmula. Podia ser a sua passagem para a liberdade. Apesar de estar muito assustada, uma pequena chama de esperança se acendeu em seu peito.

Achando que a garota estava transtornada com a iminente emigração, a governanta apertou a mão dela e murmurou:

– Este é um dia triste, lady Margaret. Um dia triste para todos nós.

Balançando a cabeça grisalha, desolada, desapareceu nos fundos da casa.

Margaret olhou ao redor, frenética. Não havia ninguém à vista. Seu coração se agitava como um passarinho engaiolado, a respiração saía em arquejos curtos. Sabia que perderia a coragem se hesitasse. Não ousou esperar por tempo suficiente para vestir um casaco. Apertando as notas na mão, saiu pela porta da frente.

A estação ficava a 3 quilômetros de distância, na aldeia seguinte. A cada passo que dava, Margaret esperava ouvir o Rolls-Royce do pai em seu encalço. Mas como ele poderia saber o que a filha fizera? Era improvável que alguém notasse sua ausência, pelo menos até a hora do jantar e, se percebessem, presumiriam que ela fora fazer compras, como dissera à Sra. Allen. Mesmo assim, estava apreensiva.

Chegou à estação com bastante antecedência, comprou a passagem – o dinheiro era mais do que suficiente – e foi sentar-se na sala de espera das mulheres, observando os ponteiros do relógio grande na parede.

O trem estava atrasado.

O horário previsto passou, deram cinco horas e, logo, o relógio marcava 17h05. Àquela altura, Margaret estava tão apavorada que pensou em desistir e voltar para casa, só para se livrar da tensão.

O trem chegou às 17h14 e o pai ainda não aparecera.

A jovem embarcou com o coração saindo pela boca.

Ficou de pé junto à janela, olhando para a entrada da plataforma, esperando vê-lo ali no último momento para buscá-la.

O trem começou a andar.

Ela mal podia acreditar que estava escapando.

O trem acelerou. Os primeiros tremores de exultação, ainda tênues, dispararam seu coração. Poucos segundos depois, deixava a estação. Margaret observou a aldeia ficar para trás e uma sensação de triunfo a invadiu. Ela conseguira... Tinha fugido!

De repente, sentiu as pernas bambas. Olhou ao redor, à procura de um lugar para se sentar, e percebeu que o trem estava lotado. Cada assento se achava ocupado, até mesmo no vagão de primeira classe, e havia soldados acomodados no chão. Então permaneceu de pé.

Sua euforia não diminuiu, embora a viagem fosse um pesadelo, de acordo com os padrões normais. A cada estação, mais pessoas se espremiavam nos vagões. O trem parou durante três horas antes de chegar a Reading. Todas as lâmpadas haviam sido removidas por causa do blecaute. Assim, o veículo ficou na total escuridão após o anoitecer, exceto pelo brilho ocasional da lanterna do guarda em patrulha, esgueirando-se por entre os passageiros sentados e deitados no chão. Quando não aguentou mais ficar de pé, Margaret também se acomodou no piso. Não se importava mais com isso. O vestido ficaria sujo, mas no dia seguinte ela estaria de uniforme. Tudo seria diferente: havia uma guerra em marcha.

Margaret especulou se o pai poderia notar seu desaparecimento, verificar que ela pegara o trem, partir a toda a velocidade no Rolls-Royce para Londres e interceptá-la em Paddington. Era improvável, mas possível. Quando o trem chegou, seu coração estava dominado pelo medo.

Ao desembarcar, não viu sinal do pai. Margaret experimentou novamente o triunfo. Ele não era onipotente, no fim das contas! Ela conseguiu encontrar um táxi livre na estação enorme e escura. O motorista a levou para Bayswater, usando apenas as luzes menores dos faróis, e com uma lanterna a ajudou a entrar no prédio de Catherine.

As janelas do edifício se encontravam às escuras, mas o saguão tinha uma iluminação intensa. O porteiro já deixara o serviço – era quase meia-noite –, mas Margaret conhecia o caminho até o apartamento da prima. Subiu as escadas e tocou a campainha.

Ninguém atendeu.

Seu coração parou.

Tocou de novo, mas sabia ser inútil: o local era pequeno e a campainha, alta. Catherine não estava em casa. Mas não chegava a ser surpreendente. A prima morava em Kent com os pais e usava o apartamento como residência temporária. A vida social londrina estagnara, por isso não havia motivo para Catherine estar ali. Margaret não pensara nessa possibilidade.

Não se sentiu desanimada, apenas decepcionada. Aguardara, ansiosa, a perspectiva de sentar-se com Catherine, tomar um chocolate quente e partilhar os detalhes de sua grande aventura. Mas isso ficaria para depois. Margaret pensou no que deveria fazer em seguida. Tinha vários parentes em Londres, mas eles telefonariam imediatamente para seu pai se os procurasse. Catherine seria uma companheira de conspiração, mas não podia confiar em nenhum dos outros familiares.

Ela lembrou que tia Martha não tinha telefone. Era, na verdade, uma tia-avó, uma solteirona irascível, em torno dos 70 anos. Morava a pouco mais de um quilômetro dali. Estaria profundamente adormecida àquela altura, é claro, e ficaria furiosa por ser despertada, mas era inevitável. O importante é que ela não teria como alertar o pai sobre o paradeiro de Margaret.

Desceu as escadas, saiu para a rua e descobriu-se na mais absoluta escuridão. O blecaute era assustador. Ela parou junto à porta do prédio e abriu bem os olhos para tentar enxergar algo. Não conseguiu ver nada e sentiu uma espécie de vertigem.

Fechou os olhos e visualizou a rua como a conhecia. Atrás dela ficava o Ovington House, onde Catherine morava. Normalmente havia luzes nas janelas, uma lâmpada acesa acima da porta. Na esquina à esquerda, a entrada de uma pequena igreja resplandecia como sempre. Na calçada, a intervalos, lampiões projetavam um círculo de luz e a rua era iluminada pelos faróis de ônibus, táxis e carros.

Margaret tornou a abrir os olhos e nada viu.

Era enervante. Por um momento, imaginou que não havia nada ao redor: a rua desaparecera e ela se encontrava no limbo, caindo no vazio. Sentiu-se subitamente enjoada. Tratou de se controlar e visualizou o percurso até a casa de tia Martha.

Sigo para leste daqui, pensou, viro à esquerda na segunda esquina e a casa de tia Martha fica no final desse quarteirão. Deve ser bem fácil encontrá-la, mesmo no escuro.

Ela ansiava por algum alívio: um táxi iluminado, uma lua cheia ou um guarda prestativo. Logo depois, o desejo foi atendido, pois um carro se aproximou, os fracos faróis como os olhos de um gato na escuridão intensa. De repente, ela avistou a linha do meio-fio até a esquina.

Margaret começou a andar.

O carro seguiu adiante, as luzes vermelhas traseiras desaparecendo na distância sombria. Ela achava que ainda se encontrava a três ou quatro passos da esquina quando cambaleou no desnível da calçada para o asfalto. Atravessou a rua e alcançou o meio-fio oposto sem cair. Isso a encorajou. Foi em frente mais confiante.

De repente, algo duro bateu em seu rosto com uma violência agonizante.

Margaret soltou um grito de dor e medo súbito. Por um momento, foi dominada pelo pânico, sentiu vontade de se virar e correr. Tratou de se acalmar, a duras penas. Levou a mão ao rosto e esfregou onde doía. O que havia acontecido? O que a atingira na face, no meio da calçada? Estendeu os braços. Sentiu algo quase no mesmo instante e recolheu as mãos, assustada. Então trincou os dentes e repetiu o gesto. Tocou em algo frio, duro e arredondado, como um prato enorme, flutuando em pleno ar. Explorando ainda mais, identificou uma coluna redonda, com um buraco retangular e uma saliência em cima. Ao compreender o que era, não pôde conter o riso, apesar do rosto dolorido. Fora atacada por uma caixa de correio.

Tateou o caminho ao redor, depois seguiu em frente, com os braços estendidos.

Após algum tempo, tropeçou ao descer de outro meio-fio. Recuperando o equilíbrio, sentiu-se aliviada: chegara à rua. Virou à esquerda.

Ocorreu-lhe que tia Martha poderia não ouvir a campainha. Ela morava sozinha, logo não havia mais ninguém para atender. Se isso acontecesse, Margaret teria que voltar ao prédio de Catherine e dormir no corredor. Aceitava ficar no chão, mas temia outra caminhada através do blecaute. Talvez simplesmente se ajeitasse na porta de tia Martha e esperasse amanhecer.

A pequena casa de tia Martha ficava na extremidade de um longo quarteirão. Margaret foi andando devagar. A cidade estava escura, mas não silenciosa. Era possível ouvir um ou outro carro a distância. Cachorros latiam enquanto ela passava pelas portas, alguns gatos miavam, indiferentes à sua presença. Escutou a música ritmada de uma festa e, um pouco mais além, os gritos abafados de uma briga doméstica sob o véu do blecaute. Sentiu-se ansiosa para estar abrigada em uma casa, com abajures, uma lareira e um bule de chá.

O quarteirão parecia mais comprido do que Margaret se

lembrava. Mas não podia ter tomado o caminho errado: virara à esquerda na segunda esquina. Mesmo assim, a suspeita de que se perdera foi aumentando. A noção de tempo se esvaíra: caminhava por aquele quarteirão fazia cinco ou vinte minutos? Duas horas ou a noite inteira? De repente, nem mais tinha certeza se havia casas nas proximidades. Podia estar no meio do Hyde Park, ter entrado por puro acaso. Começou a sentir criaturas ao redor, na escuridão, observando-a com sua visão noturna, esperando que esbarrasse nelas para agarrá-la. Teve vontade de soltar um grito e precisou se esforçar para reprimi-lo.

Obrigou-se a pensar. Onde poderia ter errado? Sabia que havia uma rua transversal ao descer da calçada. Mas se esquecera das vielas. Poderia ter entrado numa delas. Àquela altura, talvez já houvesse percorrido muito mais de um quilômetro na direção errada.

Tentou relembrar a sensação inebriante de empolgação e triunfo que experimentara no trem, mas não conseguiu. Agora, sentia-se apenas solitária e assustada.

Decidiu parar, ficar completamente imóvel. Assim, nenhum mal poderia atingi-la.

Permaneceu desse jeito por um longo tempo; não demorou muito para que não soubesse mais por quanto tempo permanecera ali. Receava se mexer: o medo a paralisava. Achou que continuaria de pé até desmaiar de exaustão ou até o amanhecer.

Foi então que um carro apareceu.

Os faróis dele não proporcionavam muita iluminação, mas pareciam o sol em comparação ao breu anterior. Margaret se deu conta de que estava parada no meio da rua e se apressou em direção à calçada, a fim de sair do caminho do automóvel. Achava-se numa praça vagamente familiar. O veículo passou e dobrou em outra via. Ela andou rápido atrás, esperando avistar um ponto de referência. Chegando à esquina, divisou o carro na

outra extremidade de uma rua curta e estreita, de pequenas lojas. Uma delas era uma chapelaria aonde a mãe costumava ir. Compreendeu, então, que estava a poucos metros do Marble Arch.

Quase chorou de alívio.

Na esquina seguinte, aproveitando a passagem de um carro que iluminou o caminho à frente, andou até Mayfair.

Poucos minutos depois, estava parada diante do Claridge's Hotel. O prédio se achava às escuras, como todos os outros, mas Margaret conseguiu localizar a porta. Especulou se deveria entrar.

Não devia ter dinheiro suficiente para pagar por um quarto, mas lembrou que as pessoas só quitavam as contas quando iam embora. Podia alugar um aposento por duas noites, sair pela manhã como se esperasse voltar mais tarde, alistar-se no STA, então telefonar para o hotel e mandar que enviassem a conta ao advogado do pai.

Margaret respirou fundo e empurrou a porta.

Como a maioria dos prédios públicos que permaneciam abertos durante a noite, o hotel tinha duas entradas, uma diante da outra, a fim de que as pessoas pudessem transitar sem que as luzes do interior se projetassem para a rua. Margaret fechou a porta externa, andou um pouco e passou pela segunda porta, avançando pelo saguão iluminado. Sentiu um tremendo alívio. Aquilo era a normalidade: o pesadelo acabara.

O jovem recepcionista noturno cochilava. Margaret pigarreou e ele acordou, sobressaltado e confuso.

– Preciso de um quarto.

– A esta hora da noite?

– Fui surpreendida pelo blecaute – explicou ela. – E agora não consigo voltar para casa.

O homem começou a se recompor.

– Não tem bagagem?

– Não – respondeu Margaret, sentindo-se culpada, mas então um pensamento lhe ocorreu: – Claro que não... Não planejava me perder no blecaute.

O homem fitou-a com uma expressão esquisita. Não podia recusar uma hóspede, certo? Engoliu em seco, esfregou o rosto, fingiu consultar um livro de registros. O que havia com ele? Fechando o livro, tomada a sua decisão, declarou:

– Estamos lotados.

– Ora, deve haver algum quarto vago...

– Brigou com seu velho, não é mesmo? – disse o jovem, piscando.

Ela mal podia acreditar que aquilo estava acontecendo.

– Não consigo voltar para casa – repetiu, pois parecia óbvio que o homem não compreendera na primeira vez.

– Não posso fazer nada. – Com um súbito bom humor, ele acrescentou: – A culpa é de Hitler.

– Onde está seu supervisor?

O recepcionista pareceu ficar ofendido.

– Eu sou o responsável até as seis horas.

Margaret olhou ao redor e murmurou, exausta:

– Terei que ficar sentada aqui, no saguão, até de manhã.

– Não pode fazer isso! – exclamou o jovem, alarmado. – Uma moça sozinha, sem bagagem, passando a noite no saguão? Eu perderia o emprego!

– Não sou uma moça qualquer – disse ela, irritada. – Sou lady Margaret Oxenford.

Detestou usar o título, mas estava desesperada. Só que de nada adiantou: o recepcionista a encarou com uma expressão dura e insolente.

– É mesmo?

Margaret estava prestes a gritar quando viu seu reflexo no vidro da porta e descobriu que estava com um olho roxo. Além disso, estava com as mãos imundas e o vestido rasgado.

Lembrou que colidira com uma caixa de correio e sentara no chão de um trem. Não era de admirar que o homem não lhe desse um quarto. Ela insistiu, desesperada:

- Não pode me deixar na escuridão!
- Sinto muito, mas não há alternativa.

Margaret se perguntou como ele reagiria se ela sentasse no chão e se recusasse a sair. Era o que tinha vontade de fazer: estava exausta e fraca da tensão. Mas já passara por tanta coisa que não lhe restava energia para um confronto. Além do mais, já era tarde e se encontravam sozinhos: não havia como prever a reação do homem se lhe desse pretexto para pôr as mãos nela.

Cansada, Margaret lhe deu as costas e saiu amargurada.

Enquanto se afastava do hotel, desejou ter resistido mais. Por que suas intenções eram sempre muito mais firmes do que as ações? Agora que desistira, sentia-se furiosa o bastante para desafiar o recepcionista. Estava quase disposta a voltar. Mas continuou a seguir em frente; parecia mais fácil.

Não tinha para onde ir. Não conseguiria achar outra vez o prédio de Catherine nem localizar a casa de tia Martha. Não podia confiar em outros parentes e, por causa de seu péssimo estado, nunca permitiriam que se hospedasse num hotel.

Precisaria vagar até que clareasse. O tempo estava ótimo: não chovia e o ar noturno era fresco. Se continuasse a andar, nem mesmo sentiria frio. Agora, conseguia visualizar o caminho adiante, pois havia muitas luzes de tráfego no West End, um carro passava a cada um ou dois minutos. Ouvia música e barulho saindo das boates. De vez em quando avistava pessoas de sua classe – as mulheres em vestidos deslumbrantes, os homens de casaca – voltando de uma festa em automóveis com chofer. Numa rua, curiosamente, avistou outras três pessoas solitárias: uma parada num vão de porta, outra encostada num poste, a terceira sentada num carro. Todas fumavam, parecendo esperar por alguém. Margaret se perguntou se seriam o que a

mãe chamava de mulheres decaídas.

A exaustão a dominava por completo. Ainda estava com os sapatos leves que usava dentro de casa. Num súbito impulso, sentou no degrau de um edifício, tirou-os e massageou os pés doloridos.

Ao erguer os olhos, percebeu que podia divisar os contornos vagos dos prédios no outro lado da rua. Enfim estava clareando? Talvez encontrasse um café popular que abrisse cedo. Pediria o desjejum e aguardaria até que o centro de alistamento começasse a funcionar. Como não comera quase nada nos dois dias anteriores, ficou com água na boca ao pensar em ovos com bacon.

Um rosto branco subitamente pairou à sua frente. Ela soltou um gritinho de pavor e percebeu ser um jovem num traje a rigor.

– Olá, boneca.

Margaret se apressou em levantar. Detestava bêbados; não tinham a menor dignidade.

– Por favor, vá embora – murmurou.

Bem que tentou se mostrar firme, mas sua voz soou trêmula. O homem chegou mais perto, cambaleante.

– Quero que você me dê um beijo.

– Claro que não! – exclamou Margaret, horrorizada.

Ela deu um passo para trás, tropeçou, deixou cair os sapatos. Sentiu-se desamparada, vulnerável. Virou-se e abaixou-se, tateando à procura dos calçados. O rapaz soltou uma risada jovial. No instante seguinte, para seu pavor, ele começou a apalpá-la rudemente entre as coxas. Margaret se empertigou, sem encontrar os sapatos, e recuou. Virando-se para ele, gritou:

– Fique longe de mim!

O homem gargalhou.

– Isso mesmo. Continue. Gosto de garotas difíceis.

Com surpreendente agilidade, agarrou Margaret pelos ombros e puxou-a. O bafo de álcool a envolveu numa bruma nauseante

e, de repente, ele a beijava na boca.

Era indescritivelmente repulsivo. Margaret teve vontade de vomitar, mas o homem a apertava tanto que ela mal conseguia respirar, muito menos protestar. Debateu-se em vão, enquanto ele a babava toda. O rapaz, então, segurou-lhe um dos seios. Apertou-o de forma tão brutal que ela ofegou de dor. Como ele largara seu ombro, Margaret pôde se virar um pouco e começou a gritar.

Gritou bem alto e por um longo tempo.

Escutou vagamente o rapaz balbuciar, preocupado:

– Calma, calma, também não precisa ficar assim. Não queria lhe fazer nenhum mal.

Mas Margaret estava em pânico e não deu ouvidos a qualquer argumentação, continuando a berrar. Rostos surgiram na escuridão: um transeunte com roupas de operário, uma mulher decaída com cigarro e bolsa e alguém numa janela, na casa atrás deles. O bêbado desapareceu na noite e Margaret começou a chorar. Em seguida, soaram botinas correndo e ela viu o feixe de luz estreito de uma lanterna e o capacete de um guarda.

O guarda iluminou o rosto de Margaret e a mulher decaída murmurou:

– Ela não é uma de nós, Steve.

– Qual é o seu nome, garota? – perguntou o policial.

– Margaret Oxenford.

– Um grã-fino pensou que fosse uma prostituta – informou o operário. – Foi isso que aconteceu.

Satisfeito, ele foi embora.

– *Lady* Margaret Oxenford? – insistiu o guarda.

Margaret fungou, desolada, e assentiu.

– Eu *disse* que ela não era uma de nós – comentou a mulher, dando uma tragada.

Depois de jogar a guimba no chão, pisou nela e desapareceu.

– Venha comigo, milady – pediu o guarda. – Está tudo bem agora.

Margaret enxugou o rosto com a manga. O policial lhe ofereceu o braço e ela aceitou. Ele acendeu novamente a lanterna e começaram a andar. Depois de um momento, Margaret estremeceu e murmurou:

– Aquele homem horrível...

– Não se pode culpá-lo – disse ele, em tom jovial, não demonstrando a menor simpatia. – Aquela é a rua de pior fama em Londres. Supõe-se que qualquer moça sozinha ali só pode ser uma dama da noite.

Margaret achou que ele tinha razão, embora parecesse um tanto injusto.

A lâmpada azul familiar de uma delegacia surgiu no crepúsculo da manhã.

– Você se sentirá melhor com uma boa xícara de chá – garantiu o guarda.

Entraram. Dois policiais estavam atrás de um balcão, um de meia-idade e corpulento, o outro jovem e magro. Havia um banco de madeira encostado na parede dos dois lados do saguão. Só se via mais uma pessoa ali: uma mulher pálida de chinelo, sentada, com um lenço na cabeça, aguardando com uma paciência resignada.

O salvador de Margaret conduziu-a para o outro banco, dizendo:

– Sente-se aí e espere um instante.

Margaret obedeceu. O guarda foi até o balcão e falou com o homem mais velho:

– Sargento, aquela é lady Margaret Oxenford. Meteu-se numa briga com um bêbado na Bolting Lane.

– O sujeito deve ter pensado que ela estava no jogo.

Margaret se impressionou com a variedade de eufemismos para a prostituição. As pessoas pareciam ter horror a chamar a

atividade pelo que era, preferiam se referir de forma indireta. Ela mesma só tomara conhecimento disso da maneira mais vaga possível; na verdade, até aquela noite, nem mesmo acreditava que realmente existia. Mas as intenções do jovem não tinham sido nada vagas.

O sargento olhou para Margaret com evidente interesse e sussurrou algo que ela não conseguiu ouvir. Steve assentiu e desapareceu nos fundos do prédio.

Margaret se deu conta de que deixara os sapatos na rua e havia buracos nas meias. Começou a ficar preocupada: não poderia se apresentar no centro de recrutamento naquele estado. Talvez pudesse voltar para buscar os calçados assim que clareasse de verdade, mas era bem possível que não os encontrasse mais. Precisava também, desesperadamente, de um banho e de um vestido limpo. Seria terrível ser recusada pelo STA depois de tudo o que fizera. Mas onde poderia se arrumar? Pela manhã, nem mesmo a casa de tia Martha seria segura. O pai talvez já tivesse aparecido lá à sua procura. Será que todo o seu plano iria desmoronar por causa de um par de sapatos?

O guarda voltou com uma caneca grossa de cerâmica. O chá era fraco, tinha açúcar demais, mas Margaret tomou, agradecida. Restaurou sua determinação. Podia superar os problemas. Precisaria sair dali assim que acabasse de beber. Procuraria um bairro pobre e encontraria uma loja que vendesse roupas baratas, pois ainda lhe restavam alguns xelins. Compraria um vestido, sandálias e um conjunto de roupas de baixo. Iria a uma casa de banho público, trataria de se lavar, trocaria de roupa. Assim ficaria pronta para ingressar no Exército.

Enquanto ela formulava o plano, houve um barulho no lado de fora e, momentos depois, alguns jovens entraram na delegacia. Estavam bem-vestidos, alguns a rigor, outros de terno comum. Margaret logo percebeu que arrastavam um companheiro relutante. Um dos homens começou a gritar para o sargento no

balcão, que no mesmo instante o interrompeu com uma voz autoritária:

– Tudo bem, tudo bem, fiquem quietos! Vocês não estão num campo de rúgbi... Aqui é uma delegacia!

A algazarra diminuiu um pouco, mas não o suficiente para o sargento, que acrescentou berrando:

– Se não se comportarem, vou meter todos vocês atrás das grades! CALEM A BOCA!

Eles se aquietaram e soltaram o prisioneiro, que ficou imóvel, com uma expressão soturna. O sargento apontou para um dos jovens, de cabelos escuros, mais ou menos da idade de Margaret.

– Você... Conte o que aconteceu.

O homem apontou para o prisioneiro.

– Este miserável levou minha irmã a um restaurante, depois foi embora sem pagar a conta! – exclamou, indignado, com um sotaque burguês.

Margaret percebeu que seu rosto era vagamente familiar. Torceu para que ele não a reconhecesse: seria humilhante demais se as pessoas soubessem que fora salva por um policial depois de fugir de casa.

– Ele se chama Harry Marks e deve ser preso – acrescentou outro jovem, de terno listrado.

Margaret fitou o acusado com interesse. Era um rapaz de extraordinária beleza, louro, com 22 ou 23 anos, de feições regulares. Usava um smoking muito elegante, embora um tanto amarrotado. Olhou ao redor com uma expressão insolente e disse:

– Esses sujeitos estão bêbados.

O jovem de terno listrado explodiu:

– Podemos estar bêbados, mas ele é um cafajeste... e um ladrão! Vejam só o que encontramos no seu bolso! – Ele jogou algo em cima do balcão. – Estas abotoaduras foram roubadas de

sir Simon Monkford no início da noite.

– Tudo bem, tudo bem – disse o sargento. – Então ele é acusado de furto e de obter uma vantagem pecuniária por fraude, ou seja, não pagar a conta do restaurante. Mais alguma coisa?

– Não é suficiente para você?

O sargento apontou o lápis para o rapaz.

– Não se esqueça de onde está, filho. Pode ter nascido em berço de ouro, mas isto é uma delegacia e, se não falar com respeito, vai passar o resto da noite numa cela.

O rapaz ficou aturdido e não disse mais nada. O sargento se virou para o que se manifestara primeiro.

– Pode fornecer todos os detalhes das duas acusações? Preciso de nome e endereço do restaurante, nome e endereço da sua irmã, mais nome e endereço da parte que possui as abotoaduras.

– Claro, posso informar tudo. O restaurante...

– Ótimo. Você fica aqui. – O sargento apontou para o acusado e acrescentou: – E você pode se sentar. – Ele acenou para os outros rapazes. – E vocês podem ir para casa.

Todos pareceram um tanto perplexos. A grande aventura terminara num anticlímax. Por um momento, nenhum deles se mexeu.

– Vamos logo, saiam daqui! – ordenou o sargento.

Margaret nunca ouvira tanta grosseria em um só dia. Os jovens se retiraram, murmurando. O rapaz de terno listrado ainda protestou:

– Trazemos um ladrão à justiça e somos tratados como criminosos!

Mas ele já passava pela porta antes mesmo de acabar a frase. O sargento começou a interrogar o jovem de cabelos escuros, tomando anotações. Harry Marks ficou de pé ao seu lado por um momento, depois se afastou, impaciente. Avistou Margaret, lançou-lhe um sorriso radiante e sentou-se ao seu

lado.

– Tudo bem com você, garota? O que faz aqui, a esta hora?

Margaret ficou desconcertada. Ele mudara por completo. A atitude altiva e a fala refinada haviam desaparecido e o rapaz agora tinha a mesma postura do sargento. Por um instante, a surpresa a deixou sem palavras.

Harry lançou um olhar avaliador para a porta, como se pensasse em fugir. Tornou a fitar o balcão e constatou que o guarda mais moço, que ainda não dissera uma só palavra, vigiava-o atentamente. O jovem pareceu desistir da ideia e se virou de novo para Margaret.

– Quem lhe deu esse olho roxo? Seu velho?

Margaret recuperou a voz e murmurou:

– Eu me perdi no blecaute e bati numa caixa de correio.

Foi a vez de Harry se surpreender. Tomara-a por uma jovem proletária. Agora, ouvindo seu sotaque, compreendeu o erro. Sem piscar, reverteu à personalidade anterior.

– Pois eu digo que é muito azar!

Margaret ficou fascinada. Como era aquele homem de verdade? Ele recendia a água-de-colônia. Os cabelos eram bem cortados, embora um pouco compridos. Usava um terno azul-escuro, ao estilo de Eduardo VIII, com meias de seda e sapatos de verniz. As joias eram da melhor qualidade: botões de diamantes no peitilho da camisa, abotoaduras combinando, um relógio de ouro com pulseira de couro de crocodilo e um anel com sinete no dedo mínimo da mão esquerda. As mãos eram grandes e pareciam fortes, mas com as unhas absolutamente limpas.

– Saiu mesmo do restaurante sem pagar? – perguntou ela em voz baixa.

Ele a fitou, examinando-a, depois pareceu chegar a uma decisão.

– Saí – respondeu Harry, num tom conspirador.

– Mas por quê?

– Porque, se escutasse por mais um minuto Rebecca Maugham-Flint falar de seus malditos cavalos, acho que não seria mais capaz de resistir ao impulso de agarrá-la pelo pescoço e estrangulá-la.

Margaret riu, pois a conhecia. Era uma jovem grande e feia, filha de um general, com o comportamento exuberante do pai e a voz de quem comanda uma parada militar.

– Posso imaginar – comentou ela.

Seria difícil pensar em uma companhia mais imprópria para um jantar com o atraente Sr. Marks. O guarda Steve apareceu e recolheu a caneca vazia das mãos dela.

– Está se sentindo melhor, lady Margaret?

Pelo canto dos olhos, percebeu que Harry Marks reagiu ao título.

– Muito melhor, obrigada – respondeu ela.

Por um momento, ao conversar com Harry, esquecera dos próprios problemas, mas agora se lembrava de tudo o que tinha planejado e acrescentou:

– Vocês têm sido muito gentis, mas agora preciso ir, pois devo tratar de coisas mais importantes.

– Não há necessidade de se apressar. Seu pai, o marquês, já está vindo buscá-la.

O coração de Margaret parou. Como era possível? Ficara absolutamente convencida de que estava segura. Subestimara o pai! Agora, sentia-se tão assustada quanto no momento em que caminhara pela rua, na direção da estação ferroviária. O pai a procurava, encontrava-se a caminho da delegacia naquele momento! Ela começou a tremer e disse em voz alta, muito tensa:

– Como ele sabe onde estou?

O jovem guarda parecia orgulhoso.

– Sua descrição circulou ontem, no fim da tarde. Eu a li

quando entrei de serviço. Não a reconheci em meio ao blecaute, mas me lembrei do nome. A instrução era comunicar imediatamente ao marquês, então liguei para ele assim que chegamos aqui.

Margaret se levantou com o coração disparado.

– Não vou esperar por ele. Já é dia agora.

O guarda ficou nervoso.

– Espere um pouco. – Ele se virou para o balcão. – Sargento, ela não quer esperar o pai.

– Não podem obrigá-la a permanecer aqui – disse Harry a Margaret. – Não é crime fugir de casa na sua idade. Se quiser ir embora, basta sair.

Margaret estava apavorada, achando que encontrariam algum pretexto para detê-la. O sargento pôs-se de pé e contornou o balcão.

– Ele tem razão. Pode ir embora no momento em que quiser.

– Obrigada – murmurou Margaret, agradecida.

O sargento sorriu.

– Mas você não tem sapatos e as meias estão esburacadas. Se quer ir embora antes de seu pai chegar, pelo menos deixe-nos chamar um táxi.

Margaret refletiu por um momento. Telefonaram para o pai assim que ela chegara à delegacia, mas isso ocorrera havia menos de uma hora. O pai só conseguiria alcançá-la no mínimo dali a uma hora.

– Está bem. Obrigada!

Ele abriu uma porta no saguão.

– Ficaré mais confortável aqui dentro enquanto espera o táxi.

O sargento acendeu a luz. Margaret preferia continuar onde se encontrava, conversando com o fascinante Harry Marks, mas também não queria recusar a gentileza, ainda mais depois que ele cedera.

– Obrigada.

Ao se encaminhar para a porta, ouviu Harry comentar:

– Não dá para imaginar ninguém mais idiota.

Ela entrou na pequena sala. Havia algumas cadeiras e um banco, uma lâmpada exposta que pendia do teto e uma janela gradeada. Não entendeu por que o sargento achava que ali seria mais confortável.

Quando se virou para dizer isso, a porta foi fechada na sua cara. Um pressentimento de desastre encheu-lhe o coração de pavor. Avançou para a porta e seu medo foi confirmado: ela ouviu uma chave girar na fechadura. Sacudiu a maçaneta furiosamente. A porta não abriu.

Margaret deixou a cabeça pender sobre a porta, desesperada. Ouviu uma risada grave do outro lado, depois a voz de Harry, abafada mas compreensível:

– Seu canalha!

– Cale essa boca! – berrou o sargento, abandonando toda a gentileza.

– Você não tem o direito de fazer isso, sabe muito bem.

– O pai dela é um maldito marquês e isso é tudo que me importa.

E nada mais se falou.

Margaret compreendeu que sofrera uma derrota. Sua grande fuga fracassara. Fora traída pelas pessoas que pensara que a ajudavam. Estivera livre por algum tempo, mas agora tudo tinha acabado. Não ingressaria no STA naquele dia, pensou, angustiada: em vez disso, embarcaria no Clipper, voaria para Nova York, fugiria da guerra. Depois de tudo o que enfrentara, seu destino continuava inalterado. Era desesperadamente injusto.

Após um longo momento, afastou-se da porta e deu alguns passos até a janela. Podia ver um pátio vazio e um muro de tijolos. Ficou parada ali, impotente, olhando pelas grades o dia clarear, à espera do pai.



Eddie Deakin fez uma verificação final no Clipper. Os quatro motores Wright Cyclone de 1.500 cavalos brilhavam com o óleo, cada um da altura de um homem. Todas as 56 velas de ignição haviam sido substituídas. Num súbito impulso, ele tirou um medidor de espessura do bolso do macacão e o inseriu no encaixe do motor, entre a borracha e o metal, a fim de averiguar a junção. A vibração do longo voo impunha uma tremenda tensão à substância aderente. Mas o aparelho não penetrou nem por meio centímetro: os encaixes estavam firmes.

Ele fechou a escotilha e desceu a escada. Enquanto o avião fosse levado de volta à água, tiraria o macacão, tomaria banho e vestiria o uniforme da Pan American.

O sol brilhava quando Eddie saiu das docas e subiu a ladeira para o hotel onde a tripulação ficava durante a escala. Sentia orgulho da aeronave e do trabalho que realizava. As tripulações do Clipper constituíam uma elite, os melhores homens da empresa, pois o novo serviço transatlântico era a linha de maior prestígio. Podia dizer que fora um dos primeiros a sobrevoar o Atlântico.

Entretanto, planejava desistir de tudo muito em breve. Tinha 30 anos, era casado havia um ano e Carol-Ann estava grávida. Voar era ótimo para um homem solteiro, mas ele não ia passar a vida longe da esposa e dos filhos. Vinha economizando e já possuía quase o suficiente para abrir um negócio. Tinha uma opção para um terreno perto de Bangor, no Maine, que daria uma pista de pouso perfeita. Faria manutenção de aviões e venderia combustível, mais tarde poderia até comprar uma aeronave para fretar. Secretamente, sonhava com o dia em que teria uma companhia aérea, como o pioneiro Juan Trippe, fundador da Pan American.

Entrou no terreno do Langdown Lawn Hotel. Era muita sorte

da tripulação contar com um estabelecimento tão agradável a pouco mais de um quilômetro do complexo da Imperial Airways. Era uma típica casa de campo inglesa, dirigida por um simpático casal, que agradava a todos os hóspedes e servia o chá no gramado, nas tardes de sol.

No saguão, Eddie encontrou o engenheiro assistente, Desmond Finn. Todos o chamavam de Mickey Finn, em referência ao nome pelo qual eram conhecidas as bebidas alcoólicas a que se misturavam drogas. O colega lembrava o fotógrafo Jimmy Olsen das histórias do Super-Homem: era do tipo feliz e despreocupado, com um largo sorriso e uma tendência a venerar Eddie, que ficava constrangido.

Mickey estava falando ao telefone e, ao avistar Eddie, disse:

– Espere um instante. Você está com sorte. Ele acabou de chegar. – Estendendo o telefone para o colega, Mickey explicou:
– Ligação para você.

Ele subiu, dando privacidade a Eddie.

– Alô?

– É Edward Deakin?

Eddie franziu a testa: não reconhecia a voz e ninguém o chamava de Edward.

– Isso mesmo. Sou Eddie Deakin. Quem é?

– Espere um instante. Sua esposa vai falar.

O coração de Eddie disparou. Por que Carol-Ann telefonaria dos Estados Unidos? Alguma coisa estava errada. Um momento depois, ouviu a voz dela:

– Eddie?

– Oi, meu bem. O que aconteceu?

Ela desatou a chorar.

Toda uma série de terríveis justificativas aflorou na mente de Eddie: a casa pegara fogo, alguém morrera, ela se machucara em algum acidente, sofrera um aborto...

– Fique calma, Carol-Ann. Você está bem?

– Eu não... estou... machucada... – falou ela entre soluços.
– O que houve, então? – indagou Eddie, assustado. – O que aconteceu? Tente me contar, querida.

– Esses homens... entraram na casa.

Eddie sentiu um arrepio de pavor.

– Que homens? O que eles fizeram?

– Me obrigaram a entrar num carro.

– Mas quem são eles? – Seu peito doía de raiva e ele precisava fazer um grande esforço para respirar. – Eles a machucaram?

– Estou bem, Eddie... mas estou apavorada.

Ele não sabia o que dizer. Sua cabeça se encheu de perguntas. Homens tinham invadido a casa e obrigaram Carol-Ann a entrar num carro! O que estava acontecendo?

– M-Mas... por quê? – balbuciou Eddie, por fim.

– Não me contaram.

– O que disseram?

– Eddie, você precisa fazer o que eles querem. Isso é tudo o que sei.

Mesmo com raiva e medo, Eddie ouviu as palavras do pai: “Nunca assine um cheque em branco.” Mesmo assim, não hesitou:

– Farei qualquer coisa. Mas o que...

– Prometa!

– Prometo.

– Graças a Deus!

– Quando tudo isso aconteceu?

– Há duas horas.

– Onde você está agora?

– Estamos numa casa não muito longe... – Sua esposa deu um grito aterrorizado.

– Carol-Ann! O que houve? Você está bem?

Não houve resposta. Furioso, assustado e impotente, Eddie

apertou o fone com o máximo de força. Então a voz masculina anterior voltou à linha:

– Quero que me escute com toda a atenção, Eddie.

– Não, seu imbecil, você é que vai me escutar! Juro por Deus que vou matá-lo se machucar minha esposa! Vou encontrá-lo nem que precise procurar pelo resto da vida, e quando isso acontecer, seu canalha, vou arrancar sua cabeça com as mãos! Está me entendendo?

Houve um momento de silêncio, como se o homem no outro lado da linha não esperasse por essa explosão, mas então veio a resposta:

– Não banque o durão, Eddie, pois você está muito longe.

Ele parecia um pouco abalado, mas estava certo. Eddie nada podia fazer.

– Apenas preste atenção – acrescentou o homem.

Eddie teve que se esforçar para ficar calado.

– Você vai receber as instruções no avião, de um homem chamado Tom Luther.

No avião! O que significava aquilo? Tom Luther era um passageiro?

– Mas o que vocês querem que eu faça? – indagou Eddie.

– Cale a boca. Luther lhe explicará tudo. E é melhor você seguir as ordens ao pé da letra se quiser ver sua esposa outra vez.

– Como vou saber...

– E mais uma coisa, Eddie: não avise a polícia. Não daria certo. Se você avisar, vou comer sua mulher só para sacaneá-lo.

– Seu filho da puta! Eu vou...

A ligação caiu.

CAPÍTULO TRÊS

HARRY MARKS ERA o homem mais sortudo do mundo.

A mãe sempre lhe dissera isso. Embora o pai tivesse morrido na Grande Guerra, ele fora criado por uma mãe forte e capaz. Ela fazia faxina em escritórios para sobreviver e, durante toda a Depressão, nunca ficara sem trabalho. Moravam num cortiço em Battersea, com uma torneira de água fria em cada andar e latrinas externas, mas eram cercados por bons vizinhos, pessoas que se ajudavam nos momentos difíceis. Harry tinha um jeito todo especial para escapar de encrencas. Quando os meninos eram punidos na escola, a vara da professora quebrava pouco antes de alcançá-lo. Podia cair sob um cavalo e uma carroça que eles passariam acima dele sem tocá-lo.

Foi o seu amor por joias que o transformou num ladrão.

Quando adolescente, adorava andar pelas opulentas ruas comerciais do West End, contemplando as vitrines das joalherias. Sentia-se fascinado pelos diamantes e outras pedras preciosas que faiscavam nas almofadas de veludo, sob as luzes fortes do mostruário. Apreciava as joias por sua beleza e por simbolizarem um estilo de vida sobre o qual lera em livros: uma vida de casas de campo espaçosas, com extensos gramados, onde lindas moças – chamadas, por exemplo, de lady Penelope e Jessica Chumley – jogavam tênis a tarde inteira e entravam em casa ofegantes para tomar chá.

Tornara-se aprendiz de joalheiro, mas acabou deixando o emprego, entediado e irrequieto, depois de seis meses. Consertar correntes quebradas de relógio e alargar alianças de casamento para esposas com sobrepeso não tinha o menor encanto. Mas aprendera a distinguir um rubi de uma granada

vermelha, uma pérola natural de uma cultivada e um diamante com lapidação moderna de outro do século XIX. Também descobrira a diferença entre um engaste apropriado e outro feio, entre um modelo gracioso e uma peça de ostentação de mau gosto. A capacidade de discriminar intensificara ainda mais o seu desejo por lindas joias e pelo estilo de vida que as acompanhava.

Acabara encontrando um meio de satisfazer as duas coisas por meio de moças como Rebecca Maugham-Flint.

Ele a conhecera em Ascot. Muitas vezes fazia contato com as jovens ricas nas corridas de cavalos. O ambiente ao ar livre e a multidão lhe permitiam pairar entre os dois grupos de jovens aficionados, de tal maneira que cada um o considerava integrante do outro aglomerado. Rebecca era uma moça alta e nariguda que estava usando um horrível vestido de jérsei cheio de rufos e um chapéu de Robin Hood com uma pluma. Nenhum dos rapazes ao seu redor lhe dispensava atenção e ela se mostrou grata, quase comovida, quando Harry puxou conversa.

Ele não se tornou próximo de imediato, pois era melhor não parecer ansioso. Mas quando tornou a encontrá-la, um mês depois, numa galeria de arte, ela o cumprimentou como a um velho amigo e o apresentou à mãe.

Moças como Rebecca não deveriam ir com rapazes a cinemas e restaurantes sem um acompanhante – só atendentes de lojas e operárias faziam isso. Assim, sempre mentiam para os pais, dizendo que sairiam com um grupo de amigos, e para que parecesse apropriado, em geral iniciavam a noite em um coquetel. Depois, com toda a discrição, podiam se separar em casais. Era o ideal para Harry: como não cortejava Rebecca oficialmente, os pais da jovem não viam necessidade de investigar melhor suas origens, jamais questionando as histórias vagas que ele contava a respeito de uma casa de campo em Yorkshire, a escola pública na Escócia, a mãe inválida que vivia no sul da França e uma iminente designação para ser oficial da

Real Força Aérea, mais conhecida na Inglaterra como RAF.

Harry descobriu que as histórias vagas eram comuns na alta sociedade, contadas por rapazes que não queriam admitir ser desesperadamente pobres, ter pais irremediavelmente bêbados ou vir de famílias desgraçadas por um escândalo. A família só se dava o trabalho de desmascará-los quando apresentavam sinais de uma afeição séria por uma moça bem-nascida.

Dessa maneira indefinida, Harry vinha saindo com Rebecca havia três semanas. Ela o convidou para um fim de semana em Kent. Ele jogou críquete e roubou dinheiro dos outros hóspedes, que ficaram constrangidos demais para comunicar o furto, com medo de ofender os anfitriões. Rebecca também o levou a vários bailes, onde Harry afanou carteiras e esvaziou bolsas. Além disso, ao visitar a casa dela, pegou pequenas quantias, alguns talheres de prata e três bonitos broches vitorianos, mas a mãe de Rebecca ainda nem notara o desaparecimento.

Para Harry, não havia nada de imoral em seu comportamento, pois as pessoas de quem roubava não mereciam a riqueza que possuíam. A maioria nunca trabalhara por um dia sequer. Os poucos que tinham emprego usavam suas conexões nas escolas públicas para conseguir trabalhos fáceis com uma remuneração exorbitante – eram diplomatas, presidentes de empresas, juízes ou parlamentares conservadores. Roubar de pessoas assim era como matar nazistas: um serviço público, não um crime.

Harry fazia isso havia dois anos e sabia que não poderia continuar para sempre. O mundo da alta sociedade inglesa podia ser amplo, mas era limitado, e alguém ainda iria desmascará-lo. A guerra estourara no momento em que ele se preparava para encontrar outro meio de vida.

Contudo, não ingressaria no Exército como um soldado raso. Comida péssima, roupas que dão coceira e disciplina militar não eram para ele. Além do mais, ficaria com uma aparência péssima naquele uniforme verde-oliva. O azul da RAF, no entanto,

combinava com seus olhos e Harry podia facilmente se imaginar como um piloto. Portanto, seria um oficial. Ainda não sabia como, mas daria um jeito: afinal, era um homem de sorte.

No meio-tempo, decidiu usar Rebecca para entrar em mais uma casa rica antes de abandoná-la.

Iniciaram a noite numa recepção na casa de Belgravia de sir Simon Monkford, um rico editor. Harry passou algum tempo com a ilustre Lydia Moss, a filha gorda de um conde escocês. Desajeitada e solitária, era o tipo de moça mais vulnerável a seu charme. Ele a encantou por cerca de vinte minutos, apenas por uma questão de hábito. Depois, conversou um pouco com Rebecca, a fim de mantê-la dócil. Então concluiu que chegara o momento de entrar em ação.

Pediu licença e deixou a enorme sala de estar onde se dava a festa, no segundo andar. Ao atravessar o patamar e subir a escada, Harry sentiu a adrenalina que sempre o invadia quando estava prestes a realizar um serviço. A ideia de que ia roubar os anfitriões, correndo o risco de ser pego em flagrante e desmascarado como um impostor, enchia-o de medo e empolgação.

Chegou ao andar superior e seguiu pelo corredor até a parte frontal da casa. A última porta era provavelmente a da suíte principal, pensou ele. Abriu-a e viu um quarto grande, com cortinas estampadas e uma colcha rosa. Já ia entrar quando outra porta se abriu e uma voz gritou num tom de desafio:

– Mas o que está fazendo?

Harry virou-se, mais tenso ainda. Avistou um homem mais ou menos de sua idade, saindo para o corredor e fitando-o com uma expressão de curiosidade. Como sempre, as palavras certas lhe ocorreram no momento necessário:

– Ah, então é aí?

– Como?

– É aí o banheiro?

O rosto do homem se desanuviou.

– Ah, entendo. O senhor procura a porta verde, na outra extremidade do corredor.

– Muito obrigado.

– De nada.

Harry foi andando pelo corredor e comentou:

– Uma linda casa.

– Também acho.

O homem desceu a escada e desapareceu. Harry se permitiu um sorriso satisfeito. As pessoas podiam ser muito ingênuas.

Ele retrocedeu e entrou no cômodo rosa. Como sempre, havia ali uma suíte. A cor indicava que eram os aposentos de lady Monkford. Um rápido levantamento revelou um pequeno quarto de vestir de um lado, também decorado em rosa, um aposento adjacente menor com poltronas de couro e papel de parede listrado e, mais além, um quarto de vestir masculino. Os casais da alta sociedade, Harry já aprendera, quase sempre dormiam separados. Ele ainda não sabia se isso acontecia porque faziam menos sexo do que as classes trabalhadoras ou porque se sentiam na obrigação de usar todos os cômodos das vastas casas.

O quarto de vestir de sir Simon era mobiliado com um guarda-roupa e uma cômoda, ambos de mogno. Dentro do móvel menor, em um pequeno porta-joias de couro, havia diversos botões de peitilho, prendedores de colarinho e abotoaduras que não estavam arrumados da forma impecável de costume. A maioria era comum, mas os olhos perspicazes de Harry se iluminaram ao contemplar um par de abotoaduras de ouro com rubis incrustados. Enfiou-as no bolso. Ao lado da caixa de joias havia uma carteira de couro com cerca de dez notas de 5 libras. Harry pegou quatro e sentiu-se satisfeito consigo mesmo. Muito fácil, pensou. A maioria das pessoas precisaria trabalhar duro por dois meses numa fábrica sórdida para ganhar 20 libras.

Ele nunca roubava tudo. A ausência de poucos itens sempre gerava dúvida. As pessoas pensavam ter perdido uma joia ou se equivoocado sobre o dinheiro na carteira, e com isso hesitavam em comunicar o delito.

Harry fechou a gaveta e passou para o quarto de lady Monkford. Sentiu-se tentado a sair naquele momento, com o saque proveitoso que já obtivera, mas decidiu se arriscar por mais alguns minutos. De modo geral, as mulheres possuíam joias melhores que as dos maridos. Lady Monkford podia ter safiras – Harry as adorava.

Era uma noite agradável e uma janela estava aberta. Harry olhou através dela e viu uma pequena varanda, com uma grade de ferro batido. Foi para o quarto de vestir e sentou-se à penteadeira. Abriu todas as gavetas e encontrou diversas caixas e bandejas de joias. Começou a examiná-las rapidamente, atento ao menor ruído que indicasse a chegada de alguém.

Lady Monkford não era uma mulher de bom gosto. Apesar de bonita, não chegava a ser sedutora, na opinião de Harry. Ela – ou o marido – preferia joias extravagantes, um tanto ordinárias. As pérolas não combinavam e só se viam broches grandes e feios, brincos horríveis e pulseiras espalhafatosas. Harry ficou desapontado.

Hesitante em levar um pingente um tanto atraente, ouviu a porta do quarto se abrir.

Com um frio na barriga, ele ficou imóvel, tentando pensar depressa.

A única porta daquele cômodo dava para o quarto de dormir. Havia uma janela pequena, mas fechada, e provavelmente não conseguiria abri-la rápido o suficiente sem fazer barulho. Especulou se haveria tempo para se esconder no guarda-roupa.

De onde estava, não via a porta do outro cômodo. Ouvia-a se fechar de novo, depois uma mulher tossindo, passos leves sobre o tapete. Inclinou-se em direção ao espelho e descobriu que

conseguia visualizar o interior do aposento adjacente. Lady Monkford entrara e se encaminhava para o quarto de vestir. Não haveria tempo nem para fechar as gavetas.

Harry ofegava. Estava paralisado de medo, mas já se achara em situações parecidas. Esperou apenas por mais um instante, forçando-se a normalizar a respiração, acalmando a mente. Então entrou em ação.

Levantou-se, passou apressado para o quarto e disse:

– Incrível!

Lady Monkford estacou abruptamente no meio do cômodo. Levou a mão à boca e deixou escapar um gritinho.

Uma cortina estampada agitou-se à brisa que entrava pela janela aberta e Harry teve uma súbita inspiração.

– Incrível! – repetiu, soando um pouco aturdido. – Acabo de ver alguém pular pela janela de seu quarto.

Ela recuperou a voz:

– Como assim? E o que está fazendo no meu quarto?

Dando sequência ao papel, Harry foi até a janela e olhou para fora.

– Já desapareceu!

– Explique-se, por favor!

Harry respirou fundo, como se organizasse os pensamentos. Lady Monkford tinha cerca de 40 anos e era uma mulher agitada, usando agora um vestido de seda verde. Se ele mantivesse a calma, poderia controlá-la. Abriu um sorriso charmoso, assumiu a personalidade de um colegial exuberante, um tanto além da idade – do tipo que jogava rúgbi e ela devia conhecer muito bem –, e começou a envolvê-la com mentiras.

– Foi a coisa mais estranha. Eu estava no corredor quando vi um sujeito esquisito espiando este cômodo. Ele me notou e recuou, apressado. Eu sabia que era o quarto da senhora porque já tinha dado uma olhada aqui sem querer ao procurar pelo banheiro. E me perguntei o que ele estaria fazendo. Não parecia

um dos seus criados e certamente não era um convidado. Por isso, vim interrogá-lo. Quando abri a porta, ele saltou pela janela. – Para explicar as gavetas ainda abertas na penteadeira, Harry acrescentou: – Acabei de dar uma olhada em seu quarto de vestir e, infelizmente, não resta a menor dúvida de que ele estava atrás das joias.

Foi uma manobra brilhante, pensou, cheio de orgulho de si mesmo. Eu deveria trabalhar no rádio.

Lady Monkford pôs a mão na testa.

– Oh, que coisa horrível!

– Sente-se, é melhor – sugeriu Harry, solícito.

Ele a ajudou a se acomodar numa pequena cadeira rosa.

– Sinto um calafrio só de pensar! Se você não o tivesse expulsado, ele ainda estaria aqui quando entrei! Oh, acho que vou desmaiar!

Lady Monkford pegou a mão de Harry e a apertou com toda a força.

– Não pode imaginar como estou agradecida!

Harry conteve um sorriso. Conseguiu escapar mais uma vez. E pensou adiante. Não queria que ela fizesse estardalhaço. O ideal seria que lady Monkford guardasse o incidente só para si.

– Não conte a Rebecca o que aconteceu, está bem? Ela tem problemas nervosos e uma coisa assim pode deixá-la abatida por semanas.

– Eu também – murmurou lady Monkford. – Semanas!

Ela estava transtornada demais para pensar que a musculosa e enérgica Rebecca não era nada propensa a ataques de nervos.

– A senhora provavelmente terá que chamar a polícia, mas isso acabaria com a festa.

– Oh, Deus... Isso seria horrível! Precisamos *mesmo* chamar a polícia?

– Bom... – Harry se esforçou para não deixar transparecer sua satisfação. – Depende do que o patife roubou. Não quer

verificar?

– Oh, Deus, é a melhor coisa a fazer agora.

Harry apertou a mão de lady Monkford como se a encorajasse, depois a ajudou a se levantar. Foram para o quarto de vestir. Ela soltou uma exclamação consternada ao ver as gavetas abertas. Harry conduziu-a até o banco. A senhora começou a verificar as joias. Depois de um momento, murmurou:

– Não acho que tenha levado muita coisa.

– Talvez eu o tenha surpreendido antes que começasse.

Lady Monkford continuou a examinar os colares, as pulseiras e os broches.

– Acho que foi isso mesmo. Como você foi maravilhoso!

– Se não perdeu nada, então não precisa contar a ninguém.

– A não ser a sir Simon, é claro.

– Claro – concordou Harry, embora esperasse o contrário. – Pode lhe contar depois que a festa terminar. Assim, não estragará a noite.

– Uma excelente ideia! – exclamou ela, agradecida.

O imprevisto surtira um efeito mais do que satisfatório. Harry experimentou um imenso alívio. Resolveu ir embora enquanto ainda estava na vantagem.

– É melhor eu descer. Vou deixá-la aqui recuperando o fôlego.

Ele se inclinou e beijou-a no rosto. Lady Monkford foi pega de surpresa e corou. Harry sussurrou em seu ouvido:

– Acho que a senhora é muito corajosa.

Assim, ele saiu. As mulheres de meia-idade são ainda mais fáceis de manipular que as filhas, pensou. No corredor vazio, contemplou-se num espelho. Parou para ajustar a gravata-borboleta e sorriu para o reflexo, triunfante.

– Você é demais, Harold.

A festa chegava ao fim. Quando Harry voltou à sala de estar, Rebecca indagou, irritada:

– Onde você esteve?

– Conversando com nossa anfitriã. Desculpe. Vamos embora?

Ele deixou a casa com as abotoaduras e as 20 libras no bolso.

Pegaram um táxi na Belgrave Square e foram para um bom restaurante em Piccadilly. Harry adorava estabelecimentos desse tipo: tinha uma profunda sensação de bem-estar em meio a guardanapos limpos e engomados, copos de cristal, cardápios em francês e garçons deferentes. O pai nunca tinha visto o interior de um lugar assim. A mãe só poderia conhecer se entrasse para fazer uma faxina. Ele pediu uma garrafa de champanhe, consultando a lista com a maior atenção e escolhendo uma safra que sabia ser boa, mas não rara, a fim de que o preço não fosse muito alto.

Quando começou a levar moças de classe a restaurantes, cometeu alguns erros, mas logo aprendeu. Um truque útil era deixar o cardápio fechado e dizer: “Estou com vontade de comer um linguado. Vocês servem?” O garçom o abria e indicava os itens *Sole meunière*, *Les goujons de sole avec sauce tartare* e *Sole grillée*. Depois, vendo sua hesitação, quase sempre acrescentava:

– Os *goujons* estão ótimos, senhor.

Harry logo aprendeu as palavras francesas de todos os pratos básicos. Também percebeu que as pessoas que costumavam frequentar aqueles restaurantes muitas vezes perguntavam ao garçom o que significava um prato específico: os ricos ingleses não necessariamente compreendiam francês. Depois disso, fazia questão de solicitar a tradução sempre que comia num restaurante de luxo; agora já conseguia ler um cardápio melhor do que a maioria dos rapazes ricos de sua idade. O vinho também não era um problema. Em geral, os sommeliers ficavam satisfeitos quando alguém pedia uma recomendação e não esperavam que um jovem conhecesse todos os *châteaux* e

communes nem as diferentes safras. Nos restaurantes, como na vida, o truque era parecer à vontade, sobretudo quando não se estava.

O champanhe que Harry escolhera era bom, mas havia algo errado com seu ânimo naquela noite. Não demorou a concluir que o problema era Rebecca. Sempre pensava como seria maravilhoso levar uma garota bonita a um restaurante daqueles. Só saía com moças desinteressantes, feias, gordas, cheias de espinhas e burras. Era fácil se aproximar delas: depois que se apaixonavam, mostravam-se ansiosas em acreditar em tudo o que ele dizia, relutando em fazer perguntas, com medo de perdê-lo. Para entrar nas casas ricas, valia-se de uma estratégia incomparável. O problema era que precisava passar todo o tempo com garotas de que não gostava. Talvez, um dia, tivesse uma oportunidade diferente...

Naquela noite, Rebecca estava de mau humor, descontente. Talvez, depois de saírem regularmente por três semanas, especulasse por que Harry ainda não tentara “ir longe demais”, ou seja, acariciar seus seios. A verdade era que ele não podia fingir que a desejava. Conseguia fasciná-la, mostrar-se romântico, fazer com que ela se apaixonasse, mas era impossível desejá-la. Numa ocasião angustiante, estivera a sós num celeiro com uma garota magra e deprimida, empenhada em perder a virgindade, e tentara possuí-la. O corpo de Harry, porém, se recusara a cooperar e ele ainda se contraía, constrangido, sempre que pensava a respeito.

Sua experiência sexual tinha sido quase toda com moças da própria classe e nenhum dos relacionamentos durara muito; apenas um deles fora profundamente satisfatório. Aos 18 anos, sem a menor vergonha, deixara-se apanhar na Bond Street por uma mulher mais velha, a esposa entediada de um ocupado advogado. Foram amantes por dois anos e aprendera muito: sobre sexo (ela ensinara tudo a ele com o maior entusiasmo),

sobre o comportamento da alta sociedade (ele absorveu tudo discretamente) e sobre poesia, que liam e discutiam na cama. Harry sentia uma profunda afeição pela mulher. Ela terminou o relacionamento de maneira súbita e brutal quando o marido descobriu o caso – mas nunca soube quem era o amante. Desde então, Harry os viu em diversas ocasiões: a mulher sempre olhava através dele, como se não o enxergasse. O rapaz achava cruel essa atitude. A mulher significara muito para ele e parecia apreciá-lo. Tinha uma determinação ferrenha ou era apenas impiedosa? O garoto provavelmente nunca saberia.

O champanhe e a boa comida não estavam contribuindo para animar Harry nem Rebecca. Ele começou a ficar impaciente. Planejava abandoná-la com delicadeza depois daquela noite, mas, de repente, não suportava a perspectiva de passar mais tempo em sua companhia, mesmo que por poucas horas. Gostaria de não ter desperdiçado dinheiro naquele jantar. Contemplou o rosto mal-humorado e sem maquiagem da garota, por baixo daquele chapéu emplumado ridículo, e começou a odiá-la.

Quando terminaram a sobremesa, pediu o café e foi ao banheiro masculino, que ficava ao lado da chapelaria, perto da saída, e não era visível da mesa em que estavam. Harry foi dominado por um impulso irresistível. Pegou seu chapéu, deu uma gorjeta à atendente e saiu do restaurante.

Era uma noite agradável, mas mergulhada no breu, devido ao blecaute. Porém Harry conhecia bem o West End e havia sinais de trânsito para orientá-lo, além das luzes dos carros que passavam. Tinha a sensação de que estava matando aula. Livrara-se de Rebecca, economizara 7 ou 8 libras e ganhara uma noite de folga, tudo de uma vez só.

Os teatros, os cinemas e as boates tinham sido fechados pelo governo “até que se pudesse avaliar a escala do ataque alemão ao Reino Unido”, segundo as autoridades. Mas algumas boates

funcionavam à margem da lei, se a pessoa soubesse onde procurar. Não demorou muito para que Harry estivesse acomodado a uma mesa num porão do SoHo, tomando uísque e assistindo a uma banda americana de jazz da melhor qualidade, aventando a possibilidade de dar uma cantada na moça que vendia cigarros.

Ainda pensava nisso quando o irmão de Rebecca apareceu.



Na manhã seguinte, ele estava numa cela do porão do tribunal, deprimido e arrependido, esperando o momento de ser conduzido à presença de um juiz. Sua situação era crítica.

Sair do restaurante daquele jeito se revelara uma burrice. Rebecca não era do tipo de engolir o orgulho e pagar a conta discretamente. Ela armara a maior confusão, o gerente chamara a polícia, a família havia entrado em cena... Era o tipo de escândalo que Harry sempre tivera o cuidado de evitar. Poderia ter escapado impune se não fosse pelo incrível azar de esbarrar com o irmão de Rebecca duas horas depois.

Harry se encontrava numa cela grande com outros quinze ou vinte prisioneiros que também iriam ao tribunal naquela manhã. Não havia janelas e a fumaça do cigarro era densa. Ele não seria julgado naquele dia; compareceria apenas a uma audiência preliminar.

Acabaria sendo condenado, com toda a certeza. As provas contra ele eram incontáveis. O maître confirmaria a acusação de Rebecca e sir Simon Monkford reconheceria as abotoaduras.

Mas era pior do que isso. Harry foi interrogado por um inspetor do Departamento de Investigação Criminal. O homem usava o típico uniforme de detetive: um terno de sarja, gravata preta e camisa branca, colete sem corrente de relógio e sapatos surrados, mas engraxados. Era um policial experiente, com uma

mente penetrante e uma atitude cautelosa.

– Há dois ou três anos recebemos estranhos relatos de casas ricas em que joias foram *perdidas*. Não roubadas, é claro, apenas desaparecidas. Pulseiras, brincos, pingentes, abotoaduras... Os queixosos garantem que elas não podiam ter sido roubadas, pois só os convidados teriam a oportunidade de pegá-las. E só informaram para poderem recuperar as joias, caso elas aparecessem em algum lugar.

Harry se manteve calado durante todo o tempo, mas sentia um calafrio. Tinha certeza de que sua carreira passara despercebida até então. Ficou chocado ao descobrir o oposto: a polícia já o procurava havia um tempo. O detetive abriu uma volumosa pasta de arquivo.

– O conde de Dorset informou o desaparecimento de uma bomboneira de prata e de uma caixa de rapé laqueada, ambas georgianas. A Sra. Harry Jaspers, uma pulseira de pérolas com um fecho de rubis, da Tiffany's. A Contessa di Malvoli, um pingente de diamante art déco, com uma corrente de prata. O homem tem bom gosto.

O detetive lançou um olhar incisivo para os botões de diamantes no peitilho de Harry.

O rapaz percebeu que a pasta devia conter informações sobre as dezenas de crimes que cometera. Também sabia que acabaria condenado por pelo menos alguns deles. O astucioso detetive reunira todos os fatos básicos: com a maior facilidade, poderia encontrar testemunhas para comprovar que Harry fora visto no local por ocasião do roubo. Mais cedo ou mais tarde, a polícia revistaria seus aposentos e a casa da mãe. Já vendera a maioria das joias, mas guardara algumas peças, como os botões de camisa que, o detetive observara, haviam sido tirados de um bêbado adormecido num baile na Grosvenor Square. Sua mãe possuía um broche que ele arrancara habilmente do peito de uma condessa, numa recepção de casamento, num jardim no

Surrey. E como poderia explicar como ganhava a vida?

Passaria uma longa temporada na prisão. E, ao sair, seria recrutado para o Exército, o que era mais ou menos o mesmo. O pensamento o deixava arrepiado.

Recusou-se firmemente a confessar, mesmo quando o detetive o agarrou pelas lapelas e o pressionou com toda a força contra a parede. O silêncio, porém, não o salvaria. O tempo estava do lado da lei.

Harry só tinha uma chance para se ver livre. Precisaria persuadir os magistrados a lhe concederem uma fiança, depois desapareceria. Subitamente, ansiou pela liberdade, como se já estivesse na prisão havia anos, e não poucas horas.

Não seria nada fácil desaparecer, mas a alternativa o fazia estremecer.

Ao roubar os ricos, acostumara-se ao estilo de vida deles. Levantava-se tarde, tomava café numa xícara de porcelana, usava roupas elegantes, comia em restaurantes caros. Ainda gostava de retornar às suas raízes, bebendo no pub com os antigos companheiros ou levando a mãe ao cinema. Mas, é claro, a prisão era uma perspectiva insuportável: roupas sujas, comida intragável, total ausência de privacidade e, acima de tudo, o tédio angustiante de uma existência absolutamente sem sentido.

Com um tremor de aversão, concentrou-se no problema de obter uma fiança.

A polícia se oporia, é claro, mas a decisão caberia aos magistrados. Harry nunca comparecera antes a um tribunal, mas, nas ruas da região onde nascera, as pessoas conheciam esses detalhes, assim como sabiam limpar chaminés e quem podia ser eleito para o conselho municipal. A fiança só era automaticamente negada em casos de homicídio. Fora isso, ficava a critério dos magistrados. Em geral, eles faziam o que a polícia pedia, mas nem sempre. Às vezes, podiam ser persuadidos por um advogado esperto ou um réu com uma

história triste sobre uma criança doente. De vez em quando, se o promotor se mostrasse um pouco arrogante, concediam a fiança apenas para afirmar sua independência. Ele teria que entrar com algum dinheiro, provavelmente 25 ou 50 libras. Isso não era problema, pois tinha bastante dinheiro. Harry recebeu autorização para dar um telefonema, então ligou para a loja de jornais e revistas na esquina da rua em que a mãe vivia. Pediu a Bernie, o proprietário, que mandasse um dos garotos entregadores chamá-la. Quando ela atendeu, Harry lhe informou onde encontrar o dinheiro.

– Vão me conceder a fiança, mamãe – disse ele, arrogante.

– Sei disso, filho. Você sempre teve sorte.

Mas se não...

Já escapei antes de situações difíceis, disse a si mesmo, alegremente.

Mas não tão difíceis assim.

– Marks! – gritou um carcereiro.

Harry se levantou. Não planejava nada, pois era um ás do improviso. Mas, agora, desejou ter algo preparado. Abotoou o paletó, ajeitou a gravata-borboleta, endireitou o lenço branco de linho no bolso do paletó. Esfregou o queixo, pensando que seria ótimo se o tivessem deixado fazer a barba. No último minuto, o germe de uma história aflorou em sua mente e ele tirou as abotoaduras da camisa, guardando-as no bolso.

A porta da cela foi aberta e Harry saiu.

Foi levado por uma escada de concreto e emergiu no recinto dos réus, em pleno tribunal. À sua frente estavam os assentos dos advogados, todos desocupados; o chefe de gabinete dos magistrados, que era advogado, atrás de sua mesa; e a bancada com os três magistrados não togados.

Harry pensou: “Por Deus, espero que esses miseráveis me deixem sair!”

Na seção da imprensa, em um canto, sentava-se um jovem

repórter com um bloco de anotações. Harry olhou para os fundos do tribunal. Avistou a mãe nos bancos reservados ao público, em seu melhor casaco, com um chapéu novo. Ela bateu no bolso e Harry presumiu que trouxera o dinheiro. Mas também constatou, horrorizado, que a mãe usava o broche roubado da condessa de Eyer.

Virou-se para a frente e segurou a grade baixa, a fim de evitar que as mãos tremessem. O encarregado da acusação, um inspetor de polícia calvo, com um nariz enorme, dizia:

– Número três na lista, meritíssimo: furto de 20 libras em dinheiro e de um par de abotoaduras de ouro, no valor de 15 guinéus, de propriedade de sir Simon Monkford; obtenção de uma vantagem pecuniária por fraude no restaurante Saint Raphael, em Piccadilly. A polícia solicita que o acusado permaneça sob custódia, pois está investigando outros crimes, envolvendo quantias vultosas.

Harry estudava os magistrados cautelosamente. De um lado, havia um velho com costeletas brancas e colarinho duro; do outro, um militar com o uniforme de seu regimento. Ambos o fitaram desdenhosos e ele calculou que, para os dois, qualquer pessoa apresentada ali era culpada. Suas esperanças se esvaíam. Mas tratou de dizer a si mesmo que o preconceito estúpido podia, num instante, ser convertido em credulidade estúpida. Era melhor que não fossem muito espertos, pois seria mais fácil enganá-los. O presidente do tribunal, no meio, era o único que de fato contava: um homem de meia-idade, de bigode grisalho e terno cinza, com um ar experiente que sugeria já ter ouvido mais histórias fictícias e desculpas plausíveis do que gostaria de se lembrar. Era com ele que precisava ter cuidado, pensou, apreensivo.

O presidente perguntou a Harry:

– Vai pedir fiança?

Harry fingiu estar confuso.

– Ai, meu Deus... Acho que sim... Claro, claro... Vou pedir.

Todos os três magistrados se empertigaram e prestaram mais atenção ao ouvir seu sotaque burguês. Harry gostou do efeito. Orgulhava-se da sua capacidade de confundir as expectativas sociais das pessoas. A reação deles o deixou animado. Posso enganá-los, pensou, aposto que posso.

– O que tem a dizer em sua defesa? – indagou o presidente.

Harry prestou atenção no modo de falar, tentando situar com precisão sua posição social. Concluiu que era um homem instruído da classe média, talvez um farmacêutico ou gerente de banco. Deveria ser astuto, mas com o hábito da deferência aos de status superior. Harry assumiu uma expressão de constrangimento e adotou o tom de um estudante falando com o diretor:

– Receio que tenha ocorrido um lamentável equívoco, senhor.

O interesse dos magistrados aumentou um pouco mais: mudaram de posição em suas cadeiras, inclinaram-se para a frente, curiosos. Sabiam que aquele não seria um caso corriqueiro e sentiam-se gratos pelo alívio no tédio habitual.

– Para dizer a verdade – acrescentou Harry –, alguns companheiros beberam Porto demais no Carlton Club ontem, e isso foi a causa de toda a confusão.

Ele fez uma pausa, como se isso fosse tudo o que tinha a dizer, olhou para a bancada, na maior expectativa.

– O Carlton Club! – exclamou o magistrado militar.

Sua expressão dizia que não era frequente que representantes da augusta instituição comparecessem àquele tribunal.

Harry especulou se fora longe demais. Talvez se recusassem a acreditar que ele era sócio. Então se apressou a continuar:

– É terrivelmente embaraçoso, mas logo pedirei desculpas a todos os envolvidos e repararei tudo sem demora... – Ele fingiu se lembrar de repente que vestia um traje a rigor. – Isto é, assim

que trocar de roupa.

– Está querendo dizer que não tencionava levar as 20 libras e um par de abotoaduras? – indagou o velho de costeletas brancas, num tom incrédulo.

Contudo, o fato de fazerem perguntas era um bom sinal. Significava que não descartavam de imediato sua história. Se não acreditassem em uma só palavra do que dizia, não se dariam o trabalho de questionar os detalhes. O coração de Harry disparou: talvez conseguisse recuperar a liberdade, no final das contas!

– Tomei as abotoaduras emprestadas... Tinha saído sem as minhas.

Ele ergueu os braços para mostrar os punhos soltos da camisa, projetando-se pelas mangas do paletó. Suas abotoaduras estavam no bolso.

– E as 20 libras? – insistiu o velho.

Era uma pergunta bem mais difícil, pensou Harry, preocupado.

Nenhuma desculpa plausível lhe ocorreu. Podia-se esquecer as abotoaduras e pegar casualmente as de outro homem, mas tomar dinheiro emprestado sem permissão era o mesmo que roubar. Ele se encontrava à beira do pânico quando a inspiração veio outra vez em seu socorro:

– Sir Simon pode ter se enganado sobre a quantia que havia em sua carteira. – Então Harry acrescentou em voz baixa, como se quisesse dizer aos magistrados algo que as pessoas comuns no tribunal não deveriam ouvir: – Ele é extremamente rico, senhor.

– E não enriqueceu esquecendo quanto dinheiro tinha – retrucou o presidente.

Houve risos entre os presentes. Humor poderia ser um sinal animador, só que o homem não exibiu o menor sorriso – não tivera a intenção de ser engraçado. É um gerente de banco,

pensou Harry. Dinheiro não é brincadeira.

– E por que não pagou a conta no restaurante? – acrescentou o magistrado.

– Lamento sinceramente. Tive uma briga terrível com... com minha companhia.

Harry absteve-se de dizer com quem jantava: era de mau gosto, entre os rapazes das escolas públicas, apregoar o nome de uma mulher, e os magistrados sabiam disso.

– Saí furioso – completou –, esquecendo-me por completo da conta.

O presidente fitou-o por cima dos óculos, com uma expressão dura. Harry percebeu que errara em algum ponto e sentiu um aperto no coração. Ocorreu-lhe que demonstrara uma atitude indiferente em relação a uma dívida, algo normal entre as classes superiores, mas um pecado mortal para um gerente. O pânico o dominou, pensou que estava prestes a perder tudo por causa de um pequeno erro de avaliação. Apressou-se a acrescentar:

– Foi uma tremenda irresponsabilidade de minha parte, senhor, e é claro que irei até lá na hora do almoço para saldar a dívida. Isto é, se me deixarem sair.

Ele não pôde determinar se o presidente amoleceu ou não.

– Acha que as acusações serão retiradas depois de apresentar suas explicações?

Harry concluiu que era melhor não aparentar ter uma resposta fácil para todas as perguntas. Baixou a cabeça, com um ar contrafeito.

– Acho que seria uma lição bem merecida se as pessoas se recusassem a retirar as acusações.

– Tem toda a razão – declarou o presidente, num tom rigoroso.

Seu velho pomposo e caquético, pensou Harry. Mas ele sabia que aquele tipo de situação, embora humilhante, era favorável. Quanto mais o censurassem, menos provável era que o

mandassem de volta para a cadeia.

– Algo mais que gostaria de dizer? – indagou o presidente.

– Apenas que me sinto profundamente envergonhado pelo que fiz, senhor – respondeu Harry em voz baixa.

– Hum...

O grunhido do presidente foi cético, mas o militar balançou a cabeça em aprovação.

Os três magistrados conferenciaram em murmúrios por algum tempo. Harry logo percebeu que prendia a respiração e forçou-se a soltar o ar. Era insuportável que todo o seu futuro estivesse nas mãos daqueles velhos idiotas. Gostaria que se apressassem, que decidissem logo de uma vez. Quando todos assentiram ao mesmo tempo, desejou que adiassem o momento terrível.

– Espero que uma noite na cela lhe tenha ensinado uma lição – disse o presidente.

Meu Deus, acho que ele vai me deixar sair, pensou Harry. Engoliu em seco e murmurou:

– Claro que ensinou, senhor. Nunca mais quero voltar.

– Pois então cuide para que isso não aconteça.

Houve outra pausa, em seguida o presidente desviou os olhos e acrescentou para o tribunal em geral:

– Não estou dizendo que acreditamos em tudo o que ouvimos, mas também não achamos que seja o caso de colocarmos o acusado sob custódia.

Uma onda de alívio inundou Harry e suas pernas bambearam. O presidente arrematou:

– O julgamento será dentro de sete dias. A fiança é de 50 libras.

Harry estava livre.



Ele viu as ruas com novos olhos, como se tivesse passado

um ano na prisão, em vez de apenas poucas horas. Londres se preparava para a guerra. Dezenas de enormes balões prateados flutuavam bem no alto, a fim de obstruir os aviões alemães. Lojas e prédios públicos estavam cercados por sacos de areia, que os protegeriam dos danos causados por bombas. Havia novos abrigos antiaéreos nos parques e as pessoas andavam com máscaras antigás. Todos sentiam que podiam ser mortos a qualquer instante, abandonando o comedimento e conversando amavelmente com estranhos.

Harry não se lembrava da Grande Guerra – tinha 2 anos quando ela terminara. Quando pequeno, pensava que “guerra” fosse um lugar, pois todos lhe diziam “seu pai foi morto na guerra” da mesma forma que falavam “vá brincar no parque”, “tome cuidado para não cair no rio” e “mamãe vai ao pub”. Mais tarde, já com idade suficiente para compreender, qualquer referência à guerra lhe era dolorosa. Com Marjorie, a esposa do advogado que fora sua amante durante dois anos, ele leu a poesia da Grande Guerra e, por algum tempo, julgou-se um pacifista. Mas depois viu os camisas-negras marchando em Londres e os rostos assustados dos velhos judeus, e chegou à conclusão de que valia a pena lutar em algumas batalhas. Nos últimos anos, ficava revoltado pela maneira como o governo britânico fazia vista grossa ao que acontecia na Alemanha, só porque esperava que Hitler destruísse a União Soviética. Mas, agora que a guerra irrompera, pensava apenas nos meninos que viveriam com um vazio em suas vidas onde deveria haver um pai, como lhe acontecera.

Mas os bombardeiros ainda não haviam aparecido e aquele era outro dia de sol.

Harry decidiu não voltar a seus aposentos. A polícia devia estar furiosa porque ele conseguira a fiança e desejaria prendê-lo na primeira oportunidade. Era melhor se manter fora de vista por algum tempo. Não queria voltar à cadeia. Mas por quanto tempo

ainda precisaria olhar por cima do ombro? Poderia se esquivar da polícia para sempre? E, se não fosse possível, o que faria?

Ele embarcou no ônibus com a mãe. Por enquanto, iria para a casa dela em Battersea.

A mãe parecia triste. Sabia como o filho ganhava a vida, embora nunca tivessem conversado a respeito disso. Ela comentou, então, pensativa:

– Nunca pude lhe dar nada.

– Você me deu tudo, mamãe.

– Não, não dei. Se tivesse dado, por que você precisaria roubar?

Harry não tinha uma resposta para isso.

Ao saltarem do ônibus, foi até a banca na esquina, agradeceu a Bernie por ter chamado a mãe ao telefone e comprou o *Daily Express*. A manchete dizia: POLONESES BOMBARDEIAM BERLIM. Ao deixar a loja, avistou um guarda de bicicleta passando pela rua e sentiu um pânico insensato. Quase se virou e correu, mas então se controlou e lembrou que sempre enviavam dois homens para efetuar uma prisão.

Não posso viver assim, refletiu Harry.

Entraram no prédio e subiram a escada de pedra até o quinto andar. A mãe pôs a chaleira no fogo e disse:

– Passei seu terno azul... Pode se trocar.

Ela ainda cuidava das roupas de Harry, costurando os botões e cerzindo as meias de seda. Harry foi para o quarto, tirou uma caixa de baixo da cama e contou o dinheiro.

Após dois anos de furtos, tinha 247 libras. Devo ter conseguido pelo menos quatro vezes mais, pensou ele. Onde será que gastei o resto?

Possuía também um passaporte americano. Folheou-o, pensativo. Recordou que o encontrara na escrivaninha da casa de um diplomata em Kensington. Notara que o nome do proprietário era Harold e a fotografia lembrava um pouco ele, por

isso o pegara.

Estados Unidos... Ele era capaz de imitar o sotaque americano. Mais do que isso, sabia de uma coisa que a maioria dos ingleses ignorava: havia vários sotaques no país, alguns mais elegantes do que outros. Quanto mais britânico se parecesse, mais seria considerado da alta sociedade. E milhões de jovens americanas ricas estavam à espera de um romance. Já na Inglaterra só lhe restavam a prisão e o Exército.

Tinha também um terno limpo no armário da mãe, podia comprar algumas camisas e uma mala. E se encontrava a 120 quilômetros de Southampton.

Podia partir naquele dia mesmo. Era como um sonho.

A mãe o arrancou do devaneio ao gritar da cozinha:

– Harry, você quer um sanduíche de bacon?

– Quero, sim, por favor.

Harry foi até a cozinha e sentou-se à mesa. A mãe pôs o sanduíche na sua frente, mas ele não o pegou.

– Vamos para os Estados Unidos, mãe.

Ela desatou a rir.

– Eu? Nos Estados Unidos? Só se fosse doida!

– Estou falando sério. Eu vou.

Ela ficou séria.

– Não é coisa para mim, filho. Estou velha demais para me mudar daqui.

– Mas vai haver uma guerra.

– Já sobrevivi a uma guerra, a uma greve geral e à Depressão. – Ela correu os olhos pela pequena cozinha. – Não é grande coisa, mas é o que conheço.

Harry não esperava que ela aceitasse, mas agora se sentia desolado. A mãe era tudo o que tinha.

– Mas o que vai fazer lá, filho?

– Acha que vou continuar roubando?

– É o que sempre acaba acontecendo. E nunca ouvi falar de

um gatuno que não fosse apanhado mais cedo ou mais tarde.

– Eu gostaria de ingressar na Força Aérea e aprender a voar.

– E deixariam?

– Nos Estados Unidos, não se importam que você seja das classes trabalhadoras, desde que tenha inteligência.

Ela pareceu mais animada. Sentou-se e tomou um chá enquanto Harry comia o sanduíche de bacon. Depois que acabou, ele pegou o dinheiro e separou 50 libras.

– Para que isso, filho?

A mãe levaria dois anos fazendo faxina em escritórios para ganhar aquela quantia.

– Você pode precisar. Aceite, mãe. Quero que fique com isso.

Ela pegou o dinheiro.

– Quer dizer que você vai mesmo embora.

– Pedirei emprestada a moto de Sid Brennan, partirei para Southampton hoje e pegarei um navio.

A mãe se inclinou por cima da mesinha e pegou a mão de Harry.

– Boa sorte, filho.

Ele a apertou suavemente.

– Vou mandar mais dinheiro dos Estados Unidos.

– Não há necessidade, a menos que você tenha de sobra.

Prefiro que me mande uma carta de vez em quando, para que eu possa saber como está.

– Tudo bem, vou escrever.

Os olhos dela ficaram marejados.

– Volte para ver sua velha mãe um dia, está certo?

Harry tornou a apertar-lhe a mão.

– Claro, mãe. Eu vou voltar.



Harry se contemplou no espelho. O terno azul, que lhe

custara 13 libras na Savile Row, ajustava-se com perfeição e combinava com seus olhos. O colarinho mole da camisa nova parecia americano. O barbeiro escovou os ombros do paletó jaquetão, Harry lhe deu uma gorjeta e saiu.

Subiu a escada de mármore do porão e saiu para o ornamentado saguão do South-Western Hotel. Estava apinhado. Aquele era o ponto de partida para a travessia transatlântica e milhares de pessoas tentavam deixar a Inglaterra. Harry se deu conta da quantidade ao tentar comprar passagem num navio. Todos estavam lotados, por muitas semanas adiante. Algumas linhas haviam até fechado os escritórios, a fim de não desperdiçar o tempo do pessoal rejeitando os pedidos. Por um momento, pareceu ser impossível viajar. Harry estava prestes a desistir e pensar em outro plano quando um agente de viagens lhe falou do PanAm Clipper.

Ele lera sobre o avião nos jornais. O voo começara a operar no verão. Podia-se voar para Nova York em menos de trinta horas; muito melhor do que os quatro ou cinco dias num navio. Mas uma passagem só de ida custava 90 libras! Quase dava para adquirir um carro novo com esse dinheiro.

Harry comprou a passagem. Era uma loucura, mas, agora que tomara a decisão de partir, pagaria qualquer preço para deixar o país. E o avião era sedutoramente luxuoso: só beberia champanhe até chegar a Nova York. Era o tipo de extravagância insana que Harry adorava.

Não mais sentia um sobressalto cada vez que avistava um guarda: não havia a menor possibilidade de a polícia de Southampton ter conhecimento de sua existência. Mas nunca voara antes e estava nervoso.

Consultou o relógio de pulso, um Patek Philippe roubado de um camarista real. Havia tempo para tomar um café rápido, a fim de abrandar o estômago. Ele entrou no lounge.

Enquanto tomava café, uma mulher deslumbrante entrou. Era

uma loura perfeita, usava um vestido acinturado creme, com bolinhas vermelhas. Devia ter pouco mais de 30 anos, dez a mais do que Harry, mas isso não o impediu de sorrir quando seus olhos se encontraram.

Ela sentou-se à mesa do lado, de perfil para Harry, que estudou a maneira como a seda adería aos seios e contornava seus joelhos. Usava sapatos da mesma cor do vestido, um chapéu de palha e uma bolsinha que ela pousou na mesa.

Pouco depois, um homem de blazer veio acompanhá-la. Ouvindo-os conversar, Harry descobriu que a mulher era inglesa, mas seu companheiro era americano. Prestou atenção, procurando absorver o sotaque do homem. Ela se chamava Diana, ele era Mark. Harry viu o desconhecido tocar no braço da mulher, que chegou mais perto. Estavam apaixonados, só tinham olhos um para o outro, como se não houvesse mais ninguém ao redor.

Harry sentiu uma pontada de inveja.

Desviou o olhar. Ainda estava um pouco nauseado, apreensivo com a perspectiva de sobrevoar todo o Atlântico. Parecia uma distância longa demais para percorrer distante da terra firme. De qualquer forma, nunca compreendera o princípio das aeronaves: as hélices giravam e giravam, mas como faziam o avião subir?

Enquanto escutava Diana e Mark, tentou aparentar despreocupação. Não queria que os outros passageiros do Clipper percebessem como se sentia nervoso. Sou Harry Vandenpost, pensou, já imaginando o sotaque, um jovem e próspero americano voltando para casa por causa da guerra na Europa. Não tenho emprego neste momento, mas acho que precisarei fazer algo muito em breve. Meu pai tem investimentos. Minha mãe, que Deus guarde sua alma, era inglesa, e eu estudei em escolas aqui. Não entrei na universidade... Nunca gostei de estudar. Passei muito tempo na Inglaterra, por isso absorvi um

pouco do linguajar local. Já voei algumas vezes, é claro, mas este é o meu primeiro voo através do Atlântico. E como estou ansioso para partir logo!

Ao terminar o café, ele já não se sentia mais assustado.



Eddie Deakin desligou o telefone. Correu os olhos pelo saguão: estava vazio. Ninguém ouvira a conversa. Ficou parado, fitando o aparelho que o lançara no terror absoluto, odiando-o, como se ao quebrá-lo pudesse acabar com o pesadelo. Em seguida, lentamente se afastou.

Quem eram eles? Para onde haviam levado Carol-Ann? Por que a sequestraram? O que queriam dele? As perguntas zumbiam em sua cabeça como moscas dentro de um jarro. Tentou pensar. Concentrou-se numa questão de cada vez.

Quem eram eles? Seriam meros lunáticos? Não. Eram muito bem organizados: malucos poderiam realizar um sequestro, mas seria preciso um cuidadoso planejamento para saber onde Eddie se encontraria para colocá-lo em contato com Carol-Ann. Portanto, eram racionais, mas dispostos a violar a lei. Podiam ser anarquistas de alguma espécie, porém o mais provável era que estivesse lidando com criminosos.

Para onde haviam levado Carol-Ann? Ela dissera que estava numa casa, que podia pertencer a um dos sequestradores, mas deviam ter ocupado uma residência alugada ou vazia, num local isolado. Carol falara que o crime ocorrera duas horas antes, portanto a casa não poderia ficar a mais de 110 quilômetros de Bangor.

Por que a sequestraram? Queriam algo dele que não seria dado voluntariamente, que ele não faria mesmo sendo pago, que recusaria. Mas o quê? Não tinha dinheiro, não conhecia segredos e não havia ninguém em seu poder.

Só poderia ser algo relacionado com o Clipper.

O aviso fora este: receberia as instruções no avião, de um homem chamado Tom Luther. Seria possível que ele trabalhasse para alguém que quisesse detalhes sobre a construção e operação da aeronave? Outra companhia aérea ou uma potência estrangeira? Talvez. Quem sabe alemães ou japoneses quisessem construir uma réplica para usar como bombardeiro. Mas havia meios mais fáceis de se obter as plantas. Centenas de pessoas, talvez milhares, poderiam fornecer essas informações: empregados da Pan Am e da Boeing, até mesmo os mecânicos da Imperial Airways que cuidavam da manutenção dos motores ali em Hythe. Não havia necessidade de um sequestro. Afinal, muitos detalhes técnicos já tinham sido publicados em revistas.

Será que alguém queria roubar o avião? Era difícil imaginar isso.

A explicação mais provável era que desejavam a cooperação de Eddie para contrabandear algo ou alguém para os Estados Unidos.

Isso era o máximo que ele podia suportar. O que faria agora? Era um cidadão que respeitava as leis e a vítima de um crime e queria avisar a polícia com todas as suas forças.

Mas estava apavorado.

Nunca sentira tanto medo. Na infância, tinha pavor do pai e do diabo, mas desde então nada o deixava realmente assustado. Agora estava impotente, tenso, parecia paralisado – por um momento, não pôde sequer sair do lugar.

Pensou na polícia.

Estava na droga da Inglaterra, não havia sentido em falar com os policiais locais. Mas podia tentar ligar para o xerife de seu condado nos Estados Unidos, a polícia estadual do Maine ou mesmo o FBI e pedir que comesçassem a procurar por uma casa isolada, alugada recentemente por um homem...

Não avise a polícia. Não daria certo, dissera a voz ao

telefone. *Mas, se você avisar, vou comer sua mulher só para sacaneá-lo.*

Eddie acreditava. Havia uma insinuação de desejo na voz rancorosa do homem, como se ele apenas esperasse por um pretexto para estuprar Carol-Ann. Com a barriga arredondada e os seios intumescidos, a esposa tinha uma sensualidade que...

Eddie cerrou o punho, mas não havia nada que pudesse esmurrar, a não ser uma parede. Com um gemido de desespero, saiu cambaleando pela porta da frente. Sem olhar para onde estava indo, atravessou o gramado. Chegou a algumas árvores, parou, encostou a testa no tronco estriado de um carvalho.

Ele era um homem simples. Nascera numa casa de fazenda, a poucos quilômetros de Bangor. O pai era um fazendeiro pobre, com uns poucos acres de plantações de batata, algumas galinhas, uma vaca e uma horta. A Nova Inglaterra era um péssimo lugar para os pobres, com invernos longos e terrivelmente frios. Os pais acreditavam que era tudo vontade de Deus. Mesmo quando a irmã caçula de Eddie pegou pneumonia e morreu, o pai declarou que Deus tinha um propósito “profundo demais para que possamos compreender”. Naquele tempo, Eddie sonhava em descobrir um tesouro enterrado no bosque: uma arca de pirata com cantoneiras de latão, cheia de ouro e pedras preciosas, como nas histórias. Em sua fantasia, levava uma moeda de ouro para Bangor e comprava camas enormes e macias, um caminhão de lenha, lindas porcelanas para a mãe, casacos de pele de carneiro para toda a família, bifos suculentos, uma caixa cheia de sorvete e um abacaxi. A casa de fazenda desolada e dilapidada se transformaria num lugar de calor, conforto e felicidade.

Eddie nunca encontrou um tesouro enterrado, mas recebeu instrução, andando 10 quilômetros até a escola todos os dias. Gostava de lá porque a sala de aula era mais quente do que sua casa e a Sra. Maple o adorava porque ele sempre perguntava

como as coisas funcionavam.

Anos depois, foi ela quem escreveu a carta ao congressista que proporcionou a Eddie uma oportunidade de fazer o exame de admissão para Annapolis.

Ele achava que a Academia Naval era o paraíso. Havia cobertores, boas roupas e toda a comida que se conseguisse consumir. Nunca imaginara tal luxo. Achava fácil passar pelo regime rigoroso, os gritos e repreensões não eram piores do que os sermões que escutara na capela durante a vida inteira, e o trote não passava de um incômodo insignificante em comparação com as surras que o pai lhe aplicava.

Foi em Annapolis que ele percebeu pela primeira vez como os outros o viam. Descobriu que o julgavam sério, obstinado, inflexível e esforçado. Embora Eddie fosse magricela, os valentões raramente implicavam com ele: havia um brilho nos olhos do rapaz que os assustava. As pessoas gostavam dele porque sempre cumpria o que prometia, mas ninguém jamais chorava em seu ombro.

Ficou surpreso ao ser considerado diligente. Tanto o pai quanto a Sra. Maple lhe ensinaram que conseguiria o que desejava trabalhando duro e Eddie nunca concebera outro meio. Mesmo assim, o elogio agradou a ele, já que era tido pelo pai como o melhor de todos.

Eddie se tornou guarda-marinha e foi designado para treinamento em hidroaviões. Em comparação com sua casa, Annapolis já fora confortável, mas a Marinha dos Estados Unidos superava tudo: era, sem dúvida, opulenta. O rapaz conseguiu até mandar dinheiro aos pais para que consertassem o telhado e comprassem um fogão.

Fazia quatro anos que estava na Marinha quando a mãe morreu. Cinco meses depois, foi a vez do pai. Os poucos acres foram anexados à fazenda vizinha, mas Eddie conseguiu comprar a casa e o terreno florestal por uma ninharia. Deixou a

Marinha e arranhou um emprego bem remunerado na Pan American Airways.

Nos intervalos entre as viagens, trabalhava na velha casa, instalando sozinho encanamento, eletricidade e um aquecedor de água, comprando o material com seu salário de engenheiro de voo. Colocou aquecedores elétricos nos quartos, comprou um rádio e até mesmo um telefone. Foi então que conheceu Carol-Ann. Logo, pensava, a casa estaria repleta de risos de crianças e seu sonho se tornaria realidade.

Mas acabou se transformando num pesadelo.

CAPÍTULO QUATRO

AS PRIMEIRAS PALAVRAS de Mark Alder para Diana Lovesey foram “Nossa, você é a melhor coisa que me aconteceu hoje”.

As pessoas sempre lhe diziam frases assim. Ela era bonita, jovial e adorava se vestir bem. Naquela noite, usava um vestido longo turquesa, com pequenas lapelas, um corpete pregueado e mangas curtas presas nos cotovelos. Sabia que estava maravilhosa.

Encontrava-se no Midland Hotel, em Manchester, participando de um jantar dançante. Não tinha certeza se era um evento da Câmara de Comércio, a Noite das Damas dos Maçons ou um levantamento de fundos para a Cruz Vermelha: as mesmas pessoas participavam de tudo. Dançara com a maioria dos parceiros de negócios do marido, Mervyn, que a seguravam perto demais e pisavam em seus pés, fazendo as esposas lançarem olhares fulminantes para ela. Era estranho, pensou Diana, que, quando um homem bancava o tolo diante de uma mulher bonita, a esposa nunca dirigia sua raiva contra o marido. Não se podia dizer que Diana tinha alguma pretensão com qualquer dos homens pomposos e encharcados de uísque.

Ela escandalizou a todos e constrangeu o marido ao ensinar o vice-prefeito a dançar o *jitterbug*. Agora, necessitando de uma pausa, foi ao bar do hotel, sob o pretexto de comprar cigarros.

Ele estava lá sozinho, tomando conhaque, e fitou-a como se ela trouxesse a aurora para o bar. Era um homem pequeno e apumado, com um sorriso infantil e sotaque americano. A primeira frase que falou não pareceu forçada e ele tinha um jeito encantador, por isso Diana abriu um sorriso radiante, mas

permaneceu em silêncio. Comprou os cigarros, tomou um copo de água gelada e voltou ao baile.

O homem provavelmente perguntara ao barman quem ela era e dera um jeito de descobrir seu endereço, pois no dia seguinte Diana recebeu um bilhete dele, no papel timbrado do Midland Hotel.

Na verdade, era um poema, que começava assim:

*A imagem de seu sorriso, fixada em meu coração
Nem os anos nem o sofrimento poderão apagar
Gravada para sempre em minha imaginação*

Diana chorou.

Chorou por tudo aquilo que sonhara e nunca alcançara. Chorou porque vivia numa lúgubre cidade industrial com um marido que detestava tirar férias. Chorou porque o poema era o único aspecto gracioso e romântico da sua vida em cinco anos. E chorou porque não estava mais apaixonada por Mervyn.

Depois disso, tudo aconteceu muito depressa.

Dois dias após receber o poema, numa segunda-feira, ela foi à cidade. Normalmente, passaria primeiro na biblioteca da Boots para trocar seu livro, depois compraria uma oferta de almoço mais ingresso da matinê por 2 xelins e 6 pence no Paramount Cinema, na Oxford Street. Ao fim da sessão, daria uma volta pelas lojas de departamentos Lewis's ou Finnigan's, onde compraria fitas, guardanapos ou presentes para os filhos de sua irmã. Poderia passar numa das lojinhas da Shambles, a fim de comprar algum queijo exótico ou um presunto especial para Mervyn. E tomaria o trem de volta a Altrincham, o subúrbio onde vivia, a tempo de chegar em casa para o jantar.

Dessa vez, porém, Diana tomou café no bar do Midland Hotel, almoçou no restaurante alemão no subsolo do Midland Hotel e

tomou o chá da tarde no salão do Midland Hotel. Mas não encontrou o homem encantador de sotaque americano.

Voltou para casa desolada. Aquilo era ridículo, disse a si mesma. Vira-o por menos de um minuto e nunca lhe dirigira uma só palavra! Ele parecia simbolizar tudo de que ela sentia falta em sua vida. Mas, se tornasse a encontrá-lo, certamente descobriria que era maçante, maluco, doente, malcheiroso ou algo do gênero.

Ao saltar do trem e caminhar pela rua de mansões em que residia, Diana ficou aturdida e animada ao ver o homem se aproximar, olhando para sua casa com uma casualidade fingida.

Ela corou, seu coração disparou. Ele também ficou surpreso e parou, mas Diana continuou a andar e murmurou ao passar pelo homem:

– Encontre-se comigo amanhã de manhã na Biblioteca Central.

Diana não esperava por uma resposta, porém – ela descobriria mais tarde – ele era ágil e bem-humorado e indagou no mesmo instante:

– Qual seção?

Era uma biblioteca grande, mas não a ponto de duas pessoas se perderem uma da outra por muito tempo. Ela disse a primeira coisa que lhe ocorreu:

– Biologia.

Ele riu. Diana entrou em casa com o som reverberando nos ouvidos: afetuoso, descontraído, satisfeito, o riso de um homem que amava a vida e sentia-se satisfeito consigo mesmo.

A casa estava vazia. A Sra. Rollins, a governanta, já fora embora e Mervyn ainda não chegara. Diana sentou-se na cozinha moderna e higiênica e acalentou pensamentos antiquados e anti-higiênicos sobre o jovial poeta americano.

Na manhã seguinte, encontrou-o acomodado a uma mesa na biblioteca, sob o cartaz que dizia SILÊNCIO. Quando ela o

cumprimentou, ele levou um dedo aos lábios, apontou uma cadeira e escreveu um bilhete: *Adorei seu chapéu.*

O acessório parecia um jarro de flores de cabeça para baixo, com aba e inclinado para o lado, de tal forma que quase cobria seu olho esquerdo. Era a última moda, embora pouquíssimas mulheres em Manchester tivessem coragem de usar algo assim.

Diana tirou uma caneta da bolsa e escreveu embaixo: *Não ficaria bem em você.*

Mas meus gerânios ficariam perfeitos nele, escreveu o homem.

Diana riu e ele murmurou:

– Shhh!

Ela pensou “Ele é louco ou apenas engraçado?”, então escreveu: *Amei seu poema.* O homem respondeu: *E eu amo você.*

Louco, pensou Diana, mas as lágrimas afloraram aos olhos. Ela continuou: *Nem mesmo sei seu nome!*

Ele estendeu um cartão de visitas. Chamava-se Mark Alder, morava em Los Angeles.

Califórnia!

Almoçaram cedo num restaurante vegetariano porque Diana tinha certeza de que não encontraria o marido ali: nem mesmo cavalos selvagens poderiam arrastá-lo a um lugar como aquele. Depois, como era terça-feira, havia um concerto ao meio-dia no Houldsworth Hall, na Deansgate, com a famosa Hallé Orchestra e seu novo maestro, Malcolm Sargent. Ela se orgulhava do fato de sua cidade ser capaz de proporcionar tal iguaria cultural a um visitante.

Soube que Mark era autor de textos cômicos para programas de rádio. Diana nunca ouvira falar das pessoas para as quais ele escrevia, mas Mark garantiu serem famosas: Jack Benny, Fred Allen, Amos 'n' Andy. Ele também possuía uma emissora radiofônica. Naquele dia, usava um blazer de casimira. Estava de

férias prolongadas, buscando as raízes de sua família, originária de Liverpool, a cidade portuária que ficava alguns quilômetros a oeste de Manchester. Não era muito alto, apenas um pouco mais que Diana, quase da mesma idade, com olhos castanho-claros e algumas sardas.

E era puro prazer: inteligente, divertido e encantador. Tinha modos impecáveis, unhas limpas, roupas perfeitas. Gostava de Mozart, mas conhecia Louis Armstrong. Acima de tudo, adorava Diana.

Estranho como poucos homens realmente gostam das mulheres, pensou ela. Os do seu círculo social a adulavam, tentavam apalpá-la, sugeriam encontros discretos quando Mervyn dava as costas. Às vezes, quando estavam bêbados ou sentimentais, declaravam seu amor. Mas não gostavam dela de verdade: a conversa só se compunha de gracejos, não a escutavam, nada sabiam a seu respeito. Mark era completamente diferente, como ela viria a descobrir nas semanas subsequentes.

No dia seguinte ao encontro na biblioteca, ele alugou um carro e a levou para a costa, onde comeram sanduíches numa praia de brisa fresca e se beijaram ao abrigo das dunas.

Mark tinha uma suíte no Midland, mas não podiam se encontrar lá, pois Diana era muito conhecida: se fosse vista subindo depois do almoço, a notícia se espalharia por toda a cidade antes da hora do chá. A mente inventiva de Mark, no entanto, chegou a uma solução. Viajaram para Lytham St. Annes, uma cidadezinha à beira-mar, levando uma mala, e se registraram num hotel como os Alders. Almoçaram e foram para a cama.

Fazer amor com Mark foi muito divertido.

Na primeira vez, ele fez uma pantomima de tentar se despir em completo silêncio e Diana ria tanto que nem se sentiu inibida ao tirar as roupas. Não se preocupou com a possibilidade de

Mark não apreciá-la: estava claro que ele a adorava. Não ficou nervosa porque o parceiro era muito gentil.

Passaram a tarde na cama, quitaram a conta e saíram, alegando que haviam mudado de ideia sobre a estadia no hotel. Mark pagou uma diária completa, portanto não houve ressentimentos. Ele a deixou uma estação antes de Altrincham e Diana chegou em casa de trem, como se tivesse passado a tarde em Manchester.

Repetiram isso durante todo aquele bem-aventurado verão.

Mark deveria voltar aos Estados Unidos no início de agosto para começar a trabalhar num novo programa, mas permaneceu e escreveu uma série de esquetes sobre um americano de férias na Inglaterra, enviando-os todas as semanas pelo novo serviço postal aéreo operado pela Pan American.

Apesar de saber que o tempo se esgotava, Diana não pensava muito no futuro. Claro que Mark iria embora em algum momento, mas não seria de imediato e, para ela, era só isso que importava. Comparava a situação à guerra: todos sabiam ser terrível, mas ninguém conseguia determinar quando começaria e, até que acontecesse, não havia nada que se pudesse fazer a respeito – o melhor era seguir vivendo e tentar se divertir ao máximo.

No dia seguinte à declaração de guerra, Mark revelou que precisaria voltar aos Estados Unidos.

Diana estava sentada na cama, as cobertas puxadas até abaixo dos seios. Mark adorava vê-la assim: embora ela considerasse seus seios grandes demais, ele os achava maravilhosos.

A conversa era séria. O Reino Unido declarara guerra à Alemanha e nem mesmo amantes felizes podiam deixar de falar a respeito. Ao longo do ano, Diana acompanhara as notícias sobre o sangrento conflito na China, e a perspectiva de que isso acontecesse na Europa a apavorava. Assim como os fascistas na

Espanha, os japoneses não tinham o menor escrúpulo em lançar bombas sobre mulheres e crianças; a carnificina em Chongqing e Yichang fora terrível.

Ela fez a Mark a pergunta que estava na ponta da língua de todo mundo:

– O que você acha que vai acontecer?

Dessa vez ele não conseguiu responder de forma engraçada e, com um ar solene, declarou:

– Acho que será horrível. Creio que a Europa será devastada. Talvez este país sobreviva, por ser uma ilha. É o que espero.

– Ai, meu Deus! – exclamou Diana.

De repente, ficou assustada. Os britânicos não estavam falando nada do gênero. Os jornais manifestavam posições agressivas e Mervyn se mostrava ansioso pela guerra. Mas Mark era um forasteiro e seu julgamento, apresentado naquele sotaque americano relaxado, parecia realista. Seria possível que bombas fossem lançadas em Manchester?

Diana se lembrou de um comentário do marido e o repetiu:

– Os Estados Unidos terão que entrar na guerra mais cedo ou mais tarde.

Mark chocou-a com sua reação:

– Meu Deus, espero que não! É um conflito europeu, não tem nada a ver conosco. Posso compreender por que o Reino Unido declarou guerra, mas não quero ver americanos morrendo para defender a porra da Polônia.

Ela nunca o ouvira falar assim. Às vezes Mark sussurrava obscenidades em seu ouvido enquanto faziam amor, mas aquilo era diferente. Agora ele parecia furioso. Talvez estivesse um pouco amedrontado. Ela sabia que Mervyn sentia-se assustado, apesar de exibir um otimismo temerário. O medo de Mark se expressava em isolacionismo e palavrões.

Diana ficou consternada com a atitude dele, mas compreendia seu ponto de vista: por que os americanos

deveriam entrar em guerra pela Polônia, ou mesmo pela Europa?

– E quanto a mim, Mark? – Ela tentou imprimir um tom casual à pergunta. – Não gostaria que eu fosse violentada por loucos nazistas com botas reluzentes, não é mesmo?

Foi um comentário infeliz e Diana se arrependeu no mesmo instante.

Nesse momento, ele pegou um envelope na mala e o estendeu à amante. Ela retirou uma passagem e fitou-a.

– Você vai embora! – gritou Diana.

Era o fim do mundo. Muito solene, ele disse apenas:

– Há duas passagens.

Diana achou que seu coração ia parar.

– Duas passagens – repetiu ela, sem entonação.

Estava desorientada. Mark sentou-se na cama ao seu lado e pegou-lhe a mão. Diana sabia o que ele ia dizer e estava ao mesmo tempo emocionada e aterrorizada.

– Venha comigo, Diana. Voe para Nova York também. Depois, você pode ir a Reno obter o divórcio. Então seguiremos para a Califórnia e nos casaremos. Eu amo você.

Voar. Ela não conseguia se imaginar sobrevoando o oceano Atlântico: isso era coisa de contos de fadas.

Para Nova York. A cidade era um sonho de arranha-céus e boates, gângsteres e milionários, herdeiras elegantes e carros enormes.

Obter o divórcio. Ficar livre de Mervyn.

Seguiremos para a Califórnia. Onde os filmes eram produzidos, as laranjas cresciam em árvores e o sol brilhava todos os dias.

E nos casaremos. E ter Mark o todo tempo, todo dia, toda noite.

Ela não conseguia falar.

– Podemos ter filhos – insistiu Mark.

Diana teve vontade de chorar.

– Peça de novo – murmurou ela.

– Eu amo você. Quer casar comigo e ser mãe dos meus filhos?

– Ah, eu quero! – respondeu Diana, com a sensação de que já estava voando. – Quero, quero, quero!



Ela precisava contar a Mervyn naquela noite.

Era segunda-feira. Na terça, viajaria para Southampton com Mark. O Clipper decolaria na quarta, às duas da tarde.

Diana parecia flutuar quando chegou em casa na tarde de segunda, mas a euforia se dissipou assim que entrou.

Como diria tudo ao marido?

A casa era boa, grande e nova, com um telhado vermelho. Tinha quatro quartos, mas praticamente só usavam um. Havia um banheiro moderno e uma cozinha com todos os eletrodomésticos de última geração. Agora que se achava de partida, contemplou tudo com uma afeição nostálgica: aquele fora seu lar durante cinco anos.

Era ela que preparava as refeições de Mervyn. A Sra. Rollins arrumava e limpava a casa e lavava toda a roupa. Se Diana não cozinhasse, nada teria para fazer. Além do mais, o marido era, no fundo, um operário e gostava de chegar em casa e ver a comida já pronta. Até chamava a refeição de “chá”, a bebida que tomava para acompanhá-la, embora sempre fosse algo substancial, como salsichas, bife ou torta de carne. Para Mervyn, “jantar” era servido em hotéis. Em casa, era um chá.

O que ela diria?

Naquele dia, ele comeria bife frio, a sobra do rosbife de domingo. Diana pôs um avental e começou a cortar batatas para fritar. Suas mãos tremeram quando pensou na fúria de Mervyn, e ela acabou ferindo o dedo com a faca.

Tentou se controlar enquanto lavava o corte sob a água fria corrente, enxugava-o com uma toalha e fazia um curativo.

Do que tenho medo?, ela se perguntou. Ele não vai me matar. Não pode me deter. Tenho mais de 21 anos e este é um país livre!

O pensamento não foi suficiente para acalmá-la.

Pôs a mesa e lavou uma alface. Embora trabalhasse muito, Mervyn quase sempre chegava em casa à mesma hora. Ele costumava dizer: “De que adianta ser o chefe se tenho que parar quando todos os outros vão para casa?”

Ele era engenheiro e tinha uma fábrica que produzia todos os tipos de rotores, de pequenos ventiladores para sistemas de resfriamento a enormes hélices para navios oceânicos. Mervyn sempre fora bem-sucedido – era um bom negociante –, mas realmente havia tirado a sorte grande ao produzir hélices para aeronaves. Voar era seu hobby; até possuía um pequeno avião, um Tiger Moth, num aeroporto nos arredores da cidade. Quando o governo começara a ampliar a Força Aérea, dois ou três anos antes, eram bem poucas as pessoas que sabiam fazer rotores de aço curvos com uma precisão matemática. Mervyn fora bem-sucedido. Desde então, os negócios prosperavam.

Diana era sua segunda esposa. A primeira o deixara sete anos antes, fugindo com outro homem e levando os dois filhos do casal. Mervyn se divorciara o mais depressa possível e, logo em seguida, pedira Diana em casamento. Na época, ela tinha 28 anos e ele, 38. Era um homem atraente, viril, próspero, e a adorava. Seu presente de casamento fora um colar de diamantes.

Havia poucas semanas, no quinto aniversário de casamento, Mervyn lhe dera uma máquina de costura. Diana percebeu agora que essa fora a gota d'água. Ela esperava ganhar um carro: sabia dirigir e o marido tinha condições de comprá-lo. Ao ver a máquina de costura, sentiu que chegara ao fim da linha. Viviam

juntos havia cinco anos e Mervyn nunca notara que ela não costurava.

Sabia que ele a amava, só que não a *enxergava* de verdade. Para Mervyn, ela era apenas um indivíduo chamado “esposa”. Era bonita, desempenhava seu papel social de forma adequada, punha a comida na mesa e sempre se mostrava disposta na cama. O que mais uma esposa deveria ser? Nunca a consultava sobre nada. Como não era empresária nem engenheira, nunca lhe ocorrera que Diana possuísse um cérebro. Conversava com os empregados na fábrica de forma mais inteligente do que com ela. Em seu mundo, os homens queriam carros e as esposas desejavam máquinas de costura.

No entanto, Mervyn era muito esperto. Filho de um torneiro mecânico, cursou a escola primária em Manchester e estudou física na universidade local. Teve a oportunidade de ir para Cambridge e fazer mestrado, mas não era do tipo acadêmico e arrumou um emprego no departamento de novos projetos de uma grande empresa de engenharia. Ainda acompanhava os desenvolvimentos na física e conversava muito com o pai – mas nunca com Diana – sobre átomos, radiação e fissão nuclear.

Infelizmente, ela não entendia nada do assunto. Sabia muito de música e literatura, um pouco de história, mas Mervyn não se interessava por cultura, embora gostasse de filmes e de músicas dançantes. Assim, nada tinham em comum para conversar.

Poderia ser diferente se tivessem filhos. Mas ele já tivera dois com a primeira esposa e não queria mais. Diana estava disposta a amá-los, mas nunca lhe fora dada uma oportunidade: a mãe os envenenara contra ela, dizendo que era o pivô da separação. A irmã de Diana que morava em Liverpool tinha gêmeas graciosas que usavam rabo de cavalo; era a elas que a tia dispensava toda a sua afeição maternal.

Sentiria saudades das sobrinhas.

Mervyn apreciava uma vida social intensa, com os mais

eminentes homens de negócios e políticos da cidade. Por algum tempo, Diana gostara de ser a anfitriã. Sempre adorou roupas bonitas e sabia como usá-las, mas precisava haver mais do que isso na vida.

Também desempenhara por algum tempo o papel de inconformista da sociedade de Manchester: fumava charutos, vestia-se de forma extravagante, falava sobre amor livre e comunismo. Gostava de chocar as senhoras, mas a cidade não era um lugar dos mais conservadores, e Mervyn e seus amigos eram liberais. Por isso, ela não causara muito furor.

Estava descontente, mas especulava se havia motivos para isso. A maioria das mulheres a julgava afortunada: tinha um marido sério, fiel e generoso, uma linda casa e uma porção de amigos. Dizia a si mesma que devia ser feliz, mas não era... Então Mark aparecera.

Ela ouviu o barulho do carro de Mervyn parando do lado de fora. Era um som familiar, mas naquela noite parecia sinistro, como o rugido de um animal perigoso.

Diana colocou a frigideira no fogão a gás com a mão trêmula.

Mervyn entrou na cozinha.

Ele tinha uma beleza excepcional. Os cabelos escuros já estavam grisalhos, mas isso só o fazia parecer mais distinto. Alto, não engordara como a maioria de seus amigos. Não era vaidoso, mas Diana o convencia a usar ternos escuros sob medida e camisas brancas bem claras, porque gostava que o marido parecesse tão bem-sucedido quanto era.

Ela ficou apavorada com a possibilidade de Mervyn perceber a culpa em seu rosto e querer saber qual era o problema.

Ele a beijou. Cheia de vergonha, Diana retribuiu. Às vezes Mervyn a abraçava e apertava-lhe as nádegas de tal forma que a paixão lhes arrebatava e tinham que correr para o quarto, deixando a comida queimar. Porém isso quase não acontecia mais e aquele dia não foi exceção, graças a Deus.

Após tirar o paletó, o colete, a gravata e o colarinho, Mervyn foi lavar as mãos e o rosto na pia da cozinha. Tinha ombros largos e braços fortes.

Não percebera que havia algo errado – nem tinha como notar, é claro. Afinal, ele não a *enxergava*; Diana apenas estava ali, como a mesa da cozinha. Ela não precisava se preocupar. Mervyn não saberia de nada até que a esposa lhe contasse.

E não vou contar ainda, pensou Diana.

Enquanto as batatas fritavam, ela passou manteiga no pão e fez um bule de chá. Ainda estava trêmula, mas conseguiu disfarçar. Mervyn lia o *Manchester Evening News* e nem olhava para ela.

– Tem um maldito agitador na fábrica – comentou ele, quando Diana pôs o prato na sua frente.

Nem quero saber, pensou Diana, histérica. Não tenho mais nada a ver com você... Então por que preparei seu chá?

– É um londrino, de Battersea, e acho que é comunista. Está pedindo um salário maior para trabalhar com a nova broca de molde. Não é um absurdo, na verdade, mas avaliei o trabalho baseado nos salários antigos, por isso ele terá que aceitá-lo.

Diana tomou coragem e disse:

– Tenho algo para contar.

No mesmo instante, desejou fervorosamente poder retirar as palavras, mas já era tarde demais.

– O que houve com seu dedo? – perguntou Mervyn, notando a pequena atadura.

A pergunta corriqueira fez Diana murchar.

– Nada – respondeu ela, deixando-se cair numa cadeira. – Machuquei enquanto cortava as batatas.

Ela pegou a faca e o garfo. Mervyn comia com voracidade.

– Preciso ter mais cuidado com as pessoas que contrato, mas o problema é que está cada vez mais difícil encontrar bons ferramenteiros.

Diana não deveria responder quando o marido falava sobre os negócios. Se fizesse uma sugestão, Mervyn lhe lançaria um olhar irritado, como se ela tivesse falado fora de hora. Estava ali apenas para escutar.

Enquanto ele contava sobre a ferramenta e o comunista de Battersea, Diana recordou o dia do casamento. Sua mãe ainda era viva na ocasião. A cerimônia ocorrera em Manchester, e a recepção, no Midland Hotel. Mervyn parecia o homem mais bonito da Inglaterra e ela pensava que tudo duraria para sempre. Não lhe passara pela cabeça a ideia de que o relacionamento poderia se desgastar. Nunca conhecera uma pessoa divorciada antes de Mervyn. Lembrando como se sentia na época, teve vontade de chorar.

Sabia também que Mervyn se abalaria com sua partida. Ele não fazia a menor ideia dos pensamentos de Diana. O fato de a primeira esposa tê-lo abandonado exatamente da mesma forma agravava a situação. O marido ficaria transtornado. Mas, antes, se enfureceria.

Mervyn terminou o bife e serviu-se de outra xícara de chá.

– Você não comeu muito, Diana.

Na verdade, ela não comera nada.

– Almocei bem.

– Aonde foi?

A pergunta inocente a deixou em pânico. Comera sanduíches na cama, com Mark, num hotel em Blackpool, e não conseguia pensar em nenhuma mentira plausível. Os nomes dos principais restaurantes de Manchester afloraram em sua mente, mas era possível que Mervyn tivesse almoçado em um deles. Depois de uma pausa angustiante, acabou murmurando:

– No Waldorf Café.

Havia várias filiais – era uma rede de restaurantes baratos, onde se podia comer bife com batata frita por 1 xelim e 9 pence.

Mervyn não perguntou a qual deles ela havia ido.

Diana pegou os pratos e se levantou. Sentia os joelhos tão fracos que teve medo de cair, mas conseguiu alcançar a pia.

– Quer sobremesa?

– Quero, sim, por favor.

Diana foi até a despensa, pegou peras em caldas e uma lata de leite condensado. Abriu-as e levou-as para Mervyn.

Observando-o comer as peras em conserva, foi dominada pelo horror do que estava prestes a fazer. Parecia imperdoavelmente destrutivo. Assim como a guerra que se aproximava, despedaçaria tudo. A vida que ela e Mervyn criaram juntos naquela casa, naquela cidade, seria arruinada.

De repente, Diana percebeu que não seria capaz. Mervyn largou a colher e olhou para seu relógio de algibeira.

– Sete e meia... Vamos ouvir as notícias.

– Não posso fazer isso! – exclamou Diana.

– O quê?

– Não posso fazer isso – repetiu ela.

Cancelar tudo. Procuraria Mark, diria que mudara de ideia e não fugiria com ele.

– Por que não pode escutar o rádio? – insistiu Mervyn, impaciente.

Diana o encarou. Sentiu-se tentada a contar toda a verdade, mas também não tinha coragem.

– Preciso sair. – Ela procurou freneticamente por uma desculpa. – Doris Williams está no hospital e tenho que visitá-la.

– E quem é Doris Williams?

A pessoa não existia.

– Você já a encontrou – disse Diana, improvisando. – Ela fez uma operação.

– Não me lembro dela.

Mervyn não estava desconfiado; a verdade era que tinha uma péssima memória para conhecidos casuais. Diana teve uma inspiração:

– Quer ir comigo?

– Ai, meu Deus, claro que não!

Ela já sabia que seria essa a resposta.

– Então eu mesma vou dirigindo.

– Não ande muito depressa no blecaute.

Mervyn foi para a sala de estar, onde ficava o rádio. Diana o fitou por um momento. Ele nunca saberá como estive perto de deixá-lo, pensou com alguma tristeza.

Pôs o chapéu e saiu, com o casaco pendurado no braço. O carro pegou de primeira, graças a Deus. Manobrou para chegar à rua e seguiu na direção de Manchester.

A viagem foi um pesadelo. Estava com pressa, desesperada, mas tinha que avançar devagar porque os faróis se achavam cobertos e ela só podia avistar poucos metros à frente. Além disso, sua visão estava meio turva porque não parava de chorar. Se não conhecesse a estrada muito bem, provavelmente teria batido.

A distância era de pouco mais de 15 quilômetros, mas Diana precisou de mais de uma hora para percorrê-la.

Quando enfim parou o carro na frente do Midland Hotel, sentia-se exausta. Continuou sentada por um momento, tentando se controlar. Pegou o estojo de maquiagem e passou pó de arroz para esconder a marca das lágrimas.

Sabia que Mark ficaria desolado, mas ele conseguiria superar. Muito em breve, recordaria tudo apenas como um romance de verão. Era menos cruel terminar uma relação amorosa curta e ardente do que romper um casamento de cinco anos. Ela e Mark sempre se lembrariam daquele verão de 1939 de maneira especial...

Diana desatou a chorar outra vez.

Não adiantava ficar ali sentada, pensando, concluiu depois de algum tempo. Precisava entrar e acabar logo com aquilo. Tornou a retocar a maquiagem e saiu do carro.

Atravessou o saguão e subiu a escada, sem parar na recepção. Sabia qual era o aposento de Mark. Claro que era escandaloso uma mulher sozinha ir ao quarto de hotel de um homem solteiro, mas ela resolveu enfrentar as consequências. A alternativa seria encontrá-lo no salão ou no bar, mas era inadmissível lhe dar tal notícia num lugar público. Diana não olhou ao redor, assim não sabia se fora vista por alguém conhecido.

Bateu na porta do quarto. Rezava para que Mark estivesse ali. E se ele houvesse ido a um restaurante ou ao cinema? Não houve resposta. Bateu com mais força. Como ele poderia ter ido ao cinema numa ocasião como aquela? Então ouviu sua voz:

– Quem é?

Diana tornou a bater e disse:

– Sou eu!

Ela ouviu passos apressados. A porta foi aberta e lá estava Mark, surpreso. Ele sorriu feliz, puxou-a para dentro, fechou a porta e a abraçou.

Agora Diana sentia-se desleal com ele, como acontecera antes com Mervyn. Beijou-o, com um sentimento de culpa, e o calor familiar do desejo fervilhou seu sangue. Contudo, desvencilhou-se e declarou:

– Não posso ir com você.

Mark empalideceu.

– Não diga isso.

Diana correu os olhos pela suíte. Ele estava arrumando as malas. O guarda-roupa e as gavetas da cômoda se achavam abertos, as malas no chão, por toda parte havia camisas dobradas, pilhas de cuecas, sapatos em sacos. Mark era sempre meticoloso.

– Não posso ir com você – repetiu ela.

Mark lhe tomou a mão e levou-a para o quarto. Sentaram-se na cama. Ele parecia transtornado.

– Você não quer dizer isso de verdade, Diana.

– Mervyn me ama, estamos juntos há cinco anos. Não posso fazer isso com ele.

– E eu, como fico?

Ela o fitou. Mark estava usando suéter rosa, gravata-borboleta, calça cinza-azulada de flanela e sapatos de cordovão. Muito atraente.

– Vocês dois me amam. Mas ele é meu marido.

– Nós dois amamos você, mas eu *gosto* de você.

– E acha que ele não gosta de mim?

– Acho que ele nem mesmo a *conhece*. Escute bem, Diana. Estou com 35 anos, já me apaixonei antes, tive um caso que durou seis anos. Nunca fui casado, mas vivi bastante. E *sei* que isto é o correto. Nunca me senti assim. Você é linda, divertida, liberal, inteligente e gosta de fazer amor. Eu sou atraente, divertido, liberal, inteligente e quero fazer amor com você agora...

– Não – interrompeu ela, mas não era o que sentia.

Ele a puxou suavemente e os dois se beijaram.

– Fomos feitos um para o outro – murmurou Mark. – Lembra quando trocamos bilhetes por baixo daquele cartaz de silêncio? Você percebeu o jogo no mesmo instante, sem explicações. Outras mulheres pensam que sou maluco, mas você gosta de mim assim.

Isso é verdade, pensou Diana. Quando ela fazia coisas estranhas, como fumar cachimbo, sair sem calcinha ou comparecer a reuniões fascistas e acionar o alarme de incêndio, Mervyn ficava irritado. Já Mark ria, deliciado.

Ele afagou os cabelos dela, depois o rosto. Pouco a pouco, o pânico de Diana se desvaneceu. Ela encostou a cabeça no ombro de Mark, roçou os lábios na pele macia de seu pescoço. Sentiu as pontas dos dedos dele em sua perna, por baixo do vestido, acariciando a parte interna das coxas, onde as meias terminavam. Atordoada, Diana pensou que não era daquela

maneira que tudo deveria acontecer. Com delicadeza, ele a deitou na cama, e o chapéu caiu.

– Não está certo – disse debilmente.

Mark beijou-a na boca e mordiscou seus lábios. Ela sentiu os dedos dele na seda fina da calcinha e estremeceu de prazer. Depois de um momento, a mão deslizava sob o tecido.

Ele sabia exatamente o que fazer.

Um dia, no início do verão, nus num quarto de hotel, com o som das ondas entrando pela janela aberta, ele dissera: “Mostre-me o que você faz quando se acaricia.”

Diana ficara embaraçada e fingira não compreender.

“Como assim?”

“Você sabe. Quando se toca. Mostre-me como é. Assim saberei do que você gosta.”

“Não me acaricio.”

“Quando era jovem, antes de se casar, você devia fazer isso. Todas as mulheres fazem. Mostre-me como fazia.”

Ela pensara em recusar, mas depois percebera como seria sensual.

“Quer que eu me estimule... lá embaixo... enquanto você olha?”, tinha murmurado, a voz rouca de desejo.

Mark sorria, malicioso, e assentira.

“Mas... até o fim?”

“Até o fim.”

“Eu não conseguiria.”

Mas ela o fizera.

Agora, os dedos de Mark tocavam, com toda a habilidade, nos lugares certos, com o mesmo movimento familiar e a pressão adequada. Diana fechou os olhos e se entregou à sensação.

Depois de algum tempo, começou a gemer baixinho e a levantar e baixar os quadris ritmadamente. Sentiu a respiração quente de Mark em seu rosto quando ele se inclinou. Prestes a perder o controle, Diana o ouviu, em tom de urgência:

– Olhe para mim!

Ela abriu os olhos. Ele continuava a acariciá-la, só que um pouco mais depressa.

– Não feche os olhos, Diana.

Encarar Mark enquanto ele fazia aquilo era de uma intimidade chocante, uma espécie de “hipernudez”. Era como se ele pudesse ver tudo e saber tudo a seu respeito. Diana sentiu uma liberdade inebriante, porque não havia nada a esconder. Ela alcançou o orgasmo e se forçou a fitá-lo enquanto sacudia os quadris, contraía o rosto e arfava com os espasmos de prazer. Mark sorria o tempo todo e murmurou:

– Amo você, Diana, amo demais.

Quando acabou, ela o abraçou e o apertou, ofegando e tremendo de emoção. Sentia que nunca mais queria largá-lo. Poderia ter chorado, mas não lhe restavam lágrimas.



Ela nunca contou a Mervyn.

A mente inventiva de Mark encontrou a solução. Diana a ensaiou enquanto voltava para casa, calma, controlada, com uma determinação inabalável.

Mervyn estava de pijama e roupão, fumando cigarro e escutando música no rádio.

– Visita longa, hein? – comentou ele.

Só um pouco nervosa, Diana explicou:

– Tive que dirigir muito devagar. – Ela engoliu em seco e respirou fundo. – Vou viajar amanhã.

Mervyn ficou surpreso.

– Para onde?

– Quero visitar Thea e ver as gêmeas. Preciso me certificar de que ela está bem. Não há como saber quando terei outra oportunidade: os trens já estão se tornando irregulares e o

acionamento de gasolina começa na semana que vem.

Mervyn assentiu.

– Tem razão. É melhor ir agora enquanto pode.

– Vou subir e arrumar a mala.

– Arrume também para mim, ok?

Por um segundo aterrorizante, Diana pensou que ele queria acompanhá-la.

– Para quê? – murmurou, consternada.

– Não vou dormir numa casa vazia. Ficarei no Reform Club amanhã à noite. Você volta na quarta-feira?

– Isso mesmo.

– Está certo.

Diana subiu. Ao ajeitar as cuecas e meias de Mervyn numa valise, pensou: é a última vez que farei isso para ele. Dobrou uma camisa branca, pegou uma gravata prateada – cores sóbrias combinavam com seus cabelos escuros e olhos castanhos. Diana sentia-se aliviada porque ele aceitara sua história, mas também estava frustrada, como se houvesse algo que deixara por fazer. Compreendeu que, embora estivesse com medo de enfrentá-lo, também queria explicar por que o abandonava. Precisava dizer que ele a decepcionara, tornara-se autoritário, desatento e não a valorizava como antes. Mas nunca confessaria nada disso e sentia-se terrivelmente desapontada.

Diana fechou a valise de Mervyn e começou a guardar seus artigos de maquiagem e toaleta numa bolsa. Era um jeito esquisito de encerrar cinco anos de casamento: arrumar meias, pasta de dentes e creme facial.

Depois de algum tempo, Mervyn subiu. Diana já tinha arrumado tudo usava sua camisola menos atraente, sentada à penteadeira, removendo a maquiagem. Ele se aproximou por trás e agarrou seus seios.

Oh, não!, pensou ela. Não esta noite, por favor!

Embora estivesse horrorizada, seu corpo reagiu no mesmo

instante e ela corou com um sentimento de culpa. Os dedos de Mervyn apertaram seus mamilos intumescidos e Diana soltou um pequeno arquejo de prazer e desespero. O marido pegou suas mãos e a fez se levantar. Ela o seguiu para a cama, desamparada. Ele apagou a luz os dois e se deitaram na escuridão. Mervyn montou-a imediatamente e fez amor com uma espécie de desespero furioso, quase como se soubesse que ia perdê-la e não havia como evitar. O corpo traiu Diana, que se arrepiou de prazer e vergonha. Arrasada, sentiu que alcançaria o segundo orgasmo com um homem diferente em apenas duas horas. Tentou se controlar, mas não conseguiu.

E chorou quando gozou.

Felizmente, Mervyn não percebeu.



Na manhã de quarta-feira, Diana estava sentada no elegante salão do South-Western Hotel, esperando por um táxi para ir com Mark ao Ancoradouro 108 do porto de Southampton, a fim de embarcar no Clipper da Pan American. Ela sentia-se triunfante e livre.

Todos ali a contemplavam, ou então tentavam não contemplá-la. Um homem bonito, que devia ser dez anos mais moço, fitava-a com mais insistência. Mas ela já estava acostumada. Isso sempre acontecia quando se mostrava atraente e, naquele dia, estava deslumbrante. O vestido de seda era lindo: creme com bolinhas vermelhas do mesmo tom do esmalte e do batom. Os sapatos de cor creme combinavam e o chapéu de palha dava o remate perfeito. Pensara em calçados vermelhos, mas concluíra que seriam de mau gosto.

Adorava viajar: arrumar e desfazer as malas, conhecer pessoas, ser mimada, fartar-se de champanhe e da melhor comida, ver novos lugares. Estava nervosa com a perspectiva de

voar, mas a travessia do Atlântico era a mais fascinante de todas as viagens, pois o destino eram os Estados Unidos. Mal podia esperar para chegar lá. Imaginava o país como uma fã de cinema: um apartamento art déco cheio de janelas e espelhos, uma criada de uniforme ajudando-a a vestir um casaco de peles branco, um carro preto e comprido na rua lá fora, com o motor ligado, um chofer esperando para levá-la a uma boate, onde pediria um martíni bem seco e dançaria ao som de uma banda de jazz, cujo vocalista seria Bing Crosby. Tinha consciência de que isso era uma fantasia, mas mal podia esperar para descobrir a realidade.

Sentia-se dividida por deixar a Inglaterra no momento em que a guerra começava. Parecia uma covardia, mas era grande a emoção de partir.

Sabia muita coisa sobre os judeus. Manchester tinha uma grande comunidade judaica, que plantara mil árvores em Nazaré. Os amigos judeus de Diana acompanhavam os acontecimentos na Europa com horror e medo. E não apenas eles: os fascistas também odiavam os negros, os ciganos, os pederastas e qualquer pessoa que discordasse de sua ideologia. Diana tinha um tio pederasta que sempre fora gentil com ela, tratava-a como a uma filha.

Estava muito velha para se alistar, mas deveria ficar em Manchester, fazer um trabalho voluntário, enrolar bandagens para a Cruz Vermelha...

Tratava-se de uma fantasia, ainda mais improvável do que dançar ao som de Bing Crosby. Não sabia fazer curativos. Austeridade e uniformes não combinavam com ela.

Mas nada disso era de fato importante. Só uma coisa contava: estava apaixonada. Iria para onde Mark fosse. Seria capaz até de acompanhá-lo a um campo de batalha caso necessário. Casariam e teriam filhos. Ele ia para casa com ela.

Sentiria saudade das sobrinhas. Perguntou-se quanto tempo

passaria antes que tornasse a vê-las. Talvez já estivessem crescidas quando se encontrassem outra vez, usando perfume e sutiãs, em vez de meias soquetes e rabo de cavalo.

Mas era possível que também tivesse as próprias filhas...

Estava entusiasmada com a viagem no Clipper. Lera tudo a seu respeito no *Manchester Guardian*, mas nunca sonhara que um dia viajaria naquele avião. Parecia um milagre chegar a Nova York em pouco mais de um dia.

Escrevera um bilhete para Mervyn. Não dizia nada do que tinha pensado em lhe declarar. Não explicava como ele perdera seu amor, de forma lenta e inexorável, através da negligência e da indiferença, nem mesmo mencionava que Mark era maravilhoso. “Caro Mervyn, estou indo embora. Acho que você se tornou frio comigo e me apaixonei por outro homem. Quando você ler este bilhete, já estaremos nos Estados Unidos. Lamento magoá-lo, mas, em parte, a culpa é sua.” Não conseguiu imaginar uma forma apropriada de se despedir – não podia escrever “sua” nem “com amor” –, por isso assinou apenas seu nome.

A princípio, pensou em deixar o bilhete na casa, em cima da mesa da cozinha. Mas depois ficou preocupada com a possibilidade de Mervyn mudar seus planos, desistir de passar a noite de terça-feira no clube, voltar para casa, encontrar o papel e criar algum problema para ela e Mark antes de deixarem o país. Por isso, enfim, enviou o bilhete pelo correio para a fábrica, aonde deveria chegar naquele mesmo dia.

Diana olhou para o relógio de pulso (um presente de Mervyn, que gostava que ela fosse pontual). Conhecia a rotina do marido: passava quase toda a manhã dentro da fábrica e, perto do meio-dia, subia para o escritório e verificava a correspondência antes de sair para almoçar. Diana escrevera “particular” no envelope, a fim de que a secretária não o abrisse. Estaria em cima da mesa, numa pilha de faturas, encomendas, cartas e memorandos.

Mervyn devia estar lendo o bilhete naquele momento. O pensamento fez com que se sentisse culpada e triste, mas também aliviada por se encontrar a mais de 300 quilômetros de distância.

– Nosso táxi chegou – anunciou Mark.

Diana ficou ainda mais nervosa. Atravessar o Atlântico num avião!

– Está na hora de partir – disse ele.

Ela conteve a ansiedade. Largou a xícara de café, levantou-se e ofereceu-lhe um sorriso esfuziante.

– Isso mesmo – murmurou Diana, feliz. – Está na hora de voar.



Eddie sempre fora tímido com mulheres.

Ainda era virgem quando partira de Annapolis. Servindo em Pearl Harbor, fora para a cama com prostitutas, uma experiência que o deixara com uma profunda repulsa. Depois de sair da Marinha, fora apenas um solitário, seguindo de carro até um bar a poucos quilômetros de distância sempre que sentia necessidade de companhia. Carol-Ann era a recepcionista de uma empresa aérea em Port Washington, Long Island, o novo terminal de Nova York para hidroaviões. Era uma loura bronzeada, com olhos do azul da Pan American. Eddie nunca teria ousado convidá-la para sair, mas, um dia, na cantina, um jovem operador de rádio lhe deu dois ingressos para a peça *Life with Father*, na Broadway. Como ele comentou que não tinha acompanhante, o jovem se virou para a mesa ao lado, indagando se Carol-Ann não queria ir.

– Puxa, claro que sim! – respondeu ela, com um sotaque diferente, e Eddie percebeu que a garota vinha da mesma região que ele.

Mais tarde, ele soube que, na ocasião, Carol-Ann sentia-se desesperadamente sozinha. Era uma moça do interior e os costumes sofisticados dos nova-iorquinos a deixavam ansiosa e tensa. Era uma mulher sensual, mas não sabia o que fazer quando os homens tomavam liberdades, por isso, constrangida e indignada, repelia os avanços. Seu nervosismo lhe proporcionara a reputação de rainha do gelo, e ela não costumava ser convidada para sair.

Mas Eddie não sabia nada disso na época. Sentia-se como um rei de braço dado com Carol-Ann. Levou-a para jantar e, depois, voltaram ao apartamento dela de táxi. Na porta, ele agradeceu pela noite maravilhosa e tomou coragem suficiente para beijá-la no rosto. No mesmo instante, Carol-Ann desatou a chorar, dizendo que ele era o primeiro homem decente que conhecia em Nova York. Sem pensar muito, Eddie a convidou para sair outra vez.

Apaixonou-se por Carol-Ann no segundo encontro. Foram a Coney Island, numa sexta-feira quente de julho; ela usava uma calça comprida branca e uma blusa azul-celeste. Eddie percebeu, aturdido, que a jovem se orgulhava de ser vista em sua companhia. Tomaram sorvete, andaram na montanha-russa, compraram chapéus ridículos, ficaram de mãos dadas, revelaram segredos íntimos triviais. Quando a levou em casa, Eddie disse com toda a franqueza que nunca se sentira tão feliz em toda a vida e Carol-Ann tornou a surpreendê-lo ao revelar o mesmo.

Não demorou muito para que ele negligenciasse a casa da fazenda e passasse todo o tempo de folga em Nova York, dormindo no sofá de um colega de trabalho espantado, mas encorajador. Carol-Ann levou-o a Bristol, em New Hampshire, para apresentá-lo aos pais, baixos e magros, de meia-idade, pobres e trabalhadores. Fizeram com que Eddie se lembrasse dos próprios pais, mas sem o fervor pela religião. Mal podiam acreditar que haviam gerado uma filha tão linda e ele

compreendia como os dois se sentiam, pois também mal podia acreditar que uma moça assim pudesse ter se apaixonado por ele.

Agora, parado no jardim do Langdown Lawn Hotel, olhando para o tronco do carvalho, Eddie estava pensando em quanto a amava. Ele se encontrava num pesadelo, um daqueles sonhos infernais em que a pessoa começa se sentindo segura e feliz, mas depois, num surto de especulação inútil, imagina a pior coisa que poderia ocorrer. Então, de repente, descobre que isso está de fato acontecendo e não há nada que possa fazer.

E o que tornava isso ainda mais terrível era o fato de que os dois tinham brigado pouco antes de Eddie sair de casa, e ele partira sem fazer as pazes.

Naquele dia, Carol-Ann estava sentada no sofá, lendo uma edição da *Life*, e usava quase nada além de uma antiga camisa de brim dele, as pernas compridas e bronzeadas estendidas, os cabelos louros espalhados pelos ombros, como um xale. Os seios eram normalmente pequenos, mas agora estavam intumescidos. Eddie sentiu um impulso de tocá-los e pensou: Por que não? Enfiou a mão por dentro da camisa e pegou um deles. A esposa o fitou, abriu um sorriso afetuoso e continuou a ler.

Eddie a beijou no alto da cabeça e sentou-se ao lado. Ela o surpreendera desde o início. Ambos se mostraram tímidos no princípio, mas logo depois que voltaram da lua de mel e começaram a viver juntos ali, na casa da fazenda, Carol-Ann se tornara completamente desinibida.

Primeiro, quis fazer amor com a luz acesa. Eddie consentiu e até gostou, embora envergonhado. Depois, notou que ela não trancava a porta quando tomava banho. Achou que seria tolice se ele trancasse e passou a imitá-la. Até que um dia Carol-Ann surgiu sem roupa e se meteu na banheira com ele. Eddie nunca ficara tão constrangido em toda a vida. Nenhuma mulher o vira nu desde que tinha 4 anos. Teve uma enorme ereção só de

observar Carol-Ann lavar a axilas e cobriu o pênis com uma toalha, o que a fez gargalhar.

Ela começara a circular pela casa em vários estágios de nudez. Para os padrões de Carol-Ann, naquele dia no sofá ela estava muito vestida; a camisa deixava entrever um pequeno trecho da calcinha. A esposa costumava usar muito menos. Eddie preparava o café na cozinha e, de repente, ela entrava apenas com a roupa de baixo e punha-se a preparar muffins ingleses. Enquanto ele fazia a barba, Carol-Ann aparecia de calcinha, sem sutiã, e escovava os dentes. Ou, então, entrava no quarto completamente nua, trazendo a bandeja do café da manhã para o marido. Ele especulava se Carol-Ann não seria “hiperlibidinosa” – já ouvira algumas pessoas usarem esse termo. Mas também gostava de que ela fosse assim. Gostava muito. Nunca sonhara ter uma linda esposa circulando em casa sem roupas. Sentia-se afortunado.

Mudara por completo depois de viver com Carol-Ann por um ano. Tornara-se tão desinibido que também andava nu do quarto para o banheiro; às vezes nem mesmo vestia o pijama para dormir. Certa vez, fizera amor com ela no sofá da sala de estar.

Eddie ainda se perguntava se não haveria algo psicologicamente anormal nesse tipo de comportamento, mas concluíra que isso não tinha a menor importância: ele e Carol-Ann podiam fazer o que quisessem. Depois que aceitou essa realidade, começou a se sentir como um passarinho fora da gaiola. Era incrível, maravilhoso, quase como estar no paraíso.

Ele se sentou ao lado de Carol-Ann sem dizer nada, apenas desfrutando a sua proximidade, inspirando a brisa amena que vinha do bosque e entrava pelas janelas abertas. Já arrumara a bolsa e, dentro de poucos minutos, seguiria para Port Washington. Carol-Ann tinha saído da Pan American – era complicado morar no Maine e trabalhar em Nova York – e arrumara um emprego numa loja em Bangor. Eddie queria lhe

falar sobre isso antes de partir.

Carol-Ann desviou os olhos da revista e indagou:

- O que é?
- Não falei nada.
- Mas ia falar, não é?

Eddie sorriu.

- Como adivinhou?
- Eddie, você sabe que posso ouvir seu cérebro funcionando.

O que é?

Ele pôs a mão grande e áspera na barriga de Carol-Ann e sentiu como estava um pouco estufada.

– Quero que largue o emprego.

– Ainda é muito cedo...

– Não tem problema. Podemos nos sustentar. E quero que cuide bem de si mesma.

– Pode deixar que estou me cuidando. E vou largar o trabalho quando for necessário.

Eddie se magoou.

– Pensei que ficaria satisfeita. Por que quer continuar trabalhando?

– Porque precisamos do dinheiro e eu tenho que fazer alguma coisa.

– Já falei que podemos nos sustentar.

– Eu ficaria entediada.

– A maioria das esposas não trabalha.

– Eddie, por que está tentando me prender em casa? – questionou Carol-Ann, elevando a voz.

Ele não queria fazer isso e a sugestão o enfureceu.

– Por que está tão determinada a me contrariar?

– Não estou contra você! Só não quero ficar sentada aqui mofando!

– Não tem coisas para fazer?

– Como o quê?

- Tricotar roupas de bebê, fazer conservas, cochilar...
- Ah, pelo amor de Deus... – retrucou, desdenhosa.
- O que há de errado nisso? – insistiu Eddie, irritado.
- Terei muito tempo para tudo isso quando o bebê nascer.

Quero aproveitar minhas últimas semanas de liberdade.

Eddie sentiu-se humilhado, sem saber direito por quê. Queria apenas sair dali. Consultou o relógio.

- Tenho que pegar o trem.

Carol-Ann parecia triste e disse, em tom conciliador:

- Não fique zangado.

Mas ele estava.

- Acho que não consigo compreendê-la.
- Detesto me sentir tolhida.
- Só estou tentando agradar.

Eddie se levantou e foi para a cozinha, a fim de pegar o paletó do uniforme, pendurado num gancho. Sentia-se tolo e desajeitado. Procurara demonstrar alguma generosidade e Carol-Ann encarara como uma imposição.

A esposa pegou a mala no quarto e lhe entregou depois que ele vestiu o paletó. Ela ergueu o rosto e Eddie beijou-a rapidamente.

- Não saia de casa zangado comigo.

Mas ele saía.

E agora, parado num jardim, em outro país, a milhares de quilômetros, com o coração tão pesado quanto chumbo, especulava se tornaria a ver sua Carol-Ann.

CAPÍTULO CINCO

PELA PRIMEIRA VEZ na vida, Nancy Lenehan estava engordando.

Parada em sua suíte no Adelphi Hotel, em Liverpool, ela olhava horrorizada para o espelho, ao lado de uma pilha de bagagem, à espera de ser levada a bordo do SS *Orania*.

Não era bonita nem feia, mas tinha feições comuns – nariz reto, cabelos escuros lisos, queixo proporcional – e parecia atraente quando se vestia com cuidado, o que acontecia na maior parte do tempo. Naquele dia, usava um tailleur de flanela de Madame Paquin, em tom cereja, com uma blusa cinza de seda. O casaco acinturado (a última moda) fora o que revelara o aumento de peso. Um vinco ligeiro mas inconfundível surgiu e os botões inferiores estavam pressionados nas casas.

Havia apenas uma explicação para isso: a cintura do casaco era menor do que a circunferência da Sra. Lenehan.

Provavelmente isso se devia aos almoços e jantares nos melhores restaurantes de Paris ao longo do mês de agosto. Ela suspirou. Faria dieta durante a travessia transatlântica. Ao chegar a Nova York, já teria recuperado a silhueta anterior.

Nunca fizera regime antes. A perspectiva não a perturbava: embora apreciasse a boa comida, não era gulosa. O que realmente a preocupava era a possibilidade de aquilo ser um sinal da idade.

Ela estava completando 40 anos naquele mesmo dia.

Sempre fora esbelta, sempre ficara atraente em roupas elegantes, sob medida. Detestara a moda de roupas soltas e decotadas da década de 1920. Regozijara-se quando os trajes acinturados voltaram a ser chiques. Passava muito tempo

fazendo compras, gastava muito dinheiro – era algo que a agradava. Às vezes fingia que, por trabalhar com moda, precisava verificar tudo muito bem, mas a verdade é que o fazia por prazer.

Em 1899, no ano em que Nancy nascera, o pai abrira uma fábrica de calçados em Brockton, Massachusetts, nos arredores de Boston. Ele obtivera sapatos finos enviados de Londres, produzira imitações baratas e convertera o plágio em argumento de venda. Seus anúncios mostravam um calçado londrino de 29 dólares ao lado de uma cópia da Black's de 10 dólares, indagando: “Você percebe a diferença?” Ele tinha trabalhado duro e se saíra bem. Durante a Grande Guerra, conseguira o primeiro de seus contratos militares, que ainda constituíam uma das bases da empresa.

Nos anos 1920, abriu uma rede de lojas, principalmente na Nova Inglaterra, vendendo apenas os sapatos. Durante a Depressão, reduziu o número de modelos de mil para cinquenta e introduziu um preço-padrão de 6,60 dólares para qualquer par. Sua audácia compensou: enquanto os outros faliam, o lucro da Black's aumentava.

Ele sempre dizia que fabricar produtos bons ou ruins tinha o mesmo custo, logo não havia motivo para que as classes trabalhadoras andassem mal calçadas. Numa época em que os pobres compravam sapatos de solas de papelão, que se gastavam em poucos dias, as botinas da Black's eram baratas e duravam bastante. O pai e Nancy se orgulhavam disso. Para ela, as botinas fabricadas pela família justificavam a casa imensa em Back Bay, o enorme Packard com chofer, as festas, as roupas bonitas e os numerosos criados. Não se portava como alguns filhos de ricos, que encaravam a fortuna herdada como algo natural.

Nancy gostaria de dizer o mesmo em relação ao irmão, Peter, que tinha 38 anos. Ao morrer, cinco anos antes, o pai deixara

para os filhos cotas iguais da empresa: quarenta por cento para cada um. A tia paterna, Tilly, recebera dez por cento e o restante fora para Danny Riley, o velho e desacreditado advogado do pai.

Nancy sempre presumira que assumiria o comando quando o pai falecesse. Ele sempre tivera predileção por ela. Uma mulher dirigindo uma empresa não era algo comum, mas também não se tratava de um fato sem precedentes, em especial na indústria de vestuário.

A empresa tinha um vice, Nat Ridgeway, um homem muito competente, que deixava bastante claro que se considerava o melhor para o cargo de presidente da Black's Boots.

Mas Peter também desejava o posto, e era o filho. Nancy sempre se sentira culpada por ser a predileta do pai. O irmão ficaria humilhado e amargamente desapontado se não herdasse a posição. Nancy não tinha coragem de desfechar esse golpe fulminante, por isso aceitou que ele assumisse o comando. Juntos, ela e Peter possuíam oitenta por cento das ações, assim, quando estavam de acordo, podiam impor o que quisessem.

Nat Ridgeway pediu demissão e foi trabalhar para a General Textiles, em Nova York. Uma grande perda para a companhia, mas também, sob outro aspecto, para Nancy. Pouco antes da morte do pai, ela e Nat haviam começado a namorar.

Nancy não saía com ninguém desde a morte de Sean. Não queria. Mas Nat escolhera o momento com perfeição, pois, depois de cinco anos, ela começava a pensar que sua vida era só trabalho e nada de diversão, portanto estava preparada para um romance. Desfrutaram uns poucos jantares tranquilos, algumas idas ao teatro e alguns beijos de boa-noite bastante ardentes. No momento em que Nat saiu da Black's, o relacionamento também acabou, deixando Nancy com a sensação de que fora passada para trás.

Nat alcançou um sucesso espetacular na General Textiles e era agora o presidente. Também se casou com uma linda loura

dez anos mais jovem do que Nancy.

Em contraste, Peter saiu-se muito mal. A verdade é que ele não estava à altura do cargo. Durante os cinco anos em que ocupou o posto, os negócios sofreram uma queda vertiginosa. As lojas não davam mais lucros, apenas zeravam as contas. Peter abriu uma suntuosa filial na Quinta Avenida, em Nova York, que vendia sapatos femininos chiques e absorvia todo o seu tempo e atenção – mesmo assim, deu prejuízo.

Apenas a fábrica, que Nancy administrava, rendia dinheiro. Em meados dos anos 1930, enquanto os Estados Unidos se reerguiam da Depressão, ela começou a fabricar sandálias femininas bem baratas que deixavam os dedos à mostra e se tornaram uma linha extremamente popular. Estava convencida de que o futuro dos sapatos para mulheres se encontrava em produtos leves, coloridos, que tivessem preços baixos a ponto de serem descartados sem culpa.

Poderia vender o dobro do número de calçados que produzia se tivesse infraestrutura. Mas seus lucros eram absorvidos pelos prejuízos de Peter e nada restava para a expansão.

Nancy sabia o que precisava ser feito para salvar o negócio.

A rede de lojas teria que ser vendida, talvez a seus gerentes, a fim de levantar recursos. O dinheiro seria aplicado na modernização da fábrica, com a introdução da produção em esteira transportadora, que estava sendo adotada nas indústrias de sapatos mais modernas. Peter seria obrigado a lhe entregar o comando e se limitar a dirigir sua loja em Nova York, trabalhando com um controle de custos mais rigoroso.

Nancy estava disposta a permitir que o irmão conservasse o título de presidente e o prestígio que o acompanhava, e continuaria a financiar a loja com os lucros da fábrica, dentro de certos limites. Mas Peter teria que renunciar a todo o poder prático.

Ela apresentou essas propostas por escrito ao irmão. Ele

prometeu pensar no assunto. Nancy lhe disse, da forma mais gentil possível, que o declínio da empresa não podia prosseguir. Avisou que, se o irmão não concordasse com o plano, ela precisaria passar por cima dele, recorrendo ao conselho – o que significaria a dispensa de Peter e a ascensão de Nancy à presidência. Torcia ardentemente para que ele demonstrasse bom senso. Se o irmão resolvesse provocar uma crise, com toda a certeza sofreria uma derrota humilhante e haveria uma ruptura na família, talvez irreparável.

Até então, ele não se mostrara ofendido. Parecia calmo e pensativo, permanecia afável. Decidiram ir juntos a Paris. Peter comprava sapatos da moda para sua loja, enquanto Nancy fazia compras nos grandes costureiros e se mantinha atenta às despesas do irmão. Ela adorava a Europa, Paris em particular, e aguardava ansiosa a visita a Londres. Mas, de repente, a guerra foi declarada.

Resolveram retornar aos Estados Unidos imediatamente, mas muitos tomaram a mesma decisão e os irmãos tiveram grande dificuldade para conseguir passagens. Enfim, Nancy arrumou lugares num navio. Fizeram uma longa viagem por trem e barco, de Paris a Liverpool, e chegaram um dia antes do embarque.

Ela sentia-se enervada devido aos preparativos de guerra na Inglaterra. Na tarde anterior, um empregado do hotel entrara em seu quarto e instalara uma tela à prova de luz na janela. O prédio todo deveria ficar às escuras para que a cidade não fosse visível do ar durante a noite. Os vidros das janelas tinham fitas adesivas cruzadas, a fim de não se estilhaçarem quando a cidade fosse bombardeada. Havia pilhas de sacos de areia na frente do hotel e um abrigo antiaéreo nos fundos.

Nancy morria de medo de que os Estados Unidos entrassem na guerra e seus filhos Liam e Hugh fossem convocados. Quando Hitler subira ao poder, lembrava-se do pai comentando que os nazistas impediriam que a Alemanha se tornasse

comunista. Fora a última vez que pensara no Führer. Tinha muito a fazer, não podia perder tempo se preocupando com a Europa. Não estava interessada em política internacional, em equilíbrio de poder ou na ascensão do fascismo: essas abstrações pareciam tolices quando comparadas com as vidas de seus filhos. Poloneses, austríacos, judeus e eslavos teriam que cuidar de si mesmos. Sua função era cuidar de Liam e Hugh.

Não que precisassem de muitos cuidados. Nancy se casara jovem e logo tivera filhos, por isso eles já eram crescidos. Liam era um homem de família e vivia em Houston. Hugh cursava o último ano em Yale, mas não estudava com o empenho que deveria. Nancy ficara consternada ao saber que ele comprara um carro esportivo veloz, porém o filho já passara da idade de escutar os conselhos maternos. Desse modo, como não poderia livrá-los do Exército, não tinha muitas motivações para voltar para casa.

Ela sabia que a guerra seria boa para os negócios. Haveria um surto de prosperidade econômica nos Estados Unidos, as pessoas teriam mais dinheiro para comprar sapatos. Quer o país entrasse na guerra ou não, haveria uma expansão das Forças Armadas, o que implicaria o aumento das encomendas ligadas aos contratos governamentais da Black's. Nancy calculava que as vendas dobrariam, ou talvez até triplicassem, durante os dois ou três anos seguintes – outro bom motivo para modernizar a fábrica.

No entanto, tudo isso se tornava insignificante se comparado à terrível possibilidade de os filhos serem convocados, para lutar e ser feridos, ou mesmo morrer em agonia num campo de batalha.

Um carregador veio buscar a bagagem e interrompeu seus pensamentos mórbidos. Ela perguntou ao homem se Peter já despachara as próprias malas. Num forte sotaque local, que Nancy mal conseguiu compreender, o funcionário informou que

Peter enviara-as para o navio na noite anterior.

Ela foi ao quarto do irmão para verificar se ele já estava pronto. Uma camareira abriu a porta e lhe disse, no mesmo acento gutural, que Peter partira na noite anterior.

Nancy ficou perplexa. Haviam-se registrado juntos no hotel na véspera, à tardinha. Ela decidira jantar em seu quarto e deitar cedo; Peter dissera que faria o mesmo. Se ele mudara de ideia, para onde teria ido? Onde passara a noite? E onde se encontrava agora?

Desceu para o saguão com a intenção de dar um telefonema, mas não sabia para quem ligar. Nem ela nem Peter conheciam qualquer pessoa na Inglaterra. Mas Liverpool ficava perto de Dublin: será que fora à Irlanda, terra de origem da família Black? Conhecer o país era parte do plano original, mas o irmão tinha consciência de que não daria tempo de pegar o navio.

Num súbito impulso, Nancy pediu à telefonista que ligasse para o número de tia Tilly.

Telefonar da Europa para os Estados Unidos era uma empreitada incerta. Não havia linhas suficientes e, às vezes, podia-se aguardar um longo tempo. Quando se tinha sorte, a ligação se completava em poucos minutos. A qualidade do som em geral era péssima; era necessário até gritar.

Ainda não eram nem sete da manhã em Boston, mas tia Tilly já devia estar de pé. Como muitas pessoas mais velhas, ela dormia pouco e acordava cedo. Era bastante ativa.

As linhas ainda não estavam congestionadas naquele momento, talvez porque ainda fosse muito cedo para que os executivos americanos estivessem nos escritórios. Depois de apenas cinco minutos, o telefone na cabine tocou. Nancy atendeu e ouviu o som familiar da chamada de um aparelho americano. Imaginou tia Tilly com um chambre de seda e pantufas, atravessando o assoalho encerado da cozinha até o telefone preto no vestíbulo.

– Alô?

– Tia Tilly, aqui é Nancy.

– Meu Deus, menina, você está bem?

– Estou ótima. Houve uma declaração de guerra, mas os combates ainda não começaram, pelo menos não na Inglaterra. Tem notícias dos meninos?

– Os dois estão muito bem. Recebi um cartão-postal de Liam, enviado de Palm Beach. Ele disse que Jacqueline ficou ainda mais bonita bronzeada. Hugh me levou para um passeio em seu carro novo, que é uma beleza.

– Ele corre muito?

– Pareceu-me bastante cuidadoso, até recusou um coquetel. Falou que as pessoas não devem dirigir automóveis potentes quando bebem.

– Isso me faz sentir melhor.

– Feliz aniversário, querida! O que está fazendo na Inglaterra?

– Estou em Liverpool, prestes a embarcar no navio para Nova York, mas me perdi de Peter. Imagino que não tenha notícias dele, certo?

– Ora, minha querida, claro que tenho: Peter convocou uma reunião do conselho para depois de amanhã, logo cedo.

Nancy ficou aturdida.

– Sexta-feira de manhã?

– Isso mesmo, querida... Sexta-feira é depois de amanhã – respondeu Tilly com certa irritação. O tom de voz insinuava: *Não sou tão velha assim para não saber mais o dia da semana.*

Nancy não conseguia entender: qual era o sentido de convocar uma reunião quando nem ela nem Peter poderiam comparecer? Os outros conselheiros eram Tilly e Danny Riley, que nunca decidiam nada sozinhos.

Aquela situação tinha toda a cara de uma conspiração. O que Peter estaria tramando?

– O que há na pauta, tia?

– Eu estava verificando agora mesmo... – Tia Tilly leu em voz alta: – “Aprovação da venda da Black’s Boots, Inc. à General Textiles, Inc. nas condições negociadas pelo presidente.”

– Meu Deus!

Nancy estava tão chocada que sentiu uma vertigem. Peter queria vender a empresa sem que ela soubesse!

Por um momento, ficou atordoada demais para falar. Depois, com um grande esforço, disse com a voz trêmula:

– Importa-se de ler isso de novo, tia?

Tilly repetiu. Nancy sentiu-se enregelar. Como Peter conseguira fazer isso debaixo do seu nariz? Quando negociara a transação? Devia estar trabalhando às escondidas desde que lhe apresentara o relatório secreto. Enquanto fingia considerar suas propostas, na verdade conspirava contra a irmã.

Sempre soubera que Peter era fraco, mas nunca desconfiara de que ele fosse capaz de uma traição tão vergonhosa.

– Você ainda está aí, Nancy?

Ela engoliu em seco.

– Estou, sim, tia. Apenas surpresa. Peter não me contou nada.

– É mesmo? Isso não é justo, certo?

– É evidente que ele quer obter a aprovação na minha ausência... mas também não vai poder comparecer à reunião. Vamos partir de navio hoje e só chegaremos em casa dentro de cinco dias.

No entanto, pensou ela, Peter desaparecera...

– Não tem um avião agora? – indagou tia Tilly.

– O Clipper! – lembrou Nancy de repente.

Saíra em todos os jornais. Podia-se voar através do Atlântico em um dia. Seria esse o plano de Peter?

– Isso mesmo, o Clipper – disse Tilly. – Danny Riley falou que Peter voltará no Clipper e estará aqui a tempo para a reunião do

conselho.

Nancy não conseguia aceitar as mentiras descaradas do irmão. Ele viajara em sua companhia até Liverpool e a fizera pensar que embarcaria no navio. Devia ter partido no momento em que se separaram no corredor do hotel, seguindo de carro à noite para Southampton a tempo de pegar o avião. Como fora capaz de passar todo o tempo ao seu lado, discutindo a viagem iminente, enquanto conspirava para derrubá-la?

– Por que não vem no Clipper também, Nancy?

Seria tarde demais? Peter devia ter planejado tudo com o maior cuidado. Sabendo que ela investigaria ao descobrir tudo, ele se asseguraria de não ser alcançado. Mas a pontualidade nunca tinha sido o forte do irmão; talvez ele houvesse deixado uma margem de erro.

Nancy mal se atrevia a ter alguma esperança.

– Vou tentar, tia – disse, com uma súbita determinação. – Obrigada. Tchau.

Ela desligou. Pensou por um momento. O Clipper decolaria de Southampton e pousaria em Nova York no dia seguinte, a tempo de Peter chegar a Boston para a reunião na sexta-feira. Mas a que horas o avião partiria? Ela conseguiria chegar antes à cidade?

Com o coração na boca, foi até a recepção e perguntou ao recepcionista a que horas o Clipper decolava.

– Já o perdeu, madame.

– Apenas verifique a hora, por favor – pediu Nancy, tentando não transparecer a impaciência.

O homem abriu uma agenda.

– Duas horas.

Nancy consultou o relógio: era meio-dia.

– Não conseguiria chegar a Southampton a tempo – acrescentou o recepcionista –, mesmo que um avião particular a levasse.

– Há algum avião disponível por aqui?

O homem assumiu a expressão tolerante de um empregado fazendo a vontade de uma estrangeira tola.

– Há um aeroporto a cerca de 15 quilômetros daqui. Geralmente encontra-se um piloto para levar um passageiro a qualquer lugar, desde que se pague. Mas a senhora precisa chegar ao aeroporto, encontrar o piloto, realizar a viagem, aterrissar em algum lugar nas proximidades de Southampton e seguir até as docas. Com certeza não é possível fazer tudo isso em duas horas.

Nancy afastou-se, frustrada. Havia muito tempo, aprendera que, no mundo dos negócios, de nada adiantava se enfurecer. Quando as coisas davam errado, era preciso encontrar uma forma de repará-las.

Não posso chegar a Boston a tempo, pensou, logo tenho que impedir a venda da Black's mesmo a distância.

Nancy voltou à cabine telefônica. Passava um pouco das sete em Boston. Seu advogado, Patrick McBride – mais conhecido como “Mac” –, ainda estaria em casa. Ela deu o número à telefonista.

Mac era o homem que seu irmão deveria ser. Quando Sean morrera, ele se apresentara para cuidar de tudo: do inquérito, do funeral, do testamento e das finanças pessoais de Nancy. Fora maravilhoso com os meninos, levando-os para assistir a competições esportivas, indo vê-los em peças na escola, aconselhando-os no que se referia ao colégio e à futura carreira. Quando o pai dela falecera, Mac a aconselhara a não deixar que Peter se tornasse o presidente. Nancy não acatara o conselho e agora os acontecimentos comprovavam que Mac estava certo. Sabia que o advogado era meio apaixonado por ela. Apesar de Nancy gostar muito dele, não se tratava de uma afeição perigosa: católico devoto, fiel à esposa sem atrativos, atarracada e leal, Mac era gorducho, delicado, calvo. Não chegava a ser o tipo de

homem por quem pudesse cair de amores; sempre se sentira atraída por homens fortes, determinados e com muito cabelo – como Nat Ridgeway.

Enquanto esperava pela ligação, Nancy teve tempo de refletir sobre a ironia da situação. O companheiro da conspiração de Peter era Nat Ridgeway, o antigo braço direito do pai e antiga paixão dela. Nat deixara a empresa – e Nancy – porque não podia ser o chefe; agora, como presidente da General Textiles, tentava outra vez assumir o controle da Black's Boots.

Ela sabia que Nat estivera em Paris para assistir ao lançamento das coleções, embora não o tivesse encontrado. Mas Peter devia tê-lo visto e fechado o negócio enquanto fingia inocentemente comprar sapatos. Nancy não desconfiara de nada. Ao pensar em como se deixara enganar com a maior facilidade, enfureceu-se com Peter e Nat – e, acima de tudo, consigo mesma.

O telefone na cabine tocou e ela atendeu: estava com sorte nas ligações.

Mac atendeu com a boca cheia, pois tomava o café da manhã.

– Hum?

– Mac, sou eu, Nancy.

Ele se apressou em engolir.

– Graças a Deus você ligou. Vasculhei a Europa à sua procura. Peter está tentando...

– Já sei. Acabei de ser informada. Quais são as condições da transação?

– Uma ação da General Textiles, mais 27 centavos em dinheiro para cada cinco ações da Black's.

– Mas é uma ninharia!

– Levando em conta os lucros, não é tão baixo assim...

– Mas nosso patrimônio vale muito mais!

– Ei, lembre-se de que não estou brigando com você – disse

ele suavemente.

- Desculpe, Mac, é que estou furiosa.
- Eu entendo.

Nancy ouvia as crianças discutindo ao fundo. Ele tinha cinco, todas meninas. Escutava também um rádio ligado e uma chaleira sibilando. Depois de um momento, Mac acrescentou:

– Realmente, a oferta é muito baixa. Reflete o nível atual de lucros, é verdade, mas ignora o valor patrimonial e o potencial futuro.

- Concordo em gênero, número e grau.
- E há mais uma coisa, Nancy.
- O quê?
- Após a venda, Peter será mantido na direção da Black's por cinco anos. Mas não há lugar para você.

Ela fechou os olhos. Era o mais cruel de todos os golpes. Sentiu-se nauseada. O indolente e estúpido Peter, a quem Nancy sempre dera cobertura, continuaria. E ela, que mantivera a empresa de pé, seria afastada.

- Como ele pôde fazer isso comigo? É meu irmão!
- Lamento muito, Nancy.
- Obrigada.
- Nunca confiei em Peter – afirmou Mac.
- Meu pai passou a vida inteira construindo a empresa. Não posso permitir que meu irmão a destrua.
- O que quer que eu faça?
- Podemos impedi-lo?
- Se você conseguir chegar a tempo para a reunião do conselho, creio que pode persuadir sua tia e Danny Riley a rejeitarem a proposta...
- Não tenho como chegar a tempo, é esse o problema. Não pode convencê-los?
- Até posso, mas de nada adiantaria... Peter tem maioria de votos em relação a eles, com os quarenta por cento.

– Você não pode votar por mim?

– Não tenho sua procuração.

– Posso votar por telefone?

– Uma ideia interessante... mas acho que a decisão caberia ao conselho, e Peter tem maioria para recusar.

Houve silêncio enquanto os dois pensavam, à procura de uma solução. Nancy lembrou-se das boas maneiras e perguntou:

– Como está a família?

– Sem tomar banho, sem trocar de roupa e fazendo bagunça.

E Betty está grávida.

Por um instante, Nancy esqueceu os problemas.

– Não brinca! – Ela pensava que os dois não queriam mais filhos, já que a caçula tinha agora 5 anos. – Depois de todo esse tempo!

– Pensei que havia descoberto o que estava causando isso...

Nancy riu.

– Parabéns.

– Obrigado, embora Betty esteja um pouco... dividida.

– Por quê? Ela é mais jovem do que eu.

– Mas seis é demais.

– Você tem uma boa situação.

– É verdade... Não pode mesmo pegar o avião?

Nancy suspirou.

– Estou em Liverpool. Southampton fica a uns 320 quilômetros e o avião decola em menos de duas horas. É impossível.

– Liverpool? Não é longe da Irlanda.

– Poupe-me o roteiro de viagem...

– Acontece que o Clipper faz escala na Irlanda.

O coração de Nancy disparou.

– Tem certeza?

– Li no jornal.

Aquilo mudava tudo, pensou ela, com uma súbita esperança.

Poderia pegar o avião, afinal!

– Onde é a escala, em Dublin?

– Não. Em algum lugar na costa oeste. Esqueci o nome. Mas você ainda pode conseguir.

– Vou verificar e ligo para você mais tarde. Até logo.

– Ei, Nancy...

– O que é?

– Feliz aniversário.

Ela sorriu.

– Mac... você é demais.

– Boa sorte.

– Até.

Nancy desligou e voltou à recepção. O funcionário lhe deu um sorriso condescendente. Ela resistiu à tentação de colocá-lo em seu lugar: isso seria ainda mais prejudicial.

– Creio que o Clipper faz escala na Irlanda – disse ela, esforçando-se para parecer cordial.

– É isso mesmo, madame. Em Foynes, no estuário do Shannon.

Ela sentiu vontade de dizer: *Por que não me falou isso antes, seu idiota pedante?* Em vez disso, sorriu e indagou:

– A que horas?

Ele pegou a tabela de horários.

– Deve pousar às 15h30 e tornar a decolar às 16h30.

– Posso chegar lá a tempo?

O sorriso tolerante desapareceu, o homem fitou-a com mais respeito.

– Não sei, nunca pensei nisso. Seria uma viagem de duas horas num avião pequeno. Se encontrar um piloto disposto, talvez consiga.

A tensão de Nancy diminuiu um pouco. Começava a parecer possível.

– Pode chamar um táxi para me levar ao aeroporto

imediatamente?

Ele estalou os dedos para um carregador.

– Táxi para a madame. – Tornou a se virar para Nancy, apontando para as malas empilhadas no saguão. – E a sua bagagem? Não vai poder levá-la num avião pequeno.

– Mande para o navio, por favor.

– Está certo.

– Traga minha conta o mais depressa possível.

– Agora mesmo.

Nancy foi pegar sua pequena valise na pilha de bagagem. Estavam ali os artigos de higiene necessários, maquiagem, uma muda de roupas de baixo. Abriu uma mala e encontrou uma blusa de seda xadrez azul-marinho para usar na manhã seguinte, uma camisola e um roupão. Tinha no braço um casaco de casimira cinza-claro, que tencionava vestir no convés do navio se batesse um vento frio. Decidiu levá-lo: poderia precisar para se agasalhar no avião.

Ela fechou a mala.

– Sua conta, Sra. Lenehan.

Nancy preencheu um cheque e o entregou com a gorjeta.

– Muita gentileza sua, Sra. Lenehan. O táxi está esperando.

Ela saiu depressa e entrou no pequeno automóvel britânico. O carregador pôs a valise no banco a seu lado e deu instruções ao motorista. Nancy acrescentou:

– E vá o mais depressa possível!

O carro atravessou o centro da cidade com uma lentidão irritante. Nancy batia o pé, impaciente. Homens pintavam linhas brancas no centro da rua, no meio-fio e em torno das árvores nas calçadas. Ela se perguntou, irritada, qual seria o propósito daquilo, depois concluiu que as faixas ajudariam os motoristas no blecaute.

O táxi acelerou ao alcançar os subúrbios e se dirigiu para o interior. Nancy não viu preparativos para a guerra ali. Os alemães

não bombardeariam campos, a não ser por acidente. Ela não tirava os olhos do relógio. Já era meio-dia e meia. Se encontrasse um avião e um piloto e conseguisse persuadi-lo a levá-la, tudo sem demora, poderia decolar à uma hora. Duas horas de voo, dissera o recepcionista. Chegaria às três. E ainda teria que seguir do aeroporto para Foynes. Mas não deveria ser uma grande distância. Chegaria com algum tempo de sobra. Haveria um carro para levá-la ao cais? Ela tentou se acalmar; não adiantava se preocupar com antecedência.

Ocorreu-lhe que o Clipper poderia estar lotado, como todos os navios.

Tratou de afastar esse pensamento.

Já ia perguntar ao motorista se ainda faltava muito, quando, para seu alívio, ele saiu abruptamente da estrada, passou por um portão aberto, entrando num campo. Enquanto o carro avançava aos solavancos pelo gramado, Nancy avistou um pequeno hangar à frente. Ao redor, havia pequenas aeronaves coloridas, como borboletas sobre um tecido de veludo. Não faltavam aviões ali, pensou ela, satisfeita. Mas precisava também de um piloto e parecia não haver nenhuma pessoa por perto.

O táxi foi até a enorme porta do hangar.

– Espere aqui, por favor – pediu Nancy, saltando, pois não queria ficar retida ali.

Ela entrou no hangar. Havia três aviões lá dentro, mas não se via ninguém. Nancy tornou a sair. Não era possível que não houvesse uma alma sequer no aeroporto, pensou, nervosa; caso contrário, a porta estaria trancada. Ela contornou o hangar, indo até os fundos, e ali finalmente avistou três homens parados ao lado de uma aeronave.

O avião era espetacular: todo amarelo-canário, até mesmo as pequenas rodas, fazendo Nancy se lembrar de carrinhos de brinquedo. Tratava-se de um biplano, as asas superiores e inferiores unidas por cabos e longarinas, com um único motor, no

nariz. A cauda estava pousada no chão, a hélice apontada para cima, parecendo um filhote de cachorro suplicando para passear na rua.

Em cima de uma escada, um funcionário com um macacão azul sujo de óleo e um boné de pano debruçava-se por cima do banco dianteiro, despejando gasolina de uma lata numa abertura na asa. No chão, dois homens conversavam, um vestindo um terno de tweed, outro alto e de boa aparência, mais ou menos da idade de Nancy, com um chapéu de aviador e um blusão de couro.

Ela pigarreou.

– Com licença.

Os dois a encararam, mas o aviador continuou a falar e ambos acabaram desviando os olhos.

Não era um bom começo.

– Desculpem a interrupção – insistiu Nancy –, mas preciso alugar um avião.

O aviador interrompeu a conversa e falou:

– Não posso ajudá-la.

– É uma emergência.

– Não sou um maldito taxista.

Ele tornou a se virar. Nancy ficou irritada o suficiente para perguntar:

– Precisa ser tão grosseiro?

Isso atraiu a atenção do homem. Ele a fitou com uma expressão interessada, inquisitiva, e Nancy notou as sobrancelhas pretas arqueadas.

– Não tive a intenção de ser grosseiro. Mas meu avião não está à disposição para ser alugado, nem eu.

– Por favor, não fique ofendido – disse ela, desesperada –, mas, se é uma questão de dinheiro, pagarei um valor alto...

Ofendido, ele contraiu o rosto e tornou a virá-lo para o outro lado.

Nancy observou que havia um paletó cinza-escuro listrado por baixo do blusão de couro e que os sapatos pretos Oxford eram autênticos, e não imitações baratas como ela produzia. Era obviamente um empresário rico, que pilotava o próprio avião por prazer.

– Há mais alguém por aqui? – perguntou Nancy.

O mecânico desviou a atenção do tanque de combustível e balançou a cabeça.

– Mais ninguém hoje.

O aviador disse a seu interlocutor:

– Não estou no negócio para perder dinheiro. Diga a Seward que o pagamento dele é o habitual para o trabalho.

– O problema é que ele tem razão até certo ponto – insistiu o homem no terno de tweed.

– Sei disso. Diga que poderemos negociar um preço mais alto para o próximo trabalho.

– Talvez isso não o satisfaça.

– Nesse caso, ele pode pegar as coisas dele e cair fora.

Nancy teve vontade de gritar de frustração. Ali estava um avião perfeito e um piloto, mas nada do que ela dissesse poderia persuadir o homem a levá-la aonde queria. À beira das lágrimas, gritou:

– Mas tenho que chegar a Foynes!

O aviador tornou a se virar.

– A senhora disse Foynes?

– Sim.

– Por quê?

Pelo menos ela conseguira atraí-lo para uma conversa.

– Estou tentando alcançar o Clipper.

– Curioso, pois quero fazer mesmo.

A esperança de Nancy ressurgiu.

– Meu Deus! Está indo para Foynes?

– Isso mesmo – respondeu o aviador, com uma expressão

sombria. – Estou atrás da minha esposa.

Apesar de estar tão transtornada, Nancy estranhou a afirmação: um homem capaz de confessar isso era muito fraco ou muito seguro de si. Ela olhou para o avião.

– Há dois lugares em seu avião? – indagou, apreensiva.

Ele a fitou de alto a baixo.

– Isso mesmo, dois lugares.

– Por favor, leve-me com você.

O aviador hesitou, depois deu de ombros.

– Por que não?

Nancy quase desfaleceu de alívio.

– Ah, graças a Deus! Não pode imaginar como me sinto agradecida!

– Não precisa agradecer. – Ele estendeu a mão enorme. – Mervyn Lovesey. E a senhora?

Ela apertou a mão estendida.

– Nancy Lenehan. É um prazer conhecê-lo.



Eddie acabou chegando à conclusão de que precisava falar com alguém em quem pudesse confiar totalmente e que mantivesse toda a história em segredo.

A única pessoa com quem ele costumava conversar sobre esses assuntos era Carol-Ann. Ela era sua confidente. Quando o pai ainda estava vivo, não falava nem mesmo com ele: nunca gostara de demonstrar fraqueza. Poderia se fiar em alguém?

Ele pensou no comandante Marvin Baker. Era o tipo de piloto que os passageiros apreciavam: bonito, de queixo quadrado, determinado, seguro de si. Eddie gostava dele, o respeitava. Contudo, a lealdade de Baker era com o avião e a segurança dos passageiros – um homem que se atinha aos regulamentos. Insistiria em procurar a polícia imediatamente e relatar o caso.

Não adiantaria falar com ele.

Havia mais alguém?

Steve Appleby.

Católico de uma família paupérrima e filho de um lenhador do Oregon, era um rapaz alto, com músculos tão rígidos quanto madeira. Tinham sido aspirantes juntos em Annapolis. Tornaram-se amigos logo no primeiro dia, no vasto refeitório branco. Enquanto os outros calouros reclamavam da comida, Eddie esvaziava o prato. Erguendo os olhos, descobriu que havia outro cadete pobre o bastante para achar que aquela refeição era maravilhosa. Seus olhos se encontraram e eles se entenderam perfeitamente.

Foram amigos durante todo o tempo da academia e, mais tarde, serviram juntos em Pearl Harbor. Quando Steve se casou com Nella, Eddie foi o padrinho. No ano anterior, aconteceu o inverso. O amigo ainda permanecia na Marinha, no estaleiro em Portsmouth, New Hampshire. Só raramente se viam agora, mas isso não importava, pois a amizade dos dois era do tipo que podia sobreviver a longos períodos sem qualquer contato. Não se correspondiam, a menos que tivessem algo específico para dizer. Quando, por acaso, encontravam-se em Nova York, jantavam juntos ou assistiam a uma partida de beisebol, sempre tão íntimos como se tivessem se separado apenas na véspera. Eddie confiaria até sua alma a Steve.

O amigo era também um sujeito que sabia como conseguir tudo. Uma licença para o fim de semana, uma garrafa de uísque, duas entradas para um grande jogo... podia obter o que ninguém mais era capaz.

Eddie decidiu entrar em contato com ele.

Sentiu-se um pouco melhor por ter tomado algum tipo de decisão. Voltou apressado ao hotel.

Entrou no pequeno escritório, deu o número da base naval à gerente e foi para o quarto. Ao completar a ligação, ela o

chamaria.

Eddie tirou o macacão. Não queria estar no banho quando a mulher o chamasse, por isso lavou as mãos e o rosto no quarto, pôs uma camisa branca limpa e a calça do uniforme. A atividade rotineira o acalmou um pouco, mas ainda estava dominado por uma impaciência febril. Não sabia o que Steve diria, mas seria um tremendo alívio partilhar o problema.

No momento em que dava o nó na gravata, a gerente bateu à porta. Ele desceu apressado e pegou o aparelho. A telefonista da base estava na linha.

– Pode me ligar com Steve Appleby, por favor?

– O tenente Appleby não pode falar neste momento.

Eddie sentiu um aperto no coração.

– Quer que eu transmita algum recado? – acrescentou a moça.

Um desapontamento amargo o envolveu. Sabia que Steve não poderia acenar com uma varinha de condão e resgatar Carol-Ann, mas pelo menos conversariam e, talvez, algumas ideias surgissem.

– Senhorita, é uma emergência. Onde ele está?

– Posso perguntar quem deseja falar, senhor?

– Aqui é Eddie Deakin.

– Eddie! – exclamou ela, abandonando a voz formal. – Você foi o padrinho dele, não foi? Sou Laura Gross. Já nos conhecemos. – Ela acrescentou, baixando a voz até um tom conspiratório: – Extraoficialmente, Steve passou a noite de ontem fora da base.

Eddie quase gemeu. Steve estava fazendo o que não devia – e no momento errado.

– Quando ele deve voltar?

– Já deveria ter voltado antes do amanhecer, mas ainda não apareceu.

Pior ainda: Steve não apenas estaria ausente, mas também

metido em alguma encrenca.

– Posso passar a ligação para Nella – acrescentou a telefonista. – Ela está no serviço de datilografia.

– Ok, obrigado.

Eddie não poderia contar a Nella, é claro, mas pelo menos, quem sabe, descobriria algo sobre o paradeiro de Steve. Ficou batendo o pé, inquieto, enquanto esperava que a telefonista fizesse a ligação. Podia imaginar Nella: uma jovem simpática, de rosto redondo, cabelos encaracolados compridos.

Finalmente ouviu sua voz:

– Alô?

– Nella, aqui é Eddie Deakin.

– Olá, Eddie. Onde você está?

– Estou ligando da Inglaterra. Você sabe do Steve?

– Ligando da Inglaterra? Meu Deus! Steve... ahn... está fora de alcance neste momento. Algum problema? – acrescentou, apreensiva.

– Sim. Quando acha que ele volta?

– Agora de manhã, talvez dentro de uma hora. Eddie, você parece bastante abalado. O que aconteceu? Está com algum problema?

– Talvez Steve possa telefonar para cá se voltar a tempo.

Ele deu o telefone do Langdown Lawn. Nella o repetiu para confirmar.

– Não quer me contar o que está acontecendo, Eddie?

– Não posso. Apenas peça a ele para me ligar. Estarei aqui por mais uma hora. Depois, tenho que ir para o avião... Voamos para Nova York hoje.

– Está bem – disse ela, hesitante. – Como está Carol-Ann?

– Tenho que desligar agora. Adeus, Nella.

Eddie desligou sem nem esperar por uma resposta. Sabia que era uma grosseria, mas estava transtornado demais para se importar. Sentia-se nauseado.

Não sabia mais o que fazer, por isso subiu a escada e foi para o quarto. Deixou a porta entreaberta para ouvir a campainha do telefone no saguão. Sentou-se na beira da cama de solteiro. Estava prestes a chorar pela primeira vez desde a infância. Enterrou o rosto contra as mãos e sussurrou:

– O que vou fazer?

Recordou o sequestro do bebê Lindbergh. Saíra em todos os jornais quando ele estava em Annapolis, sete anos antes. A criança morrera.

– Deus, salve Carol-Ann.

Atualmente não costumava rezar. A oração de nada adiantara para os pais. Acreditava em ajudar a si mesmo. Sacudiu a cabeça. Aquele não era o momento de retornar à religião. Precisava pensar numa solução, tomar uma atitude.

Os sequestradores de Carol-Ann queriam que Eddie entrasse no avião, isso era evidente. Esse talvez fosse um motivo para ele não viajar. Mas, se ficasse, não encontraria Tom Luther e não descobriria o que desejavam. Poderia frustrar os planos deles, mas perderia qualquer chance, por menor que fosse, de assumir o controle da situação.

Eddie se levantou e abriu a valise. Não conseguia pensar em nada além de Carol-Ann e, de forma mecânica, se pôs a guardar o kit de barbear, o pijama e a roupa suja. Penteou o cabelo, distraído, e guardou as escovas.

O telefone tocou no momento em que tornou a se sentar.

Ele saiu do quarto em duas longas passadas. Desceu a escada apressado, mas alguém alcançara o aparelho antes. Atravessando o saguão, ouviu a gerente dizer:

– Quatro de outubro? Deixe-me verificar se temos alguma vaga.

Cabisbaixo, Eddie voltou ao aposento. No fim das contas, não havia mesmo nada que Steve pudesse fazer, disse a si mesmo. *Ninguém* podia fazer nada. Alguém sequestrara Carol-Ann e ele

precisaria obedecer, depois a teria de volta. Ninguém podia livrá-lo da situação em que se encontrava.

Com o coração apertado, ele recordou a discussão no dia em que partira. Nunca se perdoaria por isso. Desejou, com toda as forças, ter se contido. E, afinal, por que bateram boca? Jurou que nunca mais brigaria com Carol-Ann se pudesse tê-la de volta, sã e salva.

Por que a droga do telefone não tocava?

Houve uma batida na porta e Mickey entrou, usando o uniforme de voo e carregando sua valise.

– Pronto para decolar? – disse ele, contente.

– Não pode estar na hora! – exclamou Eddie, em pânico.

– Claro que está.

– Merda...

– O que deu em você? Gosta tanto daqui? Quer ficar e lutar contra os alemães?

Eddie precisava dar mais alguns minutos a Steve.

– Vá na frente. Eu o alcançarei logo.

Mickey parecia um pouco magoado por ele não querer acompanhá-lo. Deu de ombros e disse antes de sair:

– Até mais tarde.

Onde se metera Steve Appleby?

Eddie continuou sentado, fitando a parede por quinze minutos.

Acabou pegando a valise e desceu a escada, bem devagar, olhando para o telefone como se fosse uma cascavel prestes a dar o bote. Deteve-se no saguão, esperando que tocasse.

Então Baker surgiu e encarou Eddie, surpreso.

– Você está atrasado. É melhor ir de táxi comigo.

O comandante sempre tinha um táxi à disposição para levá-lo ao hangar.

– Estou esperando um telefonema – explicou Eddie.

Baker franziu a testa.

– Só que não pode esperar mais. Vamos embora.

Eddie ficou imóvel por um momento. Depois, compreendeu que aquilo era uma estupidez. Steve não ia ligar e ele precisava estar no avião se quisesse salvar a esposa. Forçou-se a pegar a valise e sair.

Os dois embarcaram no táxi que aguardava.

Eddie percebeu que fora quase insubordinado. Não queria ofender Baker, que era um bom comandante e sempre o tratara bem.

– Desculpe – murmurou ele. – Eu estava esperando uma ligação dos Estados Unidos.

O comandante abriu um sorriso compreensivo e comentou em tom alegre:

– Ora, você estará lá amanhã!

– Tem razão – disse Eddie, soturno.

Ele estava por conta própria.

PARTE II

De Southampton
a Foynes

CAPÍTULO SEIS

ENQUANTO O TREM seguia para o sul através dos bosques de pinheiros do Surrey, na direção de Southampton, Elizabeth fez um anúncio chocante.

A família Oxenford viajava num vagão especial, reservado aos passageiros do Clipper. Margaret estava de pé em um dos cantos, sozinha, olhando pela janela. Seu ânimo oscilava violentamente entre o mais profundo desespero e a crescente empolgação. Sentia-se furiosa e angustiada por abandonar o país naquele momento de necessidade, mas também estava entusiasmada com a perspectiva de voar para a América.

A irmã se afastou do resto da família e se aproximou com uma expressão solene. Depois de um momento de hesitação, ela declarou:

– Eu te amo, Margaret.

Margaret ficou comovida. Nos últimos anos, desde que cresceram o bastante para compreender a batalha das ideias que se travava no mundo, tinham assumido posições diametralmente opostas. Assim, acabaram se distanciando. Mas ela sentia falta da intimidade com a irmã; o afastamento a deixava triste. Seria maravilhoso se pudessem voltar a ser amigas.

– Também te amo – murmurou Margaret, abraçando-a com força.

Depois de um momento, Elizabeth anunciou:

– Não vou para os Estados Unidos.

Margaret arquejou de espanto.

– Como assim?

– Direi a papai e mamãe que não vou. Já tenho 21 anos... Eles não podem me obrigar.

Margaret não tinha certeza se a irmã estava certa nesse aspecto, mas deixou passar, já que havia muitas outras perguntas mais importantes.

– E para onde você vai?

– Para a Alemanha.

– Essa não, Elizabeth! – exclamou Margaret, horrorizada. – Vai acabar morrendo!

Elizabeth assumiu uma expressão de desafio.

– Não são apenas os socialistas que estão dispostos a morrer por uma causa, sabe?

– Mas pelo nazismo?!

– Não é apenas pelo fascismo – retrucou Elizabeth, com um estranho brilho no olhar. – É por todos os brancos de sangue puro que estão ameaçados de serem sufocados por negros e mestiços. É pela raça humana.

Margaret ficou revoltada. Já era terrível perder a irmã... mas perder por uma causa tão iníqua? Mas não queria ressuscitar a antiga e dolorosa discussão política: estava mais preocupada com a segurança de Elizabeth.

– Como você vai se sustentar?

– Tenho meus recursos.

Margaret lembrou que, ao completarem 21 anos, ambas tinham direito ao dinheiro deixado pelo avô. Não era muito, mas talvez fosse o suficiente para sobreviver. Então ela se recordou de um aspecto:

– Mas sua bagagem está sendo despachada para Nova York.

– Aquelas malas estão cheias de toalhas de mesa velhas.

Arrumei outro jogo de malas e despachei na segunda-feira.

Margaret estava atônita. Elizabeth planejava tudo com perfeição e colocara em prática o esquema no mais absoluto sigilo. Amargurada, refletiu sobre como a sua tentativa de fuga fora impulsiva e inepta. Enquanto ela remoía a frustração e se recusava a comer, a irmã reservava sua passagem e despachava

a bagagem com antecedência. É verdade que Margaret ainda não completara 21 anos, mas isso não contava tanto quanto a organização cuidadosa e a execução fria. Ela ficou envergonhada por saber que Elizabeth, tão estúpida nas questões políticas, agira com muito mais inteligência.

De repente, percebeu quanto sentiria falta da irmã. Embora não fossem mais grandes amigas, Elizabeth estava sempre por perto. Na maior parte do tempo, discutiam e brigavam, escarneciam das ideias uma da outra, mas Margaret sentiria saudade disso também. Além do mais, elas se apoiavam nos momentos difíceis. Elizabeth sempre sofria de cólica e Margaret a ajeitava na cama, levava uma xícara de chocolate quente e a revista *Picture Post*. Elizabeth, por sua vez, se compadecera quando Ian morrera, apesar de desaprová-lo, e fora um conforto para a irmã. Quase chorando, Margaret murmurou:

– Vou sentir muita saudade.

– Não faça um alvoroço – disse Elizabeth, aflita. – Não quero que saibam por enquanto.

Margaret tratou de se controlar.

– Quando vai contar?

– No último minuto. Você consegue agir normalmente até lá?

– Claro. – Ela forçou um sorriso animado. – Tratarei você mal como de costume.

– Ah, Margaret! – Elizabeth também estava à beira das lágrimas. Engoliu em seco e acrescentou: – Vá conversar com eles enquanto me acalmo.

Margaret apertou a mão da irmã e voltou para seu assento.

A mãe folheava a *Vogue* e, às vezes, lia um parágrafo para o pai, alheia à total falta de interesse do marido.

– “A renda está em alta” – citou ela. – Eu não tinha notado... E você? – O fato de não obter qualquer resposta não a desencorajava. – O branco é a cor da moda. Mas não me agrada; me faz parecer doente.

O pai exibía uma expressão insuportavelmente arrogante. Margaret sabia que ele estava satisfeito consigo mesmo por reafirmar sua autoridade paterna e esmagar a rebelião da filha. Mas não sabia que a primogênita armara uma bomba-relógio.

Será que Elizabeth teria coragem de ir até o fim? Uma coisa era dizer a Margaret, outra muito diferente era contar ao pai. A irmã podia perder o ímpeto no último instante. A própria Margaret planejara uma confrontação, mas acabara se esquivando.

Mesmo que Elizabeth fosse em frente, não era garantido que conseguiria escapar. Mesmo que ela tivesse 21 anos e o próprio dinheiro, o pai era determinado e impiedoso quando queria impor sua vontade. Não hesitaria em deter Elizabeth, disso Margaret tinha certeza. Talvez não se importasse que ela aderisse aos fascistas, em princípio, mas ficaria furioso pela recusa da filha em se submeter a seus planos para a família.

Margaret já se envolvera em muitas brigas com o pai. Ele havia se enfurecido ao saber que ela aprendera a dirigir um automóvel sem sua permissão e ficara apoplético quando descobrira que a filha assistira a um discurso de Marie Stopes, a pioneira da contracepção. Mas, nessas ocasiões, ela fizera tudo às escondidas. Nunca o vencera num conflito direto. Quando Margaret tinha 16 anos, ele não lhe permitira ir a um acampamento de férias com a prima, Catherine, e várias amigas dela, mesmo sob a supervisão de um vigário e sua esposa. O pai objetou que haveria também rapazes, além de moças. A maior batalha devera-se à escola. Margaret tinha suplicado, gritado, chorado e protestado, mas o pai se mantivera intransigente: “A escola é um desperdício para as meninas. Elas devem apenas crescer e se casar.”

Mas ele não poderia continuar a atormentar e controlar os filhos para sempre, não é mesmo?

Margaret estava irrequieta. Levantou-se e andou pelo vagão, só para fazer algo. A maioria dos outros passageiros do Clipper

parecia partilhar de sua disposição ambivalente: meio empolgados, meio deprimidos. Quando todos se encontraram no trem, na estação de Waterloo, conversaram animadamente e riram bastante. Despacharam lá a bagagem: o baú de viagem da mãe gerara problemas, pois excedia em muito o limite de peso, mas ela havia ignorado tudo o que os funcionários da Pan American lhe diziam, até que ele acabara sendo aceito. Um jovem de uniforme recolheu as passagens e conduziu-os ao vagão especial. Então, assim que deixaram Londres, os passageiros tornaram-se quietos, como que oferecendo uma despedida particular a um país que talvez nunca mais vissem.

Havia uma estrela americana de fama mundial entre os passageiros, o que explicava em parte o clima reprimido. Seu nome era Lulu Bell. Percy estava sentado com ela agora, papeando como se fossem amigos de longa data. A própria Margaret sentira vontade de falar com a atriz, mas não tivera coragem de se aproximar e puxar conversa. Percy era mais ousado.

Lulu Bell parecia mais velha do que na tela. Margaret calculou que ela devia ter quase 40 anos, embora ainda fizesse papéis de debutantes e recém-casadas. Mesmo assim, era linda. Pequena e vívida, fazia a jovem pensar num passarinho – um pardal ou uma cambaxirra. Margaret sorriu-lhe e Lulu comentou:

– Seu irmão está me distraíndo.

– Espero que esteja sendo educado.

– Claro que sim. Contou a história de sua bisavó, Ruthie Fishbein. – A voz de Lulu tornou-se solene, como se falasse de uma heroína trágica. – Ela deve ter sido uma mulher *maravilhosa*.

Margaret ficou constrangida. Era horrível da parte de Percy contar mentiras a pessoas estranhas. O que ele dissera àquela pobre mulher? Confusa, abriu um sorriso evasivo – um truque que aprendera com a mãe – e se afastou.

Percy sempre fora travesso, mas ultimamente parecia cada vez mais ousado. Estava mais alto, com a voz mais grossa, e suas brincadeiras chegavam a ser perigosas. Ainda tinha medo do pai e só o enfrentava quando a irmã do meio o apoiava, mas Margaret tinha a impressão de que se aproximava o dia em que Percy se lançaria a uma rebelião aberta. Como o pai reagiria? Ele poderia pressionar o filho da mesma forma que fazia com as duas? Margaret não sabia se seria a mesma coisa.

Na outra extremidade do vagão, havia uma figura misteriosa, vagamente familiar a Margaret. Era um homem alto, de expressão fervorosa e olhos brilhantes, e sobressaía em meio ao grupo bem-vestido e bem-alimentado por ser esquelético e usar um terno surrado, de um pano grosso e ordinário. Os cabelos eram cortados muito curtos, como os de um prisioneiro. Parecia preocupado e tenso.

Os olhares dos dois se cruzaram e, subitamente, Margaret lembrou quem era o homem. Nunca haviam se encontrado, mas ela vira as fotografias nos jornais. Era Carl Hartmann, o cientista alemão socialista. Decidindo ser ousada como o irmão, sentou-se na frente dele e se apresentou. Um antigo oponente de Hitler, o homem se transformara num herói para jovens como Margaret por causa de sua bravura. Desaparecera cerca de um ano antes e todos temeram pelo pior. Ela achara que Hartmann escapara da Alemanha. Ele tinha a aparência de alguém que passara pelo inferno.

– O mundo vem especulando sobre o que aconteceu com você – comentou Margaret.

– Fui colocado sob prisão domiciliar – respondeu num inglês com forte sotaque, porém correto –, mas permitiram que continuasse meu trabalho científico.

– E depois?

– Consegui escapar. – Ele apresentou o homem ao seu lado.

– Conhece meu amigo, o barão Gabon?

Margaret já ouvira falar dele. Philippe Gabon era um banqueiro francês que usava a vasta fortuna para promover causas judaicas, como o sionismo, o que o tornara impopular junto ao governo britânico. Passava a maior parte do tempo viajando pelo mundo, tentando persuadir os países a aceitar os judeus que fugiam dos nazistas. Era baixo, um tanto gorducho, com uma barba aparada, e usava um elegante terno preto, com um colete cinza e gravata prateada. Margaret imaginou que fora ele quem pagara a passagem de Hartmann. Apertou sua mão e voltou a concentrar a atenção no cientista.

– Sua fuga não foi noticiada pelos jornais.

– Tentamos mantê-la em segredo até que Carl deixe a Europa são e salvo – explicou Gabon.

Isso era sinistro, pensou Margaret: parecia que os nazistas ainda estavam no encalço dele.

– O que vai fazer nos Estados Unidos? – perguntou ela.

– Vou para Princeton trabalhar no departamento de física. – Hartmann assumiu uma expressão amargurada. – Não queria deixar o país. Mas, se ficasse, meu trabalho poderia contribuir para uma vitória nazista.

Margaret não sabia nada sobre o trabalho dele, apenas que era um cientista. A posição política de Hartmann era o que lhe interessava.

– Sua coragem tem servido de inspiração a muitas pessoas.

Margaret pensava em Ian, que traduzira os discursos do alemão, no tempo em que o cientista ainda tinha permissão para fazê-los. O elogio pareceu deixá-lo desconfortável.

– Eu gostaria de poder continuar – murmurou ele. – Lamento ter desistido.

– Você não desistiu, Carl – interveio o barão. – Não se culpe. Você fez a única coisa que podia.

Hartmann assentiu. Margaret percebeu que, para ele, em termos lógicos, Gabon estava certo, mas no fundo de seu

coração sentia que abandonara o país. Ela gostaria de consolá-lo, mas não sabia como. Seu dilema foi resolvido pelo representante da Pan American, que se aproximou para informar:

– Nosso almoço está servido no próximo carro. Por favor, ocupem seus lugares.

Margaret se levantou e disse:

– É uma grande honra conhecê-lo. Espero que possamos conversar de novo.

– Tenho certeza de que sim. – Pela primeira vez, Hartmann sorriu. – Afinal, vamos percorrer 5 mil quilômetros juntos.

Ela foi para o carro-restaurant e sentou-se com a família. Os pais se acomodaram num lado da mesa, os três filhos espremeram-se no outro, Percy entre as irmãs. Margaret lançou um olhar de esguelha para Elizabeth. Quando ela lançaria sua bomba?

O garçom serviu água e o pai pediu uma garrafa de vinho branco do Reno. Elizabeth se manteve em silêncio, olhando pela janela. Margaret estava na expectativa. A mãe percebeu a tensão e indagou:

– O que há com vocês, meninas?

Margaret não disse nada. Elizabeth declarou:

– Tenho algo importante a comunicar.

O garçom trouxe o creme de cogumelos e Elizabeth aguardou que ele acabasse de servir. A mãe pediu uma salada e, depois que o homem se retirou, perguntou:

– O que é, querida?

Margaret prendeu a respiração.

– Decidi que não vou para a América – anunciou Elizabeth.

– Do que diabo está falando? – vociferou o pai. – Claro que você vai... Estamos a caminho!

– Não, não vou com vocês – insistiu Elizabeth, na maior calma.

Margaret observou-a atentamente. O tom de voz da irmã era

tranquilo, mas o rosto comprido, um tanto comum, estava pálido. Margaret se enterneceu.

– Não seja tola, Elizabeth – protestou a mãe. – Papai comprou uma passagem para você.

– Talvez possamos obter um reembolso – sugeriu Percy.

– Cale essa boca – retrucou o pai.

– Não adianta me obrigarem, pois me recuso a embarcar – declarou Elizabeth. – Vocês devem concordar que a empresa não permitirá que me levem para bordo gritando e esperneando.

Como Elizabeth fora esperta, pensou Margaret. Pegara o pai num momento vulnerável. Ele não poderia embarcá-la à força e também não ficaria para resolver o problema porque as autoridades estavam prestes a prendê-lo como um fascista.

Mas o pai ainda não se mostrava derrotado. Percebendo que a filha falava sério, largou a colher e disse, mordaz:

– O que pensa em fazer se ficar para trás? Ingressar no Exército, como sua irmã débil mental pretendia?

O rosto de Margaret se avermelhou de raiva por causa da ofensa, mas ela se reprimiu, esperando que a irmã esmagasse o pai.

– Vou para a Alemanha – respondeu Elizabeth.

Por um momento, o pai ficou tão chocado que não falou nada.

– Querida, não acha que está levando isso longe demais? – indagou a mãe.

Percy interveio, numa imitação precisa do pai, em um tom pomposo:

– É o que acontece quando se permite que meninas discutam política. Culpo a tal da Marie Stopes...

– Cale-se, Percy – disse Margaret, cutucando-o nas costelas.

Ficaram em silêncio enquanto o garçom retirava a sopa intacta. Ela conseguiu, pensou Margaret, teve mesmo a coragem de falar. Mas será que vai escapar impune?

Percebeu que o pai já estava desconcertado. Fora fácil

desdenhar Margaret por querer ficar e lutar contra os fascistas, porém era difícil escarnecer de Elizabeth, pois ela estava do seu lado.

Contudo, uma pequena dúvida moral nunca o perturbava por muito tempo. Assim que o garçom se afastou, o pai declarou:

– Eu a proíbo terminantemente.

O tom era conclusivo, como se encerrasse a discussão.

Margaret olhou para a irmã. Como ela reagiria? O pai nem mesmo se dignava a discutir o assunto. Com uma calma surpreendente, Elizabeth afirmou:

– Receio que não possa me proibir, querido pai. Tenho 21 anos e posso fazer o que quiser.

– Não enquanto for dependente de mim.

– Nesse caso, terei que me virar sem sua ajuda. Tenho uma pequena renda pessoal.

O pai tomou um gole rápido do vinho.

– Não vou permitir, e ponto final.

Soava como uma ameaça vazia. Margaret começou a acreditar que Elizabeth podia escapar. Não sabia se ficava satisfeita pela perspectiva de a irmã derrotar o pai ou revoltada porque ela ia se juntar aos nazistas.

Serviram um linguado. Só Percy comeu. Elizabeth estava pálida de medo, mas a boca se contraía numa expressão determinada. Margaret não pôde deixar de admirar a firmeza da irmã, embora desprezasse sua missão.

– Se não vai para os Estados Unidos, por que embarcou no trem? – perguntou Percy.

– Reservei passagem num navio que parte de Southampton.

– Não se pode embarcar num navio para a Alemanha saindo da Inglaterra – disse o pai, triunfante.

Margaret ficou consternada. Claro que não era possível. Elizabeth cometera um erro? Todo o plano fracassaria por causa desse detalhe?

Mas a irmã se manteve inabalável e explicou calmamente:

– Pegarei um navio para Lisboa. Transferi dinheiro para um banco de lá e fiz reserva num hotel.

– Sua falsa! – exclamou o pai, furioso.

Um homem na mesa ao lado se virou para olhar. Elizabeth continuou, como se o pai não tivesse interrompido:

– Depois de chegar lá, poderei embarcar num navio para a Alemanha.

– E depois? – perguntou a mãe.

– Tenho amigos em Berlim, mamãe, você sabe disso.

A mãe suspirou e disse, muito triste:

– Tem razão, querida.

Margaret percebeu que ela já aceitava a partida de Elizabeth.

O pai declarou, em voz alta:

– Também tenho amigos em Berlim.

Várias pessoas nas mesas próximas olharam e a mãe se apressou em pedir:

– Fale baixo, querido. Podemos ouvi-lo muito bem.

O pai acrescentou, em voz mais baixa:

– Tenho amigos em Berlim que a mandarão de volta no momento em que chegar lá.

Margaret levou a mão à boca. Era verdade, o pai podia providenciar para que Elizabeth fosse expulsa: num país fascista, o governo podia fazer qualquer coisa. A fuga acabaria com algum miserável burocrata, numa cabine de controle de passaportes, balançando a cabeça e recusando-se, impassível, a lhe conceder um visto de entrada?

– Não farão isso – disse Elizabeth.

– Veremos – replicou o pai.

Aos ouvidos de Margaret, as palavras dele não pareciam muito seguras.

– Eles vão me receber de braços abertos, papai – declarou Elizabeth; o tom de cansaço em sua voz a fazia parecer mais

convicente. – Distribuirão um comunicado à imprensa anunciando ao mundo que fugi da Inglaterra para me juntar a eles, da mesma forma que os malditos jornais britânicos divulgam a deserção de proeminentes judeus alemães.

– Espero que não descubram nada sobre vovó Fishbein – comentou Percy.

Elizabeth tinha se armado contra o ataque do pai, mas o humor cruel do irmão pegou-a desprevenida.

– Cale a boca, seu monstro! – gritou ela, desatando a chorar.

Mais uma vez, o garçom recolheu a comida intacta. O prato seguinte foram costeletas de carneiro com legumes. O garçom serviu o vinho. A mãe tomou um gole, um raro sinal de que estava perturbada.

O pai começou a comer, atacando a carne, mastigando furiosamente. Margaret estudou seu rosto irado e ficou surpresa ao perceber um vestígio de perplexidade por trás da máscara de raiva. Era estranho vê-lo abalado: sua arrogância costumava prevalecer em todas as crises. Estudando sua expressão, ela começou a compreender que o mundo do pai desmoronava. Aquela guerra era o fim de suas esperanças: ele desejava que o povo britânico aceitasse o fascismo, sob sua liderança, mas, em vez disso, o povo declarara guerra à ideologia e o exilara.

Na verdade, eles o haviam rejeitado em meados da década de 1930. Porém, até então, o pai fizera vista grossa e mentia para si mesmo, acreditando que um dia ainda o chamariam, num momento de necessidade. Por isso ele era tão terrível, refletiu Margaret, pois vivia uma fantasia. Sua cruzada se transformara numa obsessão, sua confiança degenerara em arrogância, o fracasso em se tornar o ditador do Reino Unido o reduzira a tirano dos próprios filhos. Mas agora ele não podia mais ignorar a verdade. Estava deixando seu país e – Margaret concluiu subitamente – talvez nunca mais tivesse permissão para voltar.

Ainda por cima, no momento em que suas esperanças

políticas se desfaziam, os filhos também se rebelavam. Percy fingia ser judeu, Margaret tentara escapar e agora até Elizabeth, sua única partidária, o desafiava.

Margaret achava que se deleitaria com qualquer rachadura na armadura do pai, mas na verdade ficara apreensiva. O invariável despotismo paterno fora uma constante em sua vida e o desmoronamento dele a deixava desconcertada. Como uma nação oprimida diante da perspectiva da revolução, de repente ela se sentiu insegura.

Tentou comer, mas mal conseguia engolir. A mãe remexeu uma fatia de tomate no prato por algum tempo, depois largou o garfo, perguntando:

– Você gosta de algum rapaz de Berlim, Elizabeth?

– Não.

Margaret acreditou na negativa, mas a mãe fora bem perspicaz. Sabia que a atração de Elizabeth pela Alemanha não era puramente ideológica. Havia algo nos soldados altos e louros, nos uniformes impecáveis e nas botas reluzentes que fazia a irmã se arrepiar. Enquanto, na sociedade londrina, Elizabeth era considerada uma moça comum, uma menina um tanto feia, integrante de uma família excêntrica, em Berlim era um tipo especial: uma aristocrata inglesa, filha de um pioneiro fascista, uma estrangeira que admirava o nazismo. Sua deserção, no início da guerra, a tornaria famosa lá; seria tratada como uma celebridade. Provavelmente se apaixonaria por um jovem oficial ou um membro do partido em ascensão, casariam e teriam filhos louros, que cresceriam falando alemão.

– O que você está fazendo é muito perigoso, querida – disse a mãe. – Seu pai e eu só estamos preocupados com a sua segurança.

Margaret tinha dúvidas. A mãe estava apreensiva, com toda a certeza, mas o pai só não tolerava ser desobedecido. Talvez, por baixo daquela fúria, houvesse também um resquício de ternura.

Ele nem sempre fora rigoroso: Margaret se lembrava de momentos de gentileza e até de diversão nos velhos tempos. A recordação a entristeceu profundamente.

– Sei que é perigoso, mamãe, mas meu futuro está em jogo nesta guerra – disse Elizabeth. – Não quero viver num mundo dominado por financistas judeus e sórdidos líderes sindicais comunistas.

– Mas que disparate! – protestou Margaret, só que ninguém lhe deu atenção.

– Pois então venha conosco – disse a mãe a Elizabeth. – Os Estados Unidos são um bom lugar.

– Wall Street é controlada por judeus...

– Acho que isso é um exagero – interrompeu a mãe, com firmeza, evitando o olhar do marido. – Há muitos judeus e outros tipos repulsivos nas grandes empresas americanas, é verdade, mas são superados de longe pelas pessoas decentes. Não se esqueça de que seu avô possuía um banco.

– É incrível que tenhamos passado do negócio de amolar facas para um banco em apenas duas gerações – comentou Percy.

Ignorando-o, a mãe acrescentou:

– Concordo com suas opiniões, querida, você sabe disso, mas acreditar em algo não significa que você precise morrer por isso. Nenhuma causa vale tanto.

Margaret ficou chocada. Aquilo equivalia quase a uma blasfêmia para o pai. Nunca vira a mãe desafiá-lo desse jeito. Elizabeth também se surpreendeu. As duas garotas jovens para o pai. Ele estava um pouco vermelho, bufou em reprovação, mas a explosão esperada não se consumou. E isso foi o mais espantoso.

O café foi servido e Margaret verificou que haviam alcançado os arredores de Southampton. Chegariam à estação dentro de poucos minutos. Elizabeth realmente escaparia?

O trem desacelerou.

– Deixarei o trem na estação principal – avisou Elizabeth ao garçom. – Pode fazer o favor de pegar minha valise no outro vagão? É de couro vermelho, com o nome de lady Elizabeth Oxenford.

– Pois não, milady.

As casas suburbanas de tijolos vermelhos marchavam pelas janelas do vagão como fileiras de soldados. Margaret observava o pai. Ele não disse nada, mas seu rosto estava tenso, de tanta raiva reprimida. A mãe pousou a mão no joelho dele e murmurou:

– Não faça uma cena, querido.

O pai não respondeu. O trem adentrou a estação.

Elizabeth olhou para a irmã. Como ela estava sentada junto à janela, Margaret e Percy precisaram se levantar para deixá-la passar e, depois, tornaram a se sentar.

O pai ficou de pé. Os outros passageiros perceberam a tensão e observaram a cena do enfrentamento no corredor enquanto o trem parava.

Ocorreu a Margaret, mais uma vez, que Elizabeth escolhera o momento oportuno. O pai não poderia usar de força naquelas circunstâncias: se tentasse, poderia até ser contido por outros passageiros. Mesmo assim, ela estava nauseada de medo.

O rosto do pai se avermelhou, os olhos se esbugalharam. A respiração saía ruidosa pelo nariz. Elizabeth tremia, mas seus lábios estavam comprimidos numa expressão determinada.

– Se sair deste trem agora, nunca mais vou querer vê-la – alertou o pai.

– Não diga isso! – protestou Margaret.

Mas era tarde demais; ele nunca haveria de se retratar. A mãe começou a chorar.

– Adeus – Elizabeth limitou-se a dizer.

Margaret se ergueu e abraçou a irmã, sussurrando:

– Boa sorte.

– Para você também – respondeu Elizabeth, retribuindo o abraço.

Ela beijou Percy na bochecha, depois se inclinou desajeitada por cima da mesa e deu um beijo também na mãe, cujo rosto estava banhado em lágrimas. Por fim, tornou a olhar para o pai e indagou, com a voz trêmula:

– Quer ao menos apertar minha mão?

O rosto do pai era uma máscara de ódio.

– Minha filha está morta.

A mãe soltou um grito desesperado. O vagão se mantinha em silêncio, como se todos soubessem que um drama familiar chegava à sua trágica conclusão.

Elizabeth se virou e afastou-se. Margaret teve vontade de agarrar o pai e sacudi-lo até que os dentes retinissessem. Sua obstinação desnecessária a deixara lívida. Por que ele não podia ceder, apenas por uma vez? Elizabeth era adulta: não era obrigada a obedecer pelo resto da vida! O pai não tinha o direito de bani-la. Em seu surto, ele dividira a família de forma insensata e vingativa. Margaret o odiava. Vendo-o parado ali, furioso e beligerante, ela sentiu vontade de gritar como ele era mesquinho, injusto e estúpido. Mas, como sempre, apenas mordeu o lábio e permaneceu em silêncio.

Elizabeth passou pela janela do vagão, carregando a valise vermelha. Olhou para todos, sorriu tristemente, deu um curto aceno, hesitante, com a mão livre. A mãe se pôs a chorar baixinho. Percy e Margaret retribuíram o gesto. O pai desviou a vista. Elizabeth então desapareceu.

O pai se sentou e Margaret seguiu seu exemplo. Um apito soou e o trem recomeçou a andar.

Tornaram a avistar Elizabeth, na fila à saída da estação. Ela olhou quando o vagão passou. Dessa vez não houve sorriso nem aceno: ela apenas fitou, desolada e sombria.

O trem acelerou e ela sumiu outra vez.

– A vida em família é uma coisa maravilhosa – comentou Percy. Embora ele estivesse sendo sarcástico, não havia humor em sua voz, apenas amargura.

Margaret se perguntou se algum dia tornaria a ver a irmã. A mãe enxugava os olhos com um pequeno lenço de linho, mas não conseguia parar de chorar. Era raro que perdesse o controle. Margaret não se lembrava de tê-la visto chorar em nenhuma ocasião. Estava deprimida por causa do apego absurdo de Elizabeth a uma causa tão iníqua, mas também experimentava a empolgação. A irmã conseguira: desafiara o pai e escapara impune! Enfrentara-o, derrotara-o, livrara-se do domínio paterno.

Se Elizabeth conseguira, Margaret também obteria sucesso.

Ela sentiu a maresia. O trem entrara nas docas. Correu junto ao mar, passando devagar por armazéns, guindastes e navios. Apesar da angústia pela separação, Margaret começou a se arrepiar de expectativa.

O trem parou atrás de um prédio em que estava escrito IMPERIAL HOUSE. Tratava-se de uma estrutura ultramoderna, que parecia um pouco com um navio: os cantos eram arredondados, o andar superior tinha uma varanda larga que parecia um deque, com uma grade branca por toda a extensão.

Junto com os outros passageiros, os Oxenfords foram buscar suas malas e desembarcaram. Enquanto a bagagem era transferida do trem para o avião, todos entraram no Imperial House, a fim de completar as formalidades para a partida.

Margaret sentia-se atordoada. O mundo ao redor mudava depressa demais. Deixara sua casa, o país estava em guerra, perdera a irmã, encontrava-se prestes a voar para a América. Gostaria de poder parar o relógio por um tempo e tentar absorver tudo.

O pai explicou que Elizabeth não viajaria mais a um funcionário da Pan American.

– Sem problema... – disse o homem. – Há alguém aqui

esperando uma desistência. Pode deixar que cuidarei de tudo.

Margaret notou o professor Hartmann parado num canto, fumando um cigarro, observando o entorno, com olhares nervosos e cautelosos. Parecia apreensivo, impaciente. Pessoas como minha irmã o deixaram assim, pensou Margaret. Os fascistas o perseguiram e o transformaram numa pilha de nervos. Não o culpo por estar com pressa de deixar a Europa.

Não podiam ver o avião da sala de espera, por isso Percy saiu à procura de um ponto de observação melhor. Ele voltou com informações:

– A decolagem será pontual, às 14 horas.

Margaret sentiu um calafrio de apreensão e Percy continuou:

– Devemos levar uma hora e meia para chegar à primeira escala, em Foynes. É horário de verão na Irlanda, assim como na Inglaterra, e devemos chegar lá às 15h30. Ficaremos esperando durante uma hora, enquanto reabastecem o avião e completam o plano de voo. Tornamos a decolar às 16h30.

Margaret notou que havia rostos novos ali, pessoas que não tinham vindo no trem. Alguns passageiros deviam ter ido direto para Southampton naquela manhã, ou talvez passado a noite num hotel local. Foi nesse momento que uma loura de extraordinária beleza chegou, de táxi. Devia estar na casa dos 30 anos e usava um vestido deslumbrante de seda cor de creme com bolinhas vermelhas. Estava acompanhada por um homem sorridente, de aparência comum, usando um blazer de casimira. Todos os fitaram: eram atraentes e pareciam muito felizes.

Poucos minutos depois, o avião estava pronto para o embarque de passageiros. Saíram pelas portas da frente do Imperial House direto para o cais. O Clipper estava atracado ali, balançando suavemente na água, o sol faiscando nos flancos prateados.

Era *enorme*.

Margaret nunca vira um avião nem com a metade daquele

tamanho. Tão alto quanto uma casa e tão comprido quanto duas quadras de tênis, tinha uma grande bandeira americana pintada no nariz. As asas eram altas, no nível do topo da fuselagem, com quatro motores embutidos, e as hélices pareciam ter 5 metros de extensão.

Como uma coisa assim podia voar?

– É muito leve? – especulou ela em voz alta.

– Pesa 41 toneladas – respondeu Percy no mesmo instante.

Seria como levar uma casa pelo ar.

Chegaram à beira do cais. Uma prancha levava à doca flutuante. A mãe foi descendo, cautelosa, segurando o corrimão com força: parecia quase trôpega, como se tivesse envelhecido vinte anos. O pai carregava as malas de ambos – a mãe nunca levava nada, era uma de suas fraquezas.

Da doca flutuante, uma prancha mais curta os conduzia ao que parecia ser uma asa secundária, mais grossa, meio submersa na água.

– Hidroestabilizador – explicou Percy, bem informado. – Impede o avião de se inclinar para o lado quando está na água.

A superfície do hidroestabilizador era um pouco curva e Margaret receou escorregar, mas felizmente não foi o que aconteceu. Agora se encontrava à sombra da enorme asa, acima de sua cabeça. Gostaria de estender a mão e tocar numa das enormes lâminas da hélice, mas não conseguiria alcançá-la.

Havia uma porta na fuselagem, embaixo da palavra “American”, da inscrição PAN AMERICAN AIRWAYS SYSTEM. Margaret baixou a cabeça e passou por ela.

Três degraus levavam até o chão do avião. Margaret descobriu-se num compartimento de aproximadamente 12 metros quadrados, ostentando um luxuoso tapete vermelho, paredes bege, poltronas azuis com um alegre estofado estrelado, luminárias e grandes janelas quadradas com venezianas. As paredes e o teto eram retos, em vez de curvos como a

fuselagem: parecia que ela estava entrando numa casa, não numa aeronave.

Duas portas davam em outros aposentos. Alguns passageiros foram conduzidos para a traseira do avião. Olhando nessa direção, Margaret verificou que havia lá uma série de lounges, todos luxuosamente atapetados, decorados em tons suaves de bege e verde. Mas os Oxenfords seguiram para a parte frontal. Um comissário de bordo baixo, um pouco gordo, metido num casaco branco, apresentou-se como Nicky e os acompanhou até o compartimento seguinte.

Era um pouco menor do que o outro, num esquema diferente de cores: tapete turquesa, paredes verde-claras e estofamento bege. À direita de Margaret, havia dois grandes divãs de três lugares, um de frente para o outro, com uma mesinha no meio, sob a janela. À esquerda, no outro lado do corredor, havia mais um par de divãs, um pouco menores, para duas pessoas.

Nicky conduziu-os até os maiores. Os pais sentaram junto à janela, e Margaret e Percy ficaram no lado do corredor, deixando dois lugares vazios. Margaret especulou quem viajaria com eles. A linda mulher no vestido de bolinhas seria interessante. Lulu Bell também, especialmente se quisesse conversar sobre vovó Fishbein! Mas o melhor de todos seria Carl Hartmann.

Ela sentia o avião oscilar com o marulho. O leve movimento não chegava a incomodar – apenas o suficiente para lembrá-la de que se encontrava no mar. A aeronave era como um tapete mágico, concluiu Margaret. Impossível entender como meros motores podiam fazê-la levantar voo: muito mais fácil acreditar que seria levado pelo ar com o poder de algum encantamento antigo. Percy levantou-se, avisando:

– Vou dar uma olhada por aí.

– Fique aqui – ordenou o pai. – Vai atrapalhar todo mundo se começar a correr de um lado para outro.

Percy sentou-se. O pai não perdera completamente a

autoridade. A mãe assoou o nariz, tendo parado de chorar. Já se sentia melhor, refletiu Margaret. Então ela ouviu uma voz com sotaque americano:

– Prefiro sentar virado para a frente.

Ela ergueu os olhos. Nicky, o comissário de bordo, conduzia um passageiro a um assento do outro lado do compartimento. Margaret não podia saber quem era, pois o homem estava de costas. Era louro e usava um terno azul.

– Não há problema, Sr. Vandenpost – disse o funcionário. – Sente-se no outro lado.

O passageiro se virou. Margaret o encarou, curiosa, e seus olhares se encontraram.

Ela ficou atônita ao reconhecê-lo.

Não era americano e não se chamava Sr. Vandenpost.

Os olhos azuis do homem faiscaram em advertência, só que tarde demais.

– Meu Deus, é Harry Marks! – exclamou Margaret.

CAPÍTULO SETE

MOMENTOS ASSIM TRAZIAM à tona o melhor de Harry Marks. Escapando sob fiança, viajando com passaporte roubado, usando nome falso e fingindo ser americano, tinha o incrível azar de esbarrar com uma garota que sabia que ele era um ladrão, já o ouvira imitar sotaques diferentes e, agora, o chamava em voz alta pelo verdadeiro nome.

Por um instante, foi dominado pelo pânico.

Uma visão assustadora de tudo aquilo de que estava fugindo surgiu diante de seus olhos: julgamento, prisão e, depois, a vida miserável de um soldado no Exército britânico.

Mas, logo em seguida, ele lembrou que era um homem de sorte e tratou de sorrir. A garota o fitava, espantada. Harry se esforçou para recordar seu nome.

Margaret. Lady Margaret Oxenford.

Ela não desviava os olhos, confusa demais para dizer qualquer coisa, enquanto Harry aguardava a inspiração.

– Meu nome é Harry Vandenpost. Mas posso apostar que minha memória é melhor do que a sua. A senhorita não é Margaret Oxenford? Como tem passado?

– M-Muito bem, obrigada – balbuciou Margaret, cada vez mais aturdida.

Ela ficara mais confusa do que ele e o deixou assumir o comando da situação. Harry estendeu a mão, como para cumprimentá-la, e Margaret fez o mesmo. No último instante, ele teve uma ideia: inclinou-se numa reverência antiquada, sussurrando quando suas cabeças se aproximaram:

– Finja que nunca me viu numa delegacia e retribuirei o favor.

Harry se empertigou, fitando-a nos olhos. Notou que tinham

uma tonalidade excepcional de verde-escuro, muito bonita.

Margaret continuou perturbada por um momento, mas depois seu rosto se desanuviou e ela sorriu. Entendera o recado, estava satisfeita e intrigada pela pequena conspiração que o homem propunha.

– Mas é claro! Foi um absurdo de minha parte esquecer seu nome, Harry Vandenpost.

Ele relaxou, agradecido. Era mesmo o homem mais sortudo do mundo. Franzindo um pouco o rosto, numa expressão maliciosa, Margaret acrescentou:

– Por falar nisso... onde nos conhecemos?

Harry rebateu com a maior facilidade:

– Não foi no baile de Pippa Matchingham?

– Não... eu não fui.

Harry descobriu que sabia muito pouco a respeito de Margaret. Ela permanecia em Londres durante toda a “temporada” social ou se escondia no campo? Caçava, atirava, ajudava em obras de caridade, fazia campanha pelos direitos das mulheres, pintava aquarelas ou realizava experiências agrícolas na fazenda do pai? Decidiu citar um dos grandes eventos da temporada.

– Então tenho certeza de que nos conhecemos em Ascot.

– Claro, foi isso mesmo.

Ele se permitiu abrir um pequeno sorriso de satisfação: já a transformara numa companheira de conspiração.

– Mas creio que ainda não conhece minha família – continuou Margaret. – Mamãe, quero lhe apresentar o Sr. Vandenpost, de...

– Da Pensilvânia – Harry apressou-se em dizer.

Arrependeu-se no mesmo instante. Onde diabo ficava a Pensilvânia? Ele não tinha a menor ideia.

– Minha mãe, lady Oxenford. Meu pai, o marquês. E este é meu irmão, lorde Isley.

Harry já ouvira falar de todos, é claro, pois a família era

conhecida. Apertou as mãos dos três, com uma atitude entusiástica, excessivamente cordial, que os Oxenfords deveriam julgar típica dos americanos.

Lorde Oxenford parecia mesmo o que era: um fascista gordo e mal-humorado. Usava um terno marrom de tweed, com um colete que ameaçava arrebentar os botões a qualquer momento. Mesmo dentro do avião, permanecia com o chapéu de feltro marrom na cabeça.

– É um grande prazer conhecê-la, madame – falou Harry a lady Oxenford. – Interesse-me por joias antigas e soube que possui uma das melhores coleções do mundo.

– Ora, obrigada. Gosto muito delas.

Harry levou um choque ao perceber seu sotaque americano. Os únicos aspectos que sabia dela vinham da leitura cuidadosa das revistas da alta sociedade. Pensava que ela fosse britânica. Mas agora recordou vagamente alguns comentários sobre os Oxenfords. O marquês, como muitos aristocratas com vastas propriedades, quase falira após a Grande Guerra por causa da queda nos preços internacionais dos produtos agrícolas. Alguns tinham vendido seus terrenos e ido morar em Nice ou Florença, onde as fortunas minguantes lhes proporcionavam um padrão de vida superior. Mas Algernon Oxenford se casara com a herdeira de um banco americano; fora o dinheiro da esposa que lhe permitira continuar a viver no mesmo estilo dos antepassados.

Tudo isso significava apenas que a encenação de Harry precisaria enganar uma autêntica americana. Deveria ser um desempenho impecável e teria que mantê-lo pelas trinta horas seguintes.

Decidiu jogar charme para a mulher. Imaginou que ela não seria avessa a galanteios, ainda mais de rapazes atraentes. Olhou com atenção o broche pregado no peito do traje de viagem laranja. Era feito de esmeraldas, safiras, rubis e diamantes, no formato de uma borboleta pousando num galho de roseira. Uma

joia extraordinariamente realista. Calculou que era francesa, produzida por volta de 1880, e resolveu dar um palpite sobre o autor:

– Seu broche é de Oscar Massin?

– É, sim.

– É muito bonito.

– Obrigada.

Até que ela era bonita. Harry podia entender por que Oxenford resolvera desposá-la, mas não compreendia por que ela se apaixonara por um homem daqueles. Talvez ele tivesse sido mais atraente vinte anos antes.

– Creio que conheço os Vandenposts da Filadélfia – comentou lady Oxenford.

Espero que não, pensou Harry. Contudo, ela parecia um tanto vaga.

– Sou uma Glencarry de Stamford, Connecticut – acrescentou a mulher.

– É mesmo? Incrível!

Harry fingiu estar impressionado. Ainda pensava na Filadélfia. Ele dissera que era da Filadélfia ou da Pensilvânia? Não conseguia se lembrar. Talvez os dois nomes indicassem o mesmo lugar. Pareciam combinar juntos: Filadélfia, Pensilvânia; Stamford, Connecticut. Ele se lembrou de que os americanos, quando perguntados de onde vinham, sempre davam duas respostas: Houston, Texas; São Francisco, Califórnia... Isso mesmo.

– Meu nome é Percy – anunciou o garoto.

– Harry.

Ele ficou contente por voltar a um terreno familiar. Percy era chamado de lorde Isley, um título de cortesia, pois o herdeiro o usaria até a morte do pai, quando se tornaria o marquês de Oxenford. A maioria daquelas pessoas sentia um orgulho ridículo de seus títulos idiotas. Numa ocasião, Harry fora apresentado a

um esnobe menino de 3 anos conhecido como barão Portrail. Contudo, Percy parecia um bom rapaz. Cortesmente, avisava a Harry que não queria ser tratado de maneira formal.

Harry sentou-se. Estava virado para a frente, mais perto de Margaret, que se achava do outro lado do estreito corredor. Poderia conversar com ela sem que os outros ouvissem. O avião era silencioso como uma igreja. Todos pareciam apavorados.

Ele tentou relaxar. Seria uma viagem tensa. Margaret conhecia sua verdadeira identidade, um fato de alto risco. Embora ela aceitasse a mentira, sempre podia mudar de ideia ou deixar escapar algo por acaso. Harry não podia permitir que houvesse desconfiança. Conseguiria passar pelo serviço de imigração dos Estados Unidos se não lhe fizessem perguntas mais minuciosas. Porém, se as autoridades suspeitassem de algo e resolvessem investigá-lo, logo descobririam que usava um passaporte roubado, e tudo estaria acabado.

Outro passageiro foi conduzido ao assento na frente de Harry. Era bastante alto, com um chapéu coco e um terno cinza-escuro que outrora fora elegante, mas agora já passara dos seus melhores dias. Algo no homem impressionou Harry, que o observou tirar o sobretudo e se acomodar no divã. Ele usava sapatos pretos resistentes e surrados, meias grossas de lã e um colete vinho sob o jaquetão. A gravata azul-escuro parecia ser ajustada todos os dias no mesmo lugar havia dez anos.

Se eu não soubesse o preço de uma passagem neste palácio voador, pensou Harry, seria capaz de jurar que esse homem é da polícia.

Não era tarde demais para se levantar e sair do avião. Ninguém o deteria. Poderia se retirar e desaparecer sem a menor dificuldade.

Mas pagara 90 libras!

Além do mais, talvez transcorressem semanas antes de conseguir outra passagem transatlântica e poderia ser preso

outra vez enquanto esperava.

Ele pensou de novo na possibilidade de se esconder da polícia na Inglaterra, mas voltou a descartar a ideia. Seria muito difícil, em tempos de guerra, com todo mundo atento a espões estrangeiros. E o mais importante: a vida como fugitivo seria insuportável – hospedando-se em pensões ordinárias, evitando os policiais, sempre em movimento.

Se era um policial, o homem à frente de Harry certamente não estava à procura dele. Caso contrário, não sentaria ali, acomodando-se para o voo. Harry não podia imaginar o que o desconhecido fazia no avião, mas, por ora, afastou essa questão da mente, concentrando-se no próprio problema. Margaret era o fator de perigo. O que ele podia fazer para se proteger?

Ela aceitara a encenação como se fosse uma diversão. Não podia contar que a garota se mantivesse assim. Mas podia melhorar suas chances caso ficasse mais próximo de Margaret. Se conseguisse conquistar sua afeição, talvez ela se tornasse leal a ele, levando a farsa mais a sério e tomando cuidado para não traí-lo.

Conhecer melhor Margaret Oxenford não seria uma tarefa desagradável. Ele a examinou pelo canto dos olhos; a moça tinha a coloração pálida outonal da mãe: cabelos ruivos, pele macia com poucas sardas e fascinantes olhos verde-escuros. Harry não tinha como saber o formato de seu corpo, mas as pernas eram esbeltas e os pés, estreitos. Ela usava um casaco bege simples e um vestido marrom-avermelhado. Embora as roupas parecessem caras, Margaret não tinha o senso de elegância materno; poderia adquiri-lo à medida que ficasse mais velha e confiante. Não usava joias chamativas, apenas uma fieira simples de pérolas no pescoço. Suas feições eram simétricas, impecáveis, com um queixo de traços fortes. Não fazia muito o seu tipo – Harry preferia moças com alguma fraqueza, porque facilitavam bastante a sedução. Margaret era bonita demais para ser fácil de

conquistar. Contudo, parecia simpatizar com ele, o que já era um bom começo. Harry decidiu ganhar seu coração.

O comissário de bordo, Nicky, entrou no compartimento. Era um rapaz baixo, gorducho, um tanto afeminado, com cerca de 25 anos, e Harry imaginou que fosse pederasta. Muitos garçons eram, ele já notara. Nicky distribuiu uma relação datilografada com os nomes dos passageiros e dos tripulantes daquele dia.

Harry a analisou com interesse. Conhecia o barão Philippe Gabon, o sionista rico. O nome seguinte, professor Carl Hartmann, também lhe era familiar. Nunca ouvira falar da princesa Lavinia Bazarov, mas devia ser uma russa que fugira dos comunistas; sua presença naquele avião significava que conseguiria tirar pelo menos parte de sua fortuna do país. Claro que sabia quem era Lulu Bell, a estrela de cinema. Apenas uma semana antes, levara Rebecca Maugham-Flint para ver *Um espião em Paris*, no Gaumont, na Shaftesbury Avenue. A atriz interpretava uma jovem destemida, como sempre. Harry estava curioso para conhecê-la pessoalmente.

Percy, que se sentava virado para a traseira e podia avistar o compartimento seguinte, anunciou:

– Eles fecharam a porta.

Harry voltou a ficar nervoso. Pela primeira vez, percebeu que o avião balançava suavemente na água.

Houve um rumor, como disparos numa batalha distante. Olhou pela janela, ansioso. O barulho se intensificou e uma hélice começou a girar. Embora o ruído fosse abafado pelo revestimento à prova de som, era possível sentir a vibração dos potentes motores, e a apreensão de Harry aumentou.

Na doca flutuante, o marujo soltou as cordas que mantinham preso o hidroavião. Harry experimentou um sentimento tolo de inevitável tragédia quando elas foram lançadas ao mar de maneira descuidada.

Ficava constrangido por ter medo e não queria que os outros

soubessem como se sentia, por isso pegou um jornal, abriu-o e recostou-se com as pernas cruzadas.

Margaret tocou em seu joelho. Ela não precisou elevar a voz para ser ouvida, pois o revestimento à prova de som era de fato muito eficiente.

– Também estou com medo – declarou ela.

Harry ficou envergonhado. Pensava ter disfarçado bem.

O avião se moveu. Ele apertou o braço do assento com toda a força; depois, forçou-se a relaxar. Claro que Margaret podia perceber que ele estava apavorado. Devia ter ficado tão branco quanto o jornal que fingia ler.

Margaret sentava-se com os joelhos grudados e as mãos unidas com força no colo. Parecia apreensiva e empolgada ao mesmo tempo, como se prestes a iniciar uma viagem de montanha-russa. As faces afogueadas, os olhos arregalados e a boca entreaberta a deixavam sexy. Harry especulou outra vez como seria seu corpo por baixo daquele casaco.

Ele olhou para os outros. O homem à sua frente prendia calmamente o cinto de segurança. Os pais de Margaret espiavam pela janela. Lady Oxenford parecia imperturbável, mas lorde Oxenford pigarreava de forma ruidosa, um sinal infalível de tensão. O jovem Percy se mostrava tão entusiasmado que mal conseguia parar quieto.

Harry olhou para seu jornal, mas não conseguia ler uma só palavra. Deixou-o de lado e virou o rosto para a janela. O poderoso avião taxiava, imponente, por Southampton Water. Ele avistou os navios enfileirados nas docas. Já se encontravam a alguma distância e havia diversas embarcações menores entre ele e a terra. Não posso saltar agora, pensou Harry.

A água se encapelou quando a aeronave alcançou o meio do estuário. Harry não costumava ficar enjoado no mar, mas agora sentia-se muito mal. O compartimento parecia a sala de uma casa, mas o movimento o lembrava de que navegava num barco,

uma frágil embarcação de alumínio fino.

O avião desacelerou no meio do estuário e começou a dar meia-volta. Oscilava com a brisa e Harry percebeu que procurava uma posição adequada em meio ao vento para decolar. Então o Clipper deu a impressão de que parava, inclinando-se um pouco e balançando, como se fosse um monstruoso animal farejando o ar com seu enorme focinho. O suspense torturava Harry, que precisou de muita força de vontade para não saltar do assento e gritar que o deixassem cair fora.

Subitamente, ouviu-se um estrondo, como uma violenta tempestade desabando, enquanto os quatro motores eram levados à máxima potência. Harry soltou um grito chocado, mas que foi abafado. O avião parecia assentar na água, como se afundasse sob a pressão, mas, um momento depois, arremeteu para a frente.

Aumentou a velocidade num instante, feito uma lancha rápida, só que nenhuma embarcação tão grande podia acelerar tão depressa. A água branca passava a toda pelas janelas. O Clipper ainda se inclinava e balançava com os movimentos do mar. Harry queria fechar os olhos, mas teve medo até de fazer isso. Estava em pânico. Vou morrer, pensou, histérico.

O Clipper avançava mais e mais depressa. Harry nunca viajara naquele ritmo pela água. Iam a 80, 100, 120 quilômetros por hora. A espuma espirrava nas janelas, embaçando a vista.

Vamos afundar, explodir ou bater, pensou Harry.

Uma nova vibração começou, como um carro passando por sulcos na estrada. O que era aquilo? Harry teve certeza de que havia algo terrivelmente errado, o avião estava prestes a se arrebentar todo. Ocorreu-lhe que a aeronave começara a se elevar, logo a vibração era causada pelos solavancos, como uma lancha. Seria normal?

De repente, a água parecia exercer menos resistência. Espiando através dos jatos d'água, Harry percebeu que o

estuário estava inclinado e que o nariz do avião devia estar levantando, embora não houvesse sentido a mudança. Ficou ainda mais apavorado, com vontade de vomitar. Engoliu em seco.

A vibração se modificou. Em vez de esbarrar em sulcos, pareciam saltar de uma onda para outra, como uma pedra ricocheteando na superfície. Os motores rugiam e as hélices cortavam o ar. Talvez fosse impossível, pensou Harry, talvez uma máquina tão grande não pudesse ser alçada, talvez pudesse apenas deslizar sobre as ondas, como um grande golfinho. Mas, de súbito, sentiu que o avião se libertara. Arremeteu para a frente e para cima. A vista da janela se desanuviava à medida que a espuma ficava para trás e ele viu a água recuando lá embaixo.

Estamos voando, pensou. Este vasto palácio está mesmo voando!

Agora que se encontrava no ar, o medo desaparecera, substituído por um tremendo êxtase. Era como se fosse pessoalmente responsável pela decolagem do avião. Sua vontade era aplaudir. Olhando ao redor, constatou que todos os passageiros sorriam aliviados. Ao se tornar consciente outra vez da presença das pessoas, Harry descobriu que estava encharcado de suor. Tirou um lenço branco do bolso, enxugou o rosto furtivamente e apressou-se em guardá-lo, já úmido.

O avião continuou a subir. Harry viu a costa meridional da Inglaterra desaparecer sob os hidroestabilizadores inferiores, depois olhou para a frente e avistou a ilha de Wight. Não demorou muito para que a aeronave se nivelasse e o rugido dos motores fosse reduzido no mesmo instante a um zumbido baixo.

Nicky reapareceu em seu jaleco branco e sua gravata preta. Não precisava alterar a voz, já que o barulho fora abafado.

– Gostaria de tomar um coquetel, Sr. Vandenpost?

É exatamente o que quero, pensou Harry.

– Um *scotch* duplo. – Ele se lembrou de que precisava

parecer americano e apressou-se em acrescentar, com o apropriado sotaque: – *On the rocks*.

Nicky anotou os pedidos dos Oxenfords e sumiu pela porta da frente.

Irrequieto, Harry tamborilava no braço do assento. O tapete, o revestimento à prova de som, os assentos macios e as cores suaves faziam com que se sentisse numa cela acolchoada, confortável, mas engaiolado. Depois de um momento, desafivelou o cinto de segurança e se levantou.

Foi para a parte frontal, percorrendo o mesmo caminho do comissário de bordo, e passou pela porta. À esquerda, ficava a cozinha, pequena, de aço inoxidável, onde Nicky preparava os drinques. À direita, havia uma porta com a indicação “Reservado dos Cavalheiros”, que ele presumiu ser o banheiro. Ao lado, via-se uma escada de caracol, que provavelmente dava no andar da tripulação. Mais além, achava-se outro compartimento de passageiros, decorado em cores diferentes e ocupado por funcionários uniformizados. Por um momento, Harry especulou o que estariam fazendo ali, mas depois compreendeu que, num voo de quase trinta horas, os tripulantes precisariam se revezar em turnos.

Ele voltou, passando pela cozinha, atravessando o próprio lounge e o compartimento maior pelo qual haviam embarcado. Mais além, na direção da traseira do avião, avistou outros três aposentos, em esquemas de cores alternados: tapete turquesa com paredes verde-claras ou tapete cor de ferrugem com paredes bege. Degraus ligavam os compartimentos um ao outro, pois a fuselagem era curva e o chão se elevava na direção da cauda. Ao passar, meneou a cabeça cordialmente para outros passageiros, como um jovem americano rico e seguro haveria de fazer.

O quarto compartimento tinha, de um lado, dois pequenos sofás e, do outro, o “Toucador das Senhoras” – sem dúvida outro

nome elegante para indicar o banheiro. Ao lado, uma escada na parede levava a um alçapão no teto. O corredor, que se estendia por todo o avião, terminava numa porta, que devia ser a da famosa suíte de lua de mel, a que provocara tantos comentários na imprensa. Harry tentou abri-la: estava trancada.

Retrocedendo, aproveitou para observar melhor os demais passageiros.

Calculou que o homem em elegantes roupas francesas era o barão Gabon. Ao seu lado, sentava-se um sujeito nervoso e sem meias, o que era bastante esquisito. Talvez fosse o professor Hartmann. Usava um terno horrível e parecia meio faminto.

Harry reconheceu Lulu Bell, mas ficou chocado ao descobrir que ela parecia ter cerca de 40 anos; imaginara que tinha a idade que aparentava nos filmes, em torno de 19. Ela ostentava muitas joias modernas, de boa qualidade: brincos retangulares, pulseiras enormes e um broche de cristal de rocha, provavelmente de Boucheron.

Tornou a ver a linda loura que notara no café do South-Western Hotel. Ela tirara o chapéu de palha. Tinha olhos azuis e pele clara. Ria de algo que o companheiro lhe dizia. Estava nitidamente apaixonada, embora o homem nada tivesse de atraente.

Mas as mulheres gostam de um homem que as faz rir, refletiu Harry.

A senhora com o pingente Fabergé em diamantes cor-de-rosa devia ser a princesa Lavinia. Sua expressão era de desagrado, como se estivesse numa pocilga.

O compartimento maior, perto da entrada, ficara vazio durante a decolagem, mas Harry constatou agora que era usado como uma área de convivência. Quatro ou cinco pessoas se instalaram ali, inclusive o desconhecido alto que se sentara à frente dele. Alguns homens jogavam cartas. Ocorreu a Harry que um jogador profissional poderia ganhar muito dinheiro numa viagem

daquelas.

Ele voltou ao seu assento e o comissário de bordo serviu-lhe o *scotch*.

– O avião parece meio vazio – comentou Harry.

Nicky balançou a cabeça.

– Estamos lotados.

Harry correu os olhos ao redor.

– Mas há quatro lugares vagos neste compartimento, e o mesmo se aplica a todos os outros.

– Cabem dez pessoas neste compartimento para um voo diurno, mas só dá para seis dormirem. Quando arrumarmos os beliches, depois do jantar, o senhor verá. Enquanto isso, aproveite o espaço.

Harry tomou um gole de uísque. O comissário de bordo era educado e eficiente, mas não tão subserviente quanto o garçom de um hotel londrino, por exemplo. Harry se perguntou se os garçons americanos tinham uma atitude diferente. Esperava que sim. Em suas expedições pelo estranho mundo da alta sociedade de Londres, sempre achara um pouco degradante receber reverências e ser chamado de “senhor” cada vez que se virava.

Já era tempo de aprofundar sua amizade com Margaret Oxenford, que bebia champanhe e folheava uma revista. Harry já flertara com dezenas de moças da mesma idade e posição social dela, portanto iniciou a rotina automaticamente:

– Mora em Londres?

– Temos uma casa na Eaton Square, mas passamos a maior parte do tempo no campo. Moramos em Berkshire. Papai também tem uma cabana de caça na Escócia.

O tom era um tanto indiferente, como se ela achasse a pergunta aborrecida e quisesse encerrar aquele assunto o mais depressa possível.

– E caçam? – indagou Harry.

Era um tema fácil para puxar conversa: a maioria dos ricos

caçava e adorava conversar a respeito.

– Não muito. Preferimos atirar.

– A senhorita também atira? – perguntou Harry, surpreso, pois isso não era considerado atividade de uma dama.

– Quando permitem.

– Imagino que tenha uma porção de admiradores.

Ela virou-se para fitá-lo e baixou a voz:

– Por que está me fazendo todas essas perguntas idiotas?

Harry ficou atordoado. Mal sabia o que dizer. Fizera as mesmas perguntas a dezenas de moças e nenhuma delas reagira daquela maneira.

– São tão idiotas assim?

– Você não está interessado em saber onde moro ou se caço.

– Mas é sobre isso que as pessoas conversam na alta sociedade.

– Você não está na alta sociedade – retrucou ela.

– Mas que coisa! – exclamou Harry, com seu sotaque natural.

– Você não gosta de fazer rodeios, hein?

Margaret riu.

– É melhor assim.

– Não posso mudar meu sotaque a todo instante, pois vou acabar me confundindo.

– Está bem. Vou aturar seu sotaque americano se você prometer que não vai puxar uma conversa idiota.

– Obrigado, querida – disse ele, voltando a seu papel de Harry Vandenpost.

Ela não vai ser fácil, refletiu Harry. Era uma garota que sabia o que queria. Mas isso também a tornava muito mais interessante.

– Você é bom nisso – comentou Margaret. – Nunca poderia imaginar que estava simulando. Suponho que é parte do seu *modus operandi*.

As pessoas sempre o desconcertavam quando falavam em

latim.

– Acho que sim – respondeu Harry, sem ter a menor ideia do que ela quisera dizer.

Precisava mudar de assunto. Perguntou-se qual seria o caminho para o coração de Margaret Oxenford. Era evidente que não podia flertar com ela da mesma forma que fizera com todas as outras. Talvez a garota fosse do tipo místico, interessada em sessões espíritas e necromancia.

– Acredita em fantasmas?

– Por quem me toma? – questionou ela. – E por que mudou de assunto?

Com qualquer outra garota, ele teria resolvido a questão soltando uma risada, mas por algum motivo isso era impossível com Margaret.

– Porque não sei latim – disse ele, em tom ríspido.

– Do que diabo você está falando?

– Não entendo palavras como *modus andi*.

Ela pareceu perplexa e irritada por um instante, depois seu rosto se desanuviou.

– *Modus operandi* – repetiu ela.

– Nunca fiquei na escola por tempo suficiente para aprender essas coisas.

O efeito foi surpreendente. Margaret corou e balbuciou:

– Lamento profundamente. Foi uma grosseria de minha parte.

Harry se surpreendeu com a reviravolta. Muitas garotas pareciam sentir que era seu dever enfiar sua instrução pela goela de um homem. Ficou contente por descobrir que Margaret se comportava melhor do que a maioria.

– Está perdoada – falou, sorrindo.

Ela o espantou outra vez:

– Sei como é isso, porque também nunca tive uma educação formal.

– Com todo o seu dinheiro? – murmurou Harry, incrédulo.

Margaret assentiu.

– Nunca fomos à escola.

Ele estava aturdido. Para os respeitáveis londrinos das classes trabalhadoras, era vergonhoso não mandar os filhos à escola – quase tão horrível quanto receber a visita da polícia ou ser despejado por oficiais de justiça. A maioria das crianças precisava tirar um dia de folga quando suas botinas iam consertar, porque não havia um par de reserva, e as mães ficavam bastante encabuladas.

– Mas as crianças têm que ir à escola... É a lei! – exclamou Harry.

– Tivemos governantas estúpidas. É por isso que não posso entrar na universidade... Não tenho qualificações. – Margaret parecia triste. – Acho que eu ia gostar da universidade.

– Inacreditável... Sempre pensei que os ricos podiam fazer o que quisessem.

– Não com meu pai.

– E o garoto? – indagou Harry, indicando Percy com a cabeça.

– Ele estuda em Eton, é claro – respondeu Margaret, amargurada. – É diferente para os meninos.

Harry pensou por um momento.

– Isso significa que não concorda com seu pai em outras coisas... como política, por exemplo?

– Claro que sim! – respondeu ela, com veemência. – Sou socialista.

Isso podia ser a chave para conquistá-la, pensou Harry.

– Já fui do Partido Comunista.

Era verdade: ingressara aos 16 anos e saíra três semanas depois. Esperou pela reação de Margaret antes de decidir o que mais contar. Ela demonstrou interesse imediato.

– Por que saiu?

A verdade era que as reuniões políticas o entediavam, mas

revelar isso podia ser um erro.

– É difícil traduzir em palavras, com precisão.

Ele deveria saber que não seria suficiente para Margaret.

– Deve saber por que saiu – replicou ela, impaciente.

– Acho que era muito parecido com a escola de catecismo.

Margaret riu.

– Acho que entendo.

– Seja como for, creio que tenho feito mais do que os comunas para devolver a riqueza aos trabalhadores que a produziram.

– Como assim?

– Bom, libero dinheiro de Mayfair e levo para Battersea.

– Está querendo dizer que só rouba dos ricos?

– Não faz sentido roubar dos pobres, já que eles não têm dinheiro.

Ela riu de novo.

– Mas certamente não distribui os seus lucros mal adquiridos, como Robin Hood, não é mesmo?

Harry pensou por um momento sobre o que deveria responder. Ela acreditaria se dissesse que roubava dos ricos para dar aos pobres? Embora fosse inteligente, Margaret também era ingênua –, mas não tanto.

– Não sou uma instituição de caridade – comentou ele, dando de ombros. – Mas às vezes ajudo algumas pessoas.

– Espantoso... – Com os olhos faiscantes de interesse e animação, Margaret estava encantadora. – Sabia que existiam pessoas assim, mas é extraordinário conhecê-lo e ainda por cima conversar com você.

Não exagere, menina, pensou Harry.

Sentia-se nervoso com as mulheres que se mostravam muito entusiasmadas: eram propensas a ficar indignadas quando descobrissem que era apenas humano.

– Não sou tão especial assim – murmurou Harry, com um

constrangimento genuíno. – Apenas venho de um mundo que você nunca conheceu.

Margaret lhe lançou um olhar que dizia que ele era mesmo especial.

Aquilo já fora longe demais, decidiu Harry. Estava na hora de mudar de assunto.

– Você está me deixando sem graça – murmurou ele, timidamente.

– Desculpe. – Margaret pensou por um momento. – Por que está indo para os Estados Unidos?

– Para escapar de Rebecca Maugham-Flint.

Ela gargalhou.

– Não, falo sério.

A garota parecia um terrier: quando pegava, não queria mais largar. Era impossível de controlar, logo se tornava perigosa.

– Precisava partir para escapar à prisão.

– O que vai fazer quando chegar lá?

– Pensei em ingressar na Força Aérea Canadense. Gostaria de aprender a voar.

– Que emocionante!

– E você? O que vai fazer lá?

– Estamos fugindo também – explicou ela, com evidente repulsa.

– Como assim?

– Deve saber que meu pai é fascista.

Harry assentiu.

– Li sobre ele nos jornais.

– Meu pai acha que os nazistas são maravilhosos e não quer combatê-los. Além disso, o governo o meteria na prisão se ficasse.

– Por isso vão morar nos Estados Unidos?

– A família da minha mãe é de Connecticut.

– E por quanto tempo vão ficar lá?

– Meus pais permanecerão pelo menos durante toda a guerra. Talvez nunca mais voltem.

– Mas você não queria ir?

– Claro que não! – exclamou Margaret. – Queria ter ficado para lutar. O fascismo é a iniquidade mais assustadora e esta guerra é da maior importância, gostaria de contribuir.

Ela se pôs a falar sobre a Guerra Civil Espanhola, mas Harry não prestava muita atenção. Tivera tamanho estalo que o coração batia mais depressa e ele precisou se esforçar para manter uma expressão normal.

Quando as pessoas fogem do país, no início de uma guerra, não deixam para trás os bens mais valiosos.

Era muito simples. Os camponeses tangiam à frente seu gado ao fugirem de exércitos invasores. Os judeus escapavam dos nazistas com moedas de ouro costuradas dentro dos casacos. Depois de 1917, os aristocratas russos, como a princesa Lavinia, chegavam a todas as capitais da Europa com seus ovos Fabergé.

Lorde Oxenford devia ter considerado a possibilidade de nunca mais voltar. Além disso, o governo impusera controles de câmbio, a fim de impedir que as classes superiores britânicas transferissem todo o dinheiro para o exterior. Os Oxenfords sabiam que talvez nunca mais recuperassem o que haviam abandonado. Era certo que carregavam tantos bens quanto possível.

Sem dúvida, era um pouco arriscado levar uma fortuna em joias na bagagem. Mas o que seria menos arriscado? Despachar pelo correio? Deixar para trás, possivelmente para ser confiscado por um governo vingativo, saqueado por um exército invasor ou mesmo “libertado” em uma revolução pós-guerra?

Não. Os Oxenfords deviam estar levando suas joias.

Em particular, o Delhi Suite.

Só de pensar nisso, Harry ficou sem fôlego.

O Delhi Suite era a peça principal da famosa coleção de joias antigas de lady Oxenford. Feito de rubis e diamantes em engastes de ouro, consistia de um colar com brincos e um bracelete combinando. Os rubis eram birmaneses, do tipo mais precioso, e enormes: tinham sido levados para a Inglaterra no século XVIII pelo general Robert Clive, conhecido como Clive da Índia, e engastados pelos joalheiros reais.

Dizia-se que o Delhi Suite valia 250 mil libras – mais dinheiro do que alguém seria capaz de gastar.

E provavelmente estaria na aeronave.

Nenhum ladrão profissional roubaria durante uma viagem de navio ou avião: a lista de suspeitos era curta demais. Além disso, Harry personificava um americano, viajava com passaporte falso, fugia sob fiança e estava sentado diante de um agente de polícia. Seria loucura tentar se apoderar das joias; ficou abalado só de calcular os riscos envolvidos.

Por outro lado, nunca mais teria uma oportunidade igual. De repente, ele precisava daquelas joias como um homem se afogando necessita de ar.

Não conseguiria vender o conjunto por um quarto de milhão, é claro. Mas obteria cerca de um décimo do valor, em torno de 25 mil libras, o que dava mais de 100 mil dólares.

Em qualquer moeda, era o suficiente para se sustentar pelo resto da vida.

Tanto dinheiro assim o deixou com água na boca. As joias por si só já eram irresistíveis; Harry as vira em fotografias. As pedras do colar combinavam com perfeição, os diamantes se destacavam dos rubis como lágrimas na face de um bebê, e as peças menores – os brincos e o bracelete – tinham proporções impecáveis. Todo o conjunto, no pescoço, nas orelhas e no pulso de uma mulher bonita, seria deslumbrante.

Harry sabia que nunca mais ficaria tão próximo de uma obra-prima assim. Nunca mais.

Precisava roubar o Delhi Suite.

Os riscos eram enormes, mas ele sempre fora um homem de sorte.

– Acho que você não está me escutando – comentou Margaret.

Harry percebeu que não prestara a menor atenção nela.

– Desculpe – disse, sorrindo. – Algo que você falou me fez sonhar acordado.

– Sei disso. Por sua expressão, estava sonhando com alguém que ama.

CAPÍTULO OITO

COM UMA IMPACIÊNCIA FRENÉTICA, Nancy Lenehan esperava o belo avião amarelo de Mervyn Lovesey ser preparado para a decolagem. Ele transmitia as últimas instruções ao homem no terno de tweed, que parecia ser o capataz de sua fábrica. Ela imaginou que o sindicato andava criando problemas e ameaçava com uma greve. Ao término da conversa, Lovesey se virou para Nancy e explicou:

– Emprego dezessete ferramenteiros e todos são benditos individualistas.

– O que você faz?

– Hélices. – Ele apontou para o avião. – Hélices de aviões, de navios, produtos do gênero. Qualquer coisa feita de metal que tenha curvas complexas. A parte de engenharia até que é fácil; o que me deixa aflito é o fator humano. – Lovesey sorriu, condescendente. – Mas você não deve se interessar por questões industriais.

– Na verdade me interessa. Também dirijo uma fábrica.

Ele ficou surpreso.

– De que tipo?

– Fabrico 5.700 pares de sapatos por dia.

Lovesey se impressionou, mas também pareceu incomodado, pois comentou “Bom para você”, em um tom misto de escárnio e admiração. Nancy calculou que a empresa dele fosse bem menor que a sua.

– Talvez eu devesse dizer que *fabricava* sapatos – acrescentou ela, com um gosto amargo na boca. – Meu irmão está tentando vender a empresa contra a minha vontade. É por isso que preciso alcançar o Clipper.

– E vai alcançar – garantiu Lovesey, confiante. – Meu Tiger Moth chegará lá com uma hora de antecedência.

Ela esperava, de todo o coração, que o homem estivesse certo.

– Tudo pronto, Sr. Lovesey – anunciou o mecânico, saltando da aeronave.

O aviador olhou para Nancy e ordenou ao empregado:

– Vá buscar um capacete. Ela não pode voar com esse chapéu ridículo.

Nancy ficou confusa com o súbito retorno à atitude insolente. Era evidente que Lovesey sentia-se satisfeito em conversar com ela quando não havia nada a fazer, mas perdia o interesse assim que surgia algo mais importante. Não estava acostumada a essa atitude casual masculina. Embora ela não fosse do tipo sedutor, era bastante atraente e exibia certa autoridade. Muitas vezes, os homens chegavam a ser condescendentes, mas quase nunca a tratavam com indiferença. Resolveu não protestar. Suportaria muito mais do que grosseria pela oportunidade de alcançar o irmão traidor.

Estava bastante curiosa a respeito do casamento de Lovesey. “Estou atrás da minha esposa”, dissera ele – uma confissão surpreendentemente franca. Até entendia por que uma mulher fugiria de um homem daqueles. Era muito bonito, mas também egocêntrico e insensível. Por isso Nancy estranhava que perseguisse a esposa. Ele parecia do tipo orgulhoso. Ela achava que Lovesey bradaria: “Pois que ela vá para o inferno!” Talvez o tivesse julgado errado.

Como seria a esposa? Bonita? Sensual? Egoísta e mimada? Tímida e assustada? Nancy descobriria em breve se conseguissem alcançar o Clipper.

O mecânico trouxe um capacete e ela o ajeitou na cabeça. Lovesey subiu no avião e gritou por sobre o ombro:

– Ajude-a a subir, está bem?

Mais cortês do que o patrão, o mecânico ajudou-a a vestir o casaco, explicando:

– É frio lá em cima, mesmo quando faz sol.

Ele ofereceu apoio para Nancy subir e ela se acomodou no assento traseiro. O mecânico lhe entregou a valise, que foi guardada debaixo dos seus pés.

Enquanto o motor era acionado, Nancy refletiu, com um calafrio de nervosismo, que estava prestes a viajar pelo ar com uma pessoa completamente desconhecida.

Mervyn Lovesey poderia ser um piloto incompetente, com um treinamento inadequado e um avião de manutenção precária. Talvez até um mercador de escravas brancas, com a intenção de vendê-la para um bordel turco. Não, ela era velha demais para isso. Mas não tinha motivos para confiar no homem. Só sabia que ele era inglês e possuía um aeroplano.

Nancy já voara três vezes antes, mas sempre em aeronaves maiores, com cabines fechadas, nunca num antiquado biplano. Era como decolar num carro conversível. Percorreram a pista com o motor rugindo em seus ouvidos e o vento fustigando os capacetes.

Os aviões de passageiros em que Nancy voara antes pareciam se elevar suavemente, mas aquele subiu com um pulo, como um cavalo de corrida saltando uma cerca. Depois, Lovesey fez uma curva tão abrupta que ela se segurou com força, apavorada com a possibilidade de cair, apesar do cinto de segurança. Será que ele tinha brevê?

O biplano subiu depressa. O voo nele parecia mais compreensível, menos milagrosa, do que num grande avião comercial. Nancy via as asas, aspirava o vento, ouvia o barulho do pequeno motor. Percebia como a aeronave se mantinha no ar, a hélice girando, o vento impulsionando as asas largas, da mesma forma como se sentia uma pipa tangida pelo vento ao se segurar a linha. O avião fechado não proporcionava essa

experiência.

Contudo, essa situação também a deixava apreensiva. As asas eram frágeis, de madeira e lona; a hélice podia enguiçar, quebrar ou cair; talvez o vento favorável mudasse de repente, virasse contra eles... E se houvesse nevoeiro, relâmpagos, granizo?

Mas tudo isso parecia improvável enquanto o avião se elevava em direção à aurora, virando o nariz rumo à Irlanda. Nancy sentia como se viajasse no dorso de uma enorme libélula amarela. Era assustador, mas inebriante, como um passeio vertiginoso num parque de diversões.

Logo deixaram para trás a costa da Inglaterra. Nancy se permitiu um pequeno momento de triunfo ao seguirem para oeste, sobre o mar. Peter embarcaria no Clipper dali a pouco, exultante por ter sido mais esperto do que a irmã mais velha e mais inteligente. Mas sua alegria duraria pouco, pensou Nancy, com uma satisfação irada. Ele ainda não a vencera. Teria um tremendo choque quando a visse em Foynes. Ela mal podia esperar para presenciar a reação de Peter.

Ainda tinha um confronto pela frente, sem dúvida, mesmo depois que alcançasse o irmão. Não o derrotaria com o mero comparecimento à reunião do conselho. Precisaria convencer tia Tilly e Danny Riley de que seria melhor conservarem suas ações e apoiá-la.

Sua vontade era denunciar a todos o comportamento iníquo de Peter, a fim de que soubessem como ele mentira para a irmã e conspirara. Queria esmagá-lo e humilhá-lo, mostrando que não passava de uma víbora. Mas, após refletir, concluiu que não seria a melhor atitude. Se deixasse que a fúria e o ressentimento prevalecessem, pensariam que se opunha à fusão por razões puramente emocionais. Deveria falar com frieza e calma sobre as perspectivas e agir como se a divergência com Peter fosse apenas empresarial. Todos sabiam que ela era mais competente

do que o irmão.

De qualquer maneira, seu argumento fazia sentido. O preço oferecido pelas ações se baseava nos lucros da Black's, que eram baixos por causa da péssima gerência de Peter. Nancy calculava que poderiam conseguir mais se fechassem a companhia e vendessem as lojas. Porém o melhor seria reestruturá-la de acordo com seu plano e torná-la lucrativa outra vez.

Havia outra razão para esperar: a guerra era boa para os negócios em geral, ainda mais para empresas como a Black's, que forneciam produtos para os militares. Os Estados Unidos podiam não entrar no conflito, mas, por precaução, com certeza tornariam as Forças Armadas mais sólidas. Portanto, era inevitável que os lucros aumentassem outra vez. Por isso Nat Ridgeway queria comprar a empresa.

Remoeu a situação organizando seu discurso, enquanto cruzavam o mar da Irlanda. Ensaiou os argumentos e as frases, pronunciando-as em voz alta, confiante de que o vento dissiparia as palavras antes que pudessem alcançar os ouvidos de Mervyn Lovesey, cobertos pelo capacete, um metro à frente.

Estava tão absorta que mal percebeu a primeira vez que o motor falhou.

– Em doze meses, a guerra na Europa vai dobrar o valor desta companhia – dizia ela. – Se os Estados Unidos entrarem também, o valor duplicará de novo...

Na segunda vez em que aconteceu, ela foi arrancada abruptamente do devaneio. O rugido alto e contínuo se alterou por um instante, como o som de uma torneira com ar preso no cano. Então se normalizou, tornou a mudar, assumiu um tom diferente, irregular, mais fraco, que a deixou uma pilha de nervos.

O avião começou a perder altitude.

– O que está acontecendo? – gritou Nancy, o mais alto possível.

Não houve resposta. Ou Lovesey não a ouvira ou estava ocupado demais.

O ruído do motor se modificou de novo, intensificou-se, como se o avião acelerasse, depois se nivelou.

Nancy ficou ainda mais agitada. O que estaria acontecendo? O problema era grave ou não? Ela queria ver o rosto de Lovesey, mas ele continuava virado para a frente.

O som do motor não era mais constante. Às vezes parecia retomar o rugido da plena aceleração anterior, então tornava a hesitar, voltava a ser irregular. Apavorada, Nancy esquadrihava o céu à frente, tentando discernir alguma alteração no giro da hélice, sem sucesso. Cada vez que o motor falhava, no entanto, o avião perdia um pouco de altitude.

Ela não podia suportar a tensão por mais tempo. Desafivelou o cinto de segurança, inclinou-se para a frente e bateu no ombro de Lovesey. Ele virou a cabeça e Nancy gritou em seu ouvido:

– Qual é o problema?

– Não sei!

Ela estava assustada demais para aceitar isso.

– O que está acontecendo?

– Acho que um dos cilindros do motor está falhando.

– E quantos cilindros o avião tem?

– Quatro.

Abruptamente, o biplano desceu ainda mais, com um solavanco. Nancy tratou de se recostar e afivelou o cinto. Como dirigia, sabia que um automóvel podia andar mesmo com um cilindro inoperante. Só que seu Cadillac tinha *doze* cilindros. Um avião podia voar só com três? A incerteza era uma tortura.

Agora perdiam altitude aos poucos. Nancy imaginou que a aeronave resistiria, mas não por muito tempo. Quanto tempo levaria para caírem no mar? Ela olhou em volta e, aliviada, avistou terra adiante. Incapaz de se conter, tornou a desafivelar o cinto e gritou para Lovesey:

– Vamos conseguir chegar à terra firme?

– Não sei!

– Você não sabe de nada! – O medo tornara sua voz estridente. Ela se esforçou para ficar calma. – Qual é a sua melhor estimativa?

– Cale a boca e deixe eu me concentrar!

Nancy tornou a se recostar. Talvez eu morra agora, pensou, porém mais uma vez lutou contra o pânico e se obrigou a refletir com calma: Felizmente já criei os meninos. Será duro para eles, ainda mais depois de terem perdido o pai num acidente de carro. Mas já são homens, grandes e fortes, e nunca lhes faltará dinheiro. Vão superar. Por que não tive outro amante? Já faz quanto tempo? Dez anos! Não é de admirar que eu esteja me acostumando. Podia muito bem ser uma freira. Deveria ter ido para a cama com Nat Ridgeway: teria sido maravilhoso.

Ela saíra umas poucas vezes com um homem, logo antes de partir para a Europa, um contador solteiro, mais ou menos da sua idade. Mas não gostaria de ter ido para a cama com ele. Era um homem gentil, mas fraco, como quase todos os que conhecia. Encaravam-na como uma mulher forte, queriam que cuidasse deles. Desejo alguém que cuide de mim, pensou Nancy. Se sobreviver, terei mais um amante antes de morrer...

Peter iria vencer... Uma tremenda vergonha. A empresa era tudo o que tinha restado do pai e agora seria absorvida numa fusão e desapareceria na massa amorfa da General Textiles. O pai trabalhara duro durante toda a vida para fazer com que a companhia prosperasse e Peter a destruía em cinco anos de indolência e egoísmo.

Às vezes ela ainda sentia falta do pai. Fora um homem inteligente. Quando havia um problema – quer fosse uma grande crise como a Depressão ou uma pequena questão familiar como as péssimas notas de um dos filhos –, encontrava uma maneira positiva e confiante de enfrentá-lo. Era muito competente com a

parte mecânica, e as pessoas que produziam as grandes máquinas de sapatos costumavam consultá-lo antes de finalizar um novo projeto. Nancy compreendia muito bem o processo de produção, mas sua maior habilidade era prever os estilos que o mercado demandava. Desde que assumira o comando da fábrica, os maiores lucros advinham dos calçados femininos. Ao contrário de Peter, nunca se sentira ofuscada pelo pai, por isso tinha saudade.

De repente, a ideia de que ia morrer pareceu absurda e irreal. Seria como se a cortina baixasse antes do fim da peça, quando o ator principal ainda se encontrasse no meio de uma fala; não era assim que as coisas aconteciam. Por um momento, sentiu-se irracionalmente animada, convencida de que sobreviveria.

O avião continuava a perder altitude, mas a costa da Irlanda se aproximava depressa. Não demorou muito para que avistasse campos cor de esmeralda e charcos marrons. A família Black viera dali, pensou ela, arrepiada.

Mervyn Lovesey começou a se mexer, como se lutasse com os controles. O ânimo de Nancy tornou a se alterar e ela começou a rezar. Fora criada como católica, mas não ia à missa desde a morte de Sean; de fato, entrara numa igreja pela última vez no funeral dele. Não sabia se tinha fé ou não, mas orou com fervor, pois, de qualquer forma, não havia nada a perder. Rezou o pai-nosso, depois pediu a Deus que a salvasse. Queria amparar Hugh, pelo menos até que ele se casasse e se estabelecesse; queria conhecer os netos; queria impedir o plano de Peter, continuar a empregar todos aqueles homens e mulheres e produzir bons sapatos para as pessoas comuns; queria um pouco de felicidade. Sua vida, compreendeu subitamente, se resumira a trabalho.

Via agora as cristas brancas das ondas. A mancha da costa se aproximando adquiriu contornos, ondas, praia, penhasco e campo verde. Com um calafrio de medo, ela imaginou se seria

capaz de nadar até a praia caso o avião caísse no mar. Considerava-se uma boa nadadora, mas dar braçadas feliz e despreocupada numa piscina era muito diferente de sobreviver no mar turbulento. Talvez a água estivesse congelante. Que palavra as pessoas usavam quando se morria de frio? Hipotermia. *O avião da Sra. Lenehan caiu no mar da Irlanda e ela morreu de hipotermia*, diria o *Boston Globe*. Nancy estremeceu dentro do casaco de casimira.

Se o avião caísse, provavelmente ela não viveria para sentir a temperatura da água. Especulou sobre a velocidade do biplano. Lovesey lhe informara que a velocidade de cruzeiro era de mais ou menos 145 quilômetros por hora, mas a aeronave desacelerava cada vez mais. Digamos que estivesse a 80 quilômetros por hora. Sean morreria ao bater a essa velocidade. Não, não havia sentido em calcular a distância que conseguiria nadar.

A praia estava cada vez mais próxima. Talvez suas preces fossem atendidas. Talvez o avião alcançasse a terra, afinal. O som do motor não se alterara mais: continuava com o mesmo ronco estridente e irregular, um tom irado, como o zumbido vingativo de uma vespa ferida. Começou a se preocupar com o lugar em que aterrissariam, se por acaso não caíssem. Uma aeronave poderia descer numa praia arenosa? E numa praia de seixos? Seria possível pousar num campo, se não fosse muito esburacado, mas e num charco de turfa?

Ela descobriria em breve.

A costa se achava agora a meio quilômetro de distância. Com um aperto no coração, notou as ondas violentas e a praia pedregosa, bastante irregular, cheia de afloramentos rochosos pontiagudos. Um penhasco baixo subia até uma extensão de charneca, onde algumas ovelhas pastavam. Nancy a observou. Parecia plana, sem sebes e com poucas árvores. Talvez o avião pudesse pousar ali. Não sabia se devia torcer por isso ou se

preparar para a morte.

O biplano lutava bravamente, ainda perdendo altitude. A maresia entrou pelas narinas de Nancy. Seria melhor descer na água, pensou, apavorada, do que tentar pousar naquela praia. Aquelas pedras pontiagudas despedaçariam a frágil aeronave... e estraçalhariam a mulher.

Desejou ter uma morte rápida.

Quando a praia se encontrava a 100 metros, ela concluiu que o avião não cairia ali: ainda estava bastante alto. Era evidente que Lovesey tentava alcançar a pastagem. Mas será que conseguiria? Pareciam estar agora quase no nível do topo do penhasco e continuavam a descer. Acabariam se chocando contra ele. Nancy teve vontade de fechar os olhos, mas não se atreveu. Em vez disso, fitou as rochas que corriam em sua direção.

O motor rugia como um animal doente. O vento soprava a espuma do mar no rosto de Nancy. As ovelhas no alto do penhasco se dispersavam em todas as direções enquanto o avião se aproximava, ruidoso. Ela apertava a beirada do assento com tanta força que as mãos doíam. Tinha a impressão de que voava direto para o paredão. Vamos bater, é o fim, pensou. Então uma rajada de vento elevou o biplano e ela achou que passariam por cima. Mas a aeronave tomou a baixar. A beira do penhasco vai arrancar as pequenas rodas amarelas, ela temeu. Com o penhasco a uma fração de segundo, fechou os olhos e gritou.

Por um momento, nada aconteceu.

Depois, houve um solavanco e Nancy foi lançada para a frente, com toda a força, mas contida pelo cinto de segurança. Por um instante, achou que ia morrer, mas logo sentiu o avião subir de novo. Parou de berrar e abriu os olhos.

Ainda estavam no ar, cerca de um metro acima da relva. O biplano tornou a bater no solo e, dessa vez, não subiu mais. Nancy foi sacudida violentamente enquanto a aeronave

avançava aos trancos e barrancos. Viu que seguiam na direção de uma amoreira e que ainda podiam bater. Então o avião fez uma curva, evitando o perigo. Os solavancos já não eram tão fortes e o biplano perdia velocidade. Ela mal podia acreditar que ainda estava viva. A aeronave parou, sacudindo.

Nancy estremeceu de alívio, como se sofresse um espasmo sem fim. Logo sentiu que a histeria ameaçava dominá-la e tratou de se controlar.

– Já acabou – disse ela em voz alta. – Tudo acabou e estou bem.

Lovesey se levantou e saiu do assento, com uma caixa de ferramentas na mão. Sem olhar para Nancy, saltou para o chão e seguiu para o capô. Abriu-o e examinou o motor.

Poderia ao menos ter perguntado se estou bem, pensou ela.

De uma estranha maneira, a grosseria de Lovesey acalmou-a. Olhou ao redor. As ovelhas voltaram a pastar, como se nada tivesse acontecido. Agora que o motor estava silencioso, Nancy escutava as ondas explodindo na praia. O sol brilhava, mas o vento em seu rosto era frio e úmido.

Continuou sentada, imóvel, por mais algum tempo. Quando teve certeza de que as pernas a sustentariam, ergueu-se e deixou o avião. Pisou o solo irlandês pela primeira vez na vida e ficou comovida, à beira das lágrimas enquanto refletia: Este é o lugar de onde saímos há tantos anos. Oprimidos pelos britânicos, perseguidos pelos protestantes, à míngua devido à praga das batatas, tratamos de nos apinhar em navios de madeira e partimos de nossa pátria para um novo mundo.

E esta foi uma maneira muito irlandesa de voltar, pensou ela, sorrindo. Quase morri... Mas chega de sentimentalismo.

Estava viva, porém ainda conseguiria alcançar o Clipper? Consultou o relógio: 14h15. O avião acabara de decolar de Southampton. Poderia chegar a Foynes a tempo se o biplano levantasse voo e se ela tivesse coragem para embarcar

novamente.

Nancy foi também até o capô. Lovesey usava uma enorme chave para afrouxar uma porca.

– Consegue consertá-lo? – indagou Nancy.

Ele nem ergueu os olhos.

– Não sei.

– Qual é o problema?

– Não sei.

Era evidente que ele retornara a seu humor taciturno. Exasperada, Nancy retrucou:

– Pensei que você fosse engenheiro.

Isso o irritou e ele encarou Nancy.

– Estudei matemática e física. Minha especialidade é a resistência aerodinâmica de curvas complexas. Não sou mecânico!

– Então talvez seja melhor procurarmos um.

– Não vai encontrar nenhum na maldita Irlanda. O país ainda vive na Idade da Pedra.

– Isso porque o povo foi oprimido durante séculos pelos brutais britânicos!

Ele retirou a cabeça do compartimento do motor e se empertigou.

– Como é que começamos a discutir política?

– Nem mesmo me perguntou se estou bem.

– Posso ver que está.

– Quase me matou!

– Salvei a sua vida.

O homem era mesmo insuportável. Ela correu os olhos pelo horizonte. A cerca de meio quilômetro, havia uma linha de sebe ou um muro, que devia margear uma estrada, e um pouco além avistou diversos telhados de colmo, agrupados. Talvez pudesse conseguir um carro e seguir até Foynes.

– Onde estamos? – perguntou ela. – Não me diga que não

sabe!

Ele sorriu. Era a segunda ou terceira vez que surpreendia Nancy por não ser tão mal-humorado.

– Acho que a alguns quilômetros de Dublin.

Decidiu que não podia ficar parada ali, observando-o mexer no motor.

– Vou buscar ajuda.

Lovesey olhou para os pés dela.

– Não irá muito longe com esses sapatos.

Vou dar uma lição nesse homem, pensou Nancy, furiosa. Levantou a saia e despreendeu as meias. Lovesey fitou-a, chocado, e corou. Ela tirou as meias e os sapatos de camurça. Adorou desconcertá-lo. Enfiando os calçados nos bolsos do casaco, declarou:

– Não vou demorar.

Afastou-se, descalça. Só depois de alguns passos é que se permitiu um largo sorriso. Ele ficara completamente atordoado. Era uma lição, por ser tão arrogante.

Mas o prazer de levar a melhor sobre Lovesey logo se dissipou. Os pés não demoraram a ficar molhados, gelados e sujos de terra. Os chalés ficavam mais longe do que imaginara. Nem mesmo sabia o que faria quando chegasse lá. Talvez pegar uma carona para Dublin. Lovesey provavelmente tinha razão sobre a escassez de mecânicos na Irlanda.

Levou vinte minutos para alcançar os casebres. Nos fundos do primeiro deles, encontrou uma mulher pequena, de sapatos de madeira, trabalhando numa horta.

– Olá! – gritou Nancy.

A mulher ergueu os olhos e soltou um berro de pavor. Nancy acrescentou:

– Há um problema com meu avião.

A camponesa a fitava como se ela tivesse vindo de outro planeta. Deveria ser mesmo uma visão insólita: casaco de

casimira e pés descalços. Na verdade, uma criatura espacial não seria tão surpreendente quanto uma mulher num avião. A desconhecida estendeu a mão, hesitante, e tocou no casaco de Nancy, que ficou constrangida: ela a tratava como se fosse uma deusa.

– Sou irlandesa – disse Nancy, num esforço para parecer mais humana.

A mulher sorriu e balançou a cabeça, como se dissesse “não pode me enganar”.

– Preciso de um transporte para Dublin – explicou Nancy.

Isso fazia sentido para a camponesa, que enfim falou:

– Mas é claro!

Evidentemente, achava que pessoas como ela só podiam pertencer à cidade grande. Nancy ficou aliviada ao ouvi-la falar em inglês; receara que a mulher só soubesse gaélico.

– É muito longe?

– É possível chegar lá em uma hora e meia com um bom pônei – informou a outra, com um sotaque musical.

Não adiantaria. Dentro de duas horas, o Clipper decolaria de Foynes, do outro lado do país.

– Alguém por aqui tem um automóvel?

– Não.

– Droga!

– Mas o ferreiro tem uma moto.

– Serve!

Chegando a Dublin, ela poderia arrumar um carro para a viagem até Foynes. Não sabia se a outra cidade era distante, quanto tempo levaria para chegar, mas precisava tentar.

– Onde está o ferreiro?

– Vou levá-la até ele.

A mulher cravou a pá no chão. Nancy seguiu-a, contornando a casa. A estrada era apenas uma trilha enlameada, descobriu, com um aperto no coração: uma moto não poderia andar muito

mais depressa do que um cavalo ali.

Outro problema lhe ocorreu enquanto atravessavam o povoado. Uma moto só levaria um passageiro. Planejara voltar ao avião enguiçado e pegar Lovesey se conseguisse arrumar um carro. Mas só um deles poderia ir na moto – a menos que o proprietário estivesse disposto a vendê-la. Nesse caso, Lovesey poderia guiar e Nancy iria na garupa. Talvez, pensou ela, animada, pudessem seguir assim por todo o percurso até Foynes.

Andaram até a última casa e se aproximaram de uma oficina ao lado. As esperanças de Nancy foram dizimadas: a moto estava desmontada, com as peças espalhadas pelo chão de terra, e o ferreiro trabalhava nela.

– Ah, não! – murmurou Nancy.

A mulher falou ao ferreiro em gaélico. Ele olhou para Nancy com uma expressão divertida. Era muito jovem, com os cabelos pretos típicos dos irlandeses, olhos azuis e um enorme bigode. Assentiu e perguntou a Nancy:

– Onde está seu avião?

– A pouco mais de meio quilômetro daqui.

– Talvez eu possa dar uma olhada.

– Sabe alguma coisa sobre aviões? – indagou ela, cética.

O ferreiro deu de ombros.

– Motores são motores.

Nancy concluiu que, se ele era capaz de desmontar uma moto, também podia consertar um motor de avião.

– Porém me parece que é tarde demais – acrescentou o ferreiro.

Nancy franziu a testa, depois ouviu o que o homem já percebera: o barulho de um avião. Seria o Tiger Moth? Ela saiu correndo da oficina e olhou para o céu. Lá estava o biplano, sobrevoando o povoado.

Lovesey o consertara e partira sem esperá-la!

Ela ficou olhando, incrédula. Como ele pudera fazer algo assim? E ainda por cima levava a valise dela!

O avião passou baixo sobre o povoado, como que para zombar dela. Nancy sacudiu o punho em sua direção. Lovesey acenou e depois se afastou subindo.

Ela observou o biplano se distanciar. O ferreiro e a camponesa estavam ao seu lado.

– Ele foi embora sem você – comentou o homem.

– É um demônio desalmado.

– Seu marido?

– Claro que não!

– Ainda bem, suponho.

Nancy estava desesperada. Dois homens a traíram no mesmo dia. Haveria algo errado com ela?

Concluiu que era melhor desistir. Não poderia mais alcançar o Clipper. Peter venderia a companhia a Nat Ridgeway e seria o fim de tudo.

O avião fez a volta. Lovesey estava acertando o curso para Foynes, presumiu. Alcançaria a esposa fugitiva. Nancy torceu para que a mulher se recusasse a voltar para ele.

Inesperadamente, o biplano continuou a virar. Avançou reto ao apontar para o povoado. O que ele estava fazendo?

O avião veio seguindo pela estrada de terra, perdendo altitude. Por que ele voltara? Enquanto se aproximava, Nancy começou a se perguntar se ia pousar. Será que o motor dera defeito outra vez?

A aeronave pousou na estrada e foi se aproximando, aos solavancos, das três pessoas diante da casa do ferreiro.

Nancy quase desfaleceu de alívio. Ele voltara para buscá-la!

O Tiger Moth parou na sua frente, estremeando. Mervyn gritou algo que ela não conseguiu entender.

– O quê? – berrou Nancy.

Impaciente, ele gesticulou para que ela se aproximasse.

Nancy correu para o avião. Lovesey se inclinou em sua direção e berrou:

– O que está esperando? Suba logo!

Ela consultou o relógio: 14h45. Ainda poderia chegar a Foynes a tempo. Reanimou-se no mesmo instante. Ainda não estou liquidada!, pensou.

O jovem ferreiro aproximou-se com um brilho nos olhos e gritou:

– Deixe-me ajudá-la!

Ele fez um apoio com as mãos entrelaçadas. Nancy pôs ali o pé descalço e enlameado e o mecânico ergueu-a para que tomasse seu lugar.

O avião partiu no mesmo instante. Poucos segundos depois, estavam no ar.

CAPÍTULO NOVE

A ESPOSA DE MERVYN LOVESEY estava muito feliz.

Diana ficara assustada durante a decolagem, mas agora o êxtase a dominava.

Nunca voara antes. Mervyn nunca a convidara para subir em seu pequeno avião, embora ela tivesse passado dias pintando-o de amarelo. Superado o nervosismo, descobriu que era maravilhoso voar tão alto em algo que parecia um hotel alado de primeira classe, contemplando pastagens e trigais, estradas e linhas férreas, casas, igrejas e fábricas. Sentia-se livre. Estava livre. Abandonara Mervyn e fugira com Mark.

Na noite anterior, no South-Western Hotel, em Southampton, haviam se registrado como os Alders, e passaram o tempo todo juntos – fizeram amor, dormiram, acordaram de manhã e transaram de novo. Parecia um luxo, depois de três meses de tardes curtas e beijos furtivos.

Voar no Clipper era como viver num filme: decoração opulenta, passageiros elegantes, dois comissários de bordo muito eficientes. Tudo parecia seguir um roteiro e havia rostos conhecidos por toda parte. Lá estava o barão Gabon, o rico sionista, sempre absorto numa conversa com o abatido companheiro. O marquês de Oxenford, o famoso fascista, também se encontrava a bordo, acompanhado pela linda esposa. Lavinia Bazarov, um dos pilares da sociedade parisiense, viajava no mesmo compartimento de Diana, no mesmo divã, junto da janela.

Na frente da princesa, no outro assento da janela daquele lado, sentava-se a atriz Lulu Bell. Diana já tinha visto muitos filmes dela: *Meu primo Jake*, *Tormento*, *Vida secreta*, *Helena de*

Troia e vários outros, exibidos no Paramount Cinema, na Oxford Street, em Manchester. Mas a surpresa maior foi o fato de Mark conhecê-la. Ao ocuparem seus lugares, uma voz americana estridente gritou:

– Mark! Mark Alder! É mesmo você?

Diana se virou e viu uma loura pequena como um canário lançando-se sobre ele.

Haviam trabalhado juntos num programa de rádio, em Chicago, anos antes, quando Lulu ainda não era uma estrela. Mark apresentou Diana, e a atriz se mostrou muito gentil, dizendo que ela era muito bonita e que Mark podia se considerar um homem de sorte por encontrá-la. Mas é claro que ela estava mais interessada nele e os dois já conversavam desde a decolagem, recordando os velhos tempos, quando eram jovens e não tinham dinheiro, viviam em pensões e passavam a noite inteira acordados, tomando bebidas alcoólicas contrabandeadas.

Diana não imaginava que Lulu fosse tão baixa. Nos filmes, parecia mais alta. E também mais jovem. Além disso, na vida real podia-se perceber que o louro dos cabelos não era natural, como o de Diana, mas pintado. No entanto, a personalidade, exuberante e alegre, era a mesma dos filmes. Mesmo agora, conseguia ser o centro das atenções. Embora ela estivesse conversando com Mark, todos a observavam: a princesa Lavinia no canto, Diana na frente e os dois homens no outro lado do corredor.

Ela contava a história de um programa de rádio em que um dos atores tinha se retirado, pensando que seu papel já havia terminado, quando na verdade ainda restava uma fala, no final.

– Eu disse: “Quem comeu o bolo?” Todo mundo olhou ao redor... mas George desaparecera! E houve um *longo* silêncio.

Ela fez uma pausa para efeito dramático. Diana sorriu. O que as pessoas faziam quando as coisas davam errado durante um programa de rádio? Diana era uma ouvinte assídua, mas não se

lembrava de nada assim.

– Repeti a minha fala, “Quem comeu o bolo?”, e arrematei... – Lulu baixou o queixo e acrescentou numa voz ríspida de homem, espantosamente convincente: – “Deve ter sido o gato.”

Todos riram.

– E esse foi o fim do programa – concluiu ela.

Diana recordou uma transmissão em que um locutor ficou tão chocado com alguma coisa que exclamou: “Cacete!”

– Uma vez ouvi um locutor praguejar – comentou ela.

Já ia contar a história, quando Mark disse:

– Ora, isso sempre acontece. – Ele se virou para Lulu. – Lembra quando Max Gifford disse que Babe Ruth tinha bolas limpas e depois não conseguia mais parar de rir?

Mark e Lulu gargalharam. Diana sorriu, mas começava a se sentir excluída. Admitiu que fora um tanto mimada: durante três meses, tivera a total atenção de Mark, pois ele se encontrava sozinho numa cidade estranha. Era evidente que isso não duraria para sempre. Teria que se acostumar a dividi-lo com outras pessoas dali por diante. Mas não precisava desempenhar o papel de plateia. Virou-se para Lavinia, sentada à direita, e perguntou:

– Costuma ouvir rádio, princesa?

A velha russa a fitou com desdém.

– Acho um pouco vulgar.

Diana já conhecera idosas esnobes, mas elas não a intimidavam.

– Que surpreendente. Ontem à noite, por exemplo, tocaram alguns quintetos de Beethoven.

– A música alemã é mecânica demais – replicou a princesa.

Não havia como agradá-la, concluiu Diana. Aquela senhora pertencera à mais privilegiada e ociosa classe do mundo e queria que todos soubessem disso, então fingia que nada do que lhe era oferecido era tão bom quanto o que desfrutara no passado. Seria uma companheira de viagem insuportável.

Davy, o comissário de bordo que atendia a traseira do avião, chegou para anotar os pedidos de coquetéis. Era um jovem baixo, simpático, impecável e louro, e andava pelo corredor atapetado com passos ágeis. Diana pediu um martíni seco. Não sabia o que era, mas lembrava, dos filmes, que se tratava de um drinque chique na América.

Observou os dois passageiros no outro lado do compartimento. Ambos olhavam pela janela. O mais próximo era jovem e bonito, num terno um tanto vistoso. Tinha ombros largos, como um atleta, e usava vários anéis. A pele morena levou Diana a especular se não seria sul-americano. Na frente dele, sentava-se um homem que parecia deslocado. O terno era muito grande e o colarinho da camisa estava gasto. Não parecia ter condições de pagar a passagem do Clipper. Sua cabeça era calva e lisa como uma lâmpada. Os dois homens não falavam nem olhavam um para o outro, mas ainda assim Diana teve certeza de que viajavam juntos.

Pensou no que Mervyn estaria fazendo naquele momento. Era quase certo que já tivesse lido o seu bilhete. Talvez estivesse chorando, pensou ela, com um sentimento de culpa. Não, o marido jamais faria isso. Era mais provável que tivesse um acesso de raiva. Mas em quem a descarregaria? Talvez nos coitados dos empregados. Diana desejou ter escrito um bilhete mais gentil, ou pelo menos mais esclarecedor, porém ficara transtornada demais para pensar direito. Era bem provável que ele telefonasse para a cunhada, Thea. Poderia achar que ela saberia do paradeiro da irmã. Só que Thea não sabia de nada. E ficaria chocada. O que diria às gêmeas? O pensamento angustiou Diana. Sentiria saudade das sobrinhas.

Davy voltou com os drinques. Mark ergueu seu copo para Lulu, depois para a amante. Como se só se lembrasse depois, disse Diana a si mesma, irritada. Provou o martíni e quase cuspiu.

– Argh! Parece gim puro!

Todos riram.

– É quase todo de gim, meu bem – comentou Mark. – Nunca tinha tomado um martíni antes?

Diana sentiu-se humilhada. Pedira o que não conhecia, como uma colegial num bar. Todas aquelas pessoas cosmopolitas pensavam agora que ela era uma provinciana ignorante.

– Posso lhe trazer outra coisa, madame – propôs Davy.

– Uma taça de champanhe – murmurou Diana, em voz lúgubre.

– Pois não.

– Nunca tinha tomado um martíni antes – acrescentou Diana para Mark, irritada. – Pensei em experimentar. Não há nada de errado nisso, certo?

– Claro que não, meu bem – sussurrou ele, acariciando-lhe o joelho.

– Este conhaque é horrível, meu jovem – disse Lavinia. – Prefiro um chá.

– Pois não, Vossa Alteza.

Diana resolveu ir ao banheiro. Levantou-se, murmurou “com licença” e passou pela arcada.

Atravessou outro compartimento, igual ao que deixara, e descobriu-se na traseira do avião. De um lado, situava-se um pequeno reservado ocupado apenas por duas pessoas e, do outro, uma porta, onde estava escrito “Toucador das Senhoras”. Ela entrou.

O banheiro animou-a. Era muito bonito. Havia uma penteadeira com dois bancos estofados em couro turquesa e as paredes eram cobertas por um tecido bege. Diana sentou-se diante do espelho para retocar a maquiagem. Mark chamava o processo de “reescritura do rosto”. Lenços de papel e creme facial se espalhavam à sua frente.

Quando fitou seu reflexo, viu uma mulher infeliz. Lulu Bell

surgira como uma nuvem bloqueando o sol. Desviara a atenção de Mark, levava-o a tratar a amante como uma pequena inconveniência. É verdade que a atriz estava mais próxima da idade de Mark: ele tinha 39 anos, ela já passara dos 40. Diana tinha apenas 34. Será que ele sabia a idade da celebridade? Às vezes os homens conseguiam ser estúpidos nesse aspecto.

O verdadeiro problema era que os dois possuíam características em comum: ao contrário de Diana, ambos trabalhavam no show business e eram americanos e veteranos do rádio. E, se a pessoa quisesse ser cruel, podia dizer que ela não era ninguém importante, a não ser uma socialite numa cidade provinciana.

Seria sempre assim com Mark? Ela estava a caminho do país dele. Dali em diante, o namorado conhecia tudo. Conviveriam com amigos de Mark, pois Diana não tinha nenhum nos Estados Unidos. Quantas vezes mais ririam dela por ignorar o que todos os outros sabiam?

Ficou pensando se sentiria saudade do mundo confortável e previsível que deixara, o mundo dos bailes de caridade e jantares maçônicos nos hotéis de Manchester, onde conhecia todas as pessoas e todos os drinques e cardápios. Podia ser insípido, mas era seguro.

Diana sacudiu a cabeça para ajeitar os cabelos. Não podia pensar assim. Vivia louca de tédio naquele mundo, ansiava por aventura e emoção. Agora que conseguiu, tratarei de desfrutar, pensou.

Resolveu se esforçar para recuperar a atenção de Mark. O que poderia fazer? Não queria confrontá-lo diretamente, dizer que se ressentia de seu comportamento. Talvez uma dose do próprio tratamento de Mark resolvesse o problema. Poderia conversar com outra pessoa da mesma forma como ele falava com Lulu. Isso o despertaria. Mas com quem? O rapaz bonito no outro lado do corredor atenderia a seus propósitos. Era mais

jovem do que Mark, e também maior. Deveria ser o suficiente para deixar o amante enciumado.

Ela passou perfume atrás das orelhas e entre os seios, depois deixou o banheiro. Requebrou um pouco mais do que o necessário ao caminhar pelo avião e ficou satisfeita com os olhares de desejo dos homens e de admiração ou inveja das mulheres. Sou a mulher mais bonita no avião e Lulu Bell sabe disso, refletiu ela.

Ao chegar a seu compartimento, não foi direto para o seu assento. Virou-se para o lado esquerdo e olhou pela janela, por cima do ombro do jovem de terno listrado. Ele abriu um sorriso receptivo. Diana retribuiu e disse:

– Não é maravilhoso?

– Uma beleza.

Diana notou que o jovem lançava um olhar cauteloso na direção do homem à sua frente, como se esperasse uma reprimenda. Até parecia que o outro era seu acompanhante.

– Vocês dois estão juntos? – perguntou ela.

O homem calvo respondeu bruscamente:

– Pode-se dizer que somos associados. – Parecendo se lembrar das boas maneiras, estendeu a mão e acrescentou: – Ollis Field.

– Diana Lovesey.

Ela cumprimentou o homem com alguma relutância, pois ele tinha unhas sujas. Diana se virou para o jovem, que murmurou:

– Frank Gordon.

Os dois eram americanos, mas toda e qualquer semelhança terminava aí. Frank se vestia com elegância, com um alfinete no colarinho e um lenço de seda no bolso do paletó. Recendia a água-de-colônia e parecia ter passado algum tipo de óleo nos cabelos crespos.

– Estamos sobrevoando que lugar agora? – indagou ele. – Ainda nos encontramos na Inglaterra?

Diana se inclinou de novo e olhou pela janela, deixando-o sentir seu perfume.

– Deve ser Devon – respondeu ela, embora não tivesse certeza.

– De onde você é?

Ela se sentou ao seu lado.

– Manchester. – Diana olhou para Mark, percebeu sua expressão de surpresa e voltou a concentrar a atenção em Frank. – Fica no noroeste do país.

Ollis Field acendeu um cigarro, com uma ar de desaprovação. Diana cruzou as pernas.

– Minha família é da Itália – comentou Frank.

Como o governo italiano era fascista, Diana perguntou:

– Acha que a Itália entrará na guerra?

Frank balançou a cabeça.

– O povo italiano não quer.

– Acho que ninguém quer.

– Então por que acontece?

Ela o achou difícil de decifrar. Obviamente tinha dinheiro, mas parecia não ser instruído. A maioria dos homens fazia questão de lhe explicar as coisas, exibir seus conhecimentos, quer ela quisesse ouvir ou não. Frank não era desse tipo. Diana olhou para o companheiro dele e perguntou:

– O que acha, Sr. Field?

– Não sou capaz de opinar – respondeu ele, irritado.

Ela tornou a se virar para o rapaz.

– Talvez a guerra seja a única maneira de os líderes fascistas manterem o povo sob controle.

Diana tornou a fitar Mark e ficou desapontada ao constatar que ele se encontrava mais uma vez absorto na conversa com Lulu – os dois riam juntos como adolescentes. O que havia com Mark? Àquela altura, Mervyn já se mostraria propenso a socar Frank.

Ela olhou para o jovem. “Fale-me de você” eram as palavras na ponta da sua língua, mas subitamente achou que não suportaria o tédio de escutar a resposta, portanto permaneceu em silêncio. Foi nesse momento que Davy trouxe seu champanhe, junto com um prato de caviar e torradas. Diana aproveitou a oportunidade para retornar a seu lugar, decepcionada.

Por algum tempo, ainda ressentida, prestou atenção na conversa de Mark e Lulu, depois seus pensamentos vaguearam. Era uma tola por se perturbar. O namorado estava comprometido com ela. Apenas se divertia um pouco, conversando sobre os velhos tempos. E não havia sentido em se preocupar com os Estados Unidos: a decisão fora tomada, a sorte estava lançada, àquela altura Mervyn já lera o bilhete. Seria estupidez se questionar por causa de uma loura oxigenada de 45 anos. Logo Diana aprenderia os costumes americanos, conheceria seus drinques, programas de rádio e hábitos. Não demoraria muito para ter mais amigos do que Mark: era assim, sempre atraía as pessoas.

Começou a ansiar pelo longo voo através do Atlântico. Ao ler sobre o Clipper no *Manchester Guardian*, pensara ser a mais romântica viagem do mundo. Da Irlanda à Terra Nova, eram mais de 3 mil quilômetros e levava uma eternidade, em torno de dezessete horas. Havia tempo para jantar, ficar na cama a noite inteira e tornar a levantar antes de o avião pousar. A ideia de usar as mesmas roupas de dormir que vestira com Mervyn parecera errada, mas não tivera tempo de fazer compras para a viagem. Felizmente, tinha um lindo chambre de seda, cor de café com leite, e um pijama salmão que nunca usara. Não havia leito de casal, nem mesmo na suíte nupcial – Mark já verificara –, mas o beliche dele era acima do seu. Era emocionante e, ao mesmo tempo, assustador pensar em dormir acima do oceano e continuar a voar, horas e horas, a centenas de quilômetros da

terra firme. Diana imaginou se conseguiria dormir. Os motores não deixariam de funcionar, quer ela estivesse acordada ou não, mas ficaria preocupada com a possibilidade de que parassem enquanto dormia.

Olhando pela janela, percebeu que agora estavam sobre a água. Devia ser o mar da Irlanda. As pessoas diziam que um hidroavião não conseguiria pousar no mar aberto por causa das ondas, mas pelo menos tinha mais chances do que uma aeronave que só pousava em terra.

Estavam agora atravessando nuvens e ela não pôde avistar mais nada. Depois de algum tempo, o avião começou a sacudir. Os passageiros se entreolharam, com sorrisos nervosos, e o comissário de bordo pediu a todos que prendessem os cintos de segurança. Diana estava aflita por não ver a terra firme. A princesa Lavinia apertava com toda a força o braço de seu assento, mas Mark e Lulu continuavam a conversar como se nada acontecesse. Frank Gordon e Ollis Field pareciam calmos, mas ambos acenderam cigarros e tragavam sem parar.

No momento em que Mark perguntava “o que aconteceu com Muriel Fairfield?”, houve um súbito baque e o avião pareceu cair. Diana teve a sensação de que seu estômago subia à garganta. Em outro compartimento, um passageiro gritou. Logo a aeronave se endireitou, quase como se já tivesse pousado.

– Muriel se casou com um milionário! – respondeu Lulu.

– Não brinca! – exclamou Mark. – Mas ela era tão feia!

– Mark, estou com medo – murmurou Diana.

Ele se virou para ela.

– Foi apenas um bolsão de ar, meu bem. É normal.

– Mas parecia que íamos cair!

– Não vamos. Acontece o tempo todo.

Mark tornou a se voltar para a amiga. Por um momento, Lulu olhou para Diana, como se esperasse que ela dissesse algo mais. Diana desviou os olhos, furiosa com o amante.

– Como Muriel conseguiu fisgar um milionário? – perguntou Mark.

Lulu demorou um momento para responder:

– Não sei, mas agora os dois moram em Hollywood e ele investe em filmes.

– Incrível!

“Incrível” era a palavra certa, pensou Diana. Assim que pudesse ficar a sós com Mark, ia lhe dizer poucas e boas.

A falta de compreensão do namorado a deixava ainda mais assustada. Ao anoitecer, estariam sobre o Atlântico, e não no mar da Irlanda: como ela se sentiria, então? Imaginava o oceano como um vazio enorme e indefinido, frio e mortífero, por milhares de quilômetros. Segundo o *Manchester Guardian*, a única coisa que se podia avistar eram icebergs. Se houvesse algumas ilhas para quebrar a paisagem, Diana poderia se sentir menos apreensiva. Era o vazio total que a apavorava – nada além do avião, a lua e o mar turbulento. De maneira curiosa, era como sua ansiedade em ir para a América: sabia não ser perigoso, mas o cenário era estranho, não havia um único ponto de referência familiar.

Ela estava ficando nervosa. Tentou pensar em outras coisas. Aguardava ansiosa pelo jantar de sete pratos, pois gostava de refeições longas e elegantes. Subir nos beliches seria uma emoção infantil, como dormir numa barraca de camping no jardim. E as torres espetaculares de Nova York a aguardavam do outro lado. Mas a emoção de uma viagem para o desconhecido agora se transformara em medo. Diana esvaziou o copo e pediu mais champanhe, mas isso não a acalmava. Ansiava pela terra firme sob os pés outra vez. Estremeceu, pensando em como o mar devia estar frio. Nada do que fazia afastava o medo da sua mente. Se estivesse sozinha, esconderia o rosto nas mãos e fecharia os olhos com toda a força. Lançou um olhar maligno para Mark e Lulu, que continuavam a conversar na maior

animação, indiferentes a seu tormento. Sentiu-se tentada até mesmo a fazer uma cena, desatar a chorar ou ter um ataque histérico, mas engoliu em seco e permaneceu calma. Muito em breve o avião desceria em Foynes e ela saltaria.

Mas depois teria que embarcar outra vez, para o longo voo transatlântico.

Era uma perspectiva insuportável.

Mal consigo me aguentar por uma hora. Como serei capaz de resistir por uma noite inteira? Isso vai me matar. O que mais posso fazer?, pensou.

É verdade que ninguém a obrigaria a tornar a entrar no avião em Foynes.

E, se ninguém a obrigasse, ela achava que não seria capaz.

Mas o que eu faria? Eu sei o quê: telefonaria para Mervyn, reconheceu.

Mal podia acreditar que seu sonho maravilhoso terminaria assim, mas sabia que era isso que aconteceria.

Mark estava sendo devorado vivo diante de seus olhos por uma mulher mais velha, de cabelos pintados e maquiagem carregada. Diana ligaria para Mervyn, diria que estava arrependida, que cometera um erro e queria voltar para casa.

Sabia que Mervyn a perdoaria. Ter tanta certeza da reação dele deixou-a um pouco envergonhada. Magoara-o, mas ele ainda a tomaria nos braços e ficaria feliz com seu retorno.

Mas não quero isso, pensou Diana, angustiada. Quero ir para a América, casar com Mark, viver na Califórnia. Eu amo Mark.

Não, isso não passava de um sonho tolo. Era a Sra. Mervyn Lovesey, de Manchester, irmã de Thea, tia Diana para as gêmeas, a rebelde não muito perigosa da sociedade de Manchester. Nunca viveria numa casa com palmeiras no jardim e uma piscina. Era casada com um homem leal e rabugento, sempre mais interessado nos negócios do que nela. A maioria das mulheres que conhecia se encontrava na mesma situação,

portanto devia ser normal. Eram todas frustradas, mas viviam melhor do que aquelas que tinham casado com vagabundos ou bêbados, por isso se compadeciam umas das outras e concordavam que podia ser pior. Gastavam o dinheiro arduamente ganho pelos maridos em lojas de departamentos e salões de beleza. Mas nunca iam para a Califórnia.

O avião tornou a mergulhar num vácuo, depois se endireitou, como antes. Diana se esforçou para não vomitar. Por algum motivo, porém, não se sentia mais assustada. Sabia o que o futuro lhe reservava. E estava segura.

Apenas tinha vontade de chorar.

CAPÍTULO DEZ

EDDIE DEAKIN, O ENGENHEIRO DE VOO, pensava no Clipper como uma bolha de sabão gigantesca, algo belo e frágil, que devia conduzir com todo o cuidado através do oceano enquanto as pessoas no seu interior se divertiam, alheias à debilidade da película que as separava do vento uivante.

A viagem era mais arriscada do que eles imaginavam, pois a tecnologia da aeronave era nova e o céu noturno por cima do Atlântico se tratava de um território inexplorado, repleto de perigos inesperados. Mesmo assim, Eddie sempre sentia, orgulhoso, que a competência do comandante, a dedicação da tripulação e a confiabilidade da engenharia americana os levariam sãos e salvos para casa.

Naquela viagem, no entanto, ele estava nauseado de medo.

Havia um Tom Luther na lista de passageiros. Eddie ficara olhando pelas janelas da cabine de comando enquanto os passageiros embarcavam, imaginando qual deles seria o responsável pelo sequestro de Carol-Ann. Mas é claro que não podia adivinhar, pois era a mesma turma de sempre, magnatas bem-vestidos e bem-alimentados, estrelas de cinema e aristocratas.

Por algum tempo, nos preparativos para a decolagem, conseguiu afastar a mente dos pensamentos angustiantes sobre a esposa, concentrando-se na tarefa imediata: verificar os instrumentos, acionar os enormes motores radiais, esquentá-los, ajustar a mistura de combustível e os flapes, controlar a velocidade enquanto o avião taxiava. Mas, depois que a aeronave alcançava a velocidade de cruzeiro, havia pouco a fazer. Precisava sincronizar as velocidades dos motores, regular

a temperatura e ajustar a mistura de combustível; seu trabalho consistia, então, em verificar se os motores continuavam a funcionar de forma regular. E sua mente recomeçou a vaguear.

Experimentou uma necessidade desesperada e irracional de saber como Carol-Ann estava vestida. Não ficaria tão aflito se pudesse imaginá-la em seu casaco de pele de carneiro, todo abotoado e com cinto e botas de cano alto. Não porque ela fosse sentir frio – ainda era setembro –, mas porque assim os contornos de seu corpo estariam disfarçados. Contudo, o mais provável era que estivesse com o vestido cor de lavanda, sem mangas, que tanto adorava e mostrava o corpo exuberante. Carol-Ann permaneceria trancafiada com um bando de brutamontes pelas 24 horas seguintes e o pensamento do que poderia acontecer se os homens comesçassem a beber era agonizante.

Afinal, o que queriam dele?

Esperava que o resto da tripulação não percebesse o estado em que se encontrava. Por sorte, todos se concentravam em suas tarefas e não estavam tão espremidos, como ocorria na maioria dos aviões. O andar dos tripulantes do Boeing 314 era muito grande; a cabine espaçosa ocupava apenas parte dele. O comandante Baker e o copiloto Johnny Dott sentavam-se em bancos elevados, lado a lado, diante dos controles. No espaço entre os dois, um alçapão dava acesso ao compartimento de proa, no nariz da aeronave. Cortinas grossas podiam ser puxadas por trás dos pilotos, à noite, a fim de que a luz do resto da cabine não prejudicasse a visão noturna.

Só essa seção já chegava a ser maior do que a maioria dos conveses de voo, mas o resto da cabine do Clipper era ainda mais espetacular. A maior parte do lado de bombordo, à esquerda de quem estava virado para a frente, era ocupada pela mesa de navegação, com 2 metros de comprimento, junto da qual se achava agora o navegador, Jack Ashford, debruçado

sobre os mapas. Atrás, ficava uma pequena mesa de reuniões, à qual o comandante podia se sentar quando não estava pilotando. Ao lado dela, havia uma escotilha oval, que dava para um corredor por dentro da asa: uma característica especial do Clipper era o fato de que se podia alcançar os motores durante o voo através dessa passagem, permitindo que Eddie efetuasse serviços simples de manutenção ou reparos, como o conserto de um vazamento de óleo, sem que o avião precisasse descer.

A estibordo, o lado direito, logo atrás do banco do copiloto, via-se a escada que descia para o andar dos passageiros. Depois vinha o posto do operador de rádio, onde Ben Thompson sentava-se, voltado para a frente. Eddie ficava atrás de Ben, virado para o lado, diante de um painel de mostradores e alavancas. Um pouco além, à sua direita, estava a outra escotilha oval, que dava acesso ao corredor da asa de estibordo. No fundo do convés de voo, havia uma porta, que levava para o compartimento de carga.

A medida total era de 6,5 metros de comprimento e quase 3 de largura, com altura suficiente para ficar de pé o tempo todo. Atapetado, à prova de som, com paredes verde-claras e assentos de couro marrom, tratava-se do mais luxuoso convés de voo do mundo. Ao vê-lo pela primeira vez, Eddie pensara ser falso.

Agora, no entanto, ele via apenas as costas encurvadas e os rostos concentrados dos companheiros de tripulação, constatando, aliviado, que ninguém percebera ainda que ele estava fora de si.

Desesperado, querendo compreender por que aquilo tudo lhe acontecia, quis dar ao desconhecido Sr. Luther uma oportunidade de se identificar. Após a decolagem, procurou uma desculpa para circular pela aeronave. Não pôde imaginar uma boa razão, por isso recorreu a uma desculpa esfarrapada. Levantou-se e murmurou para o navegador:

– Vou verificar os cabos de controle do leme de direção.

Se alguém por acaso indagasse por que se preocupava em fazer isso naquele momento, responderia apenas: “Um pressentimento.”

Eddie atravessou lentamente a cabine de passageiros. Nicky e Davy serviam coquetéis e canapés. Todos relaxavam, conversando em várias línguas. Já havia um jogo de cartas em curso no lounge principal. Eddie viu alguns rostos familiares, mas estava transtornado demais para determinar quem eram os famosos. Olhou diretamente para várias pessoas, esperando que alguém indicasse ser Tom Luther, mas ninguém deu sinal.

Alcançou a traseira do avião e subiu pela escada embutida na parede, ao lado do banheiro das mulheres. Levava a uma escotilha no teto, que dava para o espaço vazio na cauda. Poderia chegar ao mesmo lugar permanecendo no convés superior, passando pelos compartimentos de bagagem.

Verificou os cabos de controle do leme de direção de maneira superficial, depois desceu pela escada, fechando a escotilha. Um garoto de 14 ou 15 anos estava parado ali, observando-o com uma curiosidade intensa. Eddie deu um sorriso forçado. Encorajado, o garoto perguntou:

– Posso ver o convés de voo?

– Claro que pode – respondeu Eddie automaticamente.

Não queria ser incomodado naquele momento, mas a tripulação, sobretudo naquele avião, tinha que ser simpática com os passageiros. Além do mais, a distração podia afastar seus pensamentos de Carol-Ann.

– Legal! Obrigado!

– Empoleire-se no seu lugar, que irei chamá-lo daqui a pouco.

Uma expressão de dúvida aflorou por um instante no rosto do garoto, mas depois ele acenou com a cabeça e se afastou. “Empoleirar-se” era uma palavra elaborada, pensou Eddie. Não devia ser familiar ao menino.

O engenheiro foi andando ainda mais devagar pelo corredor, esperando que alguém o abordasse, mas ninguém o fez. Presumiu que o homem aguardaria por uma oportunidade mais discreta. Poderia perguntar aos comissários de bordo onde o Sr. Luther estava sentado, mas eles com certeza especulariam por que desejava saber e Eddie não queria despertar suspeitas.

O garoto estava no segundo compartimento, quase na frente, com a família.

– Muito bem, garoto, vamos subir – disse Eddie, sorrindo para os pais.

Eles acenaram com a cabeça um tanto friamente. Uma moça de cabelos ruivos compridos – talvez a irmã do menino – abriu-lhe um sorriso agradecido. Eddie sentiu o coração palpitar: ela era linda quando sorria.

– Qual é o seu nome? – perguntou ao garoto enquanto subiam a escada de caracol.

– Percy Oxenford.

– Sou Eddie Deakin, o engenheiro de voo.

Chegaram ao topo.

– A maioria dos conveses de voo não é tão bonita assim – comentou Eddie, fazendo um esforço para parecer amável.

– Como são?

– Vazios, frios e barulhentos. E têm protuberâncias inesperadas nas quais a gente esbarra cada vez que se vira.

– O que faz um engenheiro de voo?

– Tomo conta dos motores... Mantenho-os em funcionamento por todo o percurso até os Estados Unidos.

– Para que servem todos esses mostradores e alavancas?

– Vamos ver... Estas alavancas aqui controlam a velocidade da hélice, a temperatura do motor e a mistura do combustível. Há um jogo completo para cada um dos quatro motores.

Era tudo muito vago, pensou Eddie, e o garoto era muito inteligente. Tentou ser mais informativo.

– Sente-se na minha cadeira. – Percy se acomodou com grande ansiedade e Eddie acrescentou: – Olhe para este mostrador. Indica que o motor nº 2 está com 205 graus. É quase o máximo permissível: 232 graus, em cruzeiro. Por isso, temos que esfriá-lo.

– Como se faz isso?

– Segure aquela alavanca ali e a abaixe um pouco... Assim está bom. Você abriu o flape mais 2 ou 3 centímetros, o que permitirá a entrada de mais ar frio. Daqui a pouco, verá a temperatura cair. Tem estudado bastante física?

– Minha escola é antiquada – respondeu Percy. – Estudamos muito latim e grego, mas eles não se preocupam muito com ciências.

Eddie achava que essas línguas não ajudariam a Inglaterra a ganhar a guerra, mas não fez nenhum comentário a respeito.

– O que os outros fazem? – indagou Percy.

– No momento, a pessoa mais importante é o navegador: ali está Jack Ashford, junto da mesa de mapas.

Jack tinha cabelos escuros, a sombra de uma barba no queixo e feições simétricas. Ele ergueu o rosto e abriu um sorriso amável.

– Jack tem que calcular onde estamos – continuou Eddie –, o que pode ser difícil no meio do Atlântico. Ele dispõe de um domo de observação, ali atrás, entre os compartimentos de carga, e se orienta pelas estrelas, usando o sextante.

– Na verdade, é um sextante de bolha, mais chamado de octante – explicou o navegador.

– O que é isso?

Jack mostrou o instrumento.

– A bolha serve apenas para indicar quando o octante se encontra nivelado. Você identifica uma estrela, depois olha-a pelo espelho, ajustando o ângulo até que ela pareça pairar no horizonte. Você verifica o ângulo aqui no espelho, então consulta

o livro de tabelas, que dá a posição exata na superfície da Terra.

– Parece simples – comentou Percy.

– E é, na teoria – disse Jack, rindo. – Um dos problemas neste percurso é que podemos voar por dentro de nuvens durante toda a viagem, o que me impediria de ver qualquer estrela.

– Mas se você sabe de onde partiu e continua seguindo na mesma direção, não tem como ir para o lado errado.

– É o que se chama de cálculo de posição sem uso de observações astronômicas. Mas é possível ir para o lado errado, porque o vento às vezes muda a rota do avião.

– Não dá para adivinhar quanto?

– Podemos fazer melhor do que adivinhar. Há um pequeno alçapão na asa, por onde lanço um sinalizador para a água, observando-o com todo o cuidado enquanto nos afastamos. Se permanece alinhado com a cauda do avião, não estamos nos desviando do curso. Mas, se parece se deslocar para um lado ou outro, houve alguma alteração.

– Parece um pouco tosco.

Jack tornou a rir.

– E é mesmo. Se estiver sem sorte e não conseguir dar uma olhada nas estrelas durante toda a travessia do oceano, e fizer uma estimativa errada, você poderá terminar a 100 quilômetros ou mais fora do curso.

– E o que acontece?

– Descobrimos assim que ficamos ao alcance de um farol ou de uma estação de rádio e corrigimos o curso.

Eddie observava a curiosidade e a compreensão transparecerem no rosto infantil e inteligente. Um dia, explicarei essas coisas ao meu próprio filho, refletiu, voltando seus pensamentos para Carol-Ann. Ele sentiu uma pontada no coração. Eddie ficaria melhor se o misterioso Sr. Luther se apresentasse logo. Quando soubesse o que queriam dele, pelo

menos entenderia o porquê daquela situação horrível.

– Posso dar uma olhada no interior da asa? – indagou Percy.

– Claro – respondeu Eddie.

Ele abriu a escotilha que dava na asa de estibordo. No mesmo instante, o rugido dos enormes motores soou mais alto e veio um cheiro de óleo queimado. Dentro da asa havia uma passagem baixa, com um passadiço para se avançar engatinhando, como uma prancha estreita. Atrás de cada um dos dois motores, via-se um posto de mecânico, com espaço suficiente para um homem ficar de pé, mas só. Os decoradores de interiores da Pan American não tinham se preocupado com aquele espaço, que era um mundo utilitário de longarinas e rebites, cabos e tubos.

– A maioria dos conveses de voo é assim! – gritou Eddie.

– Posso entrar?

Eddie balançou a cabeça e fechou a escotilha.

– Desculpe, mas nenhum passageiro pode passar deste ponto.

– Vou mostrar meu domo de observação – avisou Jack.

Ele conduziu Percy pela porta nos fundos do andar da tripulação. Eddie resolveu verificar os mostradores, que ignorara durante os últimos minutos. Estava tudo certo. O operador de rádio, Ben Thompson, anunciou as condições em Foynes:

– Vento oeste, 22 nós, mar encapelado.

Um momento depois, no painel de Eddie, a luz sobre a palavra “Cruzeiro” piscou e apagou, enquanto a luz sobre “Pouso” acendia. Ele averiguou os mostradores de temperatura e comunicou:

– Motores em ordem para o pouso.

O procedimento era necessário, pois os motores de alta compressão podiam ser avariados por uma reversão muito brusca.

Eddie abriu a porta para a traseira do avião. Havia uma

passagem estreita encimada por um domo, a que se chegava por uma escada; lá estava Percy, olhando pelo octante. Mais à frente da área de carga, que ladeavam o caminho, ficava um espaço que deveria conter camas para os tripulantes, mas nunca fora arrumado: o descanso dos funcionários era no primeiro compartimento do convés de passageiros. No fundo dessa área, uma escotilha dava para a cauda, por onde passavam os cabos de controle.

– Hora do pouso, Jack – avisou Eddie.

– Precisa voltar agora para o seu assento, meu rapaz – disse Jack.

Eddie tinha a impressão de que Percy era bom demais para ser verdade. Embora o garoto fizesse o que mandavam, havia um brilho malicioso em seus olhos. No momento, porém, exibia seu melhor comportamento: seguiu obediente para a escada e desceu para o andar dos passageiros.

O barulho do motor se alterou e o avião começou a perder altitude. A tripulação iniciou imediatamente a rotina coordenada de pouso. Eddie gostaria de poder dizer aos outros o que estava acontecendo com ele. Sentia uma solidão desesperadora. Aqueles eram seus amigos e companheiros; confiavam uns nos outros, já tinham voado juntos pelo Atlântico. Queria explicar sua terrível situação e pedir conselhos. Mas era arriscado demais.

Ele se levantou por um momento para olhar pela janela. Avistou uma pequena cidade, que calculou ser Limerick. Nos arredores, no lado norte do estuário do Shannon, estavam construindo um aeroporto enorme, para aeronaves de terra e de água. Até que ficasse pronto, porém, os hidroaviões desciam no lado sul do estuário, sob a proteção de uma pequena ilha, ao largo de uma aldeia chamada Foynes.

O curso era noroeste, por isso o comandante Baker tinha que virar a aeronave em 45 graus, a fim de pousar contra o vento oeste. Uma lancha da aldeia estaria patrulhando a zona de

pouso, à procura de grandes detritos flutuantes que pudessem danificar o avião. O barco de reabastecimento se encontraria de prontidão, com tambores de 190 litros, e haveria uma multidão de curiosos na praia, querendo testemunhar o milagre de um barco capaz de voar.

Ben Thompson falava pelo microfone via rádio. Em qualquer distância maior que poucos quilômetros, ele precisava usar código Morse, mas agora se encontrava perto o bastante. Eddie não podia distinguir as palavras, mas, pelo tom de voz relaxado, percebia que estava tudo bem.

Continuaram a perder altitude. Eddie observava seus mostradores atentamente, efetuando ajustes ocasionais. Uma de suas tarefas mais importantes era sincronizar as velocidades dos motores, um trabalho que se tornava mais exigente quando o piloto mudava de velocidade frequentemente.

O movimento de pouso num mar sereno podia ser quase imperceptível. Em condições ideais, a fuselagem do Clipper mergulhava na água como uma colher no creme. Concentrado em seu painel de instrumentos, muitas vezes Eddie só percebia que o avião pousara vários segundos depois de atingirem a superfície. Naquele dia, no entanto, o mar estava encapelado – o pior local de aterrissagem daquela rota do Clipper.

O ponto mais baixo da fuselagem encostou primeiro e houve baques leves sucessivos enquanto ela deslizava pelas ondas. Isso durou apenas alguns segundos, depois a enorme aeronave baixou mais alguns centímetros, passando a fender a superfície. Eddie achava o pouso dos hidroaviões muito mais suave do que as aterrissagens em terra, quando sempre havia solavancos, às vezes vários. As janelas do convés de voo, no nível superior, praticamente não eram respingadas. O piloto desacelerou e a velocidade se reduziu no mesmo instante. O Clipper voltava a ser um barco.

Eddie tornou a olhar pelas janelas enquanto taxiavam rumo

ao ancoradouro. De um lado, ficava a ilha, baixa e árida: ele avistou uma pequena casa branca e algumas ovelhas. Do outro, estava o continente irlandês. Viu um cais de concreto de tamanho considerável, com um grande barco de pesca atracado, diversos tanques enormes de combustível e algumas casas cinzentas dispersas. Era a aldeia de Foynes.

Ao contrário de Southampton, ela não tinha um cais específico para hidroaviões, por isso o Clipper ancorava no estuário e as pessoas eram levadas para terra firme numa lancha. A ancoragem se tornava responsabilidade do engenheiro de voo.

Eddie se adiantou, ficou de joelhos entre os assentos dos dois pilotos e abriu a escotilha que dava para o compartimento de proa. Desceu pela escada para o espaço vazio. Dentro do nariz do avião, abriu outra escotilha e esticou a cabeça para fora. O ar estava fresco e recendendo a maresia, e ele respirou fundo.

Uma lancha se aproximou e um dos tripulantes acenou para Eddie. O homem segurava uma corda, presa a uma boia, e a jogou na água.

Havia um cabrestante retrátil no nariz do Clipper. Eddie o levantou, prendeu-o na posição correta, depois usou um gancho para recolher a corda que flutuava na água. Virando o rosto para o para-brisa, ele fez sinal de positivo para o comandante Baker.

Outra lancha já se avizinhava para recolher os passageiros e tripulantes.

Eddie fechou a escotilha e voltou para o convés de voo. Baker e Ben ainda se encontravam em seus lugares, mas o copiloto, Johnny, debruçava-se sobre a mesa de navegação, conversando com Jack. Eddie sentou-se em seu posto e desligou os motores. Ele pôs o blusão preto e o quepe branco do uniforme. Os tripulantes desceram a escada, passaram pelo segundo compartimento e saíram pelo salão principal para o hidroestabilizador. Dali, embarcaram na lancha. O assistente de

Eddie, Mickey Finn, permaneceu no avião, a fim de supervisionar o reabastecimento.

O sol brilhava, mas uma brisa fina soprava. Eddie observou os passageiros na lancha, imaginando mais uma vez quem poderia ser Tom Luther. Reconheceu um rosto feminino e compreendeu, com um ligeiro choque, que já a vira fazendo amor com um conde francês num filme chamado *Um espião em Paris*: era a atriz Lulu Bell. Conversava, muito animada, com um sujeito de blazer. Seria Tom Luther? Uma linda mulher, num vestido de bolinhas, acompanhava os dois, com uma expressão angustiada. Havia outras fisionomias familiares, mas a maioria dos passageiros era constituída por anônimos: homens de terno e chapéu e mulheres ricas com casacos de pele.

Se Luther não se apresentasse em breve, Eddie ia procurá-lo, e que se danasse a discrição. Não podia suportar a espera.

A lancha se afastou do Clipper, seguindo para terra firme. Ele olhava através da água, pensando na esposa. Mais uma vez, imaginou os homens entrando na casa. Carol-Ann podia estar cozinhando ovos, fazendo café, vestindo-se para o trabalho. E se estivesse na banheira? Eddie adorava contemplá-la na banheira. Ela prendia os cabelos no alto da cabeça, deixando à mostra o pescoço comprido, e ficava na água languidamente, ensaboando as pernas e os braços bronzeados. A esposa gostava quando Eddie se sentava na beirada da banheira e os dois ficavam conversando. Antes de conhecê-la, ele achava que tais coisas só aconteciam em sonhos eróticos. Mas então a imagem era ofuscada por três homens rudes, de chapéu fedora, invadindo a casa e agarrando-a...

Eddie enlouqueceu só de pensar no medo e no choque de Carol-Ann. Sentiu a cabeça girar e teve que se concentrar para permanecer de pé na lancha. Era a total impotência que tornava tudo tão angustiante. A esposa se encontrava numa situação desesperadora e não havia nada que ele pudesse fazer,

absolutamente nada. Eddie percebeu que cerrava e abria os punhos de forma mecânica e forçou-se a parar.

A lancha alcançou a praia e foi atracada a uma doca flutuante, ligada ao cais por uma prancha. Os tripulantes ajudaram os passageiros a desembarcar, depois seguiram o mesmo caminho, rumando ao galpão da alfândega.

As formalidades foram breves. Os passageiros se dirigiram para a aldeia. No outro lado da estrada, havia uma antiga estalagem, quase toda ocupada pelo pessoal da companhia aérea. A tripulação se encaminhou para lá.

Eddie foi o último a desembarcar. Ao deixar o galpão, foi abordado por um passageiro, que lhe perguntou:

– Você é o engenheiro de voo?

Eddie ficou tenso. O homem tinha cerca de 35 anos, era mais baixo do que ele, porém corpulento e musculoso. Usava um terno cinza-claro, uma gravata com alfinete e um chapéu de feltro cinza.

– Isso mesmo, sou Eddie Deakin.

– Meu nome é Tom Luther.

A visão de Eddie se transformou num borrão vermelho e sua raiva ferveu. Ele agarrou Luther pelas lapelas, girou-o e empurrou-o com toda a força contra a parede do galpão.

– O que vocês fizeram com Carol-Ann?

Luther foi pego totalmente de surpresa: esperava uma vítima apavorada e dócil. Eddie o sacudiu com raiva.

– Seu filho da puta! Onde está minha mulher?

Luther logo se recuperou do choque. A expressão aturdida desapareceu. Desvencilhou-se com um movimento rápido e vigoroso e desferiu um soco. Eddie se esquivou e o acertou na barriga duas vezes. Luther expeliu o ar dos pulmões e dobrou o corpo. Era forte, mas estava fora de forma. Eddie o agarrou pelo pescoço e começou a apertá-lo.

Luther o fitou com um olhar aterrorizado.

Depois de um instante, Eddie percebeu que mataria o homem se continuasse a estrangulá-lo. Afrouxou a pressão e acabou soltando Luther, que arriou contra a parede, ofegante, com a mão no pescoço machucado.

O inspetor alfandegário irlandês saiu do galpão. Devia ter ouvido o barulho quando Eddie empurrara Luther contra a parede.

– O que aconteceu?

Luther se empertigou com bastante esforço.

– Tropecei, mas já estou bem agora.

O inspetor se abaixou e pegou o chapéu de Luther. Entregou-o com uma expressão curiosa, mas não disse nada e tornou a entrar no galpão.

Eddie olhou ao redor. Ninguém mais presenciara a briga. Os passageiros e os tripulantes desapareceram, contornando a pequena estação ferroviária. Luther pôs o chapéu, murmurando, com a voz rouca:

– Se estragar tudo, nós dois seremos mortos, assim como sua maldita mulher, imbecil.

A referência a Carol-Ann enfureceu Eddie de novo. Ergueu o punho para desferir outro soco, mas Luther levantou o braço num gesto defensivo.

– Quer se acalmar? Não é assim que você vai resgatá-la! Será que não entende que precisa de mim?

Eddie entendia muito bem: apenas perdera o controle por um momento. Deu um passo para trás e observou o homem. Luther se expressava bem e se vestia com elegância. Tinha um bigode louro eriçado e olhos verdes cheios de ódio. Eddie não se arrependia de tê-lo esmurrado; precisava descarregar o estresse e o desconhecido era o alvo apropriado.

– O que você quer de mim, seu monte de bosta?

Luther enfiou a mão no paletó. Eddie pensou que o homem fosse sacar um revólver, mas ele tirou um cartão-postal e o

estendeu. O engenheiro o fitou: era uma fotografia de Bangor, no Maine.

– O que diabo isto significa?

– Leia o verso – respondeu Luther.

No outro lado estava escrito: *44.70 N, 67.00 O.*

– O que são estes números? Coordenadas de um mapa? – indagou Eddie.

– Isso mesmo. É o lugar onde você deve pousar o avião.

Eddie fitou-o, aturdido.

– Pousar o avião?

– Exatamente.

– É isso que querem de mim... Isso é tudo?

– Leve o avião para este ponto.

– Mas por quê?

– Porque você quer sua linda esposa de volta.

– Onde fica esse lugar?

– Ao largo da costa do Maine.

As pessoas costumavam presumir que um hidroavião pudesse aterrissar em qualquer lugar, mas na verdade precisava de águas bastante calmas. Por medida de segurança, a Pan American não permitia o pouso em ondas com mais de um metro de altura. O avião arrebentaria se descesse num mar turbulento.

– Não se pode pousar em alto-mar...

– Sabemos disso. O lugar é devidamente abrigado.

– Isso não significa...

– Pode conferir. Não haverá problemas. Eu mesmo me certifiquei.

Luther parecia tão confiante que Eddie acreditou. Mas havia outras dificuldades.

– Como posso fazer o avião pousar lá? Não sou o comandante.

– Examinei esse problema com todo o cuidado. O comandante pode decidir por um pouso imprevisto, mas qual

desculpa ele daria? Você é o engenheiro de voo, consegue criar um problema.

– Quer que eu provoque um desastre?

– É melhor não... pois estarei a bordo. Provoque algum defeito a fim de obrigar o comandante a efetuar um pouso imprevisto. – Luther bateu com a unha bem cuidada no cartão-postal. – Neste lugar.

O engenheiro de voo podia mesmo gerar um problema que obrigasse o avião a descer, não restava a menor dúvida. Mas uma emergência era difícil de controlar e Eddie não sabia como providenciar um pouso imprevisto num local específico.

– Não é tão fácil assim.

– Sei que não é, Eddie. Mas também sei que é possível. Já verifiquei.

Com quem ele poderia ter verificado isso?

– Quem é você, afinal?

– Não pergunte.

Eddie tinha ameaçado aquele homem, mas, de alguma forma, as posições haviam se invertido e, agora, ele sentia-se intimidado. Luther era integrante de uma quadrilha implacável, que planejara a operação com grande cuidado. Escolheram Eddie como seu instrumento; sequestraram Carol-Ann e o tinham sob seu poder.

Ele colocou o cartão-postal no bolso do uniforme e deu as costas ao homem.

– Quer dizer que você aceitou? – indagou Luther, ansioso.

Eddie tornou a se virar, fitando-o com uma expressão fria. Seus olhos se encontraram por um longo momento, depois ele se afastou, em silêncio.

Bancava o durão, mas na verdade estava perdido. Por que faziam aquilo? Eddie já pensara que os alemães queriam roubar um Boeing 314 para copiá-lo, mas essa teoria não se sustentava mais. Afinal, se os alemães quisessem sequestrá-lo, agiriam na

Europa, não no Maine.

A precisão do local em que o Clipper deveria pousar era uma pista. Sugeriu a existência de uma embarcação à espera. Mas para quê? Luther queria contrabandear algo ou alguém para os Estados Unidos – uma mala cheia de ópio, uma bazuca, um agitador comunista ou um espião nazista? A pessoa ou o objeto tinha que ser muito importante para compensar tanto trabalho.

Pelo menos sabia por que fora escolhido: era o homem certo para executar aquele plano. Nem o navegador nem o operador de rádio poderiam forçar um pouso, e um piloto precisaria da cooperação do copiloto. Mas um engenheiro de voo sozinho podia parar os motores.

Luther devia ter conseguido uma relação dos tripulantes do Clipper. Não devia ter sido muito difícil: alguém poderia arrombar o escritório uma noite ou simplesmente subornar uma secretária. Por que Eddie? Por algum motivo, Luther se decidira por aquele voo em particular e conseguiu a lista. Depois planejou o que faria Eddie Deakin cooperar e encontrou a resposta: sequestrar sua esposa.

Ajudar aqueles gângsteres deixava Eddie de coração partido. Ele detestava bandidos. Muito gananciosos para viver como pessoas comuns e muito preguiçosos para ganhar dinheiro, trapaceavam e roubavam dos cidadãos honestos, e ainda viviam no luxo. Enquanto outros se extenuavam para arar e colher, trabalhavam dezoito horas por dia para desenvolver a própria empresa, escavavam carvão bem fundo ou se encharcavam de suor em siderúrgicas, os criminosos circulavam em ternos extravagantes e carros enormes, e não faziam outra coisa além de intimidar, espancar e aterrorizar. A cadeira elétrica era boa demais para gente assim.

Ele se lembrava do que o pai dissera a respeito dos valentões na escola: “Esses sujeitos são cruéis, é verdade, mas não são espertos.” Tom Luther era cruel, mas seria esperto?

“É duro lutar contra esses sujeitos, mas não é muito difícil enganá-los”, garantia o pai. Mas Tom Luther não seria ludibriado com facilidade. Formulara um plano meticuloso e parecia que tudo funcionava com perfeição.

Eddie seria capaz de fazer praticamente qualquer coisa para ter uma oportunidade de enganar Luther. Mas Carol-Ann era refém do homem. Se Eddie tentasse frustrar os planos, Luther poderia fazer com que seus cúmplices a machucassem. Não podia combatê-los, nem iludi-los: só lhe restava obedecer. Frustrado, Eddie deixou o ancoradouro e atravessou a única estrada de Foynes.

O terminal aéreo era uma antiga estalagem, com um pátio central. Desde que a aldeia se tornara uma importante escala de hidroaviões, o prédio passara a ser quase totalmente ocupado pela Pan American, embora ainda houvesse um bar numa pequena sala, com uma porta dando para a rua. Era conhecido como o pub da Sra. Walsh.

Eddie subiu para a sala de operações, onde o comandante Baker e o primeiro oficial Johnny Dott estavam reunidos com o chefe da estação da companhia aérea. Ali, entre xícaras de café, cinzeiros e pilhas de mensagens de rádio e boletins meteorológicos, tomariam a decisão final quanto à longa travessia transatlântica.

O fator crucial era a força do vento. A viagem para oeste era uma contínua batalha contra o vento prevalente. Os pilotos mudavam de altitude constantemente em busca das condições mais favoráveis. As correntes mais leves eram encontradas, em geral, nas altitudes inferiores, mas, abaixo de um determinado ponto, o avião corria o risco de colidir com navios ou, o mais provável, com icebergs. Os ventos fortes exigiam mais combustível e, às vezes, as correntes previstas eram intensas demais para que o Clipper resistisse pelos mais de 3.200 quilômetros até a Terra Nova. Então se adiava o voo e os

passageiros eram levados a um hotel para aguardar que o tempo melhorasse.

Mas se isso ocorresse naquele dia, o que aconteceria a Carol-Ann?

Eddie deu uma olhada preliminar nos relatórios meteorológicos. Os ventos seriam fortes e haveria uma tempestade no meio do Atlântico. Portanto, precisaria fazer cálculos cuidadosos antes que o voo pudesse prosseguir. O pensamento o afligiu: não suportaria ficar retido na Irlanda enquanto Carol-Ann se encontrava nas mãos daqueles miseráveis, no outro lado do oceano. Eles iriam alimentá-la? A esposa teria algum lugar para se deitar? Estaria devidamente aquecida, onde quer que a mantivessem como prisioneira?

Eddie analisou até o mapa do Atlântico na parede e conferiu as coordenadas que Luther lhe fornecera. Era um local bem escolhido. Ficava perto da fronteira canadense, a 2 ou 3 quilômetros da praia, num canal entre a costa e uma grande ilha, na baía de Fundy. Alguém que não conhecesse hidroaviões tão bem pensaria se tratar de um lugar ideal para aterrissagem. Acontecia que os locais usados pelos Clippers eram ainda mais abrigados. Pelo menos seria mais calmo do que o alto-mar e a aeronave provavelmente conseguiria pousar sem grandes riscos. Eddie sentiu-se um pouco aliviado, já que essa parte do plano era viável. Compreendeu que sua participação seria fundamental para o sucesso do esquema de Luther. O pensamento deixou um gosto amargo na boca.

Ainda estava preocupado com a maneira como forçaria o avião a pousar. Sempre podia simular um problema num motor, mas o Clipper era capaz de voar com apenas três. Além disso, Mickey Finn não seria enganado por muito tempo. Eddie vasculhava a mente, mas ainda não encontrara uma solução.

Conspirar contra Baker e os outros o fazia se sentir o pior dos canalhas. Trairia pessoas que confiavam nele. Mas não tinha

opção.

Então um perigo maior lhe ocorreu. Tom Luther podia não cumprir sua promessa. Por que cumpriria? Era um patife! Eddie obrigaria o avião a descer e, mesmo assim, não teria Carol-Ann de volta.

O navegador, Jack, entrou na sala com alguns boletins meteorológicos, lançando um olhar estranho para Eddie. Foi então que o engenheiro percebeu: ninguém falara com ele desde que entrara na sala. Pareciam tratá-lo com a maior cautela... Teriam percebido como ele estava preocupado? Precisava se comportar normalmente.

– Tente não se perder nesta viagem, Jack – disse ele, repetindo uma piada recorrente.

A brincadeira pareceu forçada, mas todos riram e o clima se desanuviou. O comandante Baker examinou os boletins meteorológicos e comentou:

– A tempestade está piorando.

Jack assentiu.

– Vai ser o que Eddie chama de estrondo.

Todos sempre debochavam de suas palavras peculiares. Ele conseguiu sorrir e acrescentou:

– Ou estouro.

– Precisarei contorná-la – comentou Baker.

Juntos, o comandante e o copiloto fizeram um plano de voo para Botwood, na Terra Nova, desviando da tempestade e evitando o pior dos ventos de proa. Depois disso, Eddie sentou-se com os boletins e iniciou os cálculos.

Para cada trecho da viagem, ele tinha previsões da direção e da força do vento para altitudes de 300, 1.200, 2.400 e 3.600 metros. Sabendo a velocidade de cruzeiro do avião e a intensidade das correntes de ar, Eddie podia calcular a velocidade em relação ao solo. Assim, chegava a um tempo de voo para cada trecho na altitude mais favorável. Usava, então, as

tabelas impressas para descobrir o consumo de combustível durante esse período, com a atual carga útil do Clipper. Indicava, etapa por etapa, a necessidade de gasolina, num gráfico que a tripulação chamava de “curva de Howgozit”. Somava tudo e acrescentava uma margem de segurança.

Quando concluiu os cálculos, Eddie constatou que o Clipper não podia transportar a quantidade de combustível necessária para chegar à Terra Nova.

Por um momento, ele não fez nada.

A diferença era muito pequena: apenas uns poucos quilos de carga útil a mais, uns poucos galões de gasolina a menos. E Carol-Ann esperava em algum lugar, apavorada.

Deveria comunicar a Baker que a decolagem precisaria ser adiada até que o tempo melhorasse, a menos que ele estivesse disposto a voar através da tempestade.

Mas a diferença seria mínima.

Conseguiria mentir?

De qualquer forma, havia uma margem de segurança. Se a situação se agravasse, o avião poderia voar através da tempestade em vez de contorná-la.

Eddie detestava a ideia de enganar o comandante. Sempre estivera consciente de que a vida dos passageiros dependia dele e se orgulhava de sua precisão meticulosa.

Por outro lado, a decisão não era irrevogável. A cada hora, durante a viagem, tinha que comparar o consumo real de combustível com a projeção na curva de Howgozit. Se gastassem mais do que o previsto, precisariam voltar.

Se alguém descobrisse, seria o fim de sua carreira, mas qual a importância disso quando estava em jogo a vida da mulher e do bebê que ia nascer?

Eddie refez os cálculos. Dessa vez, ao consultar as tabelas, cometeu dois erros deliberados, registrando o consumo de combustível para uma carga útil inferior na coluna seguinte.

Agora, o resultado final se enquadrava na margem de segurança.

Ainda assim, ele hesitava. Não era fácil mentir, mesmo numa situação crítica como aquela.

Por fim, Baker ficou impaciente, olhou por cima do ombro de Eddie e indagou:

– Vamos logo com isso, Ed... Decolamos ou ficamos aqui?

O engenheiro mostrou o resultado adulterado dos cálculos, mantendo os olhos baixos, sem querer encarar o comandante. Pigarreou, nervoso, depois se esforçou para falar numa voz firme e confiante:

– É por pouco, comandante... mas podemos partir.

PARTE III

De Foynes ao meio do Atlântico

CAPÍTULO ONZE

DIANA LOVESEY PISOU no cais em Foynes e ficou pateticamente agradecida pela sensação da terra firme sob os pés.

Estava triste, mas calma. Tomara sua decisão: não voltaria ao Clipper, não voaria para a América, não casaria com Mark Alder.

Os joelhos pareciam trêmulos. Chegou a pensar que cairia, mas a fraqueza logo passou e Diana atravessou o cais até o galpão da alfândega.

Passou o braço pelo de Mark. Iria lhe contar assim que ficassem a sós. Partiria seu coração, pensou ela, com uma pontada de arrependimento, pois ele a amava demais. Mas agora era muito tarde para deixar que isso fosse um obstáculo.

Quase todos os passageiros haviam desembarcado, com exceção daquela estranha dupla: o belo Frank Gordon e o calvo Ollis Field. Lulu Bell não parara de conversar com Mark. Diana a ignorara. A atriz nem a irritava mais. Apesar de ser intrometida e arrogante, acabara permitindo que a socialite avaliasse sua verdadeira situação.

Passaram pela alfândega e deixaram o cais. Viram-se na extremidade ocidental de uma aldeia com uma única estradinha. Enquanto esperavam algumas vacas passarem, Diana ouviu a princesa Lavinia perguntar:

– Por que me trouxeram para esta *fazenda*?

Davy, o comissário de bordo baixinho, respondeu numa voz tranquilizadora:

– Eu a levarei para o terminal, princesa. – Ele apontou para uma construção grande, no outro lado da estradinha, que parecia uma antiga estalagem. – Há um bar bastante agradável ali, conhecido como o pub da Sra. Walsh, onde servem um excelente

uísque irlandês.

Depois que as vacas se foram, diversos passageiros acompanharam Davy até o estabelecimento.

– Vamos dar um passeio pela aldeia – disse Diana a Mark.

Queria ficar a sós com ele o mais depressa possível. Ele sorriu e concordou. Mas outros passageiros tiveram a mesma ideia, inclusive Lulu, e um pequeno grupo resolveu vaguear por Foynes.

Havia uma estação ferroviária, uma agência de correio e uma igreja, além de duas fileiras de casas cinzentas com telhados de ardósia – algumas delas eram lojas. Diversas carroças se encontravam estacionadas ao longo da rua, mas se via apenas um veículo motorizado. Os aldeões, vestidos em tweed e tecidos de fabricação doméstica, ficaram olhando fixamente para os visitantes metidos em sedas e peles. Diana parecia estar numa procissão. Foynes ainda não se acostumara a ser uma escala para a elite mais rica e privilegiada do mundo.

Diana torcia para que o grupo se dispersasse, mas todos permaneceram juntos, como exploradores com medo de se perderem. Ela começou a se sentir acuada. O tempo estava passando. Aproximaram-se de outro bar e, abruptamente, ela sugeriu a Mark:

– Vamos entrar ali.

Lulu declarou no mesmo instante:

– Boa ideia... Não há nada para se ver em Foynes.

Diana não suportava mais a atriz e se apressou em retrucar, irritada:

– Eu gostaria de conversar com Mark a sós.

– Ora, meu bem! – exclamou ele, constrangido.

– Não se preocupe – disse Lulu. – Continuaremos o passeio e deixaremos os dois pombinhos a sós. Tenho certeza de que encontraremos outro bar, se bem conheço a Irlanda! – acrescentou em tom alegre, mas com um olhar gélido.

– Desculpe, Lulu... – murmurou Mark.

– Ora, não tem por que se desculpar!

Diana não gostou nem um pouco do pedido de desculpas de Mark. Virou-se e entrou no bar, deixando-o para trás.

O lugar era escuro e fresco. Garrafas e barris estavam dispostos atrás de um balcão alto. Na frente dele, viam-se algumas mesas e cadeiras, com um assoalho de tábuas. Os velhos sentados no canto olharam surpresos para Diana. Ela usava um casaco de seda laranja-avermelhado por cima do vestido de bolinhas. Sentiu-se como uma princesa numa loja de penhores. Quando surgiu uma mulher pequena de avental, Diana pediu:

– Pode me servir um conhaque, por favor?

Ela queria ter a coragem proporcionada pelo álcool. Foi se sentar a uma das mesinhas. Mark entrou – provavelmente depois de ter se desculpado mais com Lulu, pensou Diana, amargurada. Ele se acomodou ao seu lado e perguntou:

– Qual é o problema?

– Eu já não aguentava mais a companhia de Lulu.

– Por que precisava ser tão grosseira?

– Não fui grosseira. Apenas disse que queria conversar com você a sós.

– Não poderia encontrar uma maneira mais delicada?

– Creio que ela é imune a meras insinuações.

Mark parecia contrariado, na defensiva.

– Pois saiba que está enganada. Na verdade, ela é uma pessoa sensível, embora pareça impulsiva.

– Seja como for, não tem importância.

– Como não tem importância? Você acabou de ofender uma das minhas amigas mais antigas!

A mulher trouxe o conhaque de Diana. No mesmo instante, ela bebeu um pouco para criar coragem. Mark pediu uma caneca de Guinness.

– Não tem importância, porque mudei de ideia em relação a tudo. Não vou mais para a América com você.

Mark empalideceu.

– Não pode estar falando sério!

– Pensei bastante. Não quero ir. Voltarei para Mervyn... se ele me aceitar – acrescentou Diana, mas tinha certeza de que o marido a acolheria de volta.

– Você não o ama. Já me disse isso. E sei que é verdade.

– Como você pode saber? Nunca foi casado.

Mark se mostrou magoado. Diana se enterneceu e pôs a mão no joelho dele.

– Tem razão, não amo Mervyn da maneira como amo você. – Ela ficou envergonhada e retirou a mão. – Mas não daria certo.

– Dei atenção demais a Lulu – murmurou Mark, arrependido.

– Sinto muito, amor. Peço desculpas. Fiquei fixado nela porque fazia muito tempo que não a via. Negligenciei você. Esta é a nossa grande aventura e me esqueci disso por uma hora. Perdoe-me, por favor.

Quando percebeu seu erro, Mark se tornou terno, exibindo uma expressão pesarosa que parecia a de uma criança. Diana se esforçou para lembrar como se sentira uma hora antes.

– Não é apenas Lulu, Mark. Acho que tenho sido imprudente.

A balconista trouxe a cerveja de Mark, mas ele nem a tocou.

– Abandonei tudo: lar, marido, amigos e país – continuou Diana. – Estou num voo através do Atlântico, que já é perigoso por si só. E vou para um país estranho em que não tenho amigos nem dinheiro. Nada de nada!

Mark pareceu transtornado.

– Ai, meu Deus, percebi agora o que fiz! Abandonei-a no momento em que você estava mais vulnerável. Meu bem, estou me sentindo um idiota. Prometo que nunca mais farei isso.

Talvez ele cumprisse a promessa, talvez não. Era um homem afetuoso, mas também descuidado. Não fazia o tipo que se

apegava a um plano. Podia ser sincero agora, mas se recordaria da promessa na próxima vez que encontrasse uma velha amiga? Antes de mais nada, fora sua atitude brincalhona diante da vida que atraía Diana, mas agora, ironicamente, ela não inspirava confiança. Mervyn, pelo menos, era um homem confiável: bons ou maus, seus hábitos nunca mudavam.

– Sinto que não posso confiar em você, Mark.

Ele se irritou.

– Quando a decepcionei?

Diana não conseguia se lembrar de nenhum exemplo.

– Eu *sei* que você vai me decepcionar.

– Você *quer* deixar todas essas coisas para trás. É infeliz com seu marido, o país está em guerra, sente-se entediada com a casa e os amigos... Foi o que você me contou!

– Entediada, sim, mas não assustada.

– Não há motivo para se assustar. Os Estados Unidos são como a Inglaterra. As pessoas falam a mesma língua, assistem aos mesmos filmes, escutam as mesmas bandas de jazz. Você vai adorar. E prometo que cuidarei de você.

Diana desejou acreditar nele.

– E há mais uma coisa... – acrescentou Mark. – Filhos.

Esse argumento a atingiu em cheio. Ela queria ter um filho e Mervyn era intransigente nesse ponto. Mark seria um bom pai, afetuoso, feliz e terno. Agora, Diana estava confusa, sua determinação enfraquecera. Talvez devesse abrir mão de tudo, afinal. O que representavam o lar e a segurança se não podia ter uma família de verdade?

Mas o que aconteceria se Mark a abandonasse no meio do caminho para a Califórnia? E se Lulu aparecesse em Reno, logo depois do divórcio, e ele fosse embora com ela? Diana ficaria perdida, sem marido, sem filhos, sem dinheiro, sem lar.

Desejou ter refletido mais antes de aceitar a proposta. Em vez de abraçá-lo e concordar com tudo de imediato, deveria ter

discutido o futuro cuidadosamente, pensando em todos os obstáculos. Deveria ter solicitado alguma espécie de garantia, mesmo que apenas o preço de uma passagem de volta à Inglaterra, no caso de a situação dar errado. Mas isso poderia ofendê-lo; além disso, seria necessário mais do que um bilhete para atravessar o Atlântico depois que a guerra estourasse.

Não sei o que deveria ter feito, pensou Diana, angustiada, mas é tarde demais para arrependimento. Tomei minha decisão e não serei dissuadida. Mark tomou as mãos dela. Diana estava tão arrasada que nem teve forças para retirá-las.

– Você já mudou de ideia uma vez, pode mudar de novo – disse ele, persuasivo. – Venha comigo, seja minha esposa e tenha filhos comigo. Viveremos numa casa na beira da praia e levaremos as crianças para brincar na água. Serão louras e bronzeadas, crescerão jogando tênis, divertindo-se nas ondas, andando de bicicleta. Quantos filhos você quer? Dois? Três? Seis?

Mas o momento de fraqueza de Diana já passara e ela replicou, melancólica:

– Não adianta, Mark... Vou voltar para casa.

Ela viu no olhar de Mark que agora ele acreditava. Fitaram-se com uma profunda tristeza. Por algum tempo, nenhum dos dois falou.

Foi nesse instante que Mervyn entrou.

Diana não acreditava no que via. Encarou-o como se ele fosse um fantasma. Como ele podia estar ali?!

– Então aqui está você! – exclamou ele, em sua habitual voz de barítono.

Diana foi invadida por emoções contraditórias. Sentiu-se consternada, emocionada, assustada, aliviada, constrangida e envergonhada. Quando notou que o marido a fitava de mãos dadas com outro homem, apressou-se em retirar as mãos.

– O que foi? – indagou Mark. – Qual é o problema?

Mervyn se aproximou da mesa e parou com as mãos nos quadris, encarando os dois.

– Quem é esse idiota? – perguntou Mark.

– Mervyn – balbuciou Diana.

– Meu Deus!

– Mervyn... Como conseguiu chegar aqui?

– Voando – respondeu ele, lacônico como sempre.

Diana percebeu que ele usava um blusão de couro e segurava um capacete.

– Mas... Mas como soube onde nos encontrar?

– Sua carta dizia que estava indo para os Estados Unidos e só há um meio de fazer isso – explicou ele, triunfante.

Diana podia ver que Mervyn estava bastante satisfeito consigo mesmo por ter adivinhado seu paradeiro e conseguido interceptá-la, apesar de todas as circunstâncias contrárias. Nunca imaginara que ele poderia alcançá-los em seu próprio avião; a possibilidade nem sequer lhe ocorrera. Descobriu-se cheia de gratidão por Mervyn ter se importado tanto a ponto de persegui-la. Ele se sentou na frente dos dois, gritando para a mulher no balcão:

– Traga-me uma dose grande de uísque irlandês.

Mark pegou seu copo de cerveja e tomou um gole, nervoso. Diana o observou. A princípio, ele parecera intimidado por Mervyn, mas agora, concluindo que não haveria uma briga de socos, estava apenas desconfortável. Afastou a cadeira da mesa uns poucos centímetros, como se quisesse se distanciar de Diana. Talvez Mark também se sentisse constrangido porque tinham sido surpreendidos de mãos dadas.

Diana tomou mais um gole de conhaque para se fortificar. Mervyn a fitava com evidente ansiedade. Sua expressão de perplexidade e mágoa fez com que ela sentisse vontade de se jogar em seus braços. Ele percorrera toda aquela distância sem saber que tipo de recepção teria. Ela se inclinou e pôs a mão em

seu braço, num gesto tranquilizador.

Para sua surpresa, Mervyn parecia contrafeito, lançando um olhar preocupado para Mark, como se desconcertado por ser tocado pela esposa na presença do amante dela. O uísque veio e ele bebeu rapidamente. Mark também dava a impressão de estar magoado e tornou a aproximar a cadeira da mesa.

Diana estava confusa. Nunca se encontrara numa situação daquelas. Eles a amavam. Fora para a cama com os dois – e ambos sabiam disso. Era insuportavelmente constrangedor. Ela queria confortar os dois, mas tinha medo. Na defensiva, recostou-se na cadeira, aumentando a distância para os homens.

– Mervyn, eu não queria magoá-lo.

Ele fitou-a nos olhos.

– Sei disso.

– Consegue entender o que aconteceu?

– Posso captar as linhas gerais, embora eu seja uma alma simplória – respondeu ele, sarcástico. – Você fugiu com o homem dos seus sonhos. – Mervyn olhou para Mark, inclinando-se na direção do adversário, agressivo. – Um americano, suponho, do tipo fraco, que a deixará impor sua vontade.

Mark encarou Mervyn em silêncio. Não era de enfrentar as pessoas. Não parecia ofendido, apenas intrigado. O marido de Diana fora uma figura importante na vida de Mark, embora nunca tivessem se encontrado. Durante todos aqueles meses, devia ter sentido uma grande curiosidade pelo homem com quem a amante dormia todas as noites. Começava a descobrir agora e estava fascinado. Já Mervyn não se mostrava nem um pouco interessado em Mark.

Diana observava os dois. Dificilmente poderiam ser mais diferentes. Mervyn era alto, agressivo, amargo, arrogante; Mark era baixo, apumado, alerta, liberal. Ocorreu-lhe que Mark talvez usasse aquela cena um dia num roteiro cômico. Os olhos de Diana marejaram. Pegou um lenço e assoou o nariz,

murmurando:

– Sei que fui imprudente.

– Imprudente?! – repetiu Mervyn, ríspido, escarnecendo da inadequação da palavra. – Foi uma maldita insensata!

Diana estremeceu. O desdém de Mervyn sempre a feria, mas dessa vez ela bem que merecia.

A balconista e os dois idosos no canto acompanhavam a conversa com óbvio interesse. Mervyn acenou para a mulher e gritou:

– Pode me trazer um prato com sanduíches de presunto, meu bem?

– Com todo o prazer – respondeu ela polidamente.

Mulheres que trabalhavam em bares sempre gostavam de Mervyn.

– Eu apenas... estava me s-sentindo muito angustiada ultimamente – balbuciou Diana. – Procurava um pouco de felicidade.

– Procurava felicidade? Na América... onde não tem amigos, não tem parentes, não tem um lar... Onde está o seu bom senso?

Ela sentiu-se grata por Mervyn ter vindo, mas gostaria que ele fosse mais gentil. Mark pôs a mão no ombro dela.

– Não lhe dê atenção – murmurou ele. – Por que você não deveria ser feliz? Não há nada de errado nisso.

Diana olhou amedrontada para Mervyn, com receio de ofendê-lo ainda mais. Talvez ele a rejeitasse. E seria humilhante ser repudiada na presença de Mark – enquanto a horrível Lulu Bell estava em cena, disse-lhe seu inconsciente. Era o tipo de coisa que o marido gostava de fazer. Preferia que Mervyn não a tivesse seguido. Agora precisava tomar uma decisão imediata. Com mais tempo, poderia abrandar o orgulho ferido de Mervyn. Aquela situação era precipitada demais. Diana pegou o copo, levou-o aos lábios e tornou a pousá-lo na mesa, sem beber.

– Não quero isto.

– Prefere uma xícara de chá? – indagou Mark.

Era justamente o que ela queria.

– Isso mesmo. Eu adoraria.

Mark foi ao balcão pedir. Mervyn nunca teria feito isso: segundo sua maneira de pensar, o chá era pedido por mulheres. Ele lançou um olhar desdenhoso para Mark e disse, irritado:

– É esse o problema? Eu não pego chá para você? Quer que eu seja seu criado, além de provedor?

Os sanduíches chegaram, mas ele não comeu nenhum. Diana não sabia como responder.

– Não é necessário brigar – murmurou ela.

– Sério? Então quando será necessário, senão agora? Você foge com esse pilantra sem se despedir, deixando um bilhete idiota...

Ele tirou um pedaço de papel do bolso e Diana reconheceu sua mensagem. Ela corou, humilhada. Derramara lágrimas por causa daquilo: como ele podia exibi-lo num bar? Afastou-se, ressentida.

O chá chegou e Mark pegou o bule. Olhando para Mervyn, perguntou:

– Gostaria de tomar um chá servido por um pilantra?

Os dois irlandeses no canto desataram a rir, mas Mervyn permaneceu impassível, sem dizer nada. Diana começou a se irritar com ele.

– Posso ser insensata, Mervyn, mas tenho o direito de ser feliz.

Ele lhe apontou um dedo acusador.

– Fez um juramento quando casou comigo e não tem o direito de me deixar.

Diana estava louca de decepção: Mervyn era completamente inflexível; dava no mesmo argumentar com um bloco de concreto. Por que ele não podia ser racional? Por que precisava estar sempre certo, e todos os outros, errados?

De repente, Diana se deu conta de que esse sentimento era bastante familiar. Experimentara-o pelo menos uma vez por semana durante cinco anos. Nas últimas horas, em pânico no avião, esquecera como Mervyn podia ser horrível, como podia fazê-la infeliz. Agora tudo ressurgia, como o horror de um pesadelo lembrado.

– Ela pode fazer o que quiser, Mervyn – retrucou Mark. – Você não pode obrigá-la a nada. É uma mulher adulta. Se quiser voltar para casa, ela voltará; se quiser ir para os Estados Unidos e se casar comigo, ela fará isso.

Mervyn bateu com o punho na mesa.

– Ela não pode se casar com você, pois já é casada comigo!

– Pode se divorciar.

– Sob que alegação?

– Não há necessidade de alegação em Nevada.

Mervyn desviou os olhos irados para Diana.

– Você não vai para Nevada. Voltará para Manchester comigo.

Diana encarou Mark, que abriu um ligeiro sorriso.

– Não precisa obedecer a ninguém, Diana. Faça o que você quiser.

– Vista o casaco – ordenou Mervyn.

À sua maneira desastrada, o marido devolvera o bom senso a Diana. Ela percebia agora que o medo de voar e a ansiedade com a perspectiva de viver na América não passavam de pequenas preocupações em comparação com a questão de suprema importância: com quem ela queria viver? Amava Mark, ele a amava, logo todas as outras considerações eram secundárias. Uma tremenda sensação de alívio a envolveu quando tomou a decisão e a anunciou para os dois homens que a amavam. Respirou fundo e declarou:

– Sinto muito, Mervyn, mas vou embora com Mark.

CAPÍTULO DOZE

NANCY LENEHAN FICOU exultante quando olhou para o mar e avistou o Clipper bem abaixo do Tiger Moth de Mervyn Lovesey, flutuando imponente nas águas calmas do estuário do Shannon.

Tudo estava contra ela, mas conseguira alcançar o irmão e frustrara pelo menos uma parte de seu plano. É preciso levantar muito cedo para passar a perna em Nancy Lenehan, pensou ela, num raro arroubo de autocongratulação.

Peter teria o maior choque da vida ao vê-la. Enquanto o aviãozinho amarelo circulava e Mervyn procurava um lugar para pousar, Nancy começou a se sentir tensa pela iminente confrontação com o irmão. Ainda achava difícil acreditar que ele a enganara e traíra de forma tão cruel. Como era possível? Na infância, tomavam banho juntos. Ela colocara esparadrapo em seus joelhos, contara-lhe como os bebês eram feitos, sempre lhe dava um pedaço de seu chiclete. Guardara os segredos de Peter e lhe revelara os seus. Depois que cresceram, Nancy se preocupava com o ego dele, buscando não constrangê-lo por ser muito mais inteligente, ainda mais sendo mulher.

Cuidara dele durante toda a vida. Quando o pai morrera, permitiu que Peter se tornasse o presidente da empresa. Isso tinha custado muito caro a ela. Não apenas reprimira a própria ambição para dar uma oportunidade ao irmão, como também sufocara um romance que desabrochava, pois Nat Ridgeway, o braço direito do pai, se demitira após a ascensão de Peter. Nunca saberia se o relacionamento dos dois teria dado certo, já que Ridgeway mais tarde se casara com outra.

Seu amigo e advogado, McBride, lhe aconselhara a não

deixar que Peter assumisse a presidência, mas ela ignorara a advertência e seus próprios interesses, pois sabia como o irmão ficaria magoado se as pessoas pensassem que não tinha condições de substituir o pai. Quando se lembrou de tudo o que fizera por ele e pensou em como Peter tentara enganá-la e mentira para ela, Nancy ficou com vontade de chorar de ressentimento e raiva.

Estava ansiosa para encontrá-lo, parar na sua frente, fitá-lo nos olhos. Queria saber como o irmão reagiria, o que lhe diria.

Também estava ávida por se lançar à batalha. Alcançar Peter era apenas o primeiro passo. Precisava embarcar naquele avião. Não devia ser difícil. Mas, se o voo estivesse lotado, teria que comprar a passagem de outra pessoa, jogar um charme para o comandante ou até mesmo recorrer ao suborno. Depois, quando chegasse a Nova York, ainda precisaria persuadir os acionistas minoritários, sua tia Tilly e o velho advogado do pai, Danny Riley, a rejeitar a proposta de vender suas ações a Nat Ridgeway. Achava que conseguiria, mas Peter não desistiria sem luta, e o ex-namorado era um forte oponente.

Mervyn pousou numa estradinha rural nos arredores da aldeia. Numa inesperada demonstração de boas maneiras, ele ajudou Nancy a descer do avião. Ao pôr os pés em território irlandês pela segunda vez, ela pensou no pai, que, embora falasse constantemente da velha terra, nunca estivera lá. Nancy achava isso lamentável. Ele ficaria satisfeito se soubesse que os filhos tinham visitado a Irlanda. Mas seu coração se partiria se tomasse conhecimento de que a empresa, razão da sua vida, fora destruída por Peter. Era melhor que não estivesse vivo para testemunhar o desastre.

Mervyn prendeu o avião com uma corda. Nancy sentia-se aliviada ao deixá-lo para trás. Por mais bonito que fosse, quase a matara. Ainda tinha calafrios toda vez que recordava o voo na direção do penhasco. Nunca mais entraria num biplano.

Os dois seguiram apressados para a aldeia, numa carroça carregada de batatas, puxada por um cavalo. Nancy notou que Mervyn também parecia meio triunfante, meio apreensivo. Como ela, fora enganado e traído, recusara-se a aceitar de braços cruzados e se deleitava em desafiar as expectativas dos que haviam tramado contra ele. Para os dois, no entanto, o verdadeiro desafio ainda estava por vir.

Uma única rua atravessava Foynes. No meio dela, encontraram algumas pessoas bem-vestidas, que só podiam ser passageiras do Clipper: pareciam estar no cenário errado de um estúdio cinematográfico. Mervyn se aproximou e disse:

– Estou procurando a Sra. Diana Lovesey... Creio que é passageira do Clipper.

– Claro que é! – respondeu uma das mulheres.

Nancy reconheceu a estrela Lulu Bell. Seu tom de voz sugeria que ela não gostava da Sra. Lovesey. Mais uma vez, imaginou como seria a esposa de Mervyn. A atriz acrescentou:

– A Sra. Lovesey e seu... companheiro?... entraram naquele bar ali.

– Poderia me informar onde fica o escritório? – perguntou Nancy.

– Se um dia eu for escolhida para o papel de guia de turismo, nem vou precisar ensaiar! – comentou Lulu, arrancando risos dos outros passageiros. – O prédio da empresa fica no outro lado da rua, depois da estação ferroviária, em frente ao cais.

Nancy agradeceu e seguiu adiante. Mervyn já se afastara e ela teve que correr para alcançá-lo. Contudo, ele parou de súbito ao avistar dois homens andando pela rua, absortos numa conversa. Nancy olhou com curiosidade para os dois, perguntando-se por que fizeram Mervyn estacar. Um deles tinha cabelos grisalhos e vestia um terno preto com colete cinza – obviamente, um passageiro do Clipper. O outro era um autêntico espantalho, alto e magro, os cabelos tão curtos que parecia

quase calvo, e tinha a expressão de alguém que acabara de despertar de um pesadelo. Mervyn se encaminhou para o homem esquelético e perguntou:

– Você é o professor Hartmann, não é mesmo?

A reação do desconhecido foi inesperada: ele se sobressaltou, erguendo as mãos na defensiva, como se fosse ser agredido.

– Está tudo bem, Carl – murmurou seu companheiro.

– Sinto-me honrado em cumprimentá-lo, senhor – disse Mervyn.

Hartmann baixou os braços, embora continuasse cauteloso. Trocaram um aperto de mão.

Nancy se surpreendeu com o comportamento de Mervyn. Para ela, Lovesey estava convencido de que ninguém no mundo lhe era superior, mas agora ele se comportava como um colegial pedindo um autógrafo a um astro do beisebol.

– Fico contente que tenha conseguido escapar – acrescentou Mervyn. – Quando o senhor desapareceu, tememos pelo pior. Mas permita que eu me apresente: sou Mervyn Lovesey.

– Este é meu amigo, o barão Gabon, que me ajudou a fugir.

Mervyn apertou a mão do outro homem.

– Não vou mais incomodá-los. *Bon voyage*, senhores.

Hartmann devia ser alguém muito especial para distrair Mervyn, mesmo que apenas por alguns momentos, da perseguição implacável à esposa. Enquanto seguiam adiante, atravessando a aldeia, ela perguntou:

– Quem é ele?

– Professor Carl Hartmann, o maior físico do mundo. Vem trabalhando na fissão do átomo. Entrou em conflito com os nazistas por causa de suas posições políticas e todos pensavam que estivesse morto.

– Como conseguiu reconhecê-lo?

– Estudei física na universidade. Pensei em me tornar

cientista, mas não tenho paciência. No entanto, continuo a acompanhar os progressos na área, por isso sei que houve descobertas espantosas nos últimos dez anos.

– Por exemplo?

– Há uma austríaca... aliás, outra perseguida pelos nazistas... chamada Lise Meitner, trabalhando em Copenhague, que conseguiu dividir o átomo de urânio em dois menores, bário e criptônio.

– Sempre pensei que os átomos fossem indivisíveis.

– Era o que todos nós pensávamos, até pouco tempo atrás. Por isso é tão espantoso. Ele provoca uma grande explosão quando é dividido, e isso despertou o interesse dos militares. Se puderem controlar o processo, serão capazes de produzir a bomba mais destrutiva que já existiu.

Nancy olhou para trás, contemplando o homem assustado de roupas puídas e olhar febril. “A bomba mais destrutiva que já existiu”..., repetiu ela para si mesma, com um calafrio.

– Fico surpresa que o deixem andar por aí sem proteção.

– Não tenho tanta certeza de que está desprotegido – comentou Mervyn. – Repare naquele sujeito.

Nancy olhou na direção que ele indicava, para o outro lado da rua. Um passageiro do Clipper passeava sozinho, um homem alto e corpulento, de chapéu coco, terno cinza e colete vermelho.

– Acha que ele é um guarda-costas?

Mervyn deu de ombros.

– Parece um policial. Hartmann pode não saber, mas eu diria que ele tem um anjo da guarda que calça 44.

Nancy não imaginara que Mervyn fosse tão observador.

– Este deve ser o bar – acrescentou ele, passando do cósmico para o corriqueiro sem uma pausa para respirar.

Ele parou à porta.

– Boa sorte – disse Nancy.

Ela falava sério. De uma estranha maneira, passara a gostar

de Mervyn, apesar de seu comportamento irritante. Ele sorriu.

– Obrigado. É boa sorte para você também.

Lovesey entrou e Nancy continuou andando pela rua.

Na outra extremidade, em frente ao caminho para o cais, havia um prédio maior do que qualquer outro na aldeia, com as paredes cobertas de hera. Lá dentro, Nancy encontrou um escritório improvisado e um jovem bem-apegoado, num uniforme da Pan American. Ele a fitou com um brilho nos olhos, apesar de ser quinze anos mais jovem.

– Quero comprar uma passagem para Nova York – anunciou Nancy.

O rapaz ficou surpreso e intrigado.

– É mesmo? Não vendemos passagens aqui... De qualquer forma, não temos nenhuma.

Não parecia um problema sério. Nancy abriu um sorriso – sempre ajudava a superar os obstáculos burocráticos triviais.

– Ora, uma passagem é apenas um pedaço de papel – acrescentou ela. – Se eu pagar, vai me deixar embarcar, não é mesmo?

Ele sorriu. Nancy concluiu que o jovem a ajudaria se fosse possível.

– Acho que sim. Mas acontece que o avião está lotado.

– Droga!

Ela ficou desesperada. Esforçara-se tanto a troco de nada? Mas ainda não estava disposta a desistir, de jeito nenhum.

– Deve haver um lugar. Não preciso de uma cama. Posso dormir numa cadeira. Até mesmo o assento de um tripulante serve.

– Não pode ocupar o assento de um tripulante. O único lugar vago é a suíte nupcial.

– Posso ocupá-la? – indagou Nancy, esperançosa.

– Nem mesmo sei que preço cobrar...

– Mas pode descobrir, certo?

– Deve custar pelo menos o dobro de duas passagens comuns, o que daria 750 dólares... Só que pode ser mais.

Nancy não se importaria nem se custasse 7 mil dólares.

– Eu lhe darei um cheque em branco.

– Puxa, você quer mesmo embarcar, hein?

– Preciso estar em Nova York amanhã. É... muito importante.

– Nem conseguia encontrar as palavras adequadas para demonstrar a relevância.

– Vamos falar com o comandante. Acompanhe-me, por favor.

Nancy o seguiu, imaginando se desperdiçara seus esforços com alguém que não tinha autoridade para tomar uma decisão.

Ele a levou a um escritório no segundo andar. Seis ou sete tripulantes do Clipper se encontravam ali, sem paletó, fumando e tomando café, enquanto estudavam mapas e boletins meteorológicos. O rapaz a apresentou a Marvin Baker. Quando o belo comandante apertou sua mão, Nancy teve a estranha sensação de que ele ia tomar seu pulso – talvez porque o homem tivesse o jeito de um médico à cabeceira de um doente.

– A Sra. Lenehan precisa muito chegar logo a Nova York, comandante, e está disposta a pagar pela suíte nupcial. Podemos aceitá-la?

Nancy aguardou, ansiosa, mas o comandante fez outra pergunta:

– Está com seu marido, Sra. Lenehan?

Ela tremelicou os cílios, sempre um movimento útil quando se queria persuadir um homem a fazer algo.

– Sou viúva, comandante.

– Desculpe. Tem bagagem?

– Só esta valise.

– Teremos o maior prazer em levá-la para Nova York, Sra. Lenehan.

– Graças a Deus! – exclamou Nancy com fervor. – Não tenho palavras para expressar como isso é importante.

Por um momento, sentiu as pernas bambas. Sentou-se na cadeira mais próxima. Ficou constrangida por ser tão emotiva. Para disfarçar, vasculhou a bolsa e tirou o talão de cheques. Com a mão trêmula, assinou um cheque em branco e o entregou ao rapaz.

Agora chegara o momento de confrontar Peter.

– Vi alguns passageiros na aldeia. Onde estão os outros?

– A maioria foi para o pub da Sra. Walsh – informou o rapaz. – É um bar neste prédio. A entrada é pela lateral.

Nancy se levantou. A tremedeira já passara.

– Não imagina como estou agradecida.

– Foi um prazer ajudá-la.

Ela saiu. Ao fechar a porta, ouviu um burburinho na sala; sabia que eram observações jocosas sobre a atraente viúva que assinava cheques em branco.

Nancy deixou o prédio. Era uma tarde amena, com um sol fraco e o ar agradavelmente úmido da maresia. Devia agora procurar pelo irmão desleal.

Foi até a lateral do prédio e entrou no bar. Era o tipo de lugar que nunca frequentaria: pequeno, escuro, com uma decoração tosca, obviamente masculino. Dava para ver que, no princípio, destinava-se a servir cerveja a pescadores e lavradores, mas agora se encontrava ocupado por milionários tomando coquetéis. A atmosfera era abafada, e o nível de ruído, bastante alto, em vários idiomas: o clima de festa predominava entre os passageiros. Seria sua imaginação ou havia mesmo um tom histérico nas risadas? A alegria disfarçava a ansiedade para o longo voo sobre o oceano?

Nancy perscrutou os rostos e avistou Peter.

Ele não a notou. Ela o observou em silêncio por um momento, sentindo a raiva fervilhar em seu íntimo. Enrubescendo de ira, teve o impulso de esbofeteá-lo. Mas reprimiu a fúria. Não deixaria que o irmão percebesse como estava transtornada. Era sempre

melhor manter o controle.

Ele se encontrava a um canto, em companhia de Nat Ridgeway. Nancy ficou chocada. Sabia que o ex estivera em Paris para o lançamento das coleções, mas não lhe ocorrera que pudesse voar de volta com Peter. Preferia que ele não estivesse ali. A presença de uma antiga paixão só complicava a situação. Precisaria esquecer que outrora o beijara. Tratou de não pensar nisso.

Abriu caminho pelo aglomerado e se aproximou da mesa. Nat foi o primeiro a erguer os olhos. Seu rosto revelou choque e culpa, para deleite de Nancy. Notando a expressão dele, Peter também virou a cabeça.

Ela fitou-o nos olhos. Ele empalideceu e fez menção de se levantar, exclamando, apavorado:

– Meu Deus!

– Por que está tão assustado, Peter? – indagou Nancy, desdenhosa.

Ele engoliu em seco e tornou a arriar na cadeira.

– Você pagou por uma passagem no SS *Oriana* – acrescentou ela – sabendo que não ia usá-la. Foi a Liverpool comigo e se registrou no Adelphi Hotel, embora não pretendesse ficar lá. E tudo porque teve medo de me contar que viajaria no Clipper!

Peter a encarava, pálido, em silêncio. Nancy não planejara fazer um discurso, mas as palavras foram saindo:

– Deixou o hotel sorrateiramente ontem e correu até Southampton, na esperança de que eu não descobrisse! – Ela se inclinou sobre a mesa e Peter se encolheu. – Por que está tão assustado? Não vou *mordê-lo!*

Quando ela falou a última palavra, Peter se encolheu ainda mais, como se ela de fato tivesse essa intenção. Nancy não se dera o trabalho de baixar a voz. As pessoas ao redor se calaram. Peter olhou para elas constrangido.

– Não é de admirar que você se sinta envergonhado, Peter. Depois de tudo que fiz por você! Protegi-o durante todos esses anos, encobri seus erros estúpidos, deixei que se tornasse o presidente, mesmo sabendo que não era capaz de organizar um bazar de igreja! Ainda assim, você tentou me roubar a empresa! Como pôde fazer isso? Não se sente um *verme*?

Ele corou e retrucou:

– Você nunca me protegeu... Sempre se preocupou apenas consigo mesma. Sempre quis ficar no comando... mas fui eu que ocupei o cargo! Desde então, você vem tramando para me derrubar!

A afirmação era tão injusta que Nancy não sabia se ria, se chorava ou se cuspiam na cara do irmão.

– Seu idiota! Sempre trabalhei para *mantê-lo* na presidência!

Ele tirou alguns papéis do bolso com um floreio.

– Assim?

Nancy reconheceu seu relatório.

– Pode apostar que sim. Esse plano é a única maneira de você manter o cargo.

– Enquanto você assume o controle! Percebi tudo desde o início! – A atitude de Peter era de desafio. – Foi por isso que tratei de fazer meu próprio plano!

– Que não deu certo – replicou Nancy, triunfante. – Tenho um lugar no avião e voltarei a tempo para a reunião do conselho. – Pela primeira vez, ela se virou para Nat Ridgeway. – Acho que ainda não será desta vez que você assumirá o controle da Black's Boots.

– Não tenha tanta certeza – declarou o irmão.

Nancy fitou-o. Peter exibia uma agressividade petulante. Teria alguma carta na manga? Ele não era tão esperto.

– Cada um de nós, Peter, possui quarenta por cento. Tia Tilly e Danny Riley detêm o resto. Eles sempre seguiram minha orientação. Conhecem a mim e conhecem você. Eu ganho

dinheiro e você perde, eles sabem disso, mesmo que o tratem com polidez por causa do papai. Votarão como eu lhes disser.

– Riley votará comigo – insistiu Peter, obstinado.

Havia algo em sua teimosia que deixou Nancy preocupada.

– Por que ele faria isso se você praticamente levou a empresa à falência? – indagou ela, com desdém.

Peter percebeu sua apreensão.

– Eu a assustei, não é mesmo?

Infelizmente, ele tinha razão. Nancy estava cada vez mais preocupada. Peter não parecia tão derrotado assim. Ela precisava descobrir o que havia por trás da arrogância do irmão.

– Acho que você está apenas se gabando.

– Não estou, não.

Nancy sabia que, se continuasse a provocá-lo, ele acabaria se sentindo compelido a provar que ela estava errada.

– Você sempre finge ter algum trunfo escondido, mas não costuma ter nada.

– Riley prometeu.

– Riley merece tanta confiança quanto uma cascavel.

Peter se irritou.

– Não quando recebe... um incentivo.

Então era isso: Danny Riley fora subornado. Isso deixou Nancy preocupada. O advogado era essencialmente corruptível. O que Peter oferecera? Ela precisava saber, a fim de frustrar os planos ou oferecer mais.

– Ora, se seu plano se baseia na confiabilidade de Riley, não tenho com que me preocupar.

Nancy deu uma risada sarcástica.

– Baseia-se na ganância de Riley – retorquiu Peter.

Ela se virou para Nat.

– Se eu fosse você, estaria cético em relação a todo esse plano.

– Nat sabe que vai dar certo – declarou Peter, presunçoso.

Era evidente que Nat preferia permanecer calado, mas os dois o fitaram e ele assentiu, relutante.

– Ele ofereceu a Riley boa parte das causas da General Textiles – explicou Peter.

Era um golpe e tanto; Nancy ficou sem fôlego. Não havia nada que Riley mais desejasse do que pôr os pés numa grande corporação. Para uma pequena firma de advocacia de Nova York, era uma oportunidade que só surgia uma vez na vida. Por um suborno assim, Riley venderia a própria mãe.

As ações de Peter e Riley somavam cinquenta por cento, assim como as de Nancy e Tilly. Com a votação empatada, a questão seria decidida pelo voto do presidente do conselho, ou seja, Peter.

Ele percebeu que reduzira Nancy ao silêncio e se permitiu um sorriso vitorioso.

Só que Nancy ainda não estava disposta a admitir a derrota. Puxou uma cadeira e se sentou. Concentrou sua atenção em Nat Ridgeway. Sentira a reprovação dele durante toda a discussão. Imaginou se o ex sabia que Peter vinha agindo sem o conhecimento dela. Decidiu verificar.

– Você sabia que Peter mentiu para mim a respeito de tudo isso?

Ele a encarou com os lábios comprimidos; Nancy fez o mesmo, limitando-se a esperar com uma expressão ansiosa. Nat acabou cedendo:

– Não perguntei. Suas brigas de família não são da minha conta. Não sou um assistente social, mas um homem de negócios.

Mas houve um tempo, pensou Nancy, em que você segurava minha mão em restaurantes e me dava um beijo de despedida no fim da noite. Numa ocasião, até acariciou meus seios.

– Mas é um homem de negócios honesto?

– Sabe que sou.

– Nesse caso, não pode aprovar métodos desonestos em seu benefício.

Ele refletiu por um momento.

– Esta é uma operação de tomada de controle, não um chá das cinco.

Nat ia acrescentar algo, mas Nancy o interrompeu:

– Se está disposto a lucrar com a desonestidade de meu irmão, também é desonesto. Mudou muito desde a época em que trabalhava para meu pai. – Ela se virou para Peter antes que Nat pudesse responder. – Não compreende que pode obter o dobro pelas ações se me deixar realizar meu plano por dois anos?

– Não gosto do seu plano.

– Mesmo sem a restauração, a empresa valerá mais por causa da guerra. Sempre fornecemos botinas para os soldados... Pense nos negócios extras se os Estados Unidos entrarem na guerra.

– Os Estados Unidos não farão isso.

– Mesmo assim, a guerra na Europa será boa para os negócios. – Nancy olhou para Nat. – Sabe disso, não é? Por isso quer nos comprar.

Nat permaneceu em silêncio. Ela tornou a fitar Peter.

– É melhor esperar. Alguma vez me enganei nesse âmbito? Alguma vez perdeu dinheiro ao seguir meu conselho? Alguma vez ganhou dinheiro ao ignorá-lo?

– Você simplesmente não compreende... – murmurou Peter.

Nancy não podia imaginar o que viria.

– Não compreendo o quê?

– O motivo para eu estar vendendo a empresa.

– Muito bem, qual é?

Peter a encarou, calado, e ela viu a resposta em seus olhos.

Ele a odiava.

Nancy ficou paralisada com o choque. Sentia que batera a cabeça numa parede invisível, estava atordoada. Não queria

acreditar, mas a expressão grotesca de rancor no rosto de Peter não podia ser ignorada. Sempre existira tensão entre os dois, a rivalidade natural fraterna, mas aquilo era terrível, absurdo, patológico. Nancy jamais desconfiara. O irmão caçula a odiava.

A sensação devia ser a mesma de quando o marido com quem se é casada há vinte anos anuncia que tem um caso com a secretária e não ama mais você.

Ela estava tonta. Levaria um tempo para superar a situação.

Peter não se limitava a ser tolo, mesquinho ou rancoroso. Prejudicava a si mesmo apenas para arruinar a irmã. Era ódio demais.

Ele só podia estar louco.

Nancy precisava pensar. Resolveu deixar aquele bar quente e enfumaçado e respirar um pouco de ar fresco. Levantou-se e deixou-os sem se despedir.

Melhorou um pouco no instante em que saiu. Uma brisa fresca soprava do estuário. Ela atravessou a rua e foi andando pela beira d'água, escutando os gritos das gaivotas.

O Clipper se encontrava no meio do canal. Era maior do que ela imaginara: os homens que o reabasteciam pareciam minúsculos. Achou tranquilizadores os imensos motores e as enormes hélices. Não ficaria nervosa naquele avião, refletiu; não depois de sobreviver a uma viagem pelo mar da Irlanda num Tiger Moth monomotor.

Mas o que faria quando chegasse em casa? Seria impossível dissuadir Peter de seu plano. Havia muitos anos de rancor oculto por trás de seu comportamento. De certa forma, tinha pena: ele fora muito infeliz durante todo aquele tempo. Mas não cederia com tanta facilidade. Talvez ainda houvesse um meio de salvar sua herança.

Danny Riley era o elo fraco. Um homem que podia ser subornado por um lado também podia ser pelo outro. Talvez Nancy conseguisse pensar em algo para lhe oferecer que o

tentasse a mudar de lado. Mas seria difícil. O suborno de Peter, uma parte dos serviços jurídicos da General Textiles, era quase impossível de ser superado.

Talvez ela pudesse ameaçá-lo. Isso sairia mais barato. Mas como? Podia retirar do escritório de Riley a representação legal familiar e pessoal, porém isso não representava grande coisa, muito menos em comparação com os novos negócios que ele receberia da empresa de Nat. Danny preferiria dinheiro na mão, é claro, mas quase toda a fortuna de Nancy estava presa na Black's Boots. Poderia providenciar milhares de dólares sem muita dificuldade, mas Danny iria querer mais, talvez 100 mil. Não conseguiria levantar todo esse dinheiro a tempo.

Enquanto estava imersa em pensamentos, ouviu seu nome ser chamado. Nancy se virou e deparou com o jovem funcionário da Pan American acenando para ela.

– Um telefonema para a senhora! Um tal de Sr. McBride, de Boston!

Nancy sentiu-se subitamente esperançosa. Talvez Mac fosse capaz de encontrar uma solução. Ele conhecia Danny Riley. Os dois eram como seu pai, irlandeses da segunda geração que passavam todo o tempo ao lado de compatriotas, sempre desconfiando dos protestantes, mesmo que os outros fossem irlandeses também. Sem levar em conta a parte da honestidade, ambos eram iguais. O pai fora digno, mas disposto a fazer vista grossa a práticas escusas, principalmente para ajudar um companheiro da terra natal.

Em certa ocasião, ele salvara Danny da ruína, recordou Nancy, enquanto seguia apressada pelo cais. Isso acontecera havia alguns anos, não muito antes da morte do pai. O advogado estava perdendo um caso grande e importante e, desesperado, procurara o juiz no campo de golfe e tentara suborná-lo. O meritíssimo não era corrupto e ordenou que Danny se aposentasse, senão seria expulso da ordem. O pai interferiu,

persuadindo o juiz de que fora um lapso momentâneo. Ela conhecia toda a história: o pai lhe fizera muitas confidências ao fim da vida.

Assim era Danny: esquivo, indigno de confiança, um tanto tolo, facilmente influenciável. Ela não tinha a menor dúvida de que poderia dissuadi-lo.

Mas só dispunha de dois dias.

Ela entrou no prédio e o rapaz lhe indicou o telefone. Era maravilhoso ouvir a voz familiar e afetuosa de Mac.

– Então você conseguiu alcançar o Clipper! – exclamou ele, exultante. – Sensacional!

– Estarei na reunião do conselho. A má notícia é que Peter garante ter o voto de Danny.

– Acredita nele?

– Acredito. A General Textiles dará a Danny uma parte de suas causas.

– Tem certeza de que é verdade? – indagou ele, desanimado.

– Nat Ridgeway está aqui com Peter.

– Aquele canalha!

Mac nunca gostara de Nat, até passara a odiá-lo quando ele começara a sair com Nancy. Embora tivesse um casamento feliz, sentia ciúme de qualquer um que demonstrasse um interesse amoroso por ela.

– Tenho pena da General Textiles por ter Danny como seu advogado.

– Creio que só lhe darão as causas de menor importância. Isso é legal, Mac, oferecer um incentivo a Danny?

– Provavelmente não, mas seria muito difícil provar a violação.

– Neste caso, estou numa situação crítica.

– Acho que sim. Lamento muito, Nancy.

– Obrigada, meu amigo. Você bem que me avisou para não deixar que Peter assumisse a presidência.

– É verdade.

Não adiantava chorar pelo leite derramado, pensou Nancy. Resolveu adotar uma postura mais incisiva:

– Escute, se contássemos com Danny, estaríamos preocupados, não é mesmo?

– Pode apostar que sim...

– Preocupados com a possibilidade de Danny trocar de lado, de a oposição lhe apresentar uma oferta melhor. Então, qual será o preço dele?

– Hum... – A linha ficou muda por um tempo. – Nada me ocorre.

Nancy estava pensando na tentativa de Danny de subornar um juiz.

– Lembra quando papai o tirou de uma encrenca? Foi no caso Jersey Rubber.

– Claro que lembro. Mas nada de detalhes pelo telefone, está bem?

– Certo. Podemos usar esse caso de alguma forma?

– Não vejo como.

– Para ameaçá-lo?

– Com uma denúncia, você quer dizer?

– Isso mesmo.

– Temos provas?

– Não, a menos que haja algo nos papéis do papai.

– Todos eles estão com você, Nancy.

Havia várias caixas de papelão com os documentos pessoais do pai no porão da casa dela, em Boston.

– Nunca os examinei.

– E não há tempo para isso agora.

– Mas podemos simular algo... – falou Nancy, pensativa.

– Não estou entendendo.

– Só pensei em voz alta. Tenha um pouco de paciência. Podemos mentir para Danny, dizendo que descobrimos algo nos

documentos pessoais do papai que ressuscitaria aquela velha história.

– Não vejo como isso...

– Escute, Mac. É apenas uma ideia – interrompeu ela, alteando a voz à medida que vislumbrava possibilidades. – Vamos supor que a ordem dos advogados ou alguma outra instituição resolvesse abrir um inquérito sobre o caso Jersey Rubber.

– Por que fariam isso?

– Alguém pode informar que é um caso suspeito.

– Certo. E daí?

Nancy percebia que ali poderiam estar os fundamentos para um plano viável.

– E se fossem avisados de que há uma prova crucial nos documentos do papai?

– Pediriam a você para examinar os papéis.

– Caberia a mim decidir se permito ou não?

– Num inquérito simples da ordem dos advogados, caberia. Se houvesse um inquérito judicial, você poderia ser intimada e, nesse caso, não teria alternativa.

Um plano se delineava na mente de Nancy mais rápido do que ela podia explicar. Mal se atrevia a acalentar a esperança de que daria certo.

– Quero que você ligue para Danny, Mac – disse ela, em tom de urgência. – Faça-lhe a seguinte pergunta...

– Deixe-me pegar um lápis... Muito bem, pode falar.

– Pergunte o seguinte: se houver um inquérito da ordem dos advogados sobre o caso Jersey Rubber, ele iria gostar que eu entregasse os documentos do papai?

Mac ficou perplexo.

– Acha que ele vai negar?

– Acho que ele vai entrar em pânico, Mac! Ficaré apavorado. Não sabe o que existe... Anotações, diários, cartas, pode ser

qualquer coisa.

– Agora estou começando a entender – comentou Mac, com um tom esperançoso. – Danny pensaria que você tem algo...

– E vai pedir que eu o proteja, como papai fez. Vai pedir que eu negue permissão à ordem para examinar os papéis. E eu concordarei... com a condição de que ele vote comigo, contra a fusão com a General Textiles.

– Espere um instante. Não abra o champanhe ainda. Danny pode ser mercenário, mas não é burro. Ele não vai desconfiar que inventamos toda essa história para pressioná-lo?

– Claro que vai, só que ficará em dúvida. E não terá muito tempo para pensar a respeito.

– Tem razão. E, neste momento, é a sua única chance.

– Quer tentar?

– Está bem.

Nancy sentia-se muito melhor, cheia de esperança e com vontade de vencer.

– Ligue para mim na próxima escala.

– Onde será?

– Botwood, Terra Nova. Devemos chegar lá dentro de dezessete horas.

– Há telefones lá?

– Deve haver, se existe um aeroporto. Peça a ligação com antecedência.

– Combinado. Divirta-se no voo.

– Até mais, Mac.

Ela desligou. Estava mais animada. Não havia como saber se Danny cairia na armadilha, mas sentia-se alegre pelo simples fato de ter um plano.

Eram 16h20, hora de embarcar no avião. Nancy saiu e passou por outra sala, onde Mervyn Lovesey falava ao telefone. Ele estendeu a mão para detê-la. Pela janela, ela viu os passageiros no cais, entrando na lancha, mas esperou enquanto

Mervyn dizia à pessoa no outro lado da linha:

– Não posso me incomodar com isso agora. Dê aos miseráveis o preço que estão pedindo e continue com o trabalho.

Ela se surpreendeu. Lembrava-se de algum tipo de conflito na fábrica de Mervyn. Parecia que ele estava cedendo, o que não seria normal. O interlocutor devia ter se mostrado espantado, pois Mervyn exclamou, depois de uma pausa:

– Claro que falo sério, cacete! Estou ocupado demais para discutir com ferramenteiros! Adeus!

Ele desligou e se virou para Nancy.

– Estava procurando você.

– Foi bem-sucedido, Mervyn? Conseguiu persuadir sua esposa a voltar?

– Não. Mas também não argumentei da maneira certa.

– É uma pena. Ela está lá agora?

Ele olhou pela janela.

– É aquela de casaco vermelho.

Nancy viu uma loura de 30 e poucos anos.

– Mervyn, ela é linda!

Imaginara a mulher como um tipo mais firme, menos gracioso

– Bette Davis em vez de Lana Turner.

– Entendo por que você não quer perdê-la.

A fugitiva segurava o braço de um homem com blazer azul, provavelmente o amante. Ele não era tão bonito quanto Mervyn, era um pouco abaixo da estatura mediana e exibia entradas nos cabelos. Mas parecia simpático e descontraído. Nancy percebeu no mesmo instante que a mulher procurava o oposto de Mervyn. E sentiu pena dele.

– Sinto muito, Mervyn.

– Ainda não desisti. Vou para Nova York.

Nancy sorriu: isso era mais típico dele.

– Por que não? Parece o tipo de mulher que um homem deve perseguir por todo o Atlântico.

– O problema é que depende de você. O avião está lotado.
– Isso mesmo. Como vai viajar? E por que depende de mim?
– Você comprou o único aposento restante. Pegou a suíte nupcial. Dá para duas pessoas. Estou pedindo que me venda o outro lugar.

Nancy riu.

– Não posso partilhar uma suíte nupcial com um homem, Mervyn. Sou uma viúva respeitável, não uma corista.

– Você me deve um favor – insistiu ele.

– Devo um favor, não a minha reputação!

Mervyn assumiu uma expressão obstinada.

– Não pensou em sua reputação quando quis voar pelo mar da Irlanda comigo.

– Mas isso não envolvia passarmos a noite juntos! – Nancy gostaria de poder ajudá-lo, pois havia algo de comovente em sua determinação de reconquistar a bela esposa. – Lamento sinceramente, Mervyn, mas não posso me envolver num escândalo público na minha idade.

– Escute, investiguei essa suíte nupcial e não é muito diferente do resto do avião. Há dois beliches separados. Se deixarmos a porta aberta à noite, estaremos exatamente na mesma situação de dois estranhos que, por acaso, são designados para camas adjacentes.

– Mas pense no que as pessoas diriam!

– Com quem está preocupada? Não tem nenhum marido que poderia se sentir ofendido, e seus pais já morreram. Quem se importa?

Ele podia ser bem direto quando queria algo, pensou Nancy.

– Tenho dois filhos com mais de 20 anos.

– Aposto que acharão muito engraçado.

É bem possível, admitiu Nancy, pesarosa.

– Também me preocupo com a sociedade de Boston. Uma notícia assim vai se espalhar, com toda a certeza.

– Você estava desesperada quando me procurou naquele aeroporto. Tinha um problema e ajudei a resolvê-lo. Agora estou desesperado. Consegue entender, não é mesmo?

– Consigo.

– Tenho um problema e estou apelando a você. Esta é a última oportunidade de salvar meu casamento. Você pode me ajudar. Eu a salvei; agora tem que me salvar. E só vai lhe custar um arremedo de escândalo. Isso nunca matou ninguém. Por favor, Nancy.

Ela pensou nesse “arremedo de escândalo”. Será que alguém de fato dava importância a míseras indiscrições de uma viúva de 40 anos? Provavelmente nem macularia sua reputação. As matronas de Beacon Hill a julgariam muito “atrevida”, mas as pessoas da sua idade admirariam sua coragem. E, afinal, ninguém supõe que eu seja virgem, pensou Nancy.

Fitou o rosto magoado e obstinado de Mervyn e acabou se compadecendo. Que se dane a sociedade de Boston; ele está angustiado, refletiu Nancy. Ajudou-me quando eu precisava. Sem ele, eu não estaria aqui. Mervyn tem razão: devo um favor.

– Vai me ajudar, Nancy? – suplicou ele. – Por favor?

Ela respirou fundo.

– Vou, sim.

CAPÍTULO TREZE

A ÚLTIMA VISÃO QUE HARRY MARKS teve da Europa foi um farol branco, erguendo-se orgulhoso na margem norte da foz do Shannon enquanto o oceano Atlântico, furioso, açoitava a base do penhasco. Poucos minutos depois, não havia mais terra à vista: para todos os lados que olhasse, só avistava o mar interminável.

Ficarei rico quando chegar à América, pensou ele.

O fato de estar tão próximo do famoso Delhi Suite era tão tentador que se tornava quase sensual. Em algum lugar naquele avião, a não mais que alguns metros de distância do seu assento, havia uma fortuna. Seus dedos comichavam na ansiedade de tocar o tesouro.

Um milhão de dólares em joias valeria pelo menos 100 mil num receptor. Eu poderia comprar um bom apartamento e um carro, ou talvez uma casa de campo com uma quadra de tênis, pensou ele. Ou talvez seja melhor investir e viver dos juros. Passaria a ser um grã-fino, com uma renda pessoal!

Mas primeiro precisava se apossar da fortuna.

Lady Oxenford não estava usando as joias, que, assim, só podiam estar em dois lugares: no bagageiro, ali mesmo, ou num compartimento de carga. Se fossem minhas, eu as guardaria bem perto, manteria na bagagem de mão. Ficaria com medo de deixá-las fora de vista, refletiu. Mas não havia como saber de que modo funcionava a mente da mulher.

Verificaria primeiro a bagagem de mão. Podia ver, debaixo do assento, a mala de couro vinho com cantoneiras de latão. Como conseguiria colocar as mãos nela? Talvez surgisse uma oportunidade à noite, quando todos estivessem dormindo.

Encontraria um jeito. Claro que seria arriscado, pois roubar era um jogo perigoso. Mas ele sempre escapava impune, mesmo quando as coisas saíam erradas. Olhe só para mim: ontem fui surpreendido em flagrante com abotoaduras roubadas no bolso da calça, passei a noite na cadeia e agora estou viajando para Nova York no Clipper. Sorte? Não é bem essa a palavra!, gabou-se.

Ele ouvira certa vez uma piada sobre um homem que saltara de uma janela do décimo andar e, ao passar pelo quinto, dissera: *Até aqui tudo bem*. Mas esse não era o seu caso, ele não iria se dar mal.

O comissário de bordo, Nicky, trouxe o cardápio do jantar e lhe ofereceu um coquetel. Na verdade, Harry não queria, mas pediu uma taça de champanhe só porque parecia o certo a fazer: Isto é que é vida, meu caro Harry. A exultação por se encontrar no avião mais luxuoso do mundo disputava com a ansiedade de voar através do oceano, mas a primeira acabou prevalecendo à medida que o álcool fazia efeito.

Surpreendeu-se ao descobrir que o cardápio era em inglês. Será que os americanos não sabiam que menus elegantes deviam estar em francês? Talvez fossem práticos e preferissem não imprimir numa língua estrangeira. Harry tinha a impressão de que ia gostar dos Estados Unidos.

Na sala de jantar só cabiam catorze pessoas, por isso a refeição seria servida em três turnos, explicou Nicky.

– Gostaria de jantar às seis, sete e meia ou nove horas, Sr. Vandenpost?

Aquela podia ser a sua chance, pensou Harry. Se os Oxenfords jantassem mais cedo ou mais tarde, ele ficaria sozinho no compartimento. Mas qual horário escolheriam? Amaldiçoou mentalmente o comissário de bordo por começar logo por ele. Se fosse um britânico, sem dúvidaalaria primeiro com os membros da nobreza, mas aquele americano democrático devia seguir a

ordem dos assentos. Precisaria adivinhar a preferência dos Oxenfords.

– Deixe-me ver... – murmurou ele, para ganhar tempo.

Por experiência própria, sabia que os ricos faziam as refeições bem tarde. Um operário poderia consumir o desjejum às sete horas, almoçar ao meio-dia e tomar o chá às cinco, mas um lorde comeria às nove da manhã e às duas da tarde, concluindo com o jantar às oito e meia da noite. Portanto, Harry escolheu o primeiro turno.

– Estou com fome. Jantarei às seis.

O comissário de bordo se virou para os Oxenfords e Harry prendeu a respiração.

– Acho que às nove – disse o lorde.

Harry conteve um sorriso de satisfação. Mas lady Oxenford interveio:

– É muito tempo para Percy esperar... Vamos jantar mais cedo.

Tudo bem, pensou Harry, apreensivo, mas não cedo demais, pelo amor de Deus!

– Então sete e meia – falou lorde Oxenford.

Harry ficou aliviado. Estava um passo mais próximo do Delhi Suite.

Nicky olhou para o passageiro em frente a Harry, o sujeito de colete vermelho que parecia um policial. Seu nome era Clive Membury – ele já informara aos outros. Diga sete e meia, pensou Harry, e deixe-me sozinho no compartimento. Mas, para seu desapontamento, o homem não estava com fome e escolheu nove horas.

Mas que droga! Agora Membury permaneceria ali enquanto os Oxenfords comessem. Talvez ele deixasse o compartimento por alguns minutos, pois era um tipo irrequieto, sempre andando de um lado para outro. Mas, se não se retirasse por livre e espontânea vontade, Harry teria que encontrar um jeito de se

livrar dele. Seria bem fácil, se não estivessem num avião: diria que ele era procurado em outra sala, que o chamavam ao telefone ou que havia uma mulher pelada na rua. Ali, deveria ser mais difícil.

– Se não se incomoda, Sr. Vandenpost – acrescentou o comissário de bordo –, o engenheiro de voo e o navegador sentarão à sua mesa.

– Claro que não me importo. – Harry até que gostaria de conversar com alguns tripulantes.

Lorde Oxenford pediu outro uísque. Ali estava um homem com muita sede, como diriam os irlandeses. A esposa se mantinha quieta, muito pálida, com um livro no colo, mas nunca virava a página. Parecia deprimida.

O jovem Percy foi conversar com os tripulantes que descansavam e Margaret veio se sentar ao lado de Harry. Ele inspirou seu perfume e identificou-o como Tosca. Ela tirara o casaco e o ladrão pôde constatar que possuía o mesmo corpo da mãe: era alta, com os ombros retos, o busto cheio e as pernas compridas. As roupas, de boa qualidade mas simples, não lhe faziam justiça; Harry imaginou-a num vestido longo, com um decote profundo, os cabelos ruivos num penteado alto, o pescoço comprido e alvo ornamentado por brincos de esmeraldas de Louis Cartier em seu período indiano... Margaret ficaria deslumbrante. Obviamente, não era assim que se via. Sentia-se envergonhada por ser uma rica aristocrata, por isso se vestia como a esposa de um vigário.

Era uma garota formidável e Harry ficava um pouco intimidado em sua presença, mas também percebia seu lado vulnerável, que achava cativante. Ele pensou: Ora, meu caro Harry, não importa que ela seja atraente. Lembre-se apenas de que representa um perigo para você e precisa tratá-la muito bem. Ele perguntou se Margaret já voara antes.

– Só para Paris, com mamãe.

Harry ficou admirado com tanta indiferença. A mãe dele jamais conheceria Paris nem voaria num avião.

– Como é ser tão privilegiada?

– Sempre detestei essas viagens a Paris. Tinha que tomar chá com ingleses insuportáveis, quando preferia ir a restaurantes enfumaçados, com bandas de negros.

– Minha mãe costumava me levar a Margate – contou Harry. – Eu passeava de bote pelo mar, tomava sorvete e comia peixe com batata frita.

Enquanto as palavras brotavam, ele lembrou que deveria mentir e entrou em pânico. Precisava, na verdade, murmurar algo sobre um colégio interno e uma remota casa no campo, como costumava fazer quando era obrigado a falar sobre sua infância a moças da alta sociedade. Mas Margaret conhecia seu segredo e ninguém mais poderia ouvir o que dizia, em meio ao zumbido dos motores do Clipper. Mesmo assim, ao se descobrir relatando a verdade, Harry sentia-se como se tivesse pulado do avião e esperasse o paraquedas abrir.

– Nunca fomos à praia – comentou Margaret, triste. – Só as pessoas comuns passeiam de bote. Minha irmã e eu invejávamos as crianças pobres. Podiam fazer tudo que quisessem.

Harry achou graça disso. Ali estava mais uma prova de que nascera com sorte: as crianças ricas, desfilando em enormes carros pretos, usando casacos com gola de veludo e comendo carne todos os dias, invejavam sua liberdade de andar descalço e seu peixe com batata frita.

– Lembro-me dos cheiros – continuou Margaret. – O cheiro à porta de uma pastelaria na hora do almoço; o cheiro do óleo nas máquinas quando se passa por um parque de diversões; o cheiro aconchegante de tabaco e cerveja quando a porta de um pub é aberta numa noite de inverno. As pessoas sempre pareciam se divertir nesses lugares. Nunca entrei num pub.

– Não perdeu grande coisa – comentou Harry. – A comida do Ritz é melhor.

– Preferimos o estilo de vida um do outro.

– Mas já experimentei ambos. Sei qual é o melhor.

Ela se mostrou pensativa por um minuto, depois perguntou:

– O que vai fazer da vida?

Era uma pergunta estranha.

– Vou me divertir.

– Não, o que vai fazer de verdade?

– Como assim?

– Todos querem se divertir. O que você vai fazer de fato?

– O que faço agora. – Num súbito impulso, Harry resolveu contar o que nunca revelara antes: – Já leu *O ladrão amador*, de Hornung? – Margaret balançou a cabeça, então ele continuou: – É sobre um ladrão cavalheiro chamado Raffles, que fuma cigarros turcos, usa belas roupas, é convidado para festas e rouba joias. Quero ser como ele.

– Ora, não seja tolo! – exclamou ela de forma ríspida.

Harry ficou um pouco magoado. Ela podia ser brutalmente franca quando achava que alguém dizia uma bobagem. Só que aquilo não era bobagem; era o seu sonho. Agora que abrira o coração, Harry sentia a necessidade de convencê-la.

– Não é uma tolice.

– Mas você não pode ser um ladrão a vida toda. Vai acabar envelhecendo na prisão. Até mesmo Robin Hood, no final, casou-se e se aquietou. Do que você gostaria de verdade?

Harry costumava responder a essa pergunta com uma lista de compras: um apartamento, um carro, mulheres, ternos da Savile Row, belas joias. Mas sabia que Margaret desdenharia tudo isso. Ressentia-se com a atitude da garota, mas, na realidade, suas ambições não eram tão materialistas. Queria muito que ela acreditasse em seus sonhos; para sua surpresa, descobriu-se dizendo coisas que nunca admitira.

– Eu gostaria de viver numa casa grande no campo, com hera crescendo pelas paredes.

Ele se deteve. Sentia-se de repente emocionado. E envergonhado. Mas, por algum motivo, desejava desesperadamente contar tudo a Margaret.

– Uma casa no campo com uma quadra de tênis, estábulos e rododendros por todo o caminho. – Podia contemplá-la em sua imaginação, e parecia o lugar mais seguro e mais confortável do mundo. – Andaria pelo terreno de botas marrons e terno de tweed, falaria com os jardineiros e cavaleiros, todos pensariam que eu era um aristocrata de verdade. Aplicaria todo o meu dinheiro em investimentos sólidos e jamais gastaria mais da metade da renda. No verão, ofereceria festas no jardim, servindo morangos com creme. E teria cinco filhas, todas lindas como a mãe.

– Cinco? – Ela riu. – É melhor se casar com uma mulher bem forte! – Margaret voltou a ficar séria no instante seguinte e acrescentou: – É um sonho adorável. Espero que se transforme em realidade.

Harry sentia-se muito íntimo da jovem, como se pudesse lhe perguntar qualquer coisa.

– E você, não tem um sonho?

– Quero ajudar na guerra. Vou me alistar no STA.

Ainda soava estranho falar de mulheres ingressantes no Exército, mas já era bastante comum agora.

– O que você faria?

– Dirigiria. Precisam muito de mulheres como mensageiras e motoristas de ambulância.

– Seria perigoso.

– Sei disso, e não me importo. Quero apenas participar da luta. Esta é a nossa última chance de deter o fascismo.

Margaret projetava o queixo para a frente, com um olhar destemido, e Harry achou-a extremamente corajosa.

– Parece bastante determinada.

– Tive um... amigo que foi morto pelos fascistas, na Espanha, e quero terminar o trabalho que ele começou – explicou ela, triste.

Num súbito impulso, Harry perguntou:

– Você o amava?

Margaret assentiu. Harry percebeu que ela estava à beira das lágrimas. Num gesto de empatia, tocou no braço da garota.

– Ainda o ama?

– Sempre o amarei. – Ela acrescentou num sussurro: – O nome dele era Ian.

Harry sentiu um nó na garganta. Queria tomá-la nos braços, confortá-la. Era o que teria feito não fosse o pai de rosto avermelhado sentado no outro lado do compartimento, bebendo uísque e lendo o *Times*. Teve que se contentar em apertar a mão de Margaret, num gesto rápido e discreto. Ela sorriu, agradecida, parecendo compreender. Foi nesse instante que Nicky anunciou:

– O jantar está servido, Sr. Vandenpost.

Harry se surpreendeu ao constatar que já eram seis horas. Lamentou interromper a conversa com Margaret. Ela leu seus pensamentos e comentou:

– Teremos muito mais tempo para conversar. Estaremos juntos durante as próximas 24 horas.

– Tem razão. – Ele sorriu e tornou a tocar a mão da jovem. – Até mais tarde – murmurou.

Começara a fazer amizade com ela para manipulá-la, lembrou-se Harry. Acabara lhe contando todos os segredos. Margaret tinha um jeito de inverter seus planos que o preocupava. Mas o pior de tudo era que ele estava gostando.

Passou para o compartimento seguinte. Ficou surpreso ao descobrir que fora completamente transformado, de um lounge numa sala de jantar. Havia três mesas, cada uma para quatro pessoas, além dos móveis menores de serviço. Era como um

bom restaurante, com toalhas e guardanapos de linho e porcelanas brancas com o logotipo da Pan American. Harry notou que as paredes estavam cobertas por um papel de parede com o mapa-múndi e o mesmo símbolo alado da companhia aérea.

O comissário de bordo o conduziu a uma cadeira diante de um homem baixo e corpulento, num terno cinza-claro que Harry invejou. A gravata tinha um alfinete com uma pérola grande, genuína. Harry se apresentou, o desconhecido estendeu a mão e disse:

– Tom Luther.

Harry viu que as abotoaduras combinavam com o alfinete. Ali estava alguém que de fato gastava dinheiro com joias. Sentou-se e desdobrou o guardanapo. Luther tinha sotaque americano com certa entonação europeia.

– De onde é, Tom? – indagou, sondando.

– Providence, Rhode Island. E você?

– Filadélfia. – Harry desejou saber onde ficava a cidade. – Mas vivi em muitos lugares. Meu pai trabalhava com seguros.

Luther assentiu polidamente, sem muito interesse, o que convinha a Harry. Não queria ser interrogado sobre seus antecedentes: era bem capaz de cometer um equívoco.

Os dois tripulantes chegaram e se apresentaram. Eddie Deakin, o engenheiro de voo, tinha ombros largos, cabelos ruivos, um rosto simpático: pareceu a Harry que ele adoraria afrouxar a gravata e tirar o paletó. Jack Ashford, o navegador, tinha cabelos escuros e a sombra de uma barba, um homem meticuloso que dava a impressão de ter nascido de uniforme.

Assim que eles se sentaram, Harry percebeu uma hostilidade entre Eddie e Luther, algo bem interessante.

O jantar começou com coquetel de camarão. Os dois tripulantes beberam Coca-Cola. Harry tomou um copo de vinho branco do Reno e Luther pediu um martíni.

Harry ainda pensava em Margaret Oxenford e seu namorado morto na Espanha. Olhou pela janela, tentando imaginar quanto a jovem ainda sentia o falecimento do rapaz. Um ano era muito tempo, ainda mais na idade dela. Jack Ashford acompanhou seu olhar e comentou:

– Tivemos sorte com o tempo, pelo menos até agora.

Harry notou que o céu estava limpo, o sol se refletia nas asas.

– Como costuma ser?

– Às vezes chove durante todo o percurso da Irlanda à Terra Nova – informou Jack. – Passamos por granizo, neve, gelo, trovoadas e raios.

Harry se lembrou de uma coisa que tinha lido.

– O gelo não é perigoso?

– Planejamos a rota para evitar as condições de congelamento. Mas, de qualquer forma, o avião tem coberturas de borracha.

– Como assim?

– Elas são ajustadas às asas e à cauda, que tendem a congelar.

– Mas qual é a previsão para o resto da viagem?

Jack hesitou por um instante e Harry compreendeu que ele preferia não comentar o tempo.

– Deve cair uma tempestade no Atlântico.

– Muito forte?

– No centro, é forte, mas vamos apenas contorná-la, espero.

Ele não parecia muito convencido. Luther perguntou:

– Como é estar no meio de uma tempestade?

Ele estava sorrindo, mas Harry viu medo nos seus olhos azul-claros.

– Alguns solavancos – respondeu o navegador, porém não explicou mais nada.

Olhando para Luther, Eddie completou:

– É como tentar montar um cavalo selvagem.

Luther empalideceu. Jack franziu o rosto para Eddie, numa desaprovação visível à sua falta de tato.

O prato seguinte foi sopa de tartaruga. Os dois comissários, Nicky e Davy, serviam agora, com a eficiência informal que Harry apreciava. Para ele, ambos eram homossexuais.

O engenheiro de voo parecia preocupado. Harry observou-o discretamente. Não dava a impressão de ser do tipo soturno: tinha um rosto franco e alegre. Numa tentativa de puxar conversa, o impostor perguntou:

– Quem cuida do avião enquanto você janta, Eddie?

– Meu assistente, Mickey Finn – falou Eddie, em tom amável, embora não sorrisse. – A tripulação é de nove homens, sem contar os dois comissários. À exceção do comandante, todos trabalham em turnos alternados de quatro horas. Jack e eu estamos de serviço desde que decolamos de Southampton, às duas da tarde, portanto nosso intervalo começou às seis, poucos minutos atrás.

– E o comandante? – indagou Luther, preocupado. – Ele toma pílulas para permanecer acordado?

– Ele cochila quando pode – explicou Eddie. – Provavelmente vai descansar bastante depois que passarmos pelo ponto sem volta.

– Quer dizer que continuaremos a voar enquanto o comandante dorme? – insistiu Luther, a voz um pouco alta demais.

– Isso mesmo – confirmou Eddie, sorrindo.

Luther parecia apavorado. Harry tentou desviar a conversa para águas mais serenas:

– O que é ponto sem volta?

– Controlamos as reservas de combustível constantemente. Quando não há gasolina suficiente para retornar a Foynes, passamos pelo ponto sem volta – respondeu Eddie em tom brusco, e Harry agora não tinha mais dúvida de que o engenheiro

de voo queria assustar Luther.

O navegador interveio, procurando tranquilizar:

– Neste momento, dispomos de combustível para alcançar nosso destino ou para voltar.

– Mas o que acontece se não tiverem o suficiente para chegar lá nem para voltar? – perguntou Luther.

Eddie se inclinou sobre a mesa, sorrindo sem qualquer humor.

– Confie em mim, Sr. Luther.

– Isso nunca aconteceria – apressou-se em explicar Jack. – Voltaríamos para Foynes antes de chegar a esse ponto. Como precaução, fazemos os cálculos baseados em três motores, em vez de quatro, só para o caso de um motor dar problema.

Jack tentava restaurar a confiança de Luther, mas é claro que falar de voar sem um motor só o apavorou mais. Ele tentou tomar a sopa, mas a mão tremia tanto que derramou um pouco na gravata.

Eddie se manteve em silêncio, aparentemente satisfeito. Jack tentou falar amenidades e Harry fez o melhor que pôde para ajudar, mas o clima era de constrangimento. O impostor não podia deixar de imaginar o que estaria acontecendo entre o tripulante e o passageiro.

A sala de jantar logo ficou cheia. A linda mulher com vestido de bolinhas sentou-se na mesa ao lado, com o companheiro de blazer azul. Harry descobrira que seus nomes eram Diana Lovesey e Mark Alder. Margaret deveria se vestir como aquela jovem, pensou Harry: ficaria ainda melhor. A Sra. Lovesey, no entanto, não dava a impressão de que estava feliz – na verdade, parecia muito angustiada.

O serviço era rápido e a comida, excelente. O prato principal foi filé-mignon com aspargos ao molho holandês e purê de batatas. A carne era duas vezes maior que a de qualquer restaurante inglês. Harry não comeu tudo e recusou outro copo

de vinho. Queria se manter alerta. Ia roubar o Delhi Suite. O plano o excitava, mas também o deixava apreensivo. Seria o maior trabalho de sua carreira, e poderia ser o último, se assim decidisse. Deveria lhe valer aquela casa no campo, com as paredes cobertas de hera e uma quadra de tênis.

Depois do filé, serviram uma salada, o que surpreendeu Harry. Não costumava haver saladas nos restaurantes luxuosos de Londres, muito menos como um prato separado, depois do principal.

Pêssego Melba, café e petit-four se seguiram em rápida sucessão. Eddie pareceu se dar conta de que estava sendo pouco sociável e fez um esforço para conversar:

– Posso perguntar qual é o propósito de sua viagem, Sr. Vandenpost?

– Acho que quero ficar longe do caminho de Hitler – respondeu Harry. – Pelo menos até os Estados Unidos entrarem na guerra.

– Acha que isso acontecerá? – indagou Eddie, cético.

– Entraram na última vez.

– Não temos nenhuma divergência com os nazistas – interveio Luther. – Eles são contra os comunistas, e nós também.

Jack assentiu. Harry ficou confuso, pois, na Inglaterra, todos pensavam que os Estados Unidos entrariam na guerra. Naquela mesa, no entanto, não havia essa suposição. Talvez os britânicos estivessem se iludindo, pensou ele, pessimista. Talvez não houvesse nenhuma ajuda da parte dos americanos. Essa seria uma péssima notícia para a mãe, em Londres.

– Creio que sejamos obrigados a combater os nazistas – retrucou Eddie, num tom raivoso, e olhando para Luther acrescentou: – Eles são como gângsteres. Pessoas assim devem ser exterminadas como ratos.

Jack se levantou abruptamente, preocupado, e disse com firmeza:

– Se já acabamos, Eddie, é melhor descansarmos um pouco.

O engenheiro se surpreendeu com a súbita sugestão, mas, depois de um momento, aquiesceu e os dois tripulantes se retiraram.

– Esse cara foi um tanto grosseiro – comentou Harry.

– Foi? – murmurou Luther. – Nem percebi.

Seu mentiroso, ele praticamente o chamou de gângster!, pensou Harry.

Luther pediu um conhaque. O rapaz se perguntou se ele seria de fato um gângster. Os que conhecera em Londres eram muito mais pomposos: usavam vários anéis, casacos de pele e sapatos bicolores. Aquele passageiro mais parecia um milionário que enriquecera com o próprio esforço, dono de um frigorífico ou estaleiro, qualquer coisa industrial. Num impulso, Harry resolveu perguntar:

– O que você faz para ganhar a vida, Tom?

– Sou um empresário em Rhode Island.

Não era uma resposta muito satisfatória. Pouco depois, Harry se pôs de pé, fez um meneio de cabeça polido e se retirou. Ao entrar no compartimento, lorde Oxenford perguntou abruptamente:

– O jantar presta?

Harry adorara, mas as pessoas das classes superiores nunca se mostravam muito entusiasmadas com a comida.

– Não é dos piores – respondeu ele, em tom neutro. – E há um vinho branco do Reno passável.

Oxenford bufou e tornou a se concentrar no jornal. Não há ninguém tão grosseiro quanto um lorde grosseiro, pensou Harry. Margaret sorriu, aparentando satisfação ao tornar a vê-lo.

– Como foi de verdade? – perguntou ela, num sussurro conspiratório.

– Delicioso – respondeu, e os dois riram.

Margaret ficava diferente quando ria. Em geral, era pálida e

discreta, mas agora as bochechas estavam rosadas e ela exibia duas fileiras de dentes regulares ao sorrir, balançando os cabelos e deixando escapar um riso gutural que Harry achou muito sexy. Teve vontade de se inclinar através do estreito corredor para tocá-la. Já ia fazê-lo quando percebeu que era observado por Clive Membury, sentado à sua frente, e por algum motivo tratou de resistir ao impulso.

– Uma tempestade vai cair sobre o Atlântico – informou ele a Margaret.

– Isso significa que teremos uma viagem difícil?

– Exatamente. Tentaremos contornar a tempestade, mas ainda assim haverá turbulência.

Era difícil conversar, pois os comissários passavam a todo instante pelo corredor entre os dois, levando comida para a sala de jantar e voltando com bandejas de pratos sujos. Harry estava impressionado com o fato de apenas dois homens serem capazes de cozinhar e servir tantas refeições.

Ele pegou um exemplar da *Life* que Margaret descartara e começou a folheá-lo enquanto esperava impaciente que os Oxenfords fossem jantar. Não comprara livros ou revistas; não era muito de ler. Gostava de verificar o que saía no jornal, mas, como diversão, preferia o rádio e o cinema.

Por fim, os Oxenfords foram chamados para o jantar e Harry ficou sozinho com Membury. O homem se sentara no lounge principal, jogando cartas, na primeira etapa da viagem, mas agora se mantinha em seu lugar, já que a área de convivência fora convertida em sala de jantar. Talvez ele vá ao banheiro, pensou Harry. Ou talvez eu que vá antes de ser pego.

Ele especulou mais uma vez se o passageiro era policial. Se fosse, o que estaria fazendo no Clipper? Se seguia um suspeito, o crime devia ser muito importante para que a polícia britânica comprasse uma passagem naquele hidroavião. Mas também, quem sabe, era uma dessas pessoas que economizavam por

anos e anos para realizar o sonho de embarcar num cruzeiro descendo o Nilo ou fazer uma viagem no Expresso do Oriente. Podia ser um fanático por aviões que queria fazer o grande voo transatlântico. Se este for o caso, espero que esteja se divertindo. Noventa libras é muito dinheiro para um policial, pensou Harry.

A paciência não era seu ponto forte. Depois de meia hora, como o homem não se mexia, resolveu cuidar do problema.

– Já estive no convés de voo, Sr. Membury?

– Não...

– Parece que é sensacional. Dizem que é tão grande quanto todo o interior de um Douglas DC-3, que já é um avião bem grande.

– Incrível.

Membury demonstrava um interesse apenas cortês, portanto não era entusiasta de aviação.

– Precisamos dar uma olhada. – Harry deteve Nicky, que passava com uma terrina de sopa de tartaruga. – Os passageiros podem visitar o convés de voo?

– Claro que podem, e são bem-vindos!

– Esta é uma boa hora?

– Não poderia haver melhor, Sr. Vandenpost. Não estamos pousando nem decolando, tripulação sem mudança de turno, tempo calmo. Não poderia escolher uma ocasião melhor.

Harry torcera para que ele dissesse isso. Levantou-se e olhou para Membury, na expectativa:

– Vamos?

O homem deu a impressão de que ia recusar. Não era do tipo que se deixava pressionar com facilidade. Por outro lado, poderia parecer grosseria se recusar a conhecer o convés de voo – talvez Membury não quisesse se mostrar desagradável. Depois de um momento de hesitação, ele também ficou de pé, murmurando:

– Está bem.

Harry o levou para a parte dianteira da aeronave, passando pela cozinha e pelo banheiro dos homens, virou à direita e subiu a escada de caracol. Saiu no convés de voo. Membury vinha logo atrás.

Harry olhou ao redor. Era bem diferente do que imaginava ser um cockpit. Limpo e confortável, mais parecia um escritório num prédio moderno. Os companheiros de jantar de Harry – o engenheiro de voo e o navegador – não se encontravam ali, já que estavam descansando; aquele era o turno alternativo. O comandante, no entanto, sentava-se a uma mesa pequena no fundo da cabine. Ergueu os olhos e sorriu amavelmente.

– Boa noite, senhores. Gostariam de fazer um tour?

– Claro – respondeu Harry. – Mas me esqueci de trazer a câmera. Poderia tirar fotos?

– Claro que sim.

– Volto num instante.

Ele desceu apressado, satisfeito consigo mesmo, mas também um pouco tenso. Afastara Membury do compartimento por algum tempo, mas a busca teria que ser bem rápida.

Entrou na cabine. Um dos comissários estava na cozinha, o outro, na sala de jantar. Teria preferido esperar até que ambos estivessem ocupados servindo às mesas, garantindo que não passariam por ali nos minutos seguintes. Mas não havia tempo para isso. Precisaria arriscar ser interrompido.

Puxou a mala de lady Oxenford de baixo do assento. Muito grande e pesada para uma bagagem de mão, porém o mais provável era que ela não a carregasse pessoalmente. Harry colocou-a no divã e abriu-a. Não estava trancada – mau sinal. Nem mesmo a nobre podia ser tão inocente a ponto de negligenciar joias de valor inestimável.

Mesmo assim, vasculhou-a rapidamente, observando pelo canto dos olhos se alguém entrava. Havia perfumes e

maquiagem, um conjunto de escova e pente com cabo de prata, um penhoar marrom-avermelhado, uma camisola, chinelos graciosos, roupas íntimas de seda cor de pêssego, meias, uma nécessaire com escova de dentes e artigos de higiene habituais, e um livro com poemas de Blake... mas nada de joias.

Harry praguejou baixinho. Achava que aquele seria o lugar mais provável. Agora, começava a duvidar de toda a sua teoria.

A busca levava cerca de vinte segundos. Fechou a mala e tornou a guardá-la sob o assento.

Perguntou a si mesmo se ela não teria pedido ao marido para levar as joias. Olhou para a mala debaixo do assento de lorde Oxenford. Os comissários ainda estavam ocupados. Resolveu tentar a sorte.

Puxou a mala do nobre. Era como uma bolsa, mas de couro. Tinha um zíper em cima, com um pequeno cadeado. Harry sempre levava um pequeno canivete para situações assim. Usou-o para abri-lo, depois puxou o zíper.

Enquanto verificava o conteúdo, Davy passou pelo compartimento, trazendo da cozinha uma bandeja com drinques. Harry fitou-o e sorriu. O comissário olhou para a mala. O ladrão prendeu a respiração e manteve o sorriso. Davy seguiu para a sala de jantar; presumira que a bagagem pertencia a Harry.

O jovem voltou a respirar. Era um mestre em desarmar suspeitas, mas sempre ficava apavorado.

A mala continha o equivalente masculino ao que a esposa carregava: artigos para fazer a barba, óleo para os cabelos, pijama listrado, roupa de baixo de flanela e uma biografia de Napoleão. Harry fechou-a e tornou a prender o cadeado. Oxenford o encontraria quebrado, iria querer saber o que tinha acontecido. Se ficasse desconfiado, verificaria se faltava algo. Constatando que tudo continuava ali, pensaria que o cadeado era defeituoso.

Harry pôs a mala no lugar. Conseguira fazer a busca sem ser

descoberto, mas não encontrara o Delhi Suite.

Era pouco provável que os filhos estivessem levando as joias, mas ainda assim, imprudente, decidiu revistar a bagagem dos dois.

Se lorde Oxenford quisesse ser esperto e tivesse guardado as joias na bagagem dos filhos, devia ter escolhido Percy, que ficaria empolgado com a conspiração, em vez de Margaret, sempre disposta a desafiar o pai.

Harry pegou a bolsa de lona do garoto e a pôs no assento onde examinara a mala de lorde Oxenford. Se Davy tornasse a passar, pensaria que era a mesma bagagem.

Os pertences de Percy estavam arrumados de forma tão meticulosa que Harry teve certeza de que era trabalho de algum criado. Nenhum garoto normal de 15 anos dobraria o pijama e o envolveria com papel de seda. A nécessaire continha uma escova e uma pasta de dente novas. Havia um jogo de xadrez portátil, algumas revistas em quadrinhos e um pacote de biscoitos de chocolate – guardado ali, pensou Harry, por uma criada afetuosa. Fuçou o jogo, folheou as revistas, abriu a embalagem, mas não encontrou as joias.

Enquanto guardava a bolsa, um homem passou pelo compartimento a caminho do banheiro. Harry ignorou-o.

Não podia acreditar que lady Oxenford tivesse deixado o Delhi Suite na Inglaterra, um país que poderia ser invadido e conquistado dali a poucas semanas. Mas ela não usava nem carregava o conjunto, pelo menos era o que Harry notara. Se não estivesse na mala de Margaret, só poderia estar guardado na bagagem lá em cima, que seria difícil de alcançar. Como entrar no compartimento de carga de um avião em pleno ar? A alternativa seria seguir os Oxenfords até o hotel em Nova York...

O comandante e Clive Membury já deviam estar se perguntando por que ele demorava tanto para pegar a câmara.

Harry pegou a mala de Margaret. Parecia um presente de

aniversário: pequena, macia, de couro creme, com os cantos arredondados e lindos acessórios de metal. Ao abri-la, sentiu o Tosca, o perfume da jovem. Encontrou uma camisola de algodão, com estampa de florezinhas, e tentou imaginá-la vestindo aquilo... Infantil demais. As roupas de baixo eram simples, de algodão branco. Harry se perguntou se ela ainda seria virgem. Havia uma pequena fotografia emoldurada de um rapaz em torno dos 21 anos, bonito, de cabelos escuros compridos, sobrancelhas pretas, usando uma toga de estudante e um barrete de formatura: devia ser o que morrera na Espanha. Margaret teria ido para a cama com ele? Harry achava que sim, apesar de sua calcinha de colegial. Ela estava lendo um romance de D. H. Lawrence. Aposto que a mãe não sabe disso, pensou Harry. Havia uma pilha de lenços de linho, com “M. O.” bordado. Recendiam a Tosca.

As joias também não estavam ali. Mas que droga!

Harry decidiu pegar um dos lenços perfumados como lembrança. Nesse exato instante, Davy passou com uma bandeja cheia de tigelas de sopa.

Olhou para Harry e parou, franzindo a testa. A mala de Margaret era muito diferente da bolsa de lorde Oxenford. Era evidente que Harry não podia ser o proprietário das duas; portanto, estava bisbilhotando a bagagem de outras pessoas.

Davy fitou-o em silêncio por um momento, obviamente desconfiado, mas também com medo de acusar um passageiro. Por fim, balbuciou:

– Senhor... essa mala é sua?

Harry mostrou o lencinho de Margaret.

– Acha que eu assoaria o nariz com isto?

Ele fechou a mala e guardou-a no lugar. Davy ainda parecia preocupado e Harry acrescentou:

– Ela pediu que eu o buscasse. As coisas que fazemos...

A expressão do comissário mudou, passando para

constrangimento.

– Desculpe, senhor, mas espero que compreenda...

– Fico feliz que você se mantenha atento – comentou Harry. – Continue com o bom trabalho.

Ele deu um tapinha no ombro de Davy. Agora precisava entregar a droga do lenço a Margaret, a fim de dar credibilidade à história. Foi até a sala de jantar. Ela estava a uma mesa, com os pais e o irmão. Harry estendeu o lenço, dizendo:

– Você deixou cair isto.

– É mesmo? – indagou Margaret, surpresa. – Obrigada!

– De nada.

Harry se apressou em sair. Será que Davy conferiria sua história, perguntando se ela pedira que Harry fosse buscar um lenço limpo? Achava que não.

Ele voltou para seu compartimento, passou pela cozinha, onde Davy empilhava pratos sujos, e subiu a escada de caracol. Como conseguiria acessar o restante da bagagem? Nem mesmo sabia onde ficava: não a vira ser levada a bordo. Mas tinha que haver um jeito.

O comandante explicava a Membury como navegavam através do oceano sem pontos de referência.

– Na maior parte do tempo, estamos fora do alcance dos transmissores de rádio, por isso as estrelas nos proporcionam a melhor orientação... quando podemos avistá-las.

Membury olhou para Harry, indagando bruscamente:

– Não trouxe a câmera?

Era um policial, com toda a certeza, concluiu Harry.

– Esqueci de trazer filme. Muita burrice, não é mesmo? – Ele olhou ao redor. – Como se pode ver as estrelas daqui?

– O navegador sai pela janela por um momento – respondeu o comandante, sério. Depois, sorriu e acrescentou: – Estou brincando. Há um observatório. Vou mostrar.

Ele abriu uma porta no fundo do convés de voo e passou para

o outro lado. Harry seguiu-o, descobrindo-se num corredor estreito. Baker apontou.

– Este é o domo de observação.

Harry ergueu os olhos sem muito interesse: sua mente ainda se concentrava nas joias de lady Oxenford. Havia uma bolha de vidro no teto, com uma escada de corda presa a um gancho no lado.

– Ele sobe aqui com seu octante a qualquer momento em que haja uma brecha nas nuvens. E aqui também há a escotilha para se carregar a bagagem.

Harry tornou-se subitamente atento.

– A bagagem entra pelo teto?

– Isso mesmo.

– E onde é guardada?

O comandante apontou para as duas portas nas laterais do estreito corredor.

– Nos compartimentos de carga.

Harry mal podia acreditar em sua sorte.

– Quer dizer que toda a bagagem está bem aqui, atrás dessas portas?

– Exatamente.

Harry experimentou uma delas; não estava trancada. Deu uma olhada no interior. Avistou as malas e os baús dos passageiros, empilhados com todo o cuidado e presos com cordas e suportes, a fim de não se deslocarem durante o voo.

Em algum lugar ali estava o Delhi Suite e uma vida de luxo para Harry Marks.

Clive Membury olhou por cima do ombro dele e murmurou:

– Fascinante...

– Realmente fascinante – concordou Harry.

CAPÍTULO CATORZE

MARGARET ESTAVA BEM ANIMADA. Já quase não lembrava que, na verdade, não queria ir para a América. Mal podia acreditar que fizera amizade com um ladrão de verdade! Em circunstâncias normais, se alguém dissesse “sou um ladrão”, ela não acreditaria. Mas, no caso de Harry, sabia que era verdade, porque o conhecera na delegacia, vira-o ser acusado.

Ela sempre fora fascinada por pessoas que viviam à margem do mundo social ordenado: criminosos, boêmios, anarquistas, prostitutas e vagabundos. Pareciam tão livres... É verdade que não eram livres para pedir champanhe, voar para os Estados Unidos ou enviar os filhos à universidade – ela não era tão ingênua a ponto de ignorar as limitações de ser um pária. Mas pessoas como Harry nunca precisavam fazer algo porque assim lhes fora ordenado, o que, para Margaret, parecia maravilhoso. Ela sonhava em ser uma guerrilheira, vivendo nas montanhas, usando calça comprida, carregando um rifle, roubando comida e dormindo sob as estrelas, sem nunca ter as roupas passadas a ferro...

Jamais conhecera pessoas assim; se conhecera, não as identificara pelo que eram – não se sentara num portal na “rua de pior fama de Londres” sem se dar conta de que seria tomada por uma prostituta? A impressão era de que isso acontecera séculos antes, embora tivesse sido apenas na noite anterior.

Harry fora a coisa mais interessante que lhe ocorrera em muito tempo. Ele representava tudo o que Margaret desejava. Podia fazer o que desse na telha! Naquela manhã, decidira partir para os Estados Unidos; à tarde já se encontrava a caminho. Se quisesse dançar durante a noite inteira e dormir de dia, assim

seria. Comia e bebia o que desejava, quando tinha vontade, no Ritz, num pub ou a bordo do Clipper. Podia ingressar no Partido Comunista e depois sair, sem dar explicações a ninguém. Quando precisava de dinheiro, simplesmente tomava de pessoas que possuíam mais do que mereciam. Era um espírito livre!

Margaret queria saber mais sobre ele e ressentiu-se do tempo que precisou desperdiçar no jantar sem a sua companhia.

O barão Gabon e Carl Hartmann sentavam-se à mesa ao lado dos Oxenfords. O pai lhes lançara um olhar irritado quando entraram, talvez porque fossem judeus. Ollis Field e Frank Gordon dividiam a mesa com os dois. O primeiro era um tipo apagado, mais velho, inteiramente calvo; o segundo, apenas um pouco mais velho do que Harry, era um jovem bonito, embora houvesse algo de brutal na expressão da boca. Ambos provocaram alguns comentários por serem os únicos a permanecerem no avião em Foynes.

À terceira mesa sentavam-se Lulu Bell e a princesa Lavinia, que se queixou em voz alta do excesso de sal no molho do coquetel de camarão. Com elas estavam as duas pessoas que embarcaram no Clipper em Foynes: o Sr. Lovesey e a Sra. Lenehan. Percy informara que os novos passageiros partilhavam a suíte nupcial, embora não fossem casados. Margaret ficou surpresa com o fato de a Pan American permitir isso. Talvez estivessem violando as regras porque havia muitas pessoas ansiosas por viajar para a América.

Percy se acomodou para jantar com um solidéu preto judaico na cabeça. Margaret não pôde deixar de rir. Onde ele conseguira aquilo? O pai o arrancou, rosnando, furioso:

– Garoto idiota!

A mãe exibia o mesmo olhar vidrado desde que parara de chorar por causa de Elizabeth. Ela comentou vagamente:

– Parece muito cedo para jantar.

– Já são sete e meia – retrucou o pai.

– Por que não escureceu ainda?

– Já escureceu lá na Inglaterra – explicou Percy. – Mas estamos a quase 500 quilômetros da costa irlandesa, voando atrás do sol.

– Mas vai acabar escurecendo mais cedo ou mais tarde.

– Creio que por volta das nove – informou Percy.

– Isso é ótimo – murmurou a mãe.

– Sabia que, se viajássemos depressa o bastante, poderíamos acompanhar o sol e nunca ficaria escuro?

O pai interveio, condescendente:

– Acho que não há a menor possibilidade de os homens construírem aviões tão rápidos.

Nicky trouxe o primeiro prato.

– Não para mim, obrigado – falou Percy. – Camarões não são kosher.

O comissário fitou-o, surpreso, mas não disse nada. O pai ficou vermelho. Margaret se apressou em mudar de assunto:

– Quando chegaremos à próxima escala, Percy?

Ele sempre sabia dessas coisas.

– A duração da viagem até Botwood é de dezesseis horas e meia. Devemos chegar por volta das nove da manhã, no horário de verão britânico.

– Mas que horas serão lá?

– A Terra Nova tem uma diferença de três horas e meia a menos em relação a Greenwich.

– Três horas e *meia*? – indagou Margaret. – Eu não sabia que havia lugares com diferença de meia hora.

– Botwood também está no horário de verão – continuou Percy –, como a Inglaterra. Portanto, ao pousarmos, serão cinco e meia da madrugada lá.

– Não vou conseguir acordar – murmurou a mãe, cansada.

– Vai, sim – garantiu Percy, impaciente. – Estará se sentindo como se fossem nove da manhã.

– Os meninos de hoje são muito espertos nessas coisas técnicas – comentou a mãe.

Ela irritava Margaret quando fingia ser estúpida. Achava que não era feminino compreender as tecnicidades. *Homens não gostam quando as moças são espertas demais, querida*, dissera à filha mais de uma vez.

Margaret não discutia mais com a mãe, porém se recusava a acreditar nisso. Em sua opinião, só os homens burros pensavam assim. Os inteligentes gostavam de mulheres inteligentes.

Ela se deu conta das vozes um pouco alteradas na mesa ao lado. O barão Gabon e Carl Hartmann discutiam enquanto seus companheiros de jantar os observavam, num silêncio perturbado. Margaret já percebera que o banqueiro e o cientista sempre estavam empenhados num debate profundo. Talvez não fosse algo tão surpreendente: se você conversasse com um dos maiores cérebros do mundo, não poderia falar de assuntos insignificantes. Ela ouviu a palavra “Palestina”; deviam estar falando sobre o sionismo. Margaret lançou um olhar nervoso para o pai. Ele também ouvira e parecia contrariado. Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, Margaret comentou:

– Vamos voar através de uma tempestade. Pode haver turbulência.

– Como sabe? – indagou Percy.

Havia um quê de ciúme em sua voz: ele era o perito em detalhes de voo, não Margaret.

– Harry me contou.

– E como *ele* soube?

– Jantou com o engenheiro de voo e o navegador.

– Não estou com medo – declarou Percy, num tom que indicava o contrário.

Não ocorrera a Margaret se preocupar com a tempestade. Podia ser desagradável, mas certamente não havia perigo, certo?

O pai esvaziou o copo e pediu ao comissário, irritado, que trouxesse mais vinho. Será que ele se assustara com a perspectiva da tempestade? Margaret já notara que o pai vinha bebendo mais do que o habitual. Seu rosto estava mais vermelho e seus olhos claros pareciam febris. Seria nervosismo? Talvez ele ainda se sentisse transtornado por causa de Elizabeth.

– Margaret, você deve conversar mais com o silencioso Sr. Membury – sugeriu a mãe.

Margaret ficou surpresa.

– Por quê? Dá a impressão de que prefere que o deixem em paz.

– Acho que ele é apenas tímido.

Não era típico da mãe se compadecer de pessoas tímidas, ainda mais se eram, como o Sr. Membury, inequivocamente da classe média.

– Fale logo, mãe. O que você está querendo?

– Apenas não quero que passe a viagem inteira conversando com o Sr. Vandenpost.

Era exatamente o que Margaret pretendia fazer.

– E por que não?

– Ele é da sua idade, já deve ter percebido, e você não quer que ele fique com certas ideias.

– Pode ser que eu queira que ele fique com certas ideias. Afinal, é muito bonito.

– Não, querida – insistiu a mãe, com firmeza. – Há algo nele que não combina.

Claro, não combinava com as classes superiores. Como muitos estrangeiros que se casavam na aristocracia, a mãe era ainda mais esnobe do que os ingleses. Isso também significava que ela não se convencera por completo da atuação de Harry como um jovem e rico americano. As antenas sociais da mãe eram infalíveis.

– Mas você disse que conhecia os Vandenposts da Filadélfia

– lembrou Margaret.

– E conheço, mas, agora que pensei a respeito, tenho certeza de que ele não é dessa família.

– Posso conversar com ele só para puni-la por ser tão esnobe, mamãe.

– Não é esnobismo, querida, mas uma questão de classe. Esnobismo é vulgar.

Margaret desistiu. A armadura de superioridade da mãe era impenetrável. Não adiantava argumentar com ela. Mas a jovem não tinha a menor intenção de obedecer. Harry era interessante demais.

– Quem será o Sr. Membury? – especulou Percy. – Gostei do colete vermelho dele. Ele não parece um viajante transatlântico comum.

– Creio que seja um funcionário público – sugeriu a mãe.

É exatamente o que ele parece, pensou Margaret. A mãe tinha o olho bem aguçado para essas coisas.

– Deve trabalhar para a companhia aérea – sugeriu o pai.

– Mais parece um funcionário público – insistiu a mãe.

Os comissários trouxeram o prato principal. Lady Oxenford recusou o filé-mignon.

– Não como nada cozido – disse a Nicky. – Traga-me apenas um pouco de aipo e caviar.

Margaret ouviu Gabon dizer na mesa ao lado:

– Devemos ter nossa própria terra... Não há outra solução!

– Mas você admitiu que precisará ser um estado militarizado... – replicou Hartmann.

– Para a defesa contra vizinhos hostis!

– E admite que precisará discriminar os árabes em favor dos judeus... Mas militarismo e racismo juntos dão origem ao fascismo, que é justamente aquilo contra o que estaria lutando!

– Não fale tão alto – pediu o barão, e os dois baixaram as vozes.

Em circunstâncias normais, Margaret teria se interessado pela discussão: conversara muitas vezes sobre esse assunto com Ian. Os socialistas se dividiam em relação à Palestina. Alguns diziam que era a oportunidade de criar um Estado ideal; outros, que ela pertencia às pessoas que viviam ali e não podia ser “dada” aos judeus, assim como Irlanda, Hong Kong ou Texas. O fato de muitos socialistas serem judeus só complicava a questão.

Contudo, agora ela queria apenas que Gabon e Hartmann falassem baixo, a fim de que o pai não os ouvisse.

Infelizmente, isso não seria possível. Eles discutiam algo que calava fundo em seus corações. O cientista tornou a allear a voz:

– Não quero viver num estado racista!

– Não sabia que estávamos viajando com um bando de judeus – comentou o pai em voz alta.

– *Oy vey* – murmurou Percy.

Margaret olhou consternada para o pai. Houve um tempo em que sua filosofia política fazia algum sentido. Quando milhões de pessoas capazes estavam desempregadas e famintas, parecia corajoso dizer que o capitalismo e o socialismo haviam fracassado e que a democracia de nada servia ao homem comum. Era atraente pensar num Estado todo-poderoso comandando tudo, sob a liderança de um ditador benevolente. Mas esses ideais elevados e essas políticas ousadas tinham agora degenerado naquele fanatismo insensato. Certa vez, Margaret pensara no pai ao encontrar um exemplar de *Hamlet* na biblioteca em casa e ler a frase: *Ó, que nobre mente aqui se aniquilou!*

Ela achava que os homens não tinham ouvido o comentário grosseiro do pai, pois ele estava de costas, ao passo que os dois se achavam absortos no debate. A fim de desviar a atenção do barão, Margaret perguntou vivamente:

– A que horas devemos nos deitar?

– Eu gostaria de me deitar cedo – disse Percy.

Isso era incomum, mas ele estava ansioso pela novidade de dormir num avião.

– Vamos dormir na hora de sempre – respondeu a mãe.

– Mas em que zona horária? – indagou Percy. – Às dez e meia pelo horário de verão britânico ou pelo horário de verão da Terra Nova?

– Os Estados Unidos são racistas! – exclamou Gabon. – E o mesmo se aplica à França... à Inglaterra... à União Soviética... São todos Estados racistas!

– Pelo amor de Deus! – protestou o pai.

– Trinta depois das nove, essa é a hora que me comove – falou Margaret.

Percy percebeu a rima e continuou:

– Dez e cinco e já estarei mais morto que vivo, é o que sinto.

Era uma brincadeira que faziam quando crianças.

– Quinze para as dez e não ficarei aqui, sairei de viés – aderiu a mãe.

– E, nessa mesma hora, quero ver sua cara sem demora.

– E o último serei, pois às dez e vinte ainda aqui estarei.

– Sua vez, pai – disse Percy.

Houve um momento de silêncio. O pai participava do jogo nos velhos tempos, antes de se tornar amargurado e desapontado. Por um instante, seu rosto se desanuviou e Margaret pensou que ele ia entrar na brincadeira. Mas foi então que Hartmann questionou:

– Então por que criar mais um Estado racista?

Foi a gota d'água. O pai se virou com o rosto vermelho. Antes que alguém pudesse fazer qualquer coisa para detê-lo, ele explodiu:

– É melhor falarem baixo, seus judeus miseráveis!

Hartmann e Gabon fitaram-no, aturdidos.

Margaret corou. O pai falara alto o suficiente para que todos ouvissem. Houve um silêncio sepulcral. Ela desejou ser tragada

pelo chão. Estava envergonhada pelo fato de as pessoas a olharem e saberem que era filha do idiota bêbado e grosseiro sentado à sua frente. Encarou Nicky e percebeu que ele se compadecia dela, o que a fez se sentir ainda pior.

O barão empalideceu. Por um instante, parecia que ia replicar, mas mudou de ideia e desviou os olhos. Hartmann exibiu um sorriso torto. Para ele, pensou Margaret, aquele tipo de coisa provavelmente não era nada de mais, depois da experiência na Alemanha nazista. Mas o pai ainda não acabara.

– Este é um compartimento de primeira classe.

Margaret observava Gabon. Numa tentativa de ignorar lorde Oxenford, ele pegou a colher, mas a mão tremia tanto que derramou um pouco de sopa no colete cinza. O barão desistiu de comer e largou o talher.

Esse sinal visível de aflição tocou fundo o coração de Margaret. Ela sentiu uma raiva intensa do pai. Virou-se para ele e, pela primeira vez, teve a coragem de falar o que pensava. A voz vibrava de fúria quando declarou:

– Acaba de insultar de forma absurda dois dos homens mais eminentes da Europa!

– Dois dos *judeus* mais eminentes da Europa – rebateu o pai.

– Não se esqueça de vovó Fishbein – disse Percy.

O pai se voltou, sacudindo um dedo para ele.

– Vai parar com essa bobagem, está me entendendo?

– Preciso ir ao toalete – falou Percy, levantando-se. – Estou com vontade de vomitar.

Ele saiu da sala. Margaret se deu conta de que tanto Percy quanto ela haviam resistido e o pai não fora capaz de fazer nada. Era uma espécie de marco em suas vidas.

– Lembre-se de que foram essas pessoas que nos expulsaram de casa! – sussurrou o pai a Margaret, para então acrescentar aos brados: – Se querem viajar conosco, devem aprender a ter boas maneiras!

– Já chega! – exclamou uma nova voz.

Margaret olhou para o outro lado do aposento. Fora Mervyn Lovesey quem gritara, o passageiro que embarcara em Foynes. Ele se levantara. Nicky e Davy ainda se mantinham imóveis, apavorados. Lovesey atravessou a sala e se inclinou sobre a mesa dos Oxenfords, intimidador. Era alto e autoritário, tinha por volta de 40 anos, cabelos grisalhos, sobrancelhas pretas e feições bem delineadas. Usava um terno caro e falava com sotaque de Lancashire.

– Agradeceria se guardasse essas opiniões para si mesmo – disse ele, numa voz levemente ameaçadora.

O pai protestou:

– Não é da sua conta...

– É, sim!

Margaret viu Nicky se retirar apressado e imaginou que ele fosse pedir ajuda no convés de voo.

– Não deve saber nada sobre essas coisas – continuou Lovesey –, mas o fato é que o professor Hartmann é o físico mais eminente do mundo.

– Não me importa quem ele seja...

– Não. Imagino que não se importa. Mas *eu* me importo. E acho que suas opiniões são tão ofensivas quanto seu mau hálito.

– Falarei o que eu quiser! – insistiu o pai, fazendo menção de se levantar.

Lovesey o manteve sentado, comprimindo a mão forte contra seu ombro.

– Estamos em guerra contra pessoas como você.

– Caia fora, está bem? – murmurou o pai.

– Eu me afastarei se você se calar.

– Vou chamar o comandante...

– Não há necessidade. – Baker se adiantou, calmo, uma figura de autoridade, com o quepe do uniforme. – Já estou aqui. Sr. Lovesey, posso pedir que volte para o seu lugar? Eu ficaria

muito agradecido.

– Está bem, vou me sentar. Mas não escutarei em silêncio o cientista mais eminente da Europa ser insultado. Este idiota bêbado ordenou que baixasse a voz e o chamou de judeu miserável.

– Por favor, Sr. Lovesey.

Mervyn voltou ao seu lugar. O comandante se virou para o pai de Margaret.

– Lorde Oxenford, talvez o tenham ouvido errado. Sem dúvida o senhor não chamaria outro passageiro da maneira como o Sr. Lovesey mencionou.

Margaret rezou para que o pai aceitasse essa saída, mas, para sua angústia, ele se tornou ainda mais beligerante:

– Chamei-o de judeu miserável porque é isso que ele é!

– Papai, pare com isso!

– Devo lhe pedir que não use esses termos enquanto estiver a bordo do meu avião.

O pai reagiu com desdém:

– Ele tem vergonha de ser um judeuzinho?

Margaret percebeu que Baker começava a se irritar.

– Este é um avião americano, senhor, e temos padrões de comportamento americanos. Exijo que pare de insultar outros passageiros e advirto que tenho poderes para determinar sua prisão e seu confinamento em nossa próxima escala, pela polícia local. Deve saber que, nesses casos, embora raros, a companhia sempre apresenta acusações.

O pai ficou abalado pela ameaça. Calou-se por um momento. Margaret sentia-se profundamente humilhada. Embora tivesse tentado deter o pai e protestasse contra seu comportamento, estava envergonhada. A grosseria se refletia nela: era sua filha. Cobriu o rosto com as mãos. Não podia mais suportar.

– Voltarei ao meu compartimento – ouviu o pai dizer.

Margaret ergueu o rosto. Ele estava se levantando e se virou

para a esposa.

– Vamos, querida.

Lady Oxenford se pôs de pé no momento em que o marido puxou a cadeira. Margaret sentiu que todos os olhos se fixavam nela. Foi nesse instante que Harry surgiu do nada, pousando as mãos de leve no encosto da cadeira dela.

– Lady Margaret – murmurou, com uma pequena reverência.

Ela se levantou enquanto Harry puxava a cadeira. Margaret ficou profundamente grata por aquele gesto de apoio.

A mãe se afastou da mesa com o rosto inexpressivo, a cabeça erguida. O pai a seguiu.

Harry ofereceu o braço a Margaret. Era um pequeno gesto, mas significou muito para ela. Apesar de corar intensamente, sentiu que podia sair da sala com dignidade.

Um burburinho aflorou às suas costas enquanto deixavam o compartimento. Harry conduziu-a a seu lugar.

– Foi muita gentileza sua – murmurou Margaret, emocionada.

– Não sei como agradecer.

– Pude ouvir a briga daqui. Sabia que estava angustiada.

– Nunca fui tão humilhada... – sussurrou Margaret, abatida.

Mas o pai ainda não acabara:

– Eles vão se arrepender um dia, os idiotas!

A mãe o fitava com os olhos vazios enquanto ele acrescentava:

– Vão perder esta guerra, guardem minhas palavras!

– Já chega, papai, por favor.

Felizmente, apenas Harry se encontrava presente para ouvir o discurso, pois o Sr. Membury desaparecera. O pai a ignorou e continuou:

– O exército alemão se abaterá sobre a Inglaterra como uma onda gigantesca! E o que acham que acontecerá, então? Hitler instalará um governo fascista, é claro.

De repente, seus olhos exibiram um brilho estranho. Meu

Deus, ele parece louco!, pensou Margaret. Meu pai enlouqueceu.

Lorde Oxenford baixou a voz, exibindo uma expressão astuciosa.

– Um governo fascista *inglês!* E precisamos de alguém para comandá-lo!

– Meu Deus! – exclamou Margaret.

Ela sabia no que o pai estava pensando e isso a desesperava. Ele achava que Hitler o transformaria no ditador do Reino Unido; tinha certeza de que o país seria conquistado e o Führer o chamaria do exílio para ser o líder de um governo manipulado.

– E quando houver um primeiro-ministro fascista... dançarão em outro ritmo! – arrematou o pai, como se tivesse vencido uma discussão.

– Quer dizer que imagina que Hitler chame *você?* – indagou Harry.

– Quem sabe? Precisaria de alguém que não estivesse maculado pela administração anterior. Se convocado... meu dever para com meu país... Um novo começo, sem recriminações...

Harry parecia chocado demais para falar qualquer coisa. Margaret estava desolada. Precisava escapar do pai. Não podia mais suportar aquilo. Estremeceu ao recordar o resultado vergonhoso de sua tentativa de fuga, mas não deixaria que um fracasso a desanimasse. Tentaria de novo.

E dessa vez seria diferente. Aprenderia com o exemplo de Elizabeth. Pensaria com todo o cuidado, planejaria com bastante antecedência. Providenciaria o dinheiro, amigos e um lugar para dormir. Dessa vez daria certo.

Percy voltou do banheiro, tendo perdido a maior parte do drama. Contudo, parecia ter testemunhado outro, pois vinha empolgado.

– Adivinhem o que aconteceu? – disse ele para o

compartimento em geral. – Acabei de ver o Sr. Membury no banheiro... Ele tinha aberto o paletó, estava enfiando a camisa por dentro da calça... e tem um coldre no ombro, por baixo do paletó... com um revólver.

CAPÍTULO QUINZE

O CLIPPER SE APROXIMAVA do ponto sem volta.

Eddie Deakin, transtornado, nervoso, irrequieto, voltou a entrar de serviço às dez da noite, pelo horário de verão britânico. Àquela altura, o sol já disparara na frente, por assim dizer, deixando o avião envolto pela escuridão. O tempo também mudara. A chuva fustigava as janelas, as nuvens cobriam as estrelas e ventos irregulares sacudiam a poderosa aeronave de uma forma desrespeitosa, deixando os passageiros abalados.

Em geral, o tempo era pior em baixas altitudes. Mesmo assim, o comandante Baker voava quase no nível do mar. Estava “caçando o vento”, à procura da altitude em que o vento oeste de proa fosse menos forte.

Eddie se preocupava porque sabia que o avião não dispunha de combustível suficiente. Sentou-se em seu posto e começou a calcular a distância que o Clipper ainda poderia percorrer com o que restava nos tanques. Como o tempo estava pior do que o previsto, os motores deviam ter queimado mais combustível do que haviam suposto. Se não restasse o bastante para levar a aeronave até a Terra Nova, teriam que retornar antes de alcançarem o ponto sem volta.

E o que aconteceria com Carol-Ann?

Tom Luther era meticuloso e teria considerado a possibilidade de o Clipper se atrasar. Devia haver algum meio de entrar em contato com seus companheiros, a fim de alterar ou confirmar o momento do encontro.

Mas, se o avião voltasse, Carol-Ann permaneceria nas mãos dos sequestradores pelo menos por mais 24 horas.

Eddie se remexia, inquieto, olhando pela janela sem ver nada

durante a maior parte do intervalo de descanso. Nem mesmo tentara dormir, sabendo ser inútil. Imagens da esposa o atormentavam a todo instante: Carol-Ann em lágrimas, amarrada, ferida, apavorada, suplicante, histérica, desesperada. A cada cinco minutos sentia vontade de socar a fuselagem e lutava constantemente contra o impulso de subir correndo a escada e perguntar a Mickey Finn como estava o consumo de combustível.

Foi por se sentir tão transtornado que se permitira provocar Luther no jantar. Um comportamento estúpido. Era muito azar que fossem colocados à mesma mesa. Jack Ashford repreendera Eddie, que compreendera a burrice de sua atitude. Agora o navegador sabia que havia algo estranho entre os dois. Eddie se recusara a dar explicações e Jack aceitara... pelo menos por enquanto. Jurou mentalmente que seria mais cauteloso. Se Baker desconfiasse que seu engenheiro estava sendo chantageado, interromperia o voo e Eddie não teria como ajudar Carol-Ann. Agora, precisava se preocupar com isso também.

Seu comportamento fora esquecido durante o segundo turno do jantar, no calor da quase briga entre Mervyn Lovesey e lorde Oxenford. Eddie não a testemunhara – estava no compartimento da frente, angustiado –, mas os comissários lhe contaram tudo depois. O engenheiro achava que Oxenford era um idiota que precisava ser contido, e assim procedera o comandante. Eddie teve pena de Percy por ser criado por um pai desses.

O terceiro turno da refeição terminaria em breve, dentro de poucos minutos, e então as coisas começariam a se aquietar no convés de passageiros. Os mais velhos iriam para a cama. A maioria deles continuaria sentada por mais duas ou três horas, sofrendo com a turbulência, muito empolgados ou nervosos para dormir. Então, um a um, sucumbiriam ao relógio biológico e iriam se deitar. Uns poucos mais resistentes iniciariam um jogo de cartas no aposento principal e continuariam a beber, mas de uma forma mais quieta, mais comedida, que raramente levava a

encrências.

Eddie conferiu, ansioso, o consumo de combustível pela curva de Howgozit. A linha vermelha que o indicava se mantinha acima da marca a lápis de sua previsão – claro, pois ele adulterara os cálculos. Mas a diferença era maior do que ele imaginara, por causa do tempo.

Ficou ainda mais preocupado quando computou o alcance efetivo do avião com a gasolina restante, baseando-se na utilização de três motores – como era obrigado a proceder pelas regras de segurança. Constatou que não havia combustível suficiente para levá-los à Terra Nova.

Deveria comunicar imediatamente ao comandante, mas não o fez. A diferença era mínima: com quatro motores seria possível. Além disso, a situação podia mudar nas duas horas seguintes. Talvez os ventos melhorassem, assim o avião consumiria menos combustível e sobraria mais para o resto da viagem. Finalmente, se o pior acontecesse, mudariam o curso e voariam através do coração da tempestade, encurtando a distância. Os passageiros teriam que suportar a turbulência.

À sua esquerda, o operador de rádio, Ben Thompson, transcrevia uma mensagem em código Morse, a cabeça calva curvada sobre o painel. Esperando que fosse uma previsão melhor do tempo, Eddie se postou atrás e leu por cima de seu ombro.

A mensagem o deixou perplexo. Era endereçada a alguém que se chamava Ollis Field e dizia:

O FBI RECEBEU INFORMAÇÕES DE QUE CÚMPLICES DE CONHECIDOS CRIMINOSOS PODEM ESTAR EM SEU VOO. ADOTE PRECAUÇÕES EXTRAS COM O PRISIONEIRO.

O que isso significava? Tinha alguma relação com o sequestro de Carol-Ann? Por um momento, a cabeça de Eddie

se tornou um turbilhão de possibilidades. Ben arrancou a página do bloco e chamou:

– Comandante! É melhor dar uma olhada nisto.

Jack Ashford ergueu os olhos da mesa de navegação, alertado pelo tom de urgência na voz do operador. Eddie pegou a mensagem, mostrou-a a Jack por um instante, depois a entregou a Baker, que comia filé com purê de batatas em uma bandeja na mesa de reuniões, no fundo da cabine. O rosto do comandante assumiu uma expressão sombria enquanto lia.

– Não gosto nada disso – murmurou ele. – Ollis Field deve ser agente do FBI.

– Ele é um dos passageiros? – indagou Eddie.

– É, sim. Achei que havia algo estranho nele. Um tipo insípido, não o típico passageiro do Clipper. Permaneceu a bordo durante a escala em Foynes.

Eddie não o notara, mas o navegador interveio, coçando o queixo:

– Acho que sei quem é. Um careca. Há um sujeito mais jovem com ele, vestido de forma um tanto espalhafatosa. Uma dupla estranha.

– O garoto deve ser o prisioneiro – disse o comandante. – Acho que o nome dele é Frank Gordon.

A mente de Eddie trabalhava rápido.

– Foi por isso que permaneceram a bordo em Foynes: o agente do FBI não quis dar a seu prisioneiro uma oportunidade de escapar.

Baker assentiu, cada vez mais preocupado.

– Gordon deve ter sido extraditado da Inglaterra... e não se obtêm ordens de extradição para ladrões insignificantes. O sujeito deve ser um criminoso perigoso. E o embarcaram no avião sem me avisar!

– Gostaria de saber o que ele fez – murmurou Ben.

– Frank Gordon... – repetiu Jack, pensativo. – Isso me lembra

alguma coisa... Ei, esperem um pouco! Aposto que ele é Frankie Gordino!

Eddie se lembrou de ter lido sobre esse homem nos jornais. Fazia parte de uma quadrilha da Nova Inglaterra. O crime específico pelo qual era procurado envolvia o proprietário de uma boate em Boston, que se recusara a pagar a taxa de proteção. Gordino entrara no estabelecimento, baleara o outro na barriga, violentara sua namorada e colocara fogo no prédio. O dono morreria, mas a mulher escapara do incêndio e identificara o delinquente por fotografia.

– Logo descobriremos se é mesmo ele – disse Baker. – Eddie, gostaria que me fizesse um favor. Vá pedir ao tal Ollis Field para subir até aqui.

– Está certo.

Eddie pôs o quepe e o paletó do uniforme e desceu pela escada de caracol, analisando aquele novo fator. Tinha certeza de que havia alguma ligação entre Frankie Gordino e os sequestradores de Carol-Ann. Tentou freneticamente compreender toda a situação, sem sucesso.

Deu uma olhada na cozinha, onde um comissário enchia um bule com o café da enorme máquina de quase 200 litros.

– Davy, onde está o Sr. Ollis Field?

– Quarto compartimento, a bombordo, voltado para a popa.

Eddie seguiu pelo corredor, equilibrando-se sobre o chão trepidante com um modo de andar experiente. Notou a família Oxenford abatida no segundo compartimento. Na sala de jantar, o último turno concluía a refeição, o café entornava nos pires enquanto a tempestade aumentava, sacudindo o avião. Eddie passou pelo terceiro e pelo quarto compartimentos.

No assento virado para a popa, a bombordo, um homem calvo, em torno dos 40 anos, parecendo sonolento, fumava um cigarro e olhava pela janela, para a escuridão lá fora. Não era a imagem que Eddie tinha de um agente do FBI: não podia

imaginá-lo com um revólver na mão entrando numa sala cheia de gângsteres.

Um homem mais jovem se encontrava na frente de Field, mais bem-vestido, com a compleição de um atleta aposentado que começa a engordar. Aquele devia ser Gordino. Tinha o rosto balofo e contrariado de um menino mimado. Seria capaz de atirar na barriga de um homem? Acho que sim, refletiu Eddie.

– Sr. Field? – chamou Eddie.

– Isso mesmo.

– O comandante gostaria de falar com o senhor, se puder dispensar-lhe um momento.

Field contorceu um pouco o rosto, depois exibiu uma expressão resignada. Calculou que seu segredo vazara e se irritou, mas, a longo prazo, não fazia a menor diferença para ele.

– Está bem.

O agente apagou o cigarro no cinzeiro embutido na parede, desafivelou o cinto de segurança e se levantou.

– Acompanhe-me, por favor – pediu Eddie.

Quando passaram pelo terceiro compartimento, ele avistou Luther e seus olhos se encontraram. Nesse instante, tudo ficou claro para o engenheiro.

A missão de Luther era resgatar Frankie Gordino.

Ficou tão atordoado que estacou e Ollis Field trombou nele.

Luther o fitava com uma expressão de pânico, obviamente com medo de que Eddie dissesse algo que denunciasse o plano.

– Desculpe – murmurou o engenheiro de voo, seguindo adiante.

Tudo estava se esclarecendo. Gordino fora obrigado a fugir do país, mas o FBI o localizara na Inglaterra e obtivera sua extradição. Resolveram levá-lo de volta de avião, mas de alguma maneira os cúmplices descobriram e tentariam resgatá-lo antes que alcançasse os Estados Unidos.

Era nesse ponto que Eddie entrava: faria o Clipper pousar no

mar, ao largo da costa do Maine. Haveria uma lancha à espera. Gordino seria retirado da aeronave e partiria na embarcação. Poucos minutos depois, desembarcariam em algum lugar isolado, talvez no lado canadense da fronteira. Um carro o aguardaria para levá-lo ao esconderijo. Escaparia à justiça, graças a Eddie Deakin.

Enquanto subia com Field para o convés do voo, o engenheiro se sentiu aliviado por enfim compreender o que estava acontecendo, ao mesmo tempo que ficava horrorizado diante da perspectiva de ajudar um assassino a escapar impune para salvar a esposa.

– Comandante, este é o Sr. Field.

Baker colocara o paletó e estava sentado atrás da mesa de reuniões, com a mensagem na mão. A bandeja do jantar fora removida. O quepe cobria os cabelos louros e proporcionava ao piloto um ar de autoridade. Ele fitou Field, mas não o convidou a se sentar.

– Recebi uma mensagem endereçada ao senhor... do FBI.

Field estendeu a mão para o papel, mas Baker não o entregou.

– É um agente do FBI?

– Sou.

– E está numa missão oficial?

– Isso mesmo.

– Pode me explicar do que se trata?

– Acho que não precisa saber, comandante. Por favor, entregue a mensagem. Disse que era endereçada a mim, não ao senhor.

– Sou o comandante e, a meu ver, preciso saber qual é a missão. Não discuta comigo, Sr. Field, apenas diga do que se trata.

Eddie observou o agente. Era um homem pálido e cansado, com cabelos grisalhos ralos e olhos azul-claros. Alto, devia ter

sido vigoroso, mas agora tinha os ombros vergados e uma aparência flácida. Parecia mais arrogante do que corajoso e seu julgamento foi confirmado quando Field prontamente cedeu à pressão:

– Estou escoltando um prisioneiro de volta aos Estados Unidos, onde será levado a julgamento. Seu nome é Frank Gordon.

– Também conhecido como Frankie Gordinio?

– Isso mesmo.

– Esteja ciente de que protesto contra a sua iniciativa de trazer um bandido perigoso para o avião sem me avisar.

– Se conhece o homem, também deve saber o que ele faz para ganhar a vida. Trabalha para Raymond Patriarca, que é responsável por assaltos a mão armada, extorsão, agiotagem, jogo ilegal e prostituição, de Rhode Island ao Maine. Ray Patriarca foi declarado inimigo público número um pelo Comitê de Segurança Pública de Providence. Gordinio é o que chamamos de executor: intimida, tortura e assassina pessoas por ordem de Patriarca. Não podíamos avisá-lo da sua presença no avião por uma questão de segurança.

– Sua segurança não vale porra nenhuma, Field. – Baker estava mesmo furioso; Eddie nunca o vira dirigir um palavrão a um passageiro. – A quadrilha de Patriarca já sabe de tudo.

Ele entregou a mensagem de rádio. Field leu e empalideceu, murmurando:

– Como descobriram?

– Preciso saber quem são os passageiros “cúmplices de conhecidos criminosos” – disse o comandante. – Reconhece alguém a bordo?

– Claro que não – respondeu Field, irritado. – Se houvesse reconhecido, já teria alertado o FBI.

– Se pudermos identificar as pessoas, eu as retirarei do avião na próxima escala.

Eu sei quem são: Tom Luther e eu, pensou Eddie.

– Transmita ao FBI uma relação completa dos passageiros e tripulantes – sugeriu Field. – Eles investigarão cada nome.

Um calafrio de ansiedade percorreu o corpo de Eddie. Haveria algum risco de que Tom Luther fosse desmascarado por essa investigação? Isso poderia arruinar tudo. Seria ele um criminoso conhecido? Tom Luther era seu verdadeiro nome? Se usava um nome falso, precisaria também de um passaporte falsificado – mas isso não constituiria um problema se era ligado a grandes gângsteres. Devia ter tomado essa precaução. Afinal, tudo o que fizera até agora fora bem organizado.

– Acho que não precisamos nos preocupar com a tripulação – declarou Baker, ríspido.

Field deu de ombros.

– Como quiser. O FBI obterá os nomes com a Pan American num instante.

Field era um homem sem tato, refletiu Eddie. Os agentes do FBI recebiam instruções de J. Edgar Hoover para serem antipáticos? O comandante pegou a lista de tripulantes e passageiros de cima da mesa e a estendeu para o operador de rádio.

– Transmita isso imediatamente, Ben. – Ele fez uma pausa antes de acrescentar: – Inclusive a tripulação.

Ben Thompson assumiu seu posto e começou a bater a mensagem em código Morse.

– Mais uma coisa – disse Baker a Field. – Terei que confiscar sua arma.

O comandante era muito esperto, pensou Eddie. Não ocorrera ao engenheiro que Field pudesse estar armado, mas isso era necessário, já que escoltava um criminoso perigoso.

– Eu protesto...

– Os passageiros não têm permissão para carregar armas de fogo. Não há exceções à regra. Entregue sua arma.

– E se eu recusar?

– O Sr. Deakin e o Sr. Ashford vão tirá-la de qualquer maneira.

Eddie ficou surpreso com esse alerta, mas cumpriu o papel, aproximando-se de Field, ameaçador. Jack fez o mesmo. Baker continuou:

– Se me obrigar a recorrer à força, terei que expulsá-lo do avião na próxima escala e não permitirei que volte a embarcar.

Eddie ficou impressionado pela maneira como o comandante mantinha a superioridade, apesar de o antagonista estar armado. Não era assim que acontecia nos filmes, em que o homem com o revólver era capaz de dominar todo mundo.

O que Field faria? O FBI não aprovaria que ele entregasse a arma, mas, por outro lado, a expulsão seria muito pior.

– Estou escoltando um prisioneiro perigoso... Preciso dela.

Eddie percebeu algo pelo canto dos olhos. A porta no fundo da cabine, que levava ao domo de observação e aos compartimentos de carga, estava entreaberta. Atrás dela, algo se mexera.

– Tire a arma dele, Eddie – ordenou Baker.

O engenheiro enfiou a mão no paletó de Field. O homem não se mexeu. Eddie encontrou o coldre de ombro, soltou o botão e retirou o revólver. O agente olhava para a frente, impassível.

Então Eddie recuou e abriu a porta bruscamente.

Percy Oxenford se encontrava parado ali.

Eddie ficou aliviado. Por um momento, imaginou que alguns cúmplices de Gordino estariam ali, empunhando metralhadoras. O comandante olhou para o garoto.

– De onde você veio?

– Tem uma escada ao lado do banheiro das mulheres. Leva até a cauda do avião. – Era o lugar onde Eddie inspecionara os cabos de controle do leme de direção. – Dá para vir engatinhando de lá. Saí nos compartimentos de bagagem.

Eddie ainda segurava o revólver de Ollis Field, então o guardou na gaveta da mesa de navegação.

– Volte para o seu assento, por favor, meu rapaz – pediu Baker a Percy. – E não deixe mais o convés de passageiros pelo resto do voo.

O garoto se virou para voltar por onde viera, mas Baker gritou:

– Por aí, não! Desça pela escada!

Um pouco assustado, Percy atravessou a cabine, apressado, e desceu a escada de caracol.

– Há quanto tempo ele estava ali, Eddie? – indagou o comandante.

– Não sei, mas é provável que tenha ouvido toda a conversa.

– Lá se vai nossa esperança de manter a história em segredo.

Por um momento, Baker pareceu cansado. Eddie teve um vislumbre do peso da responsabilidade dele. Depois, o comandante voltou a se mostrar incisivo:

– Pode voltar para o seu lugar, Sr. Field. Obrigado pela cooperação.

O agente lhe deu as costas e foi embora, sem dizer mais nada.

– Vamos voltar ao trabalho, pessoal – ordenou Baker.

Os tripulantes retornaram a seus postos. Eddie verificou os mostradores de modo automático, embora sua mente estivesse em turbilhão. Observou que os tanques nas asas, que alimentavam os motores, começavam a baixar e tratou de transferir combustível dos tanques principais, localizados nos hidroestabilizadores. Mas seus pensamentos se concentravam em Frankie Gordino. Ele matara um homem, violentara uma mulher, incendiara uma boate e seria punido por esses crimes horríveis – só que Eddie Deakin o salvaria. Graças ao engenheiro, a namorada da vítima veria seu estuprador escapar impune.

Pior ainda, Gordino quase certamente tornaria a matar. Era bem provável que não se regenerasse. Assim, ainda chegaria o dia em que Eddie leria nos jornais sobre algum crime macabro – talvez um assassinato por vingança, alguém torturado e mutilado antes de ser liquidado, um prédio incendiado com mulheres e crianças ou uma moça imobilizada e currada por três homens – e a polícia o ligaria à quadrilha de Ray Patriarca. Eddie pensaria: Terá sido Gordino? Sou responsável por isso? Essas pessoas sofreram e morreram porque o ajudei a escapar?

Quantos assassinatos ele teria na consciência se cooperasse até o fim?

Contudo, não tinha alternativa. Carol-Ann se encontrava em poder de Ray Patriarca. Cada vez que pensava nisso, um suor frio brotava nas têmporas. Precisava protegê-la e a única maneira era sendo cúmplice de Tom Luther.

Eddie consultou o relógio: meia-noite.

Jack Ashford lhe deu sua melhor estimativa da posição atual do avião, uma vez que ainda não fora capaz de fixar uma estrela para calcular com precisão. Ben Thompson transmitiu os últimos boletins meteorológicos; a tempestade era das grandes. Eddie conferiu os novos dados dos tanques e começou a atualizar os cálculos. Talvez isso resolvesse seu dilema, pois, se não tivessem combustível suficiente para alcançar a Terra Nova, seriam obrigados a voltar e tudo acabaria. Mas o pensamento não o confortou. Não era um fatalista: precisava fazer algo.

– Como está a situação, Eddie? – indagou Baker.

– Ainda não concluí os cálculos.

– Pois então trate de se apressar... Estamos nos aproximando do ponto sem volta.

Eddie sentiu uma gota de suor pingar do queixo. Removeu-a com um movimento rápido e furtivo.

Concluiu os cálculos aritméticos.

O combustível restante não era suficiente.

Por um momento, não disse nada.

Inclinou-se sobre o bloco e as tabelas, fingindo que ainda não acabara. A situação era pior do que no início do turno. Agora não havia o bastante para concluir a viagem no curso escolhido pelo comandante, mesmo com os quatro motores funcionando: a margem de segurança se desintegrara. O único jeito era encurtar a jornada, voando através da tempestade, em vez de contorná-la. Ainda assim, estariam perdidos se um motor parasse de funcionar.

Todos os passageiros e tripulantes morreriam. E o que aconteceria com Carol-Ann?

– Vamos logo, Eddie – insistiu o comandante. – Continuamos até Botwood ou voltamos a Foynes?

Eddie rangeu os dentes. Não podia suportar a ideia de deixar a esposa com os sequestradores por mais um dia. Preferia arriscar tudo.

– Está disposto a mudar o curso e voar através da tempestade? – indagou ele.

– Precisamos?

– Ou isso ou voltamos.

Eddie prendeu a respiração.

– Droga – murmurou Baker.

Todos detestavam voltar do meio do Atlântico: era uma decepção. Eddie ficou aguardando a decisão do comandante. Então ele anunciou:

– Ora, que se dane! Voaremos através da tempestade.

PARTE IV

Do meio do
Atlântico a Botwood

CAPÍTULO DEZESSEIS

DIANA LOVESEY ESTAVA furiosa com Mervyn por ele ter embarcado no Clipper em Foynes. Antes de mais nada, sentia-se profundamente constrangida pela maneira como o marido a seguia, receando que as pessoas achassem a situação bastante cômica. Sobretudo, não desejava a oportunidade de mudar de ideia que Mervyn lhe oferecia. Tomara a sua resolução, mas ele se recusara a aceitá-la como irrevogável, o que de certa forma lançava dúvidas sobre a determinação de Diana. Agora ela teria que decidir toda vez que o marido pedisse que reconsiderasse. E, por fim, ele estragara por completo sua alegria. Deveria ser a grande viagem de sua vida, uma excursão romântica com o amante. Mas a sensação inebriante de liberdade que experimentara ao decolar de Southampton desaparecera para sempre. Não mais se deleitava com o luxuoso avião, a companhia elegante ou a comida requintada. Tinha medo de tocar em Mark, beijar seu rosto, afagar seu braço ou segurar sua mão, pois Mervyn poderia passar pelo compartimento no mesmo instante. Não sabia onde ele viajava, mas esperava que aparecesse a qualquer instante.

Mark estava arrasado. Depois que Diana repelira Mervyn em Foynes, ele se mostrara exultante, afetuoso e otimista, falando sobre a Califórnia, contando piadas, beijando-a em todas as oportunidades, bem de acordo com sua personalidade habitual. Então, ficara horrorizado quando o rival embarcara no avião. Agora, parecia um balão murcho. Sentava-se em silêncio ao lado de Diana, folheando desconsolado as revistas, sem ler de fato uma única palavra. Ela compreendia a depressão de Mark. Afinal, já mudara de ideia sobre a fuga uma vez; com Mervyn a

bordo, como o amante poderia ter certeza de que ela não voltaria atrás?

Para agravar a situação, o tempo piorara e o avião sacolejava como um carro passando por uma rua esburacada. De vez em quando, um passageiro surgia em direção ao banheiro, parecendo esverdeado. As pessoas diziam que a previsão era que o tempo piorasse ainda mais. Diana ficou feliz por estar muito transtornada na hora do jantar e quase não ter comido.

Queria saber onde Mervyn viajava. Se soubesse onde ele estava, talvez parasse de imaginar que o veria a todo instante. Resolveu ir ao banheiro feminino e procurá-lo pelo caminho.

Diana estava no quarto compartimento. Deu uma rápida olhada no terceiro, mas nada do marido. Virando-se, foi andando até a popa, segurando-se em qualquer coisa que lhe desse apoio, enquanto o avião sacolejava. Passou pelo quinto – o último grande lounge – e constatou que Mervyn também não se encontrava ali. A maior parte do sexto era ocupada pelo banheiro das mulheres, a estibordo, deixando espaço apenas para duas pessoas a bombordo, dois empresários. Não eram dos mais agradáveis, pensou Diana: um absurdo pagar todo aquele dinheiro e passar a viagem inteira sentado junto ao banheiro! Além do sexto, não havia mais nada, exceto a suíte nupcial. Portanto, Mervyn deveria estar sentado lá na frente, no primeiro ou no segundo compartimento, a menos que se encontrasse no salão principal, jogando cartas.

Entrou no banheiro. Havia dois bancos na frente do espelho, um já ocupado por uma mulher com quem Diana ainda não falara. Enquanto fechava a porta, o avião deu um pequeno mergulho e ela quase perdeu o equilíbrio, cambaleou e caiu no banco vago.

- Você está bem? – perguntou a outra mulher.
- Estou, sim, obrigada. Detesto quando o avião faz isso.
- Eu também. Mas alguém disse que vai piorar. Esperamos

uma grande tempestade pela frente.

A turbulência diminuiu, Diana abriu a bolsa e começou a escovar os cabelos.

– Não é a Sra. Lovesey? – indagou a mulher.

– Isso mesmo. Pode me chamar de Diana.

– Sou Nancy Lenehan. – A mulher hesitou, parecendo constrangida. – Embarquei no avião em Foynes. Voei de Liverpool com seu... com o Sr. Lovesey.

– Oh! – Diana enrubesceu. – Não sabia que ele tinha uma companheira.

– Ele me ajudou a escapar de uma situação crítica. Eu precisava pegar o avião, mas estava retida em Liverpool, sem condições de chegar a Southampton a tempo. Por isso, fui ao aeroporto e supliquei que me desse uma carona.

– Fico contente por você, mas é bastante embaraçoso para mim.

– Não sei por que você se sentiria assim. Imagino que seja maravilhoso ter dois homens perdidamente apaixonados por você. Eu não tenho nem mesmo um.

Diana observou-a pelo espelho. Ela era mais atraente do que bonita, com feições regulares e cabelos escuros; usava um conjunto vermelho muito elegante, com uma blusa de seda cinza. Tinha um jeito firme, confiante. Mervyn não deixaria de lhe dar uma carona; você é do tipo que ele gosta, pensou Diana.

– Ele foi educado com você?

– Não muito – respondeu Nancy, com um sorriso pesaroso.

– Sinto muito. As boas maneiras nunca foram o ponto forte de Mervyn.

Diana pegou o batom.

– Mas me senti grata pela carona.

Nancy assoou o nariz com delicadeza num lenço de papel. Diana notou que ela usava uma aliança.

– Ele é um pouco ríspido – acrescentou Nancy. – Mas creio

que é um bom homem. Também jantamos juntos. Ele me fez rir. E é extremamente bonito.

– Ele é um bom homem – Diana se pegou dizendo –, mas é tão arrogante quanto uma duquesa e não tem a menor paciência. Eu o deixo irritado porque hesito, mudo de ideia e nem sempre digo o que penso.

Nancy escovou os cabelos. Eram abundantes e escuros e Diana especulou se ela os pintava para esconder os fios brancos.

– Ele parece disposto a qualquer coisa para reconquistá-la.

– É só uma questão de orgulho ferido. Age assim porque outro homem me levou. Mervyn é competitivo. Se eu o deixasse e fosse viver na casa de minha irmã, ele não se importaria.

Nancy riu.

– Parece que ele não tem a menor possibilidade de reconquistá-la.

– Nenhuma.

De repente, Diana não queria mais conversar com Nancy Lenehan. Sentia-se inexplicavelmente hostil. Guardou a maquiagem e a escova e se levantou. Sorriu para encobrir o repentino sentimento de antipatia e murmurou:

– Vamos ver se consigo voltar ao meu lugar com toda essa agitação.

– Boa sorte!

Quando ela saiu do banheiro, Lulu Bell e a princesa Lavinia entraram, carregando valises. Quando Diana chegou a seu compartimento, Davy estava convertendo o assento em beliche duplo. Ela estava intrigada, querendo saber como um divã de aparência comum podia ser transformado em dois leitos. Sentou-se e ficou observando.

Primeiro, ele tirou todas as almofadas e removeu os braços do divã de seus encaixes. Estendendo-se por cima da armação do assento, puxou duas abas da parede, no nível do peito, revelando ganchos. Inclinou-se, soltou uma correia e levantou

uma estrutura plana. Pendurou-a nos ganchos da parede, para formar a base do beliche superior. O lado externo se encaixou numa abertura na parede lateral. Diana já começava a pensar que não parecia muito resistente quando Davy pegou dois suportes de aparência bastante sólidas, prendendo-os nas armações superior e inferior, formando assim os pés das camas. A estrutura dava agora mais impressão de firmeza.

Ele pôs as almofadas do assento no leito inferior e usou as do encosto como uma espécie de colchão para o superior. Pegou lençóis e mantas azul-claros embaixo do assento e fez as camas, em movimentos rápidos e precisos.

Os beliches pareciam confortáveis, mas não ofereciam privacidade nenhuma. Davy pegou uma cortina azul-escura com os ganchos, prendendo-a numa saliência no teto que Diana pensara ser apenas decorativa, assim como no beliche, por botões de pressão, ficando bem esticada. Ele deixou uma abertura triangular, como a entrada de uma tenda, para que as pessoas entrassem. Ao final, desdobrou uma pequena escada para dar acesso ao leito superior.

Davy se virou para Diana e Mark com uma expressão satisfeita, como se tivesse acabado de realizar um truque de mágica.

– Basta me avisarem quando estiverem prontos e ajustarei o de vocês.

– Não fica abafado? – perguntou ela.

– Cada beliche tem uma saída de ventilação. Poderá vê-la se olhar para cima.

Diana olhou e viu uma grade, com uma alavanca de abrir e fechar.

– Também tem uma janela – acrescentou Davy –, luz elétrica, cabide e prateleira. Se precisarem de algo mais, apertem este botão para me chamar.

Frank Gordon e Ollis Field tinham ido ao banheiro masculino,

então o comissário começou a arrumar o beliche do lado deles. A disposição ali era um tanto diferente. O corredor não ficava bem no centro do avião, mas um pouco a bombordo, por isso os leitos ficavam no sentido do comprimento da aeronave, não da largura, e havia apenas dois.

A princesa Lavinia retornou num penhoar azul-marinho que ia até os pés, debruado com uma renda azul, e um turbante combinando. O rosto era uma máscara de dignidade congelada: obviamente, achava constrangedor aparecer em público com suas roupas de dormir. Olhou horrorizada para o beliche e exclamou:

– Vou *morrer* de claustrofobia!

Ninguém lhe deu atenção. Ela tirou os chinelos de seda e entrou no beliche inferior. Sem desejar boa-noite, puxou a cortina e prendeu-a.

Um momento depois, Lulu Bell apareceu, num conjunto rosa de chiffon um tanto transparente, que pouco fazia para esconder seus encantos. Mantivera-se a uma distância reservada de Mark e Diana desde Foynes, mas agora parecia ter esquecido o ressentimento. Sentou-se ao lado deles no divã e disse:

– Vocês não vão acreditar no que acabei de ouvir sobre os nossos companheiros!

Ela indicou com o polegar os assentos vazios de Field e Gordon. Mark olhou para Diana, um pouco nervoso, antes de perguntar:

– O que você ouviu, Lulu?

– O Sr. Field é um agente do FBI!

Não era tão surpreendente assim, pensou Diana: apenas um policial.

– E tem mais: Frank Gordon é o prisioneiro! – acrescentou Lulu.

– Como soube disso? – indagou Mark, cético.

– Todas falavam sobre o assunto no banheiro.

– Mas isso não significa que seja verdade, Lulu.

– Eu sabia que você não acreditaria! O garoto ouviu uma discussão entre Field e o comandante, que estava furioso porque o FBI não avisou à Pan American que levaria um prisioneiro perigoso no avião. Houve uma confrontação e, no fim, a tripulação desarmou o Sr. Field!

Diana lembrou que o homem realmente parecia escoltar Gordon.

– O que disseram que Frank fez?

– Ele é um gângster. Atirou num homem, estuprou uma garota e incendiou uma boate.

Diana se mostrou incrédula. Afinal, conversara com o sujeito! Era verdade que não se tratava de um exemplo de refinamento, mas era bonito e se vestia bem; até flertara com ela polidamente. Podia imaginá-lo como um vigarista, um sonegador de impostos ou mesmo alguém envolvido com o jogo ilegal, mas não parecia capaz de matar. Lulu era uma pessoa propensa a crer em qualquer coisa.

– Acho difícil de acreditar... – murmurou Mark.

– Desisto – disse Lulu, acenando com a mão num gesto de desdém. – Vocês não têm o menor senso de aventura. – Ela se levantou. – Vou me deitar. Se ele começar a violentar alguém, podem me acordar.

Ela subiu pela pequena escada e engatinhou beliche adentro. Puxou a cortina, depois tornou a enfiar a cabeça para fora e disse a Diana:

– Meu bem, compreendo por que você brigou comigo lá na Irlanda. Estive pensando a respeito e acho que mereci. Afinal, estava praticamente babando em cima de Mark. Uma estupidez, sei disso. Estou disposta a esquecer se você também estiver. Boa noite.

Era quase um pedido de desculpas e Diana não teve ânimo para rejeitá-lo.

– Boa noite, Lulu.

A atriz fechou a cortina.

– A culpa foi minha tanto quanto dela – disse Mark. –
Desculpe, meu bem.

À guisa de resposta, Diana o beijou.

De repente, ela se sentiu outra vez confortável e à vontade com ele. Todo o seu corpo relaxou e ela se deixou cair no assento, ainda beijando-o. O seio direito se comprimia contra o peito de Mark. Era agradável ter contato físico de novo. A ponta da língua dele encostou em seus lábios, Diana os entreabriu para lhe dar passagem. Mark começou a ofegar. Aquilo estava indo um pouco longe demais, pensou ela, abrindo os olhos – e deu de cara com Mervyn.

Ele passava pelo compartimento, a caminho da frente do avião. Nem devia tê-la notado, mas então olhou para trás e ficou imóvel, no meio de uma passada. O rosto empalideceu de choque.

Diana o conhecia muito bem e podia adivinhar seus pensamentos. Embora avisado de que ela estava apaixonada por Mark, Mervyn era teimoso demais para aceitar isso. Portanto, foi um baque vê-la beijando outro homem.

Sua expressão tornou-se sombria e as sobrancelhas pretas se franziram de raiva. Por uma fração de segundo, Diana achou que ele daria início a uma briga. Depois, no entanto, Mervyn se virou e se afastou.

– Qual é o problema? – murmurou Mark.

Ele não vira Mervyn: estava ocupado demais beijando Diana. Ela decidiu não contar nada.

– Alguém pode ver.

Relutante, ele recuou.

Diana ficou aliviada por um instante, depois sentiu raiva. Mervyn não tinha o direito de segui-la ao redor do mundo e fechar a cara toda vez que ela beijava Mark. O casamento não

era como a escravidão: ela o deixara, o marido tinha que aceitar. O namorado acendeu um cigarro. Diana ficou com vontade de confrontar Mervyn. Queria lhe ordenar que saísse de sua vida. Ela se levantou.

– Vou ver o que está acontecendo no lounge. Fique aqui fumando.

Diana saiu sem esperar por uma resposta. Já verificara que Mervyn não viajava na parte de trás do avião, por isso seguiu para a proa. A turbulência diminuía o bastante para que pudesse andar sem se segurar. O marido não estava no terceiro compartimento. No salão principal, passageiros jogavam cartas com os cintos de segurança afivelados, envoltos por nuvens de fumaça, perto de garrafas de uísque. Diana entrou no segundo compartimento, onde ficava a família Oxenford. Todos no avião sabiam que o pai insultara Carl Hartmann, o cientista, e que Mervyn Lovesey se levantara em sua defesa. O marido tinha seus pontos positivos: Diana nunca negara isso.

A cozinha ficava logo depois. Enquanto Davy fazia as camas mais além, Nicky lavava os pratos em ritmo acelerado. A porta do banheiro masculino se encontrava em frente. Em seguida, havia a escada para o convés de voo e, no nariz do avião, o primeiro compartimento. Ela presumiu que Mervyn só podia estar ali, mas descobriu ser ocupado pelos tripulantes em descanso.

Subiu a escada para a cabine de voo. Notou que era tão luxuosa quanto o andar dos passageiros. Mas todos os tripulantes pareciam muito ocupados e um deles lhe disse:

– Adoraríamos mostrar tudo aqui em outra ocasião, madame, mas, enquanto estivermos voando nesse tempo desfavorável, precisamos pedir que volte para seu lugar e afivele o cinto de segurança.

Portanto, Mervyn só podia estar no banheiro, pensou Diana, descendo. Ainda não descobrira onde ele havia se acomodado. Chegando à base da escada, esbarrou em Mark. Teve um

sobressalto culpado.

– O que está fazendo, Mark?

– Queria saber o que você estava fazendo – respondeu ele, com certo tom desagradável.

– Só queria dar uma olhada por aí.

– À procura de Mervyn? – indagou ele, acusador.

– Por que está zangado comigo, Mark?

– Porque você se afastou sorradeira para vê-lo.

Nicky interrompeu-os:

– Podem voltar a seus assentos, por favor? O voo está suave neste momento, mas não por muito tempo.

Eles voltaram para o compartimento. Diana sentia-se uma boba. Saíra no encalço de Mervyn, e Mark a seguira. Uma grande tolice.

Sentaram-se, mas, antes que pudessem continuar a conversa, Field e Gordon entraram: o primeiro num surrado roupão; o segundo de chambre amarelo de seda com um dragão nas costas. Frank o despiu para revelar um pijama vermelho com frisos brancos, tirou os chinelos e subiu a escada para o leito superior.

Foi nesse instante que, para horror de Diana, Field tirou do bolso do roupão um par de algemas prateadas. Ele disse algo a Frank, em voz baixa. Diana não pôde ouvir a resposta, mas compreendeu que o outro protestava. Porém o homem insistiu e Frank acabou estendendo um pulso, onde Field prendeu uma algema; a outra foi presa na estrutura do beliche. Depois, ele puxou a cortina para cobrir tudo.

Então era verdade: Frank era mesmo um prisioneiro.

– Merda – murmurou Mark.

– Ainda não acredito que ele seja um assassino... – sussurrou Diana.

– Espero que não! Estaríamos mais seguros se pagássemos 50 dólares para viajar na terceira classe de um cargueiro!

– Gostaria que ele não tivesse prendido as algemas. Não sei como o rapaz vai conseguir dormir acorrentado à cama. Nem poderá se virar!

– Você tem o coração muito mole – comentou Mark, abraçando-a. – O homem provavelmente é um estuprador e você tem pena dele porque não vai conseguir dormir direito.

Diana encostou a cabeça no ombro de Mark. Ele lhe afagou os cabelos. Mostrara-se furioso com ela poucos minutos antes, mas parecia que a raiva já passara.

– Mark, será que duas pessoas podem deitar juntas no mesmo beliche?

– Está com medo, meu bem?

– Não.

Ele fitou-a, intrigado, depois compreendeu e sorriu.

– Acho que dá para dois... mas não deitados lado a lado...

– Não lado a lado?

– Parece estreito demais.

– Bom... – Diana acrescentou, baixando a voz: – Um de nós terá que ficar por cima.

Mark murmurou em seu ouvido:

– Quer ficar por cima?

Ela riu.

– Acho que sim.

– Preciso pensar a respeito – murmurou ele, com a voz rouca.
– Quanto você pesa?

– Cinquenta quilos e dois seios.

– Vamos trocar de roupa?

Diana tirou o chapéu e o pôs no assento ao seu lado. Mark puxou a bagagem de baixo do assento. A sua era uma Gladstone de cordovão bastante usada; a dela, uma mala pequena de couro marrom, com os lados duros e suas iniciais gravadas em letras douradas.

Diana se levantou.

– Não demore – murmurou Mark, beijando-a.

Os dois se abraçaram rapidamente, e ela sentiu a ereção quando os corpos se comprimiram.

– Meu Deus! – Num sussurro, Diana acrescentou: – Pode se manter assim até eu voltar?

– Acho que não. A menos que eu urine pela janela. – Ela riu e Mark continuou: – Mas posso mostrar uma maneira rápida de fazer com que fique duro de novo.

– Mal posso esperar.

Mark pegou sua mala e saiu, encaminhando-se para o banheiro masculino, na parte dianteira do avião. Ao deixar o compartimento, passou por Mervyn, que seguia na direção inversa. Eles se encararam, como gatos separados por uma cerca, mas não se falaram.

Diana ficou espantada ao ver o marido usando um camisolão de flanela com largas listras marrons.

– Onde arrumou isso? – perguntou ela, incrédula.

– Vamos, pode rir. Foi tudo o que consegui encontrar em Foynes. A loja local nunca ouvira falar em pijama de seda... e não sabiam se eu era pederasta ou apenas maluco.

– Sua amiga, a Sra. Lenehan, não vai gostar de você assim.

Por que eu disse isso?, perguntou-se Diana.

– Creio que ela não vai gostar de mim de qualquer maneira – respondeu Mervyn, irritado, atravessando o compartimento.

O comissário de bordo entrou.

– Pode aprontar nossas camas agora, Davy, por favor?

– Pois não, madame.

– Obrigada.

Ela pegou sua valise e saiu. Ao passar pelo quinto compartimento, ocorreu-lhe que ainda não sabia onde Mervyn dormiria. Nenhum dos beliches ali estava arrumado, nem no sexto compartimento; no entanto, o marido desaparecera. De repente, Diana teve um estalo: ele devia estar na suíte nupcial.

Um instante depois, lembrou que também não vira a Sra. Lenehan ocupando nenhum assento. Ficou parada diante do banheiro, segurando a valise, paralisada pelo choque. Era uma afronta. Mervyn e a Sra. Lenehan deviam estar na suíte nupcial!

Mas a companhia não permitiria. Talvez a Sra. Lenehan já tivesse se deitado, escondida num beliche fechado em algum compartimento dianteiro.

Diana precisava saber.

Aproximou-se da porta da suíte nupcial e hesitou.

Depois, girou a maçaneta e empurrou.

A suíte era mais ou menos do mesmo tamanho de um compartimento comum, com um tapete avermelhado, paredes bege e estofamento azul estampado de estrelas, igual ao do lounge. Nos fundos, via-se um par de beliches. De um lado, um divã e uma mesinha de café; do outro, uma banquetta, uma cômoda e um espelho. Havia duas janelas em cada lado...

Mervyn estava parado no meio do compartimento, aturdido com o repentino aparecimento de Diana. A Sra. Lenehan não se encontrava ali, mas seu casaco cinza de casimira jazia no sofá. Diana bateu a porta atrás de si e questionou:

– Como pôde fazer isso comigo?

– Fazer o quê?

Era uma boa pergunta, alertou o inconsciente. Por que estava tão zangada?

– Todos vão saber que passou a noite com ela!

– Não tive alternativa – protestou Mervyn. – Não havia nenhum outro lugar disponível.

– Não percebe que as pessoas vão rir de nós? Como se já não fosse suficiente você me seguir desse jeito!

– Por que eu deveria me importar? Todo mundo ri de um sujeito cuja esposa foge com outro homem.

– Mas isso só serve para piorar a situação! Deveria ter aceitado e se conformado do melhor jeito!

– Deve me conhecer bem o suficiente para saber que eu não me conformaria.

– Tem razão... e foi por isso que tentei impedir que me seguisse.

Mervyn deu de ombros.

– Pois fracassou. Não é esperta o bastante para me passar a perna.

– E você não é esperto o bastante para saber quando deve desistir educadamente!

– Nunca tive a pretensão de ser educado.

– E que tipo de vagabunda ela é? Uma mulher casada... Vi a aliança!

– Ela é viúva. Seja como for, quem é você para bancar a superior? Também é casada e está passando a noite com o amante.

– Pelo menos ficaremos em beliches separados, num compartimento público, não escondidos numa aconchegante suíte nupcial! – protestou Diana, reprimindo uma pontada de culpa ao recordar que planejava partilhar a cama com Mark.

– Mas não estou tendo um caso com a Sra. Lenehan – retrucou ele, exasperado. – Já você andou abaixando a calcinha para aquele playboy durante todo o verão, não é mesmo?

– Não seja tão vulgar!

Mas Diana sentiu que, de certa forma, ele tinha razão. Ela fizera exatamente aquilo: havia tirado a calcinha tão depressa quanto podia toda vez que se aproximava de Mark. Ele estava certo.

– Se dizer isso é vulgar, Diana, então fazer deve ser ainda pior.

– Pelo menos eu fui discreta... Não fiz alarde nem humilhei você.

– Não tenho tanta certeza assim. Provavelmente eu era a única pessoa em Manchester que não sabia o que você andava

fazendo. As adúlteras nunca são tão discretas quanto pensam.

– Não me chame assim!

A palavra a deixava envergonhada.

– Por que não? É o que você é.

– Parece vil – murmurou Diana, desviando os olhos.

– Deve se sentir agradecida por não mais apedrejarmos as adúlteras, como acontecia antigamente.

– É uma palavra horrível.

– Devia se envergonhar do feito, não da palavra.

– Você é sempre tão virtuoso... – murmurou Diana, cansada.

– Nunca fez nada errado, não é mesmo?

– Sempre agi corretamente com você!

Ela estava agora muito irritada.

– Duas esposas o abandonaram, mas você sempre foi a parte inocente. Nunca vai lhe passar pela cabeça o que você pode ter feito de errado?

Isso o enfureceu. Ele agarrou Diana pelos braços, segurando-os à sua frente, e sacudiu-a.

– Eu lhe dei tudo o que queria!

– Mas não se importa com meus sentimentos. Nunca se importou. Foi por isso que o deixei.

Ela pôs as mãos no peito de Mervyn para empurrá-lo... e nesse instante a porta se abriu e Mark entrou. Ele ficou parado, de pijama, olhando para os dois.

– Mas o que é isso, Diana? Planeja passar a noite na suíte nupcial?

Ela empurrou Mervyn, que a largou.

– Óbvio que não – disse a Mark. – Esta é a acomodação da Sra. Lenehan... que Mervyn está partilhando.

Mark riu, desdenhoso.

– Mas isso é sensacional! Tenho que transformar essa história num roteiro algum dia!

– Não é nada engraçado! – protestou Diana.

– Claro que é! – insistiu Mark. – Esse homem parte atrás da esposa como um lunático, e o que faz depois? Junta-se a uma mulher que encontrou pelo caminho!

Diana se ressentiu da atitude de Mark e descobriu-se, contra a vontade, defendendo Mervyn.

– Eles não estão juntos – retrucou, impaciente. – Acontece que eram os únicos lugares disponíveis.

– Devia ficar contente – comentou Mark. – Se ele se apaixonar pela mulher, vai deixar de persegui-la.

– Será que não percebe que estou transtornada?

– Claro que percebo, só não entendo o motivo. Não o ama mais. Às vezes fala como se o odiasse. Abandonou-o. Então por que se importa com quem ele dorme?

– Não sei, mas a verdade é que me importo! É muita humilhação!

Mark estava irritado demais para ser compreensivo.

– Você decidiu há algumas horas que voltaria para Mervyn. Depois, ele a aborreceu e você mudou de ideia. Agora está furiosa com ele por dormir com outra mulher.

– Não vou dormir com ninguém – interveio Mervyn.

Mark o ignorou.

– Tem certeza de que não continua apaixonada por Mervyn?
– indagou a Diana, com raiva.

– É uma coisa horrível de dizer!

– Sei disso, mas é verdade?

– Não, não é, e odeio você por pensar desta forma!

Diana estava em lágrimas.

– Pois então prove. Esqueça-o, não pense mais onde ele dorme.

– Nunca fui boa com testes! – berrou Diana. – Pare de ser tão lógico! Não estamos num programa de debates!

– Tem toda a razão, não estamos! – exclamou uma nova voz.

Os três se viraram e depararam com Nancy Lenehan na

porta, muito atraente num chambre azul de seda.

– Creio que esta é a minha suíte. O que está acontecendo aqui?

CAPÍTULO DEZESSETE

MARGARET OXENFORD SENTIA-SE furiosa e envergonhada. Tinha certeza de que os outros passageiros a observavam e pensavam na cena horrível na sala de jantar, presumindo que ela partilhava as lamentáveis opiniões do pai. Tinha medo de fitar qualquer um nos olhos.

Harry Marks resgatara os resquícios de sua dignidade. Fora muito hábil de sua parte, extremamente gentil, adiantar-se e segurar sua cadeira daquele jeito, depois lhe oferecer o braço ao saírem: um pequeno gesto, quase insignificante, mas para ela fazia um mundo de diferença.

Ainda assim, ela conservara apenas um vestígio de amor-próprio e fervilhava de ressentimento contra o pai por tê-la envolvido numa situação tão vergonhosa.

O compartimento mergulhou num silêncio gélido por duas horas depois do jantar. Quando o tempo começou a piorar, a mãe e o pai se retiraram para vestir as roupas de dormir. Foi nesse instante que Percy surpreendeu Margaret:

– Vamos pedir desculpas.

O primeiro pensamento que passou na sua mente foi de que isso envolveria ainda mais constrangimento e humilhação.

– Acho que eu não teria coragem.

– Basta procurarmos o barão Gabon e o professor Hartmann e dizer que lamentamos que papai tenha sido tão grosseiro.

A ideia de atenuar de alguma forma a ofensa era bastante tentadora. Ela se sentiria muito melhor.

– Papai ficaria furioso, Percy.

– Ele não precisa saber. E não me importo que fique zangado. Acho que foi longe demais. Nem tenho mais medo dele.

Margaret perguntou a si mesma se seria verdade. Quando era mais novo, Percy dizia muitas vezes que não estava com medo, mas na realidade se sentia apavorado. No entanto, ele não era mais um menininho.

Ficou um pouco preocupada com a ideia de que o irmão poderia ter escapado ao controle do pai. Só o pai podia contê-lo. Sem qualquer freio para suas travessuras, o que ele seria capaz de fazer?

– Vamos logo – insistiu Percy. – Tem que ser agora. Eles estão no terceiro compartimento, já verifiquei.

Margaret ainda hesitava. Intimidava-a a ideia de procurar os homens que o pai insultara. Podia provocar mais dor. Talvez preferissem esquecer o incidente o mais depressa possível. Mas também podiam estar se perguntando quantos outros passageiros concordavam secretamente com o pai. Não era mais importante tomar uma posição contra o preconceito racial?

Resolveu aceitar a sugestão do irmão. Muitas vezes fora covarde e quase sempre se arrependera. Apoiou-se no braço do assento para se levantar, pois o avião sacolejava a intervalos de poucos segundos.

– Está bem, Percy. Vamos nos desculpar.

Margaret tremia um pouco de apreensão, mas não dava para notar, pois o balanço do avião disfarçava. Ela seguiu na frente, atravessando o lounge e entrando no terceiro compartimento.

Gabon e Hartmann estavam a bombordo, um de frente para o outro. O cientista se achava absorto na leitura, o corpo comprido e magro meio encurvado, a cabeça de cabelos rentes inclinada, o nariz adunco apontado para uma página de cálculos matemáticos. O barão nada fazia, aparentemente entediado, e foi o primeiro a vê-los. Quando Margaret parou ao seu lado e pousou a mão no encosto para se apoiar, ele ficou tenso, com uma expressão hostil. Ela se apressou em dizer:

– Viemos pedir desculpas.

– Estou surpreso que tenham tanta coragem – falou Gabon.

Seu inglês era perfeito, com um leve sotaque francês. Margaret não esperara essa reação, mas ainda assim continuou:

– Lamento profundamente o que aconteceu, e meu irmão também. Admiro muito o professor Hartmann e já lhe disse isso antes.

Erguendo os olhos de seu livro, o cientista assentiu. Mas o barão ainda estava furioso.

– É muito fácil para pessoas como você dizerem que sentem muito. – Margaret fitava o chão, desejando não ter vindo, enquanto ele prosseguia: – A Alemanha está cheia de pessoas ricas e polidas que “lamentam profundamente” o que está acontecendo por lá. Mas o que fazem? O que você faz?

Margaret sentiu que corava. Não sabia o que dizer ou fazer. Hartmann interveio, com a voz gentil:

– Calma, Philippe. Não percebe que são muito jovens? – Ele olhou para Margaret. – Aceito o seu pedido de desculpas. Muito obrigado.

– Meu Deus... – murmurou Margaret. – Piorei ainda mais a situação?

– Claro que não – respondeu o cientista. – Pelo contrário, tornou-a um pouco melhor, e estou grato. Meu amigo, o barão, ainda está muito transtornado, mas tenho certeza de que acabará concordando comigo.

– É melhor irmos – murmurou a jovem, angustiada.

Hartmann meneou a cabeça e ela se virou.

– Lamento profundamente – murmurou Percy antes de segui-la.

Cambalearam de volta ao compartimento. Davy arrumava os beliches. Harry não estava ali; devia ter ido ao banheiro masculino. Margaret resolveu se aprontar para dormir. Pegou sua mala e seguiu para o toailete, a fim de trocar de roupa. A mãe estava saindo, estonteante em seu chambre marron-

avermelhado.

– Boa noite, querida – murmurou ela.

Margaret passou sem dizer nada. No banheiro apinhado, vestiu a camisola de algodão e o roupão. Suas roupas de dormir pareciam deselegantes entre as casimiras e sedas de cores brilhantes das outras mulheres, mas ela não se importava. O pedido de desculpas não lhe proporcionara alívio nenhum, no final das contas, porque o barão Gabon falara a verdade: muito fácil dizer que lamentava e não fazer nada para resolver o problema.

Quando ela voltou ao compartimento, os pais já tinham se deitado por trás das cortinas fechadas. Um ronco abafado partia do beliche de lorde Oxenford. Como o leito dela ainda não tinha sido arrumado, Margaret teve que se sentar no lounge.

Sabia muito bem que só havia uma saída para a situação crítica em que se encontrava: *precisava* deixar os pais, viver por conta própria. Estava mais determinada do que nunca, mas não se achava muito próxima de resolver os problemas práticos de dinheiro, trabalho e acomodação.

A Sra. Lenehan, a atraente mulher que embarcara no avião em Foynes, apareceu e se sentou ao seu lado, usando um chambre azul-claro por cima de um négligé preto.

– Vim pedir um conhaque, mas os comissários estão muito ocupados – comentou ela, mas não parecia muito desapontada. Gesticulou para indicar todos os passageiros e acrescentou: – É como uma festa do pijama ou um banquete à meia-noite no dormitório... Todo mundo circulando *en déshabillé*. Não concorda?

Margaret nunca fora a uma festa do pijama nem ficara num dormitório, por isso limitou-se a dizer:

– É muito estranho. Faz com que todos pareçamos uma só família.

A Sra. Lenehan prendeu o cinto de segurança: estava com

disposição para conversar.

– Não é possível ser formal quando se está em roupas de dormir, acho. Até mesmo Frankie Gordino parecia elegante em seu pijama vermelho, não é mesmo?

A princípio, Margaret não sabia a quem ela se referia; depois, no entanto, lembrou que Percy ouvira uma discussão entre o comandante e o agente do FBI.

– É o prisioneiro?

– Isso mesmo.

– Não tem medo dele?

– Acho que não. Ele não vai me fazer nenhum mal.

– Mas as pessoas estão dizendo que é um assassino, até mais do que isso.

– Sempre haverá crimes nos bairros miseráveis. Pode-se tirar Gordino de circulação, mas aparecerá outro para continuar a matar. Eu o deixaria lá. O jogo e a prostituição existem desde que Deus era menino. Se é para haver crime, que seja organizado.

Era um comentário um tanto chocante. Talvez algo na atmosfera do avião levasse as pessoas a serem excepcionalmente francas. Margaret também calculou que a Sra. Lenehan não falaria assim se estivessem em companhia masculina: as mulheres sempre eram mais comedidas quando havia homens presentes. De qualquer forma, a jovem ficou fascinada.

– Não seria melhor que o crime fosse desorganizado?

– Claro que não. Organizado, o crime é contido. Cada quadrilha possui seu território e lá permanece. Não atacam as pessoas na Quinta Avenida e não exigem taxa de proteção do Harvard Club. Então por que incomodá-los?

Margaret não podia deixar isso passar em branco:

– E o que me diz dos pobres que gastam seu dinheiro no jogo? E o que me diz das mulheres da vida que arruínam sua saúde?

– Não pense que não me importo com eles.

Margaret observou o rosto da Sra. Lenehan com atenção, tentando descobrir se ela estava sendo sincera.

– Sabe, eu faço sapatos. – Margaret deve ter parecido surpresa, pois a Sra. Lenehan acrescentou: – É esse meu meio de vida, sou proprietária de uma fábrica de sapatos. Meus calçados masculinos são baratos, duram de cinco a dez anos. Se a pessoa quiser, pode até comprar exemplares ainda mais baratos, só que não prestam... Têm solas de papelão que duram apenas dez semanas. E, acredite ou não, há quem prefira comprar esses! Acho que cumpri meu dever ao produzir bons sapatos. Se as pessoas são estúpidas o bastante para comprarem os de péssima qualidade, não há nada que eu possa fazer. E se as pessoas são estúpidas o bastante para gastar seu dinheiro no jogo quando não têm condições de comprar um bife para o jantar, isso também não é problema meu.

– Já foi pobre alguma vez? – indagou Margaret.

A Sra. Lenehan riu.

– Uma pergunta inteligente. Não, nunca fui. Por isso, talvez eu não devesse falar tanto. Meu avô fabricava botinas à mão e meu pai abriu a fábrica que eu agora dirijo. Não sei nada sobre a vida nos cortiços. E você?

– Também não, mas creio que haja motivos para que as pessoas joguem, roubem e vendam seus corpos. Não é apenas estupidez. São vítimas de um sistema cruel.

– Imagino que seja alguma espécie de comunista – comentou a Sra. Lenehan sem traço de hostilidade.

– Socialista – corrigiu Margaret.

– Isso é ótimo – comentou a mulher, surpreendentemente. – Pode mudar de ideia mais tarde... Tudo em que você acredita hoje pode mudar à medida que envelhece... Mas, se não há ideais para começar, o que se tem para melhorar? Não sou cética. Acho que devemos aprender com a experiência, mas sem

esquecer nossos ideais. Por que estou lhe dando esse sermão? Talvez porque hoje completo 40 anos.

– Parabéns!

Margaret normalmente se ressentia das pessoas mais velhas que lhe diziam que mudaria de ideia com o passar dos anos: era uma fala condescendente, quase sempre usada quando se perdia uma discussão mas não se queria admitir. A Sra. Lenehan, porém, era diferente.

– Quais são os seus ideais? – perguntou Margaret.

– Quero apenas fabricar bons sapatos. – Ela exibiu um sorriso autodepreciativo. – Acho que não é um grande ideal, mas é importante para mim. Tenho uma vida boa. Moro numa bela casa, meus filhos estudaram nas melhores escolas, gasto uma fortuna em roupas. Por que tenho tudo isso? Porque faço bons sapatos. Talvez me sentisse uma ladra se fabricasse sapatos de solas de papelão. Seria tão cruel quanto Frankie.

– Um ponto de vista bem socialista – comentou Margaret, sorrindo.

– Para dizer a verdade, simplesmente adotei os ideais de meu pai – disse a Sra. Lanehan, pensativa. – De onde vêm os seus? Não do seu pai, tenho certeza.

Margaret corou.

– Já soube da cena no jantar?

– Eu estava presente.

– Tenho que fugir dos meus pais.

– O que a impede?

– Só tenho 19 anos.

A Sra. Lenehan reagiu com certo desdém.

– E daí? Muitas pessoas fogem de casa aos 10!

– Já tentei. Acabei me metendo numa encrenca e a polícia me pegou.

– Desiste com muita facilidade.

Margaret não queria que a Sra. Lenehan pensasse que

fracassara por falta de coragem.

– Não tenho dinheiro, nunca tive uma educação apropriada. Não sei o que poderia fazer para ganhar a vida.

– Está a caminho dos Estados Unidos, meu bem. A maioria das pessoas chegou lá com muito menos do que você e algumas são milionárias agora. Sabe ler e escrever em inglês, é simpática, inteligente, bonita... Poderia arrumar um emprego com facilidade. Eu mesma a contrataria.

O coração de Margaret quase parou. No começo, ficara ressentida com a atitude tão pouco compreensiva da Sra. Lenehan. Agora, entendeu que lhe era oferecida uma oportunidade.

– É mesmo? Poderia me contratar?

– Claro.

– Para fazer o quê?

A Sra. Lenehan pensou por um momento.

– Eu a colocaria no departamento de vendas: lambendo selos, servindo café, atendendo o telefone, sendo simpática com os clientes. Caso se mostrasse útil, em breve seria promovida a assistente de gerente de vendas.

– O que isso envolve?

– As mesmas tarefas, só que por mais dinheiro.

Para Margaret, parecia um sonho impossível.

– Meu Deus, um emprego de verdade num escritório de verdade! – murmurou ela, sonhadora.

A Sra. Lenehan riu.

– A maioria das pessoas acharia um trabalho enfadonho.

– Para mim, seria uma grande aventura.

– No princípio, talvez.

– Não é enganação? – indagou Margaret, solene. – Se eu for a seu escritório dentro de uma semana, poderia me dar um emprego?

A Sra. Lenehan parecia surpresa.

– Ei, você fala mesmo sério, hein? Pensei que fosse apenas hipótese.

Margaret sentiu um aperto no coração.

– Quer dizer que não me daria um emprego? – lamentou ela.
– Tudo não passava de conversa?

– Eu gostaria muito de contratá-la, mas estou com um problema. Dentro de uma semana, talvez eu mesma não tenha emprego.

Margaret teve vontade de chorar.

– Como assim?

– Meu irmão está tentando tirar a companhia de mim.

– Como ele pode fazer isso?

– É uma questão bastante complicada, e talvez ele não consiga. Estou lutando para impedi-lo, mas não tenho certeza de como tudo vai acabar.

Margaret mal podia acreditar que aquela oportunidade lhe fora arrebatada depois de apenas alguns momentos.

– A senhora deve vencer! – exclamou ela, com veemência.

Antes que a Sra. Lenehan pudesse responder, Harry surgiu como a aurora, com um pijama vermelho e um chambre azul-celeste. Sua presença fez Margaret se sentir mais calma. Ele se sentou e Margaret o apresentou.

– A Sra. Lenehan veio pedir um conhaque, mas os comissários estão ocupados – explicou ela.

Harry ficou surpreso.

– Eles podem estar ocupados, mas ainda devem servir drinques.

Ele se levantou e enfiou a cabeça no compartimento ao lado.

– Davy, pode fazer o favor de trazer um conhaque para a Sra. Lenehan?

Margaret ouviu o comissário responder:

– Claro, Sr. Vandenpost!

Harry tinha facilidade em persuadir as pessoas a fazerem o

que ele queria. Tornando a se sentar, acrescentou:

– Não pude deixar de notar seus brincos, Sra. Lenehan. São absolutamente maravilhosos.

– Obrigada – respondeu, sorrindo, satisfeita com o elogio.

Margaret olhou-os mais atentamente. Cada brinco tinha uma pérola grande dentro de um rendilho de ouro, com lascas de diamantes. Eram de uma elegância discreta. Desejou ter alguma joia requintada para despertar o interesse de Harry.

– Comprou-os nos Estados Unidos? – perguntou ele.

– Isso mesmo. São de Paul Flato.

Harry assentiu.

– Mas acho que foram desenhados por Fulco di Verdura.

– Isso eu não sei. – Fez-se uma pausa e a Sra. Lenehan acrescentou, observadora: – Parece-me estranho um jovem se interessar por joias.

Margaret teve vontade de dizer “Ele se interessa principalmente em roubá-las, por isso tome cuidado!”, mas estava impressionada pela competência de Harry, que sempre notava as melhores peças e, muitas vezes, sabia quem as desenhara.

Davy trouxe o conhaque. Parecia capaz de andar sem cambalear, apesar dos sacolejos do avião. A Sra. Lenehan pegou o copo e se levantou.

– Vou dormir um pouco.

– Boa sorte – desejou Margaret, pensando na batalha da Sra. Lenehan contra o irmão. Se ela vencesse, iria contratá-la, como prometera.

– Obrigada. Boa noite.

Enquanto ela se afastava cambaleando em direção ao fundo do avião, Harry perguntou, ciumento:

– Sobre o que estavam conversando?

Margaret hesitou em falar sobre a oferta de emprego que Nancy lhe fizera. Estava animada com a perspectiva, mas ainda

não era certo, por isso não podia pedir a Harry que se regozijasse por ela. Decidiu guardar segredo por mais algum tempo.

– Começamos a falar sobre Frankie Gordino. Nancy acha que pessoas como ele devem ser deixadas em paz. Tudo o que fazem é organizar coisas como jogo e... prostituição... que não fazem mal a ninguém, exceto às pessoas que optam por participar.

Ela corou um pouco: nunca antes pronunciara em voz alta a palavra “prostituição”. Harry ficou pensativo e comentou depois de um momento:

– Nem todas as mulheres se prostituem por vontade própria. Algumas são forçadas. Você já ouviu falar de escravas brancas?

– É isso que significa?

Margaret já lera a expressão em jornais, mas imaginara vagamente que as moças eram sequestradas e enviadas para serem camareiras em Istambul. Fora muita ingenuidade de sua parte.

– Não acontece com tanta frequência quanto dizem os jornais – explicou Harry. – Só há um mercador de escravas brancas em Londres... Ele é chamado de Benny, o Maltês, pois realmente vem de Malta.

Margaret estava fascinada. E pensar que tudo aquilo ocorria debaixo do seu nariz!

– Podia ter acontecido comigo!

– Tem razão, naquela noite em que fugiu de casa. É o tipo de situação que Benny adora. Uma jovem sozinha, sem dinheiro, sem ter onde dormir. Ele lhe ofereceria um bom jantar, depois um emprego numa companhia de dança de partida para Paris pela manhã e você pensaria ser a sua salvação. A trupe seria na verdade um espetáculo de striptease, mas você só descobriria quando estivesse em Paris, sem dinheiro, sem ter como voltar para casa, por isso aceitaria ficar na última fila, requebrando da

melhor forma possível.

Margaret se imaginou na situação e concluiu que isso realmente aconteceria. Harry continuou:

– Uma noite pediriam que você fosse “boazinha” com um milionário bêbado na plateia. Se recusasse, eles a levariam à força até ele.

Margaret fechou os olhos, enojada e apavorada ao pensar no que lhe poderia ter acontecido.

– No dia seguinte, você poderia até fugir, mas para onde iria? Talvez dispusesse de alguns francos, mas não seriam suficientes para voltar para casa. E começaria a pensar no que diria à sua família quando a encontrasse. A verdade? Nunca a encontraria. Por isso, acabaria voltando aos alojamentos com as outras garotas, que pelo menos se mostrariam cordiais e compreensivas. Depois, passaria a pensar que, se tinha feito uma vez, poderia fazer de novo. E o próximo milionário seria um pouco mais fácil. Antes de perceber, já se sentiria ansiosa pelas gorjetas que os clientes lhe deixariam na mesinha de cabeceira pela manhã.

Margaret estremeceu.

– É a coisa mais horrível que já ouvi.

– É por isso que não acho que se deve deixar Frankie Gordino em paz.

Ambos ficaram calados por um longo momento, depois Harry acrescentou, pensativo:

– Eu gostaria de saber qual é a ligação entre Frankie Gordino e Clive Membury.

– Existe alguma?

– Percy disse que Membury tem um revólver. Eu já havia achado que ele era um policial.

– É mesmo? Como?

– Pelo colete vermelho. Para um policial, é o tipo de coisa que faz alguém parecer um playboy.

– Talvez ele esteja ajudando a vigiar Frankie Gordinio.

Harry duvidava.

– Por quê? Gordinio é um criminoso americano, a caminho de uma prisão americana. Deixou o território britânico, está sob custódia do FBI. Não posso conceber que a Scotland Yard mande alguém para ajudar a vigiá-lo, ainda mais quando se leva em consideração o custo de uma passagem no Clipper.

– Ele não poderia estar seguindo você? – sussurrou Margaret.

– Até os Estados Unidos? – murmurou Harry, cético. – No Clipper? Com um revólver? Por causa de um par de abotoaduras?

– Pode imaginar outra explicação?

– Não.

– Seja como for, talvez as conversas sobre Gordinio levem as pessoas a esquecer o horrível comportamento de meu pai durante o jantar.

– Por que ele explodiu daquele jeito? – perguntou Harry, curioso.

– Não sei. Ele nem sempre foi assim. Lembro que era bastante comedido quando eu era mais jovem.

– Já encontrei alguns fascistas. Quase sempre são pessoas assustadas.

– É mesmo? – Margaret achou a ideia surpreendente e um tanto implausível. – Parecem muito agressivos.

– Sei disso. Por dentro, no entanto, vivem apavorados. É por isso que gostam de marchar de um lado para outro usando uniformes... Sentem-se seguros quando fazem parte de um bando. É por isso que não gostam da democracia... É incerta demais. Ficam mais felizes numa ditadura, na qual se sabe o que vai acontecer em seguida e o governo não pode mudar de repente.

Margaret achou que isso fazia muito sentido e assentiu, pensativa.

– Lembro que, mesmo antes de se tornar tão amargo, papai se mostrava irracionalmente furioso com os comunistas, sionistas, sindicalistas, fenianos e quinta-colunistas... Havia sempre alguém prestes a subjugar o país. Por falar nisso, nunca foi muito provável que os sionistas subjugassem a Inglaterra, não é?

Harry sorriu.

– Os fascistas estão sempre com raiva. Muitas vezes são pessoas que se decepcionaram com a vida por algum motivo.

– Isso se aplica ao papai. Quando meu avô morreu e ele herdou a propriedade, descobriu que estava falida. Viveu com dificuldades até casar com mamãe. Concorreu ao Parlamento, mas nunca foi eleito. E agora é expulso do país. – Subitamente, ela sentia que compreendia melhor o pai. Harry era de uma percepção surpreendente. – Onde aprendeu tudo isso? Não é muito mais velho do que eu.

Ele deu de ombros.

– Battersea é um lugar de intensa atividade política. Se não me engano, é a maior seção do Partido Comunista em Londres.

Ao entender melhor as emoções paternas, Margaret se envergonhou um pouco menos do que acontecera. Não o perdoava, é claro, mas ainda assim era reconfortante pensar no pai como um homem desapontado e assustado em vez de alguém insano e vingativo. Harry Marks era mesmo muito esperto. Ela gostaria de poder contar com a sua ajuda para escapar da família. Imaginou se ele ainda iria querer encontrá-la depois que chegassem à América.

– Já sabe onde vai viver, Harry?

– Acho que arrumarei um lugar em Nova York. Tenho algum dinheiro e posso conseguir mais.

Parecia fácil, da maneira como ele falava. Provavelmente era mais fácil para os homens. As mulheres precisavam de proteção.

– Nancy Lenehan me ofereceu um emprego – revelou

Margaret, num súbito impulso. – Mas talvez não possa cumprir a promessa, porque o irmão está tentando tirar a empresa dela.

Harry fitou-a e logo desviou os olhos, com uma expressão inesperadamente tímida, como se, pela primeira vez, não estivesse muito seguro de si mesmo.

– Sabe, se você quiser, eu não me importaria... poderia ajudá-la.

Era isso que Margaret esperava ouvir.

– É mesmo?

Ele achava que não havia muito que pudesse fazer.

– Poderia ajudá-la a procurar um quarto.

O alívio foi intenso.

– Seria maravilhoso, Harry! Nunca procurei um alojamento, nem mesmo sei por onde começar.

– Procura-se no jornal.

– Os jornais avisam sobre quartos?

– Publicam anúncios.

– Não há anúncios de quartos no *Times*. – Era o único jornal que o pai lia.

– Os jornais vespertinos são melhores.

Margaret sentiu-se tola por não saber algo tão simples.

– Preciso muito de um amigo para me ajudar.

– Acho que posso protegê-la do equivalente americano a Benny, o Maltês, pelo menos.

– Não pode imaginar como estou feliz. Primeiro a Sra. Lenehan, agora você. Sei que posso ganhar a vida sozinha se tiver amigos. Sou tão grata a você que nem sei o que dizer.

Davy entrou no lounge. Margaret percebeu que o voo já estava suave havia uns cinco ou dez minutos.

– Olhem todos pelas janelas de bombordo – sugeriu o comissário. – Verão uma coisa dentro de poucos segundos.

Margaret obedeceu. Harry desafivelou o cinto de segurança e se adiantou para olhar por cima do ombro dela. O avião se

inclinou para bombordo. Depois de um momento, a jovem viu que voavam baixo, sobre um enorme transatlântico, todo iluminado, como a Piccadilly Circus. Alguém comentou:

– Devem ter acendido as luzes para nós: normalmente navegam com as luzes apagadas desde que a guerra foi declarada... com medo de submarinos.

Margaret estava consciente da proximidade de Harry, mas não se importava. A aeronave devia ter se comunicado pelo rádio com a tripulação do navio, pois todos os passageiros saíram para o tombadilho, ficaram olhando para o avião e acenando. Estavam tão próximos que Margaret podia até identificar suas roupas: os homens usavam smokings e as mulheres, vestidos longos. A embarcação avançava depressa, a proa cortando as ondas sem esforço, e o Clipper a sobrevoou devagar. Foi um momento especial: Margaret ficou encantada. Encarou Harry e os dois sorriram um para o outro, partilhando a magia. Ele pôs a mão na cintura de Margaret, no lado protegido por seu próprio corpo, onde ninguém poderia ver. O contato foi suave, mas ela sentiu a pele em brasas. Uma onda de calor a percorreu, deixando-a atordoada, mas não queria que Harry retirasse a mão. Depois de algum tempo, porém, o navio ficou para trás, as luzes se enfraqueceram e, logo, se apagaram por completo. Os passageiros do Clipper voltaram a seus lugares e Harry recuou.

Mais pessoas foram se deitar e agora só restavam no salão os jogadores de cartas, além de Harry e Margaret. Acanhada, ela não sabia o que fazer. Estava tão constrangida que se viu dizendo:

– Está ficando tarde. É melhor irmos para a cama.

Por que eu disse isso?, pensou. Não quero ir para a cama!

Harry pareceu desapontado.

– Acho que ficarei mais um pouco.

Margaret se levantou.

– Muito obrigada por sua oferta de ajuda.

– Não foi nada.

Por que estamos sendo tão formais?, pensou Margaret. Não quero me despedir desse jeito!

– Durma bem.

– Você também.

Ela começou a se afastar, mas logo voltou.

– Fala sério sobre me ajudar, não é? Não vá me decepcionar.

O rosto de Harry se desanuviou e ele lhe lançou um olhar quase apaixonado.

– Não vou decepcioná-la, Margaret. Prometo.

De repente, a jovem experimentou uma profunda afeição por ele. Num súbito impulso, sem pensar, inclinou-se e o beijou. Foi um fugaz roçar de lábios, mas o desejo se irradiou por seu corpo como um choque elétrico. Empertigou-se no mesmo instante, espantada com o que fizera, pela maneira como se sentia. Por um momento, encararam-se. Em seguida, ela passou para o compartimento seguinte.

Suas pernas estavam bambas. Olhando ao redor, verificou que o Sr. Membury ocupara o leito superior, no lado de bombordo, deixando o inferior para Harry. Percy também se acomodara no de cima. Ela se deitou na cama embaixo do irmão e fechou a cortina.

Eu o beijei, pensou ela, e foi maravilhoso.

Deslizou para debaixo das cobertas e apagou a pequena lâmpada. Era como estar numa barraca, só que bastante aconchegante. Podia olhar pela janela, mas não havia nada para ver, apenas nuvens e chuva. Mesmo assim, era emocionante. Lembrou-se dos tempos em que ela e Elizabeth tinham permissão para armar uma tenda no jardim e dormir lá, nas noites quentes de verão, na infância. Sempre tinha a sensação de que nunca conseguiria dormir, de tão agitada. Mas, quando dava por si, um momento depois, já era dia claro e a cozinheira batia na lona para entregar uma bandeja com chá e torradas.

Ela se perguntou por onde Elizabeth estaria andando agora. Enquanto pensava nisso, ouviu uma batida de leve na cortina.

A princípio, pensou que fosse sua imaginação, já que estava se lembrando da cozinheira. Então ouviu de novo um som que parecia o de uma unha, *tap, tap, tap*. Ela hesitou, em seguida se apoiou no cotovelo, puxando as cobertas até o pescoço.

Tap, tap, tap.

Margaret entreabriu a cortina e deparou com Harry.

– O que você quer? – sussurrou ela, embora achasse que sabia.

– Quero beijá-la de novo.

Ela ficou satisfeita e horrorizada ao mesmo tempo.

– Não seja bobo!

– Por favor.

– Vá embora.

– Ninguém vai ver.

Era um pedido ultrajante, mas Margaret ficou bastante tentada. Recordou a comichão do primeiro beijo e queria experimentá-la de novo. Quase involuntariamente, abriu mais um pouco a cortina. Harry enfiou a cabeça pela abertura, com uma expressão suplicante. Era irresistível. Margaret o beijou. Ele recendia a pasta de dentes. Ela pretendia dar um beijo rápido, como o anterior, mas Harry tinha outras ideias. Mordiscou o lábio inferior de Margaret, que achou aquilo excitante. Instintivamente, ela entreabriu a boca e sentiu a língua dele roçar em seus lábios. Ian nunca fizera isso. Era esquisito, mas agradável. Sentindo-se uma depravada, Margaret estendeu a própria língua para que se encontrasse com a dele. A respiração de Harry se tornou ofegante. Percy se mexeu no beliche em cima, lembrando-a de onde ela estava. Entrou em pânico: como podia fazer aquilo? Beijava publicamente um homem que mal conhecia! Se o pai a visse, haveria a maior confusão! Margaret se desvencilhou, arfando. Harry esticou o pescoço, querendo beijá-la de novo,

mas ela o empurrou.

– Deixe-me entrar – sussurrou ele.

– Não seja ridículo!

– Por favor.

Seria impossível. Margaret nem mesmo se sentiu tentada – o pavor a dominou.

– Não, não, não.

Harry ficou desconcertado, então ela resolveu abrandar:

– Você é o homem mais simpático que já conheci em muito tempo, talvez em toda a minha vida, mas não é tão irresistível assim. Vá para a cama.

Harry percebeu que ela falava sério e abriu um meio sorriso pesaroso. Parecia prestes a falar, mas Margaret fechou a cortina antes que ele tivesse tempo.

Apurou os ouvidos e teve a impressão de ouvir os passos leves de Harry se afastando.

Recostou-se, respirando com dificuldade. Meu Deus, foi como um sonho!, pensou ela. Margaret sorriu no escuro, reconstituindo o beijo. Desejava realmente ter ido mais longe. Acariciou-se de leve enquanto pensava a respeito.

Sua mente retornou à primeira amante, Monica, uma prima que fora passar o verão em sua casa, quando Margaret tinha 13 anos. A garota contava 16 anos, era loura, bonita e parecia saber de tudo. Margaret adorou-a desde o início.

A prima morava na França e, talvez por causa disso, ou talvez porque seus pais eram mais liberais, andava nua com a maior naturalidade pelos quartos e pelo banheiro da ala das crianças. Margaret nunca vira alguém mais velho nu e ficou fascinada pelos seios grandes e a moita de cabelos cor de mel entre as pernas de Monica, pois, na época, tinha um busto pequeno e apenas uma penugem.

No entanto, a prima seduzira primeiro Elizabeth – a irmã feia e mandona, que tinha espinhas no queixo! Margaret ouviu-as

murmurando e se beijando à noite, e ficou sucessivamente perplexa, furiosa, ciumenta e, por fim, invejosa. Percebeu que Monica se afeiçoara muito a Elizabeth. Sentia-se magoada e excluída pelos olhares furtivos que as duas trocavam, o contato aparentemente acidental das mãos quando passeavam pelo bosque ou sentavam-se para o chá.

Mas um dia, por algum motivo, Elizabeth foi a Londres com a mãe e Margaret encontrou Monica no banho. Ela estava deitada na água quente, de olhos fechados, tocando-se entre as pernas. Ouvira a prima entrar, mas não parou. Margaret ficou observando, assustada, mas também fascinada, enquanto Monica se masturbava até chegar ao orgasmo.

Naquela noite, Monica foi para a cama de Margaret em vez de procurar Elizabeth. Porém a irmã teve um chilique, ameaçou contar tudo e, ao final, elas a partilharam, como esposa e amante, num triângulo ciumento. Margaret sentiu-se culpada e desonesta durante todo o verão, mas a afeição intensa e o prazer físico recém-descobertos eram maravilhosos demais para serem rejeitados, e tudo só terminou quando Monica voltou à França, em setembro.

Depois de Monica, ir para a cama com Ian foi um choque terrível. Ele foi desajeitado e inábil. Ela sabia que um rapaz como Ian conhecia muito pouco sobre o corpo de uma mulher, por isso não podia proporcionar a ela o mesmo prazer que experimentara com Monica. Mas Margaret logo superou o desapontamento inicial, e Ian amava-a tão profundamente que a paixão compensava a inexperiência.

Pensar em Ian deixou-a com vontade de chorar, como sempre. Desejou de todo o coração que tivesse feito amor com ele mais vezes e com mais disposição. Mostrara-se resistente no princípio, embora estivesse tão ansiosa quanto o namorado. Ele suplicara por meses, até que ela acabara cedendo. Depois da primeira vez, apesar de querer de novo, Margaret criara

dificuldades. Não desejava fazer amor em seu quarto, pois alguém podia aparecer e estranhar a porta trancada; tinha medo de fazer ao ar livre, embora conhecesse muitos esconderijos no bosque em torno da casa; sentia-se desconfortável de usar os apartamentos dos amigos de Ian, com receio de ganhar má reputação. Por trás de tudo, ficava aterrorizada pensando no que o pai faria se algum dia descobrisse.

Dividida entre o desejo e a ansiedade, sempre fizera amor de forma furtiva, apressada e culpada, e apenas por três vezes, antes da partida de Ian para a Espanha. Claro que imaginara que teriam todo o tempo do mundo pela frente. Então o namorado morreu. Com a notícia, veio o terrível pensamento de que ele nunca mais tocaria em seu corpo. Margaret chorou tanto que pensou que seu coração ia explodir. Sonhara que passariam o resto da vida aprendendo a fazer feliz um ao outro, porém nunca mais tornaria a vê-lo.

Ela gostaria de ter se entregado plenamente a Ian desde o início, fazendo amor em todas as oportunidades, de forma imprudente. Seus temores pareciam insignificantes agora que ele se encontrava sepultado numa colina poeirenta da Catalunha.

De repente lhe ocorreu que podia estar cometendo o mesmo erro de novo, naquele momento.

Desejava Harry Marks. Seu corpo ansiava por ele. Era o único homem que a fizera se sentir assim desde Ian. Mas o repelira. Por quê? Porque tinha medo. Porque estava num avião, os beliches eram pequenos, alguém podia ouvir, o pai dormia ali perto e Margaret tinha pavor de ser surpreendida.

Estaria sendo tola e covarde outra vez?

E se acontecesse um desastre? Era um voo transatlântico pioneiro e estava no meio do caminho entre a Europa e a América, a centenas de quilômetros de terra firme em qualquer direção: se algo saísse errado, todos morreriam em poucos minutos. E seu último pensamento seria de lamento por nunca ter

feito amor com Harry Marks.

O avião poderia até não cair, mas ainda assim aquela podia ser a sua última oportunidade. Não tinha a menor ideia do que aconteceria quando chegassem aos Estados Unidos. Ela planejava ingressar nas Forças Armadas assim que pudesse e Harry falara em se tornar piloto na Força Aérea Canadense. E se ele morresse em combate como Ian? Que importância tinha sua reputação, quem conseguia se preocupar com a ira dos pais quando a vida podia ser tão curta? Ela quase desejou ter deixado Harry entrar.

Ele tentaria de novo? Margaret achava que não. Dera-lhe um “não” bem categórico. Qualquer homem que ignorasse esse tipo de rejeição seria insensível. Harry fora persistente, de forma lisonjeira, mas não obstinado. Não pediria outra vez naquela noite.

Fui uma tola, pensou Margaret. Ele poderia estar aqui agora: eu só precisava dizer sim.

Abraçou a si mesma, imaginando que Harry a abraçava. Estendeu a mão, hesitante, como se acariciasse o quadril nu dele. Haveria pelos louros e crespos em suas coxas.

Decidiu ir ao banheiro. Talvez Harry se levantasse também naquele momento, por um golpe de sorte; ele também poderia chamar o comissário para pedir um drinque ou qualquer outra coisa. Desprendeu as cortinas e se sentou. O beliche de Harry estava fechado. Margaret enfiou os pés nas pantufas e ficou de pé.

Quase todos já se achavam deitados agora. Ela deu uma espiada na cozinha: estava vazia. Afinal, os comissários também precisavam dormir. Provavelmente cochilavam no primeiro compartimento, com os outros tripulantes em intervalo de trabalho. Seguindo na direção oposta, Margaret passou pelo lounge e constatou que os mais resistentes, todos homens, ainda jogavam pôquer. Via-se uma garrafa de uísque na mesa e eles

próprios se serviam. Foi em frente, cambaleando de um lado para outro com o balanço do avião. O chão se elevava na direção da cauda e havia degraus entre os compartimentos. Duas ou três pessoas continuavam sentadas, lendo, com as cortinas abertas, mas a maioria dos beliches estava fechada e silenciosa.

Não havia ninguém no banheiro feminino. Margaret sentou-se na frente do espelho e se contemplou. Parecia estranho que um homem a achasse atraente. Seu rosto era um tanto comum – a pele muito clara, os olhos de um estranho tom verde. Às vezes pensava que os cabelos eram seu único ponto favorável: longos e lisos, de um castanho-avermelhado brilhante. Os homens com frequência reparavam neles.

O que Harry pensaria de seu corpo se ela o tivesse deixado entrar? Podia achar aqueles seios grandes repugnantes – talvez o remetesse à imagem materna, a tetas de vacas, algo assim. Ouvira dizer que os homens gostavam de seios pequenos e bem-feitos, no formato das taças de champanhe servidas em festas. Não seria possível encaixar um seio meu numa taça de champanhe, pensou, desolada.

Gostaria de ser pequena, como as modelos da *Vogue*, porém mais parecia uma dançarina espanhola. Sempre que colocava um vestido de baile, precisava usar um espartilho por baixo; caso contrário, o busto balançaria descontroladamente. Mas lançava seu corpo. Dizia que as modelos pareciam bonecas.

Você é uma mulher de verdade, declarara ele uma tarde, num momento furtivo na velha ala das crianças, beijando-a no pescoço, apalpando os seus seios, enfiando as mãos por baixo do suéter de casimira. Margaret gostava de seus seios naquela época.

O avião entrou numa área de intensa turbulência e ela teve que se segurar na beira da penteadeira para não cair da banquetta. Antes de morrer, pensou, mórbida, gostaria que um homem acariciasse os meus seios outra vez.

Depois que o Clipper se firmou, Margaret voltou ao compartimento. Todos os beliches estavam fechados. Ela parou por um instante, desejando que Harry abrisse sua cortina. Mas isso não aconteceu. Olhou pelo corredor, para um lado e para o outro, por toda a extensão da aeronave. Ninguém à vista.

Fora covarde durante toda a vida.

Mas nunca desejara tanto uma coisa.

Sacudiu a cortina de Harry. Por um momento, nada aconteceu. Ela não tinha formulado nenhum plano: não sabia o que faria ou diria.

Não escutou nada do lado de dentro. Margaret tornou a agitá-la. Um instante depois, Harry a entreabriu para olhar. Fitaram-se em silêncio: ele surpreso, ela incapaz de falar.

Então Margaret ouviu um barulho às suas costas. Olhando para trás, percebeu um movimento na cortina do pai. A mão dele segurou-a por dentro. Estava prestes a se levantar para ir ao banheiro.

Sem pensar duas vezes, Margaret empurrou Harry para trás e entrou em seu beliche. Ao fechar a cortina, avistou o pai saindo de sua cama. Por um milagre, ele não a vira. Graças a Deus!

Margaret ficou de joelhos no pé do beliche, olhando para Harry. Ele estava sentado no outro lado, com os joelhos sob o queixo, fitando-a na claridade difusa que passava pela cortina. Parecia uma criança que vira o Papai Noel descer pela chaminé: mal podia acreditar em sua sorte. Abriu a boca para falar, mas Margaret silenciou-o, encostando um dedo em seus lábios.

De repente, ela lembrou que deixara as pantufas para trás. Tinham suas iniciais bordadas, portanto qualquer um poderia saber a quem pertenciam. E se encontravam ali no chão, ao lado dos calçados de Harry, como sapatos diante de um quarto de hotel. Assim, todos saberiam que estava dormindo com ele.

Poucos segundos se passaram. Espiou por uma fresta da cortina. O pai ainda descia a escada do beliche, de costas para

Margaret. Ela estendeu a mão. Se o pai se virasse naquele momento, estaria perdida. Tateou à procura das pantufas e encontrou-as. Recolheu-as no instante em que os pés descalços do pai alcançavam o chão atapetado do avião. E fechou a cortina uma fração de segundo antes que ele virasse a cabeça.

Deveria estar apavorada agora, mas a verdade é que estava entusiasmada.

Não tinha uma ideia definida do que desejava que acontecesse agora. Sabia apenas que queria ficar com Harry. A perspectiva de passar a noite sozinha em seu beliche, desejando que ele estivesse ali, tornara-se insuportável. Mas não se entregaria a ele. Bem que gostaria – e muito –, mas havia todo tipo de problemas práticos, inclusive o fato de o Sr. Membury se achar profundamente adormecido poucos centímetros acima.

No momento seguinte, deu-se conta de que Harry, ao contrário, sabia muito bem o que queria. Ele se inclinou para a frente, puxou a cabeça dela para perto e beijou-a.

Depois de uma hesitação momentânea, Margaret abandonou toda a resistência e se entregou à sensação.

Ficara pensando a respeito por tanto tempo que parecia já fazer amor com ele havia horas. Mas agora aquilo era real: havia a mão firme e forte em seu pescoço, uma boca de verdade beijando a sua, alguém mesclando a respiração à sua. Foi um beijo lento e terno, suave e exploratório. Margaret teve consciência de cada pequeno detalhe: os dedos de Harry se mexendo nos cabelos dela, a aspereza de seu rosto barbeado, o bafo quente na face macia, a boca dele em movimento, seus dentes mordiscando os lábios dela, a língua investigando, forçando entre os dentes, procurando a sua. Cedendo a um impulso irresistível, Margaret abriu a boca.

Separaram-se depois de um momento, ofegantes. Os olhos de Harry baixaram para seus seios. Olhando para baixo, Margaret descobriu que seu chambre se entreabriu, os mamilos

se comprimiam contra o algodão da camisola. Harry parecia hipnotizado. Num movimento bem vagaroso, estendeu uma das mãos, roçou-a de leve no seio esquerdo, acariciando o bico sensível através do tecido, fazendo-a gemer de prazer.

De repente as roupas pareciam insuportáveis. Margaret tirou o chambre, apressada. Segurou a bainha da camisola, depois hesitou. Uma voz de advertência no fundo da mente dizia “Depois disso, não haverá mais como voltar atrás!”, e ela pensou: “Ótimo!” Tirou a camisola e ficou ajoelhada na frente de Harry, nua.

Margaret sentia-se vulnerável e inibida, mas, de certa forma, a ansiedade aguçava a excitação. Os olhos de Harry vaguearam por seu corpo e ela viu adoração e desejo neles. Contorcendo-se no espaço apertado, ele ficou de joelhos e se inclinou para a frente, baixando a cabeça até o busto de Margaret. Ela experimentou um momento de incerteza: o que Harry ia fazer? Os lábios dele roçaram no alto dos seios, primeiro num, depois no outro. Ela sentiu a mão sob o seio esquerdo, acariciando, segurando, apertando suavemente. Os lábios de Harry desceram para o mamilo. Ele o mordiscou de leve. O mamilo estava tão intumescido que parecia que ia estourar. Então Harry começou a chupá-lo e Margaret gemeu.

Não demorou muito para que ela quisesse que ele repetisse aquilo com o outro seio, mas estava tímida demais para pedir. Contudo, talvez Harry tivesse notado seu desejo, pois logo o atendeu. Margaret afagou os cabelos eriçados da nuca dele, então, dominada por um impulso, pressionou sua cabeça contra os seios. Harry sugou com mais vigor ainda em resposta.

Margaret queria explorar o corpo de Harry. Quando ele se deteve, ela o empurrou para trás e desabotoou o paletó de seu pijama. Os dois ofegavam como atletas, mas não falavam, com medo de serem ouvidos. Ele tirou a parte de cima da roupa. Não havia pelos em seu peito. Margaret o desejava completamente

nu, como ela estava. Encontrou o cordão da calça e, sentindo-se pervertida, puxou-o.

Harry parecia hesitante e um pouco surpreso, dando a Margaret a incômoda impressão de estar sendo mais ousada do que as outras garotas que ele conhecera. Mas ela precisava continuar o que começara. Empurrou-o até que sua cabeça pousasse no travesseiro. Depois, abaixou a calça. Harry ergueu os quadris para liberá-la.

Havia um tufo de pelos louros escuros na base de sua barriga. Ela revelou mais o corpo dele e ficou aturdida quando o pênis se libertou, empinado como um mastro. Ficou olhando, fascinada. A pele se esticava sobre as veias e a extremidade era inchada como uma tulipa azul. Harry permaneceu imóvel, porque era isso que ela queria. O fato de Margaret contemplá-lo assim parecia inflamá-lo ainda mais, pois ela ouviu sua respiração ofegante. Sentiu-se impelida, por curiosidade e por alguma outra emoção, a tocá-lo. A mão foi atraída para a frente de maneira irresistível. Ele soltou um grunhido baixo ao perceber o que ela estava prestes a fazer. Margaret hesitou no último instante. Sua mão pálida pairou sobre o pênis escuro. Harry deixou escapar um gemido. Então, com um suspiro, ela o agarrou, envolvendo o membro grosso. A pele era quente ao contato, também macia, mas quando Margaret o apertou de leve, fazendo-o arfar, descobriu ser dura, como se houvesse um osso ali. Ela encarou Harry, que estava enrubescido de desejo e respirava com dificuldade pela boca. Margaret ansiava agradar a ele. Mudando a posição da mão, começou a massagear o pênis, num movimento que aprendera com Ian: puxando para baixo com firmeza, depois atenuando um pouco o aperto ao subir.

O efeito pegou-a de surpresa. Ele gemeu, fechou os olhos com toda a força e comprimiu os joelhos. Quando ela baixou a mão pela segunda vez, Harry se sacudiu convulsivamente, o rosto se contraiu e o sêmen branco esguichou da extremidade do

pênis. Atônita e hipnotizada, Margaret prosseguiu e, a cada investida, saía mais sêmen. Ela mesma estava dominada pelo desejo, sentindo os seios pesados, a garganta ressequida, a umidade escorrendo pela parte interna das coxas. Por fim, no quinto ou sexto movimento para baixo, tudo terminou. As coxas de Harry relaxaram, o rosto se desanuviou, a cabeça arriou de lado no travesseiro.

Margaret se deitou ao seu lado. Ele parecia envergonhado e sussurrou:

– Desculpe.

– Não peça desculpas. Foi maravilhoso. Eu nunca tinha feito isso. E estou me sentindo maravilhosa.

Ele ficou surpreso.

– Você gostou?

Margaret estava acanhada demais para confirmar em voz alta, por isso apenas assentiu. Harry murmurou:

– Mas eu não... isto é, você não...

Ela não disse nada. Havia algo que Harry podia fazer, mas Margaret tinha medo de pedir.

Ele rolou de lado, ficaram de frente um para o outro no beliche estreito.

– Dentro de alguns minutos, talvez... – sussurrou Harry.

Não posso esperar alguns minutos, pensou Margaret. Por que não posso pedir a ele que faça por mim o que lhe fiz?

Ela encontrou a mão de Harry e apertou-a. Ainda não conseguia enunciar o que desejava. Fechou os olhos, puxou a mão dele para seu ventre e murmurou em seu ouvido:

– Seja carinhoso.

Ele compreendeu. Sua mão se moveu, explorando. Margaret estava toda molhada. Os dedos deslizaram com facilidade entre os lábios. Ela passou os braços pelo pescoço de Harry e o abraçou com força. Um dedo penetrou-a. Margaret quis dizer “não aí, mais acima!”. Como se lesse seus pensamentos, Harry

retirou o dedo e levou-o até o ponto mais sensível. Ela ficou em êxtase no mesmo instante. Seu corpo foi varrido por espasmos de prazer. Estremeceu convulsivamente e, para não gritar, cravou os dentes no braço de Harry. Ele se imobilizou, mas Margaret se esfregou contra sua mão e as sensações continuaram com a mesma intensidade.

Quando o prazer por fim diminuiu, Harry mexeu o dedo de novo e ela foi abruptamente dominada por outro orgasmo, tão intenso quanto o primeiro.

O local se tornou sensível demais e Margaret afastou a mão dele.

Depois de um momento, Harry se desvencilhou, esfregando o braço no ponto em que ela o mordera. Margaret balbuciou, ofegante:

– Desculpe... Doeu muito?

– E como!

Tentar não rir alto só piorou a situação, e por um momento os dois quase se sufocaram com o riso reprimido. Quando se acalmaram, Harry murmurou:

– Seu corpo é maravilhoso... maravilhoso...

– O seu também – disse Margaret, com veemência.

Ele não acreditou.

– Falo sério.

– Eu também!

Ela nunca esqueceria o pênis duro se projetando dos pelos dourados. Passou a mão pela barriga de Harry, procurando-o, e descobriu-o estendido sobre a perna, como uma mangueira, nem duro, nem murcho. A pele era suave. Sentiu vontade de beijá-lo e ficou chocada com sua depravação.

Em vez disso, beijou-o no braço, no lugar em que o mordera. Mesmo na penumbra, pôde ver as marcas dos dentes. Ele ficaria com uma equimose feia.

– Desculpe – sussurrou Margaret, tão baixo que nem ele

ouviu.

Entristeceu-se por ter danificado aquela pele perfeita depois das sensações que o corpo de Harry lhe proporcionara. E tornou a beijar a região machucada.

Inertes de exaustão e prazer, ambos resvalaram para um cochilo leve. Margaret teve a impressão de ouvir o zumbido dos motores durante o sono, como se sonhasse com aviões. Houve um momento em que ouviu passos pelo compartimento, que voltaram alguns minutos depois, mas estava contente demais para ficar curiosa com o que podia significar.

Por algum tempo, o movimento do Clipper foi suave e ela mergulhou num sono profundo.

Despertou com um sobressalto. Já seria dia? Todos haviam se levantado? Perceberiam quando ela saísse do beliche de Harry? Seu coração disparou.

– O que foi? – sussurrou ele.

– Que horas são?

– Ainda é madrugada.

Harry tinha razão. Não havia movimento lá fora, as luzes da cabine continuavam fracas, não se via sinal da claridade do dia pela janela. Podia sair em segurança.

– Preciso voltar ao meu beliche agora antes de sermos descobertos – murmurou ela, nervosa.

Margaret começou a procurar as pantufas, mas não conseguiu encontrá-las. Harry pôs a mão em seu ombro.

– Acalme-se. Ainda temos algumas horas.

– Mas estou preocupada com papai...

Ela parou de falar. Por que estava assim? Respirou fundo e encarou Harry. Quando seus olhos se encontraram, na penumbra, recordou o que acontecera antes de dormirem e percebeu que ele pensava o mesmo. Sorriam um para o outro, um sorriso íntimo de amantes.

De repente, não mais se sentia preocupada. Não precisava ir

ainda. Queria permanecer ali, e assim o faria. Havia bastante tempo. Harry chegou mais perto e ela sentiu seu pênis se enrijecendo.

– Não vá ainda – murmurou ele.

Margaret suspirou, feliz.

– Está bem, ainda não – murmurou ela, recomeçando a beijá-lo.

CAPÍTULO DEZOITO

EDDIE DEAKIN MANTINHA o autocontrole, mas era como uma chaleira fervendo com a tampa emperrada, um vulcão esperando o momento de entrar em erupção. Não parava de suar, a barriga doía, mal conseguia se sentar quieto. Ainda realizava o seu trabalho, mas não era nada fácil.

Seu intervalo de descanso deveria começar às duas da madrugada, pelo horário britânico. Quando seu turno estava se aproximando do fim, ele adulterou outra vez os cálculos do combustível. Antes, diminuía a taxa de consumo para dar a impressão de que havia o suficiente para completar a viagem, a fim de que o comandante não voltasse. Agora, projetou para cima, para compensar. Assim, quando Mickey Finn entrasse de serviço e verificasse os mostradores, não veria discrepância. A curva de Howgozit indicaria uma tremenda oscilação no consumo e o assistente iria querer saber por quê, mas Eddie explicaria como uma decorrência da tempestade. De qualquer maneira, o colega era a menor das preocupações. Sua maior ansiedade, a que comprimia seu coração com o frio aperto do medo, era que o avião ficasse sem combustível antes de alcançar a Terra Nova.

Não dispunha do nível mínimo exigido pelas normas. Elas deixavam uma margem de segurança, é verdade, mas que existia por uma razão. Aquele voo não contava mais com uma reserva extra de gasolina para emergências, como uma falha em um dos motores. Se algo saísse errado, o Clipper mergulharia no tempestuoso oceano. Não poderia pousar em segurança no meio do Atlântico – afundaria em poucos minutos. Não haveria sobreviventes.

Mickey subiu para o convés de voo pouco antes das duas,

parecendo revigorado, jovial, ansioso.

– Estamos com pouco combustível – informou Eddie no mesmo instante. – Já avisei o comandante.

Mickey assentiu de forma neutra e pegou a lanterna. Sua primeira obrigação, ao entrar de serviço, era efetuar uma inspeção visual dos quatro motores.

Eddie o deixou empenhado nesse trabalho e desceu para o andar dos passageiros. Johnny Dott, Jack Ashford e Ben Thompson desceram a escada em seguida, com a chegada de seus substitutos. O navegador foi à cozinha, a fim de preparar um sanduíche. Só de pensar em comida, Eddie ficava nauseado. Ele pegou uma xícara de café e foi sentar-se no primeiro compartimento.

Quando não estava trabalhando, nada podia afastar sua mente de Carol-Ann em poder dos sequestradores.

Passava um pouco das nove da noite no Maine. Estaria escuro. A esposa devia estar exausta e abatida, na melhor das hipóteses. Tendia a dormir muito cedo desde que engravidara. Ofereceriam a ela um lugar para se deitar? Carol-Ann não adormeceria naquela noite, mas talvez pudesse descansar o corpo. Eddie torcia para que a hora do sono não despertasse ideias nas cabeças dos bandidos que a vigiavam...

Antes que seu café esfriasse, a tempestade atingiu o avião com toda a força.

Fazia horas que voavam sob turbulência, mas agora ela havia piorado muito. Era como viajar num navio em pleno temporal. A enorme aeronave parecia uma embarcação nas ondas, subindo devagar, depois caindo muito depressa, batendo lá no fundo com um tremendo impacto, tornando a subir, sacudindo-se de um lado para outro, tangida pelos ventos. Eddie sentou-se num beliche e se equilibrou com os pés na coluna do canto. Os passageiros começaram a acordar, chamando os comissários e correndo para o banheiro. Nicky e Davy, que cochilavam no primeiro

compartimento junto com outros tripulantes, abotoaram as camisas e puseram os paletós, então se afastaram apressados para atender às campainhas.

Depois de algum tempo, Eddie voltou à cozinha para buscar mais café. Ao chegar lá, a porta do banheiro masculino foi aberta e Tom Luther saiu, pálido e suado. O engenheiro o fitou com desdém. Sentiu o ímpeto de agarrar o homem pelo pescoço, mas se conteve.

– Isso é normal? – perguntou Luther, apavorado.

Eddie não teve a menor compaixão:

– Não, não é normal. Deveríamos contornar a tempestade, mas não temos combustível suficiente.

– Por que não?

– Está se esgotando.

Luther ficou ainda mais apavorado.

– Mas você disse que retornaríamos antes do ponto sem volta!

Eddie estava mais preocupado do que Luther, mas experimentava uma lúgubre satisfação com a agonia do outro.

– Deveríamos ter voltado, mas adulterei os dados. Já esqueceu que tenho um motivo especial para querer completar este voo no prazo previsto?

– Seu filho da puta doido! – exclamou Luther, desesperado. – Está tentando matar todos nós?

– Prefiro correr o risco de matar você a deixar minha esposa com seus amigos.

– Mas, se todos morrermos, isso não ajudará sua mulher!

– Sei disso. – Eddie tinha consciência de que assumia um risco terrível, mas não podia suportar o pensamento de deixar Carol-Ann com os sequestradores por mais um dia. – Talvez eu esteja mesmo doido.

Luther parecia estar passando mal.

– Mas este avião pode pousar no mar, não é?

– Não, não pode. Só podemos pousar em águas calmas. Se descêssemos no meio do Atlântico numa tempestade como esta, ele se partiria em segundos.

– Meu Deus... – murmurou Luther. – Eu nunca deveria ter embarcado.

– Nunca deveria ter se metido com minha esposa, seu filho da puta – disse Eddie por entre os dentes.

O avião se sacudia descontroladamente. Luther se virou e cambaleou de volta ao banheiro.

Eddie passou pelo segundo compartimento e entrou no lounge. Os jogadores estavam presos a suas cadeiras pelos cintos de segurança e se seguravam, tensos. Copos, cartas e uma garrafa iam de um lado para outro enquanto o avião estremecia. Eddie deu uma olhada no corredor. Depois do pânico inicial, os passageiros começavam a se acalmar. A maioria voltara aos beliches, compreendendo ser a melhor maneira de suportar a turbulência. Mantinham as cortinas abertas, alguns parecendo resignados ao desconforto, mas outros se mostravam apavorados. Tudo que não estava preso caíra no chão: o tapete se achava coberto por livros, óculos, chambres e trajes diversos, dentaduras, abotoaduras e todos os outros itens que as pessoas deixavam a seu lado quando iam para a cama. Os ricos e glamourosos do mundo pareciam subitamente muito humanos, e de repente Eddie ficou com a consciência pesada: todas aquelas pessoas morreriam por sua causa?

Ele voltou ao seu assento e afivelou o cinto de segurança. Não havia nada que pudesse fazer em relação ao consumo de combustível e a única maneira de ajudar Carol-Ann era garantir que o pouso de emergência ocorresse de acordo com o plano.

Enquanto o avião estremecia noite adentro, tentou conter a raiva intensa e repassou seu esquema.

Estaria de serviço quando decolassem de Shediac, a última escala antes de Nova York. Começaria imediatamente a

descarregar combustível. Os mostradores indicariam isso, é claro. Mickey Finn poderia notar a perda se subisse ao convés de voo por algum motivo, mas àquela altura, 24 horas depois da partida de Southampton, os funcionários em intervalo de trabalho só se interessariam por dormir. E não era provável que outro tripulante desse uma olhada nos mostradores, ainda mais na etapa curta do voo, quando o consumo não seria mais crítico. Ele detestava a ideia de enganar os companheiros e, por um momento, sua raiva tornou a ferver. Cerrou os punhos, mas não havia nada em que bater. Tentou se concentrar no plano.

À medida que o avião se aproximasse mais do lugar em que Luther desejava que pousasse, Eddie descarregaria mais combustível, calculando de forma meticulosa, a fim de que estivesse quase esgotado quando a aeronave alcançasse a área exata. Nesse momento, avisaria ao comandante que estavam sem gasolina e precisariam descer.

Teria que monitorar a trajetória com o maior cuidado. Não seguiam exatamente o mesmo curso a cada vez; a navegação não era tão precisa assim. Mas Luther escolhera o ponto de encontro de forma inteligente. Era o melhor lugar, num raio muito amplo, para um hidroavião pousar. Mesmo que estivessem a alguns quilômetros de distância, Baker seguiria para lá numa emergência.

Se houvesse tempo, o comandante perguntaria, furioso, por que Eddie não percebera a perda drástica de combustível antes que se tornasse crítica. O engenheiro responderia que todos os mostradores deviam ter quebrado, uma possibilidade bastante improvável. Ele rangeu os dentes ao pensar nisso. Os companheiros confiavam nele para desempenhar a tarefa crucial de controlar o consumo. Confiavam-lhe suas vidas. E saberiam que falhara.

Uma lancha veloz estaria à espera na área e se aproximaria do Clipper. O comandante pensaria que vinham ajudar. Podia

convidar os homens a subirem a bordo, mas Eddie abriria a porta de qualquer maneira se isso não acontecesse. Então os gângsteres dominariam Ollis Field e levariam Frankie Gordino.

Teriam que ser rápidos. Ben Thompson transmitiria um pedido de socorro antes mesmo que o avião pousasse. Como o Clipper era grande o bastante para ser avistado a distância, outras embarcações logo se aproximariam. Havia até a possibilidade de que a Guarda Costeira fosse rápida o suficiente para interferir com a operação de resgate. Isso poderia arruinar tudo para a quadrilha, pensou Eddie. Por um momento, sentiu-se esperançoso, mas depois lembrou que deveria ansiar pelo êxito de Luther, não o fracasso.

Mas não podia se habituar a torcer para que os criminosos conseguissem o que queriam. Vasculhava o cérebro constantemente à procura de um meio de frustrar o plano de Luther, mas tudo esbarrava sempre no mesmo obstáculo: Carol-Ann. Se o gângster não libertasse Gordino, Eddie não libertaria a esposa.

Tentara pensar em uma forma de garantir que o criminoso fosse apanhado 24 horas depois, quando Carol-Ann estivesse sã e salva, mas não seria possível. Gordino já estaria muito longe a essa altura. A única alternativa era persuadir Luther a entregar sua esposa antes, porém o homem não daria uma de bobo. E Eddie não tinha como ameaçar o inimigo. Luther tinha Carol-Ann, e ele tinha...

Ora, pensou subitamente, eu tenho Gordino.

Espere um pouco.

Eles têm Carol-Ann em seu poder, mas não posso resgatá-la se não cooperar. Porém Gordino se encontra neste avião, eles não podem resgatá-lo se não cooperarem comigo. Talvez não tenham todos os trunfos.

Eddie ficou pensando se haveria algum jeito de assumir o controle da situação, de tomar a iniciativa.

Ficou olhando para a parede do outro lado, muito tenso, absorto.

Havia uma maneira.

Por que eles deveriam receber Gordino primeiro? Uma troca de reféns é sempre simultânea.

Reprimiu a esperança que surgia e se forçou a pensar com objetividade.

Como ocorreria a troca? Teriam que levar Carol-Ann ao Clipper na lancha em que Gordino partiria.

Por que não? Isso mesmo, por que não?

Ele se perguntou, nervosamente, se seria possível organizar isso a tempo. Calculara que Carol-Ann estava sendo mantida a não mais de 100 quilômetros de sua casa, que por sua vez ficava a 100 quilômetros do local do pouso de emergência. Na pior das hipóteses, portanto, a esposa teria que fazer uma viagem de carro de quatro horas. Seria pedir demais?

Se Tom Luther concordasse, a primeira chance que ele teria para falar pelo telefone com seus homens seria em Botwood, onde o Clipper deveria chegar às nove da manhã, pelo horário britânico. Depois disso, o avião seguiria para Shediac. O pouso imprevisto ocorreria uma hora após a decolagem, por volta das quatro da tarde, no horário britânico, sete horas mais tarde. A quadrilha poderia levar Carol-Ann até lá, com duas horas de folga.

Eddie mal podia conter a emoção com a perspectiva de recuperar Carol-Ann mais cedo. Também lhe ocorreu que, assim, teria uma possibilidade, embora mínima, de frustrar a operação de Luther. Isso iria redimi-lo aos olhos da tripulação. Talvez perdoassem sua traição se o vissem capturar um bando de gângsteres assassinos.

Mais uma vez, disse a si mesmo para não acalentar muitas esperanças. Tudo aquilo era apenas uma ideia. Luther provavelmente não concordaria. Eddie podia ameaçar não

promover o pouso forçado do avião, a menos que atendessem às suas condições. Mas talvez achassem que era uma ameaça vazia. Calculariam que Eddie faria qualquer coisa para salvar a esposa, e estariam certos. Apenas tentavam salvar um companheiro. Eddie estava mais desesperado, e isso o tornava mais fraco. Ele mergulhou ainda mais no desespero.

Ainda assim, apresentaria um problema a Luther, gerando dúvida e preocupação. Ele talvez não acreditasse na ameaça de Eddie, mas como poderia ter certeza? Seria preciso coragem para tomar tudo apenas como blefe, e Luther não era audacioso, pelo menos não parecia agora.

De qualquer maneira, pensou Eddie, o que tenho a perder?

Valia a pena tentar.

Ele se levantou do beliche. Pensou que deveria planejar toda a conversa com cuidado, preparando as respostas às objeções de Luther, mas já estava nervoso demais, não podia continuar sentado por mais tempo. Tinha que fazer algo ou enlouqueceria.

Segurando-se em tudo o que conseguia, seguiu até o lounge, através do avião que sacudia incontrolavelmente.

Luther não fora se deitar. Estava num canto do salão bebendo uísque, mas sem participar do pôquer. Seu rosto retomara a cor e ele parecia ter superado a náusea. Lia a *Illustrated London News*. Eddie bateu em seu ombro. Ele ergueu os olhos, surpreso e um pouco assustado. Quando viu o engenheiro, sua expressão se tornou hostil.

– O comandante gostaria de lhe falar, Sr. Luther.

O homem parecia ansioso. Continuou sentado por mais um momento. Eddie chamou-o com um aceno de cabeça categórico. Luther largou a revista, tirou o cinto de segurança e se levantou.

Eddie saiu do salão, atravessou o segundo compartimento, mas, em vez de subir até o convés de voo, abriu a porta do banheiro masculino e segurou-a para Luther.

Havia ali um leve odor de vômito. Infelizmente não estavam a

sós: um passageiro de pijama lavava as mãos. Eddie apontou para uma das cabines e Luther entrou nela. Enquanto isso, o engenheiro ficou penteando os cabelos. Depois de um momento, o passageiro se retirou. Eddie bateu na porta do reservado e Luther saiu.

– O que está acontecendo? – perguntou ele.

– Cale a boca e escute. – Eddie não planejava ser agressivo, mas Luther o deixava furioso. – Sei por que você está aqui, já descobri todo o seu plano e quero fazer uma troca. Quando o avião pousar, Carol-Ann deverá estar na lancha à espera.

– Não está em condições de fazer exigências – retrucou Luther, desdenhoso.

Eddie não esperava que ele cedesse imediatamente, então teve que blefar.

– Está bem – disse com tanta convicção quanto era capaz. – O acordo está cancelado.

Luther pareceu um pouco preocupado, mas se manteve firme:

– Você está falando merda. Quer sua mulherzinha de volta, por isso vai aterrissar o avião, sim.

Isso era verdade, mas Eddie balançou a cabeça.

– Não confio em você. Por que deveria? Posso fazer tudo o que quer e, ainda assim, ser traído. Não vou correr o risco. Exijo um novo acordo.

A confiança de Luther ainda não fora abalada.

– Não há a menor possibilidade.

– Está bem. – Era a vez de Eddie usar seu trunfo. – Então você vai para a cadeia.

Luther deu um riso nervoso.

– Que história é essa?

Eddie sentiu-se um pouco mais seguro de si; Luther começava a enfraquecer.

– Contarei tudo ao comandante. Você será retirado do avião na próxima escala. A polícia estará à sua espera. Irá para a

cadeia... no Canadá, onde os bandidos, seus amigos, não poderão libertá-lo. Será acusado de sequestro, facilitação de fuga... Caramba, Luther, talvez você nunca mais saia da prisão.

– Está tudo combinado – protestou ele, transtornado. – É tarde demais para mudar o plano.

– Não é, não. Pode telefonar para seu pessoal na próxima escala e dizer o que devem fazer. Terão sete horas para levar Carol-Ann até a lancha. Tempo suficiente.

Luther cedeu:

– Está bem, vou fazer isso.

Eddie não acreditou, pois a mudança fora súbita. O instinto dizia que Luther resolvera traí-lo.

– Diga a eles para me ligarem na escala seguinte, Shediac, confirmando que tudo foi providenciado.

Uma expressão de ira perpassou o rosto de Luther. Eddie compreendeu que acertara, então prosseguiu:

– E, quando a lancha se aproximar do Clipper, quero ver Carol-Ann no convés antes de abrir as portas, certo? Se ela não estiver lá, darei o alarme. Ollis Field pegará você antes que possa abrir a porta e a Guarda Costeira nos alcançará antes que seus capangas consigam arrombá-la. Portanto, faça tudo direitinho ou você será um homem morto.

Luther recuperou a coragem de repente e murmurou:

– Você não fará nada disso. Não arriscaria a vida de sua mulher.

Eddie tentou incutir alguma dúvida.

– Tem certeza, Luther?

Não foi suficiente. O homem balançou a cabeça, determinado.

– Você não é louco.

Eddie sabia que precisava convencer Luther. Era o instante crítico. A palavra “louco” lhe proporcionou a inspiração de que precisava.

– Vou mostrar que sou, sim.

Ele empurrou Luther contra a parede, ao lado da enorme janela quadrada. Por um momento, o outro ficou surpreso demais para resistir.

– Vou mostrar como sou completamente louco.

Eddie chutou as pernas de Luther de repente e ele caiu pesadamente no chão. Naquele momento, sentia-se mesmo louco.

– Está vendo a janela, seu imbecil? – Eddie estendeu a mão e arrancou a veneziana. – Pois sou louco o bastante para jogá-lo pela porra desta janela. Assim acreditará que sou louco.

Ele subiu na pia e chutou a janela. Usava botas pesadas, mas o acrílico era muito grosso e resistente. Investiu de novo, com mais força, e dessa vez o material rachou. Mais um chute e quebrou. Os cacos voaram pelo banheiro. O avião desenvolvia uma velocidade de 200 quilômetros por hora e o vento gelado e a chuva fria entraram como um furacão.

Luther tentava se levantar, apavorado. Eddie tornou a pular para o chão e evitou que ele escapasse. Pegando o homem desequilibrado, tornou a empurrá-lo contra a parede. A raiva lhe dava forças para dominá-lo, embora fossem mais ou menos do mesmo peso. Agarrou o criminoso pelas lapelas, empurrou sua cabeça pela janela.

Luther gritou.

O barulho do vento era tão intenso que o som foi quase inaudível. Eddie o puxou de volta e berrou em seus ouvidos:

– Juro por Deus que vou jogá-lo pela janela!

Ele tornou a empurrar a cabeça de Luther para fora e o ergueu um pouco. Se não estivesse em pânico, o homem poderia se desvencilhar, mas perdera o controle e se encontrava impotente. Ele gritou de novo e Eddie mal conseguiu compreender as palavras:

– Está bem! Farei tudo o que você quiser! Me largue! Me largue!

Eddie sentiu um impulso muito forte de empurrá-lo todo pela janela, mas logo percebeu que também corria o risco de perder o controle. Não queria matar Luther, lembrou a si mesmo, apenas apavorá-lo – e isso já conseguira.

Ele baixou Luther e o largou. O homem correu para a porta e Eddie o deixou fugir.

Fiz uma boa encenação de loucura, pensou Eddie. Mas ele sabia que não fora apenas uma cena.

Encostou-se na pia, recuperando o fôlego. A fúria incontrolável o abandonou tão depressa quanto surgira. Sentia-se calmo, mas chocado pela própria violência, quase como se outra pessoa tivesse feito aquilo.

Um momento depois, um passageiro entrou no banheiro. Era o homem que embarcara em Foynes, Mervyn Lovesey, um sujeito alto num camisolão listrado que lhe dava uma aparência muito engraçada. Era um inglês prático e objetivo, em torno dos 40 anos. Olhando para os cacos, indagou:

– Mas o que aconteceu aqui?

Eddie engoliu em seco.

– Uma janela quebrou.

Lovesey lhe lançou um olhar irônico.

– Isso eu já percebi.

– Acontece às vezes numa tempestade. Esses ventos fortes podem arremessar blocos de gelo ou até pedras.

Lovesey exibiu uma expressão cética.

– Piloto meu avião particular há dez anos e nunca ouvi falar disso.

Ele estava certo, é claro. As janelas às vezes quebravam numa viagem, mas em geral quando o avião se encontrava pousado, não em pleno Atlântico. Para essas emergências, levavam chapas de alumínio, que por acaso eram guardadas ali, no banheiro masculino. Eddie abriu o armário e tirou uma.

– É para esses casos que trazemos isto.

Lovesey enfim se convenceu.

– Olha só... – murmurou ele, entrando no cubículo.

Junto com a chapa, estava guardada a chave de fenda, a única ferramenta necessária para instalá-la. Eddie concluíra que haveria menos burburinho se fizesse isso pessoalmente. Em poucos segundos, removeu a moldura da janela, desatarraxou o restante do acrílico quebrado, ajeitou a chapa no lugar e tornou a prender a moldura.

– Impressionante – comentou Lovesey ao sair do cubículo.

Eddie teve a impressão de que ele não estava de todo convencido. Contudo, não era provável que insistisse no assunto.

O engenheiro saiu e encontrou Davy preparando uma bebida com leite na cozinha.

– A janela do banheiro quebrou.

– Consertarei assim que servir o achocolatado da princesa.

– Já instalei a chapa de alumínio.

– Obrigado, Eddie.

– Mas, logo que puder, varra os cacos, por favor.

– Está bem.

Eddie gostaria de se oferecer para varrer pessoalmente, já que fora ele quem fizera a sujeira. A mãe o educara assim. Contudo, corria o risco de se mostrar prestativo demais e trair a consciência culpada. Por isso, contrariado, deixou o trabalho para Davy.

De qualquer maneira, conseguira assustar Luther. Estava convencido de que ele se submeteria ao novo plano, garantiria que Carol-Ann fosse levada ao ponto de encontro na lancha. Pelo menos Eddie tinha motivos para ter alguma esperança.

Sua mente voltou à outra preocupação: a reserva de combustível do avião. Embora ainda não fosse o momento de retornar ao serviço, ele subiu até o convés de voo, a fim de falar com Mickey Finn.

– A curva mudou completamente! – exclamou Mickey,

empolgado, assim que Eddie chegou.

Mas será que vai dar?, pensou Eddie, conseguindo manter uma calma superficial.

– Me mostre.

– Olhe... o consumo foi incrivelmente alto na primeira hora do meu turno, depois voltou ao normal na segunda hora.

– Também mudou bastante durante meu turno – comentou Eddie, tentando demonstrar apenas uma ligeira preocupação, quando na verdade sentia um medo terrível. – Acho que a tempestade torna tudo imprevisível.

Ele fez uma pausa antes de formular a pergunta que o atormentava:

– Mas temos combustível suficiente para chegar em casa?

Eddie prendeu a respiração.

– Temos, sim – respondeu Mickey.

Os ombros do engenheiro arriaram de alívio. Graças a Deus. Pelo menos não havia mais essa preocupação.

– Mas não temos nenhuma reserva – acrescentou o assistente. – Estou torcendo para não perdermos um motor.

Eddie não podia se inquietar diante dessa possibilidade tão remota: tinha muitas outras coisas na mente.

– Qual é a previsão do tempo? Talvez já estejamos quase saindo da tempestade.

– Nada disso – murmurou ele, sombrio. – Está prestes a piorar.

CAPÍTULO DEZENOVE

NANCY LENEHAN ACHAVA desconcertante estar na cama de um quarto em que se encontrava um completo estranho.

Como Mervyn Lovesey garantira, a suíte nupcial tinha beliches separados, apesar do nome. Contudo, ele não conseguira deixar a porta aberta durante a noite por causa da tempestade. Tentara mantê-la presa de diversas formas, mas ela sempre batia, até que os dois chegaram à conclusão de que era menos embaraçoso deixá-la fechada do que continuar a fazer o maior estardalhaço.

Ela tentara permanecer acordada pelo máximo de tempo possível. Ficara tentada a passar a noite inteira sentada no lounge, mas o lugar se tornara desagradavelmente masculino, com muita fumaça de cigarro, cheiro de uísque, risos abafados e imprecações dos jogadores, e ela concluiu que chamava muita atenção ali. Ao final, não lhe restara alternativa senão ir para a cama.

Apagaram a luz e foram para os respectivos leitos. Nancy se deitou e fechou os olhos, mas não estava com o menor sono. O copo de conhaque que o jovem Harry Marks providenciara de nada adiantara: continuava tão desperta como se fossem nove da manhã.

Notou que Mervyn também não conseguia dormir. Ouvia-o se mexer a todo instante na cama de cima. Ao contrário dos outros beliches, os da suíte nupcial não tinham cortinas, por isso sua única privacidade era a escuridão.

Nancy ficou acordada e pensou em Margaret Oxenford, tão jovem e ingênua, tão cheia de incertezas e idealismo. Dava para sentir uma paixão intensa sob a superfície hesitante da garota, e

Nancy se identificava com ela por isso: também travara batalhas com os pais, ou pelo menos com a mãe, que desejava que ela se casasse com um rapaz de uma família tradicional de Boston. Porém, aos 16 anos, Nancy se apaixonara por Sean Lenehan, um estudante de medicina, filho do capataz da fábrica do pai dela – um horror! A mãe fizera campanha contra Sean por vários meses, espalhando intrigas sobre ele e outras garotas, esnobando seus pais perversamente, caindo doente e se retirando para seu quarto, só para se levantar de novo e acusar a filha de egoísmo e ingratidão. Nancy sofria com a ofensiva, mas permaneceu firme e acabou se casando com Sean. E amou-o de todo o coração até o dia de sua morte.

Margaret poderia não ter a força de Nancy. Talvez eu tenha sido um pouco rigorosa com ela, dizendo que deveria sair de casa se não gostava do pai, pensou. Mas a garota parecia precisar de alguém que lhe falasse para deixar de se lamentar e crescer. Na idade dela, eu já tinha dois filhos!

Nancy oferecera ajuda prática, além de conselhos objetivos. Esperava ser capaz de cumprir a promessa e dar um emprego a Margaret.

Tudo dependeria de Danny Riley, o velho infame que detinha o equilíbrio do poder em sua batalha contra o irmão. Nancy voltou a se preocupar com o problema. Será que Mac teria conseguido entrar em contato com Danny? Como o adversário teria reagido à história do inquérito sobre suas condutas passadas? Teria desconfiado de que tudo não passava de uma tramoia para pressioná-lo? Ou teria se apavorado? Ela se remexia e virava no beliche enquanto remoía as perguntas sem respostas. Torcia para contatar Mac pelo telefone na escala seguinte, em Botwood, na Terra Nova. Talvez ele pudesse aliviá-la do suspense.

O avião balançava e trepidava havia algum tempo, deixando Nancy ainda mais irrequieta e nervosa; depois de uma ou duas

horas, as oscilações pioraram ainda mais. Ela nunca ficara assustada num avião, mas, por outro lado, nunca enfrentara uma tempestade assim. Estava com medo. Segurava-se nas bordas do beliche enquanto o Clipper era fustigado por ventos violentos. Já suportara muita coisa sozinha desde a morte do marido e disse a si mesma que devia ser corajosa e forte. Mas não podia deixar de pensar que as asas se partiriam, os motores seriam destruídos e que o avião mergulharia no mar. O pavor foi se intensificando. Fechou os olhos com toda a força e mordeu o travesseiro. De repente, a aeronave deu a impressão de entrar em queda livre. Nancy esperou que o movimento se interrompesse, em vão. Não conseguiu conter um gemido de medo. Mas enfim houve um solavanco e o Clipper se recuperou. Um momento depois, sentiu a mão de Mervyn em seu ombro.

– É apenas uma tempestade – disse ele, com seu sotaque britânico. – Já vi piores. Não há nada a temer.

Nancy encontrou a mão dele e apertou-a com força. Mervyn sentou-se na beirada da cama dela e lhe afagou os cabelos enquanto o avião se mantinha estável. Ela ainda estava assustada, mas ajudava muito ficar de mãos dadas nos piores instantes; logo sentiu-se um pouco melhor.

Não sabia por quanto tempo ficaram assim. Ao final, a tempestade já não era tão violenta. Nancy começou a se sentir constrangida e soltou a mão de Mervyn. Não sabia o que dizer. Felizmente, ele se levantou e saiu da suíte.

Nancy acendeu a luz e deixou o beliche. Ficou parada, trêmula, vestiu o chambre de seda azul sobre o négligé preto e foi sentar-se à penteadeira. Começou a escovar os cabelos, algo que sempre a acalmava. Estava envergonhada por ter segurado a mão de Mervyn. Naquele momento, esquecera o decoro, apenas agradecera por ter alguém para confortá-la. Ainda bem que ele era sensível o suficiente para deixá-la sozinha por alguns minutos, a fim de recuperar o controle.

Mervyn voltou com uma garrafa de conhaque e dois copos. Serviu a bebida, entregou um copo a Nancy. Ela o segurou com uma das mãos, agarrando a borda da penteadeira com a outra. O avião ainda sacudia um pouco.

Nancy se sentiria ainda pior se ele não estivesse usando aquele camisolão cômico. Mervyn estava ridículo e sabia disso, mas se comportava com tanta dignidade que parecia circular num terno elegante e, de certa forma, isso o tornava ainda mais engraçado. Obviamente, era um homem que não tinha medo de parecer tolo. E Nancy o apreciava pela maneira como usava aquela roupa.

Ela tomou um gole do conhaque. A bebida quente fez com que se sentisse melhor no mesmo instante, então sorveu mais um pouco.

– Aconteceu uma coisa estranha – disse Mervyn, puxando conversa. – Quando eu ia entrar no banheiro, outro passageiro saiu, parecendo apavorado. Entrei e descobri a janela quebrada e o engenheiro de voo parado, com uma expressão de culpa. Ele veio com uma história de o vidro ter sido quebrado por um bloco de gelo na tempestade, mas acho que, na verdade, os dois brigaram.

Nancy estava agradecida por ele mudar de assunto, assim não precisavam pensar no momento em que ficaram de mãos dadas.

– Quem é o engenheiro de voo?

– Um rapaz bem-apessoado, mais ou menos da minha altura, louro.

– Já sei quem é. E o passageiro?

– Não sei o nome dele. Um homem de negócios viajando sozinho num terno cinza-claro.

Mervyn se levantou e foi servir mais conhaque para Nancy. O chambre, infelizmente, terminava logo abaixo dos joelhos e ela sentiu-se um tanto despida com as pernas e os pés à mostra.

Tratou de lembrar que Mervyn se empenhava em recuperar uma esposa adorada e não tinha olhos para outra mulher. Mal notaria se Nancy estivesse nua. A iniciativa de pegar a mão dela fora apenas o gesto amigável de um ser humano para outro, pura e simplesmente. No entanto, uma voz cínica na cabeça de Nancy a alertou de que ficar de mãos dadas com um homem casado quase nunca era um fato simples, e nunca puro, mas ela a ignorou. Procurando outro assunto para conversar, ela perguntou:

- Sua esposa ainda está zangada com você?
- Continua furiosa como um gato escaldado.

Nancy sorriu ao recordar a cena que encontrara na suíte ao voltar, depois de trocar de roupa: a esposa de Mervyn gritando com ele, o amante gritando com ela. Diana e Mark se acalmaram no mesmo instante e foram embora, parecendo contrafeitos, talvez para continuar a briga em outro lugar. Nancy se abstera de fazer qualquer comentário na ocasião porque não queria demonstrar a Mervyn que achava graça da situação. Mas ela não se sentia inibida em lhe fazer perguntas pessoais: a intimidade era imposta pelas circunstâncias.

- Ela voltará para você?
- Não há como prever. O sujeito com quem ela está... Acho que é um fraco, mas talvez seja isso o que Diana quer.

Nancy assentiu. Mervyn e Mark não poderiam ser mais diferentes: Lovesey era alto e arrogante, com uma beleza morena e uma atitude rude; Alder era mais gentil, de olhos castanhos e sardas, quase sempre com uma expressão divertida no rosto redondo.

- Não me agrada o tipo juvenil, mas ele é atraente à sua maneira – comentou Nancy.

Se Mervyn fosse meu marido, eu não o trocava por Mark, mas não há como explicar o gosto de cada pessoa, pensou ela.

- Tem razão. A princípio, imaginei que Diana estava apenas

sendo impulsiva, mas agora, depois que o conheci, não tenho tanta certeza. – Mervyn ficou pensativo por um momento, então mudou de assunto: – E você? Vai conseguir vencer seu irmão?

– Creio que descobri o ponto fraco dele – respondeu ela, com uma sombria satisfação. – E é nisso que estou trabalhando.

Mervyn sorriu.

– Quando você fica com essa expressão, prefiro tê-la como amiga a tê-la como inimiga.

– Faço isso pelo meu pai. Eu o amava muito, e a empresa é tudo o que ele me deixou. É como se fosse um memorial a ele, mas ainda melhor do que isso, pois tem a marca de sua personalidade em todos os aspectos.

– Como ele era?

– Meu pai era inesquecível: alto, de cabelos pretos e voz forte, passava um ar de autoridade instantâneo. Mas sabia o nome de cada funcionário, se suas esposas estavam doentes, se os filhos iam bem na escola. Pagou os estudos de inúmeros filhos de operários que agora são advogados e contadores. Sabia como conquistar a lealdade das pessoas. Sob esse aspecto, era antiquado... paternalista. Mas tinha a melhor mente para os negócios que já conheci. No auge da Depressão, quando as fábricas fechavam por toda a Nova Inglaterra, nós estávamos contratando porque as vendas tinham aumentado! Ele percebeu a força da propaganda antes de qualquer outro na indústria de calçados e usou-a brilhantemente. Interessava-se por psicologia, por tudo o que motiva as pessoas. Tinha a capacidade de enxergar qualquer problema que lhe era apresentado sob um ângulo inovador. Sinto falta dele todos os dias. Sinto quase tanta saudade dele quanto de meu marido. – Nancy fez uma pausa, subitamente furiosa. – E não vou admitir que a obra da vida de meu pai seja destruída por meu irmão imprestável! – Ela se remexeu no assento, inquieta, recordando suas preocupações. – Estou tentando pressionar um acionista-chave, mas não saberei

se deu certo até...

O avião entrou numa turbulência ainda mais intensa, corcoveando como um cavalo chucro. Nancy deixou cair o copo e se segurou na beirada da penteadeira com as duas mãos. Mervyn tentou se equilibrar, mas não conseguiu e, quando o Clipper se inclinou para o lado, ele rolou pelo chão, batendo na mesinha de centro.

A aeronave se nivelou. Nancy estendeu a mão para ajudá-lo a se levantar, perguntando se ele estava bem.

Nesse instante, o avião tornou a balançar. Ela não conseguiu mais se segurar e também caiu no chão, por cima de Mervyn.

Depois de um instante, ele começou a rir.

Nancy ficara com receio de tê-lo machucado, mas ela era leve, ao passo que Mervyn era grande. Estava estendida por cima dele, ambos formando um xis sobre o tapete. O avião tornou a se estabilizar, Nancy rolou para o lado e sentou-se, fitando-o. Ele estava histérico ou apenas achando graça da situação?

– Devemos parecer uns despudorados – comentou Mervyn, voltando a rir.

Seu riso era contagiante. Por um momento, Nancy esqueceu as tensões acumuladas das últimas 24 horas: a traição do irmão, o quase desastre no biplano, a situação constrangedora na suíte nupcial, a briga horrível a respeito dos judeus na sala de jantar, o constrangimento pela fúria de Diana e o medo de Nancy da tempestade. Ela compreendeu de repente que também havia algo de cômico na situação em que se encontrava, sentada no chão com as roupas de dormir, junto com um estranho, num avião que se sacudia violentamente. E também se pôs a rir.

O solavanco seguinte da aeronave tornou a jogá-los um em cima do outro. Nancy se viu envolta pelos braços de Mervyn, ainda rindo. Olharam um para o outro.

De repente, ela o beijou.

Foi uma surpresa total para si mesma. A ideia de beijá-lo nunca lhe passara pela cabeça. Nem mesmo tinha certeza de quanto gostava dele. Parecia um impulso surgido do nada.

Mervyn ficou visivelmente chocado, mas logo se recuperou e beijou-a também, entusiasmado. Não havia nada de hesitante em seu beijo, nenhum fogo brando: foi um incêndio instantâneo. Depois de um momento, Nancy se desvencilhou, ofegante.

– O que aconteceu? – murmurou ela, de modo tolo.

– Você me beijou.

– Não tive essa intenção.

– Mas fico contente que tenha acontecido – disse ele, beijando-a de novo.

Nancy queria se soltar, mas Mervyn a segurava firme e ela não estava lá muito determinada. Sentindo que a mão dele seguia para dentro do chambre, contraiu-se: os seios eram tão pequenos que ficou constrangida, com receio de desapontá-lo. A mão enorme do inglês se fechou sobre um deles e ela soltou um grunhido de prazer. As pontas dos dedos encontraram o mamilo e Nancy sentiu-se constrangida de novo, pois tinha mamilos enormes desde que amamentara os meninos. Ela se achava esquisita, quase deformada. Mervyn, porém, não demonstrou a menor aversão, muito pelo contrário. Acariciou-a com surpreendente leveza e ela se entregou à deliciosa sensação. Havia muito tempo não se sentia assim.

O que estou fazendo?, pensou ela abruptamente. Sou uma viúva respeitável e aqui estou, rolando pelo chão de um avião com um homem que conheci ontem! O que deu em mim?

– Pare! – gritou ela, decidida.

Nancy se desvencilhou e sentou-se no chão. O négligé deslizara para cima dos joelhos. Mervyn acariciou sua coxa nua.

– Pare! – repetiu ela, empurrando a mão para longe.

– Como quiser – murmurou ele, com óbvia relutância. – Mas, se mudar de ideia, estarei à disposição.

Ela olhou para o colo de Mervyn e viu a pronunciada ereção sob o camisolão. Desviou os olhos apressada, balbuciando, ainda ofegante do beijo:

– A culpa foi minha. Mas foi um erro. Estou provocando você, eu sei. Desculpe.

– Não precisa pedir desculpas. É a coisa mais maravilhosa que me aconteceu em muitos anos.

– Mas você não ama sua esposa? – indagou Nancy de forma direta.

Ele estremeceu.

– Achava que sim. Agora estou um pouco confuso, para ser sincero.

Era exatamente assim que Nancy se sentia: confusa. Após dez anos de celibato, descobria-se desejando ficar abraçada com um homem que mal conhecia.

Mas eu o conheço, pensou ela. E conheço muito bem. Viajamos juntos por uma longa distância, partilhamos nossos problemas. Sei que Mervyn é irritante, orgulhoso e arrogante, mas também ardente, leal e forte. Apesar de seus defeitos, gosto dele. E o respeito. Ele é muito atraente, mesmo num camisolão marrom listrado. E me deu apoio quando eu estava apavorada. Seria maravilhoso ter alguém para segurar minha mão sempre que eu me sentisse assustada.

Como se lesse seus pensamentos, Mervyn pegou a mão dela de novo. Dessa vez, virou-a e beijou-lhe a palma, deixando Nancy toda arrepiada. Depois de um momento, ele tornou a abraçá-la e beijá-la.

– Não faça isso – sussurrou Nancy. – Se recomeçarmos, não vamos conseguir parar.

– Receio que, se pararmos agora, nunca mais vamos conseguir recomeçar – murmurou ele, a voz rouca de desejo.

Nancy sentiu nele uma paixão intensa, a custo mantida sob controle, e isso a inflamou ainda mais. Saíra com muitos homens

fracos e submissos que desejavam tranquilidade e segurança, que desistiam fácil quando ela resistia a suas demandas. Mervyn era insistente, de uma maneira vigorosa. Ele a queria, e naquele exato instante. Nancy ansiava por se entregar.

Sentiu a mão de Mervyn sob o négligé, as pontas dos dedos acariciando a pele macia na parte interna da coxa. Fechou os olhos e, quase involuntariamente, entreabriu as pernas. Era o convite de que ele precisava. Um momento depois, a mão de Mervyn encontrou seu sexo e ela gemeu. Ninguém fizera isso desde a morte do seu marido, Sean. De súbito, o pensamento lhe deu uma tristeza profunda. Ah, Sean, como sinto saudade de você! Nunca admiti para mim mesma a falta que você me faz. O pesar de Nancy era mais intenso do que em qualquer outra ocasião desde o funeral. As lágrimas passaram por entre as pálpebras fechadas e correram pelas suas bochechas. Mervyn a beijou e sentiu o gosto salgado.

– O que foi? – murmurou ele.

Nancy abriu os olhos. Com a vista embaçada, contemplou seu rosto bonito e apreensivo e, mais além, o négligé levantado até a cintura, a mão de Mervyn entre as coxas dela. Tomou-o pelo pulso e afastou a mão suavemente, embora com firmeza.

– Por favor, não fique zangado.

– Não estou zangado – sussurrou ele. – Mas me diga por quê.

– Ninguém me tocou aí desde que Sean morreu, e isso me fez pensar nele.

– Seu marido?

Nancy assentiu.

– Há quanto tempo?

– Dez anos.

– É muito tempo.

– Eu sou fiel. – Ela abriu um sorriso desolado. – Como você.

Mervyn suspirou.

– Tem razão. Eu me casei duas vezes e esta é a primeira vez

que chego perto de ser infiel. Estava pensando em Diana e naquele sujeito.

– Somos tolos?

– Talvez. Devemos parar de pensar no passado, aproveitar o momento, viver para o presente.

– Talvez devêssemos mesmo – disse Nancy, tornando a beijá-lo.

O Clipper deu um solavanco, como se tivesse batido. Seus rostos se chocaram e as luzes piscaram. O avião se sacudiu violentamente. Nancy esqueceu o beijo e se agarrou a Mervyn para manter a estabilidade. Quando a turbulência diminuiu um pouco, percebeu que o lábio dele sangrava.

– Você me mordeu – explicou Mervyn, com um sorriso triste de viés.

– Desculpe.

– Até que estou contente; espero que fique uma cicatriz.

Nancy o abraçou com força, sentindo uma repentina afeição. Ficaram deitados no chão, enlaçados, enquanto a tempestade sacudia a aeronave. Numa pausa entre os solavancos, Mervyn murmurou:

– Vamos tentar chegar ao beliche... Ficaremos mais confortáveis do que aqui no tapete.

Nancy concordou. Foram engatinhando e subiram na cama dela. Mervyn se deitou ao seu lado, abraçando-a, e Nancy se aconchegou em seu camisolão.

Cada vez que a turbulência piorava, ela o apertava com força, como um marujo se segurando ao mastro. Quando diminuía, relaxava, e Mervyn a acariciava para acalmá-la.

Em algum momento, Nancy adormeceu.



Foi despertada por uma batida na porta e um grito:

– É o comissário de bordo!

Nancy abriu os olhos, viu-se nos braços de Mervyn e entrou em pânico.

– Meu Deus!

Sentou-se e olhou ao redor, frenética. Mervyn pôs a mão em seu ombro para contê-la e berrou num tom autoritário:

– Espere um momento, por favor!

– Pois não, senhor. Não há pressa – respondeu o comissário, um tanto surpreso.

Mervyn rolou para fora do beliche, levantou-se e puxou as cobertas sobre Nancy. Ela sorriu agradecida, depois se virou para o outro lado, fingindo dormir, assim não precisaria olhar para o tripulante. Ouviu Mervyn abrir a porta e o homem entrar.

– Bom dia! – exclamou ele, animado, e Nancy sentiu aroma de café fresco. – São nove e meia da manhã pelo horário britânico, quatro e meia da madrugada em Nova York e seis horas na Terra Nova.

– Nove e meia no Reino Unido, mas seis na Terra Nova? – indagou Mervyn.

– Isso mesmo, senhor. A diferença entre os fusos é de três horas e meia.

– Não sabia que se contava a meia hora. Deve tornar a vida mais complicada para quem planeja os voos das companhias aéreas. Quanto tempo falta para pousarmos?

– Devemos descer em trinta minutos, com apenas uma hora de atraso, por causa da tempestade.

O comissário saiu, fechando a porta. Nancy se virou e Mervyn puxou as venezianas. Já era dia. Ela o observou servir o café e recordou a noite anterior numa série de imagens nítidas: Mervyn segurando sua mão na tempestade, os dois caindo no chão, a mão dele em seu seio, os dois agarrados enquanto o avião trepidava, a maneira como ele a acariciara até que dormisse. Meu Deus, pensou Nancy, gosto muito desse homem!

- Como você prefere? – perguntou Mervyn.
- Puro, sem açúcar.
- Como eu.

Ele lhe entregou uma xícara. Ela tomou um gole, agradecida. De repente, estava curiosa, querendo descobrir uma centena de coisas a respeito de Mervyn. Enquanto o via tomando café, percebeu que podia adivinhar alguns aspectos. Será que ele jogava tênis? Provavelmente. Lia bastante? Não devia ser muito fã de romances. Gostava de fazer compras? Com certeza não. Costumava ir à ópera? Como dava o nó da gravata? Polia os próprios sapatos? Nancy não sabia. Ele devia ser um bom jogador de pôquer e um péssimo dançarino.

– Em que está pensando, Nancy? Olha para mim como se considerasse se sou um risco aceitável para um seguro de vida.

Ela riu.

– De que tipo de música você gosta?

– Sou surdo para música. Quando era jovem, antes da guerra, o ragtime era a grande sensação em todos os bailes. Eu gostava do ritmo, mas nunca fui bom dançarino. E você?

– Eu dançava... Era obrigada. Todo sábado de manhã, usando um vestido branco cheio de babados, tinha aulas de dança de salão junto com garotos de 12 anos metidos em ternos. Minha mãe achava que isso me proporcionaria acesso à classe superior da sociedade de Boston. Mas não foi o que aconteceu, é claro. Felizmente, não me incomodei. Estava mais interessada na fábrica do papai... para o desespero da mamãe. Você lutou na Grande Guerra?

– Lutei. – Uma sombra perpassou o rosto de Mervyn. – Estive em Ypres. Jurei que nunca ficaria de braços cruzados e deixaria que outras gerações de jovens fossem enviadas para morrer daquele jeito. Mas não esperava a ascensão de Hitler.

Nancy o fitou, compadecida. Os olhos dos dois se encontraram, ela compreendeu que pensavam na mesma coisa,

em como haviam se beijado e acariciado durante a noite, e ficou constrangida outra vez. Desviou os olhos para a janela e avistou terra firme. Isso a lembrou de que, ao chegar a Botwood, ia receber um telefonema que mudaria sua vida.

– Estamos quase lá! – Nancy se levantou de um pulo. – Preciso me vestir.

– Deixe-me ir primeiro. Será melhor para você.

– Está bem.

Ela não tinha certeza se ainda lhe restava alguma reputação, mas guardou o pensamento para si. Observou-o pegar o terno no cabide e o pacote com a muda de roupas comprada em Foynes: uma camisa branca, meias pretas de lã e uma cueca cinza de algodão. Mervyn hesitou ao alcançar a porta. Nancy imaginou que ele se perguntava se algum dia tornaria a beijá-la. Ela se adiantou e ergueu o rosto, murmurando:

– Obrigada por me manter em seus braços a noite inteira.

Mervyn lhe deu um beijo de leve, mas longo. Nancy abriu a porta e ele saiu.

Ela suspirou. Acho que poderia me apaixonar por ele, pensou, e ficou imaginando se algum dia voltaria a ver aquele camisolão.

Olhou pela janela. O avião descia gradativamente. Nancy tinha que se apressar.

Escovou os cabelos depressa diante da penteadeira, pegou a mala e foi para o banheiro feminino, que ficava ao lado da suíte nupcial. Lulu Bell e outra mulher estavam ali, mas não a esposa de Mervyn. Ainda bem. Nancy gostaria de tomar banho, mas teve que se contentar em se lavar apenas com a água da pia. Vestiu roupas de baixo limpas e uma blusa azul, para combinar com o tailleur vermelho. Enquanto se trocava, recordou a conversa matutina com Mervyn. Sentia-se feliz ao pensar nele, mas por trás da alegria havia certa tensão. Por quê? Depois de formular a pergunta, a resposta se tornou óbvia. Ele nada dissera sobre a esposa. Na noite anterior admitira estar “confuso”. Desde então,

silêncio. Queria Diana de volta? Ainda a amava? Envolvera Nancy em seus braços durante a noite toda, mas isso não necessariamente era motivo para acabar com um casamento.

E o que eu quero?, perguntou a si mesma. Claro que quero ver Mervyn de novo, sair com ele, talvez ter um caso. Mas desejo que ele abandone o casamento por minha causa? Como posso saber, depois de uma noite de paixão não consumada?

Ela parou de passar batom e se contemplou no espelho. Pare com essa bobagem, Nancy, disse a si mesma. Você *sabe* que deseja esse homem. Em uma década, é o primeiro por quem se sente realmente atraída. Você tem 40 anos e um dia, e acaba de conhecer o homem certo. Pare de se iludir e ponha os pés no chão.

Nancy passou perfume e saiu. Deu de cara com Nat Ridgeway e o irmão, Peter, sentados ao lado do banheiro feminino.

– Bom dia, Nancy – cumprimentou Nat.

Ela se lembrou no mesmo instante de como se sentira em relação àquele homem cinco anos antes. Eu poderia ter me apaixonado por esse sujeito, pensou ela. Mas não houve tempo. E provavelmente eu tive sorte: ele devia querer a Black's Boots mais do que a mim. Afinal, ainda está tentando se apossar da empresa, mas não tenta mais me conquistar. Nancy fez um meneio brusco de cabeça para Nat e entrou na suíte nupcial.

Os beliches estavam desmontados e rearrumados como um divã, onde Mervyn já se acomodava, barbeado e vestido em seu terno cinza-escuro, com a camisa branca por baixo.

– Olhe pela janela – disse ele. – Já estamos quase chegando.

Nancy avistou a terra firme. Voavam baixo, sobre uma densa floresta de pinheiros cortada por rios prateados. Então as árvores deram lugar à água – não o oceano profundo e escuro do Atlântico, mas um estuário calmo e cinzento. Além dele, via-se um agrupamento de prédios de madeira, coroados por uma

igreja.

O avião desceu depressa. Sentados no divã com os cintos de segurança afivelados, Nancy e Mervyn se deram as mãos. Ela mal sentiu o impacto da fuselagem contra a superfície do rio e só teve certeza de que haviam pousado um pouco depois, quando jatos d'água bloquearam a vista das janelas.

– Agora já posso dizer que sobrevoei o Atlântico – comentou Nancy.

– E não são muitas as pessoas que podem dizer isso.

Ela não achava que pudesse se gabar. Passara a maior parte da viagem preocupada com a empresa ou de namorico com o marido de outra mulher. Só tinha pensado no voo propriamente dito quando se apavorara com o tempo ruim. O que diria aos meninos? Eles iriam querer saber de todos os detalhes. Nancy nem mesmo sabia a que velocidade o avião voava. Resolveu descobrir tudo antes que chegassem a Nova York.

Enquanto o Clipper taxiava, uma lancha se aproximou. Nancy pôs o casaco, e Mervyn, o blusão de couro de aviador. Cerca de metade dos passageiros decidira desembarcar e esticar as pernas. Os outros ainda estavam deitados nos beliches, ocultos pelas cortinas.

Passaram pelo lounge, saíram para o hidroestabilizador e entraram na lancha. O ar recendia a maresia e madeira nova: provavelmente existia uma serraria nas proximidades. Perto do ancoradouro havia uma barcaça de combustível, identificada como SERVIÇO DE AVIAÇÃO SHELL, onde homens de macacão branco esperavam para reabastecer os tanques do avião. Viam-se também dois cargueiros bem grandes na enseada – o local devia ser profundo.

Diana e seu amante estavam entre os que queriam ir à terra firme. A esposa de Mervyn encarou Nancy, furiosa, enquanto a lancha seguia para a praia. Nancy sentiu-se desconfortável e não foi capaz de sustentar o olhar, embora tivesse menos motivos

para se culpar; afinal, fora Diana quem cometera adultério.

Desembarcaram numa doca flutuante e atravessaram um passadiço e um cais. Apesar de ser muito cedo, um bom número de curiosos se aglomerava ali. Na extremidade do píer erguiam-se os prédios da Pan American, um grande e dois pequenos, todos de madeira, pintados de verde, com remates em marrom-avermelhado. Ao lado deles, estendia-se um pasto com algumas vacas.

Os passageiros entraram no edifício maior e mostraram os passaportes a um sonolento inspetor alfandegário. Nancy notou que os habitantes da Terra Nova falavam depressa, com um sotaque mais irlandês do que canadense. Havia uma sala de espera, mas o espaço não atraiu ninguém; todos preferiram explorar a aldeia.

Nancy não via a hora de falar com Patrick McBride por telefone. No momento em que ia perguntar onde podia encontrar um telefone, seu nome foi chamado – o prédio tinha um sistema de alto-falantes, como um navio. Ela se identificou a um jovem com o uniforme da Pan Am.

– Há uma ligação para a senhora.

O coração de Nancy disparou.

– Onde fica o telefone? – indagou ela, correndo os olhos pela sala.

– Na agência dos telégrafos, na Wireless Road. A cerca de um quilômetro e meio daqui.

Muito longe! Ela mal podia conter a impaciência.

– Então preciso me apressar, antes que a ligação seja cortada. Tem um carro?

O jovem fitou-a, surpreso, como se ela tivesse pedido um tanque de guerra.

– Não, madame.

– Então vamos ter que andar. Mostre-me o caminho.

Nancy e Mervyn deixaram o prédio, seguindo o mensageiro.

Subiram a colina por uma estradinha de terra. Ovelhas soltas pastavam por perto. Nancy sentiu-se grata pelos sapatos confortáveis – fabricados pela Black's Boots, é claro. A empresa ainda pertenceria a ela na noite seguinte? Era o que Patrick McBride estava prestes a dizer. A espera era insuportável.

Aproximadamente dez minutos depois, os dois alcançaram outro pequeno prédio de madeira e entraram. Nancy foi conduzida a uma cadeira diante de um telefone. Ela sentou-se e pegou o aparelho com a mão trêmula.

– Aqui é Nancy Lenehan.

– Aguarde a ligação de Boston – anunciou a telefonista.

Houve uma longa pausa, então ela ouviu:

– Nancy? Você está aí?

Ao contrário do que ela esperava, não era Mac. Levou um instante para reconhecer a voz.

– Danny Riley!

– Estou numa encrenca terrível e você precisa me ajudar, Nancy!

Ela apertou o fone com mais força. Parecia que seu plano dera certo.

– Que encrenca, Danny? – perguntou, a voz calma, quase entediada, como se a ligação fosse um incômodo.

– As pessoas estão me ligando por causa daquele velho caso! – respondeu ele, em pânico.

Sensacional! Mac aplicara a pressão necessária em Danny. Era justamente o que Nancy queria. Mas ela fingiu não saber do que se tratava.

– Que caso? O que está acontecendo, afinal?

– Você sabe muito bem. Não posso falar pelo telefone.

– Se não pode, então por que está me ligando?

– Pare de me tratar como um merda, Nancy! Preciso de você!

– Está bem, acalme-se.

Danny estava apavorado; era o momento de usar o medo

para manipulá-lo.

– Conte exatamente o que aconteceu, deixando de fora os nomes e endereços. Acho que sei qual é o caso a que você se refere.

– Está com todos os papéis do seu pai, não é mesmo?

– Claro. Guardei-os no cofre em casa.

– Algumas pessoas podem pedir para examiná-los.

Danny relatava a história que a própria Nancy inventara. O plano se desenvolvia com perfeição até agora. Animada, Nancy disse:

– Acho que não há motivo para você se preocupar com...

– Como pode ter certeza? – interrompeu ele, nervoso.

– Não sei...

– Já examinou todos os papéis?

– Não, há muita coisa, mas...

– Ninguém sabe o que há ali! Você deveria ter queimado aquelas coisas faz tempo!

– Você tem razão, mas nunca pensei... Mas, afinal, Danny, quem quer ver esses papéis?

– É um inquérito da ordem dos advogados.

– Eles têm esse direito?

– Não, mas ficarei numa situação embaraçosa se recusar.

– E não haveria problemas se eu recusasse?

– Você não é advogada. Eles não podem pressioná-la.

Nancy fez uma pausa, fingindo hesitar, mantendo-o em suspense por mais um momento.

– Então não há problema nenhum.

– Vai rejeitar o pedido deles?

– Farei melhor do que isso: vou queimar tudo amanhã.

– Nancy... – Ele parecia prestes a chorar. – Nancy, você é uma amiga de verdade.

Ela sentiu-se uma hipócrita ao murmurar:

– O que mais poderia fazer?

– Meu Deus, não pode imaginar como fico grato! Nem sei como agradecer.

– Por falar nisso, você pode fazer algo por mim, sim. – Ela mordeu o lábio. Aquela era a parte delicada. – Sabe por que estou voando de volta com tanta pressa?

– Não sei, não. Estava tão preocupado com esse problema...

– Peter está tentando vender a empresa contra a minha vontade.

Houve silêncio no outro lado da linha.

– Danny, você ainda está aí?

– Claro que estou. Você não quer vender a empresa?

– Não! O preço é muito baixo e não há lugar para mim no novo esquema... É claro que não quero vender. Peter sabe que é um péssimo negócio, mas não se importa, desde que me prejudique.

– Acha mesmo um péssimo negócio? A companhia não vem se saindo bem ultimamente.

– E você sabe por quê, não é mesmo?

– Acho que sim...

– Vamos, diga logo. Peter é um péssimo administrador.

– Certo...

– Em vez de deixá-lo vender a empresa por um preço ínfimo, por que não o tiramos de lá? Posso assumir o comando. E vou reverter a situação... Você sabe disso. E depois, quando estivermos ganhando bastante dinheiro, podemos até pensar outra vez em vender... a um preço muito mais alto.

– Não sei...

– Danny, a guerra acabou de começar na Europa. Isso significa que os negócios vão prosperar. Vamos vender mais sapatos do que conseguiremos produzir. Se esperarmos por dois ou três anos, poderemos vender a empresa pelo dobro ou o triplo do preço.

– Mas a associação com Nat Ridgeway seria muito útil para

meu escritório de advocacia.

– Esqueça o que é útil... Estou pedindo que você me ajude.

– Não tenho certeza se isso atende aos seus melhores interesses, Nancy.

Ela teve vontade de gritar “Seu mentiroso nojento, é nos seus próprios interesses que está pensando!”, mas se conteve e disse apenas:

– Sei que é o mais acertado para todos nós.

– Está bem, pensarei a respeito.

Isso não era suficiente. Ela teria que pôr suas cartas na mesa.

– Não se esqueça dos papéis, está bem?

Nancy prendeu a respiração.

– O que está querendo insinuar? – indagou Danny, a voz mais baixa, mais lenta.

– Estou pedindo que você me ajude porque vou ajudá-lo. Sei que compreende esse tipo de coisa.

– Creio que compreendo mesmo. Normalmente é o que se chama de chantagem.

Nancy estremeceu, mas logo lembrou com quem estava falando.

– Ora, seu velho hipócrita, você tem feito isso a vida inteira!

Ele riu.

– Você me pegou de jeito, garota. – Então ele teve um estalo:

– Por acaso não foi você que provocou esse inquérito para ter alguma maneira de me pressionar, não é?

Essa afirmação era perigosamente próxima da verdade.

– É o que você teria feito, eu sei. Mas não vou responder a mais perguntas. Tudo que você precisa saber é que estará seguro se votar comigo amanhã. Caso contrário, entrará numa encrenca.

Nancy o estava intimidando como ele próprio costumava fazer. Danny cederia ou a desafiaria?

– Não pode falar assim comigo. Eu a conheci quando ainda

usava fraldas.

– Não é mais um motivo para me ajudar? – perguntou Nancy, abrandando o tom.

Houve uma longa pausa.

– Não tenho escolha, não é mesmo?

– Acho que não.

– Está bem – disse ele, relutante. – Eu a apoiarei amanhã se você cuidar do outro problema.

Nancy quase chorou de alívio. Tinha conseguido. Fizera Danny mudar de lado. Ela venceria. A Black's Boots ainda lhe pertencia.

– Fico muito feliz, Danny.

– Seu pai previu que isso acabaria acontecendo.

Foi um comentário bastante inesperado, e Nancy não compreendeu.

– Como assim?

– Seu pai queria que você e Peter brigassem.

Havia um tom malicioso na voz de Danny que a deixou desconfiada. Ele se ressentia por ter sucumbido e queria rir por último. Ela relutava em lhe proporcionar essa satisfação, mas a curiosidade prevaleceu sobre a cautela.

– Do que você está falando?

– Ele sempre disse que filhos de homens ricos costumam ser péssimos empresários porque não sentem fome. E se preocupava muito com isso... Achava que vocês poderiam jogar fora tudo o que ele tinha conquistado.

– Papai nunca me disse isso – comentou Nancy, ainda ressabiada.

– Foi por isso que ele preparou o terreno para que vocês precisassem brigar um com o outro. Criou-a para assumir o controle depois da morte dele, mas nunca a deixou assumir o comando. E disse a Peter que caberia a ele dirigir a empresa. Assim, vocês dois teriam que disputar o controle e o mais forte

venceria.

– Não acredito.

Mas Nancy não estava tão convicta quanto parecia. Danny estava furioso porque fora manipulado, por isso dizia aquelas coisas para descarregar o ressentimento. Mas não chegava a ser uma prova de que era tudo mentira. Ela sentiu um calafrio percorrer o corpo.

– Acredite no que quiser – retrucou Danny. – Só estou contando o que seu pai me falou.

– Papai disse a Peter que queria que *e/e* fosse o presidente?

– Exatamente. Se não acredita em mim, pergunte a Peter.

– Se não acredito em você, acreditaria muito menos em Peter.

– Nancy, eu a vi pela primeira vez quando tinha 2 dias de idade – falou Danny, com um novo tom de voz, de cansaço. – E mantive contato por toda a sua vida. Você é uma pessoa forte como seu pai. Não quero brigar por causa de negócios ou de qualquer outra coisa. Lamento ter tocado nesse assunto.

Agora Nancy acreditava nele, pois Danny parecia sinceramente arrependido. Ficou chocada com a revelação, sentiu-se fraca, um pouco tonta. Não disse nada por um momento, tentando recuperar o controle.

– Voltaremos a nos falar na reunião do conselho – acrescentou Danny.

– Está certo.

– Até lá, Nancy.

– Até lá, Danny.

Ela desligou.

– Meu Deus, você foi brilhante! – exclamou Mervyn.

Nancy deu um sorriso amarelo.

– Obrigada.

Ele riu.

– A maneira como o envolveu... Ele não teve a menor chance! O pobre coitado nem percebeu o que o atingia...

– Ora, cale-se!

Mervyn encarou-a como se ela o tivesse esbofeteado, murmurando, tenso:

– Como quiser.

Ela se arrependeu no mesmo instante.

– Desculpe – lamentou-se, pondo a mão no braço de Mervyn.

– Danny fez uma revelação que me deixou chocada.

– Quer conversar comigo a respeito? – indagou ele, cauteloso.

– Ele revelou que papai armou esta briga entre mim e Peter para que o mais forte prevalecesse e passasse a dirigir a empresa.

– Acredita nele?

– Acredito, o que só piora a situação. A história parece mesmo verdadeira. Nunca havia pensado nisso antes, mas ela explica muitas coisas sobre nós dois.

Mervyn pegou sua mão.

– Você está transtornada.

– Estou mesmo. – Nancy afagou os esparsos pelos pretos nos dedos de Mervyn. – Sinto-me como um personagem num filme, seguindo um roteiro escrito por outra pessoa. Fui manipulada por anos. E nem mesmo tenho certeza de querer vencer esta briga com Peter, agora que sei como foi armada.

Ele assentiu, compreensivo.

– O que gostaria de fazer?

A resposta ocorreu a Nancy no instante em que ele formulou a pergunta:

– Gostaria de escrever meu próprio roteiro.

CAPÍTULO VINTE

HARRY MARKS ESTAVA tão feliz que mal conseguia se mexer. Continuou deitado, recordando cada momento da noite: o súbito arrepio de prazer com o beijo de Margaret; a ansiedade enquanto tomava coragem para abordá-la; o desapontamento com a rejeição; o espanto e a satisfação quando ela entrou em seu beliche como um coelho mergulhando na toca.

Retraiu-se ao lembrar como tinha gozado no instante em que ela o tocara. Era o que sempre acontecia na primeira vez: ainda não conseguia se controlar. Era humilhante. Uma vez uma garota zombara dele. Felizmente Margaret não ficara decepcionada ou frustrada. De uma estranha maneira, isso a excitara. No final das contas, os dois se satisfizeram.

Harry não acreditava em sua sorte. Não era brilhante, não tinha dinheiro, não pertencia à classe social certa. Era uma fraude completa, e Margaret sabia disso. O que via nele? Não havia nenhum mistério no que o atraía na jovem: ela era linda, adorável, afetuosa e vulnerável. E, se isso ainda não fosse suficiente, tinha o corpo de uma deusa. Qualquer um se apaixonaria. Mas... por que ele? Não era feio, é claro, e sabia se vestir bem, mas essas coisas não pareciam contar muito para Margaret. Ela achava fascinante o seu estilo de vida, as curiosidades que ele contava sobre o cotidiano da classe trabalhadora em geral e o submundo do crime em particular. Harry achava que Margaret o via como um personagem de romance, como um Pimpinela Escarlata ou alguma espécie de proscrito, um Robin Hood ou um Billy the Kid. Ela se mostrara extraordinariamente grata por ele ter puxado a cadeira na sala de jantar, um gesto trivial que fizera sem nem pensar a respeito,

mas que significara muito para a jovem. Na verdade, tinha certeza de que fora nesse momento que Margaret se apaixonara. As mulheres são estranhas, pensou Harry, com indiferença. Seja como for, não importava mais o fator de atração original: depois que tiraram as roupas, a química prevalecera. Ele nunca mais esqueceria os seios alvos na penumbra, os mamilos tão pequenos e pálidos que mal se viam, os pelos castanhos entre as pernas, as sardas no pescoço...

E agora ele se arriscaria a perder tudo isso.

la roubar as joias da mãe dela.

Uma moça como Margaret não poderia ignorar algo desse tipo. Ela sofria com os pais e provavelmente acreditava que a riqueza da família deveria ser redistribuída de alguma forma, mas ainda assim ficaria chocada. Roubar alguém era como dar um tapa na cara: podia não causar muitos danos, mas enfurecia as pessoas de forma avassaladora. Seria o fim do romance com Margaret.

Mas o Delhi Suite estava no avião, no compartimento de bagagem, a poucos passos do local em que Harry se acomodava: as joias mais lindas do mundo, que valiam uma fortuna, o suficiente para ele se sustentar pelo resto da vida.

Ansiava por ter o colar nas mãos, regalar os olhos com o vermelho insondável dos rubis birmaneses e roçar os dedos pelos diamantes facetados.

Os engastes teriam que ser destruídos, é claro, e o conjunto seria desfeito assim que fosse entregue ao receptor. Era uma tragédia, mas inevitável. As pedras sobreviveriam e acabariam em outro conjunto de joias, ornamentando a esposa de outro milionário. E Harry Marks compraria uma casa.

Era o que faria com o dinheiro. Compraria uma casa no campo, em algum lugar dos Estados Unidos, talvez na região que chamavam de Nova Inglaterra, onde quer que fosse. Já podia contemplá-la, com seu gramado e suas árvores, os convidados

para o fim de semana de calça branca e chapéu de palha, sua esposa descendo a escada de carvalho usando culote e botas de montaria...

Mas a esposa tinha o rosto de Margaret. Ela o deixara antes do amanhecer, esgueirando-se pelas cortinas quando não havia ninguém à vista. Enquanto o avião sobrevoava as florestas de pinheiros da Terra Nova e pousava em Botwood, Harry ficou olhando pela janela, pensando nela. Margaret dissera que permaneceria a bordo durante a escala, aproveitando para dormir um pouco; ele tinha falado que faria o mesmo, embora não tivesse a menor intenção de pegar no sono.

Via agora, através de sua janela, algumas pessoas de casaco embarcando na lancha – a maioria dos tripulantes e aproximadamente metade dos passageiros. Nesse momento, enquanto a maior parte das pessoas que permaneceram no avião ainda dormia, ele vislumbrava a oportunidade de alcançar os compartimentos de carga. As fechaduras das malas não seriam um empecilho. Num instante, o Delhi Suite estaria em seu poder.

Mas ele se perguntava se os seios de Margaret não seriam as joias mais preciosas que poderia tocar em toda a vida.

Disse a si mesmo para pôr os pés no chão. Ela passara uma noite em sua companhia, mas tornariam a se encontrar depois que saíssem do avião? Já ouvira pessoas se referindo a “romances de bordo” como relacionamentos efêmeros; casos num hidroavião deveriam ser ainda mais fugazes. Margaret não via a hora de deixar os pais e levar uma vida independente, mas será que isso aconteceria algum dia? Muitas moças ricas gostavam de independência, mas, na prática, era muito difícil renunciar a uma vida de luxo. Margaret era totalmente sincera, Harry sabia, mas não tinha a menor ideia de como as pessoas comuns viviam e não ia gostar quando experimentasse.

Não, não havia como prever o que ela faria. As joias, por

outro lado, eram absolutamente confiáveis.

Seria mais simples se o demônio aparecesse e dissesse que poderia ter Margaret ou roubar as joias, mas não as duas coisas, e ele escolheria a garota. Só que a realidade era mais complexa. Podia abrir mão do Delhi Suite e ainda assim perder Margaret. Ou talvez ficasse com os dois.

Assumira riscos durante a vida toda.

Resolveu obter ambos os troféus.

Levantou-se, enfiou os pés nos chinelos, pôs o roupão, depois olhou ao redor. As cortinas ainda estavam fechadas nos beliches de Margaret e de sua mãe. Os outros três se achavam vazios – de Percy e lorde Oxenford e do Sr. Membury. O aposento ao lado também se encontrava vazio, exceto por uma faxineira, que devia ser de Botwood mesmo, esvaziando os cinzeiros com uma cara de sono. A porta externa estava aberta e o frio ar marinho soprou os tornozelos de Harry. No terceiro compartimento, Clive Membury conversava com o barão Gabon. Harry se perguntou sobre o que fariam: coletes, talvez? Mais além, os comissários convertiam beliches em divãs. Em todo o avião, havia uma atmosfera de ressaca.

Harry seguiu em frente e subiu a escada. Como sempre, não tinha nenhum plano de ação, nenhuma desculpa preparada, nem a menor ideia do que faria se fosse surpreendido. Pensar com antecedência e prever o que podia sair errado o deixava tão ansioso que o impedia de agir. Mesmo despreocupado, sentiu-se de repente ofegante com a tensão. Acalme-se, disse a si mesmo, você já fez isso centenas de vezes. Se sair errado, inventará algo, como sempre.

Ele chegou ao convés de voo e o perscrutou.

Estava com sorte: não havia ninguém. Passou a respirar com mais facilidade.

Avistou uma escotilha aberta abaixo do para-brisa, entre os bancos dos pilotos. Deu uma olhada num enorme espaço vazio

nas entranhas do avião. Por uma porta na fuselagem, via-se um dos tripulantes mais jovens trabalhando com uma corda. Isso não era nada bom. Harry recolheu a cabeça antes que fosse notado.

Passou depressa pela cabine de voo e atravessou a porta do fundo. Encontrava-se agora entre os dois compartimentos de carga, debaixo do domo de observação. Escolheu o da esquerda, entrou e fechou a porta. Estava fora de vista agora e achava que a tripulação não teria motivos para olhar ali.

Examinou o lugar. Era como estar numa loja de bagagem de primeira qualidade. Elegantes malas de couro se achavam empilhadas ao redor, presas por cordas pelas laterais. Harry precisava encontrar as valises dos Oxenfords o mais rápido possível. Começou a trabalhar nisso.

Não seria fácil. Apenas algumas malas estavam com as etiquetas visíveis. Não havia aquecimento ali e ele sentia frio com o roupão. As mãos tremiam e os dedos doíam enquanto desatava as cordas que evitavam que a bagagem caísse durante o voo. Trabalhava de forma sistemática, a fim de não perder nada nem examinar duas vezes o mesmo item. Ajustava as cordas de volta da melhor maneira possível. Os nomes provinham de diversos países: Ridgeway, D'Annunzio, Lo, Hartmann, Bazarov – mas nada de Oxenford. Depois de vinte minutos, já examinara todas as peças, concluindo que as malas que procurava se encontravam no outro compartimento. Praguejou baixinho.

Amarrou a última corda, olhou ao redor com o maior cuidado: não deixara qualquer vestígio de sua visita.

Agora teria de fazer o mesmo no outro compartimento. Abriu a porta e saiu, e foi nesse instante que uma voz exclamou em tom surpreso:

– Merda! Quem é você?

Era o tripulante que Harry vira no compartimento de proa, um jovem alegre e sardento usando uma camisa de mangas curtas. Harry também ficou chocado, mas tratou de disfarçar no mesmo

instante. Sorriu, fechou a porta e disse calmamente:

– Harry Vandenpost. E você?

– Mickey Finn, o engenheiro assistente. O senhor não deveria estar aqui. Levei um susto. E peço desculpas pelo palavrão. Mas o que está fazendo?

– Procurando a minha mala. Esqueci o aparelho de barbear.

– Senhor, não é permitido acessar a bagagem aqui durante o voo em nenhuma circunstância.

– Achei que não haveria problema.

– Lamento, senhor, mas não é permitido. Posso lhe emprestar meu aparelho de barbear.

– Eu agradeceria, mas acontece que gosto do meu. Se eu pudesse encontrar minha mala...

– Gostaria de atendê-lo, senhor, mas é impossível. Pode pedir ao comandante quando ele voltar ao avião, mas tenho certeza de que a resposta será a mesma.

Com um aperto no coração, Harry compreendeu que precisaria aceitar a derrota, pelo menos por ora. Abriu um sorriso e disse da forma mais gentil possível:

– Neste caso, acho que tomarei emprestado seu aparelho. Muito obrigado.

Mickey Finn abriu a porta, Harry saiu para a cabine de voo e desceu a escada. Foi muito azar, pensou ele, furioso. Mais alguns segundos e eu teria entrado no outro compartimento. Só Deus sabe quando terei outra chance agora.

O assistente caminhou até o primeiro reservado e voltou um minuto depois com um aparelho de barbear, uma lâmina nova ainda no papel e creme de barbear num pote. Harry agradeceu. Agora não tinha outro jeito a não ser fazer a barba.

Levou sua valise para o banheiro, ainda pensando nos rubis birmaneses. Carl Hartmann estava lá, de camiseta, lavando-se vigorosamente. Harry deixou seu excelente aparelho de barbear guardado e usou o de Mickey às pressas.

– Uma noite difícil – comentou ele, puxando conversa.

– Já vivi piores – disse o cientista, indiferente.

Harry fitou os ombros dele, de ossos saltados. O homem era um esqueleto ambulante.

– Aposto que sim.

E não falaram mais nada. Hartmann não era muito de conversar e Harry estava preocupado.

Depois de se barbear, Marks vestiu uma camisa azul. Desembrulhar uma roupa nova era um dos pequenos e intensos prazeres da vida. Ele adorava o farfalhar do papel de seda e a sensação firme do algodão nunca usado. Vestiu-a com satisfação e deu um nó perfeito na gravata de seda vinho.

Ao voltar a seu compartimento, constatou que a cortina de Margaret continuava fechada. Imaginou-a profundamente adormecida, com os lindos cabelos espalhados sobre o travesseiro branco, e não pôde conter um sorriso. Olhando para o lounge, verificou que os comissários arrumavam o bufê do café da manhã, que o deixou com água na boca: tigelas de morangos, jarrinhas de creme e grandes jarros de suco de laranja, champanhe em baldes de gelo prateados. Naquela época do ano, só podiam ser morangos de estufa, pensou ele.

Harry guardou a valise e, com o aparelho de barbear de Mickey Finn nas mãos, subiu a escada até o convés de voo, a fim de tentar mais uma vez.

O assistente não se encontrava ali, mas Harry deparou, consternado, com outro tripulante, sentado à mesa de navegação, fazendo cálculos num bloco. O homem ergueu os olhos, sorriu e disse:

– Olá, em que posso ajudá-lo?

– Estou procurando Mickey para lhe devolver o aparelho de barbear.

– Vai encontrá-lo no primeiro compartimento, o que fica mais na proa.

– Obrigado.

Harry hesitou. Tinha que passar por aquele sujeito... mas como?

– Mais alguma coisa? – indagou o homem, cordial.

– Este convés de voo é incrível. Parece um escritório.

– Tem toda a razão.

– Gosta de voar nestes aviões?

– Adoro. Ahn... Eu gostaria de ter tempo para conversar, mas preciso terminar estes cálculos, que vão me ocupar quase até a hora da decolagem.

Harry grunhiu. Isso significava que o caminho para os compartimentos de carga permaneceria bloqueado. Ele não conseguia achar uma desculpa para obter acesso. Mais uma vez, obrigou-se a esconder a decepção.

– Desculpe. Já vou embora.

– Normalmente gostamos de conversar com os passageiros, conhecemos pessoas muito interessantes. Mas neste momento...

– A culpa é minha.

Harry vasculhou o cérebro por mais um momento, porém acabou desistindo. Virou-se e desceu a escada, censurando a si mesmo.

A sorte não parecia estar a seu favor.

Ele foi até o primeiro compartimento, entregou o aparelho de barbear a Mickey e voltou ao seu lugar. Margaret ainda não se levantara. Harry passou pelo lounge e saiu para o hidroestabilizador. Respirou fundo várias vezes, aspirando o frio ar marinho. Estou perdendo a maior oportunidade da minha vida, pensou, irritado. As palmas das mãos comichavam enquanto ele imaginava as joias fabulosas poucos metros acima de sua cabeça. Mas ainda não desistira. Restava uma escala, Shediac. Seria a sua última oportunidade de roubar uma fortuna.

PARTE V

**De Botwood
a Shediac**

CAPÍTULO VINTE E UM

EDDIE SENTIA A HOSTILIDADE dos companheiros de tripulação enquanto seguiam para terra firme na lancha. Ninguém o fitava nos olhos. Todos sabiam agora como haviam chegado perto de ficar sem combustível e cair no oceano tempestuoso. Tinham corrido perigo de vida. Ninguém sabia por que isso acontecera, mas o combustível era responsabilidade do engenheiro de voo, portanto a culpa recaía sobre Eddie.

Deviam ter notado que ele vinha se comportando de maneira estranha. Eddie se mostrara preocupado durante o voo, falara agressivamente com Tom Luther durante o jantar e uma janela quebrara de modo inexplicável quando ele estava no banheiro. Não era de admirar que os outros não o considerassem mais cem por cento confiável. Esse tipo de sentimento se disseminava depressa numa tripulação unida, cujas vidas dependiam umas das outras.

Era doloroso saber que os companheiros não mais confiavam nele. Eddie se orgulhava de ser tido como um dos homens mais incontestáveis da Pan American. Para agravar a situação, ele próprio relutava em perdoar os erros dos outros e, às vezes, tratava com desdém pessoas cujo desempenho se degenerava por causa de problemas pessoais.

“Desculpas não fazem o avião voar”, costumava dizer, um comentário que agora o fazia estremecer cada vez que pensava a respeito.

Tentou dizer a si mesmo que não se importava. Precisava salvar a esposa e tinha que fazer isso sozinho: não podia pedir ajuda a ninguém nem se preocupar com os sentimentos dos outros. Arriscara a vida dos companheiros, mas tudo terminaria

bem. Era tudo absolutamente lógico e qualquer coisa fora disso não fazia a menor diferença. O engenheiro de voo Eddie Deakin, firme como uma rocha, transformara-se no Nada Confiável Eddie, um sujeito que precisava ser vigiado para não causar mais problemas. Ele detestava pessoas assim. Odiava a si mesmo.

Muitos passageiros permaneceram no Clipper, como sempre acontecia em Botwood: preferiam aproveitar a oportunidade para dormir um pouco enquanto o avião estava parado. O agente Ollis Field e o mafioso Frankie Gordino ficaram a bordo, como era de esperar – já não haviam desembarcado em Foynes. Tom Luther estava na lancha, usando um sobretudo com gola de pele e um chapéu cinza. Ao se aproximar do cais, Eddie chegou perto dele e murmurou:

– Espere por mim no prédio da companhia aérea. Eu o levarei ao posto telefônico.

Botwood era um aglomerado de construções de madeira em torno de uma enseada profunda, no estuário do rio Exploits. Os milionários que viajavam no Clipper não conseguiam encontrar muita coisa para comprar ali. A aldeia só tinha serviço telefônico desde junho. Os poucos carros utilizavam a mão-inglesa, pois a Terra Nova ainda se encontrava sob domínio britânico.

Todos entraram no prédio da Pan American e a tripulação seguiu para a sala de voo. Eddie leu imediatamente os boletins meteorológicos enviados pelo rádio do novo e grande aeroporto junto ao lago Gander, a cerca de 60 quilômetros. Computou, então, a necessidade de combustível para a etapa seguinte. Como era um voo muito mais curto, não se tratava de um cálculo tão crucial, mas ainda assim o avião nunca carregava um grande excesso de gasolina, porque a carga útil era dispendiosa. Durante a tarefa, sentia um gosto amargo na boca. Será que no futuro seria capaz de fazer aquelas somas sem pensar naquele dia terrível? A indagação era apenas retórica: depois de suas atitudes, nunca mais seria engenheiro de voo num Clipper.

O comandante já devia desconfiar dos números de Eddie, por isso precisava de algo para restaurar a confiança. O engenheiro decidiu sugerir que estava em dúvida. Repassou os cálculos duas vezes, então os estendeu para Baker, dizendo em voz indiferente:

– Eu agradeceria se alguém conferisse.

– Mal não vai fazer – respondeu o comandante em tom casual, mas parecendo aliviado, como se já quisesse propor uma conferência, mas ainda relutasse.

– Vou tomar um pouco de ar fresco – anunciou Eddie, saindo em seguida.

Encontrou Luther parado na frente do prédio da Pan Am, com as mãos nos bolsos, olhando soturno para as vacas no pasto.

– Vou levá-lo até a agência dos telégrafos – informou Eddie.

Ele subiu a ladeira em passos rápidos e Luther ficou para trás.

– Trate de se apressar – disse o engenheiro. – Não posso demorar.

Luther apertou o passo. Dava a impressão de que não queria irritar Eddie – algo nada surpreendente depois que ele quase o jogara para fora do avião.

Menearam a cabeça para o Sr. Lovesey e a Sra. Lenehan, que pareciam estar voltando da agência. O homem usava um blusão de aviador. Embora transtornado, Eddie percebeu que os dois pareciam felizes juntos. As pessoas sempre diziam o mesmo dele e de Carol-Ann, recordou, sentindo uma pontada de angústia.

Chegaram ao escritório e Luther solicitou a ligação. Escreveu o número num pedaço de papel, pois não queria que Eddie o ouvisse. Entraram numa pequena sala particular, com um telefone numa mesa e duas cadeiras, e esperaram impacientes que a ligação fosse completada. Ainda era muito cedo, as linhas não deveriam estar ocupadas demais, mas provavelmente era

necessária uma série de conexões dali até o Maine.

Eddie estava confiante em que Luther diria a seus homens para levarem Carol-Ann ao ponto de encontro. Seria um grande passo: significava que ele ficaria livre para agir no momento em que o resgate fosse efetuado, sem se preocupar mais com a esposa. Mas o que exatamente poderia fazer? O óbvio seria avisar a polícia, mas Luther com certeza pensara nessa possibilidade e trataria de quebrar o rádio do Clipper. Ninguém conseguiria agir até que surgisse ajuda. A essa altura, Gordino e Tom já estariam em terra firme, num carro, afastando-se a toda a velocidade – e ninguém saberia em que país estariam, no Canadá ou nos Estados Unidos. Eddie quebrou a cabeça em busca de algo que ajudasse as autoridades a localizar Frankie, mas nada lhe ocorreu. Se avisasse com antecedência, a polícia poderia interferir antes, colocando Carol-Ann em risco – o único risco que Eddie não estava disposto a assumir. Começou a pensar se, no fim das contas, obteria alguma vantagem. Depois de um tempo, o telefone tocou e Luther atendeu.

– Sou eu. Deve haver uma mudança no plano. Tragam a mulher na lancha.

Após um instante, Luther voltou a falar:

– O engenheiro de voo quer assim e diz que não aceitará de outra forma. Acredito nele. Por isso, tragam a mulher, está bem?

– Outra pausa e ele olhou para Eddie. – Querem falar com você.

Eddie sentiu um aperto no coração. Até agora, Luther agira como o homem no comando, mas parecia que não tinha poder suficiente.

– É o seu chefe que está na linha? – indagou, irritado.

– Eu sou o chefe – respondeu Luther, inquieto. – Mas tenho sócios.

Era evidente que os sócios não gostavam da ideia de levar Carol-Ann ao ponto de encontro. Eddie praguejou baixinho. Deveria lhes dar a oportunidade de tentar dissuadi-lo? Ganharia

alguma coisa se falasse com os homens? Concluiu que não. Poderiam levar Carol-Ann ao telefone, obrigá-la a gritar para enfraquecer sua determinação...

– Quero mais é que eles se fodam – falou alto, na esperança de que o escutassem no outro lado da linha.

– Não pode falar assim com essa gente! – protestou Luther, com a voz estridente, apavorado.

Eddie se perguntou se também devia ficar assustado. Talvez tivesse interpretado a situação de maneira errada. Se Luther era um dos gângsteres, por que entrava em pânico? Mas não havia tempo para reavaliar as circunstâncias naquele momento. Devia se ater ao plano.

– Quero apenas “sim” ou “não”. Não estou interessado em falar com o idiota.

– Meu Deus! – Luther pegou o telefone. – Ele não vai falar... Eu disse que o homem era difícil. – Houve uma pausa. – Isso mesmo, boa ideia. – Luther tornou a se virar para Eddie, estendendo o fone. – Sua esposa está na linha.

Eddie fez menção de aceitar, mas recolheu a mão no instante seguinte. Se falasse com Carol-Ann, ficaria à mercê dos homens. Mas ansiava por ouvir a voz dela. Teve que recorrer a toda a sua força de vontade: enfiou as mãos nos bolsos e balançou a cabeça, numa negativa silenciosa. Luther o fitou por um instante, aturdido, depois voltou a falar ao telefone:

– Ele ainda não quer falar! Ele... Saia da linha, sua vaca! Quero falar com...

Subitamente, Eddie agarrou-o pelo pescoço. O fone caiu no chão com estrépito. O engenheiro comprimiu os polegares no pescoço grosso de Luther, que balbuciou:

– Pare! Me largue! Me deixe...

O homem sufocava. A névoa vermelha dos olhos de Eddie se dissipou. Percebeu que ia matar o criminoso. Aliviou a pressão, mas continuou a segurar o pescoço dele e aproximou seu rosto

de Luther, de tal forma que o fez pestanejar.

– Preste atenção – murmurou Eddie. – Trate minha esposa por Sra. Deakin.

– Está bem, está bem! – exclamou o homem, com a voz rouca. – E agora me largue, pelo amor de Deus!

Eddie obedeceu. Luther esfregou o pescoço, respirando com dificuldade, e recolheu o fone.

– Vincini? O cara quase me matou só porque chamei a esposa dele de... uma palavra feia. Diz que devo chamá-la de Sra. Deakin. Está entendendo agora ou preciso desenhar? Ele é capaz de fazer qualquer coisa! – Houve uma pausa. – Acho que poderia dominá-lo, mas o que as pessoas pensariam se nos vissem brigando? Isso estragaria todo o plano! – Luther se calou por um momento. – Ótimo. Direi a ele. Tenho certeza de que é a melhor decisão. Espere um instante. – Ele se virou para Eddie. – Vão trazê-la. Ela estará na lancha.

Eddie disfarçou o alívio, mas Luther acrescentou, nervoso:

– Mas ele diz que, se houver qualquer problema, vai atirar nela.

O engenheiro arrancou o fone de sua mão.

– Quero que entenda direitinho, Vincini. Primeiro: quero vê-la na lancha antes de abrir as portas do Clipper. Segundo: ela tem que embarcar no avião com você. Terceiro: não importa quais sejam os problemas, se ela for ferida, vou matar você com as próprias mãos. Não se esqueça disso, Vincini.

Antes que o homem tivesse tempo de responder, Eddie desligou. Luther parecia consternado.

– Por que fez isso? – Ele pegou o fone. – Alô? Alô? – Balançou a cabeça. – Tarde demais. – Encarando Eddie com uma mistura de raiva e respeito, Luther comentou: – Você gosta mesmo de viver perigosamente, hein?

– Vá pagar a ligação – retrucou Eddie.

Luther enfiou a mão no bolso interno do paletó e tirou um

grosso rolo de notas.

– Escute bem, sua raiva não vai ajudar ninguém. Já lhe dei o que pediu. Agora devemos trabalhar juntos para que esta operação seja bem-sucedida, pelo bem de nós dois. Por que não tentamos nos acertar? Somos parceiros agora.

– Vá se foder – rebateu Eddie, saindo em seguida.

Sentia-se mais furioso do que nunca enquanto voltava para o porto. O comentário de Luther o deixara com os nervos à flor da pele. Eddie fizera o que podia para proteger Carol-Ann, mas continuava comprometido a libertar Frankie Gordino, um assassino e estuprador. O fato de estar sendo obrigado a fazê-lo deveria aplacar sua culpa – isso talvez até acontecesse com outras pessoas –, mas para ele parecia não fazer a menor diferença: sabia que, se levasse o plano até o fim, nunca mais seria capaz de andar com a cabeça erguida.

Enquanto descia a ladeira até a enseada, ele olhou através da água. O avião flutuava imponente na superfície serena. Eddie sabia que sua carreira nos Clippers chegara ao fim. Estava furioso por causa disso também. Para sua surpresa, além de dois cargueiros e alguns barcos de pesca menores, ele avistou uma lancha de patrulha da Marinha americana atracada no cais. O que estaria fazendo na Terra Nova? Algo relacionado com a guerra? Ele se lembrou de seu tempo na Marinha. Olhando em retrospectiva, aquela parecia uma época áurea, quando a vida era simples. Talvez o passado sempre parecesse atraente em momentos de crise.

Ele entrou no prédio da Pan American. No vestíbulo pintado de verde e branco, estava um homem com uniforme de tenente, provavelmente da lancha de patrulha. Ele se virou no instante em que Eddie entrou. Era feio e grandalhão, com olhos pequenos muito juntos e uma verruga no nariz. Eddie não acreditava no que via.

– Steve? É você mesmo?

– Olá, Eddie.

– Mas o que...?

Era Steve Appleby, com quem Eddie tentara falar da Inglaterra; seu melhor amigo, o homem que queria ao seu lado mais do que qualquer outro em circunstâncias difíceis. Aquela reviravolta parecia impossível.

Steve se adiantou e os dois se abraçaram, batendo nas costas um do outro.

– Você deveria estar em New Hampshire... O que veio fazer aqui?

– Nella disse que você parecia muito nervoso ao telefone. Caramba, Eddie, não me lembro de ver você abalado com *nada*. Sempre foi firme como uma rocha. Por isso, tive certeza de que estava metido em alguma encrenca terrível.

– E estou mesmo. Estou...

De repente, Eddie foi dominado pela emoção. Durante vinte horas mantivera os sentimentos reprimidos, mas agora se encontrava prestes a extravasar. O fato de seu melhor amigo mover céus e terras para vir ajudá-lo o deixava profundamente comovido.

– Uma encrenca mais do que terrível, Steve.

As lágrimas afloraram e a garganta ficou tão apertada que ele não conseguia mais falar. Virou-se e saiu do prédio.

Steve o seguiu. Eddie contornou o edifício e passou pela porta aberta do espaço vazio em que a lancha era normalmente guardada. Não seriam vistos ali. Para disfarçar seu embaraço, Steve falou:

– Não posso contar quantos favores precisei cobrar para chegar aqui. Estou na Marinha há oito anos, muita gente me deve, mas hoje todos pagaram em dobro, agora eu é que estou devendo. Vou levar mais oito anos só para ficar quite.

Eddie assentiu. Steve tinha uma aptidão natural para negociar, era uma das pessoas na Marinha que melhor sabia dar

um jeito em tudo. Eddie queria agradecer, mas não conseguia conter as lágrimas.

– Mas o que está acontecendo, Eddie? – indagou Steve, mudando de tom.

– Eles pegaram Carol-Ann – Eddie conseguiu balbuciar.

– “Eles” quem, pelo amor de Deus?

– A quadrilha de Patriarca.

– Ray Patriarca? O gângster?

– Eles a sequestraram.

– Meu Deus! Mas por quê?

– Querem que eu provoque um pouso imprevisto do Clipper.

– Para quê?

Eddie enxugou o rosto com a manga e se controlou.

– Há um agente do FBI no avião com um prisioneiro, um criminoso chamado Frankie Gordino. Imagino que Patriarca queira resgatá-lo. Seja como for, um passageiro chamado Tom Luther me orientou a fazer o avião pousar num ponto determinado ao largo da costa do Maine. Haverá uma lancha à espera. Trocamos Carol-Ann por Gordino, depois ele desaparece.

– Esse Luther é bem esperto, sabe que a única maneira de obrigar Eddie Deakin a cooperar é sequestrando sua esposa.

– Isso mesmo.

– Filhos da puta.

– Quero pegar esses homens, Steve. Quero crucificá-los, porra. Juro que vou acabar com esses caras!

Steve balançou a cabeça.

– Mas o que você pode fazer?

– Não sei. Foi por isso que telefonei para você.

Steve franziu a testa.

– O período de perigo para eles é o momento que vai do embarque no avião até a volta para o carro, em terra firme. Talvez a polícia possa descobrir o automóvel e emboscá-los.

– Como a polícia o reconheceria? Seria apenas um carro estacionado perto de uma praia.

– Talvez valha a pena tentar.

– Não é uma boa ideia, Steve. Muita coisa pode dar errado. E não quero chamar a polícia... Talvez ponham em risco a vida de Carol-Ann.

Steve assentiu.

– E o carro poderia estar em qualquer lado da fronteira, por isso teríamos que avisar também a polícia canadense. O caso não permaneceria em segredo por mais de cinco minutos. Tem razão, não devemos envolver a polícia. Assim, resta a Marinha ou a Guarda Costeira.

Eddie sentia-se melhor só de poder discutir o dilema com alguém.

– Vamos falar com a Marinha.

– Está certo. Que tal se eu desse um jeito para que um barco de patrulha como esse interceptasse a lancha depois da troca, antes de Gordino e Luther chegarem à terra firme?

– Pode ser que dê certo. – Eddie começou a acalantar alguma esperança. – Mas você conseguiria?

Era quase impossível fazer com que uma embarcação da Marinha entrasse em ação fora da cadeia de comando.

– Acho que sim. Eles estão em manobras, muito empolgados, pensando que os nazistas vão invadir a Nova Inglaterra depois da Polônia. É apenas uma questão de desviar um barco. O sujeito que pode fazer isso é o pai de Simon Greenbourne... Você se lembra de Simon?

– Claro que sim.

Eddie se recordou de um garoto com um senso de humor incontrolável e uma sede insaciável por cerveja. Vivia se metendo em encrencas, mas quase sempre conseguia escapar impune porque o pai era almirante.

– Simon foi longe demais um dia: ateou fogo a um bar em

Pearl City e provocou um incêndio em metade do quarteirão – continuou Steve. – É uma longa história, mas consegui evitar que o garoto fosse para a cadeia, e o pai dele me é eternamente grato. Acho que ele pode fazer isso por mim.

Eddie olhou para a embarcação em que Steve viera. Era um caça-submarino da classe SC, com vinte anos de uso e casco de madeira, mas estava equipado com uma metralhadora de calibre .23 e levava cargas de profundidade. Apavoraria um bando de gângsteres da cidade grande numa lancha. Mas chamava muita atenção.

– Eles podem avistar o barco antes e farejar uma armadilha.

– Essas embarcações podem se esconder em córregos. O calado é de menos de 2 metros, com carga plena.

– É arriscado, Steve.

– Muito bem, eles avistam um barco de patrulha da Marinha. E o barco segue adiante. O que vão fazer, cancelar toda a operação?

– Podem fazer algo com Carol-Ann.

Steve parecia prestes a argumentar, mas depois mudou de ideia.

– Tem razão. Qualquer coisa pode acontecer. E você é o único que pode dizer que riscos devemos assumir.

Eddie sabia que o amigo não estava dizendo o que realmente sentia.

– Acha que estou apavorado, não é mesmo?

– Acho. Mas você tem esse direito.

Eddie consultou o relógio.

– Caramba, tenho que voltar à sala de voo.

Ele precisava tomar uma decisão. Steve apresentara o melhor plano possível e agora cabia a Eddie aceitar ou recusar.

– Só mais uma coisa em que talvez você não tenha pensado, Eddie: ainda podem estar planejando traí-lo.

– Como?

Steve deu de ombros.

– Não sei como, mas depois que embarcarem no Clipper será difícil discutir. Podem decidir levar Gordino e Carol-Ann também.

– Por que fariam isso?

– Para ter certeza de que você não vai se entusiasmar e cooperar com a polícia por algum tempo.

– Merda.

Havia ainda outro motivo, refletiu Eddie: gritara com aqueles homens, insultara-os. Poderiam estar planejando um ajuste final para lhe ensinar uma lição.

Ele estava acuado.

Tinha que aceitar o plano de Steve. Era tarde demais para qualquer outra solução.

Que Deus me perdoe se eu estiver errado, pensou ele.

– Está certo, Steve, vamos fazer isso.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

MARGARET DESPERTOU COM a ideia de contar tudo ao pai. Levou um momento para lembrar o que precisava revelar: que não moraria com eles em Connecticut, que ia deixar a família, procurar um alojamento e arrumar um emprego.

Não restava a menor dúvida de que ele teria um ataque.

Uma sensação nauseante de medo e vergonha a invadiu. Era uma emoção familiar. Experimentava-a toda vez que queria desafiar o pai. Tenho 19 anos, pensou ela, sou uma mulher. Ontem à noite fiz amor com um homem maravilhoso. Por que ainda tenho pavor do meu pai? Essa situação se repetia desde que ela se entendia por gente. Nunca compreendera por que o pai se mostrava tão determinado em mantê-la numa gaiola. Isso também acontecia com Elizabeth, mas não com Percy. Ele parecia querer que as filhas fossem ornamentos inúteis. Sempre reagira furioso quando elas desejavam fazer algo prático, como aprender a nadar, construir uma casa na árvore ou andar de bicicleta. Jamais se importava com quanto gastavam em vestidos, mas não permitia que abrissem conta numa livraria.

Não era apenas a perspectiva da derrota que embrulhava seu estômago. Era a maneira como ele a repelia, a raiva e o desdém, os comentários jocosos e a fúria que o enrubescia.

Margaret tentara muitas vezes ser mais esperta do que o pai por meio do embuste, mas quase nunca dava certo: ficava tão apavorada com a possibilidade de ele ouvir o barulho do gatinho salvo no sótão, encontrá-la brincando com as crianças “impróprias” da aldeia ou revistar seu quarto e deparar com seu exemplar de *As vicissitudes de Evangeline*, de Elinor Glyn, que os prazeres proibidos perdiam todo o charme.

Só conseguira se opor à vontade paterna com a ajuda dos outros. Monica a apresentara ao prazer sexual, algo que o pai nunca fora capaz de lhe tirar. Percy lhe ensinara a atirar; Digby, a dirigir um carro. Agora, talvez Harry Marks e Nancy Lenehan a ajudassem a se tornar independente.

Ela já se sentia diferente. Havia um dolorido agradável em seus músculos, como se tivesse passado o dia inteiro num trabalho físico árduo ao ar livre. Ficou deitada na cama e passou as mãos por todo o corpo. Durante os seis anos anteriores, julgara-se alguém com protuberâncias desgraciosas e cabelos repulsivos, mas agora descobrira subitamente que gostava de si mesma. E Harry parecia achá-la maravilhosa.

Ouviu alguns ruídos fracos do outro lado da cortina. Imaginou que as pessoas começavam a despertar. Deu uma espiada. Nicky abaixava os beliches no outro lado, onde o pai e a mãe dormiram, reconvertendo-os em divã. Os leitos de Harry e do Sr. Membury já estavam arrumados. O amante se encontrava sentado, todo vestido, olhando pela janela, pensativo.

De repente, Margaret sentiu-se acanhada e se apressou em fechar a cortina antes que ele a visse. Era engraçado: poucas horas antes tinham ficado tão íntimos, mas agora ela estava constrangida.

Perguntou-se onde estariam os outros. Percy devia ter saído do avião. O pai provavelmente fizera o mesmo, pois costumava se levantar cedo. A mãe nunca era muito dinâmica pela manhã; talvez estivesse no banheiro. O Sr. Membury não se encontrava à vista.

Margaret olhou pela janela. Já era dia claro. O avião ancorara perto de uma aldeia, junto a uma floresta de pinheiros. A paisagem transmitia total tranquilidade.

Ela se recostou, desfrutando a privacidade, saboreando a lembrança da noite, recordando os detalhes e guardando-os como fotografias num álbum. Era como se tivesse perdido a

virgindade agora. Antes, com Ian, o sexo era apressado, difícil, muito rápido, e Margaret mais parecia uma criança culpada imitando desobedientemente o jogo dos adultos. Na véspera, porém, ela e Harry tinham sido adultos, encontrando prazer no corpo um do outro. Foram discretos, mas não furtivos; tímidos, mas não embaraçados; inseguros, mas não desajeitados. Parecera uma mulher de verdade. Quero mais, pensou Margaret, muito mais. Abraçou a si mesma, sentindo-se uma devassa.

Imaginou Harry como acabara de vê-lo, sentado à janela, com uma camisa azul-celeste, uma expressão pensativa no rosto bonito. De repente, teve vontade de beijá-lo. Sentou-se, ajeitou o chambre nos ombros, abriu a cortina e disse:

– Bom dia, Harry.

Ele virou a cabeça abruptamente, dando a impressão de que fora surpreendido fazendo algo errado. Margaret ficou curiosa. Harry fitou-a nos olhos e sorriu. Ela retribuiu o sorriso e descobriu que não conseguia mais parar. Puseram-se a sorrir estupidamente um para o outro por um longo minuto. Ao final, Margaret baixou os olhos e se levantou. Acabando de ajeitar o assento da mãe dela, o comissário se virou e disse:

– Bom dia, lady Margaret. Gostaria de tomar uma xícara de café?

– Não, obrigada, Nicky.

Ela devia estar um horror; queria logo se postar diante de um espelho para escovar os cabelos. Sentia-se malvestida. E estava mesmo se comparada a Harry, que pusera uma camisa nova e já fizera a barba, parecendo radiante.

Mas ainda tinha vontade de beijá-lo.

Calçou os chinelos, recordando como os deixara junto do beliche de Harry, recuperando-os uma fração de segundo antes que o pai os visse. Vestiu o chambre, percebendo que os olhos de Harry baixavam para seus seios. Não se importou: gostava que ele os contemplasse. Amarrou o cordão e passou os dedos

pelos cabelos.

Nicky terminou sua tarefa. Margaret torceu para que ele deixasse o compartimento a fim de poder dar um beijo em Harry. Em vez disso, o comissário perguntou:

– Posso arrumar seu beliche agora?

– Claro – murmurou Margaret, desapontada.

Ela se perguntou por quanto tempo mais teria que esperar para beijar Harry. Pegou sua valise, lançou um olhar pesaroso para ele e saiu do compartimento.

Davy arrumava o bufê com o desjejum no lounge. Margaret roubou um morango, sentindo-se uma pecadora. Percorreu todo o avião. A maioria dos beliches já fora convertida em divã e algumas pessoas tomavam café, sonolentas. Ela viu o Sr. Membury conversando com o barão Gabon e ficou imaginando o que aquela dupla disparatada tinha em comum para que conversassem tão sérios. Faltava algo ali... Depois de um momento, descobriu o que era: não havia jornais.

Ela entrou no banheiro. A mãe estava sentada à penteadeira. Subitamente, Margaret experimentou um profundo sentimento de culpa. Como pude fazer aquelas coisas a apenas dois passos de mamãe?, pensou ela. Sentiu-se ruborizar e se forçou a dizer:

– Bom dia, mamãe.

Para sua surpresa, sua voz saiu absolutamente normal.

– Bom dia, querida. Parece um pouco corada. Dormiu bem?

– Muito bem. – Margaret enrubesceu ainda mais e teve uma repentina inspiração. – Estou me sentindo culpada porque roubei um morango do bufê.

Ela correu para o reservado, a fim de ocultar a vergonha. Ao sair, lavou o rosto vigorosamente na pia.

Lamentava ter que usar o mesmo vestido do dia anterior. Gostaria de pôr uma roupa limpa. Passou bastante água-de-colônia. Harry dissera que gostava. E ele identificara o Tosca. Dos homens que conhecera, era o primeiro capaz de identificar

perfumes.

Margaret se demorou escovando os cabelos. Era sua característica mais bonita, precisava tirar o máximo de proveito. Deveria me preocupar mais com a aparência, pensou ela. Nunca se importara muito, mas de repente parecia algo essencial. Preciso ter vestidos que destaquem o meu corpo e sapatos elegantes que chamem a atenção para minhas pernas compridas, pensou, usar cores que combinem com os cabelos vermelhos e os olhos verdes. O vestido atual era favorável, numa tonalidade tijolo, mas um tanto largo e informe. Contemplando-se no espelho, desejou ter ombros retos e um cinto. A mãe nunca permitiria que ela usasse maquiagem, é claro, por isso teria que se satisfazer com a pele clara. Pelo menos tinha bons dentes.

– Já estou pronta – anunciou Margaret, alegre.

A mãe se encontrava na mesma posição.

– Imagino que vá conversar com o Sr. Vandenpost.

– Acho que sim, pois não há mais ninguém no compartimento e você ainda está se arrumando.

– Não lhe dê muita confiança. Há algo de judeu nele.

Ele não é circuncidado, pensou Margaret, e quase o disse em voz alta, por pura maldade. Em vez disso, começou a rir. A mãe ficou ofendida.

– Não há motivo para risos. Não permitirei que torne a ver aquele rapaz depois que desembarcarmos.

– Tenho certeza de que ficará feliz por saber que não me importo.

Isso era verdade: ela deixaria os pais, por isso não se importava mais com o que pudessem ou não permitir. A mãe lhe lançou um olhar desconfiado.

– Por que tenho a impressão de que você não está sendo sincera?

– Porque os tiranos nunca podem confiar em ninguém.

Foi uma boa saída, refletiu Margaret, encaminhando-se para

a porta, mas a mãe chamou-a de volta.

– Não vá embora, querida – murmurou, com os olhos marejados.

Ela queria dizer “não saia do banheiro” ou “não deixe a família”? Será que adivinhara o que a filha planejava? Sempre tivera uma boa intuição. Margaret permaneceu em silêncio.

– Já perdi Elizabeth. Não suportaria perder você também.

– Mas é culpa do papai! – explodiu Margaret, com uma súbita vontade de chorar. – Não pode evitar que ele seja tão repulsivo?

– Pensa que já não tentei?

Margaret ficou chocada: a mãe nunca admitira antes que o pai pudesse ser culpado de qualquer coisa.

– Mas não posso evitar ir embora se ele é assim – acrescentou Margaret, angustiada.

– Podia tentar não provocá-lo.

– Ou seja, obedecer a ele durante todo o tempo.

– Por que não? Só até você se casar.

– Se você resistisse, talvez ele não fosse assim.

A mãe balançou a cabeça, desolada.

– Não posso tomar o seu lado contra ele, querida. Ele é meu marido.

– Mas ele está completamente errado!

– Não faz diferença. Compreenderá isso quando se casar.

Margaret sentia-se acuada.

– Não é justo.

– Não será por muito tempo. Peço apenas que o tolere um pouco mais. Assim que você completar 21 anos, ele será diferente, prometo, mesmo que não esteja casada. Sei que é difícil. Mas não quero que seja banida, como a pobre Elizabeth...

Margaret compreendeu que ficaria tão transtornada quanto a mãe se acabassem separadas.

– Também não quero isso, mamãe.

Ela deu um passo à frente, na direção da banqueta, e as duas

se abraçaram, meio sem jeito, Margaret de pé, a mãe sentada.

– Prometa que não vai discutir com ele – pediu a mãe.

Ela parecia tão triste que Margaret quis jurar, de todo o coração, mas algo a conteve e ela se limitou a dizer:

– Tentarei, mamãe, tentarei de verdade.

A mãe largou-a e a encarou, e Margaret notou sua expressão desolada de resignação.

– Obrigada.

Não havia mais nada a dizer.

Margaret saiu.

Harry se levantou quando ela entrou no compartimento. Margaret estava tão transtornada que perdeu por completo todo o senso de decoro e o abraçou. Depois de um momento de hesitação e surpresa, Harry retribuiu e beijou-a no alto da cabeça. Ela começou a se sentir melhor no mesmo instante.

Abrindo os olhos, Margaret percebeu que o Sr. Membury os fitava, espantado. Ela mal se importava, mas resolveu se afastar de Harry e os dois foram sentar-se no outro lado do compartimento.

– Precisamos fazer planos – disse Harry. – Esta pode ser a nossa última oportunidade de uma conversa particular.

Margaret se deu conta de que a mãe logo estaria ali, de que o pai e Percy voltariam com os outros passageiros, e então talvez ela e Harry não tornassem a ficar a sós. Foi dominada por algo próximo do pânico ao imaginar que os dois se separariam em Port Washington e nunca mais se encontrariam.

– Onde posso entrar em contato com você? Diga-me depressa!

– Não sei... Não conheço nenhum lugar específico. Mas não se preocupe, eu vou conseguir. Em que hotel vocês ficarão?

– No Waldorf. Vai me telefonar esta noite? Tem que ligar!

– Fique calma. Claro que vou ligar. Direi que sou o Sr. Marks.

O tom relaxado de Harry levou Margaret a compreender que

estava sendo tola... e um pouco egoísta também. Deveria pensar nele, não apenas em si mesma.

– Onde você vai passar a noite?

– Vou encontrar um hotel barato.

Ela teve uma ideia.

– Gostaria de ir ao meu quarto no Waldorf?

Harry sorriu.

– Sério? Sabe muito bem que eu adoraria!

Margaret estava feliz por agradá-lo.

– Normalmente eu o partilharia com minha irmã, mas agora ficarei sozinha.

– Mal posso esperar.

Ela sabia como Harry gostava da vida elegante e queria muito fazê-lo feliz. Do que mais ele gostava?

– Vamos poder pedir ovos mexidos e champanhe pelo serviço de quarto.

– Vou querer ficar lá para sempre.

Essa frase trouxe Margaret de volta à realidade.

– Meus pais se mudarão para a casa do meu avô em Connecticut depois de alguns dias. Nesse momento, terei que arrumar algum lugar para morar.

– Procuraremos juntos. Talvez arrumemos aposentos no mesmo prédio.

– Tem certeza?

Margaret estava empolgada. Teriam apartamentos no mesmo prédio! Era exatamente o que ela queria. Ficara com receio de que ele se precipitasse e a pedisse em casamento ou decidisse não querer mais vê-la. Essa solução era a ideal: continuaria perto de Harry e poderia conhecê-lo melhor sem assumir compromisso. E poderia dormir com ele. Mas havia um problema.

– Se eu for trabalhar para Nancy Lenahan, precisarei me mudar para Boston.

– Talvez eu também me mude para Boston.

– É mesmo?

Margaret mal podia acreditar no que ouvia.

– É um lugar tão bom quanto qualquer outro. Onde fica?

– Na Nova Inglaterra.

– É um lugar parecido com a velha Inglaterra?

– Ouvi dizer que as pessoas são esnobes.

– Então é igual à velha Inglaterra.

– Que tipo de aposentos vamos arrumar? – indagou ela, entusiasmada. – Isto é, quantos cômodos, esse tipo de coisa.

Harry sorriu.

– Apenas um e já será difícil pagar o aluguel. Se for parecido com o equivalente inglês, terá móveis ordinários e uma janela. Com um pouco de sorte, pode ter um bico de gás ou uma chapa elétrica para preparar o café. E o banheiro será compartilhado com o resto dos moradores.

– E a cozinha?

Ele balançou a cabeça.

– Não terá condições de contar com uma cozinha. Seu almoço será a única refeição quente do dia. Quando chegar em casa, poderá tomar um chá, comer uma fatia de bolo ou fazer uma torrada se tiver uma chapa elétrica.

Margaret sabia que ele tentava prepará-la para o que considerava uma realidade desagradável, mas achava tudo maravilhosamente romântico. Pensar em fazer chá e torradas a qualquer momento, num pequeno quarto só seu, sem se preocupar com os pais, sem criadas para resmungar... parecia o paraíso.

– Os donos desses prédios costumam morar neles também?

– Às vezes. É ótimo quando isso acontece, porque eles mantêm o prédio em ordem, embora talvez se metam na vida dos inquilinos. Se o proprietário mora em outro lugar, o edifício muitas vezes fica todo arrebitado: encanamentos quebrados, tinta descascando, telhado com goteiras, essas coisas.

Margaret percebeu que tinha muito a aprender, mas nada do que Harry dissesse poderia desanimá-la: era tudo inebriante. Antes que ela pudesse fazer mais perguntas, os passageiros e os tripulantes voltaram na lancha ao mesmo tempo que a mãe chegava do banheiro, pálida mas bela. A alegria de Margaret murchou. Recordando a conversa com a mãe, compreendeu que a empolgação da fuga se mesclaria ao sofrimento.

Normalmente não comia muito pela manhã, mas naquele dia estava faminta.

– Queria comer ovos com bacon. Queria *muito*.

Margaret fitou Harry nos olhos e concluiu que sentia tanta fome porque passara a noite fazendo amor. Reprimiu um sorriso. Ele leu seus pensamentos e se apressou em desviar os olhos.

O avião decolou poucos minutos depois. Margaret continuou achando a decolagem emocionante, embora aquela já fosse a terceira vez que a experimentava. A diferença era que agora não ficava mais com medo.

Refletiu sobre a conversa com Harry. Ele queria acompanhá-la na mudança para Boston! Embora fosse muito bonito, encantador e devesse ter muitas chances com garotas como ela, parecia estar apaixonado, de uma maneira toda especial. Tudo acontecera muito rápido, mas ele se mantinha sensato: não fazia promessas extravagantes, apenas se mostrava disposto a fazer qualquer coisa para continuar ao seu lado.

Essa disposição removeu todas as dúvidas de sua mente. Até aquele momento, não se permitira pensar num futuro com Harry, mas de repente confiava nele por completo. Ela teria tudo o que queria: liberdade, independência e amor.

Assim que o avião se nivelou, os passageiros foram convidados a se servirem no bufê. Margaret obedeceu com a maior animação. Todos comeram morangos com creme de leite, à exceção de Percy, que preferiu cereal. O pai tomou champanhe com as frutas. Margaret também devorou pão recheado e

amanteigado.

Quando estava prestes a voltar ao compartimento, olhou para Nancy Lenehan, que rondava o mingau. A mulher estava atraente e elegante como sempre, com uma blusa de seda azul-marinho no lugar da cinza do dia anterior. Fez sinal para que Margaret se aproximasse e disse em voz baixa:

– Recebi um telefonema muito importante em Botwood. Vou vencer hoje. Seu emprego está garantido.

– Ai, meu Deus! Muito obrigada! – exclamou Margaret, radiante.

Nancy colocou um pequeno cartão de visitas branco no prato da jovem.

– Basta me ligar assim que estiver pronta.

– E estarei! Dentro de poucos dias! Obrigada!

Nancy levou um dedo aos lábios e piscou.

Margaret voltou exultante ao compartimento. Torcia para que o pai não tivesse visto o cartão: não queria que fizesse perguntas. Por sorte, ele estava muito concentrado na comida e não percebera nada.

Ela concluiu que precisaria informar tudo ao pai, mais cedo ou mais tarde. A mãe lhe suplicara que evitasse uma confrontação, mas não seria possível. Tentara escapar furtivamente na última vez e não dera certo. Agora anunciaria a todos que ia embora. Não devia haver segredos, nenhum pretexto para chamar a polícia. Deixaria bem claro para o pai que tinha um lugar onde ficar e amigos para apoiá-la.

E o avião era, sem dúvida, o melhor local para enfrentá-lo. Elizabeth o fizera no trem e tudo correria bem porque ele fora obrigado a se controlar. Mais tarde, em seus aposentos no hotel, o pai poderia fazer o que quisesse.

Quando deveria contar? Ele estaria com um humor melhor após o café da manhã, farto de champanhe e comida. Mais tarde, à medida que o dia passasse, depois de um ou dois coquetéis e

um pouco de vinho, ficaria mais irascível. Percy se levantou e avisou:

– Vou buscar mais um pouco de cereal.

– Fique sentado aí – ordenou o pai. – Vão servir bacon. Você já comeu o suficiente dessa porcaria.

Por algum motivo, ele era contra cereal.

– Ainda estou com fome – insistiu Percy.

Para surpresa de Margaret, o irmão saiu. O pai ficou aturdido. Percy nunca o desafiara abertamente. A mãe apenas olhava. Todos aguardavam a volta do garoto. Ele retornou com uma tigela cheia, observado pelos familiares. Percy sentou-se e começou a comer.

– Eu lhe disse para não se servir mais disso – declarou o pai.

– O estômago não é seu.

Percy continuou a comer. O pai dava a impressão de que ia se levantar, mas nesse instante Nicky veio da cozinha e lhe entregou um prato de salsichas com bacon e ovos cozidos. Por um segundo, Margaret pensou que o pai iria jogá-lo no filho, mas ele estava com muita fome. Pegando o garfo e a faca, pediu:

– Traga-me uma mostarda inglesa.

– Lamento, senhor, mas não temos.

– Não tem mostarda? – questionou o pai, furioso. – Como posso comer salsichas sem mostarda?

– Desculpe, senhor... Nunca pediram isso antes – lamentou-se Nicky, apavorado. – Providenciarei para que haja mostarda a bordo no próximo voo.

– Isso de nada me adianta agora, certo?

– Acho que não. Sinto muito, senhor.

O pai soltou um grunhido e começou a comer. Descarregara a raiva no comissário e Percy escapara impune. Margaret estava espantada; isso nunca acontecera antes.

Nicky serviu o bacon com ovos a Margaret, que se pôs a comer com a maior voracidade. Será que o pai estava finalmente

amolecendo? O fim de suas esperanças políticas, o início da guerra, o exílio e a rebelião da filha mais velha podiam ter se acumulado e destruído seu ego, enfraquecendo-lhe a determinação.

Não haveria momento melhor para contar.

Ela acabou de comer e esperou que os outros também terminassem. Então aguardou até que o comissário recolhesse os pratos. Depois, que fosse servido mais café ao pai. Enfim, não havia mais nada, chegara a hora.

Margaret se deslocou para o meio do divã, perto da mãe, quase na frente do pai. Respirou fundo e disse:

– Tenho uma coisa para contar, papai, e espero que não fique zangado.

– Ah, não... – murmurou a mãe.

– O que é agora? – indagou o pai.

– Tenho 19 anos e nunca trabalhei. É o momento de começar.

– Pelo amor de Deus, por quê? – questionou a mãe.

– Eu gostaria de ser independente.

– Há milhões de moças trabalhando em fábricas e escritórios que dariam os olhos da cara para estarem em sua situação.

– Sei disso, mamãe.

Margaret compreendeu que ela argumentava na tentativa de manter o pai fora da discussão. Contudo, não daria certo por muito tempo. A mãe a surpreendeu ao capitular quase no mesmo instante.

– Creio que, se você está mesmo decidida, seu avô pode lhe arrumar um lugar com algum conhecido...

– Já tenho um emprego.

– Nos Estados Unidos? Como é possível?

Margaret decidiu não falar sobre Nancy Lenehan: poderiam abordá-la, tentar estragar tudo.

– Já está tudo acertado.

– Que tipo de emprego?

– Assistente no departamento de vendas de um fábrica de sapatos.

– Ora, não seja ridícula!

Margaret mordeu o lábio. Por que a mãe tinha que ser tão desdenhosa?

– Não é ridículo. Ao contrário, eu me orgulho do que vou fazer. Arrumei um emprego sozinha, sem a sua ajuda, do papai ou do vovô, apenas por meus próprios méritos.

Não fora bem assim, mas Margaret estava na defensiva.

– Onde fica essa fábrica? – indagou a mãe.

O pai se manifestou pela primeira vez:

– Ela não pode trabalhar numa fábrica, e está decidido.

– Vou trabalhar no escritório de vendas, não na fábrica – retrucou Margaret. – Fica em Boston.

– Então o problema está resolvido, já que você vai morar em Stamford, não em Boston – declarou a mãe.

– Não vou, não. Vou morar em Boston.

A mãe abriu a boca para falar, mas tornou a fechá-la, compreendendo enfim que se defrontava com algo que não podia descartar facilmente. Permaneceu em silêncio por um momento antes de indagar:

– O que está querendo dizer?

– Apenas que vou deixá-los e ir para Boston morar num apartamento alugado e trabalhar.

– Ora, isso não passa de estupidez.

– Não me trate com desdém! – explodiu Margaret.

A mãe se encolheu ao ouvir o tom de fúria. A jovem se arrependeu, tratando de acrescentar, em voz mais suave:

– Quero fazer apenas o que a maioria das moças da minha idade faz.

– As moças da sua idade, talvez, mas não da sua classe.

– Por que isso deve fazer diferença?

– Porque não há sentido em trabalhar num emprego tolo a 5

dólares por semana e viver num apartamento que custará 100 dólares por mês a seu pai.

– Não quero que papai pague meu apartamento.

– Então onde vai morar?

– Já disse que alugarei um quarto.

– Pretende viver na miséria! Mas para quê?

– Guardarei dinheiro até dispor do suficiente para comprar uma passagem de volta para Inglaterra, onde me alistarei no STA.

– Não sabe o que está dizendo – rebateu o pai.

– O que eu não sei, pai? – questionou a jovem, irritada.

A mãe tentou interrompê-la, mas Margaret não a deixou continuar:

– Sei que vou precisar dar recados, servir café e atender o telefone no escritório. Sei que morarei num único aposento, com um bico de gás, compartilhando o banheiro com outros inquilinos. Sei que não vou gostar de ser pobre... mas adorarei ser livre.

– Não sabe de nada – reiterou o pai, desdenhoso. – Livre? Você? Será como um coelho de estimação solto num canil. Eu lhe direi o que não sabe, minha jovem: foi mimada durante a vida inteira. Nunca esteve numa escola...

A injustiça da situação fez brotarem lágrimas nos olhos de Margaret.

– Eu queria ir para a escola, mas você não deixou!

O pai ignorou a interrupção:

– Sempre teve suas roupas lavadas e a comida preparada, um motorista para levá-la a qualquer lugar que quisesse. Crianças iam lá para casa para brincar com você. Nunca pensou por um instante sequer em como tudo isso era providenciado...

– Mas claro que pensei!

–... e agora quer viver por conta própria. Nem mesmo sabe o preço de um pão, não é?

– Logo vou descobrir...

– Não sabe como lavar as roupas de baixo. Nunca viajou num ônibus. Nunca dormiu numa casa sozinha. Não sabe como acertar um despertador, preparar uma ratoeira, lavar pratos, cozinhar um ovo... É capaz de cozinhar um ovo? Sabe como fazê-lo?

– De quem é a culpa por eu não saber essas coisas? – perguntou Margaret, aos prantos.

O pai continuou a pressioná-la, implacável; seu rosto era uma máscara de desprezo e raiva.

– Qual será sua utilidade no escritório? Não poderá fazer o chá... Não sabe como. Nunca viu um arquivo. Nunca precisou ficar num só lugar das nove da manhã às cinco da tarde. Vai acabar se entediando e indo embora. Não aguentará uma semana.

Ele expressava as preocupações secretas da própria Margaret, e era por isso que ela se sentia tão transtornada. No fundo, tinha pavor de que o pai pudesse estar certo: não seria capaz de viver sozinha, seria despedida do emprego. A voz desdenhosa paterna previa, confiante, que seus piores temores se transformariam em realidade, destruindo o sonho como o mar desfaz um castelo de areia. Margaret chorou copiosamente, as lágrimas escorrendo pelo rosto. Foi nesse instante que ouviu Harry dizer:

– Já chega...

– Deixe-o continuar – murmurou Margaret.

Era uma batalha que Harry não podia lutar em seu lugar, entre ela e o pai.

Com o rosto vermelho, falando cada vez mais alto e brandindo o dedo, o pai continuou:

– Boston não é como a aldeia Oxenford. As pessoas não ajudam umas às outras. Vai ficar doente e será envenenada por médicos mestiços, roubada por senhorios judeus e estuprada por negros das ruas. E a sua ideia de ingressar no Exército é

completamente absurda!...

– Milhares de moças já se alistaram no STA! – protestou Margaret, mas a voz era um débil sussurro.

– Não moças como você. Moças resistentes, talvez, acostumadas a levantar cedo e esfregar assoalhos, não debutantes mimadas. E que Deus a guarde de qualquer espécie de perigo... tremeria como vara verde!

Margaret lembrou como se sentira perdida no blecaute – apavorada, impotente, em pânico – e corou de vergonha. O pai tinha razão: ela se tremeria toda. Mas não seria assustada e indefesa para sempre. Ele se empenhara em mantê-la impotente e dependente, mas Margaret sentia agora uma determinação inabalável e manteve essa chama de esperança acesa enquanto se encolhia sob as investidas. Ele lhe apontou o dedo, com os olhos tão esbugalhados que até davam a impressão de que saltariam das órbitas a qualquer momento.

– Não vai durar uma semana num escritório, não aguentaria um dia no STA. É mole demais.

O pai se recostou, satisfeito. Harry foi se sentar ao lado de Margaret. Tirando um lenço de linho engomado do bolso, enxugou suavemente as lágrimas dela.

– E quanto a você, rapazinho... – começou o pai.

Harry se levantou de repente e se virou para lorde Oxenford. Margaret ficou atordoada, pensando que haveria uma briga.

– Não se atreva a falar comigo desse jeito. Não sou uma garota e, sim, um homem adulto, e se me insultar darei um soco nessa sua cara gorda.

O pai se calou.

Harry tornou a se sentar ao lado de Margaret.

Ela estava abalada, mas no fundo experimentava um sentimento de triunfo. Dissera ao pai que ia embora. Ele reagira com raiva e desdém, reduzira-a às lágrimas, mas não a fizera mudar de ideia: ainda estava decidida a abandonar a família.

Mesmo assim, o pai conseguira inculcar a dúvida. Margaret já se preocupara com a possibilidade de não ter coragem suficiente para executar seus planos e de se ver paralisada pela ansiedade no último minuto. O pai a deixara insegura com seu escárnio. Ela nunca realizara nada de corajoso: poderia conseguir agora? Claro que sim, pensou Margaret. Não sou tão mole assim, e vou provar isso.

Ele a desestimulara, mas não conseguira dissuadi-la. No entanto, talvez o pai ainda não tivesse desistido. Margaret olhou por cima do ombro de Harry. Lord Oxenford olhava pela janela com uma expressão maligna. Elizabeth o desafiara, mas ele a banira; a irmã provavelmente nunca mais veria a família.

Que vingança terrível estaria planejando contra Margaret?

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

MELANCÓLICA, DIANA LOVESEY pensava que o verdadeiro amor não durava muito.

Quando se apaixonara por ela, Mervyn demonstrava o maior prazer em atender a todos os seus desejos; quanto mais caprichosos, melhor. Num piscar de olhos, ele se mostrava disposto a pegar o carro e dirigir até Blackpool para comprar doces de alcaçuz gigantes; tirar uma tarde de folga e ir ao cinema; largar tudo e voar para Paris. Ficava feliz por visitar todas as lojas de Manchester à procura de uma echarpe de casimira na tonalidade certa de verde-azulado, deixar um concerto no meio porque ela se sentia entediada ou se levantar às cinco da madrugada para buscar o desjejum num café popular. Mas essa conduta não persistira por muito tempo depois do casamento. Mervyn quase nunca lhe negava qualquer coisa, mas logo deixara de demonstrar prazer em satisfazer a todos os seus caprichos. A tolerância se transformou em impaciência e, às vezes, quase ao final, em desprezo.

Agora ela se perguntava se o relacionamento com Mark seguiria o mesmo caminho.

Durante todo o verão ele fora seu escravo, mas, logo depois de fugirem juntos, já haviam brigado. Na segunda noite da grande aventura, estavam tão zangados um com o outro que dormiram separados! De madrugada, quando a tempestade irrompeu com toda a violência e o avião se sacudia como um cavalo selvagem, Diana ficara tão apavorada que quase engolira o orgulho e fora para o beliche de Mark. Mas isso seria humilhante demais, por isso continuara deitada, achando que morreria. Torcera para que ele a procurasse, mas o amante se

mostrara igualmente orgulhoso, irritando-a ainda mais.

Mal se falaram naquela manhã. Diana despertou no momento em que o avião descia em Botwood; quando se levantou, Mark já tinha desembarcado. Agora, sentavam-se um de frente para o outro, nos bancos junto do corredor no quarto compartimento, fingindo tomar o café da manhã. Diana empurrava alguns morangos no prato, Mark partia um pão, mas não o comia.

Ela não sabia mais por que ficara tão furiosa ao saber que Mervyn partilhava a suíte nupcial com Nancy Lenehan. Apenas achava que Mark deveria compreender sua posição e apoiá-la. Em vez disso, questionara o direito de Diana de se sentir assim e insinuara que ela ainda amava o marido. Como Mark podia dizer isso depois que ela renunciara a tudo para fugir com ele?

Diana olhou ao redor. À sua direita, a princesa Lavinia e Lulu Bell mantinham uma conversa superficial. Nenhuma das duas dormira por causa da tempestade e pareciam abatidas. À sua esquerda, no outro lado do corredor, Ollis Field e Frankie Gordino comiam em silêncio. O pé do prisioneiro estava algemado ao assento. Todos pareciam cansados e um tanto mal-humorados. Fora uma longa noite.

Davy entrou e removeu os pratos. A princesa Lavinia queixou-se de que seus ovos cozidos estavam moles demais e o bacon, muito passado. O comissário ofereceu café. Diana não aceitou.

Seus olhos se encontraram com os de Mark e ela esboçou um sorriso. Ele fitou-a com raiva.

– Você não falou comigo durante toda a manhã – comentou Diana.

– Porque você parece mais interessada em Mervyn do que em mim!

Subitamente, ela foi dominada pelo arrependimento. Talvez Mark tivesse razão em sentir tanto ciúme.

– Desculpe, Mark. Juro que você é o único homem por quem me interessou.

Ele se inclinou e tomou a mão de Diana.

– Fala sério?

– Falo, sim. Eu me sinto uma tola. Comportei-me de modo horrível.

Mark afagou-lhe a mão.

– Deve compreender... – Ele fitou-a nos olhos e Diana descobriu, surpresa, que Mark se encontrava à beira das lágrimas. – Estou apavorado com a possibilidade de perdê-la.

Ela não esperava por isso. Ficou chocada. Nunca lhe ocorrera que o amante tivesse esse medo.

– Você é tão atraente, tão desejável... – acrescentou ele. – Poderia ter qualquer homem, é difícil acreditar que me queira. E tenho medo de que chegue à conclusão de que está errada e mude de ideia.

Diana se comoveu.

– Você é o homem mais adorável do mundo, foi por isso que me apaixonei.

– Não está mais interessada em Mervyn?

Ela hesitou apenas por um momento, mas foi o suficiente. A expressão de Mark tornou a se alterar e ele murmurou, amargurado:

– Ainda gosta dele.

Como Diana poderia explicar? Não estava mais apaixonada por Mervyn, mas ele ainda exercia algum poder sobre ela.

– Não é o que você está pensando – replicou, desesperada.

Mark recolheu a mão e exigiu:

– Então me explique. Diga o que é.

Foi nesse momento que Mervyn entrou no compartimento. Olhou ao redor, localizou Diana e disse:

– Aí está você.

Ela ficou nervosa no mesmo instante. O que Mervyn queria? Estava zangado? Esperava que ele não fizesse uma cena. Olhou para Mark, que se mostrava pálido e tenso. Respirando fundo, o

amante falou:

– Escute aqui, Lovesey... Não queremos outra briga, então talvez seja melhor você cair fora.

Mervyn ignorou-o e afirmou a Diana:

– Precisamos conversar.

Ela o observou, cautelosa. Para Mervyn, a ideia de uma “conversa” poderia ser unilateral: às vezes não passava de um sermão. Só que ele não parecia agressivo. Tentava manter o rosto impassível, mas Diana teve a impressão de que estava constrangido. Isso a deixou curiosa.

– Não quero confusão.

– Não haverá, prometo.

– Então está bem.

Mervyn sentou-se ao lado dela. Olhando para Mark, pediu:

– Importa-se de nos deixar a sós por alguns minutos?

– Claro que me importo! – vociferou Mark.

Ambos olharam para Diana, que compreendeu que precisava decidir. Bem que gostaria de ficar a sós com Mervyn, mas sabia que magoaria Mark se assim fizesse. Ela hesitou, com receio de desagradar a alguém. Ao final, concluiu: deixei Mervyn e estou com Mark; devo ficar ao lado de quem amo. Com o coração batendo forte, murmurou:

– Diga o que quer, Mervyn. Se não pode falar na frente de Mark, então não quero ouvir.

O marido pareceu chocado.

– Está bem, está bem. – O tom era de irritação, mas Mervyn logo se controlou e continuou, com a voz mais branda: – Tenho pensado muito em algumas coisas que você disse a meu respeito. Como me tornei frio em relação a você, como você vivia angustiada.

Ele fez uma pausa. Diana permaneceu em silêncio. Esse discurso não era típico de Mervyn. O que estava acontecendo?

– Quero dizer que lamento sinceramente.

Ela ficou aturdida. Dava para perceber que o marido falava sério. O que provocara aquela mudança?

– Queria fazê-la feliz – acrescentou ele. – Quando nos casamos, isso era tudo que eu desejava. Nunca quis vê-la sofrer. É errado deixá-la infeliz. Você merece a felicidade porque a proporciona. As pessoas sorriem só de você aparecer em algum lugar.

As lágrimas afloraram aos olhos de Diana. Sabia que isso era verdade: as pessoas adoravam olhar para ela.

– É um pecado entristecê-la – continuou Mervyn. – Não farei mais isso.

O marido iria prometer que mudaria?, especulou Diana, com uma súbita pontada de medo. Suplicaria que ela voltasse? Não queria nem que ele pedisse.

– Não voltarei para você – garantiu Diana, aflita.

Mervyn ignorou a declaração:

– Mark a faz feliz?

Diana assentiu.

– Será bom para você?

– Tenho certeza de que sim.

– Não fale a meu respeito como se eu não estivesse aqui! – protestou Mark.

Diana pegou a mão do namorado.

– Nós nos amamos, Mervyn.

– Estou vendo. – Pela primeira vez, uma insinuação de desdém surgiu no rosto dele, mas sumiu no instante seguinte. – Acho que é mesmo verdade.

Ele estaria amolecendo? Mervyn não era assim. O que a viúva tinha a ver com aquela transformação?

– A Sra. Lenehan disse a você para conversar comigo? – indagou Diana, desconfiada.

– Não... mas ela sabe o que vou dizer.

– Gostaria que se apressasse e acabasse logo – interveio

Mark.

Mervyn o encarou, desdenhoso.

– Não exagere, rapaz... Diana ainda é minha esposa.

Mark se manteve firme.

– Pode esquecer. Não tem nenhum direito sobre ela, e não tente inventar nada. E não me chame de rapaz... vovô.

– Não comecem – interrompeu Diana. – Se tem algo a dizer, Mervyn, fale logo e pare de bancar o arrogante.

– Está bem, está bem. É o seguinte... – Ele respirou fundo. – Não vou mais atrapalhar. Pedi que voltasse e você se recusou. Se acha que esse sujeito pode ter êxito no âmbito em que fracassei e fazê-la feliz, então boa sorte para os dois. Desejo toda a felicidade. – Mervyn fez uma pausa, olhando de um para o outro, antes de arrematar: – Só isso.

Houve um momento de silêncio. Mark ia dizer alguma coisa, mas Diana falou primeiro:

– Seu hipócrita nojento! – Ela percebera num relance o que de fato se passava na mente de Mervyn e surpreendeu a si mesma com a reação furiosa. – Como se atreve?

Ele ficou aturdido.

– Como? Por que...?

– Que besteira é essa de dizer que não vai mais atrapalhar? Não nos deseje boa sorte com toda essa condescendência, como se fizesse algum sacrifício! Eu o conheço muito bem, Mervyn Lovesey: só renuncia a alguma coisa quando não a quer mais!

Diana percebeu que todos no compartimento prestavam a maior atenção, mas estava irritada demais para se importar.

– Sei qual é o seu jogo! Fez tudo com aquela viúva ontem à noite, não é mesmo?

– Não!

– Não? – Ela o observou com todo o cuidado e concluiu que ele devia estar dizendo a verdade. – Mas chegou perto, não é?

Pela reação de Mervyn, percebeu que dessa vez acertara e continuou:

– Apaixonou-se por ela, a viúva gosta de você, e agora não me quer mais... Essa é a mais pura verdade, não é? Vamos, admita logo!

– Não vou admitir coisa nenhuma...

– Porque não tem coragem de ser honesto. Mas eu sei a verdade e todos no avião desconfiam. Estou desapontada com você, Mervyn. Pensei que tivesse mais coragem.

– Coragem? – Ele pareceu ofendido.

– É exatamente o que penso. Em vez de confessar logo de uma vez, inventa uma história lamentável, que não vai mais se interpor em nosso caminho. Pois saiba que você é um tolo. Não nasci ontem e você não pode me enganar tão fácil!

– Está bem, está bem – murmurou ele, erguendo as mãos, num gesto defensivo. – Fiz uma proposta de paz e você a rejeitou. Como quiser. – Mervyn se levantou. – Pela maneira como você fala, qualquer um pensaria que fui eu quem fugiu com uma amante. – Ele se encaminhou para a porta e acrescentou antes de sair: – Avise-me quando se casarem. Mandarei um jogo de facas de presente.

– Mas quanta desfaçatez! – gritou Diana.

Ele fitou os outros passageiros. A princesa Lavinia desviou os olhos, altiva, Lulu Bell sorriu, Ollis Field franziu a testa em reprovação e Frankie Gordino exclamou:

– Grande garota!

Diana finalmente encarou Mark, perguntando-se o que ele pensara do desempenho de Mervyn e de sua explosão. Para sua surpresa, o namorado exibia um largo sorriso, contagiante, e ela começou a sorrir também.

– O que é tão engraçado? – indagou Diana, soltando uma risadinha.

– Você foi magnífica. Estou orgulhoso de seu comportamento.

E satisfeito.

- Por quê?
- Você acabou de enfrentar Mervyn pela primeira vez na vida.
- Tem razão.
- Você não tem mais medo dele, não é?
- É verdade.
- Sabe o que isso significa?
- Significa que ele não me apavora mais.
- Mais do que isso: significa que você não o ama mais.
- É mesmo? – murmurou Diana, pensativa.

Vinha dizendo a si mesma que deixara de amar Mervyn havia muito tempo, mas então examinou seu coração e percebeu que não era tanto tempo assim. Durante todo o verão, embora o traísse, permanecera sob seu encanto. O marido mantinha uma espécie de poder sobre ela mesmo depois de ser abandonado. No avião, Diana sentira remorso e até pensara em voltar para ele. Porém isso não mais acontecia.

– Como se sentiria se ele ficasse com a viúva? – perguntou Mark.

– Por que eu deveria me importar? – respondeu Diana sem nem pensar.

- Está vendo?
- Tem razão, Mark. Tudo acabou. Finalmente.

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

ENQUANTO O CLIPPER iniciava a descida para a baía de Shediac, no golfo de St. Lawrence, Harry tinha dúvidas sobre o plano de roubar as joias de lady Oxenford.

Sua vontade fora enfraquecida por Margaret. Só dormir com ela numa cama do Waldorf Hotel, acordar e pedir o café da manhã no quarto já valeria mais do que o Delhi Suite. E ele também se imaginava indo para Boston com ela, morando no mesmo prédio, ajudando-a a se tornar independente, conhecendo-a de verdade. A empolgação de Margaret o contagiara e ele partilhava a expectativa pela vida simples que levariam juntos.

Mas tudo mudaria se roubasse as joias.

Shediac era a última escala antes de Nova York. Ele precisava tomar uma decisão, e bem depressa. Aquela seria sua última oportunidade de entrar no compartimento de carga.

Perguntou-se mais uma vez se haveria a possibilidade de ter tanto Margaret quanto as joias. Algum dia ela saberia que ele as roubara? Lady Oxenford descobriria a perda quando abrisse o baú, provavelmente no Waldorf. Mas ninguém saberia se as joias teriam sido roubadas antes, durante ou depois da viagem. Margaret sabia que Harry era um ladrão, por isso desconfiaria dele. Mas, se negasse, ela acreditaria? Talvez.

E depois? Viveriam na pobreza em Boston enquanto ele teria 100 mil dólares no banco! Mas isso não duraria muito tempo. Margaret encontraria um jeito de voltar à Inglaterra, ingressaria no exército das mulheres, ele iria para o Canadá e se tornaria um piloto de caça. A guerra poderia durar um dia ou dois anos, talvez um pouco mais. Ao término, Harry tiraria o dinheiro do banco e

compraria a casa no campo. Quem sabe Margaret fosse viver com ele lá... e iria querer saber de onde saíra o dinheiro.

Mais cedo ou mais tarde, precisaria contar a ela.

Só que mais tarde poderia ser melhor do que mais cedo.

Teria que apresentar alguma desculpa para permanecer no avião em Shediac. Não poderia dizer que estava passando mal, pois nesse caso ela ficaria a bordo para lhe fazer companhia, o que estragaria tudo. Deveria garantir que ela desembarcasse e o deixasse sozinho.

Harry olhou para o outro lado do corredor. Naquele momento, Margaret prendia o cinto de segurança, encolhendo a barriga. Num flash vívido, ele a viu sentada nua ali, na mesma pose, com os seios delineados à claridade que entrava pelas janelas, um tufo de pelos castanhos se projetando entre as coxas, as pernas compridas estendidas. Não seria idiotice, pensou ele, arriscar-se a perdê-la por um punhado de rubis?

Mas não era apenas um punhado de rubis, era o Delhi Suite, que valia 100 mil dólares, o suficiente para transformar Harry no que ele sempre desejara ser: um homem rico vivendo de renda.

Ele aventou a ideia de contar a Margaret. *Vou roubar as joias da sua mãe. Não vai se importar, não é?* Ela responderia: *Boa ideia. Aquela vaca velha nunca fez nada para merecê-las.* Não, não seria essa a reação da garota. Ela se considerava radical, acreditava na redistribuição da riqueza, mas tudo na teoria: ficaria profundamente chocada se ele despojasse sua família de uma parte de suas posses. Margaret receberia aquilo como um golpe físico, mudaria os sentimentos em relação a ele.

Ela o fitou e sorriu.

Harry retribuiu, com um sentimento de culpa, depois olhou pela janela.

O avião descia rumo a uma baía em forma de ferradura, com algumas aldeias espalhadas pela margem; mais além, viam-se campos cultivados. Ao se aproximarem, Harry divisou uma linha

férrea serpenteando até um longo píer. Navios de diversos tamanhos e um pequeno hidroavião estavam atracados no porto. A leste do cais, havia quilômetros de praias arenosas, com uns poucos chalés de veraneio entre as dunas. Ele refletiu que seria maravilhoso possuir uma casa daquelas num lugar parecido. Ora, se eu quero, vou ter. Afinal, serei rico!, disse a si mesmo.

O Clipper pousou suavemente. Harry estava menos tenso; era agora um experiente viajante do ar.

– Que horas são, Percy? – perguntou ele.

– Onze horas pelo horário local. Estamos com uma hora de atraso.

– E quanto tempo ficaremos aqui?

– Uma hora.

Em Shediac, utilizava-se um novo método de atracação, pois os passageiros não desembarcavam na lancha. Um barco que parecia um lagosteiro se aproximou e rebocou o avião. Espias foram presas nas extremidades da aeronave, que foi puxada por guinchos para uma doca flutuante, ligada ao cais por uma prancha.

Nas escadas anteriores, só havia uma possibilidade de desembarcar, por isso Harry tentava imaginar um pretexto para permanecer a bordo, sem que Margaret quisesse lhe fazer companhia. Agora, no entanto, podia deixá-la sair dizendo que iria encontrá-la dentro de poucos minutos e seria menos provável que ela insistisse em permanecer ao seu lado.

Um comissário abriu a porta e os passageiros começaram a colocar casacos e chapéus. Todos os Oxenfords se levantaram, assim como Clive Membury, que mal falara durante o longo voo – exceto, Harry lembrava, por uma conversa muito séria com o barão Gabon. Ele se perguntou mais uma vez sobre o que teriam debatido. Impaciente, tratou de pôr de lado o pensamento, concentrando-se nos próprios problemas. Quando os Oxenfords estavam saindo, Harry sussurrou para Margaret:

– Pode ir na frente que já vou encontrá-la.

Ele foi para o banheiro. Penteou os cabelos e lavou as mãos, só para ter o que fazer. A janela se quebrara durante a noite, não sabia como, e agora havia uma chapa presa na abertura. Ouviu os tripulantes descerem a escada do convés de voo e passarem pela porta. Consultou o relógio e resolveu esperar mais dois minutos.

Calculava que quase todos desembarcariam. Muitos estavam com sono em Botwood, mas àquela altura iriam querer esticar as pernas e respirar um pouco de ar fresco. Ollis Field e seu prisioneiro permaneceriam a bordo, como sempre. Contudo, era estranho que Membury também desembarcasse se sua função era ficar de olho em Frankie. Harry ainda ficava intrigado com o homem de colete vermelho.

As faxineiras logo entrariam no avião. Harry apurou os ouvidos: não escutou nenhum barulho do outro lado da porta. Entreabriu-a e olhou o corredor – não havia ninguém. Cautelosamente, saiu.

A cozinha em frente se achava vazia, assim como o segundo compartimento. Olhando na direção do salão, avistou uma mulher de costas com uma vassoura. Sem hesitar, Harry subiu os degraus de modo suave, pois não queria anunciar sua aproximação.

Parou na curva da escada, esquadrinhando tanto quanto podia enxergar do chão da cabine de voo. Nenhuma alma viva. Já ia seguir em frente quando um par de pernas de uniforme surgiu em seu campo de visão, afastando-se pelo tapete. Harry se abaixou no mesmo instante, depois deu uma espiada cautelosa. Era o assistente do engenheiro de voo, Mickey Finn, o mesmo que o encontrara na última vez. O homem parou em seu posto e tornou a se virar. Harry baixou a cabeça, imaginando para onde iria o tripulante. Desceria a escada? Ele escutou atentamente. Os passos atravessaram o convés, depois houve

silêncio. Na outra ocasião, Mickey estava no compartimento de proa fazendo algo com a âncora. A cena se repetiria agora? Ele tinha que correr o risco.

Continuou a subir, sem fazer barulho. Ao que tudo indicava, o palpite era certo: a escotilha estava aberta e não se via Mickey em parte alguma. Harry não parou para averiguar: atravessou apressado a cabine e a porta nos fundos que dava nos compartimentos de carga. Fechou a porta e voltou a respirar.

Agora procuraria a bombordo. No mesmo instante, percebeu que estava com sorte. No meio do compartimento, destacava-se um enorme baú de navio, em couro verde e dourado, com tachões de metal. Sem dúvida pertencia à mãe de Margaret. Verificou a etiqueta; não havia nome, mas o endereço era “O Solar, Oxenford, Berkshire”.

– Bingo – murmurou Harry.

A bagagem tinha uma fechadura simples, que ele arrombou com o canivete. Abriu também os seis fechos de metal, que não exigiam chaves.

O baú era para ser usado como um guarda-roupa a bordo de um transatlântico. Harry abriu-o. Dividia-se em dois armários espaçosos: de um lado, um cabideiro, com vestidos e casacos, e um pequeno compartimento para sapatos na parte de baixo; do outro, seis gavetas. Harry as revistou primeiro. Eram feitas de uma madeira leve, revestidas de couro e forradas com veludo. Lady Oxenford tinha blusas de seda, suéteres de casimira, roupas de baixo rendadas e cintos de crocodilo.

No lado oposto, a parte superior do baú se erguia como uma tampa e o cabideiro podia ser puxado, facilitando o acesso às roupas. Harry passou a mão pelos vestidos e casacos, de alto a baixo, e tateou nas laterais do baú.

Por fim, abriu o compartimento de sapatos. Não havia nada ali além do esperado.

Ele ficou desolado. Tinha certeza de que a mulher carregaria

as joias na bagagem, mas talvez houvesse uma falha em seu raciocínio.

Só que ainda era muito cedo para perder as esperanças. Seu primeiro impulso foi procurar no resto da bagagem dos Oxenfords, mas então pensou duas vezes. Se eu fosse transportar joias de valor inestimável numa bagagem fora de vista, refletiu ele, tentaria escondê-las de alguma forma. E seria mais fácil arrumar um esconderijo num baú enorme do que numa mala comum.

Decidiu buscar de novo. Começou pela seção do cabideiro. Estendeu um braço por dentro do baú, outro por fora, tentou avaliar a espessura – se parecesse anormal, podia haver um fundo falso ali. Mas não descobriu nada de estranho. Virou-se para a outra parte, puxou todas as gavetas...

E achou o esconderijo.

Seu coração disparou.

Um envelope pardo grande e uma carteira de couro estavam presos com fita adesiva no fundo do baú.

– Amadores – murmurou Harry, balançando a cabeça.

Com uma emoção crescente, começou a descolar as fitas. O envelope se despreendeu primeiro. Parecia conter apenas papéis, mas Harry o abriu assim mesmo, encontrando cinquenta folhas de papel grosso com uma impressão elaborada. Levou algum tempo para compreender do que se tratava, mas acabou concluindo que eram títulos ao portador, cada um valendo 100 mil dólares.

O total era de 5 milhões de dólares, o equivalente a 1 milhão de libras.

Harry ficou olhando para os títulos. Um milhão de libras... Era demais para se levar.

Sabia por que se encontravam ali. O governo britânico adotara regulamentos de emergência para impedir a evasão de divisas. Oxenford estava deixando o país com seus títulos, o que

constituía um crime.

Ele é tão criminoso quanto eu, pensou Harry, com ironia.

Nunca roubara títulos. Seria capaz de convertê-los em dinheiro com facilidade? Eram pagáveis ao portador, como se via declarado expressamente em cada certificado. Mas também numerados, assim podiam ser identificados. Oxenford comunicaria o roubo? Isso significaria admitir que os contrabandeara para fora da Inglaterra. Mas ele poderia inventar uma mentira para encobrir o fato.

Seria perigoso demais. Harry não tinha a menor experiência nesse campo. Se tentasse converter os títulos em dinheiro, seria apanhado. Relutante, ele os pôs de lado.

O outro item escondido era um estojo de couro marrom-claro, como uma carteira masculina, só que maior. Harry despreendeu-o.

Parecia uma carteira de joias. Ele abriu o zíper.

Sobre um forro de veludo preto, estava o Delhi Suite.

A impressão era que reluzia, mesmo na penumbra do compartimento de carga, como um vitral numa igreja. O vermelho intenso dos rubis se alternava com o lampejo multicolor dos diamantes. As pedras eram enormes, numa combinação perfeita, lapidadas com requinte, cada uma engastada numa base de ouro e cercada por delicadas pétalas douradas. Harry ficou atordoado.

Pegou o colar de modo solene e deixou as gemas escorrerem entre seus dedos. Era estranho, pensou, perplexo, que algo parecesse tão quente e fosse tão frio. Com certeza se tratava da joia mais linda que ele já tivera em mãos, talvez a mais linda já produzida.

E mudaria sua vida.

Depois de um ou dois minutos, largou o colar e examinou o resto do conjunto. A pulseira também tinha rubis e diamantes alternados, embora as pedras fossem menores. Os brincos eram particularmente refinados, cada qual com um rubi grande, cercado por pequenos rubis e diamantes também alternados,

numa versão menor do mesmo engaste de pétalas de ouro.

Harry imaginou o conjunto em Margaret. O vermelho e o dourado ficariam deslumbrantes em sua pele clara. Gostaria de contemplá-la usando apenas estas joias, pensou, e a imagem lhe provocou uma ereção.

Perdeu a noção do tempo que passara sentado no chão, olhando as pedras. De repente, ouviu alguém se aproximando.

A princípio, pensou ser outra vez o assistente do engenheiro de voo, mas os passos soavam diferente: agressivos, autoritários... oficiais.

Subitamente, foi dominado pelo medo e seu estômago se contraiu. Rangendo os dentes, ele cerrou os punhos.

Os passos ficavam cada vez mais próximos. Num súbito frenesi, Harry pôs as gavetas nos lugares, jogou lá dentro os envelopes com os títulos e fechou o baú. No momento em que guardava o Delhi Suite no bolso, a porta do compartimento foi aberta.

Ele se agachou atrás do baú.

Houve um longo momento de silêncio. Harry teve a terrível sensação de que não se escondera depressa o bastante e a pessoa o avistara. Ouviu uma respiração um pouco ofegante, como de um homem que subira uma escada às pressas. O sujeito entrara só para dar uma olhada ou o quê? Harry prendeu o fôlego. A porta se fechou.

Será que a pessoa tinha saído? Ele escutou atentamente. Não ouvia mais a respiração. Levantou-se devagar e deu uma espiada cautelosa. O sujeito não se encontrava mais ali.

Harry suspirou de alívio.

Mas o que estava acontecendo?

Tinha a impressão de que os passos pesados e a respiração ofegante eram de um policial. Ou seria um inspetor da alfândega? Talvez fosse apenas uma verificação de rotina.

Harry foi até a porta e a entreabriu. Escutou vozes abafadas

na cabine de voo, mas parecia não haver ninguém por perto. Saiu e foi até a entrada do convés de voo. Por uma fresta, escutou duas vozes masculinas.

– Ele não está no avião.

– Mas só pode estar. Ele não desembarcou.

O sotaque de ambos lembrava o americano: era canadense. Mas estavam falando de quem?

– Talvez ele tenha saído furtivamente depois que os outros desembarcaram.

– Mas para onde iria? Não foi visto em lugar nenhum.

Frankie Gordino teria escapado?, perguntou-se Harry.

– Afinal, quem é ele?

– Dizem que é cúmplice do criminoso que estão levando.

Então não fora o próprio Gordino que escapara; descobriram um cúmplice a bordo, que conseguira fugir. Quem poderia ser, entre todos aqueles passageiros de aparência respeitável?

– Ele está viajando com um passaporte falso.

Harry sentiu um calafrio. Estariam à sua procura?

– O que faremos agora?

– Vamos falar com o sargento Morris.

Se a polícia fora informada ou adivinhara que alguém a bordo tentaria ajudar Gordino a escapar, seria inevitável que investigasse a lista de passageiros. Logo descobririam que Harry Vandenpost comunicara o roubo do passaporte em Londres havia dois anos. Depois, só precisariam ligar para sua casa e saberiam que não estava no Clipper, mas sentado na cozinha comendo cereal e lendo o jornal matutino ou qualquer outra coisa. Como Harry não passava de um impostor, naturalmente presumiriam que ele tentaria resgatar Gordino.

Não, disse a si mesmo, não tire conclusões precipitadas. Pode haver outra explicação. Uma terceira voz entrou na conversa:

– Quem vocês estão procurando?

Parecia ser Mickey Finn.

– Um sujeito usando o nome de Harry Vandenpost.

Harry ficou tonto com o choque. A visão da casa no campo com a quadra de tênis se tornou esmaecida como uma fotografia antiga. Imaginou-se agora na Londres do blecaute, num tribunal, numa cela e, mais tarde, num acampamento militar. Era o tipo de azar de que ele só tinha ouvido falar.

– Encontrei-o bisbilhotando aqui por cima quando pousamos em Botwood – comentou Mickey Finn.

– Mas ele não está aqui agora.

– Tem certeza?

Cale a boca, Mickey, pensou Harry.

– Já revistamos tudo.

– Verificaram os postos dos mecânicos?

– Onde ficam?

– Nas asas.

– Já olhamos.

– Mas entraram pela passagem? É possível se esconder ali sem ser visto do convés.

– É melhor averiguarmos de novo.

Aqueles dois policiais pareciam estúpidos, refletiu Harry. Duvidava que o sargento depositasse muita confiança neles. Se o homem tivesse um mínimo de bom senso, ordenaria que o avião fosse revistado de novo. E, assim, olhariam com certeza atrás do baú de lady Oxenford. Onde Harry poderia se esconder?

Havia diversos pequenos esconderijos, mas os tripulantes conheciam todos. Uma busca meticulosa abrangeria o compartimento na proa, os banheiros, as asas, o espaço vazio na cauda. Qualquer outro lugar que Harry pudesse encontrar seria sem dúvida informado pela tripulação.

Ele estava num impasse.

Poderia deixar o avião? Talvez conseguisse escapar sem que ninguém o visse e sair andando pela praia. Era uma chance

remota, mas melhor do que se entregar. Porém, mesmo que fugisse daquela aldeia sem ser percebido, para onde iria? Seria capaz de se esquivar de qualquer dificuldade numa cidade grande, mas devia estar bastante longe de qualquer uma. No campo, era um homem desorientado. Precisava de multidões, vielas, estações ferroviárias, lojas. Na sua cabeça, o Canadá era um país enorme, quase todo só de árvores.

Não teria problemas se conseguisse chegar a Nova York. Mas onde se esconder até lá?

Ouviu os policiais saírem das asas. Por precaução, recuou para o compartimento de carga... E se viu olhando direto para a solução do dilema.

Podia se esconder no baú de lady Oxenford.

Caberia lá dentro? Achava que sim. Tinha cerca de 1,5 metro de altura; se estivesse vazio, daria para duas pessoas. Só que não estava: teria que tirar algumas roupas para abrir espaço. E o que faria com elas? Não poderia deixá-las espalhadas por ali. Resolveu enfiá-las na própria mala, quase sem pertences.

Precisava se apressar.

Harry passou por cima da bagagem empilhada e pegou sua mala. Trabalhando febrilmente, abriu-a e meteu vestidos e casacos de lady Oxenford. Teve que sentar na tampa para fechá-la de novo.

Agora podia entrar no baú. Descobriu que dava para trancá-lo por dentro com a maior facilidade. Seria capaz de respirar depois que estivesse fechado? Seria abafado, mas não ficaria lá por muito tempo e sobreviveria.

Os policiais notariam os fechos abertos? Era bem possível. Conseguiria fechá-los por dentro? Parecia muito difícil. Analisou o problema por um longo momento. Se abrisse buracos no baú perto dos fechos, poderia enfiar o canivete e puxá-los. E os mesmos furos proporcionariam ar para respirar.

Tirou a ferramenta do bolso. O baú era de madeira, revestido

de couro marrom-esverdeado e estampado com flores douradas. Como todos os canivetes, o seu tinha uma lâmina pontiaguda para arrancar pedras de cascos de cavalos. Ele posicionou essa ponta no meio de uma das flores e forçou. Penetrou facilmente o couro, só que a madeira era mais dura. Harry começou a trabalhar nela. Calculou que tinha menos de um centímetro de espessura. Levou algum tempo, mas acabou perfurando-a.

Soltou o canivete. Por causa da estampa, mal dava para se perceber o buraco. Harry entrou no baú. Aliviado, descobriu que podia abri-lo e fechá-lo por dentro.

Havia dois fechos em cima e três na lateral. Pôs-se a trabalhar primeiro nos do topo, por serem os mais visíveis. Tinha acabado de fazer os buracos quando tornou a ouvir passos.

Entrou no baú e o fechou. Por algum motivo, dessa vez não foi tão fácil puxar os fechos. Com as pernas meio dobradas, era difícil se mexer. Mas enfim conseguiu.

Depois de uns poucos minutos, a posição se tornou dolorosamente desconfortável. Ele se contorceu todo, em vão. Teria que sofrer por um tempo.

Sua respiração soava muito alta. Os ruídos lá fora lhe chegavam abafados. Contudo, ouvia passos fora do compartimento de carga, provavelmente porque o espaço não era atapetado e o chão transmitia as vibrações. Havia agora pelo menos três pessoas, calculou Harry. Não escutava portas abrindo e fechando, mas de repente sentiu um passo muito mais próximo e compreendeu que alguém entrara no compartimento. De súbito, soou uma voz à direita:

– Não entendo como o filho da puta conseguiu escapar.

Não olhe para os fechos laterais, por favor, pensou Harry, apavorado.

Houve uma batida no topo do baú. Harry prendeu a respiração. Talvez o sujeito apenas tivesse apoiado o cotovelo ali.

Outra pessoa falou ao longe e o homem próximo respondeu:

– Não, ele não está no avião. Já procuramos por toda parte.

O outro tornou a falar. Os joelhos de Harry doíam. Pelo amor de Deus, vão conversar em outro lugar!, pensou.

– Vamos pegá-lo de qualquer maneira. Não tem como ele andar até a fronteira sem que alguém o veja. São mais de 240 quilômetros.

Levaria uma semana para percorrer toda essa distância! Podia pegar carona, mas naquela região erma certamente se lembrariam dele.

Ninguém falou por alguns segundos. Em seguida, Harry ouviu passos se afastando.

Esperou por mais algum tempo, sem ouvir nada.

Pegou o canivete e o enfiou num dos buracos a fim de soltar o fecho. Dessa vez foi ainda mais difícil. Os joelhos doíam tanto que mal conseguia se manter de pé; teria caído se houvesse espaço. Foi se impacientando e enfiando a lâmina pelo buraco de modo frenético. O pânico da claustrofobia o invadiu e ele pensou: Vou sufocar aqui dentro!

Procurou se acalmar. Depois de um momento, conseguiu esvaziar a mente, apagando a dor, enquanto enfiava a lâmina com todo o cuidado pelo buraco. Levantou um pouco o fecho de metal, mas ele escorregou. Harry rangeu os dentes e tentou de novo.

Soltou o fecho. Devagar, meticulosamente, repetiu o processo com o outro. Por fim, conseguiu separar as duas metades do baú e se empertigou. Quando esticou as pernas, quase gritou com a dor lancinante nos joelhos, mas ela logo diminuiu.

O que faria agora?

Não podia sair do avião. Talvez ficasse seguro até chegarem a Nova York, mas o que aconteceria depois?

Teria que permanecer escondido dentro do Clipper e só sairia à noite. Talvez conseguisse escapar. De qualquer forma, não

tinha alternativa. O mundo saberia que Harry roubara as joias de lady Oxenford. E, o que é pior, Margaret também. E ele não estaria presente para lhe dar explicações.

Quanto mais refletia, mais detestava essa possibilidade.

Sempre soubera que o roubo do Delhi Suite representava um risco para o relacionamento com Margaret, mas imaginara que estaria ao seu lado quando ela descobrisse, ainda que fosse uma situação constrangedora. Agora, no entanto, talvez transcorressem dias antes que pudesse entrar em contato com ela. Se as coisas dessem errado e ele acabasse preso, seriam anos.

Dava para adivinhar o que Margaret pensaria. Harry puxara papo, fizera amor, prometera ajudá-la a encontrar um novo lar... e tudo não havia passado de um embuste, pois roubara as joias de sua mãe e a abandonara. Ela acharia que as joias eram tudo o que ele desejava desde o início. Ficaria desolada, depois passaria a odiá-lo e desprezá-lo.

Só de pensar nisso, ficou desesperado.

Até aquele momento, ainda não compreendera plenamente a diferença que Margaret fazia na vida dele. O amor que ela lhe dedicava era genuíno. Tudo o mais era falso: o sotaque, as boas maneiras, as roupas não passavam de disfarce. Mas Margaret se apaixonara pelo ladrão, o garoto sem pai da classe operária, o verdadeiro Harry. Fora a melhor coisa que já lhe acontecera. Se a perdesse, seus dias continuariam a ser o que eram agora: fingimento e desonestidade. Mas ela o levava a querer algo mais. Ainda desejava a casa no campo com a quadra de tênis, mas isso não o deixaria satisfeito se ela não estivesse lá.

Ele suspirou. O garoto Harry não era mais um garoto. Talvez estivesse se tornando um homem.

Tornou a abrir o baú de lady Oxenford. Tirou do bolso o estojo de couro que continha o Delhi Suite.

Pegou as joias mais uma vez. Os rubis faiscavam como fogos

aprisionados. Talvez eu nunca mais torne a ver algo parecido, pensou Harry.

Repôs as joias no estojo. Depois, com um aperto no coração, guardou-as no baú.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

NANCY LENEHAN ESTAVA sentada no longo píer de madeira de Shediac, na extremidade da praia, diante do terminal aéreo. A construção lembrava um chalé à beira-mar, com flores em jardineiras e toldos sobre as janelas, mas uma antena de rádio na lateral e uma torre de observação se projetando do telhado revelavam sua verdadeira função.

Mervyn Lovesey estava sentado ao seu lado, em outra cadeira de lona listrada. O murmúrio da água contra o píer era tranquilizante e Nancy fechou os olhos. Quase não dormira. Um débil sorriso se formou quando recordou como ela e Mervyn haviam se comportado à noite. Estava contente por não ter ido até o fim. Teria sido súbito demais. E agora ela dispunha de algo pelo que ansiar.

Shediac era uma aldeia de pescadores e uma estação de veraneio. A oeste do píer, situava-se uma baía ensolarada, em que flutuavam diversos lagosteiros, algumas lanchas com cabine e duas aeronaves: o Clipper e um pequeno hidroavião. A leste, via-se uma praia de areia, que parecia se estender por quilômetros; a maioria dos passageiros estava entre as dunas ou passeava na beira d'água.

A paz foi interrompida por dois carros que pararam ruidosamente junto ao píer, expelindo sete ou oito policiais, que entraram apressados no terminal aéreo.

– Parece que querem prender alguém – murmurou Nancy.

Mervyn assentiu.

– Quem poderia ser?

– Frankie Gordino?

– Não pode ser... Ele já está preso.

Os homens saíram do prédio poucos momentos depois. Três entraram no Clipper, dois se afastaram pela estrada, outros dois pela praia. Parecia que procuravam alguém. Quando um dos tripulantes se aproximou, Nancy perguntou:

– Quem eles estão procurando?

O homem hesitou, como se não tivesse certeza se deveria revelar, então deu de ombros e respondeu:

– O sujeito diz se chamar Harry Vandenpost, mas não é o seu verdadeiro nome.

Nancy franziu a testa.

– Era o rapaz que estava sentado junto da família Oxenford.

Tinha a impressão de que Margaret estava apaixonada pelo jovem.

– Ele deixou o avião? – perguntou Mervyn. – Não o vi.

– Não sei.

– Ele me pareceu um garoto espertalhão.

– Sério? – Nancy o tomara por um rapaz de boa família. – Ele tem excelentes modos.

– Exatamente por isso.

Nancy conteve um sorriso: típico de Mervyn detestar homens com boas maneiras.

– Acho que Margaret se interessou por ele. Espero que ela não fique magoada.

– Imagino que os pais ficarão felizes com essa fuga.

Nancy não conseguia simpatizar com os pais da jovem. Ela e Mervyn haviam testemunhado o comportamento grosseiro de lorde Oxenford durante o jantar no Clipper. Pessoas assim não mereciam nada de bom. Nancy tinha pena de Margaret, que parecia ter se apaixonado por um salafrário.

– Não costumo ser impulsivo, Nancy.

Ela ficou alerta no mesmo instante.

– Eu a conheci há apenas algumas horas – prosseguiu Mervyn –, mas estou certo de que quero continuar a conhecê-la

pelo resto da vida.

Como você pode ter certeza, seu idiota?, pensou ela, mas ficou satisfeita assim mesmo. E não disse nada.

– Tenho pensado na perspectiva de deixá-la em Nova York e voltar a Manchester... e cheguei à conclusão de que não quero fazer isso.

Nancy sorriu. Era justamente o que queria que Mervyn falasse. Inclinou-se e pegou a mão dele.

– Não imagina como estou contente.

– Sério? – Ele também se inclinou para a frente. – O problema é que, muito em breve, será quase impossível cruzar o Atlântico. Só os militares conseguirão.

Ela assentiu. Essa dificuldade também lhe ocorrera. Não pensara muito a respeito, mas tinha certeza de que poderiam encontrar uma solução se fossem determinados.

– Se nos separarmos agora – continuou Mervyn –, talvez se passem anos antes de nos encontrarmos outra vez. Não consigo aceitar isso.

– Eu também.

– Quer dizer que vai voltar para a Inglaterra comigo?

Nancy parou de sorrir.

– O quê?

– Volte comigo. Fique num hotel, se quiser, ou compre uma casa, um apartamento... qualquer coisa.

O ressentimento tomou o seu corpo. Contraindo os lábios, fez um esforço para permanecer calma.

– Você perdeu o juízo – disse ela, taxativa.

Nancy desviou os olhos. Sentia um amargo desapontamento. Mervyn parecia magoado e perplexo com a reação.

– Qual é o problema?

– Tenho uma casa, dois filhos e uma empresa que movimenta muitos milhões de dólares. Está me pedindo para deixar tudo isso e morar num hotel em Manchester?

– Não se você não quiser! – protestou ele, indignado. – More comigo, se preferir.

– Sou uma viúva respeitável, com um lugar na sociedade... Não quero viver como uma vagabunda sustentada!

– Escute, Nancy... Vamos nos casar, tenho certeza disso, mas não creio que você esteja disposta a assumir esse compromisso depois de apenas umas poucas horas, não é mesmo?

– Não é essa a questão, Mervyn – retrucou ela, embora de certa forma fosse. – Não importa o que você esteja prevendo, apenas me ressinto da maneira casual como pressupõe que eu renunciaria a tudo para segui-lo até a Inglaterra.

– Mas de que outra forma poderíamos ficar juntos?

– Por que não faz essa pergunta em vez de presumir a resposta?

– Porque só há uma resposta.

– Há três: eu poderia me mudar para a Inglaterra; você poderia se mudar para os Estados Unidos; poderíamos nos mudar para outro lugar, como as Bermudas.

Ele ficou aturdido.

– Mas meu país está em guerra! Tenho que participar. Posso estar muito velho para o serviço ativo, mas a Força Aérea vai precisar de hélices aos milhares e sei mais sobre a fabricação delas do que qualquer outra pessoa na Inglaterra. Eles precisam de mim.

Tudo que Mervyn disse só agravou ainda mais a situação.

– E o meu país não precisa de mim? Fabrico botinas para soldados e, quando os Estados Unidos entrarem na guerra, participarei ativamente.

– Mas tenho uma fábrica em Manchester!

– E eu tenho uma em Boston... muito maior do que a sua, diga-se de passagem.

– Não é a mesma coisa para uma mulher!

– Claro que é, seu idiota! – berrou ela.

Nancy se arrependeu da palavra “idiota” no mesmo instante. Mervyn exibiu uma expressão de fúria, extremamente ofendido. Ele se levantou. Ela queria dizer algo para impedi-lo de se afastar com raiva, mas não conseguiu pensar nas palavras certas e, um momento depois, Mervyn já desaparecera.

– Droga! – disse ela, amargurada.

Estava zangada com Mervyn e furiosa consigo mesma. Não queria repeli-lo, pois gostava dele. Anos antes, aprendera que a confrontação não era o caminho certo quando se lidava com os homens: eles aceitavam a agressividade uns dos outros, mas não das mulheres. No mundo dos negócios, sempre controlara o seu espírito competitivo, abrandara o tom e impusera sua vontade manipulando as pessoas, não brigando. Agora, apenas por um instante, esquecera estupidamente tudo isso e, assim, discutira com o homem mais atraente que encontrara nos últimos dez anos.

Sou mesmo uma tola, pensou Nancy. Sei que ele é orgulhoso – é uma das coisas que aprecio nele, parte da sua força. É durão, mas não reprime todas as emoções, como homens assim costumam fazer. Veja só como seguiu a esposa fugitiva por meio mundo. Veja só como ele defendeu os judeus quando lorde Oxenford explodiu ao jantar. E lembrar como ele me beijou...

A ironia era que estava disposta a considerar uma mudança de vida.

O que Danny Riley lhe contara a respeito do pai dela projetava uma nova luz sobre tudo. Sempre achara que brigava com Peter porque ele se ressentia do fato de a irmã ser mais competente. Mas esse tipo de rivalidade fraterna costumava desaparecer na adolescência: seus próprios filhos, após vinte anos de confrontos constantes, eram agora melhores amigos, totalmente leais um ao outro. Em contraste, a hostilidade entre ela e Peter persistia ainda na meia-idade, e Nancy percebia agora que o pai era o culpado.

Ele lhe dissera que ela o sucederia e que Peter trabalharia sob o seu comando, mas também prometera o oposto ao filho. Em consequência, ambos pensavam estar destinados a dirigir a empresa. Porém tudo começara muito antes disso. Nancy se dava conta agora de que o pai sempre se recusara a fixar regras claras ou definir áreas de responsabilidade. Comprava brinquedos que precisavam partilhar, depois se recusava a solucionar as inevitáveis disputas. Quando tinham idade para dirigir, havia adquirido um único carro para o uso dos dois, que brigaram durante anos.

A estratégia paterna dera certo para Nancy: deixara-a mais determinada e esperta. Mas Peter se tornara fraco, traiçoeiro e rancoroso. E agora o mais forte estava prestes a assumir o controle da empresa, de acordo com o plano do pai.

Era isso que perturbava Nancy, pois tudo seguiria o esquema dele. Saber que tudo que tinha feito até agora fora predeterminado por outra pessoa arruinava o sabor da vitória. Toda a sua vida parecia agora um dever de casa passado pelo pai: ela recebera a nota máxima, mas aos 40 anos estava velha demais para ser uma colegial. Sentia um desejo furioso de fixar os próprios objetivos e levar a própria vida.

Na verdade, encontrava-se no estado de espírito certo para ter uma conversa franca com Mervyn sobre o futuro dos dois. Mas ele a ofendera ao presumir que abandonaria tudo para acompanhá-lo por meio mundo e, em vez de conversar, ela o escorraçara.

Não esperava que Mervyn ficasse de joelhos e a pedisse em casamento, é claro, mas...

Deu-se conta de que, no fundo, *queria* que ele a tivesse pedido em casamento. Afinal, Nancy não era uma qualquer, mas uma americana de família católica, e só aceitaria um tipo de compromisso: o matrimônio. Se Mervyn não era capaz de fazer isso, então não deveria pedir nada.

Ela suspirou. Tinha razão para ficar indignada, mas com isso o repelira. Talvez a ruptura não fosse permanente. Era o que esperava, de todo o coração. Agora que corria perigo de perder Mervyn, compreendeu quanto o desejava.

Seus pensamentos foram interrompidos pela chegada de outro homem que ela afastara: Nat Ridgeway.

Ele parou na sua frente, tirou o chapéu polidamente e disse:

– Parece que você me venceu... outra vez.

Nancy o observou por um momento. Ele nunca seria capaz de criar uma empresa e desenvolvê-la, como o pai fizera com a Black's Boots – não tinha visão nem ímpeto. Mas era muito eficiente para dirigir uma grande organização: esperto, trabalhador, determinado.

– Se serve de consolo, Nat, sei agora que cometi um erro há cinco anos.

– Um erro comercial ou pessoal? – Sua voz traía o ressentimento latente.

– Comercial. – A saída de Nat encerrara um romance que mal começara: ela não queria falar sobre isso. – Parabéns pelo casamento. Vi uma fotografia da sua esposa... Ela é muito bonita.

Uma grande mentira: ela era no máximo atraente.

– Obrigado. Mas, voltando aos negócios, estou um tanto surpreso de que você tenha recorrido à chantagem para obter o que queria.

– É uma operação de tomada de controle, não um chá das cinco. Você me disse isso ontem.

– *Touché*. – Ele hesitou. – Posso me sentar?

De repente, Nancy ficou impaciente com a formalidade.

– Claro que pode. Trabalhamos juntos por anos e, por algumas semanas, também namoramos. Não precisa pedir permissão para se sentar, Nat.

Ele sorriu.

– Obrigado. – Acomodou-se na cadeira que Mervyn

desocupara e mudou-a de posição, a fim de encarar Nancy. – Tentei tomar a Black's Boots sem a sua ajuda. Foi estupidez da minha parte, acabei fracassando. Deveria imaginar que isso aconteceria...

– Não há o que discutir nesse ponto. – Como sou hostil, Nancy acrescentou: – Nem ressentimentos...

– Fico contente que pense assim... porque ainda quero comprar sua empresa.

Nancy foi pega de surpresa. Ela o subestimara. Não baixe a guarda, disse a si mesma.

– O que está pretendendo?

– Vou tentar de novo. E, na próxima vez, farei uma oferta melhor, é claro. Entretanto, o mais importante é que desejo você ao meu lado... antes e depois da fusão. Quero chegar a um acordo com você, torná-la diretora da General Textiles e assinar um contrato de cinco anos.

Ela não esperava por isso, e não sabia como se sentia a respeito. Para ganhar tempo, fez uma pergunta:

– Um contrato? Para fazer o quê?

– Para dirigir a Black's Boots como uma divisão da General Textiles.

– Eu perderia minha independência... Seria uma funcionária.

– Dependendo da maneira como estruturarmos o acordo, você pode ser uma acionista. E, enquanto estiver ganhando dinheiro, terá toda a independência... Não interfiro nas decisões lucrativas. Mas, se perder, deixará de tê-la. Eu demito os fracassados. – Ele balançou a cabeça. – Mas você não vai fracassar.

O instinto de Nancy era rejeitar a proposta. Por mais que Nat dourasse a pílula, ainda queria tirar a empresa dela. Porém sabia que o pai a aconselharia a recusar e já resolvera deixar de levar a vida de acordo com o plano paterno. Como tinha que dizer algo, resolveu temporizar.

– Posso estar interessada.

– Isso é tudo o que quero saber agora – disse Nat, levantando-se. – Pense a respeito e calcule que tipo de acordo a deixaria satisfeita. Não estou lhe oferecendo um cheque em branco, mas desejo que compreenda que estou disposto a ir muito longe para fazê-la feliz.

Nancy estava um pouco confusa: a técnica de Nat era bem persuasiva. Ele aprendera muito sobre negociações nos últimos anos. Olhando além dela, na direção da terra firme, Nat acrescentou:

– Acho que seu irmão quer falar com você.

Ela se virou e avistou Peter se aproximando. Nat pôs o chapéu e se afastou. Parecia um movimento sincronizado. Nancy fitou o irmão, ressentida; mal conseguira falar com ele após a traição. Teria preferido refletir sobre a surpreendente oferta de Nat, pensar como se ajustava a seus novos sentimentos em relação à vida. Só que Peter não lhe deu tempo. Parado na sua frente, inclinou a cabeça para um lado, num gesto que a lembrava de sua infância, e perguntou:

– Podemos conversar?

– Duvido muito.

– Quero pedir desculpas.

– Está arrependido de sua traição agora que fracassou.

– Gostaria de fazer as pazes.

Todos querem fazer um acordo comigo hoje, pensou Nancy, irritada.

– Como pode consertar o que fez comigo?

– Não posso – respondeu imediatamente. – Nunca. – Peter sentou-se na cadeira vaga. – Quando li seu relatório, me senti um idiota. Você dizia que eu não tinha competência para dirigir a empresa, que não sou o homem que meu pai era, que você podia se sair melhor do que eu. Fiquei muito envergonhado porque, no fundo, sabia que era verdade.

Já é um progresso, refletiu Nancy.

– E fiquei louco de raiva, Nan, para ser sincero. – Quando crianças, eles se tratavam por Nan e Petey. O apelido a deixou com um nó na garganta. – Acho que eu não sabia o que estava fazendo.

Ela balançou a cabeça. Era uma desculpa típica de Peter.

– Sabia muito bem.

Mas Nancy estava triste em vez de furiosa. Algumas pessoas pararam perto da porta do prédio da companhia aérea, conversando. Peter fitou-as, irritado, antes de sugerir:

– Vamos dar um passeio pela praia?

Nancy suspirou. Peter era seu irmão caçula, afinal. Levantou-se e ele abriu um sorriso radiante.

Andaram até a extremidade de terra do píer, cruzaram os trilhos e desceram para a praia. Nancy tirou os sapatos de salto alto e foi caminhando pela areia de meias. A brisa bagunçava os cabelos louros de Peter. Ela percebeu, com um ligeiro choque, que ele apresentava um princípio de calvície. Perguntou-se por que não notara antes e concluiu que o irmão os penteava com todo o cuidado para esconder a falha. Isso fez com que Nancy se sentisse velha.

Não havia ninguém por perto agora, mas Peter permaneceu em silêncio, até que Nancy resolveu falar:

– Danny Riley me disse algo estranho. Contou que papai sempre armou para que você e eu brigássemos.

Peter franziu a testa.

– Por que ele faria isso?

– Para nos endurecer.

O irmão soltou uma risada áspera.

– Acredita nisso?

– Acredito.

– Acho que eu também.

– Decidi que não vou levar o resto da minha vida sob o

encanto do papai.

– O que isso significa?

– Ainda não sei. Talvez eu aceite a oferta de Nat e faça uma fusão de nossa empresa com a dele.

– Não é mais *nossa* empresa, Nan. É apenas sua.

Nancy o observou. Seria autêntica a declaração? Ela sentiu-se cruel por ser tão desconfiada. Decidiu conceder o benefício da dúvida ao irmão.

– Cheguei à conclusão de que não sou feito para os negócios, então vou deixá-los para pessoas como você, mais competentes.

Ele parecia sincero.

– Mas o que vai fazer?

– Pensei em comprar aquela casa. – Passavam naquele instante por um atraente chalé pintado de branco, com as janelas verdes. – Vou ter muito tempo para férias.

Nancy sentiu um pouco de pena do irmão.

– É uma linda casa. Mas está à venda?

– Há uma placa no outro lado. Vim dar uma olhada antes. Venha comigo.

Contornaram a casa. Estava trancada, as janelas fechadas, por isso não podiam ver os cômodos, mas pelo exterior era fascinante. Tinha uma varanda larga, com uma rede. No jardim, via-se uma quadra de tênis e, no canto oposto, um prédio sem janelas que Nancy imaginou ser uma garagem para barcos.

– Você poderia ter um barco – sugeriu ela.

Peter sempre gostara de velejar. Uma porta lateral da garagem estava aberta. Ele entrou e exclamou:

– Meu Deus!

Ela passou pela porta, esquadrinhando a escuridão.

– O que foi? – indagou, ansiosa. – Você está bem, Petey?

O irmão apareceu ao seu lado e segurou-a pelo braço. Por uma fração de segundo, Nancy divisou um sorriso repulsivo e triunfante no rosto dele. Percebeu que cometera um erro terrível.

Ele a puxou violentamente, arrastando-a. Nancy cambaleou, gritou, largou os sapatos e a bolsa e caiu no chão de terra.

– Peter! – berrou, furiosa.

Ouviu-o dar três passos rápidos, depois a porta bateu e ela ficou no breu.

– Peter? – chamou de novo, agora apreensiva.

Nancy se levantou. Ouviu um rangido, então um baque, como se algo estivesse sendo ajustado para bloquear a porta.

– Peter! Diga alguma coisa!

Não houve resposta.

Um medo histórico se apossou de Nancy e ela teve vontade de berrar, aterrorizada. Mordeu a articulação do polegar e, depois de um momento, o pânico começou a se desvanecer.

Parada no escuro, sem enxergar nada, desorientada, compreendeu que o irmão planejara tudo aquilo: encontrara a casa vazia, com uma garagem para barcos adequada, atraía-a até ali e trancara a porta, a fim de que ela não pudesse votar na reunião do conselho. O arrependimento, o pedido de desculpas, a conversa de que renunciara ao mundo dos negócios e a sinceridade angustiada... tudo fora simulado. Cinicamente, Peter evocara a infância para fazê-la baixar a guarda. Mais uma vez, ela confiara no irmão; mais uma vez, ele a traía. Era o bastante para levá-la às lágrimas.

Nancy mordeu o lábio e analisou a situação. Seus olhos foram se ajustando às trevas e ela pôde avistar uma linha de claridade sob a porta. Foi até lá, com as mãos estendidas à frente. Ao alcançá-la, tateou a parede de ambos os lados e encontrou um interruptor. Acendeu a luz. Segurou a maçaneta e tentou abrir a porta, sem esperança. Como imaginara, ela não se mexeu: Peter a prendera com firmeza. Investiu contra a porta com o ombro, mas em vão.

Os cotovelos e joelhos doíam por causa da queda e as meias estavam rasgadas.

– Seu canalha! – gritou para o irmão ausente.

Ela calçou os sapatos, pegou a bolsa e olhou ao redor. A maior parte do espaço era ocupada por um enorme barco sobre uma plataforma com rodas. O mastro pendia de um encaixe no teto e as velas se encontravam dobradas no convés. Havia uma porta larga na frente da garagem. Nancy foi examiná-la e descobriu que estava trancada, como já esperava.

A casa ficava um pouco afastada da praia, mas existia a chance de que algum passageiro do Clipper, ou mesmo outra pessoa, passasse por perto. Nancy respirou fundo e gritou o mais alto possível:

– SOCORRO! SOCORRO! SOCORRO!

Seguiu berrando a intervalos de um minuto para não ficar rouca.

As portas da frente e da lateral eram resistentes e não estavam empenadas nem nada, mas ela poderia arrombá-las com um pé de cabra ou algo parecido. Ela procurou ao redor. O proprietário era um homem organizado: não guardava as ferramentas de jardim na garagem do barco, logo não havia pás nem ancinhos.

Gritou por socorro outra vez, depois subiu na embarcação, ainda em busca de uma ferramenta. O barco tinha diversos armários, mas todos trancados pelo meticoloso proprietário. Nancy tornou a perscrutar tudo lá de cima, só que não avistou nada.

– Droga, droga, droga! – exclamou ela, bem alto.

Nancy sentou-se na bolina e refletiu sobre a situação, desanimada. Ficou contente por estar com o casaco de casimira, pois fazia bastante frio ali dentro. Continuou a gritar por ajuda a intervalos de mais ou menos um minuto, mas suas esperanças foram diminuindo à medida que o tempo corria. Os passageiros deviam estar voltando ao Clipper àquela altura. Dali a pouco, o avião partiria, deixando-a para trás.

Ocorreu-lhe que perder a empresa era a menor das preocupações. E se ninguém aparecesse ali por uma semana? Ela poderia morrer. Em pânico, desandou a berrar ainda mais alto, sem parar. Sua histeria a assustou ainda mais.

Depois de algum tempo, o cansaço a acalmou. Peter podia ser mau, mas não era assassino, não a abandonaria à morte. Provavelmente tencionava dar um telefonema anônimo para a polícia de Shediac, avisando-a para que a salvassem. Mas só depois da reunião do conselho, é claro. Nancy disse a si mesma que estava segura, mas continuou profundamente apreensiva. E se Peter fosse pior do que ela imaginava? E se ele a esquecesse? E se caísse doente ou sofresse algum acidente? Quem a salvaria?

Ouviu o rugido dos potentes motores do Clipper no outro lado da baía. O pânico se transformou em total desespero. Fora traída e derrotada, até perdera Mervyn, que devia estar a bordo do avião, esperando a decolagem. Talvez ele se perguntasse vagamente o que teria acontecido, mas, como as últimas palavras dela tinham sido “seu idiota!”, pensaria não haver mais nada entre os dois.

Mervyn assumira uma postura arrogante ao presumir que ela o acompanharia à Inglaterra, mas Nancy precisava ser realista: qualquer homem faria a mesma suposição e fora tolice se irritar com isso. Haviam se separado irritados e ela nunca mais iria vê-lo. Podia até morrer.

O barulho dos motores distantes se intensificou. O Clipper estava decolando. O ruído persistiu alto por um ou dois minutos, depois começou a diminuir enquanto o avião alçava voo, imaginou Nancy. É o fim, pensou ela. Perdi a empresa, perdi Mervyn e provavelmente vou morrer de fome aqui. Ou melhor, morrer de sede, delirando e gritando em agonia...

Sentiu uma lágrima escorrer pela face, enxugou-a com o punho do casaco. Precisava se controlar. Devia haver uma

maneira de sair dali. Tornou a olhar ao redor. Especulou se poderia usar o mastro como um aríete. Já estendia a mão, mas então pensou melhor. Não, ele era pesado demais para ser deslocado por uma só pessoa. Conseguiria arrombar a porta de alguma forma? Recordou histórias de prisioneiros em masmorras medievais raspando as pedras com as unhas, ano após ano, numa vã tentativa de escapar. Ela não dispunha de anos; precisaria de algo mais eficiente que as unhas. Vasculhou a bolsa. Tinha um pequeno pente de marfim, um batom vermelho quase no fim, um estojo de pó de arroz barato que os meninos lhe deram de presente no aniversário de 30 anos, um lenço bordado, o talão de cheques, uma nota de 5 libras, várias notas de 50 dólares e uma pequena caneta de ouro. Nada que pudesse usar. Analisou as roupas. Usava um cinto de crocodilo com fivela dourada. Com a ponta dela, poderia escavar a madeira em torno da fechadura. Seria um trabalho demorado, mas ela dispunha de todo o tempo do mundo.

Saiu do barco e localizou a fechadura na porta grande frontal. A madeira era resistente, mas talvez ela não precisasse abrir um buraco até o outro lado: depois que a fenda tivesse alguma profundidade, talvez conseguisse quebrar o resto. Gritou por socorro outra vez. Ninguém respondeu.

Nancy tirou o cinto. A saia não ficava segura, por isso tirou-a também, dobrou-a de forma cuidadosa e pendurou-a na amurada do barco. Embora ninguém pudesse vê-la, sentia-se contente por estar usando uma calcinha bonita, toda rendada, com ligas combinando.

Traçou um quadrado em torno da fechadura, então começou a aprofundar as marcas. O metal da fivela não era muito sólido e a ponta entortou depois de um tempo. Mesmo assim, ela continuou a trabalhar, parando a intervalos aproximados de um minuto para gritar. Lentamente, os sulcos ficavam mais fundos. A serragem escorria e caía no chão.

A madeira da porta não era dura, talvez por causa da umidade. Acelerou o serviço, pensando que, muito em breve, poderia escapar.

No momento em que sua esperança aumentava, a ponta da fivela se partiu.

Ela pegou-a do chão, tentou continuar, mas era difícil segurar. Se empurrava com força, o objeto escapulia de seus dedos; se raspava de leve, não aprofundava a ranhura. Depois de deixar cair cinco ou seis vezes a ponta da fivela, praguejou alto, chorou de raiva e bateu novamente na porta com os punhos. Foi nesse instante que alguém gritou:

– Quem está aí?

Nancy ficou calada e parou de martelar a porta. Seria imaginação?

– Socorro!

– É você, Nancy?

Seu coração disparou. Ela reconheceu o sotaque britânico, a voz.

– Mervyn! Graças a Deus!

– Estava procurando você. O que diabo aconteceu?

– Me tire logo daqui, está bem?

A porta foi sacudida.

– Está trancada.

– Dê a volta para a lateral.

– Já estou indo.

Nancy atravessou a garagem, contornando o barco, e foi para a porta do lado.

– Tem uma cunha... – disse ele. – Espere um instante.

Ela se deu conta de que estava só de meias e calcinha, então se envolveu com o casaco de casimira para cobrir a nudez. Um momento depois, a porta se abriu e ela se jogou nos braços de Mervyn.

– Pensei que ia morrer aqui! – exclamou ela, desatando a

chorar, constrangida.

Mervyn a abraçou, afagando seus cabelos, murmurando:

– Calma, calma...

– Peter m-me trancou aqui – balbuciou Nancy.

– Imaginei que ele tivesse feito algo traiçoeiro. Seu irmão é um filho da puta, se quer saber minha opinião.

Nancy não se importava com Peter agora, pois estava contente por ver Mervyn. Com a visão embaçada pelas lágrimas, fitou-o nos olhos e beijou todo o seu rosto: olhos, bochechas, nariz e, por fim, os lábios. Sentiu-se de repente extremamente excitada. Abriu a boca e tornou a beijá-lo com paixão. Mervyn a enlaçou e apertou com força. Nancy se comprimiu contra ele, faminta pela sensação de seu corpo. Ele desceu as mãos pelas costas dela, por dentro do casaco, e parou de repente, surpreso, quando encontrou a calcinha. Recuou e a contemplou. O casaco de Nancy se abriu.

– O que aconteceu com sua saia?

Ela riu.

– Tentei abrir um buraco na porta com a ponta da fivela do cinto, mas a saia não queria ficar no lugar, por isso tirei-a...

– Que surpresa agradável... – murmurou Mervyn, acariciando as nádegas e as coxas nuas de Nancy.

Ela sentiu o pênis dele endurecer contra sua barriga. Baixou a mão e o afagou.

Num instante, ambos estavam loucos de desejo. Nancy queria fazer amor ali mesmo e sabia que ele também. Mervyn cobriu seus seios pequenos com as mãos enormes e ela ofegou de prazer. Abriu os botões da braguilha e enfiou a mão. Durante todo o tempo, pensou constantemente que ia morrer, por isso o desespero para buscar a satisfação. Encontrou o pênis, apertou-o, tirou-o de dentro da calça. Ambos respiravam como velocistas agora. Nancy recuou, contemplou o membro enorme em sua mão pequena e branca. Cedendo a um impulso irresistível,

abaixou-se e o tomou na boca.

Pareceu enchê-la por completo. Havia um cheiro de musgo em suas narinas e um gosto salgado na boca. Ela gemia: esquecera quanto gostava de fazer aquilo. Poderia continuar para sempre, mas Mervyn acabou levantando sua cabeça, balbuciando:

– Pare antes que eu não consiga mais me controlar.

Ele se abaixou e, lentamente, desceu a calcinha. Nancy sentia-se inibida e excitada ao mesmo tempo. Mervyn beijou seus pelos púbicos e, por fim, ela levantou os pés para tirar a roupa de baixo.

Mervyn se ergueu, tornou a abraçá-la, estendeu a mão para o sexo de Nancy e, um momento depois, ela sentiu o dedo penetrá-la com a maior facilidade. Durante todo o tempo, continuaram a se beijar, lábios e línguas num emaranhado frenético, fazendo pausas apenas para respirar, ofegantes. Não demorou muito para que Nancy se afastasse, olhando ao redor e murmurando:

– Onde?

– Passe os braços por meu pescoço.

Ela obedeceu. Mervyn pôs as mãos sob suas coxas e a levantou sem o menor esforço. O casaco de casimira tremulava às suas costas. Enquanto ele a baixava, Nancy o guiou para dentro, prendendo as pernas em torno de sua cintura.

Por um momento, permaneceram imóveis e ela saboreou a sensação de que ficara privada por tanto tempo, reconfortante, de total intimidade dos corpos fundidos, de um homem dentro dela. Era a melhor sensação do mundo, Nancy relembrava agora. Deveria estar louca por passar dez anos sem aquilo.

Então ela começou a se mexer, num vaivém. Mervyn soltou um gemido profundo. Só de pensar no prazer que lhe proporcionava, Nancy ficava ainda mais excitada. Sentia-se uma pervertida fazendo amor naquela posição bizarra, com um

homem que mal conhecia. A princípio, especulou se ele conseguiria aguentar seu peso, mas ela era pequena, bem menor que ele. Mervyn segurou-a pelas nádegas, levantando-a e abaixando-a. Nancy fechou os olhos, saboreando a sensação do pênis indo e vindo, do clitóris se comprimindo contra a barriga de Mervyn. Então parou de se preocupar com a força dele e se concentrou plenamente nas próprias sensações.

Depois de um tempo, abriu os olhos e o encarou. Queria dizer que o amava. Em algum lugar, no fundo da mente, uma sentinela do bom senso lhe alertou que ainda era cedo demais, porém isso não a impedia de sentir.

– Você é maravilhoso – sussurrou ela.

A expressão nos olhos de Mervyn dizia que ele compreendia. Murmurando a nome dela, passou a se mexer mais depressa.

Nancy tornou a fechar os olhos e pensou apenas nas ondas de prazer que emanavam do lugar em que seus corpos se encontravam. Soltava gritinhos de prazer a cada investida; ouvia-os como se vindos de longe. Mervyn respirava com dificuldade, mas sustentava o peso dela sem qualquer sinal de esforço. Agora Nancy sentiu que ele se continha, à sua espera. Pensou na pressão que se acumulava nele a cada movimento dos quadris e essa imagem a dominou. Tomada pelo prazer, Nancy berrou. Sentiu-o arremeter e tremer também, então montou-o como um cavalo chucro enquanto ambos se sacudiam no orgasmo. Ao fim, o prazer diminuiu, Mervyn ficou imóvel e ela arriou contra seu peito. Ele a abraçou com força, murmurando:

– Meu Deus, é sempre assim com você?

Nancy riu, ofegante. Adorava um homem que era capaz de fazê-la rir.

Mervyn baixou-a até o chão. Ela permaneceu parada, trêmula, apoiada nele por alguns minutos. Depois, relutante, tratou de se vestir.

Enquanto saíam para o sol e se encaminhavam lentamente

ao píer, não paravam de sorrir um para o outro, mas em silêncio.

Nancy refletiu se o seu destino não seria viver na Inglaterra, casada com Mervyn. Perdera a batalha pelo controle da empresa, pois não havia mais jeito de chegar a Boston a tempo para a reunião do conselho. Assim, Peter teria maioria sobre Danny Riley e tia Tilly e sairia vencedor. Ela pensou nos meninos: já eram independentes, ela não precisava mais levar a vida de acordo com as necessidades dos dois. E descobrira que, como amante, Mervyn era tudo aquilo com que sempre sonhara. Ainda estava atordoada e um pouco fraca depois do sexo. Mas o que posso fazer na Inglaterra?, pensou ela. Não quero ser dona de casa.

Chegaram ao píer e olharam através da baía. Nancy se perguntou com que frequência os trens partiriam dali. Já ia propor que tentassem descobrir quando notou que Mervyn observava atentamente algo a distância.

– O que foi?

– Vi um Grumman Goose – respondeu ele, pensativo.

– O que é isso?

Ele apontou.

– Aquele pequeno hidroavião se chama Grumman Goose. É bem novo... só começou a ser fabricado há dois anos. E é muito veloz, mais do que o Clipper...

Nancy olhou para a aeronave. Era um bimotor de aparência moderna, com uma cabine fechada. Percebeu qual era a ideia de Mervyn: no hidroavião, seria possível chegar a Boston para a reunião.

– Poderíamos fretá-lo? – indagou Nancy, hesitante, mal se atrevendo a acalentar qualquer esperança.

– Era o que eu estava pensando.

– Vamos lá, então!

Ela seguiu apressada pelo píer até o prédio da companhia aérea, seguida de perto por Mervyn, que a acompanhou

facilmente com suas passadas longas. O coração de Nancy estava acelerado. Talvez ainda conseguisse salvar a empresa. Contudo, tratou de conter a exultação: ainda poderiam acontecer muitos contratempos.

Entraram no prédio e um jovem com o uniforme da Pan American disse:

– Ei, vocês perderam o Clipper!

Sem qualquer preâmbulo, Nancy perguntou:

– Sabe a quem pertence o pequeno hidroavião?

– O Goose? Claro. É de Alfred Southborne, dono de um moinho.

– Ele costuma fretá-lo?

– Sempre que pode. Vocês querem fretá-lo?

O coração de Nancy bateu mais forte.

– Queremos!

– Um dos pilotos está aqui... Veio dar uma olhada no Clipper.

– O jovem deu um passo para trás e gritou na direção da sala adjacente: – Ei, Ned, tem gente aqui querendo fretar o seu Goose!

Ned apareceu. Era um homem vivaz, em torno dos 30 anos, usando uma camisa com dragonas. Assentindo polidamente, comentou:

– Gostaria muito de ajudá-los, mas meu copiloto não está aqui e o Goose precisa de dois tripulantes.

Nancy sentiu um aperto no coração.

– Sou piloto – anunciou Mervyn.

Ned o fitou com uma expressão cética.

– Já pilotou um hidroavião?

Nancy prendeu a respiração.

– Já, o Supermarine.

Nancy nunca ouvira falar desse modelo.

– Participa de competições? – perguntou Ned, impressionado.

– Quando era jovem. Agora voo apenas por prazer. Tenho um

Tiger Moth.

– Se já pilotou um Supermarine, não terá dificuldade em ser copiloto do Goose. E o Sr. Southborne estará ausente até amanhã. Para onde querem ir?

– Boston.

– Vai custar mil dólares.

– Sem problema! – interveio Nancy, animada. – Mas precisamos partir imediatamente!

O homem a encarou com certa surpresa: presumira que Mervyn estava no comando.

– Podemos partir em poucos minutos, madame. Como pagaria?

– Posso lhe dar um cheque pessoal ou pode mandar a conta para minha empresa em Boston, a Black's Boots.

– Trabalha para a Black's Boots?

– Sou a proprietária.

– Estou usando seus sapatos!

Nancy baixou os olhos. Ele calçava o Oxford de 6,95 dólares, preto, com biqueira.

– O que acha deles? – perguntou automaticamente.

– Ótimos. São os melhores. Mas acho que você sabe disso.

Nancy sorriu.

– Sei, sim. São ótimos sapatos.

PARTE VI

De Shediac à
baía de Fundy

CAPÍTULO VINTE E SEIS

MARGARET MORRIA DE preocupação enquanto o Clipper sobrevoava New Brunswick e seguia para Nova York. Onde estava Harry?

A polícia descobrira que ele viajava com um passaporte falso e todos os passageiros já sabiam do fato – Margaret não conseguia imaginar como, mas isso pouco importava. O que a angustiava era o que fariam se o apanhassem. Provavelmente seria deportado à Inglaterra, onde seria preso por roubar aquelas malditas abotoaduras ou recrutado para o Exército. Como ela voltaria a encontrá-lo?

Até onde Margaret sabia, ainda não haviam achado Harry. Da última vez que o vira, ele estava a caminho do banheiro enquanto ela desembarcava em Shediac. Teria sido o início de um plano de fuga? Será que ele já sabia do perigo naquele momento?

Como a revista da polícia não dera em nada, Margaret presumia que ele havia escapado em algum momento. Mas para onde teria ido? Estaria agora caminhando por uma estrada estreita através da floresta, tentando pegar carona? Ou teria embarcado num barco de pesca e fugido pelo mar? O que quer que fosse, a mesma pergunta atormentava Margaret: algum dia voltaria a vê-lo?

Ela disse a si mesma, muitas e muitas vezes, que não devia desanimar. Perder Harry doía, mas ainda contava com o auxílio de Nancy Lenehan.

O pai não poderia detê-la agora. Ele era um fracasso, um exilado, perdera o poder de coagi-la. Contudo, Margaret ainda receava que o pai reagisse como um animal ferido e acuado e fizesse algo terrivelmente destrutivo.

Assim que o avião alcançou a altitude de cruzeiro, ela desafivelou o cinto e foi procurar a Sra. Lenehan.

Quando passou pelo lounge, viu que os comissários o arrumavam para o almoço. Mais além, no quarto compartimento, Ollis Field e Frank Gordon se sentavam lado a lado, algemados um ao outro. Margaret foi bater na porta da suíte nupcial. Não houve resposta. Ela tornou a chamar, depois abriu a porta. Não havia ninguém dentro.

Um medo gélido envolveu seu coração.

Talvez Nancy estivesse no banheiro. Mas onde se encontraria o Sr. Lovesey? Se ele tivesse ido ao convés de voo ou ao banheiro, Margaret o teria visto passar pelo segundo compartimento. Ela ficou parada na porta com a testa franzida, correndo os olhos pela suíte, como se os dois pudessem ter se escondido em algum lugar... mas não havia onde se ocultar.

O irmão de Nancy, Peter, e seu companheiro sentavam-se à direita da suíte, no outro lado do corredor.

– Onde está a Sra. Lenehan? – perguntou Margaret.

– Ela decidiu deixar o avião em Shediac – respondeu Peter.

Margaret ficou aturdida.

– Como sabe?

– Ela me disse.

– Mas por quê? – murmurou Margaret, quase chorando.

– Não sei – respondeu Peter, com a voz gélida, parecendo ofendido. – Ela não me contou. Apenas me pediu para informar ao comandante que não faria a última etapa da viagem.

Margaret sabia que era grosseria interrogá-lo, mas tinha que persistir:

– Para onde Nancy foi?

Ele pegou um jornal no assento ao seu lado.

– Não tenho a menor ideia.

Peter começou a ler o periódico. Ela estava desolada. Como Nancy pudera fazer aquilo? Sabia que Margaret contava muito

com a sua ajuda. Não deixaria o avião sem avisar ou pelo menos lhe deixar um recado.

Margaret olhou atentamente para Peter. A expressão dele não lhe inspirava confiança. E o homem se mostrara melindrado além da conta por ser interrogado. Num súbito impulso, acusou-o:

– Acho que o senhor não está me contando a verdade.

Era um insulto e tanto. Ela prendeu a respiração, à espera da resposta. Peter ergueu o rosto, corando.

– Herdou os maus modos de seu pai, minha jovem. Por favor, retire-se.

Margaret ficou arrasada. Nada podia ser mais detestável do que ser comparada ao pai. Virou-se sem dizer mais nada, à beira das lágrimas.

Passando pelo quarto compartimento, notou Diana Lovesey. Todos haviam ficado atentos ao drama da esposa fugitiva e do marido perseguidor, divertindo-se quando Nancy e Mervyn foram obrigados a dividir a suíte. Margaret se perguntou se Diana saberia o que acontecera com o marido. Seria embaraçoso perguntar, é claro, mas ela estava desesperada e não se preocupava com isso. Foi sentar-se ao lado da mulher e indagou:

– Desculpe-me, mas sabe o que aconteceu com o Sr. Lovesey e a Sra. Lenehan?

– O que aconteceu? Não estão na suíte?

– Não... não estão em lugar nenhum.

– Sério? – Diana estava visivelmente chocada. – Como é possível? Perderam o avião?

– O irmão de Nancy disse que decidiram não concluir o voo, mas não acredito nele.

Diana parecia irritada.

– Eles não me disseram nada.

Margaret lançou um olhar inquisitivo para o companheiro de Diana, o gentil Mark.

– Muito menos para mim. Nunca iriam me fazer confidências.

Num tom diferente, Diana comentou:

– Espero que estejam bem.

– Como assim, querida? – questionou Mark.

– Não sei direito. Só espero que estejam bem.

Margaret assentiu.

– Não confio no irmão dela. Acho que é desonesto.

– Talvez você tenha razão – disse Mark –, mas não há nada que possamos fazer enquanto estivermos em pleno ar. Além d...

– Ele não é mais da minha conta, sei disso – interrompeu-o Diana, zangada. – Mas foi meu marido durante cinco anos, não posso deixar de me preocupar com ele.

– Quando chegarmos a Port Washington, provavelmente haverá uma mensagem dele à sua espera – opinou Mark, querendo acalmá-la.

– Espero que sim – murmurou Diana.

Davy se aproximou e tocou no braço da jovem.

– O almoço está pronto, lady Margaret, e sua família já se sentou à mesa.

– Obrigada.

Margaret não estava com a menor vontade de comer naquele momento, mas aqueles dois não tinham mais nada a lhe dizer. Quando a jovem se levantou, Diana perguntou:

– É amiga da Sra. Lenehan?

– Ela ia me dar um emprego – respondeu Margaret, amargurada.

Ela se afastou, mordendo o lábio. Os pais e Percy já estavam sentados à mesa e o primeiro prato era servido: coquetel de lagosta, feito com espécimes frescos de Shediack. Margaret se sentou e disse automaticamente:

– Desculpem o atraso.

O pai apenas a fuzilou com os olhos. Margaret ficou brincando com a comida. Sua vontade era baixar a cabeça e chorar. Harry e Nancy a haviam abandonado sem qualquer aviso.

Voltara à estaca zero, sem meios para se sustentar, sem amigos para ajudá-la. Era injusto demais: tentara fazer como Elizabeth, planejar tudo, mas o esquema cuidadoso fracassara.

A lagosta foi levada e substituída por sopa de rim. Margaret tomou um pouco e largou a colher. Sentia-se cansada e irritada. Estava com dor de cabeça, sem o menor apetite. O superluxuoso Clipper começava a parecer uma prisão. Ela não aguentava mais a viagem, de quase 27 horas. Queria se deitar numa cama de verdade, com um colchão macio e uma porção de travesseiros, e dormir por uma semana.

Os outros também demonstravam esgotamento. A mãe estava pálida e cansada. O pai parecia abatido, com os olhos injetados e mau hálito. Percy estava irrequieto e nervoso, como alguém que tivesse bebido café em excesso, e não parava de lançar olhares hostis para o pai. Margaret teve a impressão de que o irmão não demoraria muito a assumir uma postura de desafio.

Para o prato principal, podiam escolher entre linguado frito com molho cardinal ou filé-mignon. Margaret não queria nenhum dos dois, mas optou pelo peixe, que foi servido com batatas e couve-de-bruxelas. Pediu a Nicky uma taça de vinho branco.

Pensou nos dias sombrios pela frente. Ia se hospedar com os pais no Waldorf, mas Harry não se esgueiraria para seu quarto: ficaria sozinha na cama, ansiando por ele. Teria que acompanhar a mãe nas compras e, depois, partiriam todos para Connecticut. Sem consultá-la, inscreveriam Margaret em clubes de equitação e tênis, e ela seria convidada a festas. A mãe providenciaria um circuito social para a família num instante e não demoraria muito para que rapazes “apropriados” aparecessem para o chá, para coquetéis ou passeios de bicicleta. Como ela conseguiria participar de tudo isso enquanto a Inglaterra estava em guerra? Quanto mais pensava a respeito, mais se sentia deprimida.

De sobremesa, havia torta de maçã com creme ou sorvete

com calda de chocolate. Margaret escolheu a segunda opção e comeu tudo.

O pai pediu conhaque com o café, então pigarreou – estava prestes a fazer um discurso. Pediria desculpas pela cena horrível no jantar da noite anterior? Impossível.

– Sua mãe e eu temos conversado sobre você.

– Como se eu fosse uma criada desobediente – comentou Margaret rispidamente.

– É uma criança desobediente – interveio a mãe.

– Tenho 19 anos, menstruo há seis... Como poderia ser uma criança?

– Cale-se! – ordenou a mãe, chocada. – O próprio fato de usar essas palavras na presença de seu pai demonstra que ainda não é madura!

– Desisto – disse Margaret, suspirando. – Não posso mesmo vencer.

– Seu comportamento tolo só serve para confirmar o que discutimos – declarou o pai. – Não se pode ainda confiar que leve uma vida social entre pessoas de sua classe.

– Graças a Deus!

Percy riu alto e o pai lhe lançou um olhar furioso, mas continuou a se dirigir a Margaret:

– Tentamos descobrir um lugar para enviá-la, em que só terá um mínimo de oportunidade para causar problemas.

– Pensou num convento?

Ele não estava acostumado a ser ridicularizado pela filha, mas controlou sua ira com certo esforço.

– Essa postura não vai melhorar sua situação.

– Melhorar? Como as coisas poderiam ser melhores para mim? Meus pais, que tanto me amam, estão determinando meu futuro, pensando apenas no meu bem. O que mais eu poderia querer?

Para sua surpresa, a mãe derramou uma lágrima.

– Está sendo muito cruel, Margaret – murmurou ela, enxugando o rosto.

A jovem ficou comovida e sua resistência desmoronou. Submissa outra vez, indagou:

– O que quer que eu faça, mamãe?

– Vai morar com sua tia Clare – respondeu o lorde no lugar da esposa. – Ela tem uma casa em Vermont. Fica nas montanhas, num local bem remoto. Não haverá ninguém por perto que possa ser constrangido por você.

– Minha irmã é uma mulher maravilhosa – completou a mãe.

– Nunca se casou. É o pilar da Igreja Episcopal em Brattleboro.

Uma raiva fria dominou Margaret, mas ela manteve o controle.

– Quantos anos tem tia Clare?

– Está na casa dos 50.

– E mora sozinha?

– Sem contar os criados, sim.

– Então essa é a minha punição por tentar levar minha própria vida – comentou ela, com a voz trêmula de raiva. – Vou ser exilada para as montanhas, morar com uma tia solteirona maluca. Por quanto tempo esperam que eu fique lá?

– Até que se acalme – respondeu o pai. – Um ano, talvez.

– Um ano! – Parecia uma vida inteira. Mas não podiam obrigá-la a ficar lá. – Não sejam estúpidos. Vou acabar enlouquecendo, me matando ou fugindo.

– Não poderá sair de lá sem o nosso consentimento. E se tentar...

Margaret o encarou. Meu Deus, pensou ela, até ele se envergonha do que está prestes a dizer! O que pode ser?

O pai comprimiu os lábios, numa expressão determinada.

– Se fugir, vamos declarar que é insana e será internada num hospício.

Margaret ofegou. Não conseguia falar, de tão horrorizada.

Não imaginara que o pai fosse capaz de tamanha crueldade. Olhou para a mãe, que desviou o rosto. Percy se levantou e jogou o guardanapo na mesa.

– Seu velho idiota, você ficou completamente maluco! – berrou, retirando-se em seguida.

Se Percy falasse assim uma semana antes, sofreria as piores consequências, mas agora foi apenas ignorado.

Margaret tornou a olhar para o pai. A expressão dele era de culpa, desafio e obstinação. Sabia que cometia um erro, mas não mudaria de ideia.

Por fim, encontrou as palavras para expressar o que sentia:

– Estão me condenando à morte.

A mãe começou a chorar.

De repente, o som do motor se alterou. Todos perceberam e as conversas cessaram. Houve um solavanco e o avião começou a baixar.

CAPÍTULO VINTE E SETE

COM OS DOIS motores de bombordo desligados ao mesmo tempo, o destino de Eddie estava selado.

Até aquele momento, ainda poderia mudar de ideia: o avião continuaria a voar e ninguém saberia o que ele planejava. Agora, porém, independentemente do que viesse a acontecer, sua posição seria revelada. Nunca mais voaria, exceto, talvez, como passageiro: sua carreira estava encerrada. Esforçou-se para reprimir a raiva que ameaçava dominá-lo. Precisava se controlar e realizar o serviço. Então pensaria nos miseráveis que haviam arruinado sua vida.

O avião seria obrigado a fazer um pouso de emergência. Os sequestradores subiriam a bordo e levariam Frankie Gordino. Depois disso, qualquer coisa podia acontecer. Carol-Ann estaria segura e ilesa? A Marinha emboscaria os gângsteres no caminho para a praia? Eddie iria para a cadeia pelo envolvimento na operação? Ele era um prisioneiro do destino. Mas se pudesse ter Carol-Ann em seus braços, sã e salva, nada mais importaria.

Um momento depois de os motores serem desligados, ouviu a voz do comandante Baker em seus fones:

– Mas o que diabo está acontecendo?

Com a boca seca da tensão, Eddie teve que engolir em seco duas vezes antes de conseguir falar:

– Ainda não sei.

Mas ele sabia. Os motores haviam parado porque não recebiam gasolina: ele cortara o fluxo.

O Clipper tinha seis tanques. Os motores eram abastecidos por dois reservatórios alimentadores pequenos nas asas. A maior parte do combustível ficava em enormes tanques de reserva,

localizados nos hidroestabilizadores, em que os passageiros pisavam quando subiam e desciam do avião. A gasolina poderia ser descarregada deles, mas não por Eddie, pois o controle ficava no posto do copiloto.

Contudo, ele conseguia bombear combustível entre os tanques de reserva e as asas. Essas transferências eram reguladas por duas alavancas à direita do painel de instrumentos do engenheiro de voo. O avião estava agora sobre a baía de Fundy, a cerca de 8 quilômetros do ponto de encontro, e nos últimos minutos ele esvaziara os dois tanques das asas. O de estibordo ainda continha gasolina para mais alguns quilômetros. O de bombordo secara, fazendo parar os motores que abastecia.

Seria muito simples bombear combustível dos tanques de reserva, é claro. Contudo, enquanto o Clipper se encontrava em Shediac, Eddie voltara a bordo sozinho e adulterara as alavancas, mudando os mostradores. Assim, quando indicavam “ligado”, estavam na verdade desligados, e vice-versa. Agora eles diziam que Eddie tentava encher os tanques das asas, mas na verdade nada acontecia.

Ele usara as bombas com os indicadores errados durante a primeira parte do voo saindo de Shediac. Se outro técnico estivesse ali, logo perceberia, iria querer saber qual era o problema. Eddie ficara preocupado com a possibilidade de Mickey Finn subir, mas ele permanecera profundamente adormecido no primeiro compartimento. Àquela altura do voo, todos os tripulantes em descanso sempre caíam no sono.

Houve dois momentos terríveis em Shediac. O primeiro ocorreu quando os policiais anunciaram que descobriram o nome do cúmplice de Frankie Gordino no avião. Eddie presumiu que se referiam a Luther e, por algum tempo, pensou que tudo estava acabado, vasculhando o cérebro à procura de outro meio de salvar Carol-Ann. Então eles informaram que o homem era Harry Vandenpost, e o engenheiro quase pulou de alegria. Não sabia

por que o jovem, que parecia ser um simpático americano de família rica, estaria viajando com um passaporte falso, mas sentiu-se grato ao rapaz por desviar as atenções de Luther. A polícia não aprofundaria as investigações, o gângster não se tornaria alvo das suspeitas e o plano podia seguir em frente.

Mas tudo aquilo fora demais para o comandante. Mesmo enquanto Eddie se recuperava do susto, Baker largara uma bomba. O fato de que houvera mesmo um cúmplice a bordo significava que alguém se empenhava de fato em resgatar Gordino, por isso queria que o mafioso deixasse o avião. Isso também arruinaria tudo para Eddie.

Houve uma discussão entre Baker e Ollis Field, que ameaçou acusá-lo de obstrução da justiça. Ao final, o comandante telefonou para o escritório da Pan Am em Nova York, transferindo a responsabilidade. A companhia decidiu que Gordino continuaria no voo, deixando Eddie mais uma vez aliviado.

Ele recebera uma boa notícia em Shediac. Uma mensagem de Steve Appleby, enigmática mas inconfundível, confirmou que um barco da Marinha dos Estados Unidos estaria patrulhando a costa em que o Clipper deveria descer. Ficaria fora de vista até o pouso, depois interceptaria qualquer embarcação que fizesse contato com o avião.

Isso fazia toda a diferença para Eddie. Sabendo que os gângsteres seriam capturados mais tarde, podia providenciar o pouso com a consciência limpa.

Agora estava quase tudo certo. O Clipper se aproximava do ponto de encontro, voando apenas com dois motores.

Baker foi até o posto do engenheiro. Eddie nada revelou a princípio. Com a mão trêmula, ligou o alimentador dos motores, a fim de que o tanque da asa de estibordo os abastecesse, e tornou a ligar os motores de bombordo. Só então falou:

– O tanque da asa de bombordo está vazio e não consigo enchê-lo.

– Por que não? – indagou bruscamente o comandante.

Eddie apontou para as alavancas. Sentindo-se um traidor, murmurou:

– Liguei as bombas, mas nada aconteceu.

Os instrumentos de Eddie não indicavam o fluxo nem a pressão de combustível entre os tanques de reserva e os alimentadores, mas havia quatro visores de vidro no fundo da cabine de voo para a verificação visual do combustível nos tubos. Baker foi examiná-los.

– Nada! – exclamou ele. – Quanto resta no tanque de estibordo?

– Está quase seco... Dá para mais alguns quilômetros.

– Como é possível que só tenha percebido agora? – questionou Baker, furioso.

– Pensei que estivéssemos bombeando – balbuciou Eddie.

Era uma resposta insuficiente, e o comandante ficou ainda mais irritado.

– Como as duas bombas podem ter entrado em pane ao mesmo tempo?

– Não sei... mas graças a Deus temos uma manual.

Eddie segurou a alavanca ao lado do painel e começou a operar a bomba manual, que costumava ser usada só quando o engenheiro drenava água dos tanques de combustível durante o voo. Eddie fizera isso logo depois de deixarem Shediac e, deliberadamente, não rearmara a válvula-F, que permitia que a água fosse despejada. Assim, sua vigorosa ação de bombeamento não enchia os tanques das asas, apenas descarregava gasolina.

O comandante não sabia disso, é claro, e não devia notar a posição da válvula-F, mas podia constatar pelos mostradores que nenhum combustível estava passando.

– Não está funcionando! – exclamou ele. – Não dá para entender como todas as três bombas podem ter falhado ao

mesmo tempo!

Eddie olhou para seus mostradores.

– O tanque de estibordo está quase vazio. Se não pousarmos em breve, vamos cair.

– Preparem-se todos para um pouso de emergência! – ordenou Baker. Apontando um dedo para Eddie, acrescentou com uma fúria contida: – Não me agrada seu papel em tudo isso, Deakin. Não confio mais em você.

Eddie sentiu-se péssimo. Tinha bons motivos para mentir, mas ainda assim se odiava. Por toda a vida, fora honesto e desprezara os homens que recorriam ao embuste e à fraude. Agora se comportava da maneira que sempre abominara. No final você vai compreender, comandante, pensou ele, mas desejou poder contar tudo agora.

Baker se virou para o posto de navegação e se debruçou sobre o mapa. Jack Ashford lançou um olhar perplexo para Eddie e apontou para o mapa, dizendo ao comandante:

– Estamos aqui.

Todo o plano se baseara na aterrissagem do Clipper no canal entre a costa e a ilha Grand Manan. Os gângsteres contavam com isso, e Eddie também. Porém, em emergências, as pessoas eram capazes fazer coisas estranhas. Se Baker irracionalmente escolhesse outro lugar, o engenheiro trataria de falar, ressaltando as vantagens do canal. O comandante ficaria desconfiado, mas acabaria aceitando a lógica; *e/le* é que estaria se comportando de forma estranha se pousasse em outro lugar. Só que não houve necessidade de interferência. Depois de um momento, Baker declarou:

– Aqui. Neste canal. É onde vamos descer.

Eddie lhes deu as costas para que ninguém percebesse sua expressão de triunfo. Estava um passo mais próximo de Carol-Ann.

Enquanto todos se concentravam nos procedimentos para o

pouso de emergência, ele olhou pela janela e tentou avaliar como se encontrava o mar. Avistou um pequeno barco branco, como um veleiro de pesca, balançando nas ondas. A água estava encapelada. A aterrissagem seria difícil. Nesse instante, ouviu uma voz que fez parar seu coração:

– Qual é a emergência?

Era Mickey subindo a escada para investigar. Eddie o encarou, dominado pelo horror. O assistente perceberia num instante que a válvula-F não tinha sido rearmada. Precisava se livrar dele o mais depressa possível. Mas Baker agiu primeiro:

– Saia daqui, Mickey! Os tripulantes em descanso devem ficar em seus lugares durante os pousos de emergência, e não circulando pelo avião, fazendo perguntas estúpidas.

Mickey saiu depressa e Eddie voltou a respirar com facilidade.

O avião perdia altura rapidamente, pois Baker queria se manter perto da água, para o caso de o combustível acabar antes do previsto.

Viraram para oeste para não sobrevoarem a ilha; todos morreriam se ficassem sem combustível sobre a terra. Momentos depois, estavam acima do canal.

As ondas eram grandes, com cerca de um metro e vinte, calculou Eddie. Acima de um metro, já era perigoso pousar. Ele trincou os dentes. Baker era um bom piloto, mas seria muito arriscado.

O avião desceu depressa. Eddie sentiu a fuselagem tocar na crista de uma onda alta. Continuaram voando por mais um instante, depois houve outro contato com o mar. O segundo impacto foi mais forte e o estômago do engenheiro afundou enquanto a enorme aeronave quicava.

Eddie temeu pela vida: era assim que ocorriam os desastres com hidroaviões.

Embora o Clipper ainda estivesse no ar, o impacto reduzira a velocidade aerodinâmica, por isso ele tinha pouco empuxo e, em

vez de deslizar pela água num ângulo mínimo, desceria com toda a força. Era a diferença entre um mergulho suave e uma tremenda barrigada. Só que a parte de baixo do avião era feita de alumínio fino, que podia se romper como um saco de papel.

Eddie ficou imóvel, aguardando mais um impacto. A aeronave bateu na água com um terrível estrondo. A água cobriu as janelas. Virado para o lado como estava, ele foi arremessado para a esquerda, mas conseguiu permanecer no assento. Voltado para a frente, Ben Thompson bateu com a cabeça em seu microfone. Eddie achou que o avião ia se arrebentar. Se uma asa afundasse, seria o fim.

Um segundo passou, depois outro. Os gritos dos passageiros apavorados subiam pela escada. O Clipper tornou a levantar, saindo um pouco da água e avançando, com a redução da resistência. Quando tornou a mergulhar, Eddie foi outra vez jogado para o lado.

Mas o avião se mantinha nivelado e ele começou a acreditar que fossem conseguir. A água não mais bloqueava as janelas e Eddie vislumbrou o mar. Os motores ainda roncavam, logo não estavam submersos.

O Clipper foi diminuindo a velocidade gradativamente. Segundo a segundo, o engenheiro sentia-se mais seguro, até que o avião parou, balançando nas ondas. Pelos fones, Eddie ouviu o comandante exclamar:

– Meu Deus, foi mais difícil do que eu esperava!

O resto da tripulação riu, no maior alívio. Eddie se levantou e olhou por todas as janelas, procurando algum barco. O sol brilhava, embora houvesse nuvens de chuva no céu. A visibilidade era boa, mas ele não avistou qualquer embarcação. Talvez a lancha estivesse atrás do Clipper, fora de vista.

Tornou a se sentar em seu lugar e desligou os motores. Ben emitiu um pedido de socorro.

– É melhor eu descer e tranquilizar os passageiros – disse o

comandante.

Ele se foi. Ben obteve uma resposta e Eddie torceu para que fosse das pessoas que vinham resgatar Gordino.

Não podia esperar para descobrir. Adiantou-se, abriu a escotilha na cabine e desceu a escada para o compartimento de proa para uma plataforma. Teve que se segurar na moldura da porta para manter o equilíbrio em meio às ondas que passavam sobre os hidroestabilizadores, algumas altas o bastante para alcançar seus pés. O sol ia e vinha, às vezes oculto pelas nuvens, e soprava uma brisa forte. Eddie examinou com atenção a fuselagem e as asas: não percebeu nenhuma avaria. O enorme avião parecia ter sobrevivido incólume.

Ele soltou a âncora, depois esquadrinhou o mar. Onde estavam os companheiros de Luther? E se algo desse errado? E se não aparecessem? Mas enfim avistou uma lancha ao longe. Seu coração disparou. Seria aquela? E Carol-Ann estaria a bordo? Começou a ficar preocupado com a possibilidade de ser outra embarcação se aproximando do avião por curiosidade, o que interferiria em seu plano.

A lancha vinha depressa, subindo e descendo nas ondas. Eddie deveria retornar a seu posto no convés de voo depois de lançar a âncora e averiguar os danos, mas não foi capaz de se mexer. Ficou olhando fixamente para a embarcação, como se hipnotizado. Era grande e veloz, com a casa do leme coberta. Ele sabia que avançava a 25 ou 30 nós, mas sua aparente lentidão dava nos nervos. Algumas pessoas estavam no convés. Não demorou muito para que pusesse contá-las: quatro. Notou que uma era menor do que as outras. O grupo parecia ser constituído por três homens em ternos escuros e uma mulher num casaco azul. Carol-Ann tinha um casaco azul.

Eddie achava que era ela, mas não podia ter certeza. A mulher tinha cabelos louros e um corpo franzino, como sua esposa. Estava afastada dos demais. Todos os quatro se

debruçavam na amurada, olhando para o Clipper. A espera era insuportável. De repente, o sol surgiu de trás de uma nuvem e a mulher ergueu a mão para o rosto, a fim de proteger os olhos. Algo no gesto tocou fundo no coração de Eddie e ele teve certeza de que era a esposa.

– Carol-Ann!

Um ímpeto de empolgação o dominou e ele esqueceu por um momento os perigos que ambos ainda enfrentavam, cedendo à alegria de revê-la. Levantou os braços e acenou, feliz.

– Carol-Ann! Carol-Ann!

Ela não podia ouvi-lo, mas conseguia vê-lo. Estremeceu de surpresa, hesitou, como se não tivesse certeza de que era mesmo o marido. Depois, acenou em resposta, um pouco tímida a princípio, então vigorosamente.

Se ela era capaz de gesticular assim, devia estar bem, pensou Eddie, sentindo-se tão fraco quanto um bebê, de alívio e gratidão.

Mas logo lembrou que a situação ainda não chegara ao fim. Tinha mais coisas a fazer. Acenou mais uma vez e depois, relutante, tornou a entrar.

Eddie emergiu na cabine de voo no momento em que o comandante vinha do convés de passageiros.

– Alguma avaria? – indagou Baker.

– Absolutamente nada, até onde pude verificar.

O comandante se virou para Ben, que informou:

– Nosso Mayday foi respondido por diversos navios, mas a embarcação mais próxima é uma lancha de passeio, que agora se aproxima a bombordo. É bem provável que você já possa avistá-la.

Baker olhou pelas janelas e de fato a viu.

– Não vai adiantar. Temos que ser rebocados. Tente fazer contato com a Guarda Costeira.

– As pessoas na lancha querem vir a bordo – informou o

operador de rádio.

– Negativo.

Eddie ficou consternado. Era essencial que eles subissem no Clipper.

– É perigoso demais – insistiu o comandante. – Não quero uma lancha presa ao avião, porque pode danificar a fuselagem. E, se tentarmos transferir pessoas com essas ondas, é inevitável que alguém acabe caindo no mar. Diga a eles que agradecemos a oferta, mas não têm como nos ajudar.

Eddie não previra isso. Assumiu uma expressão despreocupada para encobrir a súbita ansiedade. Que se danassem os danos ao avião, a quadrilha de Luther precisava entrar! Mas seria muito difícil sem ajuda no interior do Clipper.

Mesmo com auxílio, já seria um pesadelo tentar embarcar pelas portas normais, refletiu Eddie. As ondas chegavam à metade da altura delas; ninguém conseguiria ficar de pé no hidroestabilizador sem se segurar numa corda e a água entraria pelo lounge quando a porta fosse aberta. Isso não ocorrera a Eddie porque o Clipper só pousava em mar bem calmo.

Então como iriam embarcar?

Teriam que passar pela escotilha dianteira.

– Já disse que não podem embarcar, comandante – informou Ben –, mas parece que não me deram atenção.

Eddie olhou para fora. A lancha circulava o avião.

– Vamos ignorá-los – determinou Baker.

Eddie se levantou e foi para a parte da frente. Quando ele alcançou a escada que descia para o compartimento de proa, o comandante indagou de forma ríspida:

– Para onde vai?

– Preciso verificar a âncora – respondeu Eddie vagamente, seguindo em frente sem esperar por uma resposta.

– Esse sujeito está *liquidado* – disse Baker.

Eu já sabia disso, pensou Eddie, com um aperto no coração.

Ele saiu para a plataforma. A lancha estava a 10 ou 15 metros do nariz do Clipper. Podia ver Carol-Ann na amurada. Ela usava um vestido velho e sapatos de salto baixo, como se fosse realizar tarefas domésticas. Pusera seu melhor casaco por cima das roupas de trabalho ao ser sequestrada. Eddie conseguia observar seu rosto agora. Ela parecia pálida e esgotada. Ele sentiu a raiva ferver. Não pagar por isso, pensou.

Acenou para a lancha e levantou o cabrestante, apontando para ele e gesticulando para que lançassem um cabo. Teve que repetir a mímica várias vezes até que os homens entendessem. Eddie calculou que não eram marujos experientes. Pareciam deslocados na embarcação, em seus ternos trespassados, segurando os chapéus para que não voassem com o vento. O sujeito na casa do leme, provavelmente no comando da lancha, estava ocupado com os controles, tentando mantê-la no nível do avião. Por fim, um dos homens de terno fez um gesto de reconhecimento e pegou uma corda, mas não foi muito competente ao lançá-la: teve que fazer três ou quatro tentativas antes que Eddie conseguisse agarrá-la.

O engenheiro prendeu-a no cabrestante. Os sujeitos na lancha puxaram, aproximando-a do avião. Como era mais leve, a embarcação subia e descia mais nas ondas. Prendê-la ao Clipper seria difícil e perigoso.

– Eddie, que diabo está fazendo? – indagou Mickey subitamente atrás dele.

O engenheiro se virou. Seu assistente estava no compartimento de proa, fitando-o com uma expressão preocupada no rosto sardento.

– Não se meta, Mickey! Estou avisando: se você interferir, muitas pessoas sairão feridas!

O jovem parecia apavorado.

– Está bem, está bem, como quiser.

Ele recuou para a cabine de voo, convencido de que o colega

enlouquecera.

Eddie tornou a se virar para a lancha. Estava bem perto agora. Examinou os três homens. Um era muito jovem; não devia ter mais que 18 anos. Outro era mais velho, baixo e magro, com um cigarro pendurado no canto da boca. O terceiro, de terno preto de risca de giz, parecia estar no comando.

Precisariam de duas cordas para segurar a lancha com firmeza. Levou as mãos à boca para propagar mais o som e gritou:

– Joguem outra corda!

O homem de risca de giz pegou uma corda na proa, ao lado da que já estavam usando. Não serviria: precisavam de uma em cada extremidade da lancha, a fim de formar um triângulo.

– Não, essa não! – gritou Eddie. – Jogue uma da popa!

O homem entendeu. Dessa vez, Eddie pegou a corda no primeiro lançamento. Puxou-a para o interior do avião e amarrou-a numa longarina.

Com um gângster puxando cada corda, a lancha logo ficou mais perto. De repente, os motores foram desligados e um sujeito de macacão saiu da casa do leme e passou a orientar a manobra. Era obviamente um marujo.

Eddie ouviu outra voz às suas costas, no interior do compartimento de proa. Dessa vez era Baker:

– Eddie, você está desobedecendo a uma ordem expressa!

O engenheiro o ignorou, rezando para que ele não interferisse por mais alguns momentos. A lancha chegara o mais próximo possível. Seu comandante enrolou as cordas em escoras no convés, deixando-as frouxas o suficiente para que a embarcação pudesse oscilar nas ondas. Para embarcar no Clipper, os homens precisariam esperar que uma onda colocasse o convés no mesmo nível da plataforma, assim poderiam pular, um após o outro. Para manter o equilíbrio, teriam que se segurar na corda estendida da popa da lancha ao interior do compartimento de

proa.

– Deakin! – berrou o comandante. – Entre aqui!

O marujo abriu um portão na amurada e o gângster de terno de risca se preparou para saltar. Eddie sentiu a mão de Baker agarrar seu casaco por trás. O sujeito percebeu o que estava acontecendo e enfiou a mão no paletó.

O pior pesadelo de Eddie era que um dos tripulantes decidisse bancar o herói e acabasse morto. Gostaria de contar sobre o barco da Marinha enviado por Steve Appleby, mas tinha medo de que um deles deixasse escapar a informação acidentalmente, alertando os gângsteres. Por isso, precisava fazer tudo sozinho, manter a situação sob controle. Virou-se para Baker e berrou:

– Não se meta, comandante! Esses miseráveis estão armados!

Baker ficou chocado. Olhou para o gângster, depois desapareceu. Eddie se virou e viu o homem de terno risca de giz guardando uma pistola no bolso do paletó. Espero evitar que esses bandidos atirem em alguém, pensou Eddie, assustado. Se alguém morrer, será minha culpa.

A lancha subiu com uma onda e o convés ficou um pouco acima da plataforma. O gângster segurou a corda, hesitou, depois saltou. O engenheiro o amparou.

– Você é Eddie? – indagou o sujeito.

Eddie reconheceu a voz – ouvira-a pelo telefone. Recordou o nome do homem: Vincini. Eddie o insultara, mas agora estava arrependido, pois precisava de sua cooperação.

– Quero colaborar com você, Vincini. Se quer que tudo corra bem, não crie problemas, deixe-me ajudá-lo.

Vincini lançou-lhe um olhar duro antes de concordar:

– Está certo. Mas, se fizer qualquer movimento em falso, será um homem morto.

Seu tom de voz era firme, incisivo, sem transparecer qualquer

sinal de ressentimento. Ele sem dúvida tinha muita coisa com que se preocupar agora para se lembrar de pequenos insultos.

– Entre e espere enquanto ajudo os outros a embarcarem.

– Ok. – Vincini se virou para a lancha. – Joe... você agora. O Kid em seguida. A mulher por último.

Ele entrou no compartimento de proa. Olhando para trás, Eddie viu Baker subindo a escada para a cabine de voo. Vincini sacou a arma e ordenou:

– Fique onde está.

– Obedeça, comandante, pelo amor de Deus! – suplicou Eddie. – Esses sujeitos são perigosos.

Baker desceu a escada e levantou os braços. Eddie olhou para a lancha. O nanico chamado Joe estava parado na amurada, apavorado.

– Não sei nadar! – gritou ele, com a voz rouca.

– Nem precisa – disse Eddie, estendendo a mão.

Joe saltou, agarrou sua mão e cambaleou para o compartimento de proa.

O garoto foi o último. Depois de testemunhar a passagem sem dificuldades dos outros dois, estava com excesso de confiança.

– Também não sei nadar – comentou, abrindo um sorriso torto.

Ele pulou cedo demais, pisou na beira da plataforma, perdeu o equilíbrio e cambaleou para trás. Eddie se inclinou, segurando a corda com a mão esquerda, e agarrou o garoto pela cintura da calça.

– Caramba, obrigado! – agradeceu ele, como se Eddie só tivesse lhe dado uma mãozinha, e não salvado sua vida.

Carol-Ann se adiantou para o convés da lancha, olhando assustada para a plataforma. Ela não costumava ser medrosa, mas Eddie compreendeu que a quase queda de Kid a deixara apreensiva. Ele sorriu e disse:

– Faça a mesma coisa que eles, querida. Você vai conseguir.
Carol-Ann assentiu e segurou a corda.

Eddie esperou, com o coração na boca. Uma onda fez com que a lancha ficasse no nível da plataforma. Carol-Ann hesitou, perdeu a oportunidade e se apavorou ainda mais.

– Não se apresse! – gritou Eddie, mantendo a voz calma para disfarçar o próprio medo. – Só salte quando estiver preparada!

A lancha desceu e subiu de novo. Carol-Ann exibia uma expressão de determinação forçada, os lábios comprimidos, a testa franzida. A embarcação se afastou mais meio metro do avião e, agora, a distância para a aeronave era muito grande. Eddie gritou “Talvez não agora...”, mas tarde demais. Carol-Ann estava tão decidida a mostrar coragem que pulou assim mesmo.

E errou totalmente a plataforma.

Soltou um grito de terror e balançou na corda, debatendo-se no ar.

Eddie não podia fazer nada enquanto a lancha descia na onda e Carol-Ann ficava abaixo da plataforma.

– Segure firme! – berrou, frenético. – Você já vai subir!

Ele estava disposto a pular no mar para salvá-la caso ela não se segurasse.

Mas Carol-Ann se agarrava à corda em desespero enquanto a onda tornava a levantá-la. Ao chegar ao nível da plataforma, estendeu uma perna em sua direção, sem sucesso. Eddie se ajoelhou, tentou pegá-la. Quase perdeu o equilíbrio e caiu no mar, mas não conseguiu alcançar Carol-Ann. A onda voltou a levá-la para baixo e ela soltou um grito de pânico.

– Balance! – berrou Eddie. – Balance para a frente e para trás ao subir!

Carol-Ann rangia os dentes por causa da dor nos braços, mas conseguiu seguir as instruções do marido enquanto uma nova onda levantava a lancha. Eddie ficou de joelhos, inclinando-se. Ao se nivelar com a plataforma, balançou com toda a força e

pegou o tornozelo dela. A esposa estava sem meias. Ele puxou, agarrou o outro tornozelo, mas os pés de Carol-Ann ainda não alcançavam a plataforma. A lancha chegou à crista da onda e começou a descer. Ela gritou ao sentir que descia de novo. Eddie ainda a segurava pelos tornozelos. E foi então que a esposa largou a corda.

Eddie aguentou firme. Enquanto Carol-Ann caía, ele foi puxado para a frente por seu peso e quase mergulhou no canal, mas conseguiu desabar de barriga na plataforma e permanecer ali. Agora ela estava pendurada de cabeça para baixo. Nessa posição, Eddie não podia erguê-la. Mas o mar ajudou. A onda seguinte submergiu a cabeça de Carol-Ann, mas levantou-a. Ele soltou um tornozelo, libertando a mão direita, e passou o braço pela cintura da mulher.

Já a segurava com firmeza. Ele descansou por um instante, dizendo “Está tudo bem agora, querida, já a peguei” enquanto ela tossia e cuspiam água. Então Eddie a puxou para a plataforma.

Eddie segurou sua mão, observando-a se virar e se levantar, e ajudou-a a entrar no compartimento de proa.

Carol-Ann caiu em seus braços, soluçando. Ele aninhou a cabeça encharcada da esposa no peito. Sentiu as lágrimas aflorarem, mas tratou de contê-las. Os três gângsteres e o comandante o fitavam, na expectativa, mas ele os ignorou por mais um instante. Abraçou firmemente a mulher, que tremia de forma incontrolável.

– Você está bem, querida? – murmurou Eddie. – Esses miseráveis a machucaram?

Ela balançou a cabeça.

– Estou bem, acho – respondeu, batendo os dentes.

Eddie ergueu os olhos e fitou Baker. Olhando de Carol-Ann para ele, o comandante exclamou:

– Meu Deus! Agora estou entendendo...

– Já chega de conversa – interveio Vincini. – Temos um

trabalho a fazer.

Eddie soltou Carol-Ann.

– Muito bem. Acho que devemos lidar primeiro com os tripulantes, acalmá-los para que não interfiram. E depois vou levá-los ao homem que querem. Está bem assim?

– Ok, mas vamos logo com isso.

– Venham comigo.

Eddie galgou a escada. Ao emergir no convés de voo, pôs-se a falar no mesmo instante. Nos poucos segundos antes que Vincini subisse, o engenheiro disse:

– Quero que me escutem, todos vocês. Por favor, ninguém deve tentar bancar o herói. *Não é necessário*. Espero que tenham entendido.

Ele não podia arriscar mais do que uma insinuação. Um momento depois, Carol-Ann, Baker e os três bandidos passaram pela escotilha.

– Mantenham-se calmos e façam o que eles mandarem – acrescentou Eddie. – Não quero tiros, não quero que ninguém saia ferido. O comandante vai dizer o mesmo.

Ele olhou para Baker, que declarou:

– É isso mesmo, pessoal. Não deem a esses homens qualquer motivo para usarem as armas.

Eddie se virou para Vincini.

– Muito bem, vamos embora. Venha conosco, por favor, comandante, para acalmar os passageiros. Joe e Kid devem levar os tripulantes para o primeiro compartimento.

Vincini assentiu.

– Carol-Ann, querida, quer ir com a tripulação?

– Está bem.

Eddie sentiu-se melhor. Ela ficaria longe das armas e também poderia explicar aos colegas do marido por que ele ajudara os gângsteres. Eddie tornou a olhar para Vincini.

– Poderia guardar a arma? Vai assustar os passageiros...

– Vá se foder. Vamos embora.

Eddie deu de ombros – pelo menos havia tentado.

Foi na frente, descendo a escada para o convés de passageiros. Ouviam-se um burburinho alto, algumas risadas histéricas e o choro de uma mulher. Todos os passageiros estavam em seus lugares, com os cintos de segurança afivelados, e os dois comissários faziam esforços heroicos para parecerem calmos e normais.

Eddie avançou pelo avião. O lounge estava uma bagunça só, com louça quebrada pelo chão. Por sorte, quase não havia caído comida, pois a refeição praticamente já terminara no momento do pouso e os passageiros tomavam café. Ao verem a arma de Vincini, as pessoas ficavam em silêncio. Atrás do gângster, o comandante ia dizendo:

– Peço desculpas, senhoras e senhores, mas, por favor, permaneçam nos seus lugares e tentem se manter calmos. Tudo terminará num instante.

Ele se mostrava tão tranquilizador que o próprio Eddie quase se sentiu melhor.

Passou pelo terceiro compartimento e entrou no seguinte. Ollis Field e Frankie Gordino sentavam-se ali, lado a lado. É agora. Este é o momento em que dou liberdade a um assassino, lamentou-se. Afastando o pensamento, apontou para o criminoso e falou a Vincini:

– Aí está o seu homem.

Field se levantou e revelou:

– Este é o agente do FBI Tommy McArdle. Frankie Gordino atravessou o Atlântico num navio que chegou ontem a Nova York e se encontra agora na prisão em Providence, Rhode Island.

– Meu Deus! – exclamou Eddie, atordoado. – Sofri tudo isso por causa de uma fraude!

Ele não ia libertar um assassino, no fim das contas, mas estava muito assustado, imaginando o que os gângsteres

poderiam fazer agora. Olhou apreensivo para Vincini, que retrucou:

– Ora, não estamos atrás de Frankie. Onde está o Chucrute?

Eddie o encarou, espantado. Não estavam atrás de Gordino? O que significava aquilo? Quem era Chucrute?

– Ele está aqui, Vincini – soou a voz de Tom Luther, vinda do terceiro compartimento. – Já o peguei.

Luther se encontrava na entrada do reservado, apontando uma arma para a cabeça de Carl Hartmann.

Eddie estava totalmente perplexo. Por que a quadrilha de Patriarca iria querer sequestrar o alemão?

– O que vocês querem com um cientista?

– Ele não é apenas cientista: é um físico nuclear – explicou Luther.

– Vocês são nazistas?

– Claro que não – respondeu Vincini. – Apenas estamos fazendo um trabalho para eles. Para ser franco, sou democrata.

Ele deu uma risada áspera:

– Não sou democrata – disse Luther com frieza. – Orgulho-me de pertencer à Deutsch-Amerikaner Bund.

Eddie já ouvira falar dela: era supostamente uma inofensiva associação que defendia a parceria germano-americana, mas fora fundada pelos nazistas.

– Esses homens são apenas contratados – acrescentou Luther. – Recebi uma mensagem pessoal do Führer solicitando minha ajuda para capturar um cientista fugitivo e levá-lo de volta à Alemanha.

Ele se orgulhava dessa honra, percebeu Eddie: era a coisa mais importante que já lhe acontecera.

– Paguei a essas pessoas para me ajudarem e agora levarei Herr Doktor Hartmann, pois o Terceiro Reich requer sua presença.

Eddie encarou o cientista, que parecia nauseado de medo.

Foi dominado pela culpa. Hartmann retornaria à Alemanha nazista e Eddie era o culpado.

– Eles pegaram minha esposa... – murmurou. – O que eu podia fazer?

– Eu compreendo – respondeu o homem, mudando a expressão no mesmo instante. – Estamos acostumados a esse tipo de coisa na Alemanha. Obrigam você a trair uma lealdade por causa de outra. Você não tinha alternativa. Não se culpe.

Eddie ficou atônito ao constatar que ele ainda conseguia consolar outra pessoa num momento como aquele. Olhando para Field, perguntou:

– Mas por que trouxe um impostor para o Clipper? Queria que a quadrilha de Patriarca sequestrasse o avião?

– Claro que não. Recebemos a informação de que a quadrilha queria matar Gordino para impedi-lo de falar. Pretendiam liquidá-lo assim que chegasse aos Estados Unidos. Por isso espalhamos a notícia de que ele voaria no Clipper, mas o despachamos antes de navio. A esta altura, já deu no rádio a notícia de que Gordino está na prisão e a quadrilha saberá que foi enganada.

– E por que não estão protegendo Carl Hartmann?

– Não sabíamos que ele estaria neste voo... Ninguém nos avisou!

Será que o cientista estava completamente desprotegido?, especulou Eddie. Ou tinha um guarda-costas que ainda não se revelara?

Joe entrou no compartimento com a arma na mão direita e uma garrafa de champanhe aberta na esquerda.

– Estão quietos como cordeirinhos, Vinnie. Kid está lá atrás, na sala de jantar, de onde pode cobrir toda a parte da frente do avião.

– Onde está a porra do submarino? – perguntou Vincini a Luther.

– Chegará aqui a qualquer momento, tenho certeza.

Um submarino! Luther marcara um encontro com um submarino alemão ao largo da costa do Maine! Eddie olhou pelas janelas, esperando vê-lo emergir como uma baleia de aço, mas só avistou as ondas.

– Já cumprimos a nossa parte – disse Vincini. – Agora me dê o dinheiro.

Mantendo Hartmann sob a mira da arma, Luther recuou para seu assento, pegou uma maleta e a entregou a Vincini. O bandido a abriu; estava cheia de maços de notas.

– São 100 mil dólares, tudo em notas de 20 – avisou Luther.

– É melhor eu conferir.

Vincini guardou a arma no bolso e se sentou com a valise nos joelhos.

– Vai levar uma eternidade... – protestou Luther.

– Pensa que sou idiota? – rebateu o gângster, num tom de exagerada paciência. – Vou verificar dois maços, depois contar quantos tem aqui. Já fiz isso antes.

Todos ficaram observando Vincini contar o dinheiro. Os passageiros do compartimento – a princesa Lavinia, Lulu Bell, Mark Alder, Diana Lovesey, Ollis Field e Tommy McArdle – não desviavam os olhos. Joe reconheceu a atriz:

– Ei, você não é artista de cinema?

Lulu virou o rosto, ignorando-o. Joe tomou um gole da garrafa, depois ofereceu-a a Diana Lovesey. Ela empalideceu e se encolheu.

– Tem toda a razão, esta porcaria não vale o preço que cobram – comentou Joe.

Ele se inclinou e despejou a champanhe no vestido creme e vermelho de Diana. Ela soltou um grito de aflição e empurrou a mão do gângster. O vestido grudou nos seios, revelador. Eddie ficou consternado; era o tipo de situação que podia levar a atitudes violentas.

– Pare com isso.

Joe não lhe deu atenção.

– Grandes tetas! – berrou ele, largando a garrafa e apertando um dos seios dela com força.

Diana gritou. Tentando soltar o cinto de segurança, Mark ameaçou:

– Não toque nela, seu canalha...

Com um movimento surpreendentemente rápido, o gângster o acertou na boca com a arma. O sangue esguichou dos lábios de Mark.

– Pelo amor de Deus, Vincini – suplicou Eddie –, mande-o parar com isso!

– Se uma garota assim ainda não teve os peitos apertados, já está mais do que na hora – retrucou o bandido.

Joe enfiou a mão pela frente do vestido de Diana. Ela se debateu para escapar, mas estava presa no assento.

Mark conseguiu soltar o cinto, mas, no momento em que se levantava, Joe o acertou de novo. Dessa vez a coronha o atingiu no canto do olho. O criminoso o golpeou no estômago com o punho esquerdo, depois bateu em seu rosto com a arma pela terceira vez. O sangue escorria dos ferimentos nos olhos de Mark, deixando-o cego. As mulheres gritavam.

Eddie sentia-se transtornado. Sua intenção sempre fora evitar derramamento de sangue e Joe estava prestes a golpear Mark outra vez. Não podia mais suportar aquilo. Mesmo sabendo que corria risco de vida, agarrou o pequeno gângster por trás, imobilizando seus braços.

Joe se debateu, tentando apontar a arma para Eddie, que o segurava firme. O homem puxou o gatilho. Naquele espaço confinado, o barulho foi ensurdecedor, mas a pistola estava apontava para baixo e a bala atravessou o chão.

O primeiro tiro fora disparado. Eddie teve um pressentimento terrível de que logo perderia o controle da situação. Se isso acontecesse, poderia haver um banho de sangue. Mas Vincini

acabou interferindo:

– Pare com isso, Joe!

O homem ficou quieto. Eddie o largou.

Joe lhe lançou um olhar venenoso, mas não disse nada.

– Podemos ir embora – acrescentou Vincini. – O dinheiro está todo aqui.

Eddie vislumbrou um raio de esperança. Se fossem embora agora, pelo menos a violência acabaria. Vão logo, pensou. Pelo amor de Deus, vão logo!

– Leve essa mulher com você, se quiser, Joe – sugeriu o chefe. – Eu mesmo posso me divertir um pouco com ela... Prefiro esta à esposa esquelética do engenheiro de voo.

Ele se levantou e Diana gritou:

– Não! Não!

Joe desafiou o cinto de segurança dela e a agarrou pelos cabelos. Mark ficou de pé, tentando remover o sangue dos olhos. Eddie o segurou, contendo-o.

– Não se mate! – Baixando a voz, acrescentou: – Vai acabar tudo bem, prometo.

Ele queria contar a Mark que a lancha da quadrilha seria detida por um barco da Marinha americana antes que os homens tivessem tempo de fazer qualquer coisa com Diana, mas teve medo de ser ouvido por Vincini. Joe apontou a arma para Mark e disse a Diana:

– Você vai conosco ou seu namorado leva uma bala entre os olhos.

Ela ficou imóvel e desatou a chorar.

– Vou com você, Vincini – disse Luther. – Meu submarino não conseguiu chegar aqui.

– Sabia que não chegaria – comentou o gângster. – Não podem se aproximar tanto dos Estados Unidos.

Vincini não sabia nada de submarinos. Eddie imaginava o motivo para o veículo de resgate não aparecer: seu comandante

avistara o barco de Steve Appleby patrulhando o canal. Provavelmente se encontrava por perto naquele momento, monitorando a conversa da embarcação, torcendo para que fosse patrulhar outra área.

A decisão de Luther de fugir com os gângsteres deixou Eddie mais animado. A lancha dos bandidos seguiria para a armadilha de Steve; se Luther e Hartmann partissem nela, o cientista seria salvo. Se tudo aquilo pudesse terminar sem nada pior que uns poucos pontos no rosto de Mark Alder, Eddie ficaria feliz.

– Vamos embora – disse Vincini. – Luther na frente, depois Chucrute, Kid, eu, o engenheiro aqui... quero você perto de mim até sair desta banheira... então Joe com a loura. Vamos logo!

Mark começou a se debater nos braços de Eddie. Vincini se virou para Field e McArdle.

– Querem segurar esse camarada ou preferem que Joe atire nele?

Os dois seguraram Mark e o mantiveram imobilizado. Eddie saiu atrás de Vincini. Os passageiros no terceiro compartimento e na sala de jantar o contemplavam com os olhos arregalados.

Quando Vincini entrou no segundo reservado, o Sr. Membury sacou um revólver e o apontou para ele.

– Parem agora! Fiquem todos quietos ou atiro no seu chefe!

Eddie deu um passo para trás, a fim de sair da linha de tiro. Vincini empalideceu e disse:

– Muito bem, pessoal, ninguém se mexe.

Kid se virou e disparou duas vezes. Membury caiu. Vincini se voltou para o garoto, furioso.

– Seu imbecil! Ele poderia ter me matado!

– Não ouviu a voz dele? Era um inglês.

– E daí, porra?

– Já vi todos os filmes e ninguém nunca leva tiro de um inglês.

Eddie se ajoelhou ao lado de Membury. As balas haviam

acertado o peito e o sangue era da mesma cor do colete.

– Quem é você? – indagou Eddie.

– Scotland Yard, Serviço Especial – sussurrou o homem. – Designado para proteger Hartmann.

Portanto, o cientista não estava completamente desprotegido, pensou Eddie.

– Um lamentável fracasso – falou Membury, num sussurro rouco.

Seus olhos se fecharam e ele parou de respirar. Eddie praguejou. Jurara a si mesmo que tiraria os gângsteres do avião sem que ninguém fosse ferido gravemente. Chegara bem perto de conseguir. Agora, aquele bravo policial estava morto.

– Tão desnecessário... – comentou Eddie em voz alta.

– Por que parece tão certo de que ninguém precisa bancar o herói? – ouviu Vincini dizer.

Eddie olhou para cima. O gângster o fitava com desconfiança e hostilidade. Meu Deus, acho que ele quer me matar!, pensou Eddie.

– Sabe de alguma coisa que nós ignoramos? – insistiu Vincini.

Eddie não sabia o que responder. Nesse momento, o marujo da lancha desceu apressado a escada e entrou no compartimento.

– Ei, Vinnie, Willard acabou de me dizer...

– Falei para ele não usar aquele rádio, só se fosse emergência!

– É uma emergência... Um navio da Marinha está indo de um lado para outro perto da praia, como se procurasse alguém.

O coração de Eddie parou. Não pensara nessa possibilidade. A quadrilha tinha uma sentinela na praia, com um rádio de ondas curtas para se comunicar com a lancha. E agora Vincini sabia da armadilha.

Estava tudo acabado e Eddie perdera.

– Você me traiu – disse Vincini ao engenheiro. – Vou matá-lo, seu filho da puta!

Eddie olhou para Baker, que entendeu tudo, demonstrando um respeito surpreso.

Vincini apontou a arma para Eddie.

Fiz o melhor que podia, e todos sabem disso, pensou ele. Não me importo se morrer agora.

Foi nesse instante que Luther falou:

– Vincini, escute! Não está ouvindo?

Todos ficaram em silêncio. Eddie escutou o som de outra aeronave. Luther olhou pela janela.

– É um hidroavião descendo aqui perto!

Vincini baixou o revólver. Eddie sentiu as pernas bambas. O gângster também olhou para fora. Lá estava o Grumman Goose que estivera atracado em Shediac. O bimotor pousou ao longo de uma onda e parou logo depois.

– E daí? – retrucou o criminoso. – Se eles se meterem em nosso caminho, vamos matar os sacanas.

– Você não está entendendo! – exclamou Luther, empolgado. – É a nossa chance de fugir! Podemos sobrevoar o navio da Marinha e escapar!

Vincini assentiu lentamente.

– Boa ideia. É o que vamos fazer.

Eddie compreendeu que eles iam se livrar. Sua vida fora salva, mas ele acabara fracassando.

CAPÍTULO VINTE E OITO

NANCY LENEHAN ENCONTROU a resposta para seu problema enquanto voava pela costa canadense no hidroavião fretado.

Queria derrotar o irmão, mas também escapar do plano implacável do pai para sua vida. Desejava ficar com Mervyn, mas tinha medo de acabar se tornando uma dona de casa entediada como Diana caso deixasse a Black's Boots e fosse para a Inglaterra.

Nat Ridgeway dissera que estava disposto a fazer uma oferta maior pela empresa e dar a Nancy um emprego. Ela lembrou que a General Textiles possuía diversas fábricas na Europa, a maioria na Inglaterra, e que Ridgeway não poderia visitá-las até que a guerra terminasse, ou seja, talvez demorasse anos. Portanto, proporia a sua indicação para gerente europeia. Dessa maneira, poderia continuar com Mervyn e ainda permanecer no trabalho.

A solução era perfeita. O único problema era que a Europa estava em guerra e ela poderia morrer.

Refletia sobre essa possibilidade distante mas assustadora quando Mervyn se virou no assento do copiloto e apontou para baixo, pela janela. Nancy avistou o Clipper flutuando.

Ele tentou entrar em contato com o avião pelo rádio, mas não obteve resposta. Nancy esqueceu os próprios problemas enquanto o Goose sobrevoava o Clipper. O que teria acontecido? As pessoas a bordo estariam bem? A aeronave parecia incólume, mas não havia sinal de vida.

Mervyn se voltou para ela e gritou acima do barulho dos motores:

– Precisamos descer para verificar se precisam de ajuda!

Nancy assentiu vigorosamente.

– Segure-se firme! Pode ser um pouso difícil por causa das ondas!

Ela afivelou o cinto de segurança e olhou para fora. O mar estava encapelado, havia longas ondas. O piloto, Ned, desceu o hidroavião numa linha paralela às cristas. A fuselagem tocou a parte posterior de uma onda e o bimotor deslizou por ela como se fosse um surfista. Não tinha sido tão complicado quanto Nancy receara.

Havia uma lancha presa ao nariz do Clipper. Um homem de macacão e quepe apareceu no convés e acenou para o Goose. Nancy imaginou que ele queria que o hidroavião atracasse ao lado da lancha. A escotilha de proa do Clipper se encontrava aberta, o que indicava que deveriam entrar por ali. Nancy percebeu o motivo: as ondas passavam por cima dos hidroestabilizadores e seria arriscado embarcar pela porta normal.

Ned aproximou o bimotor da lancha. Nancy sabia que era uma manobra perigosa naquele mar revolto. Mas o Goose tinha as asas altas, acima da superestrutura da embarcação, o que lhes permitia encostar, deixando a fuselagem bater nos pneus pendurados na lateral do barco. O homem no convés amarrou o pequeno hidroavião à lancha pela proa e pela popa.

Enquanto Ned desligava os motores, Mervyn passou para trás, abriu a porta e estendeu a prancha de desembarque.

– É melhor eu ficar com meu avião – disse Ned. – Saia você e descubra o que está acontecendo.

– Também vou – falou Nancy.

Como o Goose estava preso por cordas à lancha, os dois subiam e desciam em sincronia nas ondas e a prancha não se deslocava muito. Mervyn desembarcou primeiro e estendeu a mão para Nancy. Quando se encontravam no convés, ele perguntou ao homem da embarcação:

– O que aconteceu?

– Eles tiveram problemas de combustível e foram obrigados a pousar.

– Não consegui fazer contato pelo rádio.

O homem deu de ombros.

– É melhor vocês entrarem.

Para passar da lancha ao Clipper, era necessário dar um pequeno salto do convés para a plataforma. Mais uma vez, Mervyn foi primeiro. Nancy tirou os sapatos, deixou-os nos bolsos do casaco e pulou também. Ficou um pouco nervosa, mas descobriu que era relativamente fácil.

No compartimento de proa estava um jovem que ela não reconheceu.

– O que aconteceu aqui? – perguntou Mervyn.

– Pouso de emergência. Estávamos pescando, vimos tudo.

– Qual é o problema com o rádio?

– Não sei.

O jovem não era dos mais inteligentes, concluiu Nancy. Mervyn devia ter pensado o mesmo, pois disse, impaciente:

– É melhor eu falar com o comandante.

– Desça por aqui... Estão todos na sala de jantar.

Sapatos bicolores e gravata amarela não eram adequados para uma pescaria, pensou Nancy, divertindo-se. Seguiu Mervyn pela escada até o convés de voo, que estava vazio. Isso explicava por que ele não conseguira fazer contato com o Clipper pelo rádio. Mas por que todos se encontravam na sala de jantar? Era estranho que todos os tripulantes deixassem a cabine.

Enquanto descia, ela começou a se sentir apreensiva. Mervyn entrou primeiro no segundo compartimento e estacou abruptamente.

Olhando além dele, Nancy avistou o Sr. Membury caído no chão, numa poça de sangue. Ela levou a mão à boca para conter um grito de horror.

– Meu Deus, o que está acontecendo aqui? – murmurou Mervyn.

Atrás deles, o jovem de gravata amarela ordenou:

– Continuem andando.

Agora sua voz era ríspida. Nancy se virou e descobriu que ele tinha um revólver na mão.

– Foi você quem fez isso? – perguntou ela, furiosa.

– Cale a porra da boca e continuem andando!

Entraram na sala de jantar. Havia mais três homens armados ali. Um era grande, de terno risca de giz, e dava a impressão de que comandava os outros. Um pequeno, de aparência cruel, postava-se atrás de Diana Lovesey, acariciando-lhe os seios, distraído. Ao ver isso, Mervyn soltou um palavrão. O terceiro era o Sr. Luther, que apontava a arma para o professor Hartmann. O comandante e o engenheiro de voo também se encontravam ali, parecendo impotentes. Alguns passageiros estavam sentados às mesas, mas a maior parte da louça e dos copos caíra no chão e os cacos se espalhavam por toda parte. Nancy teve um vislumbre de Margaret Oxenford, pálida e assustada. De repente, recordou a conversa das duas, em que dissera, ingenuamente, que as pessoas não precisavam se preocupar com os gângsteres, porque eles só atuavam nos bairros mais miseráveis. Uma terrível estupidez.

– Os deuses estão do meu lado, Lovesey – falou Luther. – Você apareceu num hidroavião no exato momento em que precisávamos de um. Pode levar o Sr. Vincini e todo o nosso grupo além do alcance do barco da Marinha que o traçoeiro do Eddie Deakin convocou para nos capturar.

Mervyn não disse nada.

– Vamos logo, antes que a Marinha fique impaciente e venha investigar – acrescentou o homem de risca de giz. – Kid, você leva Lovesey. A namorada dele pode ficar aqui.

– Ok, Vinnie.

Nancy não sabia direito o que estava acontecendo, mas tinha certeza de que não queria ficar para trás: se Mervyn se encontrava numa situação crítica, preferia permanecer a seu lado. Mas ninguém queria saber o que ela preferia.

O homem chamado Vincini continuou a dar instruções:

– Luther, você leva o Chucrute.

Nancy se perguntou por que estavam levando Carl Hartmann. Presumira que a questão envolvia Frankie Gordino, mas ele não se encontrava ali.

– Joe, vá com a loura – acrescentou Vincini.

O homenzinho apontou o revólver para o peito de Diana e mandou:

– Vamos embora.

Ela não se mexeu. Nancy ficou horrorizada. Por que estavam sequestrando Diana? Teve o terrível pressentimento de que sabia a resposta.

Joe enfiou o cano da arma no seio macio de Diana, machucando-a, e ela arquejou de dor.

– Esperem um pouco – disse Mervyn.

Todos o encararam.

– Muito bem, vou tirar vocês daqui no avião, mas há uma condição.

– Cale a boca e vá andando – rebateu Vincini. – Não pode impor condições.

Mervyn abriu os braços.

– Então atire em mim.

Nancy soltou um grito de pavor. Aqueles homens eram do tipo que atirariam em qualquer um que os desafiasse. Será que Mervyn não percebia isso? Houve um momento de silêncio, depois Luther perguntou:

– Qual é a condição?

Mervyn apontou para Diana.

– Ela fica.

Joe lançou um olhar mortífero para Mervyn.

– Não precisamos de você, seu idiota. Há um bando de pilotos da Pan Am lá na frente. Qualquer um deles pode dirigir o hidroavião tão bem quanto você.

– E qualquer um vai impor a mesma condição – insistiu Mervyn. – Pergunte a eles... se tiver tempo.

Nancy se deu conta de que os gângsteres não sabiam da existência do outro piloto no Goose. Não que fizesse muita diferença.

– Deixe a mulher aqui – ordenou Luther a Joe.

O homenzinho ficou vermelho de raiva.

– Ora, por que...

– Deixe a mulher aqui! – berrou Luther. – Paguei a vocês para me ajudar a sequestrar Hartmann, não para estuprar mulheres!

– Ele tem razão, Joe – interveio Vincini. – Você pode pegar outra mulher mais tarde.

– Ok, ok – disse Joe.

Diana começou a chorar de alívio.

– Estamos perdendo muito tempo! – acrescentou Vincini. – Vamos sair logo daqui!

Nancy imaginou se tornaria a ver Mervyn.

Uma buzina soou lá fora. O homem da lancha tentava atrair a atenção deles. Kid gritou do compartimento seguinte:

– Mas que merda, chefe! Olhe só pela porra da janela!



Harry Marks perdeu os sentidos quando o Clipper pousou. No primeiro solavanco, caiu nas malas empilhadas e, no momento em que ficava de quatro, o avião encostou no mar outra vez e ele foi arremessado contra a parede da frente. Bateu com a cabeça e apagou.

Ao recobrar a consciência, perguntou-se o que estaria

acontecendo.

Sabia que ainda não haviam chegado a Port Washington, pois haviam se passado apenas duas horas e a viagem durava cinco. Portanto, era uma parada imprevista; parecia um pouso de emergência.

Sentou-se, apalpando os machucados – sabia agora por que os aviões contavam com cintos de segurança. O nariz sangrava, a cabeça doía muito, havia equimoses por toda parte, mas nenhuma fratura. Limpou o nariz com o lenço, considerando-se afortunado.

O compartimento de bagagem não tinha janelas, por isso não dava para descobrir o que estava acontecendo. Ficou sentado imóvel por um tempo, prestando atenção a qualquer som. Os motores estavam desligados e houve um longo período de silêncio.

Então ele ouviu um tiro.

Armas de fogo significavam gângsteres, que provavelmente estavam atrás de Frankie Gordino. E o mais importante: disparos implicavam confusão e pânico e, nessas circunstâncias, Harry poderia escapar. Tinha que sair para dar uma olhada.

Entreabriu a porta. Não viu ninguém. Saiu para o corredor, avançou até a entrada do convés de voo. Parou ali, escutando. Nada.

Devagar, sem fazer barulho, abriu a porta e espreitou. A cabine estava vazia. A passos suaves, Harry cruzou o umbral alto e foi até o topo da escada. Ouviu vozes de homens discutindo, mas não conseguiu entender as palavras.

Espiou pela escotilha da cabine e viu que o compartimento de proa estava iluminado pelo sol. Chegou mais perto e verificou que a porta externa fora aberta.

Ele se levantou, olhou pela janela e viu uma lancha amarrada no nariz do avião. Um homem estava no convés, usando botas de borracha e um quepe.

Harry concluiu que podia estar muito próximo da fuga.

Ali estava uma lancha veloz que poderia levá-lo a um ponto deserto na costa. E parecia haver apenas um homem a bordo. Harry teria que arranjar uma forma de se livrar dele.

Ouviu um passo às suas costas.

Virou-se, com o coração disparado.

Era Percy Oxenford.

O garoto estava parado na porta do fundo, parecendo tão chocado quanto Harry.

– Onde se escondeu? – indagou Percy, depois de um momento.

– Não importa. O que está acontecendo lá embaixo?

– O Sr. Luther é um nazista que quer levar o professor Hartmann de volta à Alemanha. Contratou gângsteres para ajudá-lo e deu a eles 100 mil dólares numa maleta!

– Cacete! – exclamou Harry, esquecendo-se de empregar seu sotaque americano.

– E mataram o Sr. Membury, um agente da Scotland Yard.

Então ele era um agente do serviço secreto!, pensou Harry.

– Sua irmã está bem?

– Até agora. Mas querem levar a Sra. Lovesey, porque ela é muito bonita. Espero que não olhem para Margaret...

– Meu Deus, que confusão!

– Consegui escapulir sem que me vissem e subi pelo alçapão ao lado do banheiro feminino.

– Para quê?

– Quero pegar a arma do Field. Vi o comandante Baker confiscá-la.

Percy abriu a gaveta da mesa de navegação. Ali estava um revólver de cano curto, do tipo que um agente do FBI levaria no coldre debaixo do paletó.

– Era o que eu pensava... Um Colt especial, calibre .38.

Ele o pegou, abriu-o habilmente e girou o cilindro. Harry

balançou a cabeça.

– Acho que não é uma boa ideia. Vai acabar se matando.

Percy segurou o pulso do rapaz, tirou-lhe a arma e guardou-a na gaveta. Houve um barulho alto lá fora. Os dois olharam pelas janelas e avistaram uma pequena aeronave contornando o hidroavião. Quem poderia ser? Depois de um momento, ele começou a descer e pousou, deslizando por uma onda e taxiando na direção do Clipper.

– O que será agora? – murmurou Harry.

Ele se virou. Percy desaparecera. A gaveta estava aberta e o revólver não se encontrava mais ali.

– Droga!

Cruzou a porta do fundo da cabine. Passou correndo pela área de carga, sob o domo de observação, atravessou um compartimento pequeno e procurou outra porta.

Percy engatinhava por uma passagem que se tornava mais baixa e mais estreita à medida que se aproximava da cauda do avião. A estrutura era descoberta ali, havia longarinas e rebites à mostra, cabos estendidos pelo chão. O espaço era obviamente um vazio supérfluo acima da metade posterior do convés de passageiros. Via-se luz na outra extremidade e Harry avistou Percy descer por um buraco quadrado. Lembrou-se de ter notado uma escada ao lado do banheiro feminino, dando num alçapão.

Não tinha mais como deter Percy; era tarde demais.

Margaret comentara que todos sabiam atirar, pois se tratava de uma obsessão da família, mas o garoto nada sabia sobre gângsteres. Se ele tentasse impedi-los, os bandidos o fuzilariam. Harry gostava do menino, mas seus sentimentos não o preocupavam tanto quanto os de Margaret. Não queria que ela visse o irmão morto. Mas o que poderia fazer?

Voltou ao convés de voo e olhou para fora. O recém-chegado hidroavião fora amarrado à lancha. Ou os ocupantes dele embarcariam no Clipper, ou vice-versa. De qualquer forma,

alguém passaria muito em breve pela cabine e Harry precisava ficar fora dali por um tempo. Passou pela porta do fundo, deixando-a entreaberta, para ouvir o que acontecia.

Não demorou muito para que alguém subisse a escada do convés de passageiros, indo até o compartimento de proa. Poucos minutos depois, duas ou três pessoas surgiram na cabine. Harry escutou os passos descendo os degraus, então saiu do esconderijo.

Seria ajuda ou um reforço para os gângsteres? Harry não tinha a menor ideia. Foi até o topo da escada e hesitou. Decidiu correr o risco de descer um pouco para escutar.

Foi para a curva da escada e espiou pelo canto. Podia ver a pequena cozinha vazia. O que faria se o homem da lancha resolvesse embarcar no Clipper? Vou ouvi-lo se aproximar, pensou Henry, e me esconderei no banheiro masculino. Ele desceu devagar, um degrau de cada vez, parando e escutando a cada passo. Ouviu uma voz ao chegar ao fim. Era Tom Luther, um sotaque americano refinado com algum vestígio europeu.

– Os deuses estão do meu lado, Lovesey – dizia ele. – Você apareceu num hidroavião no exato momento em que precisávamos de um. Pode levar o Sr. Vincini e todo o nosso grupo além do alcance do barco da Marinha que o traiçoeiro do Eddie Deakin convocou para nos capturar.

Então o hidroavião permitiria a fuga de Luther e Hartmann.

Harry tornou a subir a escada. Só de pensar no pobre cientista sendo levado de volta aos nazistas ficava angustiado. Mas Marks não era um herói, preferia não se envolver. Contudo, Percy faria alguma estupidez a qualquer momento, e Harry não podia ficar de braços cruzados e deixar que o garoto fosse morto. Por Margaret, tinha que agir primeiro e encontrar um jeito de atrapalhar, de distrair a quadrilha.

Olhando para o compartimento de proa, viu uma corda amarrada a um espeque e teve uma ideia.

Compreendeu que havia um meio de atrair a atenção dos gângsteres e, talvez, de se livrar também de um deles.

Primeiro, precisava soltar as cordas, deixando a lancha à deriva. Passou pela escotilha e desceu a escada.

O coração batia acelerado. Estava apavorado. Não pensou no que faria se alguém o surpreendesse agora. Inventaria algo, como sempre.

Atravessou o compartimento. Como imaginara, a corda saía da lancha. Desatou o nó e a largou no chão.

Olhando para fora, descobriu que havia uma segunda corda, estendida da proa da embarcação ao nariz do Clipper. Precisaria sair para a plataforma se quisesse alcançá-la, o que significava que talvez fosse visto.

Mas não podia desistir agora. E tinha que se apressar. Percy se encontrava lá atrás, como Daniel na cova dos leões.

Chegou à plataforma. A corda estava presa a um cabrestante que se projetava do nariz. Harry desatou-a rapidamente. Ouviu um grito da lancha:

– Ei, o que está fazendo?

Harry não olhou. Esperava que o sujeito não estivesse armado. Soltou a corda e a jogou no mar.

– Ei, você!

Ele se virou. O homem da lancha estava no convés, gritando. Sem arma na mão, graças a Deus. O sujeito pegou sua extremidade da outra corda e puxou. Ela deslizou pelo compartimento de proa e mergulhou no mar. Ele voltou à casa do leme e ligou o motor.

A parte seguinte era mais perigosa. Levaria apenas alguns segundos para os gângsteres perceberem que a lancha se encontrava à deriva. Ficariam confusos e alarmados. Um deles sairia para investigar e iria amarrá-la de novo. E então...

Harry estava muito assustado para pensar no que aconteceria. Subiu correndo a escada, passou pela cabine de

voo e se escondeu outra vez na área de carga.

Sabia que era perigoso demais se meter com gângsteres e sentia calafrios ao pensar no que fariam com ele se fosse apanhado.

Por um longo momento, nada aconteceu. Vamos logo, pensou Harry, olhem pela janela! A lancha está à deriva! Vocês precisam reparar agora, antes que eu perca a coragem.

Finalmente, tornou a ouvir passos pesados e apressados subindo a escada e atravessando o convés. Angustiado, deduziu que eram dois homens. Não previra a necessidade de enfrentar duas pessoas.

Quando calculou que eles haviam descido para o compartimento de proa, Harry deu uma olhada. Não se via ninguém. Cruzou a cabine e espiou pela escotilha. Com revólveres na mão, os dois sujeitos olhavam pela porta da proa. Mesmo que não portassem armas, Harry adivinharia que eram bandidos pelas roupas espalhafatosas. Um era pequeno e feio, com uma expressão cruel; o outro, muito jovem, em torno dos 18 anos.

Talvez seja melhor eu voltar a me esconder, pensou Harry.

Um homem manobrava a lancha, ainda com o hidroavião preso na lateral. Os dois gângsteres teriam que amarrar a embarcação no Clipper outra vez, mas não conseguiriam fazer isso empunhando os revólveres. Harry ficou esperando que guardassem as armas.

O homem na lancha gritou algo que Marks não entendeu. Poucos momentos depois, os bandidos colocaram as armas nos bolsos e saíram para a plataforma.

Com o coração na boca, Harry desceu para o compartimento de proa.

Os homens tentavam pegar uma corda arremessada da lancha, concentrando sua atenção nela, e no princípio não o viram.

Harry avançou pelo compartimento.

Quando se encontrava no meio do caminho, o mais jovem pegou a corda. O pequeno se virou parcialmente... e avistou Harry. Sacou o revólver no mesmo instante em que Marks o alcançava.

Ele teve certeza de que estava prestes a morrer.

Desesperado, sem pensar, abaixou-se, segurou o tornozelo do nanico e o puxou.

Um tiro foi disparado, mas Harry nada sentiu.

O homem cambaleou, quase caiu, largou a arma e se agarrou ao companheiro em busca de apoio.

O mais jovem perdeu o equilíbrio e soltou a corda. Por um instante, eles balançaram, meio abraçados. Harry ainda segurava o tornozelo do pequeno e deu outro puxão.

Os bandidos caíram da plataforma e mergulharam na mar turbulento. Harry soltou um grito de triunfo.

Eles afundaram, tornaram a emergir e começaram a se debater. Harry percebeu que nenhum dos dois sabia nadar.

– Isso é por Clive Membury, seus filhos da puta! – gritou Harry.

Não esperou para ver o que aconteceria. Precisava saber o que se passava no convés de passageiros. Atravessou correndo o compartimento de proa, subiu a escada, saiu na cabine de voo e desceu até o andar inferior na ponta dos pés.

Parou ao pé dos degraus e ficou escutando.



Margaret podia ouvir as batidas do próprio coração.

Ressoavam ritmadas e insistentes nos ouvidos, tão alto que ela imaginou que as outras pessoas pudessem escutar também.

Nunca ficara tão assustada na vida. E se envergonhava de seu medo.

Tinha se apavorado com o pouso de emergência, o súbito aparecimento das armas, a maneira desconcertante como Frankie Gordino, Luther e o engenheiro de voo trocavam de papéis e com a brutalidade indiferente daqueles bandidos estúpidos em seus ternos horríveis. Mas, acima de tudo, estava em pânico porque o discreto Sr. Membury se encontrava estendido no chão.

O pavor era tão grande que ela não conseguia se mexer, o que também a constrangia.

Falara durante anos que queria combater o fascismo e, agora, a oportunidade surgira. Um fascista ia sequestrar Carl Hartmann para levá-lo de volta à Alemanha. Mas ela nada conseguia fazer, porque estava paralisada de medo.

Talvez não houvesse nada a fazer, no fim das contas; talvez apenas acabasse morta se tentasse. Mas devia se aventurar, sempre dissera que estava disposta a arriscar a vida pela causa e pela memória de Ian.

O pai acertara em cheio ao desdenhar suas pretensões de bravura, pensou Margaret. O heroísmo era todo imaginário. O sonho de ser uma mensageira de moto num campo de batalha não passava de mera fantasia: ao primeiro som de tiros, ela se esconderia numa sebe. Quando havia perigo real, era completamente inútil. Permaneceu sentada, imóvel, o coração retumbando nos ouvidos.

Não falara uma só palavra desde que o Clipper pousara, os gângsteres subiram a bordo e Nancy e o Sr. Lovesey chegaram no hidroavião. Mantivera-se calada enquanto o bandido chamado Kid via a lancha à deriva e o outro, Vincini, mandava os comparsas amarrarem-na de novo.

Contudo, ao ver Kid e Joe se afogando, ela gritou.

Estava com o rosto virado para a janela, olhando as ondas mas sem realmente vê-las, quando os dois homens apareceram no mar. O mais jovem tentava se manter à tona, mas o pequeno

se segurava nas costas dele, empurrando o colega para baixo, preocupado apenas em se salvar. Era uma cena horrível.

O Sr. Luther correu para a janela e olhou, berrando, histérico:

– Eles estão na água!

– Quem... Kid e Joe? – indagou Vincini.

– Exatamente!

O homem da lancha jogou uma corda, mas os bandidos não a viram: Joe se debatia num pânico cego, Kid era empurrado para o fundo.

– Faça alguma coisa! – berrou Luther, também desesperado.

– O quê? Não há nada que possamos fazer. Esses filhos da puta não são espertos o bastante para se salvarem sozinhos.

Os dois homens foram carregados para perto do hidroestabilizador. Se tivessem mantido a calma, poderiam ter subido nele e conseguido sobreviver. Mas não o viram.

A cabeça de Kid afundou e não tornou a surgir.

Joe perdeu o contato com o colega e engoliu muita água. Margaret ouviu um grito rouco, abafado pela parede à prova de som do Clipper. A cabeça dele submergiu, subiu de novo e tornou a mergulhar pela última vez.

Margaret estremeceu. Ambos estavam mortos.

– Como isso aconteceu? – balbuciou Luther. – Como eles caíram no mar?

– Talvez tenham sido empurrados – sugeriu Vincini.

– Por quem?

– Deve haver mais alguém na porra do avião.

Margaret pensou: Harry!

Seria possível? Harry ainda estaria a bordo? Escondera-se em algum lugar enquanto a polícia o procurava e saíra após o pouso de emergência? Será que Harry empurrara os gângsteres?

Então ela pensou no irmão. Percy desaparecera depois que a lancha fora presa no Clipper e Margaret achara que ele tinha ido

ao banheiro, resolvendo se manter a distância. Mas não se tratava de um comportamento típico dele. O mais provável era que procurasse encrenca. Ela sabia que Percy descobrira um caminho extraoficial para subir ao convés de voo. Será que estava lá em cima?

– O plano todo está desmoronando! – berrou Luther. – O que vamos fazer?

– Vamos partir na lancha, como planejamos antes: você, eu, Chucrute e o dinheiro – respondeu Vincini. – E, se alguém tentar impedir, metemos uma bala na barriga. Acalme-se e vamos embora.

Margaret teve a terrível premonição de que encontrariam Percy na escada e atirariam nele.

Nesse momento, quando os três homens deixavam a sala de jantar, ela ouviu um grito de Percy vindo do fundo do avião:

– Pare onde está!

Para espanto de Margaret, ele apontava uma arma para Vincini.

Era um revólver de cano curto e Margaret logo imaginou ser o Colt confiscado do agente do FBI. Agora Percy o segurava à sua frente, com o braço esticado, como se mirasse.

Vincini se virou devagar. Margaret sentiu-se orgulhosa do irmão, ao mesmo tempo que temia por sua vida.

A sala de jantar estava apinhada. Atrás de Vincini, à direita do lugar em que ela se sentava, Luther encostava a arma na cabeça de Hartmann. No outro lado do compartimento, encontravam-se Nancy, Mervyn, Diana, o engenheiro de voo e o comandante. A maioria dos assentos se encontrava ocupada. Vincini fitou Percy por um longo tempo, depois disse:

– Saia daqui, garoto.

– Largue a arma! – insistiu Percy, com sua voz esganiçada de adolescente.

Vincini se moveu com uma rapidez surpreendente. Abaixou-

se para um lado e ergueu a arma. Houve um tiro. O barulho deixou Margaret quase surda: ouviu um grito distante e percebeu que vinha dela mesma. Não sabia quem atirara em quem. Percy parecia ileso. Em seguida, Vincini cambaleou e caiu, largando a maleta, que se abriu. O sangue esguichou do peito e se derramou sobre os maços de dinheiro.

Percy largou a arma e ficou olhando, horrorizado, para o homem que baleara. Parecia prestes a cair no choro.

Todos olharam para Luther, o último da quadrilha, a única pessoa que ainda empunhava uma arma.

Carl Hartmann fez um movimento súbito, desvencilhando-se quando Luther estava distraído, e se jogou no chão. Margaret ficou apavorada, temendo que o cientista morresse; em seguida, pensou que o criminoso fosse atirar em Percy. Mas o que ele fez na verdade tomou-a completamente de surpresa.

Luther agarrou Margaret. Arrancou-a da cadeira, ergueu-a à sua frente, encostando a arma na cabeça dela, da mesma forma que fizera antes com Hartmann.

Todos ficaram paralisados.

Margaret foi dominada pelo terror e não conseguia se mexer ou falar. Luther tremia, tão assustado quanto ela. Quebrando o silêncio sepulcral, declarou:

– Hartmann, vá até a porta da proa. Embarque na lancha. Faça o que estou mandando ou mato a garota!

De repente, uma tremenda calma envolveu Margaret. Com uma terrível lucidez, compreendia que Luther fora excepcionalmente esperto. Se ele apenas apontasse a arma para Hartmann, o cientista poderia dizer: “Atire... Prefiro morrer a voltar para a Alemanha.” Mas agora era a vida dela que estava em jogo. O físico talvez estivesse disposto a sacrificar a própria vida, mas não a de uma jovem.

Lentamente, Hartmann se levantou.

Tudo dependia dela, refletiu Margaret, com uma lógica fria e

assustadora. Poderia salvar o cientista com o próprio sacrifício. Não é justo, pensou ela. Eu não esperava por isso, não estou preparada, não posso seguir adiante!

Ela encarou o pai, que parecia horrorizado. Naquele terrível momento, Margaret se lembrou de como ele escarnecera da filha, dizendo que era mole demais para lutar, que não aguentaria um dia no STA.

Ele estava certo?

Tudo que precisava fazer era agir. Luther poderia matá-la, mas os outros homens o atacariam antes que pudesse fazer qualquer outra coisa e Hartmann seria salvo.

O tempo passava tão devagar quanto num pesadelo. Eu consigo, concluiu Margaret, com uma calma fria.

Ela respirou fundo e pensou: Adeus a todos.

E foi então que ouviu a voz de Harry às suas costas:

– Sr. Luther, acho que seu submarino chegou.

Todos olharam pelas janelas.

Margaret sentiu a pressão da arma na têmpora se atenuar, percebendo que Luther se distraíra momentaneamente.

Abaixou a cabeça e se desvencilhou. Um tiro soou, mas ela não sentiu nada.

Todos agiram ao mesmo tempo. O engenheiro de voo passou voando por ela e se jogou em cima de Luther.

Harry arrancou a arma da mão do bandido, que caiu no chão dominado pelos dois.

Subitamente, Margaret sentiu-se fraquíssima e afundou desamparada num dos assentos. Percy correu para ela e ambos se abraçaram. O tempo ainda se arrastava. Ela ouviu a si mesma dizer:

– Você está bem?

– Acho que sim – murmurou o irmão, com a voz trêmula.

– Você foi tão corajoso!

– Você também!

É verdade, pensou Margaret.

Todos os passageiros se puseram a gritar ao mesmo tempo, até que o comandante berrou:

– Quietos, por favor!

Margaret olhou ao redor. Luther se encontrava no chão, de barriga para baixo, imobilizado e inofensivo, ainda com Eddie e Harry por cima. O perigo no interior do avião acabara. Ela olhou para fora. O submarino flutuava como um enorme tubarão cinzento, os flancos de aço molhados faiscando ao sol.

– Há um barco da Marinha aqui perto e vamos chamá-lo imediatamente – informou Baker –, avisando sobre a presença do submarino alemão.

O resto da tripulação saiu do primeiro compartimento e o comandante se dirigiu ao operador de rádio:

– Dê o aviso, Ben.

– Pois não, senhor. Mas o comandante do submarino pode ouvir nossa mensagem e fugir.

– Tanto melhor – resmungou o comandante. – Nossos passageiros já passaram por perigos demais.

Ben subiu a escada para a cabine de voo.

Todos se mantiveram olhando para o submarino. A escotilha permanecia fechada. O comandante dele devia estar esperando para ver o que acontecia.

– Há um gângster que não capturamos e eu gostaria de trazê-lo para cá: o homem da lancha – disse Baker. – Eddie, vá até a porta da proa e tente atraí-lo... Fale que Vincini o quer aqui.

O engenheiro se levantou e se afastou. O comandante acrescentou para o navegador:

– Jack, recolha todas essas malditas armas e tire a munição – ordenou o comandante ao navegador. Ao compreender que usara uma palavra indelicada, murmurou: – Perdoem meu vocabulário, senhoras.

Os gângsteres haviam falado tantos palavrões que Margaret

não pôde deixar de rir do pedido de desculpas por um simples “malditas”. Os outros também deram risadas. Baker ficou surpreso no princípio, mas depois percebeu a graça e sorriu.

A descontração era um sinal de que todos estavam fora de perigo e alguns passageiros haviam começado a relaxar. Margaret ainda se sentia esquisita: percebeu que tremia toda, como se estivesse morrendo de frio.

O comandante cutucou Luther com a ponta do sapato e falou para o copiloto:

– Johnny, fique com esse sujeito no primeiro compartimento e o vigie o tempo todo.

Harry saiu de cima de Luther e o tripulante se retirou com o prisioneiro.

Harry e Margaret se olharam.

Ela imaginara que ele a abandonara, pensara que nunca mais tornaria a vê-lo e ficara convencida de que ia morrer. Era incrivelmente maravilhoso que estivessem vivos e juntos. Harry sentou-se ao lado dela e Margaret se jogou em seus braços. Trocaram um abraço apertado. Depois de algum tempo, ele murmurou no seu ouvido:

– Olhe para fora.

O submarino submergia lentamente.

Margaret sorriu para Harry e o beijou.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

DEPOIS QUE TUDO acabou, Carol-Ann não queria tocar em Eddie.

Sentou-se na sala de jantar, tomando um café com leite quente preparado por Davy, o comissário. Estava pálida e trêmula, mas dizia a si mesma que tudo já tinha passado. Contudo, encolhia-se cada vez que Eddie encostava a mão nela.

Ele se acomodou junto à esposa, fitando-a, mas Carol-Ann se recusava a encará-lo. Conversaram em voz baixa sobre o que acontecera. Ela contara várias vezes, de forma obsessiva, como os homens haviam entrado na casa, arrastando-a para o carro.

– Eu estava fazendo ameixas em conserva! – exclamava Carol-Ann a todo instante, como se fosse a coisa mais ultrajante em todo o episódio.

– Já acabou agora – murmurava Eddie.

Ela sempre assentia, mas ele percebia que a mulher ainda não acreditava. Ao final, Carol-Ann o encarou e perguntou:

– Quando será o seu próximo voo?

Foi então que ele compreendeu. A esposa tinha medo do que poderia sentir na próxima vez em que ficasse sozinha. Eddie ficou aliviado: podia tranquilizá-la com a maior facilidade.

– Não vou mais voar, querida. Estou deixando o emprego. E, se não o deixasse, eles me demitiriam: não podem trabalhar com um engenheiro de voo que forçou um pouso imprevisto, como eu fiz.

Baker ouviu parte da conversa e o interrompeu:

– Eddie, há uma coisa que preciso lhe dizer. Compreendo o que você fez. Estava numa posição difícil e tentou resolvê-la da melhor forma possível. Mais do que isso: não sei de outro

homem que pudesse se sair tão bem. Foi corajoso e hábil; tenho orgulho de voar com você.

– Obrigado, senhor. – Eddie sentia um nó na garganta. – Não consigo descrever como as suas palavras me fazem bem.

Pelo canto do olho, ele avistou Percy Oxenford, sentado sozinho, parecendo chocado.

– Senhor, acho que devemos todos agradecer ao jovem Percy: ele salvou o dia!

O garoto ergueu a cabeça.

– Tem toda a razão – disse o comandante. Ele deu um tapinha no ombro de Eddie, depois se adiantou para apertar a mão do menino. – Você é um homem corajoso, Percy.

Ele se animou no mesmo instante.

– Obrigado!

O comandante sentou-se para conversar com o garoto.

– Se você não vai mais voar, o que faremos? – indagou Carol-Ann.

– Vou dar início àquele negócio de que tanto falamos.

Eddie viu a expressão esperançosa da mulher, mas ela ainda não acreditava completamente.

– É possível?

– Já tenho dinheiro suficiente para comprar o terreno e tomarei emprestado o resto necessário.

Carol-Ann se animava mais e mais a cada segundo.

– Podemos gerenciar tudo juntos? Eu cuidaria da contabilidade e atenderia ao telefone enquanto você faria os reparos e o reabastecimento.

Eddie sorriu e aquiesceu.

– Claro... pelo menos até o bebê nascer.

– Nosso próprio negócio!

Eddie se inclinou e pegou a mão da esposa, que dessa vez não se encolheu, mas apertou-a em resposta.

– *Nosso* – murmurou ele e, por fim, Carol-Ann sorriu.



Nancy estava abraçando Mervyn quando Diana deu um tapinha no ombro dele.

A empresária estava totalmente alegre e aliviada, sufocada pelo prazer de estar viva e em companhia do homem que amava. Agora, especulou se Diana não estragaria tudo. Ela deixara Mervyn, mas não tinha muita convicção e, desde então, demonstrava sinais intermitentes de arrependimento. Ele acabara de provar que ainda gostava dela ao discutir com os bandidos para salvá-la. Diana lhe suplicaria que a aceitasse de volta? Mervyn se virou para a esposa com uma expressão cautelosa.

– O que foi, Diana?

Ainda havia lágrimas no rosto dela, mas a moça parecia determinada.

– Não quer trocar um aperto de mão?

Nancy não sabia direito o que isso significava. A atitude cautelosa de Mervyn indicava que ele também estava incerto, mas estendeu a mão, dizendo:

– Claro.

Diana segurou a mão dele entre as suas. Novas lágrimas afloraram. Nancy tinha certeza de que ela ia dizer “Vamos tentar de novo”, mas, em vez disso, a mulher murmurou:

– Boa sorte, Mervyn. Desejo toda a felicidade a você.

– Obrigado, Di – agradeceu ele, solene. – Desejo o mesmo.

Nancy compreendeu que estavam perdoando um ao outro pelos sofrimentos que se haviam causado. Ainda pretendiam se separar, só que agora como amigos. Num súbito impulso, Nancy pediu a Diana:

– Quer apertar a minha mão também?

A mulher hesitou apenas por uma fração de segundo.

– Claro. – Após o gesto, Diana acrescentou: – Eu lhe desejo tudo de bom.

– E eu, a você.

Diana se virou sem dizer mais nada e se afastou pelo corredor, de volta a seu compartimento.

– E nós? – murmurou Mervyn. – O que vamos fazer?

Nancy lembrou que ainda não tivera tempo de lhe contar seu plano.

– Vou ser a gerente europeia de Nat Ridgeway.

Mervyn ficou surpreso.

– Quando ele lhe ofereceu o cargo?

– Não ofereceu... mas é o que vai acontecer – garantiu ela e riu, feliz.

Ele ouviu o som de um motor. Não era um dos potentes do Clipper, mas outro, bem menor. Olhou pela janela, querendo saber se a Marinha chegara.

Para sua surpresa, descobriu que a lancha dos gângsteres fora solta dos hidroaviões e se afastava depressa.

Mas quem a conduzia?



Margaret acelerou a lancha, levando-a para longe do Clipper.

O vento soprava os cabelos de seu rosto, proporcionando-lhe uma sensação de pura exultação.

– Livre! Estou livre!

Ela e Harry tiveram a ideia ao mesmo tempo. Estavam parados no corredor do Clipper, imaginando o que fazer em seguida, quando o engenheiro de voo desceu a escada com o homem da lancha, levando-o para o primeiro compartimento, onde Luther já se encontrava. O mesmo pensamento ocorreu aos dois.

Os passageiros e os tripulantes andavam muito ocupados festejando para perceberem que Harry e Margaret saíam pelo compartimento de proa e embarcavam na lancha. Ele soltava as

cordas enquanto ela estudava os controles, que eram iguais aos do barco do pai em Nice. Afastaram-se em poucos segundos.

Margaret achava que não seriam perseguidos. O barco da Marinha estava atrás de um submarino alemão e não se podia conceber que ficasse interessado por um homem que roubara um par de abotoaduras em Londres. Ao chegar, a polícia investigaria casos de homicídio e sequestro; só se preocupariam com Harry depois de muito tempo.

Ele revistou um armário e encontrou alguns papéis. Estudou-os durante uns minutos antes de falar:

– Há muitos mapas das águas em torno de uma baía chamada Black's Harbour, que fica bem na fronteira entre os Estados Unidos e o Canadá. Creio que estejamos perto de lá. Devemos seguir para o lado canadense. – Um pouco mais tarde, acrescentou: – Há um lugar a cerca de 120 quilômetros daqui, chamado St. John. Tem uma estação ferroviária. Estamos seguindo para o norte?

Margaret consultou a bússola.

– Estamos, sim, mais ou menos.

– Não sei nada de navegação, mas acho que nada pode sair errado se nos mantivermos à vista da costa. Devemos chegar lá ao anoitecer.

Margaret sorriu para ele. Harry largou os mapas e foi se postar ao lado dela, ao timão, fitando-a atentamente.

– O que foi?

Ele sacudiu a cabeça, como que incrédulo.

– Você é tão linda... e gosta de mim!

Ela riu.

– Qualquer pessoa gostaria de você se o conhecesse de verdade.

Harry passou um braço por sua cintura.

– É sensacional navegar ao pôr do sol com uma garota como você. Minha velha mãe sempre dizia que eu era um sujeito de

sorte... e ela estava certa, não é?

– O que vamos fazer quando chegarmos a St. John?

– Vamos levar a lancha para terra firme, entrar na cidade, arrumar um quarto para passar a noite e pegar o primeiro trem pela manhã.

– Não sei o que faremos para conseguir dinheiro – comentou Margaret, franzindo um pouco a testa, preocupada.

– É um problema e tanto. Só tenho algumas libras e vamos ter que pagar hotéis, comprar passagens de trem, roupas novas...

– Eu gostaria de ter trazido a minha valise, como você.

Harry a encarou com uma expressão maliciosa.

– Esta não é a minha valise, mas a do Sr. Luther.

Margaret ficou perplexa.

– Por que a trouxe?

– Porque contém 100 mil dólares – explicou Harry, desatando a rir.

NOTA DO AUTOR

A ÉPOCA ÁUREA DOS hidroaviões foi muito curta.

Fabricaram-se apenas doze Boeings B-314, seis do primeiro modelo e outros seis de uma versão um pouco modificada, o B-314A. As Forças Armadas dos Estados Unidos receberam nove no início da Segunda Guerra. Uma dessas aeronaves, o Dixie Clipper, transportou o presidente Roosevelt para a Conferência de Casablanca, em janeiro de 1943. O Yankee Clipper caiu em Lisboa, em fevereiro do mesmo ano, provocando 29 mortes – o único desastre na história dos hidroaviões.

Os britânicos compraram os três que a Pan American não entregou aos militares americanos, usando-os também para transportar VIPs através do Atlântico: Churchill voou em dois, o Bristol e o Berwick.

A vantagem era não precisarem de pistas de concreto, longas e caras. Durante a guerra, no entanto, construíram-se muitas delas, em várias partes do mundo, a fim de receber bombardeiros pesados, e o diferencial se perdeu.

Depois do conflito, o B-314 se tornou dispendioso e todos os exemplares viraram sucata ou foram destruídos.

Não resta mais nenhum desses grandes aviões de passageiros em qualquer lugar do mundo.

AGRADECIMENTOS

A GRADEÇO ÀS MUITAS pessoas e organizações que me ajudaram na pesquisa deste livro, especialmente:

Em Nova York: Pan American Airlines, em particular a bibliotecária Liwa Chiu;

Em Londres: Iorde Willis;

Em Manchester: Chris Makepeace;

Em Southampton: Ray Facey, da Associated British Ports, e Ian Sinclair, da RAF Hythe;

Em Foynes: Margaret O'Shaughnessy, do Flying Boat Museum;

Em Botwood: Tip Evans, do Botwood Heritage Museum, e o povo hospitaleiro da cidade;

Em Shediac: Ned Belliveau e sua família, e Charles Allain e o Moncton Museum;

Ex-aviadores da Pan American e outros funcionários que voaram no Clipper: Madeline Cuniff, Bob Fordyce, Lew Lindsey, Jim McLeod, States Mead, Roger Wolin e Stan Zedalis;

Por descobrirem a maioria das pessoas acima: Dan Starer e Pam Mendez.

SOBRE O AUTOR

© Olivier Favre



KEN FOLLETT irrompeu no cenário da literatura aos 27 anos, com *O buraco da agulha*, thriller premiado que chegou ao topo das listas de mais vendidos em vários países. Depois de outros sucessos do gênero, surpreendeu a todos com *Os pilares da terra*, que ficou na lista de mais vendidos do *The New York Times* por dezoito semanas em seu lançamento e voltou a liderá-la em 2007. Também foi a obra mais vendida no Canadá, no Reino Unido, na Itália e na Alemanha – nesta, ao longo de seis anos. A minissérie baseada no livro foi ao ar em 2010, com produção de Ridley Scott.

Suas obras já venderam mais de 150 milhões de exemplares, sendo 7,5 milhões só de *Noite sobre as águas*. Seu livro mais

recente, *Eternidade por um fio*, último volume da série “O Século” (composta também por *Queda de gigantes* e *Inverno do mundo*), foi direto para a primeira posição das listas de mais vendidos de vários países. Dele, a Editora Arqueiro publicou também *Mundo sem fim*, *Um lugar chamado liberdade* e *As espãs do Dia D*.

O autor vive na Inglaterra com a mulher, Barbara Follett.

Para mais informações, visite o site ken-follett.com/br

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores da EDITORA ARQUEIRO, visite o site www.editoraarqueiro.com.br e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos, você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail, basta se cadastrar diretamente no nosso site ou enviar uma mensagem para atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

[Créditos](#)

[Nota do autor](#)

[PARTE I](#)

[Capítulo um](#)

[Capítulo dois](#)

[Capítulo três](#)

[Capítulo quatro](#)

[Capítulo cinco](#)

[PARTE II](#)

[Capítulo seis](#)

[Capítulo sete](#)

[Capítulo oito](#)

[Capítulo nove](#)

[Capítulo dez](#)

[PARTE III](#)

[Capítulo onze](#)

[Capítulo doze](#)

[Capítulo treze](#)

[Capítulo catorze](#)

[Capítulo quinze](#)

[PARTE IV](#)

[Capítulo dezesseis](#)

[Capítulo dezessete](#)

[Capítulo dezoito](#)

[Capítulo dezenove](#)

[Capítulo vinte](#)

[PARTE V](#)

[Capítulo vinte e um](#)

[Capítulo vinte e dois](#)

[Capítulo vinte e três](#)

[Capítulo vinte e quatro](#)

[Capítulo vinte e cinco](#)

[PARTE VI](#)

[Capítulo vinte e seis](#)

[Capítulo vinte e sete](#)

[Capítulo vinte e oito](#)

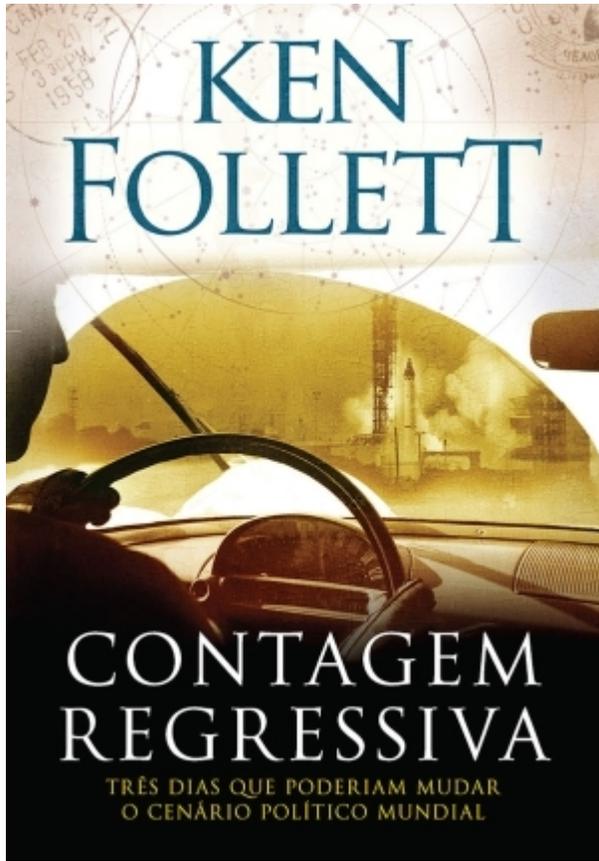
[Capítulo vinte e nove](#)

[Nota do autor](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre o autor](#)

[Informações sobre a Arqueiro](#)



Contagem regressiva

Follett, Ken

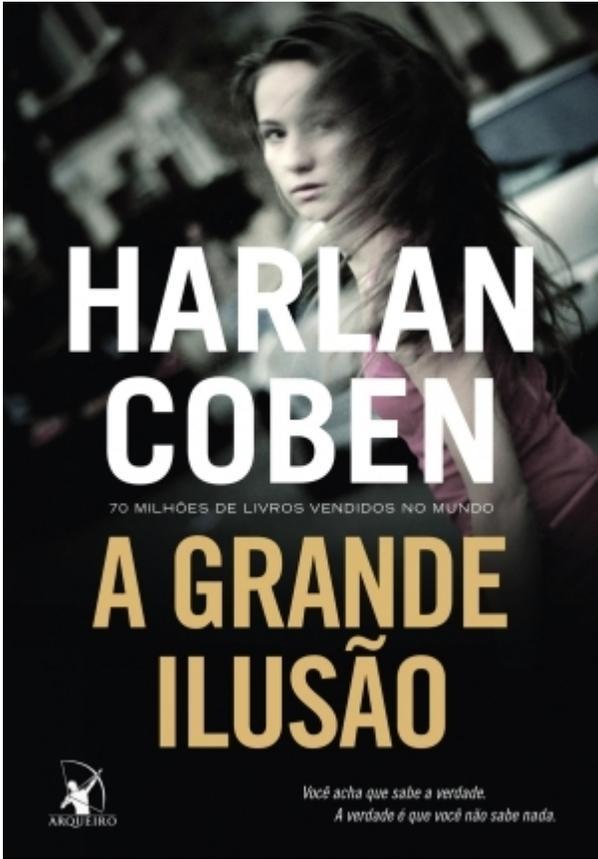
9788580418293

320 páginas

[Compre agora e leia](#)

Certa manhã, um homem acorda no chão de uma estação de trem, sem saber como foi parar ali. Não faz ideia de onde mora nem o que faz para viver. Não lembra sequer o próprio nome. Quando se convence de que é um morador de rua que sofre de alcoolismo, uma matéria no jornal sobre o lançamento de um satélite chama sua atenção e o faz desconfiar de que sua situação não é o que parece. O ano é 1958 e os Estados Unidos estão prestes a lançar seu primeiro satélite, numa tentativa desesperada de se equiparar à União Soviética, com seu Sputnik, e recuperar a liderança na corrida espacial. À medida que Luke remonta a história da própria vida e junta as peças do que está por trás de sua amnésia, percebe que seu destino está ligado ao foguete que será disparado dali a algumas horas em Cabo Canaveral. Ao mesmo tempo, descobre segredos muito bem guardados sobre sua esposa, seu melhor amigo e a mulher que ele um dia amou mais que tudo. Em meio a mentiras, traição e a ameaça real de controle da mente, Luke precisa correr contra o tempo para conter a onda de destruição que se aproxima a cada segundo.

[Compre agora e leia](#)



**HARLAN
COBEN**

70 MILHÕES DE LIVROS VENDIDOS NO MUNDO

**A GRANDE
ILUSÃO**



*Você acha que sabe a verdade.
A verdade é que você não sabe nada.*

A grande ilusão

Coben, Harlan

9788580417241

304 páginas

[Compre agora e leia](#)

Maya Stern é uma ex-piloto de operações especiais que voltou recentemente da guerra. Um dia, ela vê uma imagem impensável capturada pela câmera escondida em sua casa: a filha de 2 anos brincando com Joe, seu falecido marido, brutalmente assassinado duas semanas antes. Tentando manter a sanidade, Maya começa a investigar, mas todas as descobertas só levantam mais dúvidas. Conforme os dias passam, ela percebe que não sabe mais em quem confiar, até que se vê diante da mais importante pergunta: é possível acreditar em tudo o que vemos com os próprios olhos, mesmo quando é algo que desejamos desesperadamente? Para encontrar a resposta, Maya precisará lidar com os segredos profundos e as mentiras de seu passado antes de encarar a inacreditável verdade sobre seu marido – e sobre si mesma. "Coben acerta o alvo mais uma vez com esta trama genial. Uma história que vai enganar até os leitores mais sagazes. Muitas vezes." – Kirkus Reviews "Um dos finais mais surpreendentes já escritos por Harlan Coben!" – Suspense Magazine

[Compre agora e leia](#)

"Nada me faz correr para uma livraria mais rápido do que um romance novo de Eloisa James" - Julia Quinn

Eloisa James



A DUQUESA FEIA



A Duquesa Feia

James, Eloisa

9788580418507

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Como ela ousa achar que ele a ama, quando Londres inteira a chama de Duquesa Feia? Theodora Saxby é a última mulher com quem se poderia esperar que o lindo James Ryburn, herdeiro do ducado de Ashbrook, se casasse. Mas depois de um pedido romântico feito na frente do próprio príncipe, até a realista Theo se convence de que o futuro duque está apaixonado. Ainda assim, os tabloides dizem que a união não durará mais do que seis meses. Em seu íntimo, Theo acredita que os dois ficarão juntos para sempre... até que ela descobre que o que James desejava não era seu amor, mas seu dote. E a sociedade, que primeiro se chocou com seu casamento, se escandaliza com sua separação. Agora James precisará enfrentar a batalha de sua vida para convencer Theo de que ele amava a patinha feia antes que ela se transformasse em cisne. E Theo logo descobrirá que, para um homem com alma de pirata, vale tudo no amor – e na guerra. "Nada me faz correr para uma livraria mais rápido do que um romance novo de Eloisa James." – Julia Quinn "Eloisa James usa a dose certa de malícia e voluptuosidade neste romance. Um deleite para os fãs." – Booklist "Diálogos inteligentes e

personagens profundos que são a marca registrada de Eloisa James." – Publishers Weekly

[Compre agora e leia](#)



OS BRIDGERTONS — 9

Julia Quinn

E VIVERAM FELIZES PARA SEMPRE



E Viveram Felizes para Sempre

Quinn, Julia

9788580416381

256 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Julia Quinn tem um toque inteligente e divertido." – Time Alguns finais são apenas o começo... Era uma vez uma família criada por uma autora de romances históricos... Mas não era uma família comum. Oito irmãos e irmãs, seus maridos e esposas, filhos e filhas, sobrinhas e sobrinhos, além de uma irresistível matriarca. Esses são os Bridgertons: mais que uma família, uma força da natureza. Ao longo de oito romances que foram sucesso de vendas, os leitores riram, choraram e se apaixonaram. Só que eles queriam mais. Então começaram a questionar a autora: O que aconteceu depois? Simon leu as cartas deixadas pelo pai? Francesca e Michael tiveram filhos? O que foi feito dos terríveis enteados de Eloise? Hyacinth finalmente encontrou os diamantes? A última página de um livro realmente tem que ser o fim da história? Julia Quinn acha que não e, em E viveram felizes para sempre, oferece oito epílogos extras, todos sensuais, engraçados e reconfortantes, e responde aos anseios dos leitores trazendo, ainda, um drama inesperado, um final feliz para um personagem muito merecedor e um delicioso conto no qual ficamos conhecendo melhor ninguém menos que a sábia e

espirituosa matriarca Violet Bridgerton. Veja como tudo começou e descubra o que veio depois do fim desta série que encantou leitores no mundo inteiro.

[Compre agora e leia](#)

*Uma Noiva para
Winterborne*

OS RAVENELS 2

LISA KLEYPAS



ARQUEIRO

Uma noiva para Winterborne

Kleypas, Lisa

9788580418583

336 páginas

[Compre agora e leia](#)

Rhys Winterborne conquistou uma fortuna incalculável graças a sua ambição ferrenha. Filho de comerciante, ele se acostumou a conseguir exatamente o que quer – nos negócios e em tudo o mais. No momento em que conhece a tímida aristocrata lady Helen Ravenel, decide que ela será sua. Se for preciso macular a honra dela para garantir que se case com ele, melhor ainda. Apesar da inocência de Helen, a sedução perseverante de Rhys desperta nela uma intensa e recíproca paixão. Só que Rhys tem muitos inimigos que conspiram contra os dois. Além disso, Helen guarda um segredo sombrio que poderá separá-los para sempre. Os riscos ao amor deles são inimagináveis, mas a recompensa é uma vida inteira de felicidade. Com uma trama recheada de diálogos bem-humorados e cenas sensuais e românticas, Uma noiva para Winterborne é o segundo volume da coleção Os Ravenels. "Altamente romântico e elegantemente escrito." – Kirkus Reviews "Uma história viciante e recompensadora." – Library Journal

[Compre agora e leia](#)